UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
ÁREA DE FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

Francisco João Lopes

Análise Morfossintática das Construções-Wh no Português Falado em Cabo Verde

Versão Corrigida

São Paulo
2017

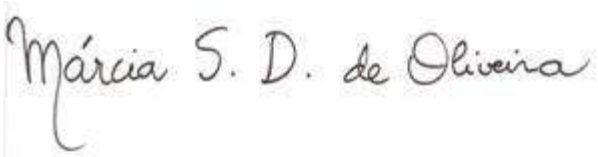
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
ÁREA DE FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

Francisco João Lopes

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da ***Universidade de São Paulo,*** para a obtenção de título de Doutor em Letras.

Versão Corrigida

De Acordo



Orientadora: Prof[a]. Dr[a]. Márcia Santos Duarte de Oliveira

BANCA da TESE
PRESIDENTE

Profª. Drª. Márcia Santos Duarte de Oliveira

(orientadora da Tese – USP)

MEMBROS TITULARES DA BANCA

Profª. Drª. Charlotte Marie Chambelland Galves (Universidade de Campinas)

Prof. Dr. Gabriel Antunes Araujo (Universidade de São Paulo)

Prof. Dr. Marcelo Amorim Sibaldo (Universidade Federal de Pernambuco)

Profª. Drª. Márcia Santos Duarte de Oliveira (Universidade de São Paulo)

Profª. Drª. Nélia Pedro Alexandre (Universidade de Lisboa)

MEMBROS SUPLENTES DA BANCA

Prof. Dr. Ednalvo Apóstolo Campos (Universidade Do Estado Do Pará)

Profª. Drª Flaviane Romani Fernandes Svartman (Universidade de São Paulo)

Prof. Dr. Marcelo Módolo (Universidade de São Paulo)

Profª. Drª. Maria Aparecida Torres Morais (Universidade de São Paulo)

Profª. Drª Maria Clara Paixão de Sousa (Universidade de São Paulo)

Aprovado em:

Banca Examinadora

Profa. Drª. Charlotte Marie Chambelland Galves (Universidade de Campinas)

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. Gabriel Antunes Araujo (Universidade de São Paulo)

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. Marcelo Amorim Sibaldo (Universidade Federal Rural de Pernambuco/ Universidade Federal de Pernambuco)

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Drª. Nélia Pedro Alexandre (Universidade de Lisboa)

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Profa. Drª. Márcia Santos Duarte de Oliveira (Universidade de São Paulo)

Julgamento: _____ Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

Dedico esta Tese ao Povo Brasileiro.

Sou muito grato ao Brasil e ao seu povo que me acolheu de braços abertos e me fez sentir um brasileiro sem ter que deixar de ser caboverdiano. Esta obra se realizou graças ao povo brasileiro que com seus impostos mantém o governo brasileiro, que por sua vez mantém linhas de pesquisas através das agências de fomento, como as que apoiaram o projeto de pesquisa que resultou nesta Tese. Literalmente, o povo brasileiro financiou um projeto de pesquisa para estudar uma variedade do português na África. É este espírito generoso e despretensioso que torna o Brasil grande, e é com esse Brasil que eu me identifico e hoje levo comigo a nacionalidade brasileira por onde quer que eu vá sem ter nunca que deixar de ser caboverdiano.

Nada melhor para resumir essa singela homenagem do que a letra de uma música na voz de uma grande cantora caboverdiana residente em Portugal:

Brazil, Nos Sonhu Azul

Ben Konxê es terra morena
Ondê k' kada krióla é un serena
Ben, k'ês nos seu tanbê d' anil
Ês nos terra pikinina
É um padasinhu di Brazil

Brazil, ki nos tudu ten na peite
Brazil, ki no ta sinti na sánge
Brazil, bo é nosu irmâu
Sin k'ma nos bo é moerna
Brazil no krê-bu txeu, no krê-bu txeu, di korasâu

Vente ki ta ben di sul
Ta trazê na sês kantus asenus di Brazil
Si no ka ta bai, es ka ta dixá-nu
Brazil bo é nos sonhu
Bo é nos sonhu azul

Letra da música do Álbum "No Ama" da cantora caboverdiana Nancy Vieira

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a meu Deus pela força, coragem e resiliência a mim concedidos a fim de tornar este trabalho uma realidade. Sem a Sua mão a me guiar, há muito, as ondas de turbulências já teriam me jogado para fora do barco e abortada a viagem que hoje chega ao Porto Seguro.

Agradeço à agência de fomento Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES que por duas vezes (logo no começo do programa e agora ao final do programa), durante o programa de doutorado ora findo, me providenciou com os meios financeiros para a minha manutenção pessoal e familiar, de forma que eu pudesse dedicar exclusivamente a esta pesquisa.

Agradeço à agência de fomento Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP que me concedeu dois anos de bolsa de estudos (Projeto FAPESP Nº 2013/06629-8) e possibilitou-me a dedicação exclusivamente à pesquisa. Foi graças à bolsa FAPESP e à reversa técnica que essa bolsa de estudos faculta, que me foi possível realisar três das quatro visitas de campo feitas durante a pesquisa: a bolsa FAPESP cobriu na íntegra três viagens de campo o que possibilitou a coleta dos dados tanto de 'Fala Espontânea' quanto de 'Elicitação Formal' que compõem os *corpora* desta Tese.

Agradeço à minha orientadora Profª Drª Márcia Santos Duarte de Oliveira que foi quem me introduziu ao mundo da linguística e me guiou através deste longa jornada. A Profª Márcia sempre acreditou que há uma luz em mim que deve brilhar, por isso ela tem feito de tudo para que isso aconteça. Ela não aceita outra coisa de mim que não seja ver minha luz brilhando, por isso, por muitas vezes ela teve que lapidar as arestas e os resíduos que impedem essa luz de brilhar. Esse processo muitas vezes pode ter sido doloroso, mas era o único jeito de conseguir o resultado que se vê nesta Tese, que pode ter ainda resquícios de pontos que precisam brilhar ainda.

Agradeço à Profª Draª. Charlotte Marie Chambelland Galves, a pesquisadora responsável pelo Projeto Temático FAPESP Nº 2012/06078-9 – "A língua portuguesa no tempo e no espaço: contato linguístico, gramáticas em competição e mudança paramétrica", ao qual está vinculado o projeto de pesquisa que resultou nesta Tese.

Agradeço aos meus filhos Elizabeth Margarida Santos Lopes e João Éder Santos Lopes pelo amor e carinho e sobretudo pela compreensão demonstrada das muitas vezes que tive que estar ausente em função desta Tese.

Agradeço à instituição USP como um todo que me acolheu e sempre me tratou como um igual a todos e pelos méritos e em instância alguma me fez sentir que eu sou um estrangeiro, mas sim um aluno de pós-graduação.

Agradeço à minha prima Isabel Brito Duarte (Belita) que me acolheu durante as quatro vezes que estive em visita de campo em Cabo Verde, e em especial durante a última que teve a duração de quase um ano. Durante a última visita, passei por grandes desafios, mas a minha prima Belita me deu todo apoio e logística necessários para que eu pudesse ultrapassar essa fase. De igual modo agradeço ao seu filho Rafael, o meu sobrinho querido pela amizade pelo Tio Chiquinho. Agradeço também ao seu esposo José Silva, o nosso querido Zé ou Chapa, pelo carinho e apoio.

Agradeço à minha amiga Ludmila Carvalho Soares de Pina pela amizade e todo apoio a mim concedido, tornando possível a última visita de campo e a estadia em Cabo Verde. Sem ela do meu lado, a tarefa teria sido insuportável.

Agradeço aos meus amigos e hospedeiros Pedro Ramos e Magda Silva a quem apelido carinhosamente de *neighbours*, Vizinho e Vizinha. Sem o apoio imensurável deles teria sido muito mais difícil, do que foi, concluir essa etapa desafiadora da minha vida. Um muito obrigado por todo apoio e carinho demonstrado.

Agradeço á minha melhor amiga Mónica Vani Lopes da Silva, a quem tenho grande estima e trato como minha irmã. Obrigado Mony por ouvir todos os meus desabafos e segredos sem nunca me atacar pedras, mas também por saber me puxar as orelhas quando necessário.

Agradeço à minha namorada Karina Mendes de Pina que mesmo distante está sempre presente com o carinho dela me animando e me enconrajando a prosseguir. Obrigado Kriola minha por saber me acalmar e fazer a serenidade pairar sobre mim como ninguém mais consegue fazer.

Agradeço ao meu irmão João Sameiro Lopes pela amizade e pela força que sempre me transmitiu. Eu sei o quão orgulhoso a conclusão desta Tese deixa o meu irmão, que sempre acreditou nas minhas possibilidades.

Agradeço de uma forma especial a todos aqueles que colaboram ao aceitarem ser Auxiliares Linguísticos dos dados coletados e que formam os *copora* desta Tese. Para evitar omissão de nomes, mas isso não diminui o grau da minha gratitude a cada um de vocês individualmente.

Agradeço aos membros da banca de exame de qualificação: Prof. Drª. Nélia Pedro Alexandre (Universidade de Lisboa) e a Profª Drª Flaviane Romani Fernandes

Svartman. Obrigado por terem lido cuidadosamente o relatório de qualificação e pelas preciosas orientações que foram totalmente acatadas e contribuíram para o trabalho final que ora se apresenta.

Agradeço aos membros da banca da Tese que aceitaram prontamente e dispuseram logo à primeira ao convite formulado: (i) Profª Draª. Charlotte Marie Chambelland Galves (Universidade de Campinas); (ii) Prof. Dr. Gabriel Antunes Araújo (Universidade de São Paulo); (iii) Prof. Dr. Marcelo Amorim Sibaldo (Universidade Federal Rural de Pernambuco/Universidade Federal de Pernambuco); (iv) Profª. Drª. Nélia Pedro Alexandre (Universidade de Lisboa).

Agradeço a todos os meus colegas coorientandos pela amizade e pela equipe coesa e solidária que sempre mantivemos durante todo esse tempo e que com certeza manteremos ao eu entrar para o mundo profissional acadêmico assim como alguns já estão.

RESUMO

Esta Tese, intitulada "*Análise morfossintática das construções-Q no português falado em Cabo Verde (PCV)*", consiste na primeira descrição e análise morfossintática do grupo de construções denominada na literatura como construções-Wh e seus respectivos subgrupos – construções relativas, interrogativas-Wh e construções clivadas – no português falado em Cabo Verde (doravante PCV). A descrição e análise apresentadas são: (i) feitas a partir de um conjunto de *corpora* inéditos, coletados durante três 'trabalhos de campo', realizados de acordo com as técnicas da 'linguística de campo'; e (ii) embasadas na Teoria da Gramática, sob a perspectiva minimalista de derivação por fases – *phases* – (CHOMSKY, 1995, 2000, 2001, 2005, 2008). Os resultados obtidos corroboram a proposta inicial de que: (i) os falantes caboverdianos possuem diferentes graus de competência linguística em PCV. Esta variedade linguística ainda que não língua primeira dos caboverdianos, entra para vida destes, ainda que apenas nas competências auditiva e perceptiva, desde a primeira infância; (ii) o processo de educação formal desenvolve, posteriormente, as competências leitura e escrita, buscando aproximar a gramática do PCV da do Português Europeu, em um processo que gera resultados diferentes, a nível individual, dependendo do grau de uso do PCV pelo falante caboverdiano; (iii) a análise das construções-Wh corroboram o PCV como uma variedade autóctone da língua portuguesa em formação, em estreita relação de contato linguístico e cuja origem pode ser traçada como sendo concomitante ao crioulo caboverdiano (doravante CCV); (iv) nos aspectos gramaticais em que o PCV se diverge do PE, ainda que convergentes com o CCV, não podem ser tomadas, categoricamente, como casos de 'transferências' do CCV para o PCV, pois tais fenômenos são observados também em outras variedades da língua portuguesa no mundo. Na parte de análise são apresentadas propostas derivacionais para as relativas, interrogativas-Wh e construções clivadas. No que diz respeito às clivadas, é feita uma proposta derivacional monoclausal, que consiste na reformulação da proposta apresentada por um grupo de pesquisadores que divergem da proposta tradicional que se vê na literatura para esse tipo de sentenças.

Palavras-Chave: Construções-Wh, Português Falado em Cabo Verde, Contato Linguístico, Linguística de *Corpus*, Análise Morfossintática.

ABSTRACT

This Thesis, entitled "Morphosyntactic analysis of the Wh-constructions in the Portuguese spoken in Cape Verde (PCV)", consists of the first morphosyntactic description and analysis of a group of construction called Wh-construction in the literature and their subgroups – relative constructions, Wh-interrogatives and cleft constructions – in the Portuguese spoken in Cape Verde Islands (hereinafter PCV). The analysis and description presented are: (i) done from a set of an original group of *corpora* collected during three 'field works', carried out in accordance with the techniques of 'field linguistics'; and (ii) based on Grammar Theory, under the minimalist perspective of derivation by phases - (Chomsky, 1995, 2000, 2001, 2005, 2008). The results obtained corroborate the initial proposal that: (i) the Cape Verdean speakers present different degrees of linguistic competence in PCV. This linguistic variety, although not the first language of the Cape Verdeans, enters their lives, although only in the auditory and perceptive skills, from early childhood; (ii) the formal education process later develops the reading and writing skills, aiming to bring the grammar of the PCV closer to European Portuguese, in a process that generates different results at the individual level, depending on the degree of use of the PCV by the Cape Verdean speaker; (iii) The analysis of the Wh-constructions corroborate the PCV as an autochthonous variety of the Portuguese language in formation, in close relation of linguistic contact and whose origin can be traced as concomitant with that of the CCV; (iv) with regards to the grammatical aspects in which the PCV diverges from the Europiam Portuguese, although convergent with the CVC, cannot be taken categorically as cases of 'transfer' from the CCV to the PCV, since such phenomena are also observed in other varieties of the Portuguese language in the world. In the part of analysis are presented derivational proposals for the relative, interrogatives-Wh and cleft constructions. With regard to the clefts, a derivational monoclausal proposal is made, which consists of the reformulation of the proposal presented by a group of researchers that diverge from the traditional proposal that is seen in the literature for this type of sentences.

Key words: Wh-Constructions, the Portuguese Spoken in Cape Verde, Linguistic Contact, Language Acquisition, Morphosyntactic Analysis.

LISTA DE TABELAS

Introdução Geral

Figura 1: Bandeira de Cabo Verde 33

Figura 2 – Divisão Regional de Cabo Verde 34

Figura 3 – Localização de Cabo Verde no Globo 35

Capítulo II

Tabela (1) – "Versões" para o PCV da Sentença com Relativa (1) em PCV 53

Tabela (2) – "Versões" para o PCV da Sentença com Interrogativa em CCV (1).....55

Tabela (3) – "Versões" para o PCV de Sentenças com Construção Clivada em CCV (5) 57

Capítulo IV

Tabela (1) – Quadro Resumido das Ocorrências dos Pronomes Relativos no PCV 141

Tabela (2) – Número de ocorrências de orações relativas restritivas e apositivas com pronome relativo *que* em PCV.....142

Tabela (3) – Função Sintática do Pronome *que* na REL em PCV.....143

Tabela (4) – A Estratégia *Pied-Piping* e o Pronome Relativo *que* em PCV 145

Tabela (5) – Orações Introduzidas pelo Morfema *Como* em PCV 148

Tabela (6) – Pronome *Quando* em PCV: número de ocorrências, natureza do antecedente e função sintática 152

Tabela (7) – Natureza do Antecedente do Pronome *Onde* em PCV 154

Tabela (8) – Valor Semântico do Pronome *Onde* em PCV 158

Tabela (9) – Relativas Restritivas e Apositivas com o Pronome Relativo *Onde* em PCV.....157

Tabela (10) – Natureza do Antecedente da Locução Relativa *O Que* em PCV 158

Tabela (11) – Tipos de Relativas Introduzidas pela Locução Relativa *O Que* em PCV 159

Tabela (12) – Função Sintática de *O Que* na REL em PCV 160

Tabela (13) – Ocorrências do Pronome Relativo *Quem* em PCV 161

Tabela (14) – Resumo da Descrição dos Pronomes Relativos em PCV 165

Tabela (15) – Versões em PCV para a Sentença de Elicitação de Relativas (1) – Questionário de Elicitação Formal 167

Capítulo V

Tabela (1) – Quantificação das Ocorrências dos Pronomes Interrogativos em PCV ...189

Tabela (2) – Quantificação Ocorrências do Pronome Interrogativo "O Que" e seus Alomorfes em PCV 189

Tabela (3) – Tipos de Interrogativas Introduzidas pelo Pronome-Q "O quê" 191

Tabela (4) – Estratégias Interrogativas com o Pronome-Q "O Quê" 193

Tabela (5) – Movimento-Wh do Pronome-Q "O Que" 193

Tabela (6) – Função Sintática do Pronome-Q "O Que"

dentro da Interrogativa em PCV 194

Tabela (7) – Tipo de Interrogativas-Q Introduzida por "Como" em PCV 196

Tabela (8) – Estratégia Interrogativa do Pronome-Q "Como" em PCV 197

Tabela (9) –Movimento-Wh e Função Sintática do Pronome-Q "Como" em PCV.....197

Tabela (10) – Tipos de Interrogativas-Q Introduzidas pelo

Pronome-Q "Quem" em PCV.....198

Tabela (11) – Estratégias Interrogativas com o Pronome-Q "Quem" em PCV 199

Tabela (12) – Movimento-Wh Pronome-Q Quem em PCV.....200

Tabela (13) – Função Sintática do Pronome-Q "quem" dentro

da Interrogativa em PCV 200

Tabela (14) – Tipos de Interrogativas-Q Introduzidas pelo

Sintagma-Q "Que + NP" em PCV 203

Tabela (15) – Estratégia Interrogativa com o Pronome-Q "Que + NP" em PCV 203

Tabela (16) – Movimento-Wh do Sintagma Interrogativo "Que + NP" 204

Tabela (17) – Função Sintática do Pronome-Q "Que + NP"

dentro da Interrogativa em PCV 205

Tabela (18) – Tipos de Interrogativas Introduzidas pelo Pronome-Q Onde 206

Tabela (19) – Estratégia Interrogativa com o Pronome-Q Onde em PCV 206

Tabela (20) – Movimento-Wh do Pronome-Q Onde 207

Tabela (21) – Função Sintática do Pronome-Q "Onde"
dentro da Interrogativa em PCV 208

Tabela (22) – Tipos de Interrogativas Introduzidas pelo sintagma-Q "Qual + NP" 208

Tabela (23) – Estratégia Interrogativa com o Pronome-Q Qual + NP em PCV.....209

Tabela (24) – Movimento-Wh do Pronome-Q Qual + NP 209

Tabela (25) – Função Sintática do Pronome-Q Qual + NP
dentro da Interrogativa em PCV 210

Tabela (26) – Tipos de Interrogativas Introduzidas pelo pronome
interrogativo Porquê 211

Tabela (27) – Estratégia Interrogativa com o Pronome-Q Porquê em PCV 211

Tabela (28) – Movimento-Wh do Pronome-Q Porquê.....212

Tabela (29) – Função Sintática do Pronome-Q Porquê dentro
da Interrogativa em PCV 212

Tabela (30) – Tipos de Interrogativas Introduzidas pelo pronome
interrogativo Quando 213

Tabela (31) – Estratégia Interrogativa com o Pronome-Q Quando em PCV 213

Tabela (32) – Movimento-Wh do Pronome-Q Quando.....214

Tabela (33) – Função Sintática do Pronome-Q Quando dentro
da Interrogativa em PCV 215

Tabela (34) – Resumo da Descrição dos Pronomes Interrogativos em PCV 217

Capítulo VI

Tabela (01) – Quantificação das Ocorrências de Clivadas
e Pseudoclivadas em PCV 241

Tabela (02) – Amostra de Clivadas e Pseudoclivadas do *corpus* de "Elicitação Formal"
em PCV 242

Tabela (03) – Os Subtipos de Clivadas em PCV 244

Tabela (04) – Versões para Sentença Contexto (2) para Elicitação de Clivadas – Parte III do Questionário de "Elicitação Formal" em PCV 246

Tabela (05) – Quantificação das Ocorrências dos Subtipos

de Pseudoclivadas em PCV 249

Tabela (06) – Quantificação das Ocorrências dos Pronomes-Wh Atestados nas Pseudoclivadas em PCV 251

Tabela (07) – Estatuto Sintático do Elemento Clivado em PCV 252

Tabela (08) – Quantificação das Ocorrências de Tipo de Foco versus Tipo de Clivagem em PCV 253

Tabela (09) – Resumo de Estratégias Interrogativas em PCV 256

Tabela (10) – Resumo da Descrição das Clivadas em PCV 257

Tabela (11) – Estrutura do Subjeito-Predicado de Sentenças Copulares – Adaptado de (1973: 246) 264

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ACC – Caso Acusativo

AEG – Aprendizagem Estatística Generalizada

AL – Arranjo Lexical

ALing – Auxiliar Linguístico

AT – Aprendizagem Transformacional

BU – Bilinguismo Universal

CCV – Crioulo de Cabo Verde

*Cleft*P – Sintagma *Cleft*

Cº/C_0 – Núcleo do Sintagma Complementizador

COD – Construção de Objeto Duplo

COMP – Complementizador

$COMP_{rel}$ – Complementizador Relativo

COP – Cópula

CP – Sintagma Complementizador

CSN – Crioulo da Ilha de São Nicolau

CST – Crioulo da Ilha de Santiango

CSV – Crioulo da Ilha de São Vicente

DAT – Caso Dativo

DEICT – Dêitico

DEM – Demonstrativo

DP – Sintagma Determinante

D_{rel} – Determinante Relativo = Pronome Relativo

D_{Int} – Determinante Interrogativo = Pronome Interrogativo

EF – Edge Feature

FL – Forma Lógica

FF – Forma Fonética

Fin - Finitude

FinP – Sintagma Finitude

Fº – Núcleo do Sintagma Foco

Foc – Foco

FocP –Sintagma Foco

ForceP – Sintagma Force

GM – Gramáticas Múltiplas

GU – Gramática Universal

HBT – Habitual – se refere à partícula TMA

IK – Individual Kind

IPFV – Imperfectivo

IRR – Modo Irrealis

Loc – Locativo

LocP – Sintagma Locativo

ME – Merge Externo

MI – Merge Interno

N – Nome

NEG – Negação

NOM – Caso Nominativo

NP – Sintagma Nominal

OBL – Oblíquo

PB – Português Brasileiro

PCV – Português Falado em Cabo Verde

PB – Português Brasileiro

PE – Português Europeu

PFV – Perfectivo

PL – Plural

PLb – Português Falado no Libolo/Angola

POSS – Possessivo

PP – Sintagma Preposicional

PST – Pretérito

PTCP – Particípio

PVB – Português Vernacular Brasileiro

RC – Relative Clause (Oração Relativa)

SC – Small Clause (Pequena Oração)

SG – Singular

Spec – Especificador

Spec *Cleft* – Especificador do Sintagma *Cleft*

Spec CP – Especificador do Sintagma Complementizador

Spec DP – Especificador do Sintagma Determinante

Spec TP – Especificador do Sintagma Tempo

Spec VP – Especificador do Sintagma Verbal

TMA – Partícula de Tempo Modo e Aspecto

Top - Tópico

TopP – Sintagma Tópico

TP – Sintagma Tempo

V – Verbo

VP – Sintagma Verbal

ϕ – Nulo

[Spec, CP] – Especificador do Sintagma Complementizador

+N – de Natureza Nominal

1 – Primeira Pessoa

2 – Segunda Pessoa

3 – Terceira Pessoa

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA v
AGRADECIMENTOS vi
RESUMO ix
ABSTRACT x
LISTA DE TABELAS xi
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS xv
SUMÁRIO xviii
I. INTRODUÇÃO GERAL 23
1.1. FORMULAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA 23
1.2. ESTRUTURA DA TESE 28
1.3. SOBRE CABO VERDE 32
II. REFERENCIAL METODOLÓGICO-TEÓRICO.....36
INTRODUÇÃO DO CAPÍTULO 36
2.1. REFERENCIAL METODOLÓGICO 36
2.1.1. **Técnicas Preparatórias para as Coletas de Dados de Fala** 37
2.1.1. Aspecto Relacionado à Questão Ética da Pesquisa 41
2.1.2. **Coleta e Tratamento dos Dados de 'Fala Espontânea'** 42
2.1.2.1. Pesquisa de Campo/Coleta dos Dados 42
2.1.2.2. Transcrição dos Dados 45
2.1.2.3. Delimitação do *Corpus* Específico 48
2.1.3. **Coleta e Tratamento dos Dados de 'Elicitacão Formal'** 51
2.1.3.1. Elaboração do Questionário de 'Elicitação Formal' 52
2.1.3.1.1. ***Elicitação com Sentenças Relativas*** 52
2.1.3.1.2. ***Elicitação com Sentenças Interrogativas*** 54
2.1.1.1.3. ***Elicitação com Construções Clivadas*** 56
2.1.3.2. A Transcrição dos Dados da Elicitação Formal 59
2.1.3.3. Aspectos Sociolinguísticos dos Entrevistados 59
2.1.4. **Coleta e Tratamento de Dados: 'Fala Espontânea' e 'Elicitação Formal' Concomitantemente** 60
2.2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 61
2.2.1. **Teoria Gerativa: Conceitos Fundamentais Ligados à Tese** 62
2.2.1.1. A Modularidade da Linguagem 63
2.2.1.2. O Modelo Derivacional por Fases 65

2.2.1.2.1. ***A Teoria de Traços*** 67
2.2.1.2.2. ***As Principais Operações Derivacionais*** 69
2.2.1.2.3. ***A Representação Gráfica das Estruturas Sintáticas*** 75
SÍNTESE DO CAPÍTULO 76
III. ASPECTOS DA SITUAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICO-LINGUÍSTICA EM CABO VERDE: DO CABOVERDIANO AO PORTUGUÊS....78
INTRODUÇÃO DO CAPÍTULO....78
3.1. A SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA EM CABO VERDE 78
3.1.1. **Breve Histórico do CCV** 80
3.1.1.1. Estudos sobre o CCV na Era Colonial 82
3.1.1.2. Estudos sobre o CCV Pós-independência 85
3.1.2. **O Português Falado em Cabo Verde** 87
3.1.2.1. Pistas Históricas e Linguísticas de uma Variedade Local em Formação 89
3.1.2.2. Em Busca de uma Possível data 90
3.1.2.3. Primeiras Pistas Linguísticas do PCV 92
3.2. QUESTÕES LINGUÍSTICO-POLITICAS EM CABO VERDE 99
3.3. O PCV AO LONGO DA VIDA DO FALANTE CABOVERDIANO 103
3.3.1. **Fase Pré-escolar/Primeira infância**....106
3.3.2. **Fase do Ensino Básico: Letramento/Alfabetização** 107
3.3.3. **Fase do Ensino Médio: Consciência Linguística**....111
3.3.4. **Fase do Ensino Superior: Consolidação Linguística**....112
3.3.5. **Fase de Continuidade/Descontinuidade** 115
3.3.6. **Considerações Gerais sobre as Etapas do Contato com o PCV**....117
3.4. ESTUDOS SOBRE O PCV 118
3.4.1. **Figueiredo (2010: 45-49)** 118
3.4.2. **Lopes A. (2011)** 120
3.4.3. **Jon-And (2011)** 122
3.4.4. **Alexandre, Gonçalves & Hagemeijer (2011)** 126
3.4.5. **Outros Estudos sobre o PCV** 127
3.5. RATIFICANDO O PCV COMO OBJETO DE ESTUDO 128
3.6. SÍNTESE DO CAPÍTULO 131

IV. OS PRONOMES RELATIVOS NO PCV 133
INTRODUÇÃO DO CAPÍTULO 133
4.1. DESCRIÇÃO DOS PRONOMES RELATIVOS NO PCV 139
4.1.1. **Pronome relativo '*Que*'** 141
4.1.2. **Os Adverbiais Relativos** 146
4.1.2.1. O Pronome Relativo 'Como' 147
4.1.2.2. O Pronome Relativo 'Quando' 149
4.1.2.3. O Pronome Relativo 'Onde' 153
4.1.3. **A Locução Relativa 'O Que'** 157
4.1.4. **O Pronome Relativo 'Quem'** 160
4.1.5. **O Pronome Relativo 'O Qual'** 162
4.1.6. **Sobre a não Ocorrência dos Pronomes Relativos '*Quanto*' e '*Cujo*'** 163
4.2. ANÁLISE DOS PRONOMES RELATIVOS NO PCV 166
4.2.1. **Que, o Relativizador Default em PCV** 166
4.2.2. **A Derivação de Relativas em PCV** 168
4.2.3. **A Natureza dos Relativizadores no PCV** 173
4.2.4. **O Caso das Relativas Canônicas de Alternância Dativa (Relativas CAD) no PCV** 176
4.2.5. **O Caso dos Pronomes Relativos Seguidos do Morfema *Que*** 182
SÍNTESE DO CAPÍTULO 185
V. OS PRONOMES INTERROGATIVOS NO PCV 187
INTRODUÇÃO DO CAPÍTULO 187
5.1. DESCRIÇÃO DOS PRONOMES INTERROGATIVOS NO PCV 188
5.1.1. **Pronome Interrogativo '*O Quê...?*'** 189
5.1.2. **Pronome Interrogativo '*Como...?*'** 196
5.1.3. **Pronome Interrogativo '*Quem...?*'** 198
5.1.4. **Pronome Interrogativo '*Que + NP...?*'** 201
5.1.5. **Pronome Interrogativo '*Onde...?*'** 206
5.1.6. **Pronome Interrogativo '*Qual + NP...?*'** 208
5.1.7. **Pronome Interrogativo '*Porquê...?*'** 210
5.1.8. **Pronome Interrogativo '*Quando...?*'** 213
5.1.9. **Pronome Interrogativo '*Quanto...?*'** 215

5.2. ANÁLISE DERIVACIONAL DOS PRONOMES INTERROGATIVOS NO PCV 218
5.2.1. **Semelhanças Estruturais/Sintáticas entre Interrogativas Indiretas e Relativas Livres** 218
5.2.2. **Derivação das Interrogativas Matrizes** 222
5.2.3. **Derivação de Interrogativas *in Situ* ou com P-chopping** ...228
SÍNTESE DO CAPÍTULO 236
VI. CORROBORANDO CONSTRUÇÕES "SER + QUE" COMO ESTRUTURAS MONOCLAUSAIS EM PCV 238
INTRODUÇÃO DO CAPÍTULO 238
6.1. CONCEITUANDO AS CONSTRUÇÕES CLIVADAS.....238
6.2. DESCRIÇÃO DAS CONSTRUÇÕES CLIVADAS EM PCV 241
6.2.1. **Os Dois Principais Tipos de Clivagem** 241
6.2.1.1. As Clivadas em PCV 244
6.2.1.2. As Pseudoclivadas em PCV 249
6.2.2. **Estatuto sintático do elemento focalizado** 251
6.2.3. **Tipo de Foco versus Tipo de Clivagem em PCV** 253
6.3. ANÁLISE DERIVACIONAL DAS CLIVADAS EM PCV 258
6.3.1. **A Proposta de Estrutura Monoclausal para Clivadas** 258
6.3.1.1. Conceituando o Termo *Highlighter* 260
6.3.1.2. Sentenças Copulares 261
6.3.1.3. Questões Ligadas à Interpretação Semântica do Tempo 265
6.3.2. **A Derivação das Clivadas em PCV** 268
6.3.2.1. Corroborando a Estrutura Monoclausal 269
6.3.2.2. Redefinindo a Categoria Tempo da Forma *SER* 272
6.3.2.3. Redefinindo a Sequência *É Que* 275
6.3.2.4. Para uma Nova Proposta Derivacional das Estruturas com Clivagem 275
6.3.2.4.1. ***Proposta Derivacional da Estratégia Highlighter*** 276
6.3.2.4.2. ***Proposta Derivacional das Clivadas e Pseudoclivadas*** 279
6.4. SÍNTESE DO CAPÍTULO 282

VII. CONCLUSÃO 285
VIII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 303
APÊNCIDE I : Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....318
APÊNDICE II : Amostra de Transcrição.....319
APÊNDICE III : Chave de Transcrição (PCV) 322
APÊNDICE IV : Amostra do *Corpus* Específico 325
APÊNDICE V : Questionário de Elicitação Formal 327
APÊNDICE VI : Metadados dos Auxiliares Linguísticos 366
APÊNDICE VII : Banco de Dados.....367

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO GERAL

Na presente Tese, intitulada "A*nálise Morfossintática dos Construções-Wh no Português Falado em Cabo Verde"*, empreende-se o estudo dos morfemas-Wh na variedade da língua portuguesa falada no Arquipélago de Cabo Verde (doravante PCV). Esta Tesa insere-se em um projeto de pesquisa maior, o Projeto Temático FAPESP Nº 2012/06078-9 – *"A língua portuguesa no tempo e no espaço: contato linguístico, gramáticas em competição e mudança paramétrica"* – ver Galves (2012). Além de contribuir para o estudo formal dos construções-Wh na língua portuguesa, na África em especial e no mundo de um modo geral, esta pesquisa tem como objetivo corroborar a classificação do PCV como uma variedade autônoma e autóctone da língua portuguesa na África.

1.1. FORMULAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA

O projeto de pesquisa que deu originou a esta Tese foi formulado oficialmente em 2012, mas as raízes que o norteiam podem ser traçadas até vinte e poucos anos atrás. Tudo começou quando o pesquisador desta Tese deixou a terra Natal, Cabo Verde, à busca de uma formação superior em um país estrangeiro – prática comum no início da década de noventa para qualquer caboverdiano que concluísse o ensino secundário e quisesse cursar em nível superior. Assim, aos 17 anos de idade, o recém-egresso da educação secundária seguiu rumo ao continente africano, diferentemente da maioria dos caboverdianos, que normalmente procuram países europeus e o Brasil. O país de destino foi Nigéria, um país caracterizado por uma diversidade linguística muito grande. Além dessa diversidade linguística nigeriana, a universidade de destino era o *campus* de uma universidade americana na África, que em via desse fato atraía estudantes de diversas nacionalidades africanas, enriquecendo ainda mais o repertório linguístico em *campus*.

Inserido no contexto multilíngue acima descrito, o então futuro pesquisador observou que todo mundo em *campus* falava o inglês e ao menos outra língua que era sua língua materna. O que mais o intrigou é o fato que boa parte dessas línguas possuía um sistema de escrita e essas línguas eram usadas em ambientes formais: havia literatura escrita nas variedades linguísticas com maior número de falantes e em várias situações formais havia sempre tradução simultânea para essas línguas. Perante tal situação, despertou o espírito patriota no pesquisador em encubação. Ele raciocinou: se

na Nigéria existe o inglês e várias línguas, e mesmo assim as outras línguas recebem tanto destaque, por que em Cabo Verde, em que há apenas uma língua além do português, ela é relegada a um segundo plano? Foi nessa época que em Cabo Verde se deu a mudança política e foi lançado o concurso para selecionar um novo hino nacional. Sabedor desse fato pela rádio, o emergente defensor de questões sociolinguísticas quis participar e escreveu um hino, mas em língua caboverdiana para concorrer. Infelizmente a proposta de concurso (do pesquisador embrionário) nunca foi formulada e por ironias do destino, tal composição escrita em papel perdeu-se e com ela se foi a primeira manifestação sociopolítico-linguística do linguista embrionário.

Após a conclusão dos estudos superiores, que tiveram a duração de quatro anos interruptos (sem nenhuma ida de férias a Cabo Verde), o recém-formado voltou (em 1998) à terra de origem, cheio de motivações. Haja vista a formação ter sido em teologia e ter aprendido as línguas bíblicas (grego e hebraico), o futuro linguista entendeu que a sua contribuição para valorização de sua língua materna seria por meio da tradução da Bíblia à língua materna, mantendo assim a tradição de que uma das primeiras literaturas produzidas em uma língua no ocidente é a Bíblia. Porém, esse sonho só se tornou realidade ao encontrar e fazer parte, em 2005, do grupo que preparou as primeiras traduções de parte da Bíblia para a língua caboverdiana. Foi como membro da Associação Caboverdiana para Tradução que o potencial linguista teve o seu primeiro curso linguístico, ministrado por um sociolinguista americano com mais de trinta anos de experiência em diferentes partes do mundo, e em especial, na África.

Depois de nove anos após ter concluído a graduação, o linguista em fase de desabrochamento chegou ao Brasil, mais precisamente, cidade de São Paulo à busca de um curso de pós-graduação em linguística. Sem conhecimento de ninguém nem do sistema, ele procurou a Universidade de São Paulo no segundo semestre de 2008. Na primeira tentativa, não foi possível o ingresso, pois sem conhecimento, procurou alguém da área de sociolinguística, mas que não trabalhava com as línguas crioulas. Porém, a professora que o entrevistou, viu alguma potencialidade no candidato e o referiu à Profª Drª Margarida Petter do Departamento de Linguística, por ser conhecida como estudiosa das línguas africanas. A Profª Margarida apresentou uma proposta melhor: no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas havia alguém trabalhando com as línguas crioulas, incluindo principalmente a língua caboverdiana. Foi assim, que por recomendação da Profª Margarida, o quase linguista iniciante chegou ao escritório da Profª Drª Márcia Oliveira.

Muitas coisas cooperaram para que a Profª Márcia fosse quem iniciaria o pesquisador no mundo da linguística, das quais se destacam duas: (i) tanto a Profª Márcia quanto o linguista a ser iniciado tiveram experiência linguística em Nigéria; (ii) tanto a iniciadora quanto o iniciante tinham GRANDE interesse para o estudo da língua caboverdiana. Como prova de iniciação ao mundo da linguística, a Profª Márcia desafiou o iniciante a demonstrar que teria condições para entrar em um programa de pós-graduação numa renomada instituição de ensino como a USP. O desafio consistia em buscar se familiarizar o máximo possível com os fundamentos da linguística, normalmente adquiridos durante o curso de graduação em letras, haja vista o linguista iniciante apresentasse certa defasagem nesse quesito por ter graduado em outra área que não a de letras ou linguística.

O desafio foi prontamente aceite, e em um período de um ano, o ávido iniciante conseguiu concluir um curso de especialização, ao nível de pós-graduação, em linguística e língua portuguesa. Ao final dessa especialização, o iniciante apresentou um trabalho de conclusão de curso intitulado "*O bilinguismo e a problemática da diglossia no processo de letramento: o caso de Cabo Verde e suas diásporas*". Esse trabalho deu origem à primeira comunicação oral feita pelo linguista em fase de eclosão em um evento científico (VI Encontro – UFBA, Salvador, Universidade Federal da Bahia, 24 a 26 de março de 2010). Esse mesmo trabalho viria ainda a resultar na primeira publicação feita pelo linguista incomodado pela situação de desigualdade sociopolítica e linguística das duas línguas de Cabo Verde, o PCV e o CCV – ver Lopes (2011). Atente para pequenos excertos dessa primeira publicação que revelam as questões impulsionadoras do linguista em formação:

> Para alcançar o nível de letramento promovido pela UNESCO é imprescindível ultrapassar a atual situação de *diglossia* em Cabo Verde e promover o verdadeiro bilinguismo [...] Cabo Verde tem grandes potencialidades para ser um país bilíngue e com isso só tem a ganhar [...] A melhor forma de 'defender' uma língua é promover e defender as línguas que com ela convivem. (LOPES, 2011: 131, 135 e 132 respectivamente).

Como se pode observar, o recém-iniciado linguista estava impregnado de questões sociolinguísticas, mas teve que aprender logo que existem outras formas de 'defender' uma língua: se ganha muito estudando as línguas ao invés de ficar só falando e estudando sobre essas línguas. Foi assim, que ao adentrar o programa de mestrado, o linguista emergente embarcou no estudo de um aspecto bem específico da língua

caboverdiana: "*Para uma análise sintática das construções relativas no crioulo da Ilha de São Nicolau – Cabo Verde"* (daqui em diante, LOPES, 2012).

Ao fazer a opção, no mestrado, pelo estudo de uma variedade de Barlavento (língua crioula da Ilha de São Nicolau), a intenção era a de alargar o escopo das pesquisas acerca da situação linguística em Cabo Verde. Até então a investigação linguística em Cabo Verde tinha como foco principal as variedades das ilhas do sul, denominadas Sotavento e mais precisamente a da ilha de Santiago; o único trabalho, até então, sobre a variedade de São Nicolau era o trabalho de Cardoso (1989). Porém, ao entrar para o mestrado, o linguista já iniciado foi levado a constatar que o alargamento não deveria ser somente ao nível das variedades do CCV, mas sim ao nível de abarcar as outras variedades linguísticas presentes em Cabo Verde, mantendo assim a convicção acima citada de que "*a melhor forma de 'defender' uma língua é promover e defender as línguas que com ela convivem*" (LOPES, 2011: 132). Esse alargamento viria graças, em especial, a duas oportunidades: (i) participação como membro discente do Grupo de Estudo de Línguas em Contato (GELIC); (ii) participação no projeto IPHAN/USP.

Como membro do GELIC, o pesquisador acompanhou de perto as três linhas de pesquisadas unidas pela linha de pesquisa "o português na África e as línguas crioulas do Atlântico": (i) o Prof. Dr. Gabriel Antunes liderando a linha de pesquisa da fonologia segmental, em especial, a linha de pesquisa "Línguas 'Crioulas' e Português em Contato no Atlântico" (ver ANTUNES & OLIVEIRA, 2006), da qual o pesquisador é membro discente – cf., entre outros, Freitas, Menezes & Araujo (2015); Araujo & Agostinho (2010); Araujo et al (2013); (ii) a Profª Drª Falviane Svartman liderando a linha de pesquisa da fonologia prosódia das línguas crioulas e o português na África, em especial a linha de pesquisa "Estudos da prosódia em português: comparações entre as variedades africanas e brasileiras", da qual o pesquisador é membro (ver SVARTMAN (2015)) – ver entre outros, Santos & Fernandes-Svartman (2014); Svartman et al (2015); (iii) a Profª Drª Márcia Oliveira liderando a linha de pesquisa da área morfossintática das línguas crioulas e o português na África, em especial, a linha de pesquisa "Línguas 'Crioulas' e Português em Contato no Atlântico" (ver ANTUNES & OLIVEIRA, 2006b), da qual o pesquisador faz parte como membro discente – ver, entre outros, Jorge, Lopes & Oliveira (2013); Jorge & Oliveira (2012); Oliveira & Holm (2011); Oliveira, Zanoli & Andrade (2016).

Ao estar inserido nesse grupo de pesquisa de línguas em contato e em especial como membro das três linhas de pesquisas acima apresentadas, o pesquisador foi levado

a perceber a importância da língua portuguesa a par da língua caboverdiana em solo caboverdiano.

A outra instância que contribui, consideravelmente, para o alargamento das áreas de interesse de estudos linguístico do pesquisador, foi a sua participação no Projeto IPHAN-USP, liderado pela Profª Drª Margarida Petter e pela Profª Drª Márcia Oliveira – ver Petter & Oliveira (2011). O Projeto IPHAN-USP centrou-se no estudo de três comunidades quilombolas em duas regiões rurais do Brasil. O levantamento feito foi parte do "Inventário Nacional da Diversidade Linguística" que viria a se tornar Decreto Lei Nº 7.387 de nove de dezembro de 2010 – ver Brasil (2010). Nesse projeto, o pesquisador adquiriu larga experiência de linguística de *corpus* ao ter o privilégio de manusear e coordenar toda a parte dos materiais coletados e de ser o responsável por alimentar todo o conteúdo inserido na página de internet criada especificamente para o Projeto IPHAN-USP. Como membro desse projeto, o linguista teve o privilégio de ir a uma visita de campo a uma das áreas inventariadas. Ainda no ensejo do levantamento no Projeto IPHAN-USP, o pesquisador viria a participar como coautor do trabalho "*O conceito de Português Afro-Indígena e a comunidade de Jurussaca*" – ver Oliveira et al (2015).

Todo o contexto acima descrito ajuda a entender porque ao entrar para o programa de doutorado, o pesquisador viria a escolher a língua portuguesa falada em Cabo Verde e não a continuação dos estudos da língua caboverdiana, como seria de esperar.

No doutorado, com o mesmo intuito de querer alargar os estudos da realidade linguística caboverdiana, o pesquisador volta para uma realidade linguística de escopo mais amplo: o do português falado em Cabo Verde, que coexiste lado a lado com a língua nativa, o caboverdiano CCV – variedades Barlavento e Sotavento – há praticamente 500 anos. A observação feita é de que, da mesma forma que acontecia com as variedades Barlavento do CCV, o PCV não vinha recebendo a devida atenção dos pesquisadores, enquanto variedade linguística autônoma. É meritória a chamada de atenção, no entanto, para o fato de que no momento em que iniciava esta pesquisa de doutorado, uma primeira Tese de doutorado sobre o PCV era defendida em – Lopes, Amália (2011).

A ligação estreita entre a forte convicção em "migrar" a pesquisa dos estudos da língua caboverdiana para o PCV e, em específico, centrar esses estudos em perguntas-Wh, o foco desta investigação de doutorado, pode ser resumida em dois fatos: (a) a

partir da convivência acadêmica com a orientadora, a Profª Márcia Oliveira, que por várias vezes, a partir da fala do pesquisador, observava "fenômenos linguísticos envolvendo pronomes-Wh" e 'despretensiosamente' dizia coisas como: "Francisco, essas frases que você pronuncia com esse Wh não interrogativo, acompanhado desse 'marcador', mereciam um estudo"; (b) por estar inserido, desde aquela época, em um centro de pesquisa com uma Linha de Pesquisa inédita voltada para o português falado na África, observava, entre os colegas, os recentes debates voltados para o português falado no Libolo/Angola e, ainda, para o português falado em Guiné Bissau – todos centrados em 'perguntas-Wh' ou 'periferia à esquerda da sentença' ou em interface sintaxe/fonologia prosódica. Logo, surgiu o pensamento em estender o cotejo da investigação para mais uma variedade de português falada na África, no caso, a 'variedade falada pelo pesquisador', denominada nesta pesquisa de PCV. Por essas principais razões, o PCV foi selecionado como objeto de estudo desta Tese.

1.2. ESTRUTURA DA TESE

Para tal, este estudo está organizado em oito capítulos incluindo esta introdução geral e as referências bibliográficas:

No Capítulo II é apresentado o referencial teórico-metodológico. O capítulo está dividido em duas partes: (i) numa primeira parte, são apresentadas as técnicas de pesquisa de campo (linguística de *corpus*) utilizadas para selecionar os Auxiliares Linguísticos (ALings), coletar, tratar e transcrever os dados, criar *corpora* gerais e gerar um *corpus* específico com dados das construções-Wh em PCV; (ii) numa segunda parte, são apresentados os conceitos teóricos fundamentais para a análise sintática dos dados do *corpus* específico dentro do Programa Minimalista da Teoria da Gramática.

No terceiro capítulo, são apresentados os aspectos da situação sócio-histórica e linguística em cabo verde, considerando, a situação de estreito contato linguístico entre o CCV e o PCV. Para isso, parte-se da apresentação dos principais estudos sobre o contexto sociocomunicativo de Cabo Verde, caracterizada pela ausência de um consenso entre os estudiosos quanto à real situação sociolinguística no arquipélago: se é *diglossia*, bilinguismo ou uma mistura dos dois fenômenos?

No tocante às duas línguas existentes na sociedade caboverdiana, há uma discrepância quanto a registros históricos e o interesse linguístico dos estudiosos ao longo do tempo: (i) existem estudos sobre o CCV que datam dos finais do Século XIX, pelo que é apresentado um apanhado histórico sobre os estudos desse sistema

linguístico desde a era colonial até atualidade; (ii) sendo que o PCV não recebeu a devida atenção enquanto sistema linguístico autônomo até recentemente, não há registros históricos das quais pode-se valer como no caso do CCV. Porém, mesmo não havendo estudos específicos, existem pistas históricas e linguísticas que apontam para uma variedade local da língua portuguesa em formação em solo caboverdiano. Após a apresentação dessas pistas, prossegue-se com o desenvolvimento do capítulo, apresentado os possíveis cenários de contato linguístico reinantes em Cabo Verde. Ao abordar o fenômeno do contato linguístico fica inevitável a não abordagem das questões linguísticas e políticas tanto da parte dos falantes caboverdianos quanto das instâncias políticas.

Apesar da falta de consenso geral quanto à real situação da língua portuguesa em Cabo Verde, é inegável a importância dessa variedade linguística para a sociedade caboverdiana. Assim, é dedicada uma subseção inteira para tratar do contato e grau de exposição do falante caboverdiano ao PCV: desde a mais tenra idade (ainda que apenas nas competências auditivas e perceptíveis) até a fase adulta, tudo isto com ligação direta ao sistema de ensino do país.

Visto que, recentemente, o PCV vem ganhando espaço como objeto de estudo linguístico, então vêm surgindo estudos sobre essa variedade da língua portuguesa na África, buscando assim contrabalançar a predominância dos estudos do CCV que já contam com cerca de 150 anos. Assim, torna-se necessário apresentar os principais estudos do PCV até o momento. Ao final do capítulo, busca-se justificar o PCV como objeto de estudo com base no que é apresentado no capítulo e será apresenta nesta Tese de uma forma geral.

No quarto capítulo da Tese, inicia-se o estudo das construções-Wh em PCV com a descrição e análise dos dados contendo construções relativas. Haja vista não ter sido possível incluir todos os aspectos teóricos no capítulo metodológico-teórico, por questões de organização (evitar capítulos desproporcionais em termos de conteúdo e tamanho), no início do Capítulo IV, são apresentadas as considerações gerais sobre os pronomes-Wh na literatura da Teoria da Gramática.

A partir dos conceitos apresentados, faz-se a descrição dos pronomes-Wh em PCV com base nos dados do *corpus* de 'Fala Espontânea'. A descrição foi feita começando pelo o pronome relativo com maior número de ocorrências, o pronome relativo "que" (considerado o pronome relativo *default* em PCV), e seguindo a ordem decrescente do número de ocorrências dos demais pronomes relativos atestados em

PCV. Ao final da descrição é apresentada uma tabela resumo geral da descrição feita dos pronomes relativos.

Na segunda parte do capítulo IV, apresenta-se a proposta de análise derivacional por fases das relativas em PCV, tomando como base, uma reformulação da proposta de Kayne (1994) e o modelo de derivação por fases apresentado no capítulo de referência teórica. Ao fazer a proposta derivacional, levam-se em consideração aspectos gramaticais do PCV, e não necessariamente as da variedade tida como padrão em Cabo Verde, o PE. Em vista disso, surge a necessidade de propor um novo tipo de relativa, levando em consideração que as propostas vigentes não coadunam com o fenômeno atestado em outras variedades do português como o afro-brasileiro, por exemplo.

No Capítulo V, o segundo de descrição e análise das construções-Wh em PCV, apresenta-se o segundo conjunto de dados do grupo das construções-Wh, os pronomes interrogativos. Acrescenta-se, ao início do capítulo, conceitos gerais das interrogativas-Wh na literatura da Teoria da Gramática e ao longo do capítulo, os demais conceitos são definidos ao serem utilizados pela primeira vez na descrição. À semelhança do capítulo das relativas, o dos pronomes interrogativos é dividido em duas partes: (i) numa primeira parte, faz-se a descrição dos pronomes interrogativos atestados no *corpus* de 'Fala Espontânea'. Ao final da descrição, apresenta-se uma tabela como o resumo da descrição feita; (ii) numa segunda parte apresenta-se a derivação das interrogatias-Wh em PCV.

Para a derivação das interrogativas-Wh, embasa-se no princípio de economia, tido como um dos recursos otimizados da língua: parte-se das semelhanças estruturais entre relativas livres e interrogativas-Wh indiretas, haja vista as relativas livres já terão sido derivadas no capítulo anterior. Mediante a análise das diferenças estruturais, vai ser proposto o modelo derivacional adequado tanto para as interrogativas-Wh indiretas quanto as interrogativas-Wh matrizes em PCV.

Ao descrever as interrogativas-Wh em PCV, atesta-se um grupo significativo de dados que são tratados como interrogativas-Wh clivadas na literatura. Ainda que não se assume que haja clivagem em tal conjunto de dados, remete-se o estudo e a derivação desse grupo de dados para o próximo capítulo, como é demonstrado a seguir.

O último capítulo desta Tese é reservado para descrição e análise do grupo de dados considerados estruturas de clivagem na literatura. Esse grupo de dados é estrategicamente deixado por último pelo fato de, na literatura, serem atribuídas ligações diretas com os dois grupos de construções-Wh apresentados nos capítulos que

precedem: tradicionalmente, descreve-se a clivagem como uma estrutura biclausal em que há uma relativa, e entende-se que existem interrogativas-Wh clivadas. Assim, seguindo o mesmo esquema dos dois capítulos que precedem, faz-se a descrição das clivadas em PCV numa primeira parte, e numa segunda parte apresenta-se a proposta derivacional para as clivadas em PCV.

A descrição das clivadas em PCV é feita valendo-se da nomenclatura e tipologia usadas na literatura da Teoria da Gramática para descrever esse tipo de construções-Wh. Ao final da parte descritiva, apresenta-se tabela resumo de todos os aspectos descritos das construções e clivagem em PCV.

Na segunda parte do capítulo apresenta-se a derivação das clivadas em PCV, partindo do grupo de dados considerado interrogativas-Wh clivadas ao final do Capítulo V. Para apresentar uma proposta derivacional das clivadas em PCV, apresenta-se, primeiramente, as questões teóricas pelas quais não se assumem as clivadas como estruturas biclausais. A proposta monoclausal assumida parte-se dos estudos de Oliveira (2005, 2006). Para formular a proposta monoclausal, torna-se necessário definir alguns conceitos fundamentais tais como: (i) sentenças copulares tomando como principal referência o trabalho de Higgins (1973) e dando ênfase às sentenças copulares especificacionais por apresentarem relações estreitas com as clivadas; (ii) questões ligadas à interpretação semântica do tempo.

Para corroborar a proposta de estrutura monoclausal apresentada para as clivadas em PCV busca-se construir os seguintes argumentos: (i) nas construções denominadas de clivagem há apenas um domínio oracional (CP), pois o constituinte focalizado (ensanduichado) é sempre um argumento ou adjunto desse núcleo verbal e nunca do dito ser verbo copulativo; (ii) pelas leituras de interpretação semântica do tempo, a Forma "SER" nunca marca um evento, mas possui traço verbal não valorado que precisa ser verificado na segunda fase de derivação, pois assume-se que essa forma entra no processo derivacional das clivadas somente nessa fase, a do CP; (iii) não se pode dizer que numa estrutura de clivagem há uma relativa, pois o suposto 'verbo copulativo' não apresenta leituras semânticas de tempo independente do núcleo verbal da dita 'oração relativa' – cf. Stowell (2007: 456). Assim, busca-se redefinir as noções aspectuais da Forma SER a partir do conceito TEMPO (o tempo ligado à ideia geral e abstrata de tempo sem consideração de sua indicação pelo verbo ou qualquer outro elemento da frase).

Ao final da Tese, são apresentadas as considerações gerais e um resumo dos principais aspectos levantados na Tese.

Antes de concluir este capítulo introdutório, apresenta-se, de forma breve, Cabo Verde e seus principais aspectos sociopolíticos, econômicos, demográficos e culturais.

1.3. SOBRE CABO VERDE

Cabo Verde é um país formado por um arquipélago de dez ilhas no oceano Atlântico, situadas a cerca de 450 km da costa ocidental africana, a 15º Norte e 24º Oeste. Abaixo, apresenta-se um resumo dos principais dados sobre Cabo Verde de acordo com Cabo Verde (2016):

Nome Oficial: República de Cabo Verde
Área: 4.033 km²
Capital: Cidade da Praia
População: 526 mil habitantes (estimativa 2015)
Nacionalidade: cabo-verdiana
Governo: República Parlamentarista
Divisão administrativa: 10 ilhas e 22 conselhos
GEOGRAFIA:
Localização: Continente Africano
Clima: tropical
Densidade demográfica: 118 hab./km²
DADOS CULTURAIS E SOCIAIS:
Composição da População: crioulos (71%), grupos étnicos autóctones (28%), europeus ibéricos (1%)
Idioma: português (oficial) e crioulo
Religiões principais: cristianismo (cerca de 95% da população)
IDH: 0,646 (Pnud 2014) - médio
Esperança de vida: 72 anos
Analfabetismo: 19%
ECONOMIA:
PIB (Produto Interno Bruto): US$ 3,6 bilhões (estimativa 2016)
PIB per Capita: US$ 6.870 (estimativa 2016)
Força de trabalho: 203 mil trabalhadores (estimativa 2016)

Moeda: escudo cabo-verdiano

Brasão de armas de Cabo Verde

RELAÇÕES INTERNACIONAIS:

Organizações que participa: ONU (Organização das Nações Unidas), FMI (Fundo Monetário Internacional), Banco Mundial, UA (União Africana), e CPLP.

A população local é de cerca de 526 mil habitantes, mas os caboverdianos na diáspora (especialmente Europa Ocidental e Estados Unidos da América) chegam a mais de um milhão[1]. A densidade populacional é de cerca de 119 habitantes por km^2 e mais de 80% da população vive nas regiões urbanas. As ilhas estão dividas em dois grupos de acordo como a direção do movimento dos ventos que cruzam o arquipélago: as Ilhas do Norte (Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Ilha do Sal e Boavista), chamadas de ilhas do Barlavento; as Ilhas do Sul (Maio, Santiago, Fogo e Brava), chamadas de ilhas de Sotavento [2]. A ilha de Santiago é a maior ilha, onde está situada a capital do país (Cidade da Praia) e a ilha com mais habitantes.

Figura 1
Bandeira de
Cabo Verde

A divisão dialetal de Cabo Verde pode ser explicada pela forma como foram povoadas as ilhas. Primeiramente foi povoada a Ilha de Santiago, seguida da ilha do Fogo. Em uma segunda fase foram povoadas as ilhas de Santo Antão e São Nicolau e numa terceira fase as demais ilhas. As ilhas de Fogo, Santiago, São Nicolau e Santo Antão foram as únicas que receberam escravos diretamente do continente africano. As

[1] Dados do Instituto Nacional das Estatísticas (INE) – ver INE (2012).

[2] Os termos 'Barlavento' e 'Sotavento' são termos náuticos muitos usados na época das expansões marítimas. **Barlavento:** a direção de onde vem o vento e **Sotavento:** a direção para onde vai o vento – ver Pomar (2008).

demais ilhas foram povoadas com pessoas vindas das quatro ilhas primeiramente povoadas e colonos vindos da metrópole e das ilhas de Madeira e Açores – ver Lopes (1989).

Os dois grupos dialetais são claramente distinguíveis entre si por traços característicos de cada grupo: fonéticos/fonológicos, lexicais, semânticos, pragmáticos e bem provavelmente os sintáticos. Para além das divisões macrodialetais (Barlavento e Sotavento), cada ilha possui seu próprio dialeto e que é diferente dos demais dialetos das outras ilhas. Mas mesmo com as diferenças dialetais entre as ilhas, um dialeto de uma ilha de Barlavento será sempre mais próximo do outro dialeto de Barlavento do que qualquer outro de Sotavento, e vice versa para qualquer um dos dialetos de Sotavento.

Figura 2 – Divisão Regional de Cabo Verde

Fonte: http://www.africa-turismo.com/mapas/cabo-verde.htm

Cabo Verde foi descoberto em 1460 pelos portugueses – ver Cabo Verde (2012). Foi de imediato povoado com escravos vindos da costa ocidental africana e portugueses. Foi uma colônia de Portugal até 5 de Julho de 1975, quando se tornou em um país

independente. Em 13 de Janeiro de 1990 foi introduzido oficialmente o sistema pluripartidário que levaria a uma democracia tida como exemplo para o continente Africano, o que vem sido demonstrado ao longo das eleições realizadas, sendo a última em 2016.

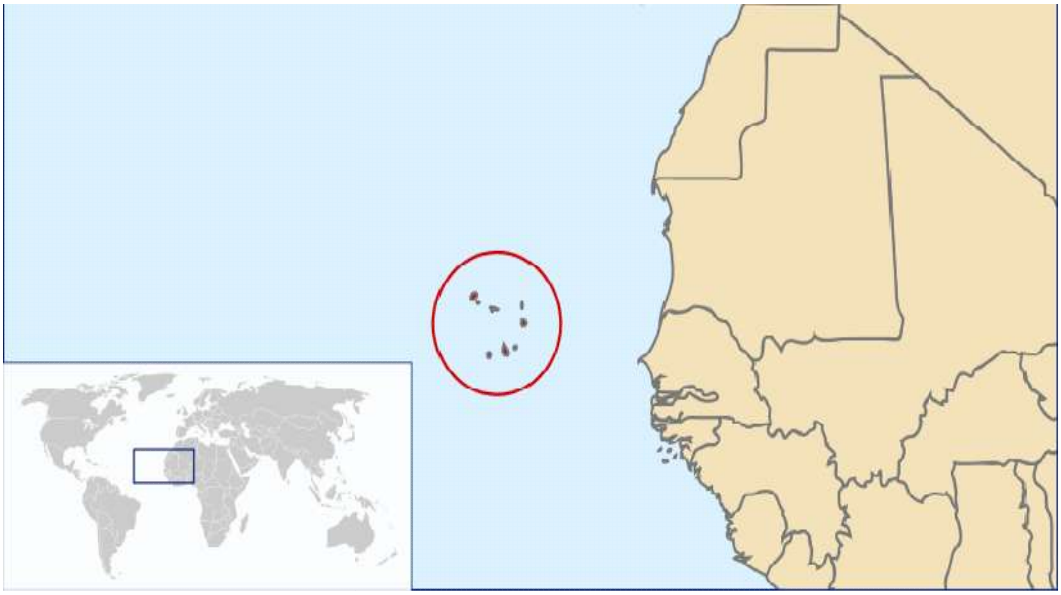


Figura 3 – Localização de Cabo Verde no Globo

Fonte: Google Imagens

CAPÍTULO II

REFERENCIAL METODOLÓGICO-TEÓRICO

INTRODUÇÃO DO CAPÍTULO

Neste capítulo apresenta-se o referencial metodológico-teórico utilizado na elaboração da Tese. Por questões de organização, o capítulo está dividido em duas grandes seções: (i) uma primeira em que é apresentado o referencial metodológico empreendido na coleta e organização dos *corpora*; (ii) uma segunda em que é apresentada a fundamentação teórica usada para descrição e análise dos dados. Por meio do referencial teórico foram organizados a coleta e o tratamento dos dados.

Na primeira seção, a do referencial metodológico, são apontados os seguintes passos: (i) a delimitação do objeto do estudo, voltada para o português falado em Cabo Verde – PCV; (ii) a seleção das técnicas utilizadas na preparação para o trabalho de campo; (iii) a escolha dos auxiliares linguísticos; (iv) a coleta dos dados; (v) o tratamento, a transcrição e a delimitação dos dados; (vi) a criação de *corpora*; (vii) a delimitação de um *corpus* específico.

Na segunda seção, a da fundamentação teórica, são explicitados os principais conceitos teóricos utilizados para a análise formal dos dados, tais como: (i) conceitos fundamentais da teoria gerativa ligados à tese: as dimensões objetiva (Língua-E) e subjetiva (Língua-I) da linguagem; a modularidade da linguagem; uso do modelo representacional *versus* o modelo derivacional; (ii) questões ligadas à aquisição da linguagem, bilinguismo e GU: o conceito de Bilinguismo Universal e o conceito de Bilinguismo Real.

2.1. REFERENCIAL METODOLÓGICO

A pesquisa que embasa esta Tese, centrada em dados de fala, está dividida em duas fases: (i) a etapa 'pré-exame de qualificação' que compreende uma primeira visita e trabalho de campo para a coleta, tratamento e descrição dos dados de 'fala espontânea'; (ii) a etapa 'pós-exame de qualificação' que compreende duas visitas e trabalhos de campo para a coleta, tratamento e análise de dados específicos, obtidos por meio de 'elicitação formal'.

Os dados coletados nas duas fases apontadas acima são a base para o tratamento descritivo e as análises dos pronomes-Q que se atestam nos capítulos IV, V e VI: (i) na

primeira parte de cada um desses capítulos, faz-se a descrição do grupo de pronomes-Q sob análise, com base nos dados coletados na primeira fase (dados de 'fala espontânea'); (ii) na segunda parte desses capítulos, desenvolve-se a análise sintática do grupo de pronomes-Q sob investigação valendo-se, principalmente, dos dados da segunda fase ('elicitação formal'). No entanto, os dados da primeira fase – dados de 'fala espontânea' – não são de todo ignorados na etapa de análise, já que é a partir da análise dos dados de 'fala espontânea' que os dados elicitados foram 'provocados'.

2.1.1. **Técnicas Preparatórias para o Trabalho de Campo**

Ao se tomar o PCV como objeto da pesquisa, apercebeu-se, de imediato, um problema relacionado aos *corpora*: ausência de pesquisas que delimitam "dialetos" ou subvariedades do português em falado Cabo Verde. Esse fato poderia ser um problema para a coleta e delimitação dos dados.

A questão dialetal estaria, portanto, fora do escopo da pesquisa, haja vista a Tese não centrar-se neste aspecto. Então de imediato, levantou-se a seguinte pergunta: que área(s) de fala do PCV, a pesquisa estaria, portanto, centrada? Da resposta a essa pergunta, percebeu-se que a área de fala a ser investigada seria a dos falantes inseridos em ambientes acadêmicos. Logo, tais falantes 'representariam' o PCV.

Para se chegar, portanto, a essa "área de representação" do PCV, iniciou-se um processo que teve, como proposta inicial, a coleta da fala de alunos do ensino superior em Cabo Verde e de pessoas com formação superior que fizeram seus estudos em Cabo Verde. Essa "área coletada" foi denominada: Português Caboverdiano Acadêmico – PCA. Note-se, no entanto, que não há comprometimento, no tocante ao PCA, com o termo "dialeto" ou "variedade". O PCA, naquele momento da pesquisa, tratava-se, portanto, de uma "delimitação técnica" com fins de apreensão de *corpora*.

Durante o processo da pesquisa, após a coleta, transcrição e as primeiras análises dos dados, surgiu a necessidade de se reformular o que vinha sendo denominado de PCA. O motivo que desencadeou esta reformulação foi o fato de se ter constatado que o grupo selecionado como objeto de estudo não se constituía um grupo homogêneo em termos sociolinguísticos como se pareceu crer no início. Em outras palavras, à medida que a análise do *corpus* começou a ser feita, percebeu-se que os falantes selecionados, embora estivessem envolvidos em 'ambiente acadêmico', apresentavam marcas distintas em sua fala: (i) os falantes do PCV sob investigação são provenientes de regiões distintas de Cabo Verde – áreas dialetais distintas – o que, possivelmente,

afetaria o *corpus*; (ii) os falantes do PCV atestam diferentes níveis de proficiência em português – cf. Lopes A. (2011: 13-16). Decidiu-se, portanto, com base na problemática apontada acima, denominar todo o *copus* de PCV, haja vista, estar fora do escopo desta pesquisa, como já mencionado, uma abordagem de possíveis dialetos do PCV.

Primeiramente, foram organizados os critérios de levantamento de dados e criação de *corpora* do PCV. De antemão, foi previsto que os *corpora* seriam limitados somente a dados de fala do PCV e não a dados de oralidade, haja vista a 'fala' tratar de uma distinção ligada à modalidade de uso da língua e 'oralidade' tratar de uma distinção ligada a práticas sociais – ver entre outros (MARCUSCHI, 2004: 25). Pelo fato do português ser falado em Cabo Verde somente em instâncias formais de comunicação (isto é, o português é excluído do círculo familiar e de situações informais do cotidiano caboverdiano), a opção foi pela coleta de dados a partir das situações de uso *in loco*. As principais fontes consideradas foram os meios de comunicação social (rádio e televisão), cujos conteúdos estão livremente expostos na internet, podendo ser acessados a partir de qualquer parte do mundo[3/4]. Outras fontes de dados consideradas foram as instâncias de educação formal, pois, é possível coletar dados do PCV em qualquer sala de aula do país – em Cabo Verde toda a educação formal se dá em português (com exceção de cerca de cinco salas de aulas do ensino primário em todo país que estão inseridas no projeto piloto de educação bilíngue em PCV e CCV como é mencionado mais adiante). A princípio, delimitou-se que a coleta de dados seria somente com os alunos do nível superior que estudam nas Universidades em Cabo Verde (em formação ou já formados). Tal decisão foi tomada com base na hipótese de que os alunos do nível superior em Cabo Verde já possuem certa proficiência em língua portuguesa e não têm, portanto, influência direta do Português Europeu-PE ou do Português Brasileiro-PB. Esses alunos que estudam a nível do ensino superior em Cabo Verde são diferentes dos alunos que estudam fora do país, pois os que se deslocam para prosseguir seus estudos em Portugal e no Brasil são influenciados pelo PE ou pelo PB.

---

[3] Na mídia, o caboverdiano tem certa liberdade de escolha da língua em que se expressa (crioulo ou português), apesar de certas funções sociais levarem o falante a quase uma "imposição" de se expressar em português, haja vista que a ocupação de certos cargos implica em alguma educação formal, o que está associado a um certo domínio da língua portuguesa.

[4] A Rádio Televisão de Cabo Verde (RCV) tem em andamento um projeto de digitalização e divulgação aberta na internet de mais de 30 anos de programação. Isso indica que é possível fazer recortes de dados de até 30 anos atrás ou até anteriores a este período – ver RTC (2011).

A coleta de dados em meio a alunos de nível superior em Cabo Verde se justifica ainda pelo fato de ter havido um aumento considerável, nos últimos dez anos, do número de alunos matriculados em Instituições de nível superior e também um aumento do número de Instituições de ensino superior no país. Informa-se através da Televisão de Cabo Verde – TCV que o número de alunos no nível superior passou de 700, em 2001, para 12.000 em 2011, ou seja, um aumento em mais de 1500%. Nesse mesmo período, a taxa bruta de educação superior aumentou de 1,8% para 21,1% – ver RTC (2012).

Pensava-se que as entrevistas na mídia seriam uma boa fonte para dados dos alunos de nível superior, mas o que se nota através de uma busca rápida nos Bancos de dados da RTC, é que existem gravação de alunos de nível superior, em que praticamente todos fazem sua intervenção em CCV (e não em português), mesmo quando o assunto é de ordem acadêmica. A título de exemplo, pode-se ver uma entrevista com alunos da Universidade Jean Piaget – ver RTC (2011b). Mesmo quando esses alunos estão relatando uma experiência como a de estágio de dois meses no Brasil, todos optam pelo CCV em detrimento do PCV – ver RTC (2011c).

Após ter delimitado o grupo (área de português) em que a pesquisa seria concentrada, o processo seguinte foi o da escolha das técnicas adequadas para a coleta de dados, tendo-se ciência de se estar fazendo, de fato, 'trabalho de campo'. Apesar de do escopo da pesquisa objetivar a análise dos dados, fez-se necessário a construção dos dados a serem analisados. Logo, devido ao escopo do trabalho, criou-se, inicialmente, uma descrição do *corpus* do PCV, descrição esta centrada em pronomes-Q. Assim sendo, desde o princípio, assumiu-se a postura do 'linguista de campo'. Para Bowern (2010: 314; tradução nossa):

> [...] o trabalho de campo é qualquer tipo de coleta de dados linguísticos em que o linguista usa informações de um conjunto de falantes interagindo uns com os outros em seu ambiente habitual.

Portanto, os *corpora* em que se assentam a descrição e a análise do PCV nesta Tese são resultado de três trabalhos de campo em Cabo Verde que resultaram em cerca de 30 horas de gravação – detalhes são apresentados nas subseções (2.1.1, 2.1.3 e 2.1.4).

No tocante às técnicas para a coleta de dados, foi considerado o fato de que o ambiente sociolinguístico caboverdiano encontra-se, segundo a literatura, em uma situação de bilinguismo/multilinguismo disfuncional (diglossia), envolvendo o uso do português (PCV) e do cabo-verdiano (CCV) (VEIGA, 2004: 38; LOPES, 2011; entre

outros). Devido, portanto, à evidente situação de contato linguístico em Cabo Verde, recorreu-se da literatura do contato como ponto de partida para o trabalho de campo.

Seguindo Bowern (2010), buscou-se evitar aquilo que é a tendência da maioria dos linguistas, ao realizarem seus trabalhos de campo: coletar apenas dados de falantes monolíngues, evitando-se assim quaisquer possibilidades de se obter "dados contaminados", isto é, dados afetados pelo contato linguístico. Porém, a autora enfatiza que:

> [...] se o objetivo do trabalho de campo é realmente produzir uma documentação precisa de uma variedade linguística tal como ela é falada por um grupo de falantes, os fenômenos de contato linguísticos devem fazer parte do mesmo e devem ser documentados também. Ignorar codeswitching, empréstimos e outros fenômenos de contato é produzir uma descrição artificial daquela língua (BOWERN, 2010: 346; tradução nossa).

A partir ainda da autora (op. cit.), opta-se por considerar alguns fatores importantes na programação de um trabalho de campo tais como: (i) quais são as línguas usadas na comunidade? (ii) Qual é o nível de proficiência de cada falante em cada língua falada? Todos os falantes falam todas as variedades usadas na comunidade? (iii) Caso a resposta à questão (ii) seja não, quem fala o quê? (iv) Quais são as condições em que cada língua é adquirida e usada? (v) Para quem os falantes falam, e qual língua que usam quando eles falam com quem falam? (vi) Em que circunstâncias são usadas as diferentes línguas? (vii) Quando as pessoas se comunicam, como elas usam cada uma das línguas? (viii) Os falantes fazem uso de *codeswitching*? (ix) Todo mundo possui o mesmo nível de multilinguismo, ou existe um multilinguismo assimétrico? (x) Quais são os fatores que controlam quem é multilíngue? (xi) Todos os setores da comunidade participam do multilinguismo ou somente alguns poucos? (BOWERN, 2010: 341-343, 347).

As perguntas (i)-(xi) acima, apontadas por Bowern (2010) foram significativas para a "construção de técnicas" organizadas em campo, haja vista ser o pesquisador falante nativo tanto do PCV quanto do CCV.

Dessa forma, consciente dos diferentes graus de domínio das duas línguas faladas em Cabo Verde por parte dos falantes a serem entrevistados, possibilitou-se estar atento a possíveis fenômenos "de contato" presentes nos dados como 'empréstimo' e 'imposição' – sobre empréstimo e imposição ver (WINDFORD, 2010: 46).

A principal técnica utilizada para a pesquisa de campo foi a da elicitação: *"a elicitação é um tipo de entrevista formal ou semiformal, e os contextos formais tendem*

a elicitar certas variedades específicas em áreas com alto grau de diglossia." (BOWERN, 2010: 350; tradução nossa).

Segundo a autora (op. cit.), a técnica de elicitação pode desfavorecer o uso das variedades com menor prestígio social; uma solução para minimizar esse problema é recrutar assistentes locais para realizarem a entrevista (BOWERN, 2010: 351).

Em Cabo Verde, a língua de menor prestígio é o CCV. Porém, embora de menor prestígio, o CCV tem grande valor identitário e cultural para o falante caboverdiano. Apesar do português ser a língua de maior prestígio, ela é a língua excluída das situações informais em Cabo Verde[5], pelo que foi necessário recorrer a técnicas para elicitar o português.

Ainda, dentro da técnica de elicitação, foi utilizada a 'tradução' – que é um subtipo de elicitação. A 'tradução' consiste em se solicitar ao falante que traduza frases da língua em "situação de contato" (no caso o CCV) para a língua objeto de estudo (no caso o PCV).[6]

Bowern (2010: 352) incentiva o pesquisador a aprender a língua estudada. Como falante nativo das duas variedades, o PCV e o CCV, o autor desta Tese foi grandemente privilegiado no trabalho de campo em Cabo Verde. Porém, mesmo sendo falante nativo do PCV, para a organização do *corpus* específico da Tese, não foi usado, como 'documentador' (DOC), nenhum dado de fala do autor desta Tese. No entanto, em determinados contextos, fez-se uso da intuição enquanto falante nativo do PCV.

2.1.1.1. Aspecto Relacionado à Questão Ética da Pesquisa

No último trabalho de campo, foi finalizado um aspecto relacionado à questão ética da pesquisa: a coleta dos "Termos de Consentimento", assinados pelos participantes da pesquisa.

Os princípios que regem os protocolos para a realização de pesquisa de campo em Cabo Verde, elaborados com a finalidade de garantir a ética na pesquisa, seguem as mesmas regras de sociedades ocidentais, como o caso da brasileira. Sendo assim, as relações individuais devem ser levadas em conta. Por tal razão, para esta pesquisa, foi elaborado um "Termo de Consentimento" em que cada entrevistado concede a permissão de se coletar a sua fala e usá-la em forma de dados transcritos para a pesquisa sem fins lucrativos.

---

[5] Sobre o fato do PCV estar excluído das situações informais em Cabo Verde, ver: VEIGA, 2004: 38; LOPES, 2011; entre outros.

[6] Nesse trecho adapta-se (BOWERN, 2010: 353) à situação de Cabo Verde.

Durante a segunda viagem de campo, procedeu-se ao término das solicitações dos "Termos de Consentimento" de todos os entrevistados que compõem o conjunto pesquisado para esta Tese – ver modelo em Apêndice (01).

2.1.2. **Coleta e Tratamento dos Dados da Fala Espontânea**

Nesta subseção, apresenta-se os procedimentos utilizados para realizar a coleta e tratamento dos dados de fala espontânea, orientando-se nas técnicas preparatórias acima.

2.1.2.1. Pesquisa de Campo/Coleta dos Dados

Realizou-se, de 11 de setembro a 30 de outubro de 2013, trabalho de campo em Cabo Verde com o objetivo de coletar dados para a pesquisa em questão. Seguindo os critérios mencionados na seção anterior, e considerando-se o fator tempo e as possibilidades de locomoção em Cabo Verde, optou-se por fazer a coleta de dados em duas ilhas como justificado a seguir:

(a) Santiago, mais precisamente na Cidade da Praia: (i) por ser a Cidade da Praia o lugar com a maior concentração de Instituições de ensino superior do país; (ii) pelo fato de, nessa cidade, ser possível conseguir amostras de falas de todas as ilhas, pois os alunos são oriundos das diferentes ilhas de Cabo Verde; (iii) por ser possível, na capital do país, obter-se uma amostra representativa de dados de falantes da região de Sotavento;

(b) Ilha de São Nicolau, pelos seguintes motivos: (i) a variedade do crioulo falada nessa ilha foi o tema de estudo da dissertação de mestrado de Lopes (2012a), também autor desta Tese. Como já mencionado no capítulo Introdução, o estudo da variedade do CCV falada em São Nicolau foi um dos elementos influenciadores que esteve na gênese do projeto desta Tese. Logo, os temas tratados nas duas pesquisas em questão estão relacionados; (ii) os dados coletados em São Nicolau servem como amostra representativa (coletada *in loco*) de uma ilha do grupo de Barlavento.

Após a delimitação geográfica para a coleta dos dados, procedeu-se à escolha das técnicas adequadas para o campo da pesquisa. Com base nos métodos apontados na seção (2.1), ao se realizar o trabalho de campo, procurou-se as instâncias em que a língua portuguesa é usada em Cabo Verde. Cabe destacar, que os alunos, ainda que no nível superior, fazem uso da língua portuguesa somente em contextos formais

obrigatórios.[7] Isso se dá em todos os níveis de ensino em Cabo Verde. Mesmo quando fazem revindicação de seus direitos, incluindo os relacionados à educação, os alunos o fazem em crioulo (CCV). A sala de aula foi tomada, portanto, como uma fonte de recolha de dados, mas não como a principal, pois dependia muito da participação dos alunos.

Os métodos utilizados para a coleta de dados foram os seguintes:

(a) Entrevista individual por meio de inquérito com 6 alunos do ensino superior

O material para essa entrevista consiste de um cabeçalho no qual foram recolhidos os *metadados*[8] dos falantes e uma série de perguntas sobre o uso específico de cada pronome-Q. A elaboração desse inquérito foi feita embasada na técnica de elicitação, apontada na seção (2.1) – ver amostra do modelo do inquérito em Apêndice (1).

(b) Conversação informal entre alunos do ensino superior na ilha de Santiago

A técnica utilizada foi a de elicitação, referida na seção (2.1). Como já mencionado, em Cabo Verde, a língua utilizada para qualquer contexto da conversa informal é o CCV e não o PCV. Para o debate, foram escolhidos dois conhecidos do pesquisador (aqueles que viriam a ser o moderador da conversa e o anfitrião), os quais foram encarregados de convidar outros amigos cursando o ensino superior. Foram sete participantes no total (incluindo o moderador e o anfitrião), alunos do ensino superior de diversas áreas de conhecimento e de duas Instituições de ensino superior (UNI-CV, a única universidade pública do país e a Universidade Jean Piaget, a mais antiga universidade privada). A conversa foi moderada por um aluno já formado em Licenciatura e em Estudos Caboverdianos e Língua Portuguesa pela Universidade de Cabo Verde. O encontro foi na casa de um dos participantes com o objetivo de favorecer um ambiente familiar a todos os envolvidos. Foram abordados assuntos diversos do cotidiano caboverdiano, especialmente aqueles que envolvem a camada jovem, sendo que a idade média do grupo é de 24 anos. O pesquisador atuou apenas como documentador (DOC) da conversa, e sua única participação na conversa, foi quando um dos falantes mencionou um assunto que era totalmente de seu desconhecimento. Por ser um assunto interessante, o documentador solicitou que o

---

[7] Na reportagem da RTC (2012b) observam-se alunos da única Universidade pública de Cabo Verde reivindicando seus direitos como alunos. Todos os intervenientes usam o CCV e não o PCV.

[8] Metadados e Anotações – informações em que o pesquisador requer acerca dos dados e do auxiliar linguístico: pelo menos idade (ou idade aproximada), sexo, proficiência linguística, classe social, profissão (se for o caso). Anota-se, ainda, onde e quando cada sessão foi gravada, e quem mais estava presente no ato da gravação (BOWERN, 2010: 353) – ver Apêndice (2).

falante fornecesse maiores detalhes, o que acabou levantando outras questões no debate. O tempo total da conversação foi de duas horas.

(c) Reunião de planificação de professores da escola de ensino básico (1º ao 6º ano de escolaridade) Lucília Freitas, cidade de Tarrafal, ilha de São Nicolau

Novamente, a técnica utilizada foi a da elicitação, pois, mesmo em reuniões de planificação (uma instância formal de língua), os professores interagem em crioulo. O pesquisador solicitou ao seu irmão, professor de ensino básico há cerca de 20 anos, que convidasse seus colegas para uma conversa informal sobre assuntos relacionados ao dia a dia na escola. Todos os quatro participantes eram professores com formação profissional pelo Instituto Pedagógico (equivalente ao antigo Magistério brasileiro). A conversa foi moderada por um dos professores e os assuntos abordados foram todos relacionados com o dia a dia na escola. O local escolhido para a conversa foi o terraço de um bar/restaurante da cidade. O material coletado totalizou uma hora e meia de conversação registrada em dois dispositivos audiovisuais.

(d) Diálogo em sala de aulas com alunos universitários

O pesquisador esteve em quatro turmas de cursos de graduação da UNI-CV para coleta de dados. No entanto, o interesse não estava na fala do professor, pois os professores universitários em Cabo Verde, de modo geral, obtiveram sua formação fora do país. Logo, os professores contatados permitiram a interação do pesquisador com os alunos.

A fim de suscitar a participação dos alunos, apresentava-se um tema relacionado à situação sociolinguística caboverdiana, em especial a obrigação de usar o português em sala de aula. Na medida do possível, buscou-se o máximo de informação sobre os metadados dos alunos[9] em cada sala de aula. Por ser sala de aula, o diálogo foi em língua portuguesa, mas os alunos foram praticamente unânimes em manifestar o desejo de poderem utilizar livremente o crioulo em sala de aula. O material coletado em tal ambiente de formalidade totalizou 2 horas e meia.

(e) Diálogo em sala de aula com alunos do ensino médio (10º ao 12º ano)

Mesmo não estando incluídos no grupo linguístico selecionado como objeto deste estudo, optou-se por coletar dados de alunos do ensino médio, considerando que estes formam o grupo pré-universitário. A coleta de dados foi feita à semelhança do que foi feito com alunos universitários, tal como demonstrado acima. A observação feita é

[9] Neste capítulo e nesta Tese, refere-se aos informantes como "auxiliares linguísticos". No entanto, nos *corpora* e no corpus específico, o termo "informante" (INF.), por questões de simplificação, é mantido.

de que alunos desse grupo se mostraram muito inseguros/relutantes em se expressar em português. O material coletado desse grupo totaliza cerca de duas horas de material audiovisual, mas não foi transcrito, servindo apenas como material de apoio, por esse grupo não ter atingido ainda o grau acadêmico tomado (ensino superior) como delimitação mínima para os auxiliares linguísticos nesta Tese.

(f) Gravação de aulas ministradas por professores do ensino básico

Foram gravadas aulas de dois professores do ensino básico na escola Lucília Freitas na cidade de Tarrafal, ilha de São Nicolau. Por serem professores e terem formação profissional adquirida em Cabo Verde, enquadram-se, portanto, no grupo demarcado para o estudo desta pesquisa. O foco da coleta de dados nesse contexto sociocomunicativo era a fala do professor, mas a coleta nesta acabou por permitir a observação de fatos curiosos: esperava-se que os alunos, nesse nível de escolaridade, por estarem em um nível acadêmico mais baixo que o dos alunos do ensino médio, se mostrassem inibidos ao se expressarem em português. Porém, foi observado o contrário: o professor teve que limitar a fala de muitos que se mostraram ávidos em participar, contrário ao observado com o grupo do ensino médio. O material coletado nesse ambiente totaliza cerca de uma hora e meia. A fala predominante é a do professor, mas há instâncias da fala dos alunos que não foram de todo ignoradas nesta pesquisa.

(g) Gravação de aulas ministradas por professores do ensino médio

Foram gravadas aulas de quatro professores do ensino médio, pois esses se enquadram no grupo selecionado para este estudo, tendo formação superior adquirida em Cabo Verde. Três desses professores, cujas aulas foram gravadas, são professores na ilha de São Nicolau; o outro professor é da ilha de Santiago. Um dos quatro professores leciona a disciplina de matemática e os outros três a de língua portuguesa. O único professor gravado da ilha de Santiago é professor de língua portuguesa. Foram gravadas quatro aulas desse professor em quatro turmas diferentes. A fala predominante nesse tipo de registro é a do professor, mas há momentos de intervenção dos alunos.

Após a coleta de dados, prosseguiu-se, de imediato, com o processo de transcrição e organização do *corpus* específico.

2.1.2.2. Transcrição dos Dados da Fala Espontânea

Para a transcrição dos dados coletados, o autor desta Tese valeu-se da experiência acumulada através do seu envolvimento no Projeto Piloto IPHAN-USP – ver Petter &

Oliveira (2011)[10]; recorreu-se ainda à técnica utilizada no Manual do "Projeto Libolo" que se vê em Bandeira, Figueiredo, Freitas, Lopes, Oliveira, Santos & Silva (2014)[11].

A participação do autor desta no Projeto IPHAN/USP teve ligação direta com o seu vínculo enquanto mestrando no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – DLCV/FFLCH-USP. Nesse Departamento estava – e está – vinculado a um Grupo de Pesquisa: Grupo de Estudos de Línguas em Contato (GELIC). No GELIC, desde o IPHAN/USP, no tocante à transcrição de dados da fala, opta-se pelo uso da chave de transcrição proposta pelo Projeto Vertentes[12], que tem como critério básico o registro de fatos linguísticos observados na fala de informantes e que particularizam seu dialeto. Esses fatos linguísticos podem ser apontados de diversas formas:

> [...] tanto no nível fônico, quanto no morfossintático (ausência de concordância ou de nexos gramaticais - preposições, complementizadores, etc. -, objetos nulos, quebras no encadeamento sintático dos enunciados, etc.) – Lucchesi (2012: 01).

Além do IPHAN/USP, outro Projeto somou-se ao auxílio à transcrição dos dados: o "Projeto Libolo". Este Projeto liga-se também ao GELIC por ter como uma das coordenadoras, a Profª Márcia Oliveira (DLCV/FFLCH–USP), orientadora desta Tese. No "Projeto Libolo", objetiva-se a promoção de estudos multidisciplinares: linguística, história, antropologia – sobre o 'Projeto Libolo' ver Figueiredo & Oliveira (2016).

Embora a experiência no Projeto IPHAN/USP tenha sido valiosa e o Manual do 'Projeto Libolo" tenha proporcionado técnicas imprescindíveis para a organização dos dados – principalmente com relação ao *corpus* específico[13] – no tocante à transcrição dos dados, deparou-se com desafios próprios do PCV que levaram o autor desta Tese a

---

[10] Por meio de participação direta no Projeto Piloto IPHAN-USP, adquiriu-se experiência que pôde ser diretamente aplicada a esta Tese. No Projeto IPHAN/USP, o autor desta Tese atuou na monitoria geral de todas as transcrições no *website* do projeto. As principais tarefas durante o projeto foram: (a) catalogar e arquivar todo o material audiovisual coletado durante as visitas de campo realizadas pelos monitores responsáveis por essa tarefa; (b) 'tratamento' de todo o material audiovisual e subdivisão de peças para as transcrições – foi preparado um total de 81 'peças' de material de áudio que foram então transcritas; (c) catalogar, identificar e referenciar cada transcrição, estabelecendo a correspondência com o respectivo arquivo áudio e inserindo-as *website* do Projeto; (d) 'alimentar' e manter o *website* criado especificamente para o Projeto; (e) participar de uma visita de campo, em dezembro de 2010, à Comunidade Quilombola de Jurussaca, Pará, uma das comunidades inventariadas no projeto.

[11] O autor desta Tese é um dos autores desse manual.

[12] O Projeto Vertentes tem como objetivo delimitar o panorama sociolinguístico do português popular do estado da Bahia a partir de três universos linguísticos: o português falado nas comunidades rurais afro-brasileiras, o português popular do interior do estado e o português popular da cidade de Salvador. Para maiores informações sobre o Projeto, ver: Lucchesi (s/d).

[13] Ratifica-se que os *corpora* do Projeto IPHAN/USP e do 'Projeto Libolo' seguem, em parte, Luchesi (s/d).

propor uma chave de transcrição específica os dados dos *corpora* – ver Chave de Transcrição do PCV no Apêndice (3).

A ementa da disciplina de Introdução aos Estudos de Língua Portuguesa II (IELP II) do DLCV/FFLC-USP, no segundo semestre de 2014, possibilitou à Profª Márcia Oliveira, trabalhando com a temática fala/oralidade, a solicitar aos alunos a transcrição de dados de duas variedades do português faladas na África: o português falado no Libolo e o português falado em Cabo Verde. Quanto a este último, os dados transcritos são parte dos *corpora* desta Tese. Para o trabalho das transcrições, o autor desta Tese assessorou os alunos no tocante às transcrições dos dados do PCV.

O trabalho de transcrição realizado pelos alunos do IELP-2 em 2014, permitiu que se atentasse as interferências do CCV no PCV. A seguir, exemplifica-se, um trecho de transcrição apresentando a questão:

(1) PCV - Moretti & Lopes (2014)

INF1: Complete as frases com o verbo...
INF2: Não, professor, agora é quatro.
INF1: Agora é, agora é quatro, não é.
INF2: Não, não terminamos o três, professor.
INF1: Eu acho que...ela precisa passar um aviso sobre estas turmas...
INF4: Professor já temos...
INF5: Boa tarde!
INF4: *Kin ki Lúcia li? Ok, bo dtretor di turma fala pa bo rakodjê nómi di tudu minis ki sta partisipa na kel turma li. Y mininas y rapázis pa nhos bai da nómi la dibaxu. Sta (ININT) pa dôs algen, nos ta... bo ta bai bo ta toma nómi sima kes dos algen ta bai intregá-s gosili, pamó (ININT). Ti manhã, el fala pa nhos ka skesi traze dinheru manhã, ok*?[14]
INF1: Ok, então, o Jacinto disse que ainda não terminamos o três, não é?
INF2: Nós já terminamos sim

A aluna do IELP2 que fez a transcrição associou o trecho em caboverdiano como "inaudível". No entanto, tal trecho trava-se de uma fala interveniente no diálogo não mais em PCV, mas em CCV. Logo, tais ocorrências do CCV nos dados, percebidas pelo autor desta Tese, passaram a ser transcritos.

O leitor poderia, no entanto, se perguntar: "qual o motivo que levou o pesquisador a se preocupar em transcrever o CCV – como em (1) – além de compor a

[14] Tradução do trecho em itálico:
Quem é Lúcia aqui? Ok, o seu diretor de turma mandou coletar o nome os que vão participar desta turma. E meninas e rapazes devem ir oferecer os vossos nomes lá em baixo. Está (ININT) para duas pessoas, nós vamos... você vai e você toma o nome de forma que essas duas pessoa possa ir entregá-los agora mesmo. Porque (ININT). Até amanhã, ele disse que pra vocês não esquecerem de trazer o dinheiro amanhã, ok?

‘peça’ da transcrição?“. Essa pergunta seria pertinente, já que o objetivo das transcrições, nesta pesquisa, é a obtenção de dados do PCV. No entanto, o intuito do pesquisador ao incluir, na(s) transcrição(ões), como em (1), o CCV deu-se pelo fato de que estava ciente de estar compondo um conjunto de *corpus* inédito sobre o PCV e, embora fora do escopo deste estudo, a situação de contato que pode ser vista a partir desses *corpora* – que incluem fenômenos como ‘interferência’, ‘codeswitching’ – ver entre outros (BOWERN, 2010: 346) – constitui-se um objeto de pesquisa extremamente rico para os próximos anos – não só para os fins desta pesquisa, mas para vários outros pesquisadores que se interessem pela situação de contato linguístico e pelo português falado na África. Logo, é apresentada uma amostra desse tipo de transcrição realizada no Apêndice 2.

Na chave de transcrição do Projeto Vertentes não se prevê ‘exatamente’ tais situações de transcrição envolvendo o ‘contato linguístico’ entre línguas como em (1), pois, nessa chave, a transcrição é voltada para a fala em variedades vernaculares de português. Logo, mais uma vez reforça-se a necessidade de se adaptar/criar uma chave de transcrição para o PCV – ver Apêndice (3). Nos casos de transcrição da fala em CCV presente nos dados transcritos, como o trecho em itálico em (1), utilizou-se, portanto, uma “transcrição” considerada mais ‘apropriada’. No caso, o Alfabeto Caboverdiano (antigo Alfabeto Unificado para a Escrita do Caboverdiano – ALUPEC) – sobre ALUPEC ver Cabo Verde (2009).

Ratifica-se, portanto, que a chave de transcrição para o PCV realiza-se a partir da Chave de Transcrição do ‘Projeto Vertentes’ – Luchesi (s/d) – e ainda da chave de transcrição do ‘Projeto Libolo’.

Por meio da Chave de Transcrição do PCV foram produzidos, portanto, os *corpora* desta Tese.

2.1.2.3. Delimitação do *Corpus* Específico

Após a organização dos *corpora*, a próxima etapa do trabalho com os dados foi selecionar um *corpus* específico para ‘alimentar’ a área temática de investigação desta Tese. Como já referido, o escopo desta pesquisa é ‘pronomes-Q em PCV’, logo, para o *corpus* específico, interessava apenas dados-sentenças contendo morfemas-Q. Sendo assim, todos os *corpora* foram ‘estudados’ de forma individual, à procura de dados com pronomes-Q. A seguir, é descrito os passos empreendidos para essa coleta particularizada e para sua organização específica:

1. criação de quatro macrogrupos: (a) interrogativas-Q; (b) interrogativas-Q indiretas ou encaixadas; (c) pronomes relativos; (d) construções clivadas;
2. criação de tabelas para cada morfema-Q: para as sentenças interrogativas-Q matrizes e as construções relativas, foram separados os dados para cada pronome-Q interrogativo e pronome relativo respectivamente, mas no caso das interrogativas-Q encaixadas e as clivadas, foram organizadas tabelas com os dados como um todo para cada macrogrupo, isto é, sem separar por pronomes-Q;
3. identificação de cada dado: cada dado no *corpus* específico tem a sigla correspondente ao número da linha de onde foi extraído (em caso da necessidade de se localizar o contexto imediato do dado fica fácil fazê-lo). Esta identificação segue o Manual do Libolo – BANDEIRA, FIGUEIREDO, FREITAS, LOPES, OLIVEIRA, SANTOS & SILVA (2014: Anexo 3).
4. numeração automática do dado: as tabelas contendo os dados foram criadas em Microsoft Word. São duas colunas: uma com uma numeração automática e outra contendo o dado. A numeração, além de ser automática, é contínua, ou seja, todas as tabelas estão interligadas entre si – ao inserir um novo dado, este recebe um número automático e todos os dados que vêm depois são renumerados automaticamente. Essa técnica foi muito útil, pois no processo de revisão dos dados, observou-se que em alguns casos, alguns dados foram inseridos no lugar indevido. Logo, ao recortar o dado e colá-lo no devido lugar, ele recebe o número correspondente a sua nova posição e todos os demais dados são renumerados automaticamente. Caso a numeração fosse manual, isso seria impossível, o que resultaria em tabelas confusas e desorganizadas.

Os dados catalogados perfazem um total de 596 sentenças, porém há sentenças em que há mais de um dado, ou seja, mais de um pronome-Q ou repetição do pronome-Q. Neste caso o dado é repetido nos dois ou mais pronomes correspondentes. Para facilitar a leitura dos dados, o pronome-Q em destaque é sublinhado e marcado em negrito. Se o mesmo pronome repete-se no mesmo dado, ele recebe os mesmos grifos em todos os lugares onde aparece – ver amostra do corpus específico no Apêndice (4). (Como já mencionado, este Apêndice baseia-se em BANDEIRA, FIGUEIREDO, FREITAS, LOPES, OLIVEIRA, SANTOS & SILVA (2014: Anexo 3)).

A partir do *corpus* de "Fala Espontânea", foram elaboradas tabelas também específicas para cada pronome-Q. Para explicar o processo empreendido, toma-se como exemplo o pronome relativo *que*, como é demonstrado a seguir:

1. criação de tabelas com numeração automática: foi criada uma nova tabela com numeração automática interligada com a seção da tabela no corpus específico que corresponde a todos os dados com o pronome relativo *que*. No *corpus* específico, os dados com pronome *que* começam no número 308, assim a tabela para análise específica do pronome *que* começa também com o número 308 e todos os outros dados subsequentes seguem a mesma ordem numérica automaticamente. Desta forma para referir ao dado, usa-se somente o número correspondente, logo não há necessidade de se copiar o dado para a nova tabela, economizando espaço para outras informações;
2. criação de colunas específicas: como não é necessário copiar o dado inteiro, pois esse é referido pelo número correspondente, sobra bastante espaço para que se criem colunas específicas. No caso do pronome *que,* foram necessárias, no total, 11 colunas: duas para a tipologia (apositiva e restritiva); seis para as funções sintáticas dentro da REL (sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento oblíquo, adjunto adverbial e modificador nominal possessivo); três para indicar se as preposições são deslocadas, apagadas ou deixadas *in situ*.
3. sinalização das ocorrências: feitas as tabelas, foi verificado cada dado individualmente e por meio de um (X) foi-se marcando, nas tabelas, as ocorrências correspondentes – por exemplo, se a função é sujeito, é sinalizado com um (X) na coluna de sujeito para o dado correspondente;
4. contagem das ocorrências: terminada a marcação de todas as ocorrências para todos os dados (178 no total somente para o pronome relativo *que*), o passo seguinte foi o de contar quantas ocorrências se atestam em cada item; por exemplo, restritiva, apositiva, sujeito, objeto. Feita a contagem, prosseguiu-se com as estatísticas.
5. criação de tabelas resumidas: depois de todo o longo processo descrito acima, foram criadas as tabelas resumidas apresentadas no *corpus* desta Tese. Estas são as tabelas que se vêm na seção de descrição de cada pronome-Q respectivamente – ver amostra do *corpus* específico no Apêndice (4).

Todos esses passos de criação de tabelas podem ser vistos de forma sucinta nas descrições dos pronomes-Q.

Seguiu-se processo idêntico ao descrito acima sobre o pronome relativo *que* para cada um dos outros pronomes-Q. Para a criação das tabelas no *corpus* específico, a sequência dos pronomes-Q dentro dos respectivos macrogrupos foi feita de forma aleatória, mas para a descrição que se vê nos próximos capítulos, seguiu-se um roteiro orientado pelos resultados das análises preliminares – feita a contagem das ocorrências dos pronomes-Q, começou a descrição pelo pronome com maior número de ocorrências e seguiu-se a ordem decrescente até se descrever o pronome-Q com menor número de ocorrências em cada macrogrupo.

2.1.3. **Coleta e Tratamento dos Dados da Elicitacão Formal**

No período de 01 a 14 de agosto de 2015, foi realizada mais uma viagem de campo à ilha de Santiago – Cabo Verde, com fins de coleta específica após o Exame de Qualificação.

Como já mencionado, na primeira etapa desta pesquisa, a análise dos dados foi feita a partir de "entrevistas de fala espontânea". Esta análise levou o pesquisador à consideração da "nulidade" da "estratégia resumptiva" em relativas no PCV – ver parte I do Capítulo IV. Consciente dessa questão, surgiu a necessidade de se voltar a campo com nova estratégia de coleta de dados, dessa vez orientados para coletar dados "provocados", chamados na literatura de "elicitação formal". Sendo assim, sabedor de que todo caboverdiano (nascido e vivendo em Cabo Verde) tem como língua materna crioulo de Cabo Verde – CCV – foi formulado um questionário para o PCV a partir de sentenças do CCV. Portanto, buscou-se, por meio da elicitação formal, centrada nesse questionário:

a) explicar a tendência, evidenciada pela análise dos dados da fala espontânea, dos falantes do PCV evitarem a estratégia *Pied-Pipping*, preferindo à estratégia *P-chopping* de relativização – que deveria favorecer a alta ocorrência da estratégia resumptiva (pelos dados até então analisados, isso não se dá);

b) confirmar ou não a baixa ocorrência/nulidade da estratégia resumptiva no PCV. Caso se, por meio dos novos dados coletados, confirmar a nulidade dessa estratégia no PCV, essa variedade do português estaria de fato se divergindo de outras variedades do português como o português brasileiro, o moçambicano, o

não padrão europeu – ver, entre outros, Taralo (1983); Gonçalves (1990); Alexandre (2000) respectivamente;

c) definir a natureza do relativizador *que* no PCV – a análise dos dados da fala espontânea evidenciou que o morfema *que* é o relativizador com maior frequência de uso (relativizador *default*) na língua PCV – usado em 67% das relativas – (ver Lopes, 2015: 32 - Tabela). Porém, há divergências entre os estudiosos quanto à natureza desse introdutor de relativas: trata-se de um complementizador relativo ou pronome relativo? – cf. Brito (1991); Braga, Kato & Mioto (2009) e Jorge, Lopes & Oliveira (2013) respectivamente.

Assim, com os objetivos (a)-(c), em mente, foi elaborado o "questionário de elicitação formal" para uma nova pesquisa.

2.1.3.1. Elaboração do Questionário de Elicitação Formal

Para a formulação do questionário, como já mencionado, objetivou-se a coleta de dados específicos para contextos sintáticos propícios para a ocorrência das estratégias *Pied-piping, P-chopping* e resumptivas em construções relativas. Além das relativas, objetivou-se também construir elicitações formais para outras construções-Q no PCV. Por conseguinte, foi formulado um questionário composto de três partes: (i) elicitação com sentenças relativas; (ii) elicitação com sentenças interrogativas; (iii) elicitação com construções clivadas.

A seguir, é apresentado a estrutura do questionário, já exemplificado com resultados obtidos após a viagem de campo.

2.1.3.1.1. ***Elicitação com Sentenças Relativas***

A primeira parte do questionário consiste de 10 sentenças com relativas em CCV em que os entrevistados foram solicitados a formularem uma "versão" para o PCV[15]. Essas sentenças em CCV foram formuladas de forma a propiciarem contextos de

[15] A técnica de elicitação formal, como a utilizada neste caso a partir do CCV para o PCV pode ser questionável devido ao fato desta não favorecer o quesito "controle". Porém, como se pode ver no Capítulo 3, As duas línguas estão estritamente ligadas pela situação de contato linguístico, a tal ponto dos próprios auxiliares linguísticos assumirem que ao falar o PCV, o CCV interfere diretamente: alguns auxiliares linguísticos admitiram que pensam primeiro em CCV para depois transpor os pensamentos para o PCV. Dessa forma, pode-se afirmar que a técnica de elicitação formal utilizada segue o paradigma que os auxiliares linguísticos (ainda que não todos assumidamente) já seguem na sua prática sociocomunicativa.

relativização em posições preposicionadas, em especial a posição sintática do objeto indireto. O que motivou isso foi o fato de que, na análise até então, direcionada pelos dados coletados anteriormente, foi atestado apenas uma ocorrência de relativização na posição sintática de objeto indireto da oração encaixada – cf. Lopes (2015: 58 – Tabela (14)). Logo, o questionário visa a ratificar ou não essa baixa ocorrência.

Abaixo, apresenta-se, como amostra, uma das sentenças utilizadas para elicitação com relativa:[16]

(2) **Fernanda manda buska kel fidja ki el ta mandaba dinheru tudu mes**

(*A Fernanda mandou buscar aquela filha que ela mandava dinheiro todo mês*)

Entrevistado	**Versão(ões) do PCV Formulada(s) pelos Entrevistados**
APL	a) Fernanda mandou buscar a filha no qual ele enviava dinheiro todos os meses b) Fernanda mandou buscar a filha no qual ele enviava dinheiro todos os meses
AGM	a) Fernanda mandou buscar aquela filha que ela enviava dinheiro todo mês b) Fernanda mandou buscar aquela filha que enviava dinheiro todo mês c) Fernanda mandou buscar aquela filha que enviava dinheiro todo mês
AAG	a) A Fernanda mandou buscar a filha que ela mandava dinheiro todos os meses b) A Fernanda mandou buscar a filha que ela mandava dinheiro todos os meses
CGS	A Fernanda mandou buscar a filha que ela mandava dinheiro todos os meses
CMC	A Fernanda mandou buscar a filha para quem ela enviava dinheiro todos os meses
ECA	a) Fernanda mandou buscar a filha que ela mandava dinheiro todo mês b) Fernanda mandou buscar a filha que mandava dinheiro mensalmente c) Fernanda mandou buscar a filha que mandava dinheiro mensalmente
EPB	a) Fernanda mandou buscar a sua filha que ela mandava dinheiro todos os meses b) Fernanda mandou buscar aquela filha que ela mandava dinheiro todos os meses
JLT	Fernanda mandou buscar a sua filha a quem mandava mensalmente dinheiro
JDB	Fernanda mandou buscar a filha que ela mandava dinheiro todos os meses

[16] Apêndice (5), Parte I, sentença (3), reenumerada.

JSL	a) Fernanda mandou buscar a filha que ela... lhe mandava dinheiro todo fim de mês b) Fernanda mandou buscar a filha que ela... mandava-lhe dinheiro todos os meses
LGM	a) Fernanda mandou buscar aquela filha que costumava mandar dinheiro todo mês b) Fernanda mandou buscar aquela filha que enviava dinheiro todo mês
LPV	a) Fernanda mandou buscar a filha com que ela enviava dinheiro todos os meses b) Fernanda mandou buscar a filha com que... com quem (mentira) c) Fernanda mandou buscar a filha com quem... a filha que ela enviava dinheiro todos os meses d) Fernanda mandou buscar a filha que ela enviava dinheiro todos os meses pra ela
MST	a) Fernanda mandou buscar a filha pela qual enviava dinheiro todos os meses b) Fernanda mandou buscar a filha pela qual enviava dinheiro todos os meses
REA	a) Fernanda mandou buscar a sua filha que ele enviava dinheiro todos os meses b) Fernanda mandou buscar sua filha que ele enviava dinheiro todos os meses
SPS	A senhor Fernanda mandou procurar aquela filha a quem enviava dinheiro todos os meses

Tabela (1) – "Versões" para o PCV da Sentença com Relativa (1) em PCV

A sentença em CCV (**em preto e negrito**) foi a única apresentada (lida) aos entrevistados. Logo, a sentença apresentada em itálico e entre parênteses, abaixo da sentença (1), corresponde à tradução livre do PCV para a sentença (1) em CCV e é utilizada apenas nesta Tese. Abaixo da sentença para elicitação com relativa (1) e sua respectiva tradução livre, é apresentada a Tabela (1) que compõe-se de duas colunas: (i) uma para a sigla do nome do entrevista entrevistado; (ii) e outra para a(s) respectiva(s) "versão(ões)" para o PCV da sentença com relativa em CCV.

2.1.3.1.2. ***Elicitação Com Sentenças Interrogativas***

A segunda parte do questionário consiste de 16 sentenças interrogativas em CCV, em que os entrevistados foram solicitados a formularem "versões" para o PCV tal como se viu para as sentenças relativas acima. Todas as sentenças usadas na segunda parte do questionário foram extraídas de Alexandre (2009): um estudo sobre as construções-Q no CCV. Logo, as sentenças selecionadas para o questionário são as que Alexandre (2009) utilizou para testar os seguintes fenômenos sintáticos no CCV: (i) a

questão do movimento-Wh; (ii) as estratégias *Pied-piping, P-chopping* e resumptiva; (iii) a estratégia de abandono da preposição com um traço *spell out*, apresentada por Alexandre (op. cit) como uma estratégia alternativa à da lacuna vazia com *pied-piping* – ver Alexandre (2009: 99); (iv) extração-wh de ilhas sintáticas complexas – ver Alexandre (2009: 108); (v) perguntas-Wh *in situ* e o movimento LF – ver Alexandre (2009: 114).

A seguir é apresentado, como amostra, uma sentença para elicitação com interrogativa:[17]

(3) **[**$_{DP/OBJ1}$ **Ken/kenha]**$_i$ ki Djon da **[~~ken/kenha~~]**$_i$ si kasa?
who that Djon give(PFV) POSS.3SG house
Lit.: 'Who did Djon give his house?'
'Who did Djon give his house to?

Alexandre (2009: 97)

A sentença interrogativa em (6), com as glosas e versão em inglês da autora (op. cit.), é apresentada apenas neste relatório. No questionário, a sentença (6) foi lida aos entrevistados como se vê em (sem a sentença em PCV em itálico, que é usada somente nesta Tese como tradução livre do dado em CCV):

(4) **Kenha ki Djon da si kaza?**
(*quem o João deu a sua casa?*)

À semelhança do realizado com as sentenças para a elicitação das relativas, abaixo da sentença para elicitação de interrogativa, há uma tabela com as "versões" formuladas em PCV pelos entrevistados, como exemplificado abaixo:

Entrevistado	**Versão(ões) do PCV Formulada(s) pelos Entrevistados**
AGA	A quem João deu sua casa?
APL	Quem João deu sua casa?
AGM	A quem João deu a sua casa?
AAG	Quem é que o João deu a sua casa?
CGS	Djon ofereceu a casa a quem?
CMC	A quem o João deu a sua casa? A quem o João deu a sua casa?

[17] Apêndice (5), Parte II, sentença (1), renumerada.

	João deu a sua casa a quem?
ECA	Quem o João entregou sua casa? A quem o João entregou a sua casa?
EPB	Que pessoa o João deu a sua casa?
JLT	A quem deu o João a sua casa?
JDB	Quem o João deu a sua casa?
JSL	A quem é que o João deu a sua casa?
LGM	Quem é que João deu a sua casa?
LVP	Quem é que o João deu a sua casa?
MST	A quem o Djon deu a casa?
REA	Quem o João deu a sua casa?
SPS	A quem o João ofereceu a sua casa?

Tabela (2) – "Versões" para o PCV da Sentença com Interrogativa em CCV (1)

2.1.3.1.3. ***Elicitação com Construções Clivadas***

A terceira parte do questionário consiste de seis contextos discursivos elaborados com o objetivo de elicitar dados com construções clivadas. Todos os seis contextos discursivos usados no questionário são extraídos de Zanoli (2014): um estudo sobre as construções clivadas (foco) na variedade da ilha de São Nicolau (região de Barlavento) do CCV. A maioria dos entrevistados é falante de variedades da região de Sotavento. Logo, quando necessário, o documentador (como falante das duas variedades) adequou as sentenças de acordo com a variedade falada por cada entrevistado. Porém, cabe ressaltar que a adequação feita a uma das duas variedades do CCV consistiu apenas de escolhas lexicais e adaptação fonológica sem alterar, no entanto, a estrutura sintática das sentenças. Assim, por meio dessa terceira parte do questionário, objetivou-se: (i) atestar as estratégias de clivagem utilizadas para a realização do foco contrastivo e do foco de informação em PCV (os dois tipos de foco atestados na língua); (ii) averiguar os tipos de clivagem usados pelos falantes do PCV.

Abaixo, é apresentado, como amostra, um contexto discursivo para elicitação de construções clivadas:[18]

<u>Sentença-Contexto</u>

(05) **Es faló-m ma na Saninklau oj in dia fidj é k'ta korriji pai, é devera?**

[18] Apêndice (5), Parte III, contexto (5), reenumerado.

"Me falaram que em São Nicolau hoje em dia os filhos é que corrigem os pais, é verdade?"

Foco Contrastivo

(06) **Pai é k'ta korriji fidj**

Pai	**É**	**k'**	**Ta**	**Korriji**	**Fidj**
Pai	COP	FOC	HAB	Corrigir	filho

O pai é que corrige o filho

Nessa seção do questionário, utilizou-se uma técnica um pouco diferente da utilizada nas duas partes do questionário anteriores: (i) primeiramente, foi apresentado o contexto discursivo: o documentador faz uma afirmação em que o entrevistado deve formular uma sentença que a contrapõe; (ii) é apresentado a cada entrevistado uma sentença contexto e uma sentença resposta com foco (clivada) em CCV; (iii) depois de explicado e entendido o contexto, o documentador se dirige ao entrevistado em PCV, isto é, utilizando a tradução da sentença contexto para o PCV; (iv) o entrevistado é orientado a responder em PCV tendo como modelo a sentença resposta em CCV; (v) o entrevistado é solicitado a formular todas as formas possíveis de contrapor a informação proferida pelo documentador. Com isso, objetivou-se a apreensão de diferentes tipos de clivagens como resposta.

À semelhança das duas partes anteriores do questionário, abaixo da sentença para elicitação de sentença com construção clivada, há uma tabela com as "versões", para o PCV, formuladas pelos entrevistados. A seguir, exemplificamos com as "versões" dos entrevistados para o contexto discursivo em:[19]

(07) **Pai é k'ta korriji fidj**

Pai	**É**	**k'**	**Ta**	**Korriji**	**Fidj**
Pai	COP	FOC	HAB	corrigir	filho

O pai é que corrige o filho

Entrevistado	**Versão(ões) do PCV Formulada(s) pelos Entrevistados**
AGA	Não, o pai é quem corrige os filhos Não, o pai que corrige o filho Ficou na dúvida entre "quem" e "que"
APL	Não, os pais é quem corrigem os filhos

[19] Apêndice (5), Parte III, contexto (5).

	Não, é os pais
AGM	Não, não é verdade é pai é quem corrige os filhos Na verdade quem corrige os filhos é o pai Os pais são quem corrigem os filhos São os pais quem corrigem os filhos
AAG	Não é verdade, quem corrige é o pai
CGS	Não, é o pai que corrige o filho É o pai quem corrige o filho Quem corrige é o pai
CMC	Não, os pais é que corrigem os filhos
ECA	Ná, Não, são os pais que corrigem os filhos Os pais são quem corrige os filhos Não, são os pais quem corrigem os filhos
EPB	Não é, quem corrige os filhos são os pais Não é, os pais que devem corrigir os filhos
JLT	Não, os pais continuam a corrigir os filhos Não, os pais é que corrigem os filhos
JDB	Não , quem corrige... os pais é que corrigem os filhos Não, na, não os pais é que corrigem os filhos
JSL	Não, sãos os pais que corrigem os filhos
LGM	Não, o pai é quem corrige os filhos
LPV	Não, são os pais é que corrigem os filhos Não, não é verdade, são os pais é que corrigem os filhos
MST	Não, não, não, quem... quem os filhos são os pais Não, os pais é que corrigem os filhos
REA	Não, é o pai que corrigem os filhos Não, são os pais... é os pais... são os pais que corrigem os filhos Não, são os pais... não pais... não, pais é que corrigem os filhos hoje
SPS	

Tabela (3) – “Versões” para o PCV de Sentenças com Construção Clivada em CCV (5)

2.1.3.2. A Transcrição dos Dados da Elicitação Formal

Logo de imediato à coleta dos dados da elicitação formal, procedeu-se a sua transcrição, seguindo a "chave de transcrição" para o PCV, baseada em Lucchesi (2002).

Com relação às transcrições, como já apresentado, foram "motivadas" sentenças em PCV, a partir do CCV. Logo, não se deteve em transcrever os dados do CCV (neste caso a fala do documentador), mas tão somente a resposta dos entrevistados em PCV. Tal resposta consiste em uma "versão" do CCV para o PCV segundo cada entrevistado. Importante que se diga, que na maioria das vezes, foi solicitado a cada entrevistado que repetisse a sua "versão" para o PCV da sentença solicitada em CCV. O que ocorreu em algumas instâncias das elicitações foi o fato de que alguns entrevistados apresentaram variação entre as "versões" da mesma sentença do CCV. Para tais casos, as versões foram devidamente transcritas e numeradas. Para esses fatos explicitados até aqui, ver Apêndice 5.

Apesar de não ter sido transcrito todo o diálogo estabelecido entre o documentador e os entrevistados, isto não quer dizer que tais diálogos são de todo ignorados e descartados. Para demonstrar a importância de tais diálogos, é apresentada, como amostra, a transcrição completa de diálogo entre o documentador e uma entrevistada a fim de se elicitar apenas uma construção relativa em que a posição relativizada corresponde à posição do objeto indireto da oração encaixada – ver Apêndice II.

2.1.3.3. Aspectos Sociolinguísticos dos Entrevistados

Neste segundo trabalho de campo, foram entrevistados um total de 16 falantes do PCV. Em campo, o pesquisador teve o cuidado em recolher questões ligadas a aspectos sociolinguísticos desses entrevistados, chamados de *metadados*. No Apêndice (6), essas informações são apresentadas, e sucintamente as numeramos a seguir: (i) oito entrevistados são do sexo masculino e oito são do sexo feminino; (ii) os entrevistados têm idade entre 26 e 60 anos; (iii) todos os entrevistados possuem formação superior; (iv) a experiência profissional de cada um varia de universitário recém formado tentando ingressar no mercado de trabalho até profissional com mais de 30 anos de experiência como professor do ensino fundamental e médio; (v) a maioria dos

entrevistados é professor (tanto do ensino médio quanto do ensino fundamental) – ver Apêndice (6).

2.1.4. Coleta e tratamento de Dados de 'Fala Espontânea' e 'Elicitação Formal' Simultaneamente

No período de 11 de novembro de 2015 a 17 de agosto de 2016, foi realizado mais um trabalho de campo na ilha de Santiago – Cabo Verde. Nesse período, de nove meses, o pesquisador atuou como docente temporário do Instituto Universitário da Educação – IUE. O IUE é uma instituição de formação superior que prepara todos os professores de Cabo Verde para a docência no ensino básico, que vai do primeiro ao oitavo ano de escolaridade.

Durante o período de estadia nessa instituição de ensino, o pesquisador lecionou nas seguintes unidades:

(i) **Escola de Formação de Professores da Cidade de Assomada** (interior da ilha de Santiago). O pesquisador desempenhou a seguintes funções: (1) lecionar a disciplina de '*Técnicas de Comunicação e Expressão'* para uma turma de 45 alunos oriundos das diversas localidades do interior de Santiago; (2) orientação, durante o curso, de três trabalhos de monografia de alunos da área de especialidade em Língua Portuguesa e Estudos Caboverdianos;

(ii) **Escola de Formação de Professores da Cidade da Praia**. Nessa Instituição, o pesquisador lecionou as seguintes disciplinas: (1) '*Didática da língua Portuguesa*' para duas turmas (um total de 60 alunos) do segundo ano da licenciatura em Educação Básica; (2) 'Língua Portuguesa' para três turmas (total de 90 alunos) do primeiro ano da licenciatura em Educação Básica; (3) '*Língua e Cultura Cabo-verdiana*' pra seis turmas (total de 180 alunos) do segundo ano da licenciatura em Educação Básica; (4) orientação de um trabalho de monografia em curso cujo tema está diretamente ligado ao tema de pesquisa desta Tese;

(iii) **Complemento de Licenciatura em Língua Portuguesa e Estudos Caboverdianos na Modalidade BLearning**. Este curso se destina aos professores da Educação Básica que possuem o curso do Instituto Pedagógico (equiparado ao antigo magistério primário brasileiro) e já estejam trabalhando como professores. Nesta modalidade de ensino à

distância, o pesquisador lecionou, para 95 alunos de todas as ilhas do arquipélago de Cabo Verde, as seguintes disciplinas: (1) '*Técnicas de Comunicação & Expressão*'; (2) '*Estudos Linguísticos*'.

Computando os dados acima, observa-se que, durante esse período que compreende um ano letivo, o pesquisador esteve em contato direto com cerca de 380 alunos de diferentes ilhas de Cabo Verde, inseridos em um ambiente acadêmico de ensino superior. Como se pode esperar, esse grupo de alunos não é um grupo homogêneo: (i) a idade varia dos 18 anos a acima de 40 anos; (ii) alguns dos formandos já atuam como professores e precisam de uma formação superior para se enquadrar no sistema; (iii) a vasta maioria está em busca da primeira formação e preparando-se para entrar no mercado de trabalho como futuros docentes; (iv) a grade curricular dos dois primeiros anos de formação (turmas com que o pesquisador trabalhou) é igual para todos, logo, todos têm que cursar as disciplinas da língua portuguesa e língua caboverdiana; (v) a partir do terceiro ano de formação, apenas uma parte dos alunos vai para a especialidade em Língua Portuguesa e Estudos Caboverdianos.

Assim, a experiência em sala de aula, permitiu ao pesquisador lidar, diretamente e em situações reais, com assuntos abordados nesta Tese tais como: (i) o uso do PCV *in loco* em um dos seus ambientes de uso por excelência, a educação formal; (ii) atestar os diferentes graus de proficiência em PCV; (iii) a atitude generalizada dos alunos para com as duas línguas existentes no ambiente sociocomunicativo de Cabo Verde, o PCV e o CCV; (iv) verificação e confirmação de alguns dados recorrendo-se da intuição dos alunos enquanto falantes tanto do CCV quanto do PCV.

Os dados coletados serviram como dados complementares para os dados de 'Fala Espontânea' e de 'Elicitação Formal' previamente coletados, e esses dados ao serem sido usados na Tese, foram devidamente identificados.

2.2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta segunda seção do capítulo, são apresentados os fundamentos teóricos que servem de base para a análise morfossintática dos pronomes-Q no PCV, tema central desta Tese.

Nesta Tese, foi necessário fazer a descrição dos pronomes-Q no PCV, pois tal descrição não existe e ela é a base para a análise morfossintática apresentada para os pronomes-Q no PCV. A análise sintática empreendida foi fundamentada na Teoria da

Gramática conhecida como "Programa Minimalista", tal como se vê Chomsky (1981, 2000, 2001, 2004, 2008)[20].

A Teoria da Gramática – Minimalismo – é tomada como sinônimo de sintaxe, pois no Minimalismo, sintaxe é o sinônimo de Sistema Computacional da linguagem humana, considerado o componente central da linguagem humana e aquele que estabelece a ligação entre os demais componentes da linguagem – cf. (Chomsky, 2004: 106). Os diferentes fenômenos sintáticos observáveis nas línguas naturais são tidos como resultado da interação entre o Léxico e o Sistema Computacional – o Léxico é bastante variável entre as línguas enquanto o Sistema Computacional (sintaxe) é dito ser invariável na mente – cf. Kenedy (2013: 180-184).

Assim, a opção de descrever/explicar os pronomes-Q em PCV dentro do modelo Minimalista se justifica por esta ser uma teoria que permite não só a descrição sintática, através de um modelo sintagmático, mas possibilita ainda uma proposta de explicação(ões) universal(ais) para os dados descritos. Logo, o modelo Minimalista se insere em uma proposta comparativista que possibilita a ligação dos estudos dos pronomes-Q em PCV, por exemplo, a diversos outros, em diversas línguas, e em específico com outras variedades do português tais como o brasileiro, o europeu e as variedades africanas.

2.2.1. **Teoria da Gramática: Conceitos Fundamentais Ligados à Tese**

Como já mencionado, o cerne desta Tese consiste na análise sintática dos dados contendo construções-Wh em PCV. Para fazer tal análise, recorre-se a um conjunto de conceitos teóricos fundamentais dentro da Teoria da Gramática. Assim, nesta subseção apresenta-se os conceitos fundamentais diretamente ligados à Tese.

A Teoria da Gramática é dita ser uma teoria mentalista, porque se advoga que toda criança nasce com um estágio inicial que faz parte de seu '*genetic endowment*', parte de sua cognição. Esse estágio inicial é chamado de GU (Gramática Universal).

Um dos pilares da Teoria da Gramática, que se ratifica no Programa Minimalista (ver KENEDY, 2008: 127-128), foi assentado por Chomsky (1959: 59-60): a criatividade humana no uso da linguagem é o principal aspecto caracterizador do

---

[20] Nesta Tese, ao se referir à Teoria Gerativa, usa-se o termo 'Teoria da Gramática'. Oliveira (2009: 26) apresenta uma lista das publicações tidas como marcos dessa corrente teórica da ciência da linguagem: (i) 1957- "Syntactic Structures"; (ii) 1965 – "Aspects of the Theory of Syntax"; (iii) 197"Remarks on Nominalization"; (iv) 1973 – "Conditions on Transformation"; (v) 1980 – "On Binding"; (vi) 1981 – Lectures on Government and Binding"; (vii) 1986 – "Barries"; (viii) 1989 – "On the Economy of Derivation"; (ix) 1995 – "The Minimalist Program".

comportamento linguístico humano, aquilo que mais fundamentalmente distingue a linguagem humana dos sistemas de comunicação animal: a todo momento, os seres humanos estão construindo frases novas e inéditas, ou seja, jamais ditas antes pelo próprio falante que as produziu ou por qualquer outro indivíduo. Essa criatividade é característica comum a todo ser humano, desde os analfabetos até os autores dos clássicos da literatura.

Na Teoria da Gramática, o objetivo do linguista é determinar o que os falantes nativos sabem sobre sua língua nativa que lhes permite falar e entender a língua, e como esse conhecimento linguístico pode ser representado na mente/cérebro. No entanto, esse 'conhecimento é tácito' (ou seja, subconsciente) e difere-se do 'conhecimento explícito' (ou seja, consciente) – logo, os seres humanos não têm consciência dos processos envolvidos em falar e compreender a sua língua nativa – cf. Radford (2006: 11-12). Assim, para a análise que será empreendida dos pronomes-Q no PCV, o conhecimento que os falantes do PCV têm sobre as regras de uso dos pronomes relativos e interrogativos listadas em um código normativo não é relevante, mas sim o uso desses pronomes na fala dos falantes do PCV.

Em Teoria da Gramática, ratifica-se a distinção entre o "*conhecimento que o falante-ouvinte tem de sua língua*", denominado de 'competência', e "*o uso real da língua em situações concretas de comunicação*", denominado de 'performance/desempenho'. O desempenho é um reflexo imperfeito da competência, pois todo falante comete deslizes ocasionais na sua língua, ou ocasionalmente interpreta mal algo que alguém diz. No entanto, isso não significa que o falante não saiba ou não tenha competência em sua língua nativa. A Teoria da Gramática se preocupa com competência ao invés de desempenho – cf. Radford (2006: 11). Dessa forma, ao analisar os dados do PCV, busca-se apreender a competência dos falantes do PCV e não o nível de desempenho que esses têm ou julgam ter do PCV. Como se atesta no capítulo III, há diferentes níveis de proficiência em PCV realizados por falantes dessa língua; muitos falantes consideram ser 'defectivo' o seu desempenho em PCV – cf. Lopes A. (2011: 116) e subseção (3.4) do Capítulo III.

2.2.1.2. A Modularidade da Linguagem

Ao tomar a mente como o '*locus*' da linguagem humana, em Teoria da Gramática, defende-se a teoria de Modularidade da mente – sobre 'modularidade' ver Fodor (1983). A mente é apreendida como um conjunto de inteligências especializadas

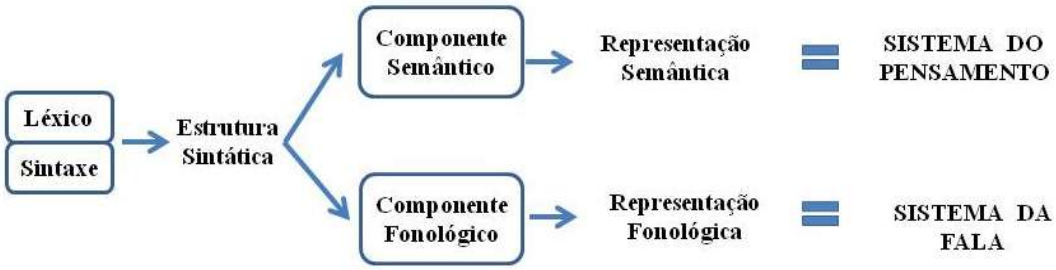
e autônomas entre si como: a linguagem, visão, memória, percepção espacial, relações lógico-matemáticas – cf. Oliveira (2012: 46), Chomsky (2005: 1), entre outros. Cada módulo mental possui os seus submódulos ou micromódulos, e a faculdade da linguagem não fugiria a esta regra.

A hipótese aventada é de que o módulo da linguagem apresente, portanto, submódulos. Esses submódulos são parte do conhecimento linguístico de cada ser humano. Integrariam, portanto, um conjunto de conhecimentos especializados e com certa independência entre si e que poderia ser descritos como: (i) Módulo Fonológico – estruturas sonoras da língua que controla as informações a respeito dos fonemas que existem na língua do ambiente do falante; (ii) Módulo Morfológico – manipulação de morfemas; (iii) Módulo Lexical – capaz de armazenar conhecimento do léxico da língua do ambiente do falante; (iv) Módulo Sintático – capacidade de produzir e compreender frases. É um dos módulos mais complexos e dinâmicos da linguagem. Diferentemente dos módulos fonológico, morfológico e lexical que são finitos, o módulo sintático é infinito; (v) Módulo Semântico – gera e identifica significados em expressões linguísticas como palavras, sintagmas e frases, levando em conta outros fatores tais como as intenções e pressuposições sobre a pessoa com quem se fala e sobre o assunto em pauta; (vi) Módulo Pragmático – voltado para o contexto prático de uso da língua – cf. Kenedy (2013: 42-45).

Nesta Tese, enfoca-se sobre parte do conhecimento especializado do submódulo sintático do PCV pelos falantes caboverdianos.

Esse submódulo é tido como "*o conjunto das operações cognitivas que geram representações sintáticas complexas, como sintagmas e frases*" – Kenedy (2013: 177). Esse submódulo é tido como o componente central da cognição linguística humana.

Em trabalhos mais recentes, Chomsky (2004: 103-104) sugeriu que a linguagem é um sistema perfeito de *design* ideal no sentido de que as gramáticas das línguas naturais criam estruturas que são projetadas para interagirem perfeitamente com outros componentes da mente, mais especificamente com os sistemas de fala e de pensamento de modo que nas palavras de Chomsky (2005b: 2) "*a língua é uma forma otimizada para ligar som e significado*". Essa interação entre os submódulos da linguagem é designada por Chomsky (2004: 106) de 'interface da linguagem'. A sintaxe desempenha um papel central na interface da linguagem, como se vê pelo esquema das interfaces dos componentes linguísticos:



Quadro (1) – Esquema das Interfaces dos Componentes Linguísticos
Adaptado de Radford (2006:13) – cf. Chomsky (2001: 3-4)

A interface com os sistemas de 'pensamento' é denominada de '*interface conceitual-intencional – CI*', e a interface com os sistemas de fala é denominada de '*interface sensório-motora – SM*' – Chomsky (2005b: 3). Como se vê no diagrama no Quadro (1), a sintaxe interage com o léxico, gerando estruturas sintáticas que são enviadas aos componentes semântico e fonológico respectivamente. As estruturas sintáticas são criadas por um processo derivacional como se apresenta na próxima subseção.

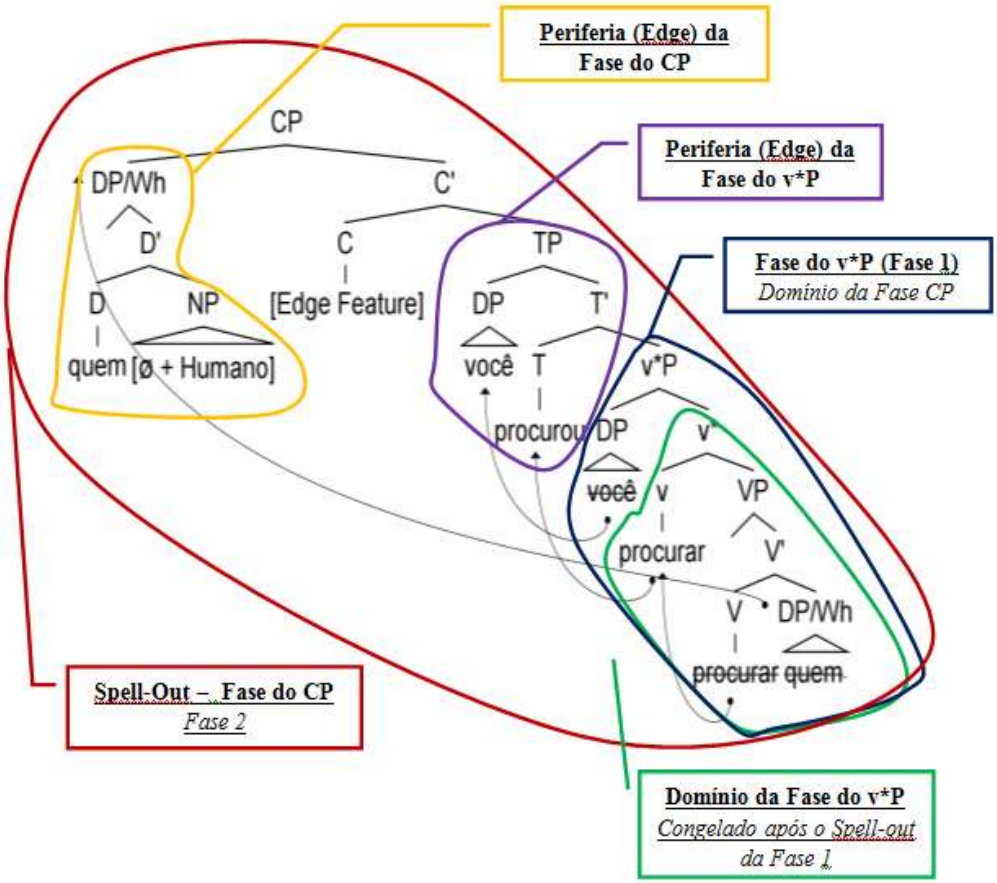
2.2.1.3. O Modelo Derivacional Por Fases

Ao fazer a análise sintática dos pronomes-Q no PCV, torna-se necessário o uso de um aparato descritivo capaz de produzir 'imagens visuais' das possíveis "*operações cognitivas que geram as representações sintáticas*". Nesta Tese, adota-se o modelo derivacional por fases como se vê em Chomsky (2001 em diante). Segundo Chomsky (2001: 11-13), a Faculdade da Linguagem trabalha com uma quantidade limitada de estrutura na sua memória ativa, de forma cíclica e por etapas a que se chama de fases. Assim, para demonstrar o processo derivacional por fases que ocorre nas operações cognitivas na mente de um falante do PCV, ao realizar operações sintáticas envolvendo um pronome-Q, toma-se como amostra o dado em:

(08) **quem** você procurou?

Como já mencionado acima, a proposta assumida nesta Tese é de que as operações sintáticas em (08) se dão por fases, ou seja, em 'pedaços' e não de uma única vez. Ao processo de computar os diferentes pedaços, é designado de Derivação por Fases. Para ilustrar o processo de derivação por fases, apresenta-se em (09) a diagramação das fases derivacionais que ocorrem em dados como (8).

(09) **quem** você procurou?



Quadro (2) – Diagrama do Modelo da Derivação por Fases
Baseado em Chomsky (2004: 107-119)

No Quadro (2) está representado todo o processo de derivação envolvido na pergunta-Wh (09) [quem você procurou?]. No diagrama do Quadro (2), é possível ver a representação gráfica: (i) de três tipos de movimentos (movimento de núcleo, movimento A' e movimento A); (ii) do domínio da Fase v*P; (iii) do domínio da Fase CP; (iv) da periferia (Edge) da Fase v*P; (v) da periferia da Fase CP; (vi) do *Spell-out* da Fase v*P; (vii) do *Spell-out* final, ou seja, *Spell-out* da Fase CP. Assim, a partir do diagrama no Quadro (2), serão apresentadas, nas próximas subseções, as principais operações derivacionais e os conceitos correlacionados.

Primeiramente, chama-se atenção para as fases derivacionais: segundo Chomsky (2005: 10), apenas v*P e CP se configuram como fases fortes, logo são as fases derivacionais. Chomsky (op. cit.) explica que: (i) quanto à fase do CP, C é a abreviação para a região que Rizzi (1997) chama de 'periferia esquerda', e que atua como o núcleo funcional da fase CP que tem o TP como seu 'domínio' – ver a parte em azul do Quadro

(2). T, o núcleo do TP, é o *loccu*s dos traços-φ e temporais, mas esses traços são derivacionais e não inerentes – eles são herdados de C, pois T só manifesta os traços temporais básicos tão somente se ele for selecionado por C; (ii) já para a fase do v*P (ver a parte em verde do Quadro (2)), v* é o núcleo funcional associado a estruturas verbais completas em termos de argumentos, tais como construções verbais transitivas e do tipo experimentadores, que se diferem de inacusativos e intransitivos (consideradas fases fracas).

Um aspecto importante na derivação por fases é o Arranjo Lexical (AL) que é tido como unidade 'atômica': AL trata-se de um conjunto de itens lexicais selecionado do léxico de uma só vez e que comporá uma determinada estrutura linguística – cf. Chomsky (1999: 10). Para formar um AL como em (08), a suposição é de que ocorra, primeiramente, na mente do falante, uma operação designada de 'Numeração' (N).

A Numeração não é uma operação computacional nem chega a ser uma representação sintática. Ela representa o conjunto de referências que contém as informações linguísticas que orientarão o Sistema Computacional durante a derivação de uma estrutura sintática particular. Pode-se dizer que a Numeração corresponde ao planejamento da fala – aqueles milésimos de segundo inconscientes em que os itens utilizados numa frase são selecionados – cf. Kenedy (2013: 215). Assim, para o AL em (09), aponta-se a seguinte operação de Numeração:

(10)

- N = {você, procurou, quem}
- N = {você$_1$, procurou$_1$, quem$_2$}[21]

2.2.1.3.1. ***A Teoria de Traços***

Para Chomsky (1999: 10), o Léxico é uma 'lista de exceções' que fornece as informações requeridas pelas interfaces de *output*, o léxico faz isso da melhor maneira possível, isto é, com o nível mínimo de redundância e complicação. Cada Arranjo Lexical é assim um conjunto absoluto (fechado) de traços fonológicos, semânticos e formais – cf. Chomsky (1999: 10).

(i) Os **traços fonológicos** são aqueles que contêm as estruturas sonoras dos fonemas presentes nos léxicos selecionados. Os traços fonológicos são acessados pelo componente fonológico e enviados à interface FF. Por

[21] Os índices numéricos subscritos correspondem ao número de vez que um constituinte sintático é usado durante o processo derivacional.

exemplo, o morfema [quem] faz parte do grupo de morfemas funcionais que se iniciam com um fonema em que é perceptível a consoante /k/;

(ii) os **traços semânticos** são aqueles que servem para identificar os significados das expressões linguísticas (palavras, sintagmas e frases). Os traços semânticos são interpretados em FL. Como exemplo de traço semântico, o morfema-Q "quem" é dito possuir o traço [+ humano], pois esse morfema-Wh liga-se sempre a uma entidade humana;

(iii) os **traços formais** são aqueles que, no funcionamento da cognição linguística humana, orientam o Sistema Computacional a respeito das relações sintáticas que um dado item lexical deve estabelecer com outros itens no interior da sentença em que venha a ser inserido. Os traços formais são acessados durante o processo de derivação por fases. A seguir são descritos com mais detalhes os traços diretamente ligados à temática desta Tese.

No Programa Minimalista, os traços são tidos como elementos primitivos da gramática, ou seja, um sistema de traços é o conjunto de unidades mínimas da língua. Porém, o conceito de traço é parte na Teoria da Gramática desde os primórdios da concepção da teoria dita 'gramática gerativa'. Em Chomsky (1965: 165), os traços aparecem como as propriedades atômicas da gramática. Chomsky (op. cit.) considera os traços análogos a categorias do mundo real, como o 'H' usado na química, por exemplo, para representar o elemento Hidrogênio e suas propriedades estruturais e composicionais que lhe permitem estabelecer relações com outros elementos. Com base nisso, existe o conceito de 'Traço Privativo' (o elemento mínimo): um traço que não possui outra propriedade além de se distinguir de outro traço. *"[...] um elemento linguístico será diferente de outro elemento linguístico na medida em que possua um traço privativo que o outro não.*" – Carvalho (2012: 115). Atente para os exemplos em:

(11) a. **quem** você procurou?
b. **o que** você procurou?

Ao comparar os morfemas-Q em (11), a distinção é feita por meio dos traços primitivos como se vê em:

(12) Quem – [Wh, + humano]
O que – [Wh, - humano]

Nos dados acima, há dois traços privativos, sendo o traço categorial [Wh] partilhado pelos dois, pelo qual são inseridos na mesma categoria: a de pronomes-Wh. No entanto, esses pronomes são diferenciados pelos traços privativos semânticos [+ humano] e [- humano], respectivamente.

Ao se proceder com a descrição do processo de derivação do dado (10), serão apresentados os demais tipos de traços.

2.2.1.3.2. ***As Principais Operações Derivacionais***

Para dar continuidade ao processo de derivação em (10), a proposta assumida é a de que após Numeração se dão as seguintes representações sintáticas:

Select (selecionar)

Selecionar consiste na retirada de um dado item lexical, diretamente da Numeração, e sua respectiva introdução no espaço derivacional, reduzindo o seu índice em uma (1) unidade por vez, até zerá-lo (se for 3 passa a 2. se dois passa a 1 e se for 1 passa a zero). Assim retoma-se o dado (10), renumerando-o em:

(13) N = {você$_1$, **procurou**$_{0,}$ **quem**$_1$}

[procurar quem]

Como se observa em (13), o índice do constituinte [procurar] é reduzido a zero e o do constituinte "quem" reduzido a um (1), ou seja, são retirados do Léxico e inseridos no processo de derivação e prontos para a próxima operação sintática.

Merge (concatenar)

Quando se tem pelo menos dois itens no espaço derivacional, a operação Merge já pode ser ativada: Merge é considerada a operação mais básica e fundamental num sistema recursivo como o Sistema Computacional. A operação Merge consiste em combinar dois elementos quaisquer de modo a formar um terceiro elemento. Trata-se da única operação que não requer justificativa, pois é aplicada quantas vezes for necessário devido à necessidade de "concatenação" – Chomsky (2001: 3).

Assim o verbo "procurar" se concatena com o DP/WH [quem] e forma um terceiro elemento: o VP [procurar quem]. Nesse processo de concatenação, o verbo

"procurar" tem um traço dito ser 'não interpretável'[22] que precisa ser verificado/valorizado antes que o processo de derivação prossiga.

Segundo Chomsky (1999: 6), a interpretação dos traços é determinada no Léxico, pela Gramática Universal (GU), mas a distinção dos traços feita ao longo de todo o processo de derivação. Os traços 'não interpretáveis' entram na derivação sem valores, diferentemente dos traços 'interpretáveis'. Os valores dos traços 'não interpretáveis' são determinados pela operação *Agree* (concordância). A essa altura, tais traços devem ser removidos da sintaxe estrita (caso contrário eles ficam indistinguíveis dos traços interpretáveis na FL), mas mantidos disponíveis para a fonologia (uma vez que eles podem ter efeitos fonológicos).

A essa altura entra a teoria-θ – teoria de papeis temáticos – que postula que predicadores atribuem valores (funções) semânticos a seus argumentos – os papéis-θ (papéis temáticos): traços inscritos nas propriedades de seleção de um item lexical predicador. Segundo Hornstein (2001), os papéis-θ são características/traços de predicadores e que são verificados por DPs. Assim o VP *procurar*, na qualidade de predicador, atribui o caso acusativo ao DP/Wh "quem".

Em seguida dá-se mais uma operação merge como se vê em:

(14) N = {**você**$_0$, **procurou**$_0$, **quem**$_0$}
[você procurou quem]

Em (14), o pronome "você" é zerado, isto é, selecionado como o argumento externo do predicador do verbo *procurar* e inserido no processo de derivação pela operação merge com o VP [procurar quem], formando assim um terceiro 'pedaço' maior [eu procurar quem]. A partir da operação derivacional em (14), entram, no processo de derivação, operações mais complexas como: *Move*.

Move (ou merge interno = *cópia* + *Merge* + *Apagar*)

Segundo Chomsky (2001: 23-24), *Move* é uma operação computacional bastante complexa e que é composta de três operações computacionais: copiar, combinar (*Merge*) e apagar. A operação Move é uma forma especial de aplicação da operação Merge: o Sistema Computacional faz uma *cópia* de um item já existente no espaço

[22] Um traço se diz ser 'interpretável' quando ele desempenha um papel na interpretação semântica e se diz 'não interpretável' quando não desempenha qualquer papel na interpretação semântica – cf. Chomsky (1999: 6).

derivacional e esse item é combinado via *merge* com outro elemento existente no espaço derivacional – cf. Kenedy (2013: 232). Existem três tipos de Movimento: o movimento A', o movimento do núcleo e o movimento A – cf. Kenedy (2013: 235-236). A seguir são demonstrados o movimento de núcleo e o movimento A, por meio do dado (14) renumerado em[23]:

(15) N = {você$_0$, procurei$_0$, quem$_0$}
[você procurei quem]

Movimento de Núcleo

Quando o elemento a ser deslocado (copiado em termos minimalistas) é um núcleo sintático X, ele é copiado de uma posição de núcleo para outra posição de núcleo. Em (15) o verbo *procurar* tem a cópia no seu núcleo lexical **V** apagada (deixando uma cópia vazia nessa posição) e copiada para o núcleo funcional **T** da categoria **TP**, checando, simultaneamente diferentes traços, tais como traços temporais. Assim, resulta na forma verbal flexionada "procurei".

Movimento A

O constituinte que se diz sofrer Movimento A, é copiado para uma posição argumental, isto é, uma posição A. Como se vê em (15), o PRN "você" é copiado da posição de argumento externo do verbo "procurou" para a posição A do especificador do sintagma temporal – a posição do sujeito. Essa é uma posição argumental, mas não temática[24].

O caso acusativo e o caso oblíquo são normalmente licenciados em sua posição de base: acusativo associado a (V) e oblíquo a (P), que são núcleos lexicais. Já o caso nominativo está associado ao núcleo (T) que é funcional e está relacionado com a flexão verbal finita:

> A identificação do nominativo é, portanto, uma propriedade da sentença, e não da camada lexical de uma frase. Para ser identificado com o Caso nominativo, um NP deve sofrer regra de Movimento para o especificador de TP, pois é somente nessa posição funcional que o Caso do sujeito da sentença pode ser identificado – Kenedy (2013: 242)[25]

---

[23] O Movimento A' será apresentado ao proceder com a explanação do processo derivacional.

[24] Esta é uma posição para um argumento puramente sintático, posições argumentais.

[25] SN e ST foram adaptadas como NP e TP, respectivamente para manter a uniformidade com demais abreviaturas usadas nesta Tese.

A proposta assumida é a de que a categoria TP possui um traço 'não interpretável', designado 'Traço do Princípio da Projeção Estendida' – Traço-EPP. Entende-se que o TP possui um traço EPP além do seu traço categorial 'T', traço esse responsável para atribuir o caso nominativo ao DP alçado da posição de especificador do sintagma verbal (VP). O EPP é considerado um princípio primitivo da GU – cf. Chomsky (1981: 27); Chomsky (1982: 8).

Para dar continuidade ao processo de derivação até chegar à ordem linear da sentença [quem eu procurei?] tal como ela é proferida, torna-se necessário retomar o conceito de Arranjo Lexical, introduzido no início desta subseção. Para tal é retomado o dado (15), renumerado e expandido em:

(16) AL = {SAL_2 = {C_1, T_1}, SAL_1 = {**v***$_0$, **você**$_0$, **procurou**$_0$, **quem**$_0$}}

A proposta de Chomsky (1999: 10), assumida pela representação em (16) é a de que um Arranjo Lexical (AL) é composto por Subarranjos Lexicais (SAL). O Arranjo Lexical em (16) é composto por dois Subarranjos Lexicais: SAL_1 e SAL_2. Cada Subarranjo corresponde a uma fase do processo de derivação. Chomsky (2001: 12) postula que cada fase consiste de um subarranjo lexical – cada subarranjo lexical contém apenas um C ou um v*. As categorias substantivas são selecionadas por categorias funcionais: V é selecionado por um verbo leve; T é selecionado por C. Logo as fases são CP e *vP e cada subarranjo lexical contém apenas um C ou um v*.

Assim, o SAL_1 = {v*$_1$, você$_1$, procurou$_1$, quem$_1$}, tendo como núcleo o "v*" é a primeira fase do processo de derivação que se dá em (16). Com todos os traços 'não interpretáveis' valorados, o processo de derivação procede à operação seguinte: o *Spell-out.*

Spell-Out

Spell-out é a operação computacional que separa a derivação em duas partes: a representação π que é encaminhada à FF, e a representação λ, que é enviada à FL. Segundo Chomsky (2001: 5), a operação *Spell-out* remove os traços 'não interpretáveis' da FL e transfere o objeto sintático ao componente fonológico. *Spell-out* é uma operação cíclica.

Em sequência ao processo de derivação, após a valorização de todos os traços 'não interpretáveis', o domínio do v* do SAL_1 é enviado a *Spell-out*. Segundo Chomsky (2001: 108), uma fase é composta por uma periferia e por um domínio (ver o diagrama

no Quadro (2)). Somente os elementos da periferia podem (ou algumas vezes, têm de ser) alçados. Assim, apenas o domínio de uma fase deve ser expelido para *Spell-out*, mas não sua periferia.

Segundo (Chomsky, 2001: 14) o processo de derivação impõe uma condição denominada Condição de Impenetrabilidade de Fase (PIC): PIC exige que a fase enviada para *Spell-Out* não "volte" mais para a sintaxe estrita, ou seja, PIC exige que a fase enviada a *Spell-Out* não seja mais acessível às regras sintáticas. Porém, ao observar a derivação no Quadro (2), vê-se que o pronome-Wh "quem" é gerado na posição de argumento interno do verbo *procurar*, mas na projeção linear da sentença ele não aparece nessa posição. Daí surge a pergunta: como resolver o caso dos pronomes-Wh que são gerados na posição de objeto de v*P e, no momento de *Spell-out* final, aparecem na periferia da sentença, haja vista que após o *Spell-Out*, o v*P fica congelado?

A proposta feita é de que: o argumento interno do verbo *procurar*, ou seja, o pronome-Wh *quem* possui um traço Wh: um traço 'não interpretável' até então não apagado. Logo, caso a derivação parasse no estágio (16), fracassaria. Para explicar o fenômeno que se dá, torna-se necessário explanar o terceiro tipo de movimento mencionado acima: o movimento A'.

Movimento A' (movimento A-barra)

No caso do movimento A', o local para qual a cópia é feita não é uma posição argumental, mas sim uma posição A' – aquela posição em que nenhum argumento é selecionado. O movimento A' é característico de sentenças interrogativas, sentenças relativas, topicalização e demais 'deslocamentos'. O movimento A' é também denominado movimento-Wh.

Segundo Chomsky, o elemento responsável pelos três tipos de movimento, já apresentados é '*Edge Feature - EF'*. EF está presente em todos os nós sintáticos/itens lexicais e deve ser satisfeito pelo menos uma vez durante o curso de uma derivação convergente por meio de algum tipo de *Merge*. Existem dois tipos *Merge*: *Merge* Externo (ME) e Merge Interno (MI). Porém, existe apenas um tipo de '*Edge Feature'*. A diferença fundamental entre ME e MI consiste na diferença entre os núcleos de fase e os não núcleos de fase no que diz respeito a '*Edge Feature – EF*': EFs nos núcleos de fase desencadeiam ME, enquanto que EFs nos não núcleos de fase desencadeiam MI – Chomsky (2005: 11, 2006: 17).

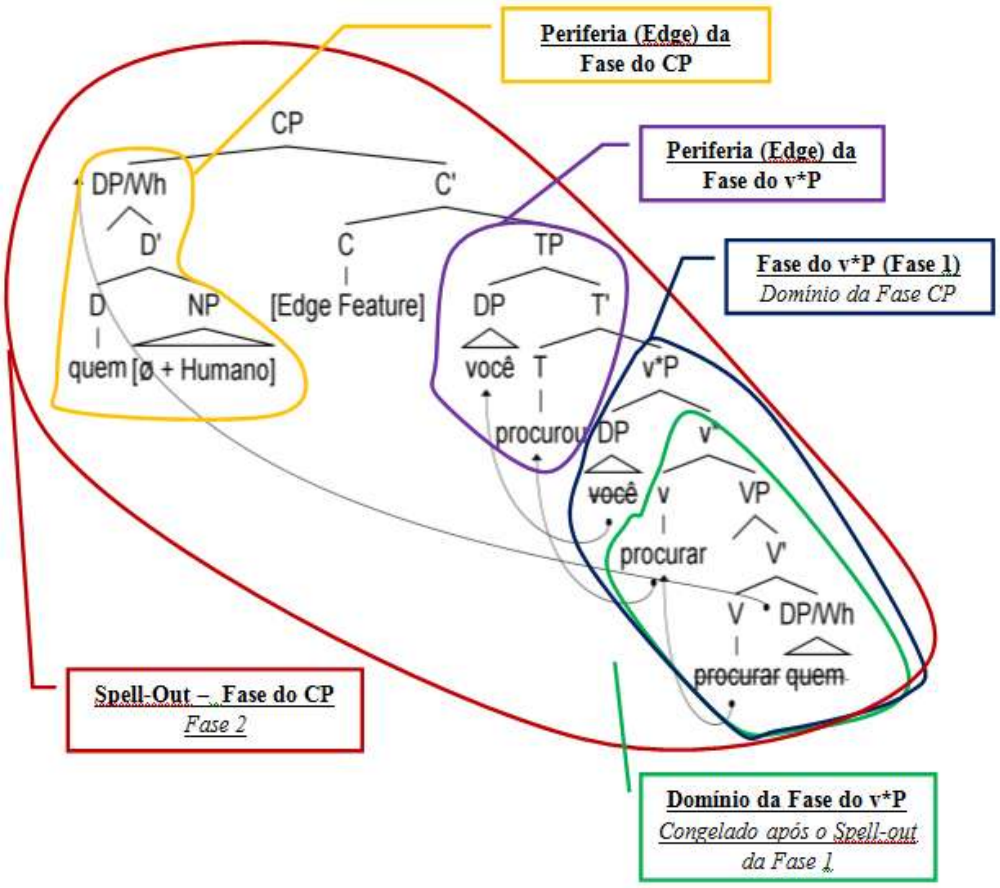
Quando duas unidades sintáticas quaisquer são combinadas pela operação *Merge*, deve ser estabelecida uma relação "sonda-alvo" (Probe-Goal) – (Chomsky 2000; 2001). Essa relação é denominada de '*Requisito Veicular sobre Merge*' (*Vehicle Requirement on Merge*), pois ela reflete a conjetura de que a relação sonda-alvo serve como um "veículo" para *Merge* e para as relações semânticas ou fonológicas estabelecidas por essa operação – Pesetsky & Torrego (2006: 1):

(17) '*Requisito Veicular sobre Merge*' (Vehicle Requirement on Merge) - (VRM)
Se α e β mesclarem, algum traço F de α deve sondar F em β.

O *Merge* Externo (ME) toma dois elementos independentes (itens lexicais ou *outputs* de operações *Merge* anteriores) e os combina para formar uma unidade maior. *Merg*e Interno faz a mesma coisa, exceto pelo fato de que os dois elementos não são independentes; um dos elementos é uma subparte da outra. Para que haja movimento de β para α, deve existir uma relação de sonda-alvo entre pelo menos um traço de α e um traço correspondente de β. Ao se estabelecer essa relação, de modo que o traço F em β seja valorizado como o traço F correspondente em α, se diz que houve o fenômeno denominado concordância (*Agreement*, ou simplesmente *Agree*) – Pesetsky & Torrego (2006: 1-2).

Dessa forma, o pronome-Wh [quem], por possuir um traço não interpretável que ainda não foi valorizado, ainda está ativo para entrar em mais uma operação de movimento. O núcleo da fase CP (ou ainda SAL_2), Cº, possui um traço EPP a ser verificado, o que permite que a sua posição de especificador seja preenchida por algum constituinte alçado de outras fases da derivação. O melhor candidato para tal posição em (16) é o constituinte wh- [quem]. Portanto o traço EPP desencadeia o movimento de [quem] para a posição [Spec, CP]; tal movimento verifica tanto o traço EPP de C quanto ao traço [wh-] do constituinte interrogativo [quem]. Dessa forma, todos os traços não interpretáveis da derivação estão devidamente verificados. O domínio da face CP, nomeadamente TP, é então transferido para *Spell-Out*, e assim conclui-se a fase 2 do processo de derivação, chegando ao processo representado no Quadro (2), acrescido de seu AL, retomado em:

(18) AL = {SAL_2 = {$\mathbf{C_0}$, $\mathbf{T_0}$}, SAL_1 = {v^*_0, você$_0$, procurou$_0$, quem$_0$}}



2.2.1.3.3. ***A Representação Gráfica das Estruturas Sintáticas***

Para a representação que se faz da estrutura dos constituintes em (18), toma-se como base dois princípios estruturais supostamente universais, como se vê em Radford (2006: 31), reproduzido abaixo:

Princípio de Núcleo

Cada estrutura sintática é uma projeção de uma palavra núcleo

Princípio de Ramificação Binária

Cada estrutura sintática é uma ramificação binária

Cada nó na árvore (ou seja, cada ponto na árvore que carrega um rótulo de categoria tais como D, V, V', T, T', C, C', DP, VP, TP, CP etc.) representa um componente diferente da sentença; por isso, há tantos componentes diferentes numa representação arbórea quanto os nós que levam rótulos de categoria. Os nós na parte inferior da árvore são chamados de nós terminais e os outros são nós não terminais: assim, por exemplo, todos os nós D, V, T e C em (18) são nós terminais, e todos os nós

DP, TP, VP, T', V', C' e CP são nós não terminais. O nó superior em qualquer estrutura de árvore (CP isto é, no caso de (18) acima) é dito ser a sua raiz. Cada nó terminal na árvore carrega um único item lexical (ou seja, um item do léxico/dicionário, como 'quem', 'eu', 'comprei', etc.): como já mencionado, os itens lexicais são conjuntos de características (traços) fonológicas, semânticas e gramaticais (com rótulos de categoria como N, V, T, C etc.) – cf. Radford (2006: 44).

No entanto, na versão minimalista da Teoria da Gramática, a proposta é a favor de uma teoria de estrutura sintática sem rótulo de categoria nos diagramas arbóreos – cf Chomsky (1995) e Uriagereka (1998). O raciocínio por trás da representação sem rótulos categóricos consiste no fato de que todas as propriedades gramaticais das palavras (incluindo as suas propriedades categoriais) podem ser descritas em termos de conjuntos de características/traços gramaticais. Assim, os rótulos categoriais como aqueles em (18) podem ser inteiramente substituídos por conjuntos de características/traços, corroborando assim o desenvolvimento de uma teoria de representação estrutural sem rótulos – cf. Chomsky (1965: 165), Radford (2006: 48).

No entanto, à semelhança de Radford (2006: 48), nesta Tese, continua-se utilizando diagramas arbóreos com rótulos categoriais tradicionais e a notação de barra para representar estruturas sintáticas, haja vista, esta continuar sendo a técnica mais utilizada nos trabalhos sintáticos dentro da Teoria da Gramática. Tais técnicas servem como uma fotografia do que se quer expor em termos de categorias 'visualizadas' a partir dos dados. É através dessa noção de rótulo categorial que se propõe, por exemplo, nesta Tese, uma categoria funcional *CleftP* na Fase CP – ver Capítulo VI.

SÍNTESE DO CAPÍTULO

Este capítulo, em que se apresenta o referencial teórico-metodológico, foi organizado em duas partes: (i) uma primeira parte em que foram apresentadas as técnicas de pesquisa de campo (linguística de *corpus*) utilizadas para selecionar os Auxiliares Linguísticos (ALings), coletar, tratar e transcrever os dados, criar *corpora* gerais, gerar um *corpus* específico com dados das construções-Wh em PCV; (ii) uma segunda parte em que foram apresentados os conceitos teóricos fundamentais para a análise sintática dos dados do *corpus* específico dentro do Programa Minimalista da Teoria da Gramática.

A parte metodológica faz a descrição de um processo desenvolvido em quatro fases: (i) a fase preparatória em que foram consultadas as técnicas de coleta de dados

mais adequadas com o contexto sociocomunicativo de Cabo Verde, com especial destaque para a existência de dois códigos linguísticos em situação de estreito contato linguístico acerca de meio milênio. Esta fase preparatória foi também direcionada pelos conceitos teóricos apresentados na segunda parte; (ii) uma segunda fase que consiste da primeira coleta de dados em campo direcionada a um grupo específico, delimitado durante a fase preparatória e visando contextos de 'Fala Espontânea' dos ALings selecionados: ambiente acadêmico, considerado o *locus* por excelência do PCV em Cabo Verde; (iii) uma terceira fase que ocorreu após o 'Exame de Qualificação' da pesquisas em curso, visando a coleta de dados de 'Elicitação Formal', de preferência, dos ALings da primeira coleta de dados. Por meio de um 'Questionário de Elicitação Formal', buscou-se corroborar ou não hipóteses formuladas pela análise dos dados de "Fala Espontânea"; (iv) a quarta fase corresponde a aproximadamente a um período de um ano em que o pesquisador lecionou disciplinas de linguística, língua portuguesa e língua caboverdiana, em uma universidade pública em Cabo Verde. Durante esse período, o pesquisador pode coletar dados de 'Fala Espontânea' e 'Elicitação Formal' concomitantemente.

Na parte teórica, foram apresentados os principais conceitos dentro da Teoria da Gramática na sua versão Minimalista para empreender a análise sintática das construções-Wh em PCV e para propor um modelo derivacional por fases para esse grupo de dados na língua.

CAPÍTULO III

ASPECTOS DA SITUAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA E LINGUÍSTICA EM CABO VERDE: DO CABOVERDIANO AO PORTUGUÊS

INTRODUÇÃO DO CAPÍTULO

Neste terceiro capítulo, apresenta-se uma breve descrição do contexto sociocomunicativo em que está inserido o português falado em Cabo Verde (doravante PCV), em estreita situação de contato linguístico com a língua caboverdiana, mais conhecida como crioulo de Cabo Verde (doravante CCV). Os temas abordados enfocam: (i) as duas línguas do ambiente sociocomunicativo de Cabo Verde, por meio de um breve histórico do CCV e em busca de pistas históricas e linguísticas que apontam para uma variedade local da língua portuguesa em formação; (ii) o contato linguístico entre o CCV e o PCV; (iii) uma breve abordagem sobre as questões linguístico-políticas em Cabo Verde; (iv) o contato e o grau de exposição do falante caboverdiano com a língua portuguesa ao longo de sua vida; (v) uma resenha dos principais estudos sobre o PCV; (vi) a ratificação do PCV como objeto de estudo da ciência da linguagem.

3.1. A SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA EM CABO VERDE

A situação sociolinguística em Cabo Verde é geralmente caracterizada como sendo de *diglossia*, ou seja, um bilinguismo disfuncional: as duas línguas, o CCV e o português falado em Cabo Verde (doravante PCV), ocupam esferas sociocomunicativas bem demarcadas e que já fazem parte do inconsciente/consciente coletivo do povo caboverdiano. Resumidamente, pode-se afirmar que o PCV é a língua da formalidade e o CCV a língua da informalidade – ver entre outros Lopes A. (2011: 36-44).

O conceito de *diglossia*, normalmente adotado para a descrição do contexto sociocomunicativo de Cabo Verde, toma como base a proposta inicial de Fergurson (1959) e suas extensões e reformulações como se vê em Fishman (1995) e Fasold (2004). As principais bases tomadas para diferenciar *diglossia* de bilinguismo estão enraizadas nas funções sociais e o grau de prestígio atribuído a cada uma das variedades linguísticas em questão. Nessa perspectiva, a *diglossia* é considerada um fato social, enquanto que o bilinguismo é considerado um fenômeno de domínio individual. Por meio da verificação da existência ou não desses dois fenômenos é feita a distinção de quatro tipos de comunidades com línguas em contato: (i) *diglossia* com bilinguismo, (ii)

bilinguismo sem *diglossia,* (iii) *diglossia* sem bilinguismo e (iv) nem *diglossia*, nem bilinguismo – cf. Lopes A. (2012: 37).

Não há um consenso entre os estudiosos quanto à situação sociolinguística em Cabo Verde, considerando a relação que se estabelece entre as duas línguas (CCV e PCV) e suas respectivas funções:

(i) há um grupo que defende categoricamente que a situação é de pura diglossia – ver entre outros Madeira (2013), Duarte (2003), Mendes (2004). Atente para as palavras de Madeira (2013: 81; grifos acrescentados) quanto a essa questão:

> Seria um equívoco considerar que a sociedade cabo-verdiana é bilíngue, porque **apesar de os cabo-verdianos entenderem o português, nem todos falam esta língua** [...]. A relação que se estabelece entre as duas línguas em Cabo Verde (português e a língua crioula cabo-verdiana), não se trata de uma relação de "bilingualidade", mas sim de diglossia. O bilinguismo tornar-se-á real no momento em que existir "uma relação existencial e comprometida entre as duas línguas", no seio da comunidade cabo-verdiana.

Cabe observar que o autor (op. cit.) advoga a não existência de um "verdadeiro" bilinguismo com base no fato de que os "*caboverdianos entendem, mas não falam o português*". Porém, afirmar que os caboverdianos "entendem o português" é assumir que os caboverdianos possuem ao menos uma das competências linguística em PCV, a competência auditiva/perceptiva.

.

(ii) há um segundo grupo: aqueles que defendem que a situação é de um "bilinguismo hesitante" mesclado com *diglossia*, pois reconhecem a existência de duas línguas distintas, mas desiguais em termos de funções socais, (ver, entre outros, Veiga (2015), Lopes F. (2011), Lopes A. (2011)). Atente para as palavras de Veiga (2015: 184) ao considerar essa realidade:

> Um real bilinguismo pressupõe o uso, com estatuto equiparado, do CCV e do português em todas as situações formais e informais de comunicação, particularmente no ensino, na investigação, na administração, na comunicação social, na justiça, nos atos religiosos, etc. Sabemos que o português preenche satisfatoriamente o domínio formal. Porém, no informal, o seu uso é limitado. Quanto ao CCV, o domínio informal está bem coberto, residindo o problema com o domínio formal.

Pelas palavras de Veiga (op. cit.), a percepção que se tem é de que há um bilinguismo "em construção", mas que, até o presente, não atingiu a maturidade de "um real bilinguismo". Logo, a opinião advogada por esse

grupo é a de um "bilinguismo disfuncional" como a que se vê em Lopes F. (2011: 124);

(iii) há um terceiro grupo, emergente, envolvendo estudos do PCV. Até recentemente, os estudos linguísticos do contexto sociocomunicativo caboverdiano privilegiavam os estudos do CCV em detrimento do PCV. Porém, muito recentemente vêm surgindo trabalhos sobre o PCV – ver entre outros, Jon-And (2011), Lopes A. (2011), Lopes F. (no prelo), Alexandre (no prelo). Neste grupo não há ainda um consenso sobre a real definição do PCV. Para Alexandre (no prelo), o PCV é língua segunda (L2) para os caboverdianos. Já Lopes A. (2011) define o PCV como L2 para alguns caboverdianos, mas advoga uma variedade local do PCV em formação em Cabo Verde:

> Em Cabo Verde, a comunidade, como um todo, não mudou de língua, já que a língua crioula (a LCV) não foi abandonada, mantém grande vitalidade, sendo a língua materna ou a primeira aprendida de grande parte da população; mas a sua influência no português, quando adquirido como língua segunda, é fortemente previsível, contribuindo para **a formação do português cabo-verdiano (LP)** que não é, em sentido estrito, uma variedade formada em situação de mudança de língua. Paralelamente, a LCV não pode deixar de ser influenciada pelo português, dada a situação de bilinguismo estável que caracteriza Cabo Verde – Lopes A. (2011: 16-17; grifos acrescentados).

Nesta Tese, reconhece-se a existência de dois códigos linguísticos distintos, o PCV e o CCV, e em relação de estreito contato linguístico na sociedade caboverdiana. Assim, nas próximas subseções, são apresentadas as questões ligadas à origem e a relação que se estabelece entre as duas línguas do ambiente sociocomunicativo caboverdiano, começando-se com a língua materna, o CCV.

3.1.1. **Breve Histórico do CCV**

A língua caboverdiana, ou crioulo de Cabo Verde, é a língua materna de todo aquele que nasce em Cabo Verde independentemente da origem étnica dos seus progenitores. É ainda o principal meio de comunicação de uma diáspora caboveerdiana espalhada em três continentes: europeu, africano e americano.

A despeito da desvalorização e menosprezo que o CCV tem recebido ao longo da histórica da sua existência, este desempenhou sempre um papel importante no sociocomunicativo caboverdiano. Em um Congresso Colonial realizado na Metrópole (Portugal) em 1934, um dos participantes fez a seguinte observação: *"[...] até os filhos*

de Portugal animam este uso aprendendo o crioulo logo que chegam da Europa, usando-o no trato doméstico e educando os seus filhos a falarem quase com a exclusão do português" (FERREIRA, 1973:130-131). Tal observação, feita na era colonial, continua sendo válida até os dias duais, não só para os poucos portugueses que vivem no arquipélago, mas para todo e qualquer imigrante que vive em Cabo Verde (um número cada vez maior de chineses, africanos oriundos do continente e demais diferentes grupos étnicos com representação em Cabo Verde) – praticamente todos em Cabo Verde usam o CCV para a comunicação interpessoal com os caboverdianos em detrimento do PCV[26].

Quanto à origem, segundo Veiga (2015: 178), o CCV é o resultado de uma 'recriação' que ocorreu em solo caboverdiano, a partir de três principais componentes: (i) o material lexical proveniente majoritariamente de Portugal (do português); (ii) um sistema gramatical basicamente africano; (iii) a reconstrução semântica local, ou seja, a contribuição caboverdiana. Segundo o autor (op. cit.), os três elementos são igualmente importantes e nenhum dos três deve ser ignorado ao atentar para a origem do CCV.

Ainda segundo Veiga (2015: 178), as ilhas de Santiago e Fogo serviram como o primeiro 'laboratório' sociolinguístico para a criação de um protocrioulo. O período dessa formação seria o que vai desde a data da descoberta do arquipélago e primeira povoação (1460/62) até aproximadamente 100 depois (cf. António Carreira (1982: 53)). As condições que propiciaram o surgimento do protocrioulo não se caracterizam pela situação "*nem de glotofagia, nem de diglossia, nem de bilinguismo ou multilinguismo sociais. Dominados e dominadores tinham a necessidade de comunicação; ambos tiveram que dar provas de tolerância linguística.*" (Veiga, 2015: 179). Logo, o CCV nasceu como resultado de uma 'tolerância' imposta por condições diversas, entre as quais se destacam: (i) o número majoritário de negros em face ao reduzido número de colonos brancos; (ii) a pobreza repentina dos brancos causada pelos ataques de piratas e da mudança de rota escravocrata a partir da 1ª década de 1700; (iii) a rebeldia e os ataques dos escravos fugitivos; (iv) a condição de escravatura a que os negros estavam submetidos e a outorga de cartas de alforria, por conveniência – Veiga (2015: 179).

---

[26] O autor desta Tese acompanhou de perto uma situação em que um doutorando da área de antropologia da Universidade de Harvard ao se preparar para fazer pesquisa de campo em Cabo Verde aprendeu a língua portuguesa (variedade brasileira). Quando chegou a Cabo Verde, chegou à conclusão de que a língua portuguesa não era a língua apropriada para se fazer pesquisa de campo no arquipélago. Assim, teve que aprender logo o CCV para que pudesse dar sequência à sua pesquisa.

Em Cabo Verde, quem usa a língua portuguesa como meio de comunicação são aqueles que fazem parte dos corpos diplomáticos presentes no país.

Porém, as opiniões quanto à origem do CCV não são tão consensuais como parece ser pela proposta de Veiga (2015); há duas correntes divergentes quanto à origem do protocrioulo que deu origem ao CCV: (i) um primeiro grupo partilha da opinião tal como advogada por Veiga (2015) – a de que o protocrioulo que dera origem ao CCV teria nascido nas ilhas; (ii) um segundo grupo partilha de opinião diferente – a de que o protocrioulo teria originado algures e trazido para as ilhas de Cabo Verde.

Segundo Rougé (1986, 1995), os principais defensores da origem do crioulo no arquipélago de Cabo Verde são autores majoritariamente caboverdianos, tais como Baltazar Lopes e António Carreira (cf. Rougé, 1988: 31 – 32). No entender de Rougê (1988, 1995), a proposta feita por esses autores atenta apenas para aspectos históricos e a comparação entre a variedade da ilha de Santiago e o crioulo da Guiné é feita sem a apresentação de fatos linguísticos – cf. Rougé (1988: 31). Assim, Rogué (1988, 1995) busca apresentar uma série de evidências linguísticas a favor da origem do crioulo no continente africano e que no seu ver foi depois levado às ilhas de Cabo Verde.

Porém, em contraponto à proposta de Rougé (1988, 1995), de que o crioulo teria sido originado no continente, há estudo recente que defende, por meio de evidências linguísticas, também, o surgimento do crioulo da Alta-Guiné na ilha de Santiago – cf. Bart (2010). Segundo Bart (2010), é a partir do crioulo da ilha de Santiago que vão emergir as demais variedades do CCV: as variedades faladas em Guiné-Bissau, Casamança e o papiamentu, falado nas ilhas de Aruba, Bonaire e Curaçau.

Feitas essas considerações introdutórias sobre o CCV no contexto sociocomunicativo caboverdiano e sua origem, a seguir, é apresentado um breve histórico dos principais estudos dessa variedade linguística ao longo do tempo.

3.1.1.1. Estudos sobre o CCV na Era Colonial

Até os meados do Século XIX, os estudos das línguas crioulas consistiam, essencialmente, de recolhas e descrições feitas por padres missionários. Tais recolhas eram utilizadas como meio de propagação da fé cristã e como meio de comunicação entre comerciantes. Os crioulos eram vistos como dialetos, ou 'corruptelas', normalmente de uma língua europeia, a língua lexificadora (Sousa, 2007: 35). Os estudos crioulistas tiveram início na segunda metade do Século XIX com os trabalhos do filólogo alemão Hugo Schuchardt e suas correspondências, em especial com os estudiosos portugueses Francisco Adolfo Coelho (1847-1919), Gonçalves Viana e José Leite de Vasconcellos e os portugueses caboverdianos António de Paula Brito, Joaquim

Vieira Botelho da Costa (1824-1898) e Custódio José Duarte (1841-1893) – cf., entre outros, Castro & Rodrigues-Moura (2015: i – vi); Sousa (2007: 35-36); Lang (2012: 19). O pioneirismo dos estudos do CCV é atribuído ao filólogo português Francisco Adolfo Coelho.

A década de 1880 constitui-se um marco histórico no estudo do CCV, pois, nessa década, foram publicados os seguintes trabalhos: (i) de Francisco Adolfo Coelho "*Os Dialectos Românicos ou Neo-Latinos na África, Ásia e América*", publicado no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, em volume que corresponde ao ano de 1880, as "*Notas Complementares*" e "*Novas Notas Complementares*", em volumes que correspondem aos anos de 1882 e de 1886; (ii) em 1886 apareceu também, no nº 6 do Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, "*O Crioulo de Cabo Verde. Breves estudos sobre o crioulo das ilhas de Cabo Verde*" oferecidos ao Dr. Hugo Schuchardt, da autoria de Joaquim Vieira Botelho da Costa (1824-1898) e Custódio José Duarte (1841-1893); (iii) também no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, em volume que corresponde ao ano de 1887, mas que apenas saiu em 1888, estão os "*Apontamentos para a Gramática do Crioulo que se Fala na Ilha de Santiago de Cabo Verde*", de autoria de António de Paula Brito – cf. Lang (2012: 19-23).

Desses trabalhos pioneiros sobre o CCV, destacam-se os seguintes fatos:

(i) O CCV era considerado e tratado como um dialeto da língua portuguesa – cf. Sousa (2007: 35). Assim, não é de estranhar que mesmo conhecedor das características do português brasileiro (PB), Adolfo Coelho o inclui no mesmo documento "*Os Dialectos Românicos ou Neo-Latinos na África, Ásia e América*" que trata de variedades crioulas como o CCV e outras espalhadas pelo império ultramarino.

(ii) Desde o início dos estudos crioulistas, a variação dialetal do CCV é evidente, embora um pouco diferente da situação contemporânea como se pode ver pelas palavras de Coelho (1886/1967: 239): "*Nas ilhas do Maio, S. Vicente, Santa Lucia e Sal não há crioulo próprio. Na primeira fala-se, com ligeiras alterações, o da ilha de Santiago; na segunda, o de todas as ilhas; na terceira o de S. Nicolau, na quarta e última o da Boa Vista*".

Das obras pioneiras sobre o CCV, chama-se a atenção para o trabalho de António de Paula Brito, evocando as palavras de Lang (2012: 23):

> O crioulo de Santiago não fica reduzido, nesta gramática, ao papel de língua descrita, funciona ainda como língua de descrição, pois a gramática propriamente dita (com exceção das notas e dos comentários às *Variedades Crioulas* redigidos exclusivamente em português) aparece em versão bilíngue, crioula na coluna da esquerda e portuguesa na da direita.

Outro aspecto do trabalho de António de Paula Brito, é que o autor adaptou um sistema ortográfico para registrar o crioulo santiagense, procurando aproximar o máximo possível da fonologia dessa variedade do CCV, como se pode ver pelas palavras do próprio autor:

> A necessidade de pôr bem em relevo uns sons especiais do dialecto levou-me a excluir as letras simples *c*, *h*, *q*, *y*. [...] O que me levou a proceder assim foi o desejo de simplificar a ortografia, tornando-a fonética sem empregar sinais novos, pondo-a ao alcance de todos, especialmente de meus patrícios, [...].

Comentando sobre a obra de Paula Brito, Veiga (2015: 181-182) remarca:

> A voz mais autorizada e mais consequente no sec. XIX é a de António de Paula Brito. O mesmo, para demonstrar que o CCV tinha regras e tinha gramática, publicou, em 1888, "Apontamentos para a Gramática do Crioulo de forma diferentemente dos demais da sua época. que se Fala na Ilha de Santiago de Cabo Verde". Costumo dizer que esse trabalho é fundador da gramática e do alfabeto do CCV.

Malgrado a consistência da proposta ortográfica de Paula Brito, sua proposta não ganhou seguidores. A proposta seguida pelos estudiosos do CCV foi a de Adolfo Coelho, que consistia de uma adaptação da ortografia portuguesa. A proposta de Paula Brito só viria a receber a devida atenção depois do Colóquio de Mindelo em 1979, logo após a independência em 1975. Veiga (2002) lamenta o fato desse trabalho não ter sido conhecido pelos estudiosos caboverdianos até recentemente.

Depois do auge dos estudos do CCV na década de 1880, houve uma escassez de estudos linguísticos até depois da segunda guerra mundial – cf. Lang (2012: 24). Porém, escassez não significa falta de interesse: nesse período, cabe mencionar os trabalhos do Cônego Manuel da Costa Teixeira, que publicou uma cartilha bilíngue em crioulo e em português em 1902 e o trabalho de Napoleão Fernandes. Napoleão começou a escrever o *Léxico do Dialecto Crioulo de Cabo Verde*, na década de 1920, levou cerca de 20 anos a ser escrito e que viria a ser publicada, postumamente, em 1971, pela filha, Ivone Fernandes.

Depois da Segunda Mundial, retomaram-se os estudos linguísticos do CCV com duas obras que servem como divisores de água nos estudos de CCV: "*O Dialecto Crioulo de Cabo Verde*" de Baltasar Lopes da Silva (1957) e "*Cabo Verde: Contribuição para o estudo do dialecto falado no seu arquipélago*" de Maria Dulce de Oliveira Almada (1961). Essas duas obras receberam a crítica de que apesar dos títulos

evocarem o CCV como um todo, consistem, essencialmente, de descrições de variedades dialetais de Barlavento, mais precisamente as de São Nicolau e de São Vicente – cf. Lang (2012: 25). Pela herança colonial que veio desde os estudos pioneiros, o CCV é ainda tratado, nessas obras, como dialeto do português, razão pela qual recebem outra crítica de Lang (2012: 25):

> Ambos os autores, aluno de Rodrigo de Sá Nogueira na Universidade de Lisboa o primeiro e de Manuel de Paiva Boléo na de Coimbra a segunda, esforçam-se sobretudo por derivar as palavras e formas crioulas de palavras e formas do português. Em ambas as obras há milhares de ocorrências do símbolo < usado em linguística histórica para indicar a relação de um som ou de uma forma com o seu antecessor num estado anterior da mesma língua ou numa 'língua mãe' desta. Trata-se pois de gramáticas históricas do cabo-verdiano.

Assim, no período que precede e no que segue logo após a independência de Cabo Verde em 1975, surgiu um novo grupo de estudos do CCV que teceria severas críticas aos dois autores acima mencionados. Esse grupo consiste essencialmente de descendentes caboverdianos nos Estados Unidos da América, que defenderam teses de doutoramento, tomando o CCV como objeto de estudo e defendendo o estatuto de CCV como língua independente em face à língua portuguesa – cf. Lang (2012: 29). Esses estudos têm forte ligação com os sentimentos nacionalistas reinantes no país e na diáspora e que motivaram a luta armada e levaram o país à independência da colônia portuguesa.

3.1.1.2. Estudos sobre o CCV Pós-independência

Logo, após a independência de Cabo Verde, em 1975, retomaram-se, com força, os estudos e valorização do CCV. Um marco importante é o "*1º Colóquio Linguístico Sobre a Problemática do Estudo e da Utilização do Crioulo*" (conhecido como Colóquio de Mindelo), organizado de 9 a 14 de Abril de 1979 na cidade de Mindelo, ilha de São Vicente, pelo Ministério da Educação e Cultura e com o apoio da UNESCO. Desse colóquio surgiu uma proposta de base fonético-fonológica para a escrita da língua caboverdiana – cf., entre outros, Freire (2007: 27); Veiga (2000: 11). Participaram nesse colóquio, professores de todos os níveis, juristas, escritores, jornalistas, antropólogos, jovens e idosos, linguistas e filólogos tanto nacionais como estrangeiros e representantes das comunidades cabo-verdianas na diáspora (Freire, 2007: 27). Segundo Torquato (2011: 159), o Colóquio de Mindelo "*configura-se como a primeira ação política in vitro efetuada pelo Estado em Cabo Verde*". O autor (op. cit.) ainda remarca que apesar de buscar-se "*a inter-relação entre diferentes atores sociais, constitutiva das*

políticas linguísticas oficiais – Estado, políticos e linguistas", o evento possuía um caráter eminentemente político. Malgrado todas as tentativas para a sua implementação, a Proposta de Alfabeto do Colóquio de Mindelo teve um efeito contrário ao que se esperava, como relata Veiga (2000:11):

> [...] por ser de base fonético-fonológica, afastava-se radicalmente do modelo de alfabeto então conhecido e praticado em Cabo Verde. E o modelo então praticado, para além de ser o único então conhecido, servia também de suporte a uma língua que sempre teve prestígio entre nós – o português. A funcionalidade da PA/79 contrastava assim com a sua disfuncionalidade sociolinguística. Assim, a elite cultural ignorou-a; a comunicação social nem sequer tomou conhecimento dela; na administração e no ensino tinha as portas fechadas; alguns jovens escritores elegeram-na como elemento de humor para brincar com os que a praticavam.

A rejeição da proposta do Colóquio de Mindelo suscitou a necessidade de reformular e sanar as deficiências do alfabeto proposto. Foi com esse intuito que, em 1989, foi organizado outro colóquio, denominado "*Fórum de Alfabetização Bilíngue*", na cidade da Praia, pelo Ministério da Educação. Nesse fórum, participaram professores, alfabetizadores, escritores e linguistas. O fórum não fez propostas de mudanças significativas para a proposta do Colóquio de Mindelo, mas recomendou a criação de uma comissão consultiva, que deveria propor medidas concretas ao governo e à então direção de Educação Extraescolar com vistas a se criar um modelo de alfabeto mais consensual. Assim, em 1993, viria a ser criada essa comissão que trabalhou e apresentou uma nova proposta de alfabeto denominado ALUPEC (Alfabeto Unificado para a Escrita do Caboverdiano). Cinco anos após a proposta, em 1998, o governo aprovou o ALUPEC, a título experimental através do decreto nº 67/98, de 31 de Dezembro, por um período de cinco anos. A fase experimental acabaria por durar 10 anos e somente aos finais de 2008 é que surge outra publicação que institui o Alfabeto Caboverdiano por meio do Decreto-Lei nº 8/2009.

Até os dias atuais, o que se conseguiu foi somente a instituição de um alfabeto oficial para a escrita de qualquer variedade da língua caboverdiana. No que diz respeito à oficialização do CCV ao lado do PCV, as várias tentativas após a independência têm sido infrutíferas. Freire (2007: 37) fez uma pesquisa sobre o nível de adesão à oficialização do CCV e apresenta um quadro não muito favorável para um estado democrático: a maior adesão à oficialização do CCV se verifica na capital do país, Cidade da Praia (69%) e no interior de Santiago (60%) e a menor em Santo Antão (20%) e S. Vicente (26%). Na ilha do Fogo a adesão é de 56%. Perante a considerável desproporção desses fatos a autora (op. cit.) comenta:

> Estes números, segundo o Afrobarómetro, "são reveladores da necessidade de um debate nacional sobre esta questão" ou então de um melhor esclarecimento do que se pretende realmente com essa medida. De acordo com o artigo e durante as entrevistas que fizemos, pudemos inferir que a opinião das pessoas é irreflectida ou depende de um conceito de oficialização como o de erradicação da língua portuguesa de Cabo Verde. Falta uma clarificação do conceito a nível nacional, o que abrangeria todos os estratos sociais. Freire (2007: 37).

Cabe ressaltar que, mesmo 10 anos após a pesquisa de Freire (2007), a realidade não se alterou muito. As pesquisas de campo realizadas para organização dos *corpora* desta Tese indicaram tendência semelhante à apontada por Freire (2007). A principal razão para a falta de adesão à oficialização do CCV se deve à herança colonial de que o CCV é uma 'corruptela' do português e este que se constitui como a principal ameaça para o desenvolvimento de uma competência cabal em PCV – como mencionado, desde os primeiros estudos, o CCV foi visto um "dialeto muito corrupto" do português. Na segunda metade do Século XX, surgiram estudos que buscaram defendê-lo como língua independente e autônoma, mas até o presente, o senso comum (incluindo a vasta maioria dos falantes nativos) ainda o encara como "língua sem gramática própria e difícil de escrever".

> Durante a época colonial, o Crioulo era considerado por muitos como um "Português mal falado" ou, na melhor das hipóteses, um "dialecto" do Português. Estas ideias arreigaram-se de tal maneira no imaginário colectivo que ainda hoje prevalecem na mente de muitos portugueses e até de alguns cabo-verdianos. A ideia de "Português mal falado" radicava no preconceito, expresso por alguns autores, desde o século XIX, de que os falantes de Crioulo "não eram capazes de imitar os portugueses" – ILTEC (sem data: 2).

Perante tal situação paradoxal, o CCV prossegue o seu percurso 'normal', iniciado a cerca de 500 anos atrás: (i) em situação de estreito contato com a língua portuguesa; (ii) relegado à vida informal e excluído das instâncias formais; (iii) sendo a língua materna e de comunicação entre os caboverdianos e daqueles que residem em Cabo Verde; (iv) um dos principais elementos de identidade cultural dos caboverdianos, especialmente nas diásporas.

Feita a abordagem introdutória acima sobre o CCV, a língua materna dos caboverdianos, na próxima subseção, apresenta-se a segunda língua do contexto sociocomunicativo caboverdiano, o PCV.

3.1.2. **O Português Falado em Cabo Verde**

De acordo com fontes históricas disponíveis, a língua portuguesa foi a primeira língua falada em Cabo Verde; ela foi implantada em solo caboverdiano desde 1462, ano

de início do povoamento das ilhas. As ilhas foram descobertas em 1460 e o povoamento é considerado como sendo de imediato, pois em 1462 já havia portugueses na ilha de Santiago, segundo a *Carta Régia* de 12 de junho sob a Chancelaria de Don Afonso V (BALENO, 1991: 27). De acordo com Baleno (1991: 148-149), os primeiros habitantes do arquipélago foram portugueses, provavelmente, do Norte de Portugal. Eles foram aliciados com incentivos comerciais da parte da coroa para negociações com 'os vizinhos das ilhas', a região conhecida na época como Costa da Guiné.

Quanto à origem e formação de uma variedade autóctone da língua portuguesa em solo Cabo Verde é muito temerosa a proposta de uma data exata para o seu surgimento. A 'falácia' reinante, até entre certos linguistas, é de que a variedade do português falado em Cabo Verde é uma 'réplica', ainda que não perfeita, da variedade europeia da língua portuguesa.

No tocante à indicação de uma data longínqua para o surgimento de uma variedade autóctone do português no arquipélago surge como contraponto o seguinte fato: o surgimento do CCV e a ineficiência das várias tentativas em impor o português desde os primórdios da colonização até a independência. Figueiredo (2010: 47) descreve a situação reinante desde a época dos descobrimentos:

> Desde a sua formação até aos nossos dias, o CCV tem mantido um contacto quase exclusivo com a língua portuguesa. Privados das relações com as suas terras de origem, os africanos e seus descendentes acabaram por deixar de usar as suas L1's. Desta forma, em Cabo Verde existem apenas duas línguas nacionais: o CCV e o português, que ganhou o estatuto de língua oficial, embora se preveja para breve o estatuto de "língua de ensino e da administração" para o crioulo. Estigmatizado durante séculos, o CCV, apesar de ser a L1 de todos os cabo-verdianos, não era estudado nas escolas nem usado em contextos oficiais.

Cabe, porém, ressaltar que, apesar de elucidar o contato entre o CCV e o português, Figueiredo (2010) não propõe a existência de uma variedade autóctone da língua portuguesa em Cabo Verde. Como se pode constatar pelas palavras do autor (op. cit.), a situação de contato linguístico antes entre a língua portuguesa e línguas da costa ocidental africana é depois perpetuada entre a língua portuguesa e o CCV.

Como evidenciado acima, em Cabo Verde, o contato linguístico é um fato aceito e inquestionável. Todavia, essa situação de contato é normalmente usada para explicar somente a origem do CCV – essa é a tendência quase que generalizada da literatura para a descrição da situação sociolinguística caboverdiana – ver, entre outros, Veiga (2015), Madeira (2013).

A forma como o contato linguístico entre o CCV e o PCV é tratado na literatura parece suscitar as seguintes leituras: (i) somente o CCV sofreu e até hoje sofre os efeitos do contato; (ii) a língua portuguesa em solo caboverdiano permaneceu livre e isenta de quaisquer influências, preservando assim uma 'réplica' da variedade europeia do português em solo caboverdiano. No entanto, apesar da inexistência de elementos suficientes para embasar a proposta de uma data longínqua para o começo da formação de uma variedade local do português, nesta Tese, buscam-se pistas históricas e linguísticas que apontam para uma variedade local em formação ao longo dos anos de contato linguístico entre CCV e PCV.

3.1.2.1. Pistas Históricas de uma Variedade Local em Formação

Desde o início dos estudos da situação sociolinguística caboverdiana, a atenção vem sendo focada no CCV. Até recentemente, o PCV não recebeu a devida atenção dos estudiosos como objeto independente de análise e descrição linguística. Logo, é de se esperar a inexistência de documentos sobre o português falado em Cabo Verde tal como apresentado acima para o CCV. O que se pode fazer é tentar "ler entre linhas" a possibilidade de uma variedade local em formação. A seguir, são apresentados relatos, normalmente, utilizados para demonstrar o desprestígio com que foi tratado o CCV ao longo dos séculos de sua existência, mas em que há referências ao PCV:

(i) o relato de um escritor anônimo em 1784, em que ele fala da população caboverdiana e sua língua:

> [...] até mesmo os brancos são pouco civilizados, de sorte que raros (são) os que sabem falar a língua portuguesa com perfeição, e só vão seguindo o estilo de falar da terra, que é uma corruptela tão rústica que não se pode escrever (CARREIRA, 1985:27).

(ii) A fala de um congressista no Congresso de Antropologia Colonial (1934), que ao se referir à situação linguística preocupante da então Colônia (Cabo Verde), fez o seguinte comentário:

> [...] até os filhos de Portugal animam este uso aprendendo o crioulo logo que chegam da Europa, usando-o no trato doméstico e educando os seus filhos a falarem quase com a exclusão do português [...] o crioulo [...] não favorece a ideia unitária do Império (FERREIRA, 1973:130-131).

(iii) Relato de Veiga (2009):

> A relação entre a Lp e o Ccv, não sendo totalmente harmoniosa, foi no entanto pacífica, do século XV ao século XIX, altura em que o sistema do ensino formal, ministrado exclusivamente em português, conferiu, por um lado, um grande prestígio à língua portuguesa e, por outro lado, passou não

> só a marginalizar, como também a menosprezar a língua crioula (VEIGA, 2009).[27]

Os trechos acima citados indicam uma situação de contato entre o CCV e o PCV de tal forma que não se pode admitir que somente o CCV tenha sofrido as influências desse contato. Uma segunda leitura, diferente da que normalmente se faz, a partir dos textos acima, é a de que a língua portuguesa sofreu fortes influências do CCV (ainda que não se tenha conhecimento de nenhuma descrição da natureza dessas influências); influências tais que levaram os autores desses relatos a considerar que, até os falantes L1 da língua portuguesa em Cabo Verde naquele período, falavam um português 'imperfeito'. Dessa forma, o que se depreende é que o português que era falado em Cabo Verde, mesmo pelos portugueses nativos, se estruturou com marcas de um contato com um sistema linguístico dito "corrompido", "rústico", "não civilizado", "impossível de se escrever", o CCV.

Por certo, o contato linguístico entre o PCV e o CCV, nas condições apontadas acima, permaneceu por cerca de quatro séculos (XV a XIX) sem nenhuma medida legal por parte dos órgãos e/ou poderes locais que pudesse impedir esse contato formalmente. Nos dizeres de Veiga (2009, sem página), o monitoramento linguístico só viria a acontecer no século XIX com a introdução do ensino formal em Cabo Verde. Pressupõe-se, assim, que esse longo período de contato linguístico sem nenhum 'monitoramento' (séculos XV a XIX) tenha contribuído grandemente para deixar marcas na variedade da língua portuguesa falada em Cabo Verde. Até o presente momento, o sistema de ensino formal não conseguiu erradicar todas as interferências causadas no passado e que ainda continuam sendo transferidas do CCV ao PCV e vice-versa – cf. Lopes Amália (2011: 17).

3.1.2.2. Em Busca de uma Possível data

Um marco importante a favor do surgimento de uma variedade local da língua portuguesa em Cabo Verde é a independência do Brasil em 1822. Com a perda do império luso-brasileiro, as atenções de Portugal voltaram às colônias africanas e do oriente. Segundo Alexandre (2004: 959), com a perda do império luso-brasileiro, Portugal perdeu cerca de dois terços do total de sua exportação. Para agravar ainda mais a situação da colônia, ao início do Século XIX, a relação de Portugal com o restante das colônias era muito tênue: "*As colónias de África continuavam ligadas, sobretudo ao*

---

[27] Documento publicado na internet sem paginação.

Brasil pelo tráfico negreiro, que, embora ilegalizado, mantém números elevados até 1851." – Alexandre (2004: 960). Mesmo ao voltar atenção para África, essa atenção foi centrada nos dois territórios de maior extensão (Angola, com mais de 1 200 000 km², e Moçambique, com 783 000 km²).

Porém, ao longo do Século XIX, ocorreram mudanças políticas significantes em Portugal e que, na segunda metade do século, foram, substancialmente, apoiados no interesse europeu pelo continente africano. É nesse contexto que:

> [...] funda-se em Portugal, em 1875, a Sociedade de Geografia de Lisboa, que terá nos anos seguintes um importante papel na definição da política colonial portuguesa. No imediato é dela que vem o impulso para a realização das viagens de exploração portuguesas, que se iniciam em 1877 – Alexandre (2004: 969).

Porém, neste trabalho, centra-se apenas em aspectos correlacionados à educação – estes estão diretamente ligados a aspectos linguísticos, o foco desta Tese.

Para entender melhor o cenário reinante nas colônias, começa-se por trazer um vislumbre da situação na própria metrópole portuguesa, dos quais destaca-se a fundação da República Portuguesa a 5 de outubro de 1910. Segundo OEI (sem data: 19), a essa data, cerca de 70% da população da própria metrópole era analfabeta, não podendo se esperar situação melhor nas colônias. Em 1911, deu-se a reforma do ensino primário (início do ensino primário obrigatório), a mesma data para a criação das universidades de Lisboa e do Porto OEI (sem data: 19). Essa mesma reforma foi alargada às colônias que passaram a receber melhor atenção por parte da metrópole.

No caso de Cabo Verde, a história da educação mais significante acontece a partir do Século XIX, ligada aos acontecimentos acima mencionados – a perda do império luso-brasileiro e interesse pelo continente africano. O início do ensino público, em Cabo Verde, dá-se em 1803 em quase todas as ilhas. Em 1817, criou-se na cidade da Praia o ensino primário oficial, mas que não funcionou durante muito tempo devido ao falecimento do mestre. Este só se reabriu em 1821 – Tavares (2009: 35). Em 1860, criou-se o Liceu Nacional de Cabo Verde, na Praia que, devido à falta de professores, não chegou a funcionar por um longo período de tempo. Após várias tentativas criou-se em 1866, o seminário de São Nicolau, o primeiro estabelecimento de ensino secundário criado na Província.

Depois da reforma do ensino ocorrido em 1911, com a criação da República, a educação nas províncias, incluindo Cabo Verde, viu alguma melhoria. Mesmo assim, à altura da independência de Cabo Verde em 1975, a taxa de analfabetismo no país era

estimado acima de 60% - cf. Furtado (2008: 24). Cerca de 42 anos depois da independência e dos esforços empreendidos, atualmente a taxa de alfabetização para adultos maiores de 15 anos em Cabo Verde é acima dos 90% - ODM (2015: 16).

Haja vista a educação em Cabo Verde tem sido feita, até recentemente, exclusivamente em língua portuguesa, o desenvolvimento de uma variedade local da língua portuguesa está diretamente ligado à história de educação no país, haja vista o corpo docente ser formado essencialmente por nativos, que têm como língua materna o CCV.

3.1.2.3. Primeiras Pistas Linguísticas do PCV

Como já mencionado, o PCV não tem sido, até recentemente, o objeto dos estudiosos do sociocomunicativo caboverdiano. Logo, não há estudos nem registros específicos da variedade da língua portuguesa falada em Cabo Verde, como aconteceu com o CCV por meio dos estudos de Adolpho Coelho já mencionados. Todavia, é possível ver 'marcas', dessa variedade, deixadas ao longo da história, ainda que não em tempos tão distantes como o CCV. Nesta Tese, traz-se uma pequena amostra de possíveis marcas da variedade local da língua portuguesa em formação em Cabo Verde. Essas amostras são de acerca de um século atrás.

As amostras do que poderiam ser considerados traços de uma variedade autóctone da língua portuguesa em formação em Cabo Verde são tomadas a partir da obra literária considerada o primeiro romance caboverdiano, o livro "Chiquinho" de Baltazar Lopes. A primeira publicação desse romance é de 1947.

O romance Chiquinho retrata a vida do autor desde a infância até a juventude, dividido em três capítulos intitulados: Infância; S. Vicente e As águas. Isso que quer dizer que essa retrata a realidade de Cabo Verde entre os finais do Século XIX e as três primeiras décadas do Século XX, haja vista o autor ter nascido em 1907. No romance há uma preocupação visível do autor em defender a afirmação do crioulo enquanto língua: ao longo da obra aparecem trechos em CCV. Mesmo não buscando defender a existência de uma variedade da língua portuguesa em Cabo Verde, na tentativa de tornar a obra uma peça genuinamente caboverdiana, o autor reproduz textos e enunciados dos personagens, buscando, assim, reproduzir a variedade do português falada/escrita na época por aqueles que tinham algum conhecimento da língua portuguesa. Assim, a seguir, são apontados alguns aspectos ilustrativos dessa variedade do português em formação em solo caboverdiano:

Primeiramente, cita-se o fato de que os nomes de praticamente todos os personagens são constituídos de dois nomes, uma prática identitária caboverdiana:

1) Bibia Ludovina;
2) Pedro Xamento;
3) Nhô João Joana;
4) Mamãe-Velha;
5) Chico Zepa;
6) Nhô Chic'Ana;
7) Nha Rosa Calita
8) Nhô Mané de Ramos;
9) José Capado;
10) Maria Guida;
11) Nhô José Tomásia
12) Nhô André Crioulo
13) Izé da Silva
14) Joca Cuscús;
15) Mané Pretinho;
16) Mané Péta;
17) Antoninho Bia;
18) Pitra Marguida;
19) Tói Mulato

Como se pode observar pelos dados acima, os nomes dos personagens adultos são precedidos das formas de tratamento de respeito "nhô" e "nha" (senhor e senhora respectivamente). Até a alma (dita ser o espírito de alguém que já morreu, mas que por algum motivo, volta ao mundo dos vivos a fim de resolver alguma pendência deixada pra trás) que estava "cangada" em Bibia tinha nome duplo: António Carrinho – Silva (2008: 84).

Outro fato interessante é que todos os personagens que têm um nome próprio como seu segundo nome, esse nome é o de uma mulher, bem provável, o da mãe do personagem (que pode ser a mãe biológica, ou mãe de "criação", na maioria das vezes, uma das avós). Esse fato serve como prova de que ao 'emprestar' os nomes do quotidiano (tal como pronunciado em CCV), não se trata apenas de um empréstimo lexical com adaptação fonológica para o português: o nome traz consigo fatos culturais e linguísticos.

Outras possíveis marcas da variedade caboverdiana do português retratada em Chiquinho são as expressões típicas caboverdianas que outrora podem ter sido termos do português (quinhentista), mas tornaram-se obsoletos em outras variedades do português (em especial o europeu). Para ilustrar isso, são apresentados exemplos

extraídos da edição de Chiquinho de 2008, ou seja, Silva (2008). Ao lado dos dados é apresentada a página correspondente. O(s) elemento(s) em destaque é/estão grifado(s) em negrito. Abaixo do dado é apresentado o significado do elemento/expressão grifado:

(20) Casa que meu avô construiu com dinheiro ganho **de riba da água do mar** – p. 13

- em cima da água do mar – indicando a vida de marinheiro.

(21) ... receitou uma xaropagem qualquer que Mamãe-Velha **fincou** os pés à parede e se recusou a tomar – p. 15

- **fincou** – apesar de ser termo usado em português, em Cabo Verde esse termo tem ganhou um significado especial, a ponto que ao usá-lo em português, o falante caboverdiano tem a impressão de estar usando um termo do CCV.

(22) ... dos linguareiros, que só sabem **nicar** na vida do próximo – p. 16

- roer ou comer pela beirada (fofoca).

(23) Não sei como **lhe deu aquilo na cabeça**... – p. 16

- pensar em algo

(24) Papai andara sempre para **riba** e para baixo... – p. 18

- para cima

(25) Quando Tuta de Melo esteve na ilha, Mamãe foi tirar retrato a Nanduca para Papai conhecer o seu **codê** – p. 19

- caçula ou filho menor

(26) Deus te salve, com esse corpo todo **dobregado**... – p. 25

- debruçado, envergado

(27) Mamãe insistia por que ele tomasse também **de-meias** o tapadinho de baixo ... mão-trocada – p. 28

- **de-meias**: prática que consiste em ceder um terreno a alguém para cultivar e dividir a colheita meio a meio com o proprietário.

- **mão-trocada**: prática cooperativista que consiste em ir trabalhar para alguém em troca de mão de obra e não dinheiro.

(28) E do campo subia o **bombar** profundo das vacas, inundando o crepúsculo com a nostalgia do seu lamento prolongado, à boca dos currais, onde os bezerros arrelhados **mugiam** a sua orfandade de uma noite – p. 44

- interessante notar que o som produzido pelas vacas é “bombar” enquanto que os bezerros “mugem”.

(29) Na segunda mesa encontrei uma **esporinha** de galinha – p. 54

- osso do peito de frango que tem o formato de uma espora.

(30) Dizem que os navios trazem no **cocuruto** dos mastros as almas dos capitães que morreram – p. 60

- ponto mais alto

(31) O mar é uma horta sem **morouços** – p. 61

- pedras, árvores ou outras referências que servem para marcar a divisória entre propriedades de donos diferentes

(32) Bibia Ludovina **estava com alma** – p. 75

- estar possuído por espírito de alguém que já morreu

(33) Este que **cangou** em Bibia não é de brincadeira – p. 75

- verbo associado ao ato de impor o instrumento "canga", usado para unir dois animais

(34) Corro-te a mão, Chico Zepa!...Se és **filho-macho**, experimenta... – p. 78

- alguém do sexo masculino, homem.

(35) Chico era ágil e passador de **calaca**. Montou Pedro no **selim** e jogou com ele em terra – p. 78

- **calaca**: dar rasteira com os pés para derrubar alguém;

- **selim** – se refere ao lombo. Expressão tomada do lombo dos animais em que se coloca o selim (albarda).

(36) Maria Guida caiu no chão espumando pela boca, com um **faniquito** – p. 81

- desmaio

(37) Chico Zepa ficou todo emproado, **bazofiando** – p. 79

- se gabando

(38) **caldeirona** – p. 90

- aumentativo de caldeira, caldeirão

Outros elementos em que se vêm marcas do PCV são as cartas reproduzidas no romance. Assim, a seguir, são reproduzidas duas cartas encontradas no romance Chiquinho.

(39) a) Carta 1 – Silva (2008: 94)

Minha querida irmã do meu coração Gertrudes Ana Duarte,

S. Nicolau, Caleijão

Eu peguei nesta pena para fazer estas duas regras e eu desejo que estas encontrarão você numa boa saude na

companha dos meninos, igualmente meu desejo e eu graças a Deus estou bom.

Tudinha você ponba consolança no seu coração eu desejo você uma consolança e resignação na vontade de Deus. Tudinha triste novidade que tenho para você é teu filho Manuel que faleceu no dia 3 de Novembro, derivado de uma máquina que pegou ele e matou na fábrica. Nós tudo ficou muito triste, coitado de Manuel era um bom moço e nós tudo tinha com ele uma boa vivencia. Tudinha teu filho teve um fanoral bonito e todos amigos de Betfete acompanhou ele até no cemitério. Tudinha eu não mando você agora a mala do falicido porque conse disse que papel dele não está ainda tudo claro. Faleceu também outrum rapaz de S. Nicolau e ele não era da nossa ribeira. Tudinha eu não mando você uma lembrança porque assim não está na jeito. Tudinha eu tenho vontade de ir para Cabo Verde mas não estou na altura porque serviço está escasso. Abença que eu manda meus sobrinhos. Recomendação para todos aqueles que perguntar para mim. António Bia já está perto de ira para S. Nicolau. Uma boa consolança que eu deseja você na seu coração. Nada mais deste teu irmão.

Antonio João Duarte.

b) Carta 1 – Silva (2008: 94), com grifos acrescentados, realçando alguns aspectos linguísticos

Minha querida irmã do meu coração Gertrudes Ana Duarte,
S. Nicolau, Caleijão

Eu peguei nesta pena para fazer estas duas regras e eu desejo que estas encontrarão você numa boa saude na ***companha*** *dos meninos, igualmente meu desejo e eu graças a Deus estou* ***bom****.*

Tudinha você ponba ***consolança*** *no seu coração eu desejo você uma consolança e resignação na vontade de Deus. Tudinha triste novidade que tenho para você é teu filho Manuel que faleceu no dia 3 de Novembro, derivado de uma máquina que* ***pegou <u>ele</u>*** *e matou na fábrica.* ***Nós tudo ficou*** *muito triste,*

coitado de Manuel era um bom moço e nós tudo tinha com ele uma boa vivencia. Tudinha teu filho teve um ***fanoral*** *bonito e* ***todos amigos de Betfete acompanhou ele*** *até no cemitério. Tudinha eu não mando você agora a mala do falicido porque conse disse que* ***papel dele*** *não está ainda tudo claro. Faleceu também outrum rapaz de S. Nicolau e ele não era da nossa ribeira. Tudinha eu não mando você uma lembrança porque assim* ***não está na jeito****. Tudinha eu tenho vontade de ir para Cabo Verde mas não estou na altura porque serviço está escasso. Abença que* ***eu manda*** *meus sobrinhos. Recomendação para todos aqueles que perguntar para mim. António Bia já está perto de ira para S. Nicolau. Uma boa consolança que* ***eu deseja*** *você na seu coração. Nada mais deste teu irmão.*

Antonio João Duarte.

(40) a) Carta 2 – Silva (2008: 123)

Chiquinho,

Mantenhas que nós todos te mandamos. Meu filho, esta casa está numa tristeza com as médias que apanhaste neste trimestre. Ficámos todos tristes, então sei se o que hei-de mandar dizer a António Manuel. Chiquinho, como perdeste a tua fama de bom aluno? Estuda, meu filho, não queremos que fiques lombando na enxada. Mamãe pensou na sua cabeça que talvez seja fraqueza. Mandamos ovos para beberes cru em jejuminho natural, porque dá substância no corpo. Chiquiinho, experimenta comer camoca com mel, Nina de nha Zepa, quando estave fraca, foi assim que pegou o corpo. Abença que te manda para Nossenhor de um bom resultado no fim do ano. Lela e Nanduca estão bons, só com muitas saudades de Mano Chiquiinho. Abença que te manda mamãe. Recomendação de todos os amigos e conhecidos. Brenção da tua mãe muito amiga,

Maria Júlia da Encarnação Soares

b) Carta 2 – Silva (2008: 123), com grifos nossos, realçando alguns aspectos linguísticos

Chiquinho,

Mantenhas que nós todos te mandamos. Meu filho, esta casa está numa tristeza com as médias que ***apanhaste*** *neste trimestre. Ficámos todos tristes, e não sei se o que hei-de mandar dizer a António Manuel. Chiquinho, como perdeste a tua fama de bom aluno? Estuda, meu filho, não queremos que fiques* ***lombando*** *na enxada. Mamãe* ***pensou na sua cabeça*** *que talvez seja fraqueza. Mandamos ovos para beberes cru em* ***jejuminho*** *natural, porque dá substância no corpo. Chiquinho, experimenta comer camoca com mel, Nina de nha Zepa, quando esteve fraca, foi assim que* ***pegou o corpo****. Abença que te manda para Nossenhor de um bom resultado no fim do ano. Lela e Nanduca estão bons, só com muitas saudades de Mano Chiquinho. Abença que te manda mamãe. Recomendação de todos os amigos e conhecidos. Brenção da tua mãe muito amiga,*

Maria Júlia da Encarnação Soares

Dos elementos acima grifados nas cartas, chama-se a atenção para alguns: (i) a falta de concordância em número das formas verbais com os respectivos sujeitos nominais e falta de concordância dentro do sintagma nominal como, por exemplo: "nós tudo ficou", "todos amigos de Betfete acompanhou", "eu deseja", "eu manda"; (ii) uso de pronome do caso nominativo em posição de caso acusativo objeto, como, por exemplo: "pegou ele", "acompanhou ele"; (iii) construções e expressões em que são evidentes os empréstimos do CCV: "pensou na sua cabeça", "pegou o corpo", "jejuminho", "lombando", "não está na jeito".

Para fechar a amostra de dados do PCV encontrado no romance Chiquinho, traz-se um dado de ordem sintática:

(41) Mamãe ficou chorando, a carta é de luto e mamãe disse que seu coração **deu-lhe** sentido numa desgraça – Silva (2008: 94).

A atenção vai para o verbo dar e o pronome clítico dativo da terceira pessoa do singular, "lhe". Aparentemente, a construção é genuinamente portuguesa, mas uma

análise mais minuciosa vai indicar que se trata de um empréstimo do CCV, que não consiste somente de empréstimo lexical, mas também da estrutura sintática. Em CCV, é recorrente a seguinte expressão:

(42) **Sê korasaun da-l sintid nun dzgrasa**

Sê	**korasaun**	**da**	**-l**	**sintid**	**nun**	**dzgrasa**
3SG.Poss	coração	dar-PFT	3SG.DAT	sentido	em + uma	desgraça

Tradução Literal: O seu coração deu-lhe sentido em uma desgraça.
Tradução Livre: Ele teve um pressentimento de desgraça no seu coração.

Dados como (41) em PCV e (42), aparentam ser o caso tratado na literatura como *LHE atemático*, atestado em línguas como o PB (cf. Campos 2014: 168-169) e português falado no Libolo (cf. Figueiredo, Jorge & Oliveira (2016).

Assim, por meio das amostras acima reproduzidas, buscou-se demonstrar que apesar da inexistência de estudos do PCV até o recentemente, existem pistas históricas e linguísticas a favor da existência de uma variedade local em formação ao longo da história de Cabo Verde. O desenvolvimento mais expressivo da variedade local do português está diretamente ligado à história da educação em Cabo Verde, haja vista, até o presente, a língua portuguesa ser a língua da educação formal.

3.2. QUESTÕES LINGUÍSTICO-POLITICAS EM CABO VERDE

Como se mostrou na subseção (3.1.1.2.), logo após a independência de Cabo Verde, surgiu um interesse nacional em defesa e valorização da língua materna, o CCV. Apesar de todos os esforços empreendidos, até hoje, 42 anos após a independência, não se chegou ainda a um consenso sobre a cooficialização do CCV ao lado PCV. Há sempre um debate cerrado quando o assunto em pauta é a oficialização do CCV ou o estatuto da língua portuguesa em Cabo Verde. Basta uma breve pesquisa na internet sobre o assunto para ver a divisão de opiniões dos caboverdianos. Para ilustrar a situação linguístico-política em Cabo Verde, traz-se aqui um recorte de um debate ao entorno de uma publicação recente feita em um dos jornais nacionais sobre as mudanças curriculares para o ensino da língua portuguesa no arquipélago.

O texto intitulado *"Cabo Verde não pode pôr em causa o português"* se trata de uma entrevista feita por um jornalista a uma antiga professora da língua portuguesa (Dulce Lush Ferreira Lima) em Cabo Verde – ver Ferreira (2016). A entrevista gira ao entorno da "*mudança de metodologia de ensino da língua portuguesa*" proposta pelo elenco do ministério de educação que tomou posse a 20 de abril de 2016. A pergunta de

partida é a seguinte: "*Língua primeira, língua segunda, materna, não materna. Muitos conceitos. Qual é a situação do português em Cabo Verde?*" – cf. Ferreira (2016: sem página). A entrevistada responde que em Cabo Verde há dois sistemas linguísticos (a língua caboverdiana e a língua portuguesa), e que prefere denominar o CCV de língua primeira, pois esta é a primeira adquirida pela criança caboverdiana. Logo a língua portuguesa é língua segunda em Cabo Verde.

As outras perguntas colocadas são: (i) *Em relação à ideia do Ministério da Educação, de passar a ensinar o português como língua não materna?* (ii) *Porque é que é tão difícil discutirem-se questões de língua, em Cabo Verde?* (iii*) É possível Cabo Verde salvaguardar a língua cabo-verdiana, sem pôr em causa o português?* (iv) *E como é que se garante essa salvaguarda?* (v) *Que papel tem o sistema de ensino nesse processo?* (vi) *"Português sai valorizado como segunda língua".* As respostas da entrevistada podem ser vistas na íntegra em Ferreira (2016). Aqui se dá enfoque aos comentários feitos sobre a entrevista.

Para o comentarista César Palmieri Martins Barbosa, o principal motivo está embasado em mentiras que de tanto repetidas foram assimiladas como verdades:

> Existe uma mentira que se tornou verdade em Cabo Verde por causa da sua repetição incessante: --- A língua portuguesa é a língua do dominador e a língua caboverdiana é a libertação do povo oprimido. É necessário acabar com o português e ensinar apenas o crioulo caboverdiano para libertar o povo e afastar a subserviência e a opressão, para ter um País livre e feliz.--- Trata-se de uma mentira com alto poder retórico de convencimento, com grande carga emocional, mas que conduz justamente à miséria e à falta de soberania e independência, fazendo de Cabo Verde um País dependente da ajuda internacional – Ferreira (2016: sem página).

O comentarista ainda equipara a sociedade caboverdiana a um sistema de *aparthaid* social:

> Cabo Verde é um País com um forte sistema de aparthaid social, no qual a língua portuguesa é o fator que determina a separação entre a elite e os pobres. Por esse motivo, os pobres confundem o efeito com a causa, e odeiam o português por acreditar que o problema não é o facto de lhes ter sido negado o caríssimo ensino da língua portuguesa, e, por isso pensam que a abolição do português e o uso apenas da língua caboverdiana trará a igualdade de oportunidades para os que só falam o crioulo caboverdiano, o que é mentira – Ferreira (2016: sem página).

Na opinião de César Barbosa tudo isso não passa de um jogo político do governo que em face da grande dívida pública "*decidiu cortar as verbas destinadas ao ensino da língua portuguesa, o que condenará os pobres à miséria*" – Ferreira (2016: sem página).

O comentarista Joaquim Manuel Amem apela para o caso do inglês nos Estados Unidos para defender que a questão de oficialização em Cabo Verde não é tão relevante assim:

> Já lá vão 240 anos após a independência dos Estados Unidos da Inglaterra (1776) e a língua oficial deste país não é o Inglês porque não está na Constituição. Qual é o problema? Nenhum! Todos sabemos que o Inglês é a língua que se fala e escreve oficialmente. Portanto, acho que Cabo Verde devia acabar com essa politiquice de língua, deixar a chuva cair conforme pretender. Sabemos que o Português é a escrita oficial em todos os assuntos internos e externos, mas também deixando liberdade linguística para quem quiser escrever o Kriolu – Ferreira (2016: sem página).

A comentarista Andrea Fortes toma, de forma equivocada, cita como exemplo o caso do papiamentu na ilha de Curaçau e chega a indicar fontes duvidosas que informam que, após cinco anos após a implementação do ensino do papiamentu nas escolas, este teve que ser retirado para dar lugar ao ensino do holandês. Ainda, a comentarista faz o seguinte aviso "*e depois não nos venham dizer que não vos avisamos*".

Os comentários acima corroboram a afirmação da entrevistada de que "*cada falante de uma língua sente-se como especialista ou dono da língua e essas questões criam áreas de grande emotividade*" – Ferreira (2016: sem página).

No que diz respeito a promulgações políticas concretas da parte do governo de Cabo Verde, além das já mencionados na subseção (3.1.1.2.), com especial menção para o Colóquio de Mindelo de 1979, acrescentam-se as seguintes:

(i) **A definição da Política Linguística** publicada como parte do Decreto Lei n.º 67/98 de 31 de dezembro de 1998 que estabelece as "Bases do Alfabeto Unificado para a Escrita do Crioulo Cabo-verdiano", o ALUPEC. Abaixo é reproduzido um trecho da definição da política linguística promulgada pelo governo de Cabo Verde:

> Uma estratégia consequente com o desenvolvimento sócio-cultural do país deverá permitir a utilização, a mais alargada possível da língua, em todas as situações de comunicação e através de qualquer tipo de suporte.
> É imprescindível que se conceba uma política linguística que permita ao Crioulo partilhar com o Português o estatuto de língua oficial. Para tal, uma estrutura científica, vocacionada, fundamentalmente, para a pesquisa e divulgação do Crioulo, deverá ser criada e dotada de meios para o desenvolvimento da sua acção.
> O processo rumo à padronização da escrita e o seu desenvolvimento subsequente deverá ser conduzido por essa estrutura científica.
> A caminhada para a unificação gráfica do Crioulo deverá implicar ainda, mais cedo ou mais tarde, a opção por uma das variantes como língua co-oficial – Cabo Verde (1998).

O texto acima demonstra o que foi colocado no papel desde 1998 e ficou apenas em teoria. Na prática, pouca coisa tem sido feita, pois até o presente, mais de 90% dos caboverdianos desconhecem e não usam o ALUPEC. Porém, isso não quer dizer que não escrevem em CCV; cada um escreve à sua maneira, em especial nas redes sociais, valendo-se do sistema ortográfico português.

Outro fato que demonstra a falta de implementações concretas, por parte do governo, é o de que, só no ano letivo 2013/2014, introduziu-se o ensino da língua caboverdiana por meio de um projeto piloto em duas turmas de duas escolas da Ilha de Santiago. Depois disso o projeto se alargou somente para uma escola da ilha de São Vicente e mais uma no interior da ilha de Santiago.

Faz parte, ainda da política linguística do governo de Cabo Verde, a menção de alguns incentivos que também ficaram apenas no papel:

> A implementação do ALUPEC levará o Crioulo a desenvolver-se, a consolidar-se e a transformar-se num instrumento de comunicação e num veículo de cultura afinados. O papel do escritor e do jornalista na afirmação e no desenvolvimento da língua escrita é de capital importância, pelo que deverá haver uma política de incentivos à criatividade literária e à utilização do ALUPEC na comunicação social, como forma de se contribuir para a afirmação da língua, enquanto código de comunicação escrita – Cabo Verde 1998).

(ii) **DECRETO-LEI nº 8/2009**. "Alfabeto Cabo-verdiano", *Boletim Oficial - I Série*, 11, 16 de Março, 74-76. Esse decreto lei não traz nada de novo, apenas institui o Alfabeto Unificado para Escrita do Caboverdiano, criado dez anos antes, como Alfabeto Caboverdiano. Como justificativa do decreto lei, é feito um apanhado histórico sobre as tentativas da escrita da língua caboverdiana desde Adolpho Coelho até a criação do ALUPEC – ver Cabo Verde (2009).

(iii) **Resolução nº 32/2015 de 15 de abril de 2015:** O Conselho de Ministros Aprova "*as medidas conducentes à afirmação e valorização da língua caboverdiana*". Nas vésperas de terminar o mandato e das próximas eleições, o elenco governamental caboverdiano publicou uma série de medidas pretendendo a valorização do CCV, sendo uma delas a intenção de introduzir o ensino da língua materna em todo o sistema de ensino do país – cf. Almeida (2015).

A resolução acima despertou, de imediato, críticas severas, das quais traz-se aqui, como amostra, a crítica feita por Corsino Tolentino, um membro-fundador da Academia das Ciência e Humanidades de Cabo Verde e ex-ministro da Educação do

país. Entre as críticas feitas pelo ex-ministro destacam-se: (i) tal resolução se trata de "*uma "brincadeira" que trata de forma leviana um assunto sério*"; (ii) "*Qual a finalidade? Qual a eficácia? Incentivar, mandar fazer, não tem interesse nenhum. O que tem interesse são medidas concretas de valorização da Língua Cabo-verdiana*"; (iii) o governo usou desta resolução para tentar cumprir, às pressas, a promessa de promoção da oficialização da LCV durante esta legislatura, pois "*nada fez até agora e lembrou-se, ao fazer o balanço, de que era preciso fazer alguma coisa*" – cf. Almeida (2015: sem página).

Quanto à delimitação de funções complementares entre a língua caboverdiana e a língua portuguesa, o ex-ministro tem uma opinião contundente:

> Eu só acreditaria na relação da língua cabo-verdiana, nas suas diferentes variedades, para a oralidade, em qualquer circunstância, numa relação de escolha voluntária, porque a qualquer um devia ser permitido usar a língua portuguesa, que é igualmente uma língua cabo-verdiana, na sua relação com os outros, quer na oralidade, quer na forma escrita – cf. Almeida (2015: sem página).

O mesmo documento traz ainda a posição de outra ex-ministra da educação, Ondina Ferreira, assumidamente contra o ensino em crioulo:

> A língua cabo-verdiana não é a língua para o ensino, a língua portuguesa é que deve ter esse papel. As duas línguas devem ter papéis e representações, se não distintas, pelo menos orientadas no sistema bilingue.
> No ensino deve ser dado destaque à língua portuguesa, que é um sistema completo, e há todo um trabalho já feito, por nós, na nossa tradição e cultura. É mais capaz, desenvolve o pensamento conceptual e o raciocínio abstracto e filosófico, enquanto a LCV não tem ainda essa qualidade conceptiva profunda – cf. Almeida (2015: sem página).

Como se pode observar pela pequena amostra do cenário linguístico-político caboverdiano, são necessárias medidas práticas que venham a implementar o que até agora tem se configurado apenas como posições teóricas e legislativas. O governo tem mostrado vontade política, mas lhe têm faltado realizações concretas. Não obstante, ao analisar as opiniões públicas, torna-se evidente que a árdua tarefa não é exclusiva do governo; as mudanças são necessárias na mentalidade dos caboverdianos quanto às funções das duas línguas do cenário linguístico caboverdiano, o CCV e o PCV.

3.3. O PCV AO LONGO DA VIDA DO FALANTE CABOVERDIANO

Como demonstrado acima, não há um consenso nem entre os estudiosos nem entre os próprios caboverdianos quanto à real situação da língua portuguesa em Cabo Verde. Apesar de não haver um consenso, há, porém, um fato relevante comumente aceito: o falante caboverdiano demonstra um predomínio do CCV nas competências

oral e auditiva enquanto que no PCV predomina as competências escrita e leitura, como se vê pela pesquisa de Lopes A. (2011: 118):

> [...] a LCV é a língua que os inquiridos dizem dominar melhor na oralidade, e aquela em que se sentem mais à vontade e preferem para falar enquanto a LP é a língua melhor dominada na escrita (recepção e produção) e aquela em que eles se sentem mais à vontade e preferem para ler e escrever.

Não obstante, a mesma pesquisa de Lopes A. (2011: 116) revela um fato, até certo ponto, paradoxal: "*A LCV, embora seja a língua preferencial da interacção oral, como se viu até agora, ocupa, de forma aparentemente contraditória, o segundo lugar como a língua em que os inquiridos afirmam melhor exprimir as suas ideias*."

Perante tal situação, o consenso é de que há um bilinguismo individual para certos grupos de falantes e a nível coletivo há uma situação de diglossia quanto às funções sociais das duas línguas. A pesquisa de Lopes A. (op. cit.) indica predominância das competências auditiva e fala no CCV e predominância das competências leitura e escrita no PCV.

> Mais de 90% dos jovens sente-se mais à vontade a falar a LCV, contra uma percentagem de mais de 5% relativa ao português; pelo contrário, **cerca de 80% sente-se mais à vontade a ler e a escrever o português, contra cerca de 7% para a LCV**. Estas percentagens evidenciam uma diglossia modal (Lüdi e Py (1986:1)), fazendo um alargamento do sentido do conceito de diglossia para esta divisão clara da fala e da escrita/leitura por línguas) - Lopes A. (2011: 116; grifos acrescentados).

Como o alargamento das redes sociais, o CCV vem saindo cada vez mais da esfera da oralidade e entrando na esfera da formalidade – cf. Lopes A. (2011: 218). Porém, ao fazer essa migração para o mundo da escrita, verifica-se um domínio do PCV, pois mesmo quando os caboverdianos escrevem em CCV, o fazem adaptando o alfabeto português. Esse fato foi observado e comprovado pelo pesquisador ao ministrar a disciplina "Língua e Cultura Caboverdiana" para cerca de 180 alunos do curso de Licenciatura em Educação Básica, no IUE (ver subseção (2.1.4) do Capítulo II). Essa disciplina foi a primeira instância do processo de alfabetização para todos esses alunos na sua língua materna, o CCV. Isto, depois de no mínimo doze anos de educação e alfabetização em PCV (ver subseção (3.4) deste Capítulo).

A diferença nos graus de proficiência nas quatro áreas linguísticas (auditiva, fala, leitura e escrita) nas duas línguas tem a ver com questões de performance/desempenho linguístico, pois, pelos fatos acima apresentados, fica evidente que os caboverdianos possuem competência linguística nas duas línguas. Isso vai de acordo com a afirmação de Chomsky (1965: 4) de que "*o desempenho é um*

reflexo imperfeito da competência". A assimetria nos níveis de desempenho e competência linguística entre as quatro áreas linguísticas do PCV e do CCV, pode, ser ainda justificada por meio das palavras já citadas de Salgado (2008: 23: grifos acrescentados):

> [...] são poucas as pessoas bilíngues que manifestam as suas línguas igualmente porque ou adquiriram uma língua mais completamente que a outra, ou porque **usam uma língua mais frequentemente** que as suas outras que, certamente, foram **adquiridas em graus variados**.

Ao abordar o fenômeno de aquisição linguística em situações de contato linguístico entre variedades linguísticas distintas, semelhantes a que se estabelece entre o CCV e o PCV, Schwartz & Kroll (2006: 973; tradução do autor) apontam na mesma direção que Salgado (op. cit.):

> Evidências recentes sugerem que as crianças que são expostas simultaneamente a duas línguas desenvolvem sensibilidades fonotáticas no mesmo ritmo que as crianças monolíngues. O fato mais interessante, é que o grau dessa sensibilidade aumenta em função da exposição relativa a uma dada língua; assim, mesmo nesta fase inicial de capacidades perceptuais, a criança pode refletir a dominância perceptual da língua a que esteja mais frequentemente.

Como demonstrado nas subseções anterior, o CCV é adquirido pela criança caboverdiana como sua língua primeira. Devido à exclusão do PCV da comunicação informal, a criança caboverdiana não recebe o mesmo *input* que recebe do CCV. Não obstante, o PCV desempenha papel importante na vida do falante caboverdiano desde a mais tenra idade, pelo que é possível demarcar fases e o grau de exposição do caboverdiano à língua portuguesa ao longo de sua vida. Para propor as possíveis etapas/fases, são tomadas, como base, as etapas da educação formal em Cabo Verde, tal como definido pelo Ministério de Educação e Desporto do Governo de Cabo Verde [MINEDU-CV] (2015a): (i) *Fase Pré-escolar/Primeira infância* – primeiros contatos com o PCV; (ii) *Fase do Ensino Básico* – letramento/alfabetização; (iii) *Fase do Ensino Médio* – consciência linguística; (iv) *Fase do Ensino Superior* – consolidação linguística; (v) *Fase de continuidade/descontinuidade*.

A seguir é apresentado, de forma resumida, aquilo que se entende por cada etapa, a partir da experiência do pesquisador como falante nativo e das observações feitas durante os trabalhos de campo realizados em 2013, 2014, 2015-2016 – ver subseção (2.1) do Capítulo II.

3.3.1. Fase Pré-escolar/Primeira infância

Em Cabo Verde, a educação Pré-escolar não é uma responsabilidade direta do Governo. Ela é vista como uma responsabilidade da família e das autarquias:

> A educação pré-escolar visa uma formação complementar ou supletiva das responsabilidades educativas da família, sendo a rede deste subsistema essencialmente da iniciativa das autarquias, de instituições oficiais e de entidades de direito privado, cabendo ao Estado fomentar e apoiar tais iniciativas de acordo com as possibilidades existentes (MINEDU-CV, 2015a).

Além disso, acrescenta-se o fato de que a educação pré-escolar em Cabo Verde é a única fase do ensino formal, no país, em que se usa o CCV como a principal língua de ensino. Contudo, esta fase é tomada como a primeira etapa do contato da criança caboverdiana com o PCV: o período que vai desde o nascimento até a entrada da criança caboverdiana ao Ensino Básico, por volta dos seis anos de idade.

A pressuposição é de que o primeiro contato do falante caboverdiano com a língua portuguesa acontece ainda na infância. Os primeiros contatos se dão, normalmente, por meio de outros agentes que não os pais nem parentes próximos – predominantemente através de meios audiovisuais e da comunicação social. Com o avanço das tecnologias, esse primeiro contato acontece cada vez mais cedo e com maior frequência. Praticamente, todo material audiovisual disponível para crianças nessa faixa etária é produzido fora de Cabo Verde e em outras línguas que não o CCV – as não produzidas em língua portuguesa chegam normalmente legendadas ou dubladas em língua portuguesa. Os dois principais mercados fornecedores desses materiais são Portugal e Brasil.

Porém, ressalta-se que, na primeira fase de contato com o PCV, a criança caboverdiana apenas recebe o *input* do português, ou seja, ela desenvolve a capacidade de percepção auditiva sem ter que reproduzir oralmente (ou por escrito) o conteúdo em português. Quando uma criança caboverdiana faz um relato (reproduz) daquilo que ela vê e ouve na mídia (incluindo a fala dos personagens), o faz em CCV e não em PCV. Dessa forma, evidencia-se que a criança caboverdiana desenvolve, desde cedo, a capacidade de percepção do PCV em detrimento à expressão oral/escrita dessa variedade linguística. Esta realidade terá repercussão em todas as fases subsequentes da aquisição do PCV, como é demonstrado nas próximas subseções.

Nesta primeira fase, é desenvolvida apenas a competência auditiva em PCV, contribuindo desde já para a formação da variedade local da língua portuguesa com predomínio em uma das competências em detrimento das demais.

3.3.2. Fase do Ensino Básico: Letramento/Alfabetização

De acordo com o MINEDU-CV (2015a), a educação escolar oficial em Cabo Verde inicia-se com o Ensino Básico. A partir desta fase de ensino, toda a educação se dá em português.[28] Esta é a fase em que a criança caboverdiana é introduzida formalmente à língua portuguesa. Porém, isto não quer dizer a primeira exposição da criança caboverdiana à língua portuguesa, como já demonstrado na subseção anterior. Por essas razões, o início do ensino básico em Cabo Verde é tomado como a segunda fase do contato com o PCV, e não como a primeira – ver MINEDU-CV (2015b).

Oficialmente, todo o conteúdo pedagógico e paradidático é produzido em língua portuguesa[29]. É a partir dessa segunda fase que é exigido à criança caboverdiana que se expresse única e exclusivamente em língua portuguesa dentro da sala de aula. Essa transição abrupta, que atribui exclusividade à língua portuguesa em sala de aula, pode ser considerada uma violação dos direitos humanos básicos tal como defendido na Declaração Universal dos Direitos Humanos (Artigo 2º) e Declaração Universal dos direitos Linguísticos – ver UNESCO (1996) e ONU (1948). Ao fazer um estudo sobre esta situação, Cardoso (2005: 60), uma das precursoras do ensino bilíngue em Cabo Verde, observa que:

> [..] a alfabetização nestas circunstâncias é dolorosa e penosa para a criança que aprende a ler e as escrever numa língua que para ela (pelo menos inicialmente) não tem qualquer significado.

Realmente, o processo de alfabetização em uma das línguas de uma criança com a exclusão da outra (neste caso o PCV em detrimento do CCV) acarreta consequências negativas que a criança pode carregar durante todo o processo de ensino e aprendizagem (a maioria dos alunos caboverdianos reclama disso, ao tomarem consciência da realidade linguística a que foram inseridas – fato confirmado durante as visitas de campo realizadas e descritas no Capítulo II desta Tese). Todavia, não se pode afirmar categoricamente que, no caso de Cabo Verde, a língua portuguesa é uma língua sem

---

[28] Mais adiante, fala-se um pouco sobre o projeto piloto de ensino bilíngue em curso em Cabo Verde.

[29] A observação feita é de que os professores das turmas do projeto piloto de ensino bilíngue têm que preparar os materiais didáticos para as aulas ministradas em CCV, sendo que os disponíveis são somente em PCV.

"*qualquer significado inicialmente*" para a criança ao entrar para o ensino básico. Como já demonstrado, na subseção anterior, o primeiro contato da criança caboverdiana com o português acontece bem antes de ela entrar para o ensino formal.

A criança caboverdiana já possui certo grau de competência em língua portuguesa (pelo menos a nível perceptual) ao adentrar o ensino formal. Em adição aos fatos apresentados na subseção anterior, tal fato pode ser evidenciado pelo grau de percepção que a criança caboverdiana tem do PCV em comparação com seu grau de proficiência em outras línguas consideradas estrangeiras, tais como o inglês e francês, largamente usadas em Cabo Verde; seria impossível imaginar o ensino formal introduzido em qualquer uma dessas outras línguas estrangeiras (inglês ou francês, por exemplo), outra que não o português.

Então, mesmo não sendo a língua adquirida nos mesmo moldes que o CCV, a língua portuguesa em Cabo Verde, em termos de aquisição linguística, ocupa uma posição privilegiada quando comparada às consideradas línguas estrangeiras em Cabo Verde. Esse fato é corroborado, ainda, ao comparar o nível de proficiência de percepção do português das crianças vivendo em Cabo Verde com as crianças, por exemplo, de pais caboverdianos vivendo em países como Estados Unidos da América. As crianças nascidas de pais caboverdianos nos EUA, ou que tenham emigrados com os pais ainda em tenra idade, entendem e até falam fluentemente o CCV, mas demonstram grandes dificuldades com a língua portuguesa.

Casos como esses foram observados ao realizar a primeira tentativa de ensino bilíngue com crianças de pais caboverdianos na região de Boston, Massachussets, EUA:

> Após a provação da lei de "educação bilíngue" no Estado de Massachussets, as escolas de Boston desenvolveram programas de ensino para estas crianças. Ao saberem que as crianças vindas de Cabo Verde não falavam português, as autoridades resolveram contratar professores portugueses para as ensinar. Passado algum tempo, começaram a verificar que a comunicação entre os professores e as crianças era muito difícil. Perante tal problema, as autoridades foram forçadas a contratar professores que soubessem falar o crioulo e o Inglês. Tal estratégia produziu efeitos muito positivos no aproveitamento escolar das crianças, as quais ao fim de dois ou três anos falavam e escreviam, com fluência, as duas línguas. [...] 1973 marcou o começo do programa bilíngue para as crianças cabo-verdianas de Boston (GONSALVES, 1989: 50).

Analogamente aos argumentos já apresentados, os fatos relatados por Gonsalves (op. cit.) evidenciam que o *input* da língua portuguesa, que a criança caboverdiana recebe fora do ensino formal, influencia diretamente o seu grau de percepção dessa língua. As que vivem em Cabo Verde recebem maior *input*, logo apresentam menos

problemas quanto à percepção do português e até de certa forma sentem-se menos inibidas em se expressarem em português. Esse fato foi observado durante o trabalho de campo, realizado no segundo semestre de 2013, ao assistir aulas ministradas para crianças do ensino básico, com a finalidade de registrar a fala dos professores (considerados um dos grupos alvos desta pesquisa). Por exemplo, no início de uma aula, o professor quis interagir com os alunos, buscando saber como foram as férias e o final de semana. Praticamente todos se mostraram ávidos em participar. Atente para um desses momentos:

(43)

-LOC 01: Eu vou pedir por favor silêncio, e quem quiser participar da conversa levanta a mão e eu vou dar oportunidade. Como é que foi o vosso fim-de-semana?
…Alguém quer…
–LOC 02: [FOI BOM!
–LOC 01: Foi bom? …Valdir como é que foi teu fim-de-semana?
–LOC 03: Meu fim-de -semana foi bom, eu fui com minha família para Fanjã, eu brinquei com meus colegas, eu comi {goieba}
–LOC 01: [goiaba
–LOC 03: goieba…e eu também fui para São Vicente..
–LOC 01: {Pode entrar Nunes}…obrigado por o Valdir ter dito como passou o fim de semana. Eu gostaria só de chamar a atenção ao Valdir que quando tamos a falar CRIOULO é {goieba} mas se estamos a falar português falamos vamos dizer GOIABA. Fica ai chamada a atenção pra todo mundo, goieba crioulo, goiaba português. Sim senhor, falou muito bem gostei da sua intervenção.[30]

Como se pode observar, um dos alunos se expressa de forma natural. Mesmo quando o professor interrompe a sua fala, corrigindo-o com o termo PCV 'goiaba', o aluno retoma o seu discurso normalmente, reutilizando o mesmo termo crioulo 'goieba'. O professor, não satisfeito com a não correção do aluno, aproveita para deixar uma dica à sala inteira sobre a diferença do termo crioulo 'goieba' e do seu equivalente português 'goiaba'. Casos como esses são recorrentes nas salas de aula em todo o arquipélago.

Outro fato digno de menção são os resultados observados da experiência piloto de ensino bilíngue em curso em Cabo Verde. Durante o terceiro trabalho de campo (ver subseção (2.1.4) do Capítulo II), o autor desta Tese manteve contato direto em várias instâncias com as crianças e os professores desse projeto piloto: (i) como membro convidado do "2º Ateliê de Reflexão sobre Educação Bilíngue em Cabo Verde", promovido pelo Ministério de Educação de Cabo Verde – ver MINEDU-CV (2016), na

[30] LOC1 – o professor; LOC2 – os alunos falando de forma simultânea; LOC3 – aluno falando de forma individual.

cidade da Praia; (ii) como parte da programação do encontro anual da ACBLPE (Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola) realizado na Universidade de Cabo Verde, Praia, Cabo Verde, nos dias 23 - 25 de junho de 2016, deu-se visita à turma de ensino bilíngue na Escola de Ponta d'Água, cidade da Praia com a presença do pesquisador – ver ACBLPE (2015); (iii) ao lecionar a disciplina "Língua e Cultura Caboverdiana" no primeiro semestre de 2016, no Instituto Universitário de Educação, o pesquisador orientou um grupo de alunos que realizou um trabalho monográfico da disciplina com a turma de ensino bilíngue da Escola de Ponta d'Água, cidade da Praia; (iv) ao final das atividades da disciplina "Língua e Cultura Caboverdiana", no primeiro semestre de 2016, no Instituto Universitário de Educação, houve atividade em que os alunos da turma bilíngue da Escola de Ponta d'Água participaram com apresentações bilíngues em PCV e CCV; (v) o pesquisador tem em curso uma orientação monográfica de final de curso sobre as turmas de ensino bilíngue nas escolas de Flamengos e Tarrafal, ilha de Santiago.

A observação feita pelo pesquisador e os resultados obtidos já mostram que as crianças inseridas no ensino bilíngue demonstram desempenho equilibrado nas duas variedades linguísticas (CCV e PCV), é superior em PCV, quando comparado com as crianças do ensino tradicional monolíngue em PCV.

Em face dos argumentos apresentados, a segunda fase do contato com o PCV se caracteriza como a fase em que a criança caboverdiana é introduzida formalmente a outras realizações da língua portuguesa tais como a expressão oral, escrita e leitura enquanto continua recebendo grande input do português falado. Desse modo corrobora-se, ainda mais, que a exposição auditiva da criança caboverdiana ao PCV precede às demais competências linguísticas (fala, leitura e escrita) em pelo menos seis anos (pressupondo que a criança caboverdiana começa a ouvir o português desde seu nascimento e só começa a ser obrigado a falar e a escrever a partir dos seis anos de idade).

3.3.3. Fase do Ensino Médio: Consciência Linguística

A entrada da criança caboverdiana para o ensino secundário (do sétimo ao décimo segundo ano de escolaridade) constitui outro marco na sua interação com o PCV, pelo que é tomada como o ponto inicial da terceira fase de contato com essa variedade linguística pela criança caboverdiana. Esta terceira fase é marcada pelo aumento das exigências quanto à língua portuguesa. É nesta fase que a

criança/adolescente começa a tomar conhecimento das diferenças linguísticas e as funções sociais das duas em Cabo Verde, o CCV e o PCV.

Durante os trabalhos de campo já mencionados, observou-se que os alunos nesta terceira fase se sentem mais inibidos a se expressarem em PCV, comparado com as crianças da fase anterior. A criança caboverdiana, na terceira fase de contato com o PCV, já possui consciência da situação linguística e já demonstra opinião formada e/ou informada sobre questões linguísticas em Cabo Verde e a relação existente entre o CCV e o PCV. Nas visitas feitas a algumas salas de aula desse grupo, o pesquisador interpelou os alunos com algumas questões relacionadas à oficialização do CCV. Inicialmente as opiniões divergiam entre os alunos, sendo alguns a favor e outros contra. Para os que se opuseram, a questão primordial está relacionada à escolha da variante oficial do CCV – a maior preocupação dos alunos (bem como da grande maioria da população em geral) é qual variante oficializar?

Os alunos mostraram-se relutantes em aceitar a escolha de uma das variantes dialetais do CCV como a variante oficial em detrimento das demais; todos os grupos manifestaram que só aceitariam a oficialização se a variante selecionada como oficial fosse a variante falada por cada grupo respectivamente[31]. Caso a oficialização venha a ser feita pela escolha de uma das variedades em detrimento às outras, os falantes das variedades não selecionadas prefeririam que a língua portuguesa fosse mantida como a única língua oficial.

A segunda objeção mais levantada, quanto à oficialização do CCV, está vinculada à escrita dessa língua: os alunos julgam ser difícil a escrita do CCV e desconhecem a existência do alfabeto oficial homologado pelo governo de Cabo Verde para a escrita de qualquer variante do CCV e em vigor desde 1998. No entanto, praticamente todos afirmam que ao interagirem com outros caboverdianos nas redes sociais, usam quase que exclusivamente o CCV. Porém, cada um escreve à sua maneira, usando uma ortografia baseada no sistema ortográfico da língua portuguesa.

De igual forma, como apontado para as crianças das duas fases anteriores, a maior dificuldade dos alunos da terceira fase é com se expressar em PCV e não com a percepção/compreensão da mesma. O professor se expressa praticamente o tempo todo em português, mas a mesma coisa não acontece com os alunos: foram observadas várias

---

[31] Por exemplo, os de São Nicolau aceitaram a oficialização caso fosse feita escolhendo a variedade da ilha de São Nicolau e os de Santiago só aceitariam se fosse a variante de Santiago.

instâncias em que os alunos se expressam livremente em CCV, como exemplificado a seguir:

(44)

> ***Professor***: *[...] a língua tem muita força, vocês já repararam que//por exemplo falando das moças... {RISOS} quando um rapaz se dirige e... tem aquelas palavras de conquistas, não é?... vocês sentem-se cada vez mais apaixonadas... "Ah!" [interjeições femininas de protesto] por aqueles que falam melhor... Expressam melhor, então tem frases... Que tocam não é? [interjeições femininas para concordância] Por exemplo, dizer a uma p'ssoa [pessoa]... "eu t'amo [te amo], eu gosto de você" pode soar uma coisa superficial, mas se alguém chegar e disser... "olha querida, amo-te"{RISOS} e nesta curta frase vai toda razão de minha existência...já cria outra coisa, não é? Jéssica, diga*
> ***Aluna (Jéssica):*** *"Dja ka sta pasa más"*
> ***Professor***: *Fala em português, que nós estamos numa aula da língua portuguesa e está sendo filmada... O que é, pois a mesma frase, só que em português: "Isto já não se passa mais". Porquê que diz que já não se passa mais?*

No caso acima, o professor falava sobre o poder da língua e a certa altura provocou as moças da sala que, aparentemente pareciam concordar, até que uma das alunas (Jéssica) discordou do professor, manifestando sua opinião, mas falando em CCV. O professor chamou sua atenção para o fato dela estar em uma aula de língua portuguesa e estar sendo filmada. Esse foi o único caso observado em que o professor chamou a atenção de um aluno por usar o CCV em sala de aula; durante o trabalho de campo, o pesquisador assistiu um total de seis aulas do mesmo professor, e observou que os alunos usam o CCV livremente, mesmo em interações com o professor.

Em suma, na terceira fase do contato com o PCV, o falante caboverdiano continua tendo grande grau de exposição ao PCV e lhe é exigido se expressar única e exclusivamente em PCV em contextos do ensino formal, mas se mostra relutante em assumir tal prática.

3.3.4. Fase do Ensino Superior: Consolidação Linguística

Outro marco no grau de exposição/contato do falante caboverdiano com o PCV acontece quando este escolhe seguir ou não a formação em nível superior em Cabo Verde. Assim, a quarta fase do contato com o PCV é demarcada pela entrada ou não do aluno caboverdiano em algum curso de formação superior em Cabo Verde – ver MINEDU-CV (2015d).

Nesta quarta fase, a língua portuguesa continua sendo a única língua oficial do ensino em Cabo Verde. As exigências linguísticas são ainda maiores, haja vista que a formação superior exige elaboração/criação de textos autônomos que são apresentados

tanto em forma escrita quanto em forma de apresentações orais. Nesta fase, a consciência linguística já está muito mais apurada e as dificuldades em se expressar em língua portuguesa são mais perceptíveis pelos próprios falantes que não escondem sua frustração por "não saber falar corretamente o português". Atente para a autoavaliação de alguns alunos de cursos de graduação, em Cabo Verde, quanto ao seu grau de proficiência em língua portuguesa e respectivas opiniões sobre a oficialização do CCV:

(45) *Acho importante que haja oficialização da língua cabo-verdiana (ININT) que o criolo é língua que,* ***mesmo falando-se português, já pensamos em criolo antes de falarmos****, por isso é... é muito importante...é.. ter essa oficialização."*

(46) *Me sinto mais a vontade em falar o crioulo {do que o próprio português}.*

(47) *Na minha opinião eu acho que o crioulo deve ser oficializado, em Cabo Verde, porque o crioulo é a língua que a maioria dos caboverdianos sabem falar bem... então, o português eh... os caboverdianos não sabem falar bem*

(48) *...é, eu acho que a oficialização do criolo é... é importante no ensino porque, pri... principalmente para nós alunos conse... consigamos explicar mais... eh... por exemplo, o prussor quando dá matéria,* ***assim expressamos muito mais melhor do que em português****. Alve...* ***como agora se fosse em crioulo falaria muito mais*** *(RISOS)*

(49) *Prussor, o criolo sai... o criolo sai sem querer. Temos é de saber bloquear as palavras. Será que quando não conseguimos fazer esse bloqueio temos que ser condenados? Temos de ser... temos de ser condenados? Essa é... é uma opinião de cada um. Se temos algo por dentro, temos de tirar pra fora.*

(50) *...eu acho que seria muito importante para o nosso país, eh... o criolo ser oficializado porque eu... eu acho que como, por exemplo,* ***os turistas quando vêm para Cabo Verde, eles investigam sobre o nosso país encontram: idioma português, e quando chegam aqui no nosso país desde o aeroporto começam a ouvir blablabla blablabla, pensando é português, afinal é o crioulo.***

(51) *...* ***eu tenho problema com o português. O problema que eu tenho com o português ou que eu tive durante o curso com o português, foi um problema que eu trouxe*** *(informantes 3 e 5 ajudam dizendo 12º)... eu carreguei do 12º, posso dizer do ensino secundário.*

Praticamente todos têm a consciência de serem mais fluentes em CCV do que em PCV e demonstram preferência quanto ao uso do CCV em relação ao PCV, mesmo em instâncias formais. Esse fato é ainda evidenciado pela observação de que mesmo na comunicação social a preferência é pelo CCV.

No início desta pesquisa, a pressuposição era de que as entrevistas na comunicação social seriam ótimas fontes de dados para os alunos do nível superior, mas o que se observou, através de uma busca rápida nos Bancos de dados da Rádio

Televisão de Cabo Verde (RTC), é que praticamente todos os alunos do nível superior de ensino fazem sua intervenção em língua caboverdiana (e não em português), mesmo quando o assunto é acadêmico. A título de exemplo, a seguir estão três casos específicos em que se esperava que os alunos usassem o PCV:

(i) Em uma reportagem da Televisão de Cabo Verde (TCV) vêm-se alunos da única universidade pública de Cabo Verde (Uni-CV) exigindo o cumprimento de seus direitos como alunos, e todos os intervenientes usam o CCV e não o PCV – ver RTC (2012b).

(ii) Em uma entrevista com alunos da Universidade Jean Piaget, cidade da Praia, Ilha de Santiago, as chamadas televisivas e as perguntas aos entrevistados são feitas em português, mas os inquiridos (alunos universitários) respondem em CCV ver RTC (2011b).

(iii) Ao relatar uma experiência durante dois meses de estágio no Brasil, todos optaram por fazê-lo em língua caboverdiana – ver RTC (2011c).

Ainda no tocante à preferência da língua de expressão, os alunos nesta fase de aquisição continuam apresentando grandes dificuldades em se expressar em PCV e não fazem questão de aceitar essa realidade. Atente para o seguinte incidente em uma sala da aula de graduação, na Universidade de Cabo Verde, durante um diálogo entre o documentador e os alunos:

(52)

> **LOC1 (aluna)**: é, eu acho que a oficialização do criolo é... é importante no ensino porque, pri... principalmente para nós alunos conse... consigamos explicar mais... eh... por exemplo, o *prussor* quando dá matéria, assim expressamos muito mais melhor do que em português. Alve... como agora se fosse em crioulo falaria muito mais (RISOS)
> **DOC**: então fale em crioulo para ver agora (RISOS), eu permito pra você falar em criolo, só pra ver. Bom, só você...
> ***LOC1 (aluna)***: *Bon, Ami N ta atxa ma na kriolu, ma si matéria ta dadu na krioulu, ma nos alunu nu ta ser binifisiadu pamodi nu ta intendi mutu más midjor, y... y nu ta konsigi, eh... xpresa más, tudu kel ki nu ten di xpresa, tal ser más fásil*.

Na ocorrência relatada acima, a aluna interveniente estava manifestando sua opinião sobre o uso do CCV em sala de aula. A intervenção estava sendo feita em PCV, por ser uma sala de aula. No decorrer da intervenção, a aluna teve dificuldades em se expressar suas ideias. Nisso, ela claramente manifesta que se fosse em CCV se expressaria melhor. O documentador, então permitiu que ela assim o fizesse, como se vê no trecho em itálico (proferido em CCV).

Em virtude dos fatos apresentados, entende-se que na quarta fase do contato com o PCV, por um lado, aumentam as exigências quanto ao uso do português, mas por outro lado aumentam também os níveis de consciência linguística. Diante de tal situação, os falantes reconhecem suas limitações de expressão em PCV e culpam o sistema pela defasagem nas fases anteriores.

3.3.5. Fase de Continuidade/Descontinuidade

Para a quinta fase do grau de exposição/contato com a língua portuguesa, não há um demarcador ou fator socioeducativo que possa ser tomado como o ponto de referência coletivo para delimitar o seu início; é demarcada de forma individual para cada caboverdiano ao sair do sistema formal de ensino. Enquanto inserido no ensino formal, não importa o nível ou grau acadêmico, o falante caboverdiano continua recebendo um *input* maior da língua portuguesa (comparado aos que não estão oficialmente inseridos no sistema educacional). Acrescenta-se ainda a exigência de se expressar em língua portuguesa, pelo menos em ambientes acadêmicos.

Ao sair do sistema formal de ensino, a 'obrigatoriedade' de se expressar em português não mais ocorre. O uso ou não do PCV vai depender grandemente da posição ocupada na sociedade pelo falante, independentemente do seu nível de formação acadêmica. É considerando essa 'obrigatoriedade' ou não do uso do PCV que Lopes A. (2011) estabelece a linha divisória entre o grupo denominado de líderes e os não líderes.

No grupo de líderes, a autora (op. cit.) inclui falantes adultos cuja profissão implica uso intenso da língua portuguesa, tais como: professores (em especial professores secundário de língua portuguesa), intelectuais, artistas, políticos e profissionais liberais que interagem com o público, tais como jornalistas, advogados e médicos. Lopes A. (2011: 4, 7, 79) denomina esse grupo de líderes, pois "*constituem os modelos linguísticos de prestígio dos alunos*". O grupo de líderes designado por Lopes A. (2011) compreende apenas falantes adultos com formação superior. Além desses há, ainda, falantes que não possuem formação superior, mas ocupam funções sociopolíticas que requerem o uso mais frequente da língua portuguesa. Esse grupo inclui um grupo cada vez menor de professores do ensino primário (pois atualmente é exigido que o professor tenha formação superior), alguns cargos administrativos e/ou políticos e um bom número de líderes religiosos que optam pelo uso da língua portuguesa durante as homílias.

Ao sair do sistema formal de ensino, o falante caboverdiano se insere em um dos dois grupos: (i) daqueles que raramente vão usar o PCV como língua de expressão; (ii) ou daqueles, que devido à sua função sociopolítica, vão ter que usar o PCV regularmente.

Como exemplo de caboverdianos 'obrigados' a usar o português, ou até certo ponto, quase que movido por um 'automatismo' social, cita-se o caso de pessoas com cargos administrativos e/ou políticos quando abordados pela mídia.

Durante o trabalho de campo, no segundo de semestre de 2013, em Cabo Verde, o pesquisador participou do evento comemorativo do dia da língua materna, realizado no palácio da Presidência da Republica de Cabo Verde. Houve uma intervenção do Presidente da República, Jorge Carlos Fonseca, e dos palestrantes convidados: Prof. Dr. Manuel Veiga e Dr. Leão Lopes. Tanto as palestras apresentadas quanto as entrevistas cedidas à comunicação social foram proferidas em língua portuguesa por essas três figuras políticas. Logo após o evento, houve críticas alegando a incoerência dos dirigentes, especialmente a do Prof. Dr. Manuel Veiga (um dos maiores e mais assíduos defensores da língua caboverdiana): mesmo no dia da língua materna, o CCV, e mesmo falando da importância da mesma, fizeram seus discursos e deram entrevistas em português.

Dessa forma, as considerações tecidas nesta subseção, sobre o uso ou não do português pelo falante caboverdiano, fora da educação formal, apontam para duas hipóteses: (i) ou assume-se que o desenvolvimento da competência linguística em PCV é um processo que se perpetue por toda vida do falante caboverdiano; (ii) ou aceita-se que alguns falantes, nomeadamente os líderes, atingem um nível de competência tal, a ponto de afirmar que a sua fala representa aquilo que pode ser considerada a variedade padrão da língua portuguesa falada em Cabo Verde.

A favor da primeira hipótese, pode-se evocar o fato de que a maioria dos caboverdianos considera que não fala bem o português e de que precisa de melhorias, tal como evidenciado na análise do inquérito feito por Lopes A. (2011: 279), com o grupo de líderes:

> [...] os inquiridos acreditam que a LP não é bem falada pela generalidade dos cabo-verdianos, pois a maioria deles acha que a falam regularmente e uma minoria que a falam bem; numa posição intermédia estão os que acham que ela é falada à sua maneira.

Quanto à segunda hipótese, pode-se evocar o fato de que é possível identificar, na fala dos líderes, elementos que apontam para uma variedade com características idiossincráticas caboverdianas: observa-se que na fala de caboverdianos muito proficientes no PCV, daqueles que já residiram/estudaram em países de língua vernacular portuguesa, 'residem' ainda traços linguísticos que indicam que é um caboverdiano que está falando – sendo possível, por meio da fala, distinguir um caboverdiano de um angolano ou guineense, por exemplo.

3.3.6. Considerações Gerais sobre as Etapas do Contato com o PCV

As descrições acima das etapas do contato com o PCV pelo falante caboverdiano residente em Cabo Verde apontam para a diferenciação de dois aspectos importantes: o grau de exposição à língua portuguesa e o uso/proficiência em PCV.

No que diz respeito ao grau de exposição ao PCV (desenvolvimento da competência linguística), ainda que, variando em graus de falante para falante, trata-se de um processo constante que começa na tenra idade e continua por toda a vida de um caboverdiano. Quando inserido no sistema de ensino formal e/ou ocupando certas posições administrativas/sociopolíticas, a exposição é maior e mais frequente. Entretanto, mesmo não estando inserido em posições administrativas/sociopolíticas, o não contato (ou não input) com o PCV, em Cabo Verde, é praticamente impossível.

Quanto ao uso/proficiência (nível de desempenho linguístico), as diferenças são maiores: existem aqueles que são 'obrigados' ou 'automatizados' socialmente a usarem o PCV como língua de expressão. Porém, esse grupo é minoritário, haja vista que a grande maioria da população caboverdiana usa muito pouco o PCV no seu sociocomunicativo oral.

Para corroborar ainda o fato de que o caboverdiano, de forma geral, é mais proficiente na sua capacidade de ouvir e entender o PCV do que na expressão oral/escrita, pode-se apontar o seguinte: em Cabo Verde, a grande maioria da população (de todas as faixas etárias e grupos sociais) acompanha, assiduamente, as telenovelas predominantemente brasileiras. Essas são apresentadas sem nenhuma legenda ou tradução para o CCV. No entanto, mesmo as pessoas mais idosas e menos proficientes em PCV são capazes de reproduzir a fala dos personagens. Ao fazê-lo, utilizam, porém, o CCV e não o PCV.

Assim, diante dos fatos apresentados acima e considerando as etapas do contato com o PCV pelo falante caboverdiano, é possível entender a razão pela qual a maior

dificuldade do falante caboverdiano, com a língua portuguesa, é com a expressão oral (e escrita) e não com a percepção.

3.4. ESTUDOS SOBRE O PCV

Nesta seção apresenta-se um resumo dos principais estudos que se centram no português falado em Cabo Verde.

3.4.1. Figueiredo (2010: 45-49)

Em sua tese de doutorado, Figueiredo (2010) centra-se no estudo da concordância plural variável no sintagma nominal tendo como objeto principal da sua análise, o português reestruturado da comunidade de Almoxarife, São Tomé – PA. Ao buscar delimitar o seu objeto de estudo, o PA, Figueiredo (2010) primeiramente o enquadra com outras variedades da língua portuguesa na África e no Brasil. O autor toma como referência para cotejo: (i) a variedade do português brasileiro: (ii) as variedades africanas de português com substrato do grupo níger-congo atlântico (Português dos tongas, Português vernacular de Angola, Português de Moçambique); (iii) as variedades africanas de português com substrato crioulo: Português caboverdiano e seu substrato (crioulo de Cabo Verde), e Português de Almoxarife (São Tomé) e seu substrato (santomense).

Como se pode observar, Figueiredo (2010) classifica o PCV como uma variedade africana com substrato crioulo, em situação parecida à do PA. É nesse contexto que Figueiredo (2010: 45-49) apresenta um cotejo inicial entre essas duas variedades do português, tal como resumido a seguir.

Figueiredo (op. cit.) começa apresentando fatos sobre o CCV, a língua do substrato. Em seu estudo, o autor faz um cotejo entre CCV e o santomense, com base no fato de que essas duas línguas crioulas têm como substrato línguas do grupo níger-congo atlântico. Assim, o autor (op. cit.) explica o paralelismo formal que se observa nessas duas línguas crioulas no que tange à marcação do plural. No entender de Figueiredo (2010), o paralelismo pode ser associado às línguas maternas faladas pelos ancestrais tanto dos falantes do CCV quanto os dos santomenses. O autor observa que nas duas línguas crioulas a marcação do plural é inserida somente no elemento pré-nominal, deixando os outros itens do sintagma nominal (NP) sem nenhuma marcação.

Os estudos de Figueiredo apontam que o mesmo fenômeno é atestado tanto no PCV, no PA bem como no PB, corroborando assim a pressuposta influência das línguas

africanas ancestrais nessas variedades do português, tal como apontado por Guy sobre o PB (Guy 1981: 301-302 *apud* Figueiredo (2010)).

Na percepção de Figueiredo (2010: 47), há em Cabo Verde duas línguas nacionais que surgiram e convivem até hoje em situação de contato: o CCV, a língua materna e a língua portuguesa, a língua oficial.

No que tange ao tema de seu estudo, a marcação do plural, Figueiredo (2010: 53-56) aponta que, morfologicamente, a marca de plural em línguas como CCV se dá por meio de um sufixo 's' que vai se realizar das seguintes formas dependendo do contexto: afixado ao determinante quando caso estiver realizado fonologicamente – dado (53); afixado ao primeiro elemento do sintagma nominal (NP) caso não houver a realização do Determinante – dado (54); quando há um quantificador universal sem Determinante, o sufixo não aparece – dado (55a):

[53] CCV: Uns / alguns / kes / nhas livru bonito[32]
um-PL / algum-PL / este-PL / meu-PL livro bonito "uns / alguns / estes / os meus livros bonitos"
[54] CCV[33]*:*
a. livrus bonito
livro-PL bonito "livros bonitos"
b. purmerus livru
primeiro-PL livro "primeiros livros"
[55] CCV[34]*:*
a. tudu kes / nhas mininu
todo este-PL / meu-PL menino "todos estes meninos / todos os meus meninos"
b. mininus tudu
menino-PL Q "os meninos todos"
c. tudu mininu
Q menino "todos os meninos"

Quanto à marcação de plural no PCV, Figueiredo (2010: 58) constatou que há possíveis 'interferências' da língua do substrato, mas essas interferências são condicionadas:

> [...] por cinco variáveis linguísticas – saliência fónica, posição em relação ao núcleo, posição linear, categoria gramatical e animacidade – e duas variáveis extralinguísticas – escolaridade e idade de início de aquisição (age of onset) do português.

Cabe, porém, observar que os dados do PCV usados por Figueiredo (2010) são, quase em sua totalidade, de Jon-And (2009), cujo estudo é sobre o PCV falado em

[32] Dado (29) de Figueiredo (2010: 53), renumerado.
[33] Dado (31) de Figueiredo (2010: 53), renumerado.
[34] Dado (33a) de Figueiredo (2010: 53), renumerado.

Mindelo, ilha de São Vicente, e alguns outros poucos dados (tanto da ilha de Santiago quanto da ilha de São Vicente) de Cardoso (2005).

3.4.2. Lopes A. (2011)

Lopes A. (2011), em sua Tese de doutorado intitulada "*as línguas de Cabo Verde: uma radiografia sociolinguística*", empreende um estudo de cunho descritivo sobre a situação sociolinguística de Cabo Verde enfocando as duas línguas faladas no arquipélago: o PCV e o CCV. O estudo é feito considerando a situação de contato em que convivem as duas línguas. Os dados coletados são das nove ilhas habitadas, o que quer dizer que representa todo o país. No final de seu trabalho, Lopes A. (2011) faz uma análise exploratória de alguns aspectos sintáticos a partir dos dados dos falantes com nível superior (que a autora denomina 'líderes') com o intuito de colaborar para a definição daquilo que pode ser considerada a variedade padrão do PCV.

A autora (op. cit.) considera a condição sociolinguística caboverdeana como "*uma situação de bilinguismo estável e antigo*" – Lopes A. (2011: 25). A consideração da pesquisadora é feita com base nos mais recentes conceitos sobre o bilinguismo frisando os casos de bilinguismo da comunidade e bilinguismo individual questão inseridos em:

> [...] um contínuo que vai desde a definição absoluta e restritiva de Bloomfield (1933), "controlo nativo de duas línguas" (equilinguismo, bilinguismo equilibrado), contestado por muitos, à definição relativa de Diebold (1964) e de Pohl (1965), "mera compreensão das línguas" (bilinguismo incipiente, passivo ou receptivo) (p. 22).

Porém ao falar do bilinguismo em Cabo Verde, Lopes A. (2011: 38-44) remete o leitor aos conceitos de diglossia partindo, desde a sua concepção clássica em Ferguson (1959) até as revisões contemporâneas como: (i) a de Borstel (2003), que sugeriu que o conceito de Ferguson fosse designado diglossia interna ('in-diglossia'), quando estão em causa duas variedades próximas, e diglossia externa ('out-diglossia') para uma relação idêntica entre línguas sem parentesco próximo; (ii) a de Fasold (2004: 53) que por sua vez faz uma revisão de Borstel (2003). Fasold redefine o conceito de diglossia, considerando os extremos do contínuo formalidade − informalidade e não duas variedades linguísticas. Face a esses conceitos, Lopes A. (2011: 24) adota um conceito relativo de bilinguismo individual, e explica que o entende:

> [...] como um fenómeno que depende do contexto e das condições em que se desenvolve e que deve ser analisado do ponto de vista dos indivíduos que se tornam bilíngues. Por isso, considera-se como bilíngues falantes com

> diferentes graus de proficiência e apresentando variedade de uso das duas línguas, e que, portanto, manifestam, na sua fala, fenómenos como a interferência e a alternância de línguas.

Feitas as considerações teóricas, Lopes A. empreende o seu estudo objetivando fazer 'uma radiografia sociolinguística' de Cabo Verde, que no seu entender responde às seguintes questões:

> [...] quem usa que língua, com quem, para falar sobre o quê, em que contextos, com que objectivos comunicativos, com que frequência e duração, e ainda quais as atitudes mentais relativamente ao prestígio e funcionalidade da LCV e da LP1 e os factores situacionais que intervêm na redefinição da escolha de cada uma das línguas pelos falantes inquiridos (LOPES A., 2011: 101).

Para tal, a autora (op. cit.) seleciona duas unidades de análise: (i) um recorte estatisticamente representativo da população jovem composto de alunos do ensino secundário (9.º ao 12.º anos de escolaridade, com idades compreendidas entre os 13/14 e os 18/19 anos); (ii) um recorte qualitativamente representativo composto por falantes adultos, com idade superior a 28 anos, inseridos no mundo do trabalho e cujas atividades profissionais implicam um intenso uso da língua; este grupo subdivide-se em professores de português do ensino secundário e em intelectuais, artistas, políticos e profissionais liberais (tais como jornalistas, advogados e médicos). Esse grupo é denominado de 'líderes' (LOPES A., 2011: 63).

A coleta de dados de Lopes (2011) é feita por meio de inquéritos, entrevistas e questionários com os dois grupos. Feita a análise e interpretação dos dados coletados, Lopes A. (2011: 128), aponta os seguintes resultados no que tange ao uso das duas línguas em Cabo Verde:

> A LCV e não a LP dominam na interacção, independentemente da região geográfica, já que é a LCV a língua preferencial dos inquiridos para falar com as pessoas da região de barlavento e com as da de sotavento. Segue-lhe, com distanciamento o uso das duas línguas, com valores quase iguais para barlavento e sotavento e, depois, a LP com valores irrelevantes. Identicamente, a LCV é a língua mais ouvida das pessoas de barlavento e de sotavento, ainda que seja de destacar o facto de que, no ouvir, o valor de 'os dois' é relativamente alto em ambas as regiões.

A tese de Lopes A. (2011) é feita dentro do quadro da macro-sociolinguística, e como a própria autora reconhece, não era de se esperar um estudo do âmbito micro-linguístico. Mas considerando o fato de o material recolhido conter múltiplas referências dos inquiridos a questões linguísticas e de constituir em si mesmo um corpus bastante vasto, a autora sente-se levada a 'trair' parcialmente o perfil geral da sua investigação (LOPES A., 2011: 409). Assim, a pesquisadora faz um estudo complementar recorrendo à análise linguística do material recolhido, visando "[...]

testar, apenas de forma exploratória, se o julgamento que os falantes fazem intuitivamente da sua fala encontra sustentação nos dados." (LOPES A., 2011: 409). Cabe realçar que para esse estudo complementar os dados são somente do grupo designado de líderes, ou seja, os cultos. Pelo que a própria autora adverte de que:

> [...] os resultados do estudo linguístico exploratório apresentado no Capítulo 4 não podem ser generalizados para a sociedade cabo-verdiana no seu todo (até porque utilizam dados apenas de falantes instruídos) (LOPES A., 2011: 494).

Para seu estudo complementar, a pesquisadora seleciona duas questões sintáticas: (i) a concordância morfossintática sujeito-verbo que é focada pelos inquiridos cultos como apresentando variação no PCV; (ii) sujeito pronominal nulo *vs*. sujeito pronominal realizado, que segundo a autora não é referido pelos entrevistados por não ser socialmente estigmatizado. Lopes A. (2011: 411) explica o porquê da escolha dessas duas questões:

> A primeira questão pareceu ser bastante relevante, dado tratar-se de um domínio de variação em português, em geral, e que atinge percentagens elevadas em PB. Estabelecem-se, assim, comparações com o português europeu (PE), o qual é usado como variedade de referência (Mota, 2004: 127), remetendo-se por vezes também para o português do Brasil (PB). Tomar como objecto de descrição a segunda questão pretende testar se o PCV se aproxima mais do PE ou do PB; isto é, se constitui uma variedade de sujeito nulo ou se, como o PB, tende, em maior ou menor grau, para a perda desse parâmetro.

Quanto aos resultados desse estudo complementar, Lopes A. (2011: 489-490) observou que: (i) são muito poucos os casos de não concordância, apontando para a tendência de observação de uma norma idêntica à do PE"; (ii) há uma tendência normativa dos professores na escrita; (iii) há tendência para a realização do SU, com aproximação com o que acontece no PB quer em relação aos pronomes realizados quer quanto aos fatores condicionantes; e (iv) há aproximação ao PB também no que diz respeito aos fatores condicionantes da aplicação ou não da concordância.

3.4.3. Jon-And (2011)

Em sua tese de doutorado intitulada "*Variação, contato e mudança linguística em Moçambique e Cabo Verde: a concordância variável de número em sintagmas nominais do português*", Jon-And (2011) empreende um estudo de caráter sociolinguístico variacionista sobre duas variedades do português na África: o português de Moçambique (PM) e o Português falado em Cabo Verde (PCV).

Para chegar ao seu objeto final de análise, as variedades de português faladas em Moçambique e Cabo Verde, Jon-And faz primeiramente um panorama dos estudos

sobre a concordância variável de número no Sintagma Nominal (NP) no português falado em diferentes países na África e no Brasil. Logo de antemão, a pesquisadora aponta que "*as variedades de português que existem em África foram até agora pouco estudadas. Há grande falta principalmente de estudos quantitativos dessas variedades*" (JON-AND, 2011: 29). A pesquisadora apresenta então, os estudos feitos em cada país (JON-AND, 2011: 29 – 31):

(i) **Moçambique**. O estudo de Companhia (2001) sobre a concordância de número no SN na interlíngua de crianças com idades compreendidas entre os 9 e os 17 anos, estudantes da 3ª classe, falantes de português L2 e falantes nativos de línguas bantu de Moçambique;

(ii) **Cabo Verde**. A autora afirma de que até o momento não havia nenhum estudo exaustivo do PCV, e que os estudos linguísticos de Cabo Verde são geralmente voltados para o crioulo cabo-verdiano e não para o português que é falado como L2 nesse país. Há, porém, um registro de português usado por cabo-verdianos encontrado em um artigo de Ançã (2000), no qual se relatam os resultados da aplicação de um questionário escrito que pretende diagnosticar a competência linguística de estudantes universitários nas capitais de Cabo Verde e Angola;

(iii) **Angola**. Jon-And (2011) cita os do trabalho de Gärtner (1996) e também alguns estudos nos quais a concordância nominal no português de Angola (PA) é enfocada: (i) Inverno (2004) que faz comparações morfossintáticas entre o português vernáculo brasileiro e o português vernáculo angolano; (ii) Inverno (2005) que desenvolve uma discussão sobre a origem bantu ou não da concordância variável no PA, baseando-se em exemplos de um corpus gravado em Luanda. Segundo Jon-And (2011), Marques (1985) também discute a influência bantu na concordância variável no PA;

(iv) **São Tomé e Príncipe**. Jon-And (2011) cita Baxter (2004, 2009) que estuda a concordância de número no SN no português falado pelos Tongas. A autora cita ainda Figueiredo (2008, 2010) que estuda também a concordância de número no SN no português falado pelos habitantes da

baía de Almoxarife no norte da ilha, onde se fala português e o crioulo forro, ou santomé.

Jon-And (2011) relata ainda que, mesmo em Portugal os estudos sobre concordância no português falado em Portugal são poucos. Naro e Scherre (1999) investigam a situação quanto à concordância variável em Portugal, em que apresentam alguns exemplos de perda de concordância de número no SN juntamente com alguns exemplos de perda de concordância verbal, encontrados em gravações de PE moderno.

Feito esse panorama geral dos estudos de concordância variável de número, Jon-And (2011) apresenta a razão de ter escolhido, para seu estudo, as variedades de Moçambique e de Cabo Verde:

> Estuda-se a concordância variável de número nas variedades do português de duas localidades em África. Para cobrir duas situações linguísticas típicas e diferentes do português falado em África, foi escolhido um país no qual o português é tipicamente L2 para falantes que têm uma língua bantu como L1, e um país no qual o português é tipicamente L2 para falantes que têm um crioulo de base lexical portuguesa como L1. (JON-AND, 2011: 55).

Na impossibilidade de tratar do português falado em Cabo Verde na sua totalidade, Jon-And escolhe o português falado na cidade de Mindelo, Ilha de São Vicente, e justifica o porquê da escolha do PCV de Mindelo como objeto de sua análise: (i) Cabo Verde representa uma situação em que os falantes de português têm um crioulo de base lexical portuguesa como L1; (ii) Cabo Verde é um país onde a variedade do português praticamente não tem sido estudada. Sendo em geral poucos os estudos que se dedicam às variedades do português dos países africanos nos quais se fala um crioulo de base lexical portuguesa, sendo mais comuns estudos sobre os próprios crioulos destes países; (iii) há apenas mais um estudo quantitativo de concordância variável de número numa variedade de português que coexiste com um crioulo de base lexical portuguesa – o estudo de Figueiredo (2008; 2011) sobre o PAST, cujos falantes têm o crioulo forro como L1; (iv) o crioulo forro ou santomé, diferentemente do crioulo caboverdiano, tem substratos do grupo bantu; (v) o PCV é uma variedade africana de português que não tem qualquer influência de línguas bantu, o que faz com que seja interessante a comparação desta com as outras variedades africanas e variedades do PB, nas quais há/houve a possibilidade de uma influência de línguas bantu (JON-AND, 2011: 56).

Ainda sobre a escolha da cidade de Mindelo como objeto de estudo e não de outra subvariedade caboverdiana do PCV, a pesquisadora apresenta as justificativas afirmando que: (i) a variedade barlavento do crioulo falado no Mindelo, a variedade de substrato do PCV, nessa cidade, tem menos influência africana do que a variedade

sotavento, falada na Praia; (ii) a ilha de São Vicente não foi o primeiro lugar de estabelecimento dos colonos portugueses; (iii) a ilha foi descoberta em 1462 e permaneceu desabitada até o ano 1795. Nessa altura, o crioulo que já existia nas ilhas Sotavento há 300 anos foi levado para São Vicente; (iv) houve alguma reestruturação do crioulo em termos de aproximação ao português ocorreu, sendo que a população da ilha era constituída por caboverdianos, falantes nativos do crioulo, e por portugueses de Portugal, dos Açores e de Madeira, que tiveram que aprender o crioulo como L2; (v) as línguas africanas nunca estiveram presentes na ilha de São Vicente, e, portanto nunca influenciaram a variedade de português falada nessa ilha; (vi) o crioulo caboverdiano é a única língua que pode ter influenciado o português de forma considerável na ilha de São Vicente, o que facilita a análise da possível influência da L1 dos falantes de português (JON-AND, 2011: 56-57).

Para a criação dos corpora de análise do PCV de Mindelo, a pesquisadora entrevistou 22 informantes da ilha e São Vicente. Segundo a autora (op. cit.), todos os informantes declararam que não falam português com familiares ou com amigos que não sejam estrangeiros, e que mesmo em situações de trabalho, apenas um informante indica que às vezes, em reuniões, fala em português com colegas ou chefes caboverdianos, ao passo que os outros informantes só falam português no trabalho se for com estrangeiros. Ao ser comparado com Moçambique, onde entre os 21 informantes escolhidos basicamente com os mesmos critérios que os informantes de Cabo Verde, apenas três afirmam não ter nenhum familiar ou amigo com quem a comunicação seja principalmente em português, e todos dizem falar frequentemente português com outros moçambicanos no seu trabalho (JON-AND, 2011: 58).

Quanto aos resultados obtidos, a autora (op. cit.) chama a atenção para o fato de que:

> [...] poucos cabo-verdianos falam português com outros cabo-verdianos, se não for com o professor na sala de aula ou em situações extremamente formais. Esta situação deixa pouco espaço para o desenvolvimento de uma variedade final de português, e muito espaço para grande variação individual. Por esta razão é complicado falar de uma ou mais variedades cabo-verdianas de português. Esta situação implica uma dificuldade em fazer generalizações a partir do material de Cabo Verde, uma dificuldade que deve ser considerada na discussão dos dados linguísticos referentes a Cabo Verde. (JON-AND, (2011: 59).

Quanto ao resultado das análises gerais e suas respectivas comparações com outras variedades do português, nomeadamente, o português brasileiro no que diz respeito ao debate sobre a crioulização prévia e influências africanas no PB, a

pesquisadora faz os seguintes comentários: (i) que não foram encontradas evidências de influências de línguas africanas nas estruturas de marcação de plural que são comuns para as variedades brasileiras e africanas comparadas no seu estudo; (ii) a hipótese de uma influência de línguas banto ou de outras línguas africanas na tendência no PB de marcar plural em elementos pré-nucleares em geral e elementos adjacentes ao núcleo em particular parece pouco provável; (iii) os resultados obtidos indicam que a concordância variável de número resulta em primeiro lugar do contato linguístico e não de processos internos da língua (JON-AND, 2011: 149).

3.4.4. **Alexandre, Gonçalves & Hagemeijer (2011)**

Alexandre, Gonçalves & Hagemeijer (2011) discorrem sobre as construções relativas em duas variedades da língua portuguesa na África: o português falado em São Tomé (doravante POST) e o português falado em Cabo Verde (POCV segundo a abreviatura dos autores e correspondente a PCV nesta Tese). A princípio, poderia se dizer que essas duas variedades do português estão inseridas numa mesma zona, a denominada de 'zona crioula' na África. Os autores, porém questionam o agrupamento que se vê na literatura para o português na África. No caso específico das duas variedades em causa, os autores apontam para fatos que colocam em cheque o agrupamento destas em um mesmo grupo linguístico, pelas seguintes razões:

(i) o contexto sociolinguístico é diferente nas duas comunidades de fala: em Cabo Verde há uma diglossia estável e a língua portuguesa é classificada como L2, enquanto que em São Tomé verifica-se acelerado processo de nativização da língua portuguesa com perda de competência nas línguas crioulas, especialmente, nas camadas jovens;

(ii) o papel do contato linguístico contribui para formação de famílias linguísticas diferentes, haja vista, os crioulos da Alta Guiné (região em que está inserido o PCV) e os do Golfo da Guiné (região em que está inserido o POST) manterem contato com grupos diferentes de línguas de substrato.

Por essas e outras razões apontadas acima, os autores consideram precoce o agrupamento do português na África em áreas geográficas, pois a língua portuguesa é praticamente uma variedade não materna com exceção do São Tomé em que é L1 para uma boa parte da população.

Como o título do trabalho demonstra, o foco são as variedades orais pelo que os autores preparam *subcorpora* a partir de *corpora* existentes: o *subcorpus* do POST é

composto de (120.000) palavras e o *subcorpus* do POCV/PCV é composto (50.000) palavras – em termos proporcionais, pode-se dizer que o *subcorpus* do PCV corresponde a menos de 50% do do POST. Essa desproporção poderá ter influências diretas nos resultados obtidos pelos autores.

No que diz respeito à análise empreendida, os autores abordam as relativas canônicas (com ou sem Pied-Piping da preposição), as relativas não canônicas que incluem as cortadoras, resumptivas e a cópia defectiva. Os autores fazem o cotejo das duas variedades africanas sob análise com a variedade europeia da língua portuguesa (PE). A análise e os dados dos autores são cotejados no Capítulo IV, o capítulo em que são abordadas as relativas nesta Tese.

Quanto aos resultados, os autores concluem que o POST está a se divergir tanto do PE e do PB quanto do POCV/PCV. Os autores corroboram, ainda, a hipótese de R. Gonçalves (2010), de que está em curso em São Tomé, a emergência de uma variedade do português com propriedades distintas das de variedades do português em contacto com línguas do grupo bantu (Português Moçambicano e Português Angolano). Demais resultados dos autores são apresentados por meio do cotejo que se faz nos capítulos descritivos e de análise desta Tese.

3.4.5. **Outros Estudos sobre o PCV**

Além dos estudos acima resumidos sobre o PCV, há ainda outros que enfocam o PCV, não como o principal objeto de estudo, mas sim na sua relação com o CCV:

(i) Cardoso (2005a) – "*O papel da língua materna na aquisição de uma segunda língua: o caso da língua cabo-verdiana (breve abordagem gramatical)*". Nesse trabalho a autora faz uma breve abordagem à gramática do CCV e às interferências mais comuns que ocorrem do contato entre esta e a língua portuguesa em Cabo Verde, realçando a importância da língua materna na aquisição de uma segunda língua – Cardoso (2005: 3);

(ii) Cardoso (2005b) – Dissertação de mestrado intitulada "*As interferências linguísticas do cabo-verdiano no processo de aprendizagem do português*" – um estudo de caráter sócio-pedagógico que apresenta os principais problemas enfrentados por crianças caboverdianas (logo com língua materna, o CCV) no processo de aprendizagem da língua portuguesa como sequência direta da interferência da língua materna;

(iii) Castello Branco (2010) – no trabalho intitulado "*As línguas de Cabo Verde – o cabo-verdiano e o português: lugar onde joga o equívoco*", a autora apresenta um estudo na perspectiva de análise do discurso, enfocando o CCV e o PCV como línguas em disputa espaços de enunciação num movimento de tensão em Cabo Verde;

(iv) Alexandre (no prelo) – no trabalho intitulado "*Aquisição de Português L2 em Cabo Verde: alguns aspetos morfossintáticos do contacto*", Alexandre aborda a questão da aquisição do Português como língua segunda (L2) em Cabo Verde, apresentando aspectos morfossintáticos que resultam do contacto dessa língua (PCV) com o CCV;

(v) Alexande & Oliveira (2014) – no seu trabalho "*Caboverdiano e Português: cotejando estruturas focalizadas*", Alexandre & Oliveira (2014) empreendem um estudo morfossintático em que cotejam estruturas clivadas encontradas no PCV que divergem do português vernacular brasileito (PVB) e do PE, mas são atestadas no CCV, a língua de contato como o PCV.

Para uma lista mais completa dos estudos sobre PCV e que não foram mencionados no presente trabalho, consulte a "Bibliografia sobre o Português de Cabo Verde" organizada por Alexandre (2014) e disponível no *website* da "Cátedra 'Português Língua Segunda E Estrangeira'" da Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique.

Tendo apresentado o resumo dos principais estudos sobre o PCV, na próxima seção são apresentados os trabalhos recentes que buscam ratificar o PCV como objeto de pesquisa linguística.

3.5. RATIFICANDO O PCV COMO OBJETO DE ESTUDO

Com apresentado na seção (3.2), o PCV foi implantado em Cabo Verde desde os primórdios da sua formação e permanece em estreito contato linguístico com o CCV até os dias atuais. Lopes F. (2011: 18) ao comentar sobre essa situação sociolinguística caboverdiana, argumenta a favor de um bilinguismo funcional e defende que no processo de valorização da língua caboverdiana:

> [...] a luta deve ser contra a diglossia e nunca contra o bilinguismo [...] a língua portuguesa não deve ser considerada uma ameaça, mas sim o principal aliado.

O grande herói da libertação nacional de Guiné-Bissau e Cabo Verde, Amilcar Cabral partilhava de entendimento semelhante:

> [...] muitos camaradas, com sentido oportunista, querem ir para frente com o crioulo. Nós vamos fazer isso, mas depois de estudarmos bem. Agora a nossa língua para escrever é o português. Por isso é que vale a pena falar-se aqui tanto o português como o crioulo [...] O português (língua) é uma das melhores coisas que os tugas nos deixaram – Cabral (1976:59).

No dizer de Cabral, a língua portuguesa em Cabo Verde (e Guiné-Bissau) deve ser usada como instrumento de produção científica. Nesta Tese, ratifica-se, no entanto, que a língua portuguesa falada em Cabo Verde, não dever ser somente "*[...] um instrumento para os homens se relacionarem uns com os outros [...] e exprimir as realidades da vida e do mundo*" (CABRAL, 1976: 59). Ela deve ser tomada também como objeto de estudos das ciências da linguagem. Trabalhos recentes vêm demonstrando que o PCV desempenha papel ativo em diversos setores do sociocomunicativo de Cabo Verde. Logo de antemão, cabe contra-afirmar as palavras de Jorge Amado, e dizer que "*a vida em Cabo Verde também decorre em português*"[35] pelos seguintes fatores: (i) toda a educação em Cabo Verde desde o 1º ano até o ensino superior só se dá em língua portuguesa; (ii) a grande maioria da comunicação social se dá em língua portuguesa; (iii) todos os documentos oficiais são escritos em português; (iv) no meio eclesiástico usa-se bastante o português (grande parte da liturgia e música); (v) a língua portuguesa é a principal língua de contato do Cabo Verde com o mundo; (vi) todo caboverdiano, ainda que analfabeto, tem uma compreensão mínima do PCV.

Porém, ao empreender qualquer estudo do PCV, o pesquisador se depara com um problema inicial, como o observado por Lopes A. (2011):

> A ausência de um conhecimento consistente das variedades do PCV impede a identificação de uma variedade padrão, reconhecida como tal pela comunidade, o que dificulta, nomeadamente, a elaboração de uma política linguística adequada e a definição da norma culta. Assim, e de modo paradoxal, a variedade tomada como norma continua a ser a variedade padrão do português europeu, mau grado o facto de a insignificante presença de portugueses no arquipélago e a distância geográfica de Portugal impedirem que esse modelo esteja disponível como input robusto para os cabo-verdianos. (LOPES A., 2011:2)

---

[35] Em 1986, Jorge Amado fez a afirmação de que "*a vida em Cabo Verde decorre em crioulo*". Tal afirmação é amplamente utilizada por vários autores caboverdianos para evidenciarem a importância do crioulo no cotidiano caboverdiano – ver entre outros, Veiga (2009: sem página), Ramos (2008: 55).

Há um '*senso comum*', reinante entre os caboverdianos, de que o português falado em Cabo Verde é uma '*réplica perfeita*' do português europeu. Não obstante, há também fatos que põem em causa esse '*senso comum'* e que só podem ser verificados por meio de estudos científicos tal como objetivado nesta Tese: (i) o português que se instalou em Cabo Verde não é o português europeu moderno, mas sim, o português quinhentista; (ii) desde a sua implantação, o PCV existe em um situação de estreito contato linguístico com o CCV; (iii) o CCV, como a primeira língua dos caboverdianos, exerce influências sobre o PCV em graus que se diferenciam em função do grau de escolarização dos falantes e de outros fatores sociolinguísticos.

Aceitando o fato de que o PCV constitui uma variedade da língua portuguesa na África e no mundo, tal como exposto pelos autores citados na seção (3.5), entende-se que o PCV possui características próprias. No entanto, isto não quer dizer que o PCV sejavuma língua monolítica – não há um português falado de forma igual por todos os caboverdianos. Cabe, porém, realçar alguns fatos importantes sobre o PCV: (i) essa língua desempenha papel fundamental no ambiente sociocomunicativo de todo caboverdiano, independentemente do seu grau de instrução formal; (ii) essa língua faz parte ativa do sociocomunicativo caboverdiano, mas não é língua vernacular em Cabo Verde; (iii) os caboverdianos analfabetos terão dificuldade em proferir qualquer enunciado em língua portuguesa, mas não se pode dizer o mesmo da sua capacidade de percepção do português falado.

Relembrando as palavras de Lopes A. (2011: 1-2): não há: "[...] *um conhecimento consistente das variedades do PCV",* pois são escassos os *"[...] estudos exaustivos, sistemáticos e metodologicamente fiáveis sobre o português falado em Cabo Verde."* Daí surge a necessidade de delimitar amostras do PCV que possam ser tomadas como objeto de análise, tendo em conta a impossibilidade de analisar o PCV em seu todo.

Como já apontado ao longo deste trabalho, na voz de praticamente todos os autores citados, a língua portuguesa é a única língua da educação e da produção científica em Cabo Verde. Por essa razão é cabível afirmar que o setor acadêmico é o lugar de uso por excelência do PCV – a sala de aula é o único lugar, em Cabo Verde, em que o caboverdiano é instigado a se expressar única e exclusivamente em língua portuguesa. No que tange à expressão oral (não escrita), já é comum, especialmente em nível superior ou no ensino de línguas estrangeiras, a permissão do professor (de uso

excepcional) para o uso do CCV na sala de aula. Essa prática é mais comumente permissível por professores estrangeiros lecionando em Cabo Verde.

Então, na inexistência de descrições que possam definir uma norma padrão do PCV, no início desta pesquisa, considerou-se viável propor, a princípio, um recorte específico dessa variedade da língua portuguesa para fins do presente estudo. A princípio, esse recorte foi denominado 'PCV acadêmico', tendo em conta o grupo selecionado para recolha dos dados: professores e alunos universitários estudando em Cabo Verde. Entendia-se que esse grupo representava os falantes daquilo que possa vir a ser tomada como a norma culta do português caboverdiano, à semelhança de Lopes A. (2011: 4).

Ao elaborar sua tese de doutorado sobre o sociolinguístico caboverdiano, a autora (op. cit.) deparou-se com "[...] *a necessidade de delimitar uma norma culta do português falado de Cabo Verde*". Na inexistência de uma, tomou os falantes com nível de instrução superior como "[...] *modelos linguísticos de prestígio dos alunos*".

Porém, após o trabalho de campo e a análise do material coletado, observou-se a necessidade de reformular o recorte inicial tomado como objeto deste estudo. A seguir, são enumeradas as principais razões que levaram a tal reformulação segundo Lopes A. (2012):

(a) o grupo delimitado como falantes daquilo que foi denominado Português Caboverdiano Acadêmico (PCA), não é um grupo homogêneo e não constitui um dialeto do PCV, pois é formado por falantes de todas as regiões do país;
(b) os sujeitos entrevistados e cujas falas foram documentadas apresentam níveis diferentes de proficiência em língua portuguesa;
(c) como já mencionado, ao sair do ensino formal em Cabo Verde, tanto o uso quanto o *input* do PCV difere de falante para falante dependendo da sua função sociopolítica.

Por essas razões, o objeto de estudo nesta Tese é uma amostra representativa do PCV. Assim é denominado apenas de Português Falado em Cabo Verde (PCV). Trata-se, assim, de uma amostra do PCV e não de apenas uma subvariedade (como PCA antes proposto) dessa variedade africana da língua portuguesa.

3.6. SÍNTESE DO CAPÍTULO

Neste terceiro capítulo, foram apresentadas as línguas do ambiente sociocomunicativo caboverdiano. Para isso, apresentou-se um breve histórico do CCV

quanto à sua origem e os principais estudos a partir dos finais do Século XIX. Haja vista não haver interesse para o estudo do PCV até recentemente, não foi possível apresentar estudo histórico dessa variedade à semelhança do feito para o CCV. Não obstante, buscou-se apresentar pistas linguísticas e históricas que apontam para uma variedade local da língua portuguesa em formação em solo caboverdiano.

Feita a contextualização histórica dos dois sistemas linguísticos presentes em Cabo Verde, deu-se sequência, descrevendo a situação de contato linguístico entre as duas línguas desde o surgimento do CCV até os dias atuais. Sendo que o contato entre as duas línguas se dá por meio dos agentes ativos, os falantes caboverdianos, interessou-se saber um pouco sobre as opiniões linguístico-polítcas deste sobre a situação e função das duas línguas na sociedade caboverdiana. Viu-se que as opiniões são diversas e muitas vezes divergentes.

Considerando que a língua portuguesa, embora não língua primeira dos caboverdianos, desempenha papel importante na sociedade caboverdiano, buscou-se, de forma preliminar, apresentar as possíveis etapas do contato e grau de exposição do falante caboverdiano à língua portuguesa. Para tal, foram tomadas como referência as etapas da educação formal em Cabo Verde, haja vista, o ambiente acadêmico ser o local de uso do PCV por excelência. Por meio das diferentes etapas, corroborou-se que o falante caboverdiano tem contato e exposição ao PCV, ainda que em apenas algumas das competências linguísticas (perceptiva e auditiva), desde a primeira infância. Observou-se também que os falantes caboverdianos apresentam diferentes graus de proficiência em PCV, diferenças essas que estão diretamente relacionadas ao nível de grau acadêmico e estar ou não em posições sociopolíticas que requerem uso frequente do PCV.

Recentemente, o PCV vem ganhando espaço como objeto de estudos linguísticos, e assim vem sendo contrabalançada a predominância dos estudos do CCV que já contam com cerca de 150 anos. Assim, são apresentadas resenhas dos principais estudos do PCV.

Ao final do capítulo, ratifica-se o PCV como objeto de estudo após ter-se demonstrado que “a vida em Cabo Verde também decorre em PCV” e de que a língua portuguesa em Cabo Verde não deve ser somente utilizada como um instrumento a favor da educação formal, mas deve ser tomada também como objeto de estudo dessa educação formal.

CAPÍTULO IV
OS PRONOMES RELATIVOS EM PCV

INTRODUÇÃO DO CAPÍTULO

Neste quarto capítulo, inicia-se a descrição e análise dos pronomes-Wh no PCV. O primeiro grupo de pronomes-Wh a ser descrito é o dos pronomes relativos.

Por razões de organização, tanto este capítulo quanto os demais serão divididos em duas partes: (i) em uma primeira parte faz-se a descrição geral do grupo de pronomes-Wh, sob estudo com base nos dados de 'Fala Espontânea', coletados durante a primeira fase da pesquisa – ver a seção (2.1.2) do capítulo II; (ii) na segunda parte, faz-se a análise sintática do grupo de pronomes-Wh descritos, ainda com base nos dados de 'fala espontânea', mas também orientado pelos dados obtidos pelo Questionário de Elicitação Formal (obtidos na segunda fase da pesquisa e durante o terceiro trabalho de campo) – ver a seção (2.1.3 e 2.1.4) do capítulo II.

A expressão 'pronomes-Q' em português – '*WH pronouns*' em inglês diz respeito a um conjunto de pronomes assim denominados pelo fato de serem palavras grafadas com QU ou com "c" iniciais, em sua maioria, mas que têm como base fonológica, em seu início o fonema /k/. Os pronomes-Wh, na língua portuguesa, são: *que*, *quem*, *qual*, *o que*, *onde*, *quando*, *como*, *quanto, e cujo.* Um pronome-Wh é um morfema de natureza quantificacional, ou seja, atua como um operador ou 'quase-operador' que abre uma variável sobre a qual opera (BRITO & DUARTE, 2003: 661; BRAGA, KATO & MIOTO, 2009: 261). A seguir, seguem exemplos do PCV como o pronome-Wh (operador) em negrito:[36]

(1) **Quem** me dá uma informação?

(2) é só escrever **o que** eu escrevi cá à frente

(3) já sabemos que pronome é tudo aquilo **que** eu escrevi cá à frente

Em (1) o constituinte **quem** tem a função de um *pronome/operador interrogativo* que abre uma variável com traço semântico [+humano], ou seja, a resposta para a pergunta em (1) só pode ser um elemento com o traço semântico [+humano]. Em (2) o sintagma **o que** atua como um *operador/pronome relativo***,** introduzindo a oração relativa [**o que**

[36] Todos os dados do PCV referentes aos *corpora* utilizados neste capítulo e nesta Tese serão apenas descritos como dados do PCV, já que estão devidamente referendados em arquivo particular – ver Capítulo II e Apêndice (4) (exemplar/amostras do *corpus* específico). Outros dados do PCV que não são parte dos corpora desta pesquisa estão devidamente referendados.

eu escrevi cá à frente]. É dito que o operador *o que* é uma forma marcada, pois retoma na sentença um constituinte com o traço [+coisa]. Em (3) o morfema *que* atua como o *operador/pronome relativo* que introduz a oração relativa [**o que** eu escrevi cá à frente]. O morfema **que**, enquanto relativizador, como em (3), é dito ser um *operador neutro/nulo*, ou seja, não marcado, por poder associar-se a um elemento nominal com qualquer um dos traços semânticos assumidos pelos pronomes-Wh [+humano, -humano, + tempo, + lugar, + modo] (MÓIA, 1992: 69-70; BRITO & DUARTE, 2003: 662).

Com relação aos traços semânticos, os pronomes-Wh são organizados em dois grupos: (i) pronomes com traço semântico 'inerente', ou seja, que codificam um traço semântico específico: *quem* que codifica o traço [+humano]; *onde* que codifica o traço [+ lugar]; *quando* que codifica o traço [+ tempo]; *como* que codifica o traço [+ modo]; (ii) pronomes que necessitam de um 'restritor' nominal, pois não trazem embutidos em si o domínio de operação: *que, qual* e *quantos* (BRAGA, KATO & MIOTO, 2009: 266).

Acerca do grupo de dados (1)-(3) acima, observa-se que os três dados correspondem a três tipos de sentenças diferentes em que os pronomes-Wh atuam: em (1) a sentença corresponde a uma interrogativa-Wh matriz, logo, o pronome-Wh, em tais tipos de sentença, é um pronome interrogativo; em (2) e (3), as sentenças contêm duas construções relativas. Nessas construções o pronome-Wh tem o estatuto de pronome relativo. Além desses dois tipos de sentenças, os pronomes-Wh desempenham, ainda, o papel sintático de introdutor de outros tipos de sentenças: as interrogativas-Wh encaixadas (ou interrogativas-Wh indiretas) e as construções clivadas (BRAGA, KATO & MIOTO, 2009: 241). Tais sentenças, e pronomes que as inserem, são tratadas em capítulos específicos desta Tese.

Ao término dessas considerações gerais sobre pronomes-Wh, prossegue-se, ainda, como parte introdutória, abordando acerca das construções relativas.

Os pronomes relativos em PCV, introdutores das construções relativas, assim como em outras línguas, inserem-se em sentenças chamadas relativas. Geralmente, as orações relativas mais típicas modificam um nome ou um grupo nominal; assumindo semanticamente a função de adjetivos qualificativos, sendo, portanto, chamadas de orações adjetivas na tradição gramatical. Como qualquer outro modificador nominal, as orações relativas fazem parte do sintagma nominal que tem como núcleo o nome

modificado. Nos exemplos abaixo, entre colchetes, atestam-se 'construções relativas' em PCV:

(4) A [maioria das pessoas ***que*** *estudam crioulo*] não são caboverdianas

(5) Estão a combater [***quem*** *pratica o ato*], mas não o ato

(6) Então quer dizer que [há pouca diversidade em termos de curso, ***o que*** *vai dificultar logo na entrada do mercado de trabalho*]

(7) Prestem bem atenção só na [primeira parte ***em que*** *a menininha vai cantar*]

(8) ... não foram vocacionados para escolher uma [área ***que*** *o mercado de trabalho hoje precisa*]

(9) **#...** não foram vocacionados para escolher uma [área ***que*** *o mercado de trabalho hoje precisa* ***dela***][37]

Segundo a literatura, uma construção relativa consiste do "*[...] sintagma nominal que inclui a oração relativa, o antecedente nominal e o especificador desse antecedente*." (VELOSO, 2013: 2121). A seguir, apresenta-se a descrição, a partir dos exemplos (4)-(9) do PCV, de aspectos importantes relacionados à construção relativa, atestados na literatura. Para tal, segue-se, em parte, Veloso (2013: 2066-2072):

(a) uma construção relativa se forma por uma relação de subordinação entre uma oração principal (daqui em diante, PR) e uma oração relativa/encaixada (daqui em diante, REL). A PR é exemplificada em (4) [maioria das pessoas não são caboverdianas], em (5) [Estão a combater], em (6) [há pouca diversidade em termos de curso], em (7) [Prestem bem atenção só na primeira parte] e em (8) [não foram vocacionados para escolher uma área]; (ii) a REL é exemplificada em (4) [*que estudam crioulo*], em (5) [***quem*** *pratica o ato*], em (6) [***o que*** *vai dificultar logo na entrada do mercado de trabalho*], em (7) [***em que*** *a menininha vai cantar*] e em (8) [***que*** *o mercado de trabalho hoje precisa*];[38]

(b) uma construção relativa apresenta um antecedente da REL. Numa construção relativa, o antecedente pode ser explícito (realizado fonologicamente) ou implícito (não realizado fonologicamente). No grupo de dados (4)-(8), o

---

[37] Esse dado foi criado para exemplificado, pois não foram atestados dados com a estratégia resumptiva no *corpus* da 'Fala Espontânea' desta Tese. Não obstante, foram atestados uns poucos casos nos dados de 'Elicitação Formal".

[38] Nos exemplos com construções relativas, tal como Veloso (2013), opta-se por grifar a REL em itálico.

antecedente corresponde ao constituinte sublinhado em cada exemplo. No PCV atestam-se os dois tipos: em (4), por exemplo, o antecedente está explícito, [maioria das pessoas]; já em (5), o antecedente está implícito. Quanto à natureza, um antecedente pode ser: (i) nominal – um sintagma nominal como o NP [área] em (8), ou um grupo nominal como [maioria das pessoas] em (4); (ii) frasal como em (6) em que o antecedente corresponde à frase inteira [há pouca diversidade em termos de curso]. Por questões de uniformidade de análise das construções relativas, é assumida a hipótese de que toda construção relativa tem um antecedente – ver, entre outros, Móia (1992);

(c) em uma construção relativa, a REL é introduzida por um elemento referido na tradição gramatical e na literatura linguística como pronome relativo. Esse pronome pode ser uma palavra simples como o pronome 'que' em (4) ou uma *locução relativa* como 'o que' em (6). Há, ainda, os casos em que o elemento que introduz a oração relativa não é apenas o pronome relativo, mas sim um constituinte relativo, normalmente formado por uma preposição que precede o pronome (ou locução) relativo na REL (MÓIA, 1995: capítulo 5). Em tais casos, essa preposição pode anteceder o pronome relativo (estratégia *Pied-piping*)[39] como é o caso da preposição 'em' no exemplo (7), ou a preposição pode não aparecer (estratégia *P-chopping*)[40] como em (5) e (8) – caso em que se dá o "apagamento" da preposição. Sentenças em que a preposição é omitida são chamadas não canônicas e são conhecidas na

---

[39] Em linguística, *pied piping* é um fenômeno sintático em que um dado sintagma é "todo ele movido". O termo em si é devido ao linguista John Robert Ross e trata-se a uma referência ao flautista de Hamelin, da figura dos contos de fadas, o qual atraiu ratos (e crianças), tocando sua flauta (todos se moviam ao som da flauta). Ross (1967: 206; a tradução é minha) estabelece a *Convenção Pied Piping* como:

> *Qualquer transformação que é estabelecida de tal forma a afetar a reordenação de um determinado nó NP, em que esse nó é precedido e seguido por variáveis no índice estrutural da regra, podendo aplicar-se a este NP ou a qualquer NP não coordenado que o domina, desde que não haja ocorrências de quaisquer nós coordenadas, nem do nó S, na ramificação que liga o nó superior e do tal determinado nó.*

[40] A estratégia *P-chopping* foi igualmente introduzida por Ross (1967: 427; a tradução é minha) que a denomina de transformação *P-chopping*:

> *Se uma transformação reordena a_i, e sua mudança estrutural substitui o elemento de identidade ou algum a_k, i # k, para termo i_{th} do índice estrutural, a transformação é uma transformação P-chopping. Outras transformações de reordenamento são denominadas transformações por cópia.*

literatura como 'cortadoras' – como em (8) – ou 'resumptivas'. Sentenças resumptivas não foram atestadas nos dados de 'fala espontânea' do PCV – ver (9), um dado criado para fins de exemplificação no PCV, haja vista não ter sido atestados dados semelhantes na 'fala espontânea' do *corpus* específico desta Tese;

(d) uma construção relativa em si (a oração relativa, o antecedente e o especificador do antecedente) forma um sintagma nominal estendido e esse, como um todo, desempenha uma função sintática dentro da oração principal (PR) – ou como argumento do verbo da PR ou como adjunto do verbo da PR. Em (4) a construção relativa [maioria das pessoas *que estudam crioulo*] desempenha a função de argumento externo da PR, isto é, sujeito da pequena oração cujo núcleo verbal é [são]; em (5) a construção relativa [*quem pratica o ato*] desempenha a função de argumento interno (preposicionado), isto é, objeto indireto de [combater];[41] em (6) a construção relativa [há pouca diversidade em termos de curso, *o que vai dificultar logo na entrada do mercado de trabalho*] desempenha a função de argumento interno do verbo *dizer*, neste caso um objeto direto; em (7) a construção relativa [primeira parte *em que a menininha vai cantar*] desempenha a função de adjunto do verbo *prestar*.

Feita a abordagem inicial, geral, das construções relativas, apresentam-se, ainda, os dois principais tipos de orações relativas atestados na literatura: (i) relativas restritivas e (ii) relativas apositivas, haja vista o fato de, nesta seção, ao descrever os pronomes relativos em PCV, torna-se necessário identificá-los como introdutores desses tipos de relativas na língua.

A tipologia restritiva *versus* apositiva se estabelece tomando por base a construção do valor referencial do antecedente. Logo, as relações que orações relativas estabelecem com o seu antecedente podem ter diferentes características sintáticas, prosódicas e semânticas. Quando a oração relativa está integrada em uma construção relativa formada por um só grupo sintático e prosódico, ou seja, não ocorre ruptura sintática ou melódica entre o antecedente e a oração relativa, a literatura assume o tipo de oração relativa restritiva (ou determinativa)[42] como em (4), renumerado:

---

[41] Como já referido em (c), trata-se de um caso de estratégia *P-chopping* em PCV ("Estão a combater [contra quem pratica o ato] …").

[42] Ver, entre outros: Brito & Duarte (2003: 665); Veloso (2013: 2067-).

(10) [$_{DP}$ A [$_{CP}$ maioria das pessoas ***que*** *estudam crioulo*]] não são caboverdianas

Diferentemente, quando a oração relativa forma um grupo sintático e prosódico autônomo, isto é, destacado do material antecedente (normalmente indicado na escrita por meio de uma vírgula), a literatura atesta uma oração relativa apositiva.[43] Observe o exemplo em PCV:

(11) Já [$_{CP}$ os jovens], ***que*** *não têm como pagar*], ficam lá por muito tempo

A partir da análise dos constituintes das construções relativas em (10) e (11), são apontadas as principais diferenças entre uma relativa restritiva e uma apositiva, baseando em Veloso (2013: 2109-2111):

(a) no tocante à natureza do antecedente, em uma restritiva, o antecedente é apenas a parte do grupo nominal antecedente sem o seu especificador – como se vê em (10), o grupo nominal antecedente é formado somente pelos constituintes "maioria das pessoas", isto é, sem o determinante "a". Atente para o fato de que, em uma relativa apositiva, o antecedente é um sintagma nominal autônomo e completo que inclui o especificador – como se vê em (11): o antecedente é o grupo nominal "os jovens", composto pelo determinante (especificador) "os" e o NP "jovens";

(b) em uma relativa apositiva, como em (11), o artigo definido (DP) "os" tem escopo (domínio) somente sobre o antecedente nominal "jovens". Por essa razão diz-se que, em uma apositiva, o grupo nominal antecedente é um sintagma nominal autônomo, isto é, completo com valor referencial próprio. De acordo com Veloso (2013: 2068):

> [...] uma oração relativa apositiva e seu antecedente (um NP) constituem grupos autônomos, mas formam em conjunto um sintagma nominal mais abrangente, através de uma ligação de natureza paratática, típica dos apostos, a qual se traduz num grau mais 'frouxo' [...]

No entanto, em uma restritiva, como em (10), o especificador, o artigo definido (DP) "a" nesse caso, se aplica (ou tem escopo) sobre toda a sequência [$_{CP}$ maioria das pessoas **que** estudam crioulo], isto é, tanto a oração relativa quanto o seu antecedente. Logo, diz-se que há um sintagma nominal estendido (VELOSO, 2013: 2110);

[43] Ver, entre outros: Brito & Duarte (2003: 671-672); Veloso (2013: 2109-2115).

(c) quanto aos correlatos semânticos, uma oração apositiva funciona como um caracterizador de todo o sintagma nominal precedente, veiculando informação nova sobre ele, mas não contribuindo para o seu valor referencial. Diferentemente, uma oração restritiva atua como modificadora do grupo nominal, introduzindo uma nova propriedade, a qual se combina com as propriedades expressas por esse grupo, restringindo, desse modo, a extensão do sintagma nominal;[44]

(d) ao final, restritivas e apositivas podem ser diferenciadas, ainda, por dois outros aspectos: (i) todas as apositivas têm antecedente explícito; logo, todas as relativas de antecedente implícito são restritivas. (ii) As relativas de frase são sempre apositivas (VELOSO, 2013: 2069).

4.1. DESCRIÇÃO DOS PRONOMES RELATIVOS EM PCV

Nesta primeira parte do capítulo, é feita a descrição dos pronomes relativos em PCV.

Como já mencionado, os constituintes relativos pertencem à categoria morfológica dos pronomes-Wh. Na língua portuguesa, os pronomes relativos típicos são: *que, quem, quando, como, cujo, onde, qual, quantos*.[45] A série dos pronomes relativos é completada por duas *locuções pronominais relativas*: "*o que*" e "*o qual*". Tradicionalmente, as formas *onde*, *quando* e *como* são consideradas pró-formas relativas, e pertencem também à classe dos advérbios. Não obstante, nesta Tese, assume-se a terminologia de Veloso (2013: 2076), que por questões de praticidade, opta por denominar todos os introdutores de orações relativas como pronomes relativos.

A seguir, é introduzido um novo conjunto de dados do PCV, a fim de apresentar as propriedades gerais dos pronomes relativos. Em (12)-(15), as construções relativas estão em colchetes e os pronomes relativos grifados em negrito:

(12) Mas [$_{CP}$ ***quem*** *já falou* ...], claro, não vou dar novamente a palavra

(13) ... [$_{DP}$ aquela [$_{CP}$ <u>comida do ano passado</u> ***que*** *todo mundo fazia*]]

---

[44] As diferenças interpretativas entre uma apositiva e uma restritiva, no tocante à construção do valor referencial do antecedente, têm levado muitos gramáticos a associarem as apositivas a subordinadas adverbiais ou até mesmo associá-las a construções coordenadas (BRITO & DUARTE, 2003: 672).

[45] Ver, entre outros, Brito & Duarte (2003: 661-664) – para as autoras, o que estou, genericamente, designando de "pronomes relativos" são designados de: "pronomes", "advérbios", ou "adjetivos relativos".

(14) não foram vocacionados para escolher uma [CP área ***que*** *o mercado de trabalho hoje precisa*]

(15) Dia Mundial da Alimentação!… [CP dia ***em que*** *nós vamos nos alimentar bem.*]

(16) nós temos [DP a [CP professora Cristina ***que*** *tem a sua filha em Santiago*]

A primeira propriedade geral a ser ressaltada sobre os pronomes relativos, que se observa em (12)-(16), é que todos esses elementos se posicionam linearmente no início das orações relativas (orações encaixadas), devido à sua natureza de morfema operador ou 'quase-operador' (própria dos pronomes-Wh). A segunda, é que todo constituinte relativizado desempenha uma dada função sintática na oração relativa: a de sujeito, objeto direto, objeto indireto, oblíquo, genitivo. Em (12), *quem* desempenha a função de sujeito da REL; em (13), *que* desempenha a função de objeto direto da REL; em (14), *que* desempenha a função de objeto indireto da REL;[46] em (15), o constituinte relativo *em que* desempenha a função de oblíquo da REL; em (16), *que* marca o genitivo na REL. Sobre esses casos e a cada pronome relativo em PCV, é feita a descrição e análise específica em subseções próprias.

Outra propriedade geral dos pronomes relativos tem a ver com os traços semânticos codificados por esses constituintes, tal como mencionado na introdução desta subseção sobre a categoria dos pronomes-Wh, a que pertencem os pronomes relativos. Com relação aos traços semânticos, há um grupo de pronomes com traços semânticos inerentes: *quem* [+ humano]; *onde* [+ lugar]; *quando* [+ tempo]; *como* [+ modo]. Com um dado pronome de traço semântico inerente, o grupo nominal antecedente (explícito ou implícito) é retomado através do traço semântico do respectivo pronome (VELOSO, 2013: 2076).

A locução relativa *o que,* no entanto, segundo Veloso (2013: 2076):

> [...] marca inerentemente uma combinação dos valores negativos dos traços semânticos [humano], [lugar] [tempo] e [modo], o que a torna particularmente adequada para retomar um antecedente frásico nas orações relativas de frase.

O pronome *que* é considerado 'subespecificado', ou seja, este pronome não possui traço semântico inerente.[47] Logo, o pronome *que* necessita combinar-se com seu antecedente a fim de valorar um determinado traço semântico como: [-humano] em (14)

[46] Em (14), embora o pronome relativo ocupe a posição de objeto indireto, não se atesta a presença da preposição.

[47] Ver Veloso (2013: 2076, 2077).

ou [+humano] em (16). Por essa razão se diz, quanto ao '*que*', que "*[...] ele é um especificador puro, sem qualquer componente nominal*" (VELOSO, 2013: 2077).

A partir do que se delimita, nesta Tese, como *corpora* do PCV,[48] e, ainda, do *corpus* específico selecionado dos *corpora*, atesta-se um total de 265 sentenças contendo pronomes relativos.[49] Por pronomes relativos, como já mencionado, refere-se a pronomes relativos, advérbios e locuções relativas. Na tabela a seguir, são apresentados os pronomes relativos por ordem decrescente da quantidade de ocorrências atestadas no *corpus* específico:

Pronome Relativo	Quantidade	Porcentagem
que	178	72,1%
quando	24	9,7%
onde	21	8,5%
o que	11	4,6%
quem	8	3,2%
como	4	1,6%
o qual	1	0,4%
quanto	0	0%
cujo	0	0%
Total	247	100%

Tabela (1) – Quadro Resumido das Ocorrências dos Pronomes Relativos no PCV

A partir da Tabela (1), constatou-se a predominância do pronome relativizador subespecificado *que* no PCV, seguido dos relativizadores adverbiais *como, quando* e *onde* e por último um conjunto em que atestou-se baixa (ou baixíssima) quantidade de ocorrência no *corpus* específico: *o que, quem e o qual*. Os pronomes *quanto e cujo* não foram atestados no *corpus* específico. Como base nessas observações é que se apresenta a descrição que se segue, ou seja, a partir dos pronomes mais atestados no *corpus* específico em PCV.

4.1.1. Pronome Relativo *Que*

Na tabela (1), evidenciou-se que o pronome relativo *que* é o relativizador utilizado em 72,1% dos casos atestados no *corpus* específico desta Tese. Por essa razão, como mencionado acima, inicia-se a descrição dos pronomes em PCV com esse pronome relativo.

---

48 Como exemplificado no Apêndice (4)

49 No Apêndice (4), apresento, como já visto no Capítulo III, uma amostra desse corpus específico.

Como já visto, o pronome relativo *que* só introduz orações relativas com antecedente nominal explícito, e, a principal tipologia dessas orações é estabelecida com base nas relações sintáticas, prosódicas e semânticas que se dão com o antecedente – as orações relativas restritivas e as orações relativas apositivas. À semelhança da Tabela (1), apresenta-se, a seguir, uma tabela resumida das ocorrências do pronome relativo *que* quanto à tipologia restritiva *versus* apositiva:

Ocorrências	**Tipo de Relativa**	
	Restritiva	**Apositiva**
Quantidade	156	22
Porcentagem	87,64%	12,35%
Total	**178**	

Tabela (2) – Número de ocorrências de orações relativas restritivas e apositivas com pronome relativo *que* em PCV

A partir da Tabela (2), vê-se que, em PCV, a tipologia predominante é a das orações relativas restritivas, com 87,64% de ocorrência; as orações relativas apositivas ocorrem em apenas 12,35% dos casos. Abaixo é exemplificado uma oração relativa do tipo restritivo:

(17) Mas acho que podemos passar para [$_{DP}$ um [$_{CP}$ <u>outro ponto</u> **que** *também está relacionado a essa área de educação*]]

A REL [***que*** *também está relacionado a essa área de educação*], em (17), atua como modificador do grupo nominal antecedente "*outro ponto*", introduzindo uma nova propriedade sobre ele e que combina com as propriedades expressas por esse grupo, restringindo, desse modo, a extensão do sintagma nominal. A ideia transmitida pelo falante é de que haja provavelmente *outros pontos* a serem debatidos, mas que no ambiente do discurso em pauta, devem debater apenas "*outro ponto"* que esteja relacionado à área de educação. Desse modo, a REL [***que*** *também está relacionado a essa área de educação*] contribui para a construção do valor referencial do NP "outro ponto". Por essa razão, orações relativas como a em (17) são do tipo restritivo e vêm sendo denominadas de 'determinativa' por alguns autores – ver Brito & Duarte (2003: 655). A análise empreendida nesta Tese concentra-se nesses tipos de oração relativa, logo, esse assunto é retomado na seção (4.2), em que é apresentada a análise formal que se segue para as construções relativas em PCV.

A seguir, apresenta-se, como exemplo, uma oração relativa apositiva em PCV – o tipo menos atestado em PCV, como apresentado na Tabela (2) acima:

(18) Essa palavra de "ordem" ou "slógan" faz parte também do instrumento de força. É quase que [$_{DP}$ uma [$_{CP}$ energia, **que** *entra neles e desenvolve neles uma vontade*]].

A REL [***que*** *entra neles e desenvolve neles uma vontade*], em (18), funciona como um comentário do sintagma nominal antecedente [*uma energia*] acrescentando, a este, uma informação nova, sem, porém, contribuir para o seu valor referencial. O antecedente [*uma energia*] é um sintagma nominal completo, plenamente referencial, incluindo, portanto, o especificador, neste caso, o artigo indefinido *uma*. Por essas razões, relativas do tipo em (18) são denominadas na literatura de orações relativas apositivas.

Além de poder introduzir os dois tipos de orações relativas, o pronome *que* pode desempenhar diversas funções dentro dessas orações como é apontado na tabela a seguir:[50]

Ocorrências	**Posições Argumentais**				**Posições Não Argumentais**	
	Sujeito	**Objeto Direto**	**Objeto Indireto**	**Complemento Oblíquo**	**Modificador Nominal Possessivo**	**Adjunto Adverbial**
Quant.	109	48	0	5	2	15
%	61,2	26,96	0	2,8	1,15	8,4
Total	**178**					

Tabela (3) – Função Sintática do Pronome *que* na REL em PCV

No *corpus* em análise, como resumido na Tabela (3), constatou-se que a posição relativizada com maior ocorrência é a do sujeito – em 61,2% das ocorrências, ver (19) –, seguida da do objeto direto com 26,96% das ocorrências – ver (20). A função de adjunto adverbial foi atestada em 8,5% das ocorrências – ver (21); em 2,8% dos casos atesta-se a função de complemento oblíquo – ver (22), e em 1,15% dos casos a função de

[50] Para os termos funcionais do pronome que na tabela, sigo: Brito & Duarte (2003: 661-666) ; Veloso (2013: 2081-2085).

complemento nominal– ver (29). A função de objeto indireto não foi atestada no *corpus* específico.

(19) Uma ação é introduzida [$_{PP/DP}$ numa [$_{CP}$ outra **que** estava sendo narrada]]

(20) [$_{DP}$ Aquela [$_{CP}$ parte de triângulo **que** vocês sempre leem]] antes do texto em si

(21) ...Fizéssemos [$_{DP}$ uma [$_{CP}$ reunião com os pais **em que** cada aluno levava cinquenta escudos mensal]

(22) ...não foram vocacionados para escolher [$_{DP}$ uma [$_{CP}$ área $_{P}$**Ø que** o mercado de trabalho hoje precisa]]

(23) Já estive a falar com [$_{DP}$ **Ø** [$_{CP}$ pessoas, por exemplo, da ilha de Santo Antão $_{P}$**Ø que** quase nada não compreendi nada]]

Com relação à Tabela (3), chama-se a atenção para um fato: a inexistência de dados cuja posição relativizada corresponde à posição de objeto indireto no *corpus* de 'Fala Espontânea' analisado. Em outras palavras, em uma primeira observação, a preferência dos falantes, no tocante à organização do argumento interno preposicionado no PCV, é para a construção 'complemento oblíquo' e não para a construção 'objeto indireto'. Logo, ainda que bem sucintamente, abra-se um parêntese para apresentar uma diferenciação notória que vem sendo apresentada na literatura acerca de objeto indireto e de complemento oblíquo (DUARTE, 2003: 289-290; BECHARA, 2009: 422, 423).

Segundo Duarte (2003: 289), o objeto indireto é um argumento interno de verbo de dois ou três lugares com papel semântico [alvo] ou [fonte], introduzido pela preposição *a*; é ainda um argumento tipicamente [+ animado] (embora ocorram objetos indiretos [- animados] com certos predicadores verbais). O principal teste para verificação do objeto indireto é a substituição do sintagma preposicionado pelo clítico dativo 'lhe'. Atente para o exemplo em[51]:

(24) a. Alguns alunos compraram flores *ao florista* para a professora

b. Alguns alunos compraram-lhe flores para a professora

c. *Alguns alunos compraram-lhe ao florista

Pelos exemplos (24 (a, b, c)), Bechara (2009) argumenta que somente o sintagma PP [ao florista] pode ser analisado como objeto indireto da sentença (24a), haja vista ser este o sintagma introduzido pela preposição *a*; no caso com traço semântico fonte e argumento [+humano]; logo é este PP que pode ser permutado pelo dativo 'lhe' (24b).

[51] Exemplos de (BECHARA, 2009: 423) não renumerados.

O importante a se observar, a partir das considerações apresentadas acima, é que, em PCV, a complementação verbal indireta não parece estar sensível ao caso 'dativo', ou seja, a complementação verbal indireta parece se dar por meio do que vem sendo denominado na literatura como alternância dativa ou construção de duplo objeto (COD) – cf. Lucchesi & Mello (2009). Quanto a estes, como já exemplificado em (22), suas ocorrências parecem se dar sem o arrastamento da preposição, como é apresentado com mais detalhes a seguir.

O pronome relativo *que* pode ser regido por várias preposições, funcionando como complemento oblíquo, complemento nominal e adjunto adverbial. Como já apontado, em uma dada relativa, a preposição pode ser: deslocada juntamente com o pronome *que* para início da oração (estratégia conhecida como *Pied-Piping*) – ver exemplo (21); apagada na realização fonológica da sentença (estratégia conhecida como *P-chopping*) – ver exemplos (22) e (23)[52]. Abaixo, apresenta-se a tabela de ocorrências relativas ao *que* precedido de preposição:

Ocorrências	**Complemento Oblíquo**	**Complemento nominal**	**Adjunto Adverbial**
Estratégia *Pied-Piping*	0	0	9 (40,9%) do total e (59,09%) dos adjuntos adverbiais
Estratégia *P-chopping*	5 (22,7%)	2 (9%)	8 (36,3%) do total e (40,01%) dos adjuntos adverbiais
Total	24		

Tabela (4) – As Estratégias *Pied-Piping* e *P-chopping* e o Pronome Relativo *que* em PCV

Por meio dos dados da Tabela (4), atesta-se a ocorrência da estratégia *P-chopping* quando o pronome *que* desempenha as funções de complemento oblíquo e complemento nominal no PCV. No entanto esse pronome desempenha a função de adjunto adverbial em um total de 15 ocorrências. Logo, no contexto de adjunto adverbial, atesta-se a estratégia *Pied-piping* em 9 dos casos, ou seja, em 59,09% das ocorrências dá-se o arrastamento da preposição.

[52] Para línguas como o inglês, há ainda uma terceira estratégia em que a preposição é deixada *in situ* conhecida na literatura como estratégia *P-stranding* (não se atesta nenhum caso no *corpus*).

Os casos em que se dá a estratégia *Pied-piping* – como em (21) –, são casos apontados na literatura como estratégias canônicas de relativização na língua portuguesa (BRITO & DUARTE, 2003: 651-684; entre outros).

As ocorrências com a estratégia *P-chopping* – como em (22) e (23) –, são apresentadas na literatura como estratégias de relativização não canônicas, podendo ser de dois tipos: cortadoras ou resumptivas – (ALEXANDRE, 2000: 60); (BRAGA, KATO & MIOTO, 2009: 245); (VELOSO, 2013: 2128-2129).

Em um trabalho sobre a relativização de PPs nas variedades orais do português em Cabo Verde e em São Tomé, Alexandre, Gonçalves & Hagemeijer (2011: 23) apontam também que no *corpus* oral para o português falado em Cabo Verde (designado como POCV pelos autores, mas nesta Tese abreviado como PCV) utilizado no seu trabalho não atestarem relativas cortadoras com as funções de OI e OBL. As cortadoras mais recorrentes atestadas pelos autores (op. cit.) tanto na variedade europeia, quanto nas variedades africanas (Cabo Verde e São Tomé) da língua portuguesa estão mais ligadas a preposições com conteúdo lexical, como "em" e "com". Alexandre, Gonçalves & Hagemeijer (2011: 24) atestaram ainda uma estratégia contrária à cortadora no PCV: "*uma estratégia que não apaga a P selecionada pelo V da oração relativa, mas antes insere uma P no constituinte relativizado (que tem a função de sujeito ou de objeto direto)*". Atente para os exemplos apresentados pelos autores (op. cit.)[53]:

(25) a. Cada um faz o que é o melhor, porque tem uma sociedade **em que** [~~uma sociedade~~] protege a integridade física da mulher.

b. E isso tem a ver com a confiança **em que** o governo transmite [~~a confiança~~].

As estratégias de relativização que envolvem sintagmas preposicionados são retomadas com mais pormenor ao final da seção de análise.

A seguir, é feita a descrição do grupo dos adverbiais relativos, que, de acordo com os dados a Tabela (1), depois do pronome relativo *que*, é o grupo com maior número de ocorrências em PCV.

4.1.2. Os Adverbiais Relativos

Na língua portuguesa há um grupo de relativizadores denominados de pró-formas relativas adverbiais por serem de natureza adverbial e se caracterizarem por

[53] Alexandre, Gonçalves & Hagemeijer (2011: 24), dado (20), reenumerado.

valores semânticos particulares: *onde* [+lugar], *como* [+modo], *quando* [+tempo] (VELOSO, 2013: 2101). Como já apontado, os relativizadores usados com mais frequência no PCV, depois do pronome relativo *que*, correspondem ao grupo dos adverbiais relativos. Na gramática portuguesa há um debate quanto às formas adverbiais serem tratadas ou não no grupo dos relativos. Alexandre (2000: 37-41) apresenta um conjunto de argumentos em favor de categorizar as formas *quando* e *como* como subordinadores e não como pronomes relativos. Para essa autora (op. cit.), as formas *quando* e *como* não podem nem ser definidas como verdadeiros adverbiais, diferentemente de *onde*. Por essa razão, Alexandre (2000: 35-36) inclui o pronome *onde* no grupo dos pronomes relativos, categorizando-o como um adverbial relativo. Há, porém, um grupo de linguistas que incluem os adverbiais *quando, como* e *onde* no grupo dos pronomes relativos, categorizando-os como pró-formas adverbiais relativas. Assim, o fazem por essas pró-formas apresentarem estatutos semelhantes aos pronomes relativos canônicos – ver entre outros, Veloso (2013: 2101-2109); Peres & Móia (1995:303); Móia (1996: 156).

Haja vista o escopo desta Tese abarcar um estudo descritivo e de análise dos pronomes-Wh no PCV, a partir de um conjunto de dados inéditos, considera-se necessário o estudo das pró-formas adverbiais relativas. Portanto, nesta subseção, descreve-se esse grupo de relativos, seguindo também a ordem decrescente do número de ocorrências atestadas: o morfema *como* com 47 ocorrências[54], seguido do pronome *quando* com 24 ocorrências e por último o pronome *onde* com 16 ocorrências. Antes, porém de prosseguir com a descrição, aproveita-se para relembrar que, por questões de praticidade, nesta Tese se refere a todo relativizador como pronome relativo.

4.1.2.1. *O Pronome Relativo Como*

Como já apontado, nos estudos gramaticais em língua portuguesa, adverbiais como "como" não são tratados, normalmente, no grupo dos pronomes relativos (ver ALEANDRE, 2000: 37-41, entre outros), no entanto, um grupo de estudiosos tem apontado as semelhanças estruturais entre as sentenças adverbiais com "como" e as orações relativas (VELOSO, 2013: 2105, entre outros). Nesta Tese, o constituinte "como" é tratado como introdutor de relativas em certos contextos.

---

[54] Cabe chamar atenção para a discrepância quanto ao número de dados com *como* relatados e os que realmente correspondem a um pronome relativo. Como se pode observar, na literatura atesta-se divergências quanto à classificação de *como* como pronome relativo. Depois de uma análise criteriosa, verificou-se que a maioria dos dados com *como* não contêm verdadeiras construções relativas.

Segundo a literatura, o pronome relativo *como* ocorre apenas com antecedentes nominais e o seu valor na oração relativa é sempre adverbial – consequentemente não pode desempenhar nem a função de sujeito nem a de complemento direto dentro da REL (VELOSO, 2013: 2105). Veloso (2013: 105-106), ainda referindo-se a *como*, considera como legítimos casos de relativização, aquelas sentenças em que existe um antecedente explícito para *como*. Porém, nas sentenças em que o antecedente é implícito, a autora (op. cit.) não faz nenhum juízo, deixando a aceitabilidade por conta do falante.

No *corpus* específico, das 47 ocorrências com o morfema *como*, apenas quatro das ocorrências foram analisadas como sentenças com *como* relativo. A maioria das sentenças com *como* é analisada como 'subordinadas adverbiais conformativas' e 'comparativas', razão pela qual tais sentenças não foram computadas como relativas e não fazem parte da análise nesta seção.

Ocorrências	**Oração Relativa**	**Oração Subordinada Adverbial**
Quantidade	04	43
Porcentagem	9%	91%
Total	47	

Tabela (5) – Orações Introduzidas pelo Morfema *Como* em PCV

Abaixo, apresentam-se exemplos das sentenças com *como* que introduzem subordinadas adverbiais:

(26) Não estão a falar de políticas de longa duração, por exemplo se repararmos, delinquência juvenil **como** o Wilson disse

(27) Por exemplo, eu acho que eles já estão, **como** posso dizer, influenciados

(28) ... as licenciatura já se tornou **como** o décimo segundo ano

Nos dados (25) e (26) as orações subordinas têm leitura de 'conformidade' e o conectivo[55] *como* pode ser substituído por: *conforme*, *segundo*, *consoante* (BRITO & MATOS, 2003: 762)[56]. A sentença (28), no entanto, é uma comparativa simples que se difere de comparativas de grau, tratadas ou como sentenças relativas (VELOSO, 2013: 2107) ou como subordinadas adverbiais (BRITO & MATOS, 2003: 742-743).

[55] Para Brito & Matos (2003: 762), "conectores".

[56] Segundo Brito & Matos (2003: 762), orações "conformativas" como as em (26)-(28) são deslocáveis; podem ser objeto de clivagem e são adjunto.

Abaixo são apresentadas as quatro sentenças em que o morfema "como" é analisado como relativo.

(29) O que verdadeiramente importa não é a localização temporal, dos eventos, mas sim [$_{DP}$ o [$_{CP}$ modo **como** eles aconteceram ~~**como modo**~~]]

(30) Quando chegaste na tua sala, aí tu viste [$_{CP}$ **como** eles estavam ~~**como**~~]

(31) mas a oficialização baseia-se sobre somente... basicamente [$_{CP}$ **como** escrever o crioulo ~~**como**~~]

(32) Não sei se a professora já está... no fato... [$_{PP/DP}$ do [$_{CP}$ espírito de **como** organizar a festa de finalista ~~**como**~~]]

Seguindo (VELOSO, 2013: 2105), o dado (29) com o antecedente "o modo" seria o exemplo que de fato atestaria, no conjunto acima, um real exemplo de antecedente explícito do pronome relativo *como* no *corpus* específico. Logo, caso viesse a corroborar de forma ampla a análise de Veloso (2013), o dado (32), cujo antecedente é "espírito de" não deveria ter sido analisado como antecedente explícito de "como", pois, segundo (VELOSO, 2013: 2105): "*[...] o pronome **como** ocorre apenas com antecedentes nominais com uma significado extremamente geral, como **maneira**, **forma** ou **modo**[...]*". No entanto, assume-se que a expressão "espírito de" pode, no PCV, funcionar como antecedente da oração relativa em (32) por apresentar traços semânticos de "maneira, forma ou modo".[57] A hipótese, portanto, é que, por se tratar de registro de fala, a expressão "espírito de", antecedente de como, funciona como forma simplificada de uma expressão nominal: tem o valor semântico de expressão "da maneira".

4.1.2.2. *O Pronome Relativo Quando*

Como no caso do relativizador *como*, há uma divisão entre os autores quanto à natureza de *quando*: um grupo o classifica como conectivo de orações adverbiais temporais (CUNHA & CINTRA, 1984: 241, 406-407; BECHARA, 1999: 171, 502; NEVES, 2000: 787; ALEXANDRE, 2000: 37-41), enquanto outro o classifica como pronome relativo (MÓIA, 2001; ALEXANDRE & CARDOSO, 2009: 4; VELOSO, 2013: 2107-2109, entre outros). Nesta Tese, assume-se o elemento *quando* em PCV como pronome relativo com base nos argumentos apresentados em (MÓIA, 2001: 349-361).

---

[57] Quanto à possibilidade de se ter um advérbio como antecedente de *como*, Veloso (2013: 2107) observa que *"[...] não é claro que um advérbio possa funcionar como antecedente de uma oração relativa*."

Segundo Móia (op. cit.), há cinco argumentos sintáticos (ou sintático-semânticos) que favorecem a categorização de *quando* como pronome relativo.

O primeiro argumento de Móia (2001) em favor da classificação de *quando* como pronome relativo é a ocorrência desse pronome em posição nominal argumental (como é característico das orações relativas sem antecedente expresso). Observe o exemplo abaixo de Móia (2001)[58]:

(33) Este quadro data de [$_{NP}$ quando Picasso viveu em Barcelona]

Móia (2001: 356) apresenta a justificativa de que a possibilidade da ocorrência de *quando* em posição nominal (que pode até ser argumental) evidencia a não classificação desse morfema como adverbial em orações como (33), que, no caso específico, *quando* ocorre como complemento da preposição argumental *de*.

O segundo argumento de Móia (2001) a favor da classificação de *quando* como pronome relativo é a ocorrência desse pronome com um antecedente expresso (tanto em estruturas restritivas como em apositivas) como os demais pronomes relativos. Atente para os exemplos de Móia (2001) a seguir[59]:

(34) Não me dá jeito o **dia pra quando** a reunião foi marcada.

(35) Na terça-feira próxima, **quand**o vieres, mostrar-te-ei os meus diapositivos.

O terceiro argumento de Móia (2001) a favor da classificação de *quando* como pronome relativo é a ocorrência desse pronome como morfema pró-NP. Veja os exemplos de Móia (2001) a seguir[60]:

(36) Qual é o **prazo até quando** se podem entregar as candidaturas?

(37) Os trabalhadores afirmam que permaneceriam em greve até [$_{Ø\ até}$ quando]$_i$ fosse preciso (permanecer em greve [ ]$_i$)

Segundo Móia (2001: 356):

> [...] Neste aspecto o pronome quando se comporta como onde, sendo estes os dois únicos morfemas relativos do português que têm um comportamento duplo, como pró-SPs (isto é, "advérbios" relativos) ou pró-SN (isto é, verdadeiros "pronomes" relativos).

---

58 Móia (2001: 355), dado (7a), renumerado. As abreviaturas foram adaptadas para manter uma uniformidade na Tese, assim ao invés de SN, usa-se NP.

59 Móia (2001: 355), dado (7a), renumerado.

60 Móia (2001: 356-357), dados (12b) e (19a), renumerados.

O quarto argumento de Móia (2001) a favor da classificação de *quando* como pronome relativo é a possibilidade de ligação desse pronome a posições argumentais. O exemplo abaixo é do autor (op. cit.)[61]:

(38) Eu estava em Lisboa [quando]$_i$ os incidentes se registaram [ ]$_i$

Segundo Móia (2001: 357), em (38), o elemento *quando* é selecionado por um predicado verbal que por sua vez seleciona argumentos internos com valor tempo.

O quinto argumento de Móia (2001) a favor da classificação de *quando* como pronome relativo é a possibilidade de ligação desse pronome a posições no interior de frases encaixadas (instanciando um movimento relativo longo)[62]:

(39) A piscina foi remodelada quando$_i$, se esperava [que tivesse pouca procura [ ]$_i$]

Segundo Móia (2001: 358), em (39), *quando* está em posição de adjunto adverbial de tempo na oração completiva encaixada, o que evidencia um movimento longo do relativizador.

Assim, para a descrição de *quando* como pronome relativo em PCV que se apresenta a seguir, toma-se, como base, os argumentas acima apresentados de Móia (2001).

Seguindo a argumentação de Móia (2001), foi atestado que o pronome relativo *quando* ocorre em posição nominal argumental em PCV:

(40) Agora é tomar a decisão na hora certa, não deixar tudo para [***quando*** *ficar tudo mais apertado*]

Em (40) o pronome relativo *quando* está em posição argumental do verbo *deixar* que o seleciona por meio da preposição *para*.

Ainda, segundo Móia (2001), atesta-se que o pronome *quando* pode ocorrer com antecedente expresso em PCV:

(41) Hoje eu zanguei-me com a Marta porque ela <u>depois</u> [**quando** a gente vai corrigir], ele finge que ela, assim, que ela tem sempre razão que não importa como deve ser...

---

61 Móia (2001: 357), dados (22a), renumerado.
62 Móia (2001: 358), dados (24), renumerado.

Ressalta-se que, assume-se como antecedente do pronome relativo *quando*, em (41), o elemento *depois,* de natureza adverbial temporal.

Importante ainda dizer que, com relação ao dado (41), atestou-se apenas uma ocorrência desse tipo no *corpus* específico, ou seja, apenas uma ocorrência com o pronome relativo *quando* com antecedente explícito. Esse fato, possivelmente, tem ligação ao que se atesta na literatura no que se refere à natureza do antecedente do pronome relativo *quando*. Segundo Veloso (2013: 2107), o antecedente das orações relativas introduzidas por *quando* é geralmente implícito.

Quanto aos demais argumentos apresentados por Móia (2001), não foram encontrados exemplos no *corpus* específico desta Tese.

Em continuidade à descrição do pronome *quando* em PCV, na tabela a seguir, apresentam-se o número de ocorrências, a natureza do antecedente, e a função sintática desse pronome relativo dentro da REL em PCV:

Ocorrências	Natureza do Antecedente		Função Sintática	
	Implícito	Explícito	Adjunto Adverbial	Complemento Oblíquo preposicionado
Quantidade	23	1	24	0
Porcentagem	95,8%	4,2%	100%	0%
Total	24			

Tabela (6) – Pronome *Quando* em PCV: número de ocorrências, natureza do antecedente e função sintática

Na Tabela (6), é registrado, a partir do *corpus* específico, 24 ocorrências do pronome *quando*, apontando a natureza de seu antecedente e sua função sintática na REL. De acordo com a Tabela e conforme já apontado acima, o antecedente de *quando* é geralmente implícito – ver exemplo (40). A única função do pronome *quando* dentro da REL, atestada no *corpus* específico, é a de adjunto adverbial[63].

Como não há nenhuma ocorrência de *quando* como objeto oblíquo preposicionado, não foi possível verificar a estratégia *Pied-piping* ou *P*-chopping com esse pronome.

[63] No entanto, segundo a literatura, *quando* pode ter também a função de complemento oblíquo preposicionado (LOBO, 2013: 2105-2106).

4.1.2.3. *O Pronome Relativo Onde*

Na literatura o pronome relativo *onde* é normalmente caracterizado com base no seu valor semântico inerente [+locativo] – cf., entre outros, Móia (1992: 127); Alexandre (2000: 35); Veloso (2013: 2102). Para Móia (1992: 127), há dois morfemas relativos *onde*: um denominado 'intrinsecamente preposicionado' (pró-SP), pois dispensa qualquer tipo de preposição e pode ser substituído pelas expressões *em que* ou *na qual*; e outro considerado verdadeiramente pronominal (pró-NP), pois pode ser selecionado por qualquer preposição, exceto a preposição *em*, e pode ser substituído pelas expressões *que* e *a qual*. A seguir, os dois tipos são apresentados[64]:

(42) O*nde* 'intrinsecamente preposicionado'

A cidade [$_{SP}$ onde] ele mora é cercada por muralhas medievais.

(43) *Onde* 'verdadeiramente pronominal'

A cidade de [$_{NP}$ onde] ele veio é cercada por muralhas medievais.

A literatura aponta que a propriedade de valor semântico [+locativo] restringe o uso do pronome relativo *onde*: (i) o antecedente desse pronome (explícito ou implícito) tem que denotar *lugar*; (ii) o valor semântico de *onde* dentro da REL vai ser sempre *locativo* (VELOSO, 2013: 2102). Chama-se a atenção, no entanto, para Peres & Móia (1995: 302) que afirmam que o pronome relativo *onde* pode ser usado com valores metafóricos. Mas, para esses autores (op. cit.), tais valores metafóricos são sempre extensões a partir da dimensão do espaço físico. Observe o exemplo a seguir de Peres & Móia (1995)[65]:

(44) [$_{DP}$ A [$_{CP}$ <u>disciplina</u> onde o Paulo se desembaraça melhor]] é Matemática

Em (44), de acordo com a interpretação a partir de Peres & Móia (1995: 302), o pronome *onde*, cujo antecedente é *disciplina*, denota *lugar* metaforicamente a partir de um espaço físico – no caso *uma escola*, *uma sala de aula* ou outro ambiente físico ligado à *disciplina*.

Em PCV, atesta-se o mesmo tipo metafórico relacionado ao pronome relativo *onde* apresentado por Peres & Móia (1995: 302). Observe o exemplo a seguir:

---

64 Móia (1992: 127), dados (369)-(370), renumerados. Os subtítulos, nos dados, são meus.

65 Peres & Móia (1995: 302). A relativa inserida entre colchetes é uma notação minha.

(45) No semestre passado tive [$_{DP}$ uma [$_{CP}$ cadeira ***onde*** *o professor não deu 70% de aula*]

No entanto, pelo observado a partir do *corpus* específico usado para esta tese, a propriedade semântica de *onde* no PCV extrapola o valor metafórico *lugar* a partir de dimensões de um espaço físico como exemplificado abaixo:

(46) Então a lancha voadora é nome de [$_{DP}$ uma [$_{CP}$ operação que a polícia nacional levou a cabo, ***onde*** *foi aprendido uma quantidade de droga, dinheiro...*]]

Em (46), assume-se que o antecedente de *onde* seja uma subordinada relativa restritiva [que a polícia nacional levou a cabo], encabeçada pelo antecedente *operação*. Nesse caso, o antecedente de *onde*, em (46), é 'frasal', não se podendo, portanto, conotar uma interpretação a partir de um espaço físico para uma sentença.

Após ter introduzido exemplos em PCV em que *onde* extrapola o valor metafórico 'lugar' a partir de dimensões de um espaço físico, são apresentados exemplos do pronome relativo *onde* com a propriedade *default*' [+locativa]:

(47) ... são [$_{CP}$ países da África lusófona ***onde*** *se fala a língua portuguesa*]

(48) Troca de [$_{DP}$ Ø] [$_{CP}$ **onde** estava sendo... sendo... sendo montada]

Em (47) e (48), os antecedentes 'locativos' exemplificam, respectivamente, um antecedente explícito e um implícito.

A partir do explicitado acima, é apresentado, na Tabela (7), as ocorrências quanto à natureza do antecedente do pronome relativo *onde* em PCV:

Ocorrências	Antecedente		
	Explícito		Implícito
	Nominal	Frasal	
Quantidade	12	8	1
Porcentagem	57,2%	38,1%	4,7%
Total	95,3%		4,7%

Tabela (7) – Natureza do Antecedente do Pronome *Onde* em PCV

De acordo com a tabela em (7), em 95,3% das ocorrências dos dados com o pronome relativo *onde,* atesta-se a presença de um antecedente explícito e em apenas 4,7% dos

casos apenas o antecedente é implícito. Importante que se diga, ainda, conforme explicitado pela tabela, que, quando o antecedente de *onde* é explícito, 57,2% dos dados são de natureza 'nominal' e 38,1% de natureza 'frasal'.

Na tabela a seguir, quantifica-se o valor semântico do pronome relativo *onde* em PCV:

Ocorrências	Valor Semântico		
	Locativo (Default)[66]	Metafórico	
		[+Locativo]	[-Locativo] (Frasal)
Quantidade	8	5	8
Porcentagem	38,1%	23,8%	38,1%
Total	38,1%	61,9%	

Tabela (8) – Valor Semântico do Pronome *Onde* em PCV

Visto que o uso de *onde* em PCV é mais amplo do que normalmente tem sido descrito na literatura, na tabela (8), foi quantificado aquilo que se assume como os três valores semânticos desse pronome na língua: (i) valor semântico 'default' [+ locativo], atestado em 38,1% das ocorrências; (ii) uso metafórico [+locativo] em 23,8% das ocorrências; (iii) uso metafórico [-locativo], atestado em (38,1%) das ocorrências, ou seja, a mesma quantidade atestada no 'default' [+ locativo]. Os exemplos abaixo resumem os três valores semânticos do pronome relativo *onde* em PCV:

(49) *Onde Relativo com Valor Semântico [+Locativo] 'Default'*

Um número significativo de histórias começa exatamente com a saída do herói, do espaço de segurança para [$_{DP}$ um [CP <u>espaço do risco</u>, **onde** a aventura espreita]]

(50) *Onde Relativo com Valor Semântico Metafórico [- Locativo]*

[$_{CP}$ <u>Eu tenho o dividendo, tu vai dividir pelo divisor</u>, [$_{CP}$ **onde** vamos encontrar o quociente e vamos encontrar também o resto]

(51) *Onde Relativo com Valor Semântico Metafórico [+ Locativo]*

[66] Chama-se o valor semântico [Locativo] do relativo "onde" de 'default', baseando-se na literatura – ver entre outros, Alexandre (2000: 35).

A Universidade de Cabo Verde é a única que tem o representante de aluno [PP/DP no [$_{CP}$ conselho da universidade ***onde*** *todos os estatutos são aprovados*]]

Comparando as Tabelas (7) e (8), chama-se a atenção para o fato de que o número de ocorrências de *onde* com antecedente frasal corresponde ao número de ocorrências de *onde* com valor metafórico [–locativo]. Como já apontado acima, a proposta é a de que, quando o valor semântico de *onde* é metafórico [–locativo], o antecedente é um elemento frasal.

Ainda, no tocante ao pronome relativo *onde*, cabe apresentar o tipo de relação que esse pronome estabelece com seu antecedente em PCV.

Quando o antecedente é nominal, a oração relativa introduzida por *onde* pode ser restritiva, como em (52), ou apositiva, como em (53):

(52) Vejam [$_{DP}$ aquela [$_{CP}$ parte ***onde*** *diz: a necessidade de comunicar pelo começar a falar*]]

(53) Um número significativo de histórias começa exatamente com a saída do herói, do espaço de segurança para [$_{DP}$ um [$_{CP}$ espaço do risco, ***onde*** *a aventura espreita*]]

Quando o antecedente de *onde* é um elemento frasal, a oração relativa, introduzida por esse pronome, será sempre apositiva. Essa análise encontra respaldo na literatura que afirma que "[...] *as relativas de frase são sempre apositivas*" (VELOSO, 2013: 2069). A seguir, é apresentado exemplo em PCV:

(54) ... [$_{CP}$ comunicar com as pessoas de forma aberta e à vontade, [CP ***onde que*** *todos possam compreender a sua mensagem*]

Assim, a seguir, apresenta-se a tabela com as ocorrências de *onde* em relativas restritivas e apositivas:

Ocorrências	**Tipo de Relativa**	
	Restritiva	*Apositiva*
Quantidade	8	13
Porcentagem	38,1%	61,9%
Total	21	

Tabela (9) – Relativas Restritivas e Apositivas com o Pronome Relativo *Onde* em PCV

De acordo com a Tabela (9), a maior porcentagem de relativas em PCV é do tipo apositivo (61,9%). Tal fato se justifica, como já explicitado, por meio da proposta (embasada na literatura) de que toda relativa com antecedente frasal seja apositiva. Portanto, ao voltar à tabela (7), 38,1% das relativas com *onde* têm antecedente frasal, o que corrobora, portanto, o maior percentual, em PCV, de relativas com o pronome *onde* como sendo do tipo apositivo.

Antes de concluir a descrição do pronome *onde*, aponta-se para o fato de não ter sido atestado nenhuma ocorrência desse pronome precedido de preposição em PCV. Logo, não foi encontrado, no *corpus* específico, dados como os de Móia (1992) – *A cidade de [$_{NP}$ onde] ele veio é cercada por muralhas medievais*[67].

Terminada a descrição do grupo dos adverbiais relativos em PCV, prossegue-se com a descrição dos pronomes relativos na língua, seguindo a ordem decrescente do número de ocorrências no corpus específico.

4.1.3. A Locução Relativa *O Que*

Depois do grupo dos adverbiais relativos, a locução relativa *o que* foi a que apresentou maior número de ocorrências, motivo pelo qual é descrita nesta subseção.

As posições na literatura quanto ao tratamento do constituinte relativo *o que* se divergem: o grupo dos gramáticos, normalmente, não o trata como uma unidade relativa autônoma (NEVES, 2000: 379; entre outros), enquanto um grupo de linguistas o considera como uma locução relativa com estatuto próprio (BRITO, 1988: 334, 384 e 406-409; MÓIA, 1992: 10-15; ALEXANDRE, 2000: 32-34; VELOSO, 2013: 2085-2089). Para o primeiro grupo (o dos gramáticos), na expressão *o que*, *que* é o pronome relativo e *o* é um pronome demonstrativo. O segundo grupo (o dos linguistas) não descarta esse uso atestado na língua portuguesa, no entanto advoga que o uso de *que* e

[67] Móia (1992), Dado (57), renumerado.

o, como unidades autônomas em construções relativas, só se dá quando o pronome demonstrativo *o* é flexionado (ver: BRITO, 1988: 334, 384, entre outros). Observe o exemplo em PCV:

(55) ...há vários licenciados desempregados, mas todos [DP os [$_{CP}$ ***que*** *fazem um curso de formação profissional automaticamente entram no mercado de trabalho*]

Atente-se para o fato de que, como o DP *os* e o pronome *que* não formam uma unidade, é possível inserir elementos entre os dois, neste caso o próprio DP elíptico "licenciados"[68]: [Todos os <u>licenciados</u> ***que*** *fazem*...].

No entanto, para os linguistas, a locução relativa *o que* é uma unidade autônoma em casos em que *o* não é flexionado. A seguir, apresenta-se exemplo em PCV:

(56) Vejam, é só escrever [$_{CP}$ ***o que*** *eu escrevi cá à frente*]

Em (56) o constituinte relativo é formado pela locução relativa *o que* que se assume como unidade relativa autônoma. Atente-se para o fato de que não é possível a inserção de qualquer constituinte entre os elementos *que* e *o*.

Nesta seção, o interesse volta-se, portanto, para a descrição da locução relativa *o que*, haja vista que casos como os exemplificados em (55), já foram descritos na subseção do pronome relativo *que*.

Assim, por meio da Tabela (10), quantifica-se a natureza do antecedente da locução relativa *o que* em PCV:

Ocorrências	**Antecedente**	
	Frasal	*Implícito*
Quantidade	2	9
Porcentagem	19%	81%
Total	11	

Tabela (10) – Natureza do Antecedente da Locução Relativa *O Que* em PCV

De acordo com a Tabela (10), a locução relativa *o que* em PCV apresenta antecedente implícito em 81% das ocorrências – como exemplificado em (57) – e antecedente frasal explícito em 19% dos casos – como exemplificado em (58):

(57) ...alguns alunos, sinceramente, não conseguiram realizar [$_{DP}$ Ø] [***o que*** *os professores queriam*]

[68] Assume-se o NP a partir de sua categoria funcional DP, a partir da hipótese de Abney (1987: 315).

(58) Então quer dizer que [$_{CP}$ há pouca diversidade em termos de curso, **[*o que*** *vai dificultar logo na entrada do mercado de trabalho*]

A partir da Tabela (10), que quantifica os dados específicos referentes à natureza do antecedente de *o que*, relaciona-se essa tabela à seguinte – Tabela (11) – a fim de apontar o tipo de relativa introduzida por esse pronome com a natureza de seu antecedente em PCV:

Ocorrências	Tipo de Relativa	
	Restritiva	Apositiva
Quantidade	9	2
Porcentagem	81%	19%
Total	11	

Tabela (11) – Tipos de Relativas Introduzidas pela Locução Relativa *O Que* em PCV

Como se pode observar, as ocorrências das orações restritivas apontadas na Tabela (11) correspondem ao mesmo número de ocorrências de antecedente implícito apontadas na Tabela (10). Isso pode ser explicado, como já referido, com base na proposta que se vê na literatura, de que, quando o antecedente é implícito a relativa é restritiva[69] – ver exemplo (71). De igual modo, as ocorrências apositivas apresentadas na Tabela (11) correspondem ao mesmo número de ocorrências de antecedente frasal apresentadas na Tabela (10). Esse fato também pode ser explicado, como já mencionado, com base na proposta que se vê na literatura, de que, quando o antecedente é frasal a relativa é apositiva[70] – ver exemplo (58).

Ainda, sobre a locução relativa *o que,* é importante que se descreva a sua função dentro da REL. Logo, na Tabela (12), quantificam-se as ocorrências dessa locução relativa quanto às suas funções na REL:

[69] Ver na introdução desta seção, quando se apresenta acerca das propriedades gerais dos pronomes relativos.

[70] Ver na introdução desta seção, quando se apresenta acerca das propriedades gerais dos pronomes relativos; ver ainda a argumentação apresentada na descrição de *onde* – subseção (3.2.1.2.3).

Ocorrências	Função Sintática na REL			
	Sujeito	Objeto Direto	Complemento Oblíquo	
			Estratégia *Pied Piping*	Estratégia *P-chopping*
Quantidade	5	5	0	1
Porcentagem	45,4%	45,4%	0%	9,2%
			9,2%	
Total	11			

Tabela (12) – Função Sintática de *O Que* na REL em PCV

De acordo com a Tabela (12), 45,4% das ocorrências da locução relativa *o que* se dão para a posição de sujeito – ver exemplo (59) abaixo –; a mesma porcentagem é atestada para a posição de objeto direto – ver exemplo (60) abaixo. Para a posição argumental de complemento oblíquo atesta-se apenas uma ocorrência nos dados do *corpus* específico, o que corresponde a 9,2% dos dados das ocorrências. Importante que se diga que essa ocorrência na função de complemento oblíquo dá-se por meio de estratégia *P-chopping*, ou seja, com o apagamento da preposição – ver exemplo (61):

(59) Também eu como caboverdiana, [***o que*** *mais me faz refletir sobre o crioulo...*]

(60) Vejam, é só escrever [***o que*** *eu escrevi cá à frente*]

(61) Acrescentando [$_P$ Ø ***o que*** *o meu irmão Ademilson falou*]

4.1.4. O Pronome Relativo *Quem*

O pronome relativo *quem* tem sido caracterizado na literatura por meio de seu traço semântico [+ humano]. Esse pronome, no entanto, não manifesta marcas de concordância, embora possa ser dito que *quem* tenha traços abstratos de concordância, mas que esses traços não se realizam morfologicamente – cf. Brito (1991: 158) *apud* Alexandre (2000: 34). Por ter o traço [+ humano], *quem* só ocorre em relativas com antecedente nominal, não sendo possível, portanto, em relativas com antecedente de frases. Caso o antecedente seja implícito, *quem* aparece sempre precedido de preposição. Isso não se dá quando esse pronome desempenha a função de sujeito e de objeto direto na REL. Quando o antecedente de *quem* é explícito, o pronome *quem* tem que estar inserido em um constituinte relativo preposicionado (ALEXANDRE, 2000: 34); Veloso (2013: 2089).

Por serem poucos os dados atestados do pronome *quem*, apresenta-se apenas uma Tabela que resume todas as suas ocorrências atestadas no *corpus* específico:

Ocorrências	Antecedente		Função Sintática na REL			
					Objeto Indireto	
	Explícito	Implícito	Sujeito	Objeto	Com *Pied Piping*	*P-chopping*
Quant.	0	8	7	0	0	1
%	0%	100%	87%	0%	0%	13%
Total	8					

Tabela (13) – Ocorrências do Pronome Relativo *Quem* em PCV

As oito ocorrências do pronome relativo *quem* atestadas no corpus específico em PCV são todas com o antecedente implícito – ver exemplos (62)-(63). De todas as oito ocorrências atestadas, em sete delas, o pronome relativo *quem* desempenha a função de sujeito dentro da REL. Na outra ocorrência constatada, o pronome relativo *quem* desempenha a função de objetivo indireto na REL. Quanto à ocorrência de *quem* como objeto indireto – ver (62) –, é preciso observar que, em PCV, o *quem* relativo objeto indireto ocorre através da estratégia supostamente *P-chopping,* ou seja, por meio de apagamento da preposição. Logo, como já mencionado anteriormente, segundo a literatura, o pronome *quem*, com antecedente implícito e não desempenhando a função de sujeito e de objeto direto na REL deve vir sempre precedido de preposição. No entanto, isso não foi atestado no *corpus* de 'Fala Espontânea', como se vê em (63) – este assunto é retomado na subseção (4.2.4) em que a proposta é de que não há apagamento de preposição nesses casos:

(62) Estão a combater [$_{CP}$ ***quem*** *pratica o ato*], mas não o ato

(63) Mas [$_{CP}$ ***quem*** *já falou*],... claro, não vou dar novamente a palavra

Resumindo, em (62), o pronome *quem* desempenha a função de sujeito da REL e em (63), desempenha a função de objeto indireto da REL – estratégia *P-chopping*.

Um dado que corrobora a estratégia *P-chopping* em PCV ligada ao pronome relativo *quem* é atestado em:

(64) ...já estive a falar com pessoas, por exemplo, da ilha de Santo Antão [***que*** *quase nada não compreendi nada*]

De acordo com a literatura, quando o antecedente de *quem* é explícito – como se dá em (64) – esse pronome tem que estar inserido em um constituinte relativo preposicionado

(ver ALEXANDRE, 2000: 34, entre outros). No contexto em (64), o falante poderia ter usado o CP relativo [de ***quem*** *quase nada não compreendi*], porém, utilizou [***que*** *quase nada não compreendi nada*]. Este fato sintático aponta para a preferência na língua para a estratégia *P-chopping*.

4.1.5. O Pronome Relativo *O Qual*

O constituinte relativo *o qual* é uma locução relativa formada pelo artigo definido *o* + *qual*. O artigo definido *o* se flexiona em gênero e número e o pronome *qual* em número, ambos em concordância com um antedecente que deve ser sempre explícito e nominal (nunca do tipo frasal) (ALEXANDRE, 2000: 33; VELOSO, 2013: 2090-2096). Segundo Móia (1992: 9), *o qual* não pode ocorrer com relativas de antecedente implícito por não ser inerentemente marcado com um valor semântico.

No *corpus* específico, atestou-se apenas uma ocorrência do pronome relativo *o qual*, como se vê em:

(65) ...alternância começa... quando, é... entre várias histórias <u>como</u> **[*o qual*** *vocês podem ver*]

Chama-se a atenção, no entanto, no que concerne ao dado (65), para o antecedente de *o qual*: a forma *como*. Segundo a literatura, conforme citado acima, a locução relativa *o qual* só pode ter um antecedente explícito e de natureza nominal. Logo, em (65), sendo *como* o antecedente de *o qual*, reforça a análise de *como* como pronome relativo – ver subseção (4.2.1.2.1.) –, dada a sua natureza [+ DP] e portanto [- ADVP][71].

A baixa ocorrência de *o qual* atestada no *corpus* específico do PCV proporcionou, a princípio, que se hipotetizasse acerca da falta de contextos específicos para a realização dessa locução relativa. No entanto, após uma busca criteriosa no *corpus* específico, percebeu-se não se tratar de falta de contextos específicos para a realização de *o qual*, mas sim de preferência, em PCV, pelo uso de pronome relativo *que* e não pela locução relativa *o qual*. A seguir, apresenta-se, portanto, um conjunto significativo de dados:

(66) ...[$_{DP}$ uma [$_{CP}$ coisa ***que*** *fico pensando quando se fala da oficialização do crioulo...*]]

[71] Em outras palavras, assumindo o pronome relativo *como* como uma categoria [+N], assum-se ainda *como* 'pronome' a partir de sua categoria funcional DP e não como núcleo de um sintagma adverbial – ADVP.

Em (66), o falante poderia utilizar [... uma coisa **sobre a qual** fico pensando...], mas não é o que se atesta.

(67) Estamos [PP/DP no [$_{CP}$ <u>momento</u> ***que*** *vamos fazer assim...*]]

Em (67), o falante poderia utilizar [Estamos no momento **no qual** vamos fazer assim...], mas não é o que se atesta.

(68) Por isso fazem [DP o [CP <u>curso</u> ***que*** *pensam: ok, hoje eu sou formado, mas*]] para quê?

Em (68), o falante poderia utilizar [Por isso fazem o curso **sobre o qual** pensam...], mas não é o que se atesta.

(69) ...não foram vocacionados para escolher [$_{DP}$ uma [CP <u>área</u> ***que*** *o mercado de trabalho hoje precisa*]]

Em (69), o falante poderia utilizar [...uma área **da qual**...], mas não é o que se atesta.

(70) a. Já estive a falar com [$_{DP}$ [$_{CP}$ <u>pessoas, por exemplo, da ilha de Santo Antão</u> ***que*** *quase nada não compreendi nada*]]

Em (70), o falante poderia utilizar [...da ilha de Santo Antão **dos quais** quase...], mas não é o que se atesta.

Pelo conjunto de dados acima, vê-se que são contextos sintáticos em que poderia ocorrer o uso do pronome relativo *qual*, porém, os falantes preferem o uso do pronome relativo *que* – pelo menos no *corpus* específico desta Tese. Logo, como já apontado com relação ao pronome relativo *quem* precedido de preposição, a locução relativa *o qual* precedida de preposição em PCV aponta para a mesma estratégia *P-Chopping* na língua.

4.1.6. Sobre a não Ocorrência dos Pronomes Relativos *Quanto* e *Cujo*

Como já evidenciado na tabela (1), no *corpus* específico não foi atestada nenhuma ocorrência dos pronomes relativos *quanto* e *cujo*.

No tocante ao pronome *quanto*, atestou-se uma ocorrência cujo contexto favoreceria o seu uso:

(71) Eu não sei se repararam: há vários licenciados desempregados, mas todos [$_{DP}$ os [$_{CP}$ ***que*** *fazem um curso de formação profissional automaticamente entram no mercado de trabalho*]]

Em (71), o falante poderia utilizar [...mas todos [***quantos*** *fazem um curso de formação*...]], mas não é o que se atesta.

De acordo com Veloso (2013: 2101), o especificador quantificacional *todo* (e suas variantes morfológicas) pode ocorrer como antecedente do relativo *quanto*. No entanto, como se pode observar em (85), seu uso não foi atestado no *corpus* específico. O que se observa, novamente, é a preferência do falante em PCV pelo pronome relativo *que* – ver (71).

De igual modo, referente ao pronome relativo *cujo*, atestou-se também uma ocorrência em que o contexto favoreceria o seu uso:

(72) a. Nós temos [$_{DP}$ a [$_{CP}$ professora Cristina ***que tem a sua filha*** *em Santiago*]]

Em (72), o falante poderia utilizar [...a professora Cristina ***cuja filha*** *está em Santiago*]], mas não é o que se atesta.

No entanto, como se pode observar em (72), o uso do pronome relativo *cujo* não foi atestado no *corpus* específico. O que se observa, novamente, é a preferência do falante, em PCV, pelo uso do pronome relativo *que* em detrimento a outros pronomes relativos, no caso em detrimento ao pronome relativo *cujo* – ver (72).

Cabe apontar ainda que o dado (72) foi o único em todos os *corpora* de 'Fala Espontânea', em que se atestou um caso da estratégia resumptiva de relativização. Alexandre, Gonçalves & Hagemeijer (2011: 24) também apontam que embora sendo atestada em PE e no POST (e mesmo noutras variedades do português11), a estratégia resumptiva não foi atestada no *corpus* do português falado em Cabo Verde usado pelos autores (op. cit.).

Ao término desta seção sobre os pronomes relativos em PCV, é apresentado, na Tabela (14), um resumo da descrição desses pronomes na língua.

Pronome Relativo	Tipo de Relativa		Natureza do Antecedente		Função Sintática na REL						Estratégia com a Preposição		Total
					Posição Argumental				Posição Não Argumental				
	Restritiva	Apositiva	Explícito	Implícito	Sujeito	Objeto Direto	Objeto Indireto	Complemento Oblíquo	Modificador Nominal Possessivo	Adjunto Adverbial	Estratégia *Pied Piping*	Estratégia *P-Chopping*	
que	156	22	178	-	109	45	0	5	2	17	9	15	178
quando	24	0	1	23	-	-	-	0	-	24	-	-	24
onde	8	13	20	1	-	-	-	-	-	21	-	-	21
o que	9	2	2	9	5	5	-	1	0	-	0	1	11
quem	8	0	0	8	7	0	1	0	0	-	0	1	8
como	4	0	2	2	-	-	-	-	-	4	-	-	4
o qual	1	0	1	0	0	0	0	1	0	-	0	1	1
quanto	0	0	0	0	0	0	-	0	0	-	0	0	0
cujo	0	0	0	0	0	0	0	0	0	-	0	0	0
Total	210	37	204	43	121	50	1	7	2	66	9	18	247
%	86,4%	13,6%	82,5%	17,5%	49,7%	20,2%	0,4%	2,5%	0,7%	26,5%	33,4%	66,6%	100%

Tabela (14) – Resumo da Descrição dos Pronomes Relativos em PCV

4.2. ANÁLISE DOS PRONOMES RELATIVOS EM PCV

Nesta segunda parte do capítulo, apresenta-se a análise dos pronomes relativos em PCV a partir da descrição feita na seção anterior; a análise realizada centra-se nos dados de 'Elicitação Formal'. Na parte descritiva, evidenciou-se que o pronome relativo *que* é o pronome mais utilizado no *corpus* de 'Fala Espontânea': ocorre em 67% dos dados – ver Tabela (1). Ao longo da descrição de outros pronomes relativos, corroborou-se a preferência dos falantes do PCV pelo relativo *que*. Pelo que, inicia-se a análise dos pronomes relativos em PCV a partir desse pronome.

4.2.1. ***Que*, o Relativizador *Default***

Pela análise feita a partir dos dados de 'Fala Espontânea' (como apresentada na seção (4.1)), seria possível argumentar que o elevado número de ocorrências de relativas no PCV com o pronome *que* pudesse ser explicado pela ausência de contextos propícios para a ocorrência de relativização com outros pronomes relativos. Porém, por meio da análise dos dados de 'Elicitação Formal', corrobora-se a predominância do pronome *que* mesmo em condições propícias para ocorrência de outros pronomes relativos. Para ilustrar tal fenômeno, toma-se como exemplo o dado (87) – uma amostra das sentenças utilizadas no *Questionário de Elicitação Formal* para apreensão de relativas:

(73) **N viaja djuntu ku kel minina ki bo ka ta gosta**

N	**viaja**	**djuntu**	**ku**	**kel**	**minina**	**ki**
1.Sing.Nom	viajar-PFT	junto	com	DET	menina	Rel.Pron

bo	**ka**	**ta**	**Gosta**
2.Sing.Nom	Neg	TMA	Gostar

Eu viajei junto com aquela menina que tu não gostas

Dadas sentenças como (73) em CCV, os auxiliares linguísticos foram solicitados a fornecer versão(ões) correspondente(s) em PCV. Na Tabela (15), são apresentadas a(s) versão(ões) atestada(s)[72]:

[72] As siglas na primeira coluna da tabela se referem aos Auxiliares Linguísticos.

AGA	Viajei com aquela menina **a qual** não gostas
APL	Eu viajei junto com aquela menina **que** você não gosta
AGM	Viajei junto com aquela menina **de quem** não gostas
AAG	Eu viajei junto daquela menina **que** tu não gostas
CGS	Fiz uma viagem acompanhado da menina **que** tu não gostas
CMC	Viajei juntamente com aquela menina **de quem** não gostas
ECA	Viajei juntamente com a miúda **que** tu não gostas
EPB	Eu viajei juntamente com a menina **que** tu não gostas
JLT	Eu viajei junto com aquela menina **que** não gostas
JDB	a) Viajei junto da rapariga **que** não gostava que viajasse b) Viajei junto com a rapariga **que** não gostas
JSL	Eu viajei junto com aquela menina **que** tu não gostas
LGM	a) Eu viajei junto daquela menina **que** tu não gostas dela b) Eu viajei junto daquela menina **que** tu não gostas
LPV	a) Eu viajei com uma menina **que** não gostava dela b) Viajei com uma menina **que** não tinha nenhuma simpatia por ela c) Eu viajei com uma menina **que** tu não gostavas
MST	Eu viajei junto com a menina **da qual** você não gostava
REA	a) Eu viajei com aquela menina **que** eu não gosta **dela** b) Eu viajei com aquela menina **que** eu não gosta... que eu não gosta dela c) Eu viajei com aquela menina **que** tu não gosta... **dela**, tá bem? d) Eu viajei com aquela menina **que** tu não gosta dela e) Eu viajei com aquela menina **que** tu não gostas OBS: no final REA conclui que o "dela" no final não deve constar
SPS	a) Eu viajei juntamente com aquela moça **de que** gostas

Tabela (15) – Versões em PCV para a Sentença de Elicitação de Relativas (1) – Questionário de Elicitação Formal

Como se observa na Tabela (15), treze dos dezesseis auxiliares linguísticos (81,25%) optaram pelo uso do pronome relativo *que* ao fornecerem versões para o dado (87) em caboverdiano. Tal tendência é o que se verifica nas demais nove sentenças relativas elicitadas – ver todas as respostas em Apêndice (5).

O uso de *que* como pronome relativo *default* em PCV poderia ser atrelado ao CCV por um processo de "transferência", haja vista o relativizador *default* no CCV ser o morfema **ki/k'** '*que*'[73]. Chama-se a atenção para o fato de que as sentenças relativas em PCV foram elicitadas a partir de sentenças em CCV com o relativo *default* **ki** '*que*' – ver dado (73) acima. No entanto, é temerário assumir um processo de transferência do

[73] **ki** para variantes do Sotavento e **k'** para as variantes do Barlavento – ver Alexandre (2009: 180) e Lopes (2011: 25) respectivamente.

CCV para o PCV, haja vista o uso de *que* como relativo *default* ser atestado em outras variedades do português – ver, por exemplo: (i) Ribeiro (2009: 197-198) para o português afro-brasileiro das comunidades rurais de Alvécia e Cinzento, Bahia, Brasil; (ii) Oliveira, Zanoli & Andrade (2016: 402-406) para o português falado no Libolo, Angola; (iii) Alexandre (2006: 101), Faria & Duarte (1989) e Brito (1995), entre outros, para o português europeu. Como se vê pelos autores (op. cit.), três variedades do português que não têm nenhuma ligação direta com o CCV apresentam também o uso recorrente do relativizador *que*.

Sobre a natureza do morfema *que* enquanto relativizador, Alexandre (2006: 102) foruma a hipótese "*que ele funciona como um complementador de subordinação e não como um pronome relativo*". Por meio da análise de uma série de dados com relativas em CCV(cf. Alexandre, 2006: 108-111), Alexandre (2006: 111) chega à seguinte conclusão:

> [...] o CCV relativiza todas as posições sintácticas através do morfema *ki.*8 Este morfema, correspondente ao *que* do PE, parece ser sensível à natureza [+N] dos elementos que o seleccionam. Deste modo, enquanto em PE *que* é a mesma forma para pronome relativo e para complementador (em termos gerais), no CCV, *ki* só é um complementador se introduzir frases seleccionadas por elementos [+N].

Tanto pelos dados da 'Fala Espontânea' quanto pelos da 'Elicitação Formal' já apresentados nesta Tese, pode-se observar que a preferência no PCV pelo relativizador *que* está se aproximando do uso do relativizador *ki* (que) em CCV tal como apresentado por Alexandre (op. cit.). Para a autora (op. cit.), os relativizador *que* em PE e *ki* (que) em CCV ocupam a posição de Cº das orações relativas, e.i, ocorrem localmente, sem movimento-Q da posição relativizada para Spec CP. Porém, nesta Tese, a análise segue em outra direção como se vê na próxima subseção.

4.2.2. A Derivação de Relativas em PCV

Nesta subseção, apresenta-se uma análise formal para as relativas em PCV. Para tal, retoma-se a frase do auxiliar linguístico EPB, Tabela (15), como amostra para a análise derivacional que se segue:

(74) a) Eu viajei juntamente com [$_{DP}$ a [$_{CP}$ <u>menina</u> ***que*** *tu não gostas*]]

b) Eu viajei juntamente [$_{PP}$ com [$_{DP}$ a [$_{CP}$ [$_{DP}$ menina [$_{P}$Ø [$_{D^o}$ **que** [$_{NP}$ ~~menina~~] tu não gostas]]]]]]

Para a análise derivacional, toma-se apenas a oração encaixada (a REL em (74)) [$_{CP}$ menina **que** tu não gostas], assumindo-se a proposta de Kayne (1994: 87) de que o determinante, neste caso o DP *a*, tem escopo sobre toda a oração relativa incluindo o antecedente nominal da REL, neste caso o NP *menina*. Como se vê em (74.b), o DP *a* está fora do CP relativo – esta é a proposta que se vê em Kayne (op. cit.) e corroborada em Veloso (2013: 2110). Esta análise será reapresentada em forma de diagramação arbórea da derivação que se dá em relativas como (74).

Assim, dando continuidade à análise, retoma-se o CP relativo da sentença (74) renumerado em:

(75) [$_{DP}$ a $_{D^o}$ [$_{CP}$ [$_{DP}$ menina [$_{P}$Ø [$_{D^o}$ **que** [$_{NP}$ menina] tu não gostas]]]]]

Para a sentença em (75), assume-se que ao iniciar o processo de derivação, dá-se a operação de Numeração que compreende o seguinte Arranjo Lexical e seus Subarranjos Lexicais:

(76)

AL = {SAL_2 = {C_1, T_1 }, SAL_1 = {v*$_1$, tu$_1$, não$_1$, gostar$_1$, de$_2$, que$_2$, menina$_2$}}

Cabe chamar a atenção para o fato de que no AL em (76), assume-se que o constituinte que seja selecionado logo no Subarranjo Lexical 1 – $SAL_{1,}$ ou seja, logo na primeira fase de derivação, a fase do v*. Para tal análise toma-se como base a proposta de Kayne (1994: 89) de que os pronomes relativos se originam na posição relativizada como o determinante (especificador) do NP relativo.

Assume-se ainda, seguindo Kayne (1994) que o PD *a* não é selecionado nem na fase do v* nem na fase do CP relativo como se vê no Arranjo Lexical em (76), pois, como já mencionado, há um DP fora do CP relativo, que seleciona o *que* como seu complemento e tem domínio (escopo) sobre todos os constituintes que o compõem.

Feitas as observações acima, dá-se continuidade à análise derivacional da relativa em (76).

No SAL_1, ou seja, na fase do v*, dão-se as seguintes operações sintáticas:

(i) por meio de uma operação *Merge*, o verbo "gostar" atribui caso oblíquo ao DP [que menina] através do PP [de]. Essa preposição, por sua vez, estabelece também uma operação *Merge*, selecionando o DP [que menina] como seu argumento complemento; e

esse sintagma maior desempenha a função sintática de argumento interno na posição de objeto oblíquo do verbo "gostar":

(77) SAL_1 = {v^*_1, tu_1, $não_1$, $gostar_1$, **de_1, que_1, $menina_1$**}

Como se pode observar em (77), todos os constituintes do sintagma PP [de que menina] têm o seu índice reduzido a um (1), pois é utilizada uma das cópias disponíveis de cada constituinte na fase do v*P;
(ii) o sintagma VP [gostar de que menina], formado na operação anterior, se concatena (outra operação *Merge*) com o NegP [não], e o verbo *gostar* seleciona o PRN [tu] como seu argumento externo, resultando em:

(78) SAL_1 = {v^*_1, **tu_0, $não_0$, $gostar_0$**, **de_1, que_1, $menina_1$}**

(iii) em seguida dão-se duas operações *Move*: o verbo *gostar* sofre movimento (cópia em termos minimalista) de núcleo, sendo alçado do núcleo V para o núcleo T a fim de receber flexão temporal; o pronome "tu" sofre movimento A da posição de Spec VP para Spec TP a fim de verificar o traço não interpretável de Caso nominativo do DP e o traço EPP de T respectivamente, desempenhando assim, a posição de sujeito da oração encaixada.

(iv) Antes de prosseguir com a derivação, há ainda traços formais não interpretáveis no pronome [tu], no SpecTP, que precisam ser verificados: para tal é estabelecida uma relação sonda-alvo (*Probe-Goal*) entre o pronome [tu] e o verbo "gostar" para verificar os traços-Φ não interpretáveis. Assim, dá-se a operação *Agree* (concordância) em pessoa e número entre o pronome [tu] e o verbo *gostar*, recebendo o VP a forma *gostas*.

(iv) Com todos os traços não interpretáveis valorados, o domínio de v* [tu não gostas de que menina] é enviado para *Spell-out* e o processo de derivação avança para a segunda fase.

Na segunda fase, ou seja, na fase do CP, dão-se as seguintes operações sintáticas:

(i) o núcleo do CP da oração encaixada (a REL) possui um traço *Edge-feature* e um traço-Wh que precisam ser verificados. O traço-Wh é verificado pelo pronome relativo *que*; já *Edge-feature* no núcleo do CP funciona como uma sonda (*probe*) que busca por um alvo (*goal*). Como se pode observar, no AL lexical em (77), todos os constituintes

do sintagma PP [de que menina] ainda possuem índice um (1), ou seja, ainda possuem uma cópia disponível para operações sintáticas. Nisso, dá-se uma operação de movimento A', como se vê na próxima etapa da derivação.

(iii) O traço *Edge-feature,* presente no núcleo do CP, desencadeia o movimento A' (movimento-Wh) do PP [de que menina] de sua posição de base como argumento oblíquo do verbo "gostar" para SpecCP da oração encaixada, como se vê em:

(79) b. AL = {SAL_2 = {C_1, **a_0,** T_1}, SAL_1 = {v^*_0, tu_1, $não_1$, $gostar_1$, **de_0, que_0, $menina_0$**}}

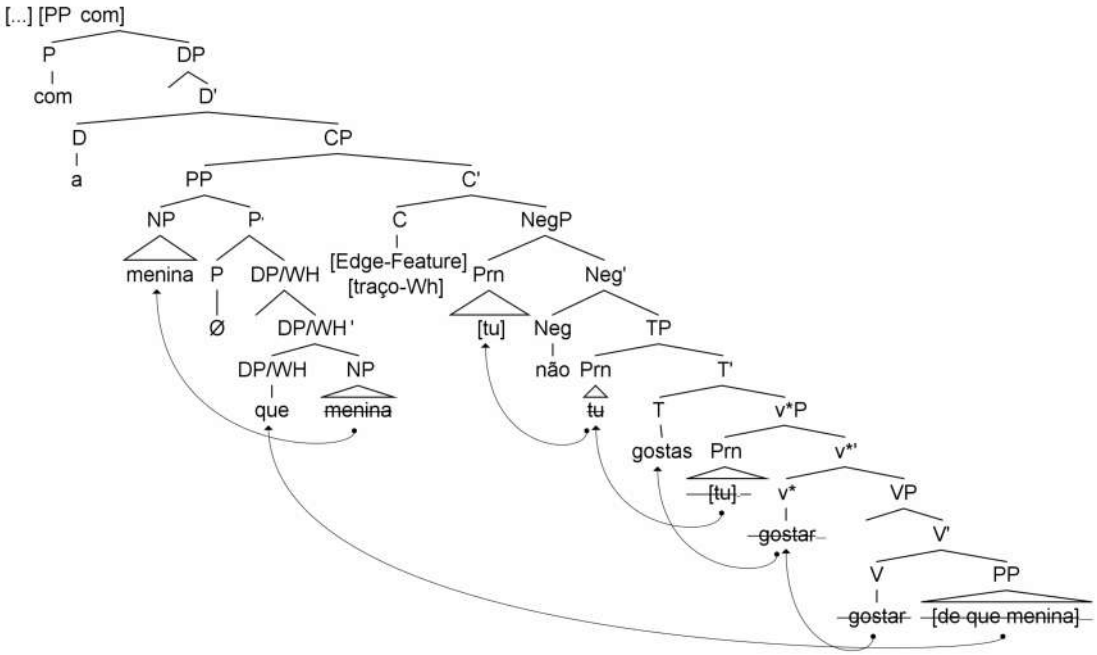
a. AL = {SAL_2 = {C_1, **a_0, $menina_0$**, T_1 }, SAL_1 = {v^*_0, tu_1, $não_1$, $gostar_1$, **de_0, que_0, $menina_0$** }}

Em (79) os índices dos constituintes do PP [de que menina] são reduzidos a zero, ou seja, depois são enviadas sem conteúdo fonológico para a componente fonológica de interface, a PF. Quanto à preposição *de*, além de ser apagada na posição de base é apagada também na posição à periferia da REL, pois não é enviada também à componente fonológica de interface, a PF: neste caso diz-se que houve uma estratégia *P-Chopping*, ou apagamento da preposição. As operações sintáticas envolvendo PPs relativos são retomadas, mais adiante.

Após as operações sintáticas descritas acima, a oração encaixada (REL) em (79) é então enviada para o *Spell-out*, chegando-se à computação sintática que se vê em:

(80) a) Eu viajei juntamente [$_{PP}$ com [$_{DP}$ a [$_{CP}$ [$_{PP}$ [$_{DP}$ menina [$_{P^o}$Ø [$_{D^o}$ **que** [$_{NP}$ ~~menina~~ tu não gostas]]]]]]]

b) [$_{DP}$ menina que menina tu não gostas]



Para a proposta acima, assume-se (com adaptações) a proposta de alçamento de Kayne (1994). Na proposta de Kayne (1994), relativizadores aparentemente de natureza semelhante a *que* (no caso, o relativizador '*that*' do inglês e o relativizador '*qui*' do francês) são inseridos diretamente no núcleo do CP. Na literatura, relativos dessa natureza são tratados como complementizadores relativos ($COMP_{REL}$) – ver De Vries (2002) e Lopes (2012: 85), diferenciando-os dos demais relativizadores denominados de pronomes relativos.

Jorge, Lopes & Oliveira (2013) mostram que a proposta de De Vries (2002), assumida por Lopes (2012: 85) para o crioulo da Ilha de São Nicolau (caboverdiano (CCV) – Barlavento) acarreta implicações de natureza empírica e teórica: se levadas em consideração as operações da sintaxe propriamente dita – assumidas nesta Tese, entre elas as que compõem a denominada derivação por fases (citam-se *Merge/Probe-Goal-Agree*) – cf. Chomsky (1999, 2000, 2004, 2005, 2008). Jorge, Lopes & Oliveira (2013) apontam para o fato de que as propriedades desse item – no caso o relativo *que* – em termos de seus traços lexicais e de seu comportamento nas estruturas de que pode participar ficam praticamente 'anuladas', o que pode acarretar generalizações 'inapropriadas' acerca da história derivacional tanto de sentenças relativas como de sentenças não relativas (em especial, quanto às chamadas estruturas de complementação) e, assim, 'encobrir' restrições desse item lexical no que se refere a movimento, entre outros – como no caso de complementador.

Em (80), o pronome relativo *que* é analisado como um determinante (DP), seguindo a proposta de Kayne (1994: 89) de que os pronomes relativos originam na posição relativizada como determinantes que depois se desassociam dos respectivos NP, pelo movimento (cópia) posterior desses. Esse fato pode ser observado pela análise em (80), pois, após o movimento do PP [de que menina], da posição relativizada para o Spec CP, o NP [menina] sofre movimento da posição de complemento do DP para a posição de Spec PP [de].

4.2.3. **A Natureza dos Relativizadores no PCV**

A fim de diferenciar o morfema *que* relativizador do morfema *que* complementizador, retoma-se aqui o conceito de traços apresentados na subseção (2.2.1.3.1) do Capítulo II.

O Relativizador *que* possui o seguinte conjunto de traços:

Traços fonológicos – o *que* relativizador é: (i) uma palavra com consoante inicial da raiz /k/; (ii) uma palavra monossilábica cujo núcleo é uma das vogais compreendidas entre a voga anterior alta (fechada) /i/ e a vogal anterior alta /e/, variando em graus de abertura de falante para falante e em diferentes ambientes fonológicos, que estão fora do escopo desta Tese.

Traços formais: o relativizador *que* possui um traço da categoria-Wh, e é esse traço que atribui o traço *Edge-feature* ao CP relativo – é o responsável pelo movimento-Wh desencadeado do PP [de que menina] que se vê em (93).

Traços semânticos: o relativizador *que* não possui traço semântico específico embutido em si, mas enquanto DP (a análise assumida nesta Tese) exige obrigatoriamente um NP como seu complemento. É esse NP que traz o valor semântico, e este pode ser de qualquer natureza semântica ([± humano], [± coisa], [± animado], [± tempo], [± modo], [± alugar]).

O Complementizador *que* possui o seguinte conjunto de traços:

Traços fonológicos – o complementizador *que* é: (i) uma palavra com consoante inicial da raiz /k/; (ii) uma palavra monossilábica cujo núcleo é uma das vogais compreendidas entre a voga anterior alta (fechada) /i/ e a vogal anterior alta /e/, variando em graus de abertura de falante para falante e em diferentes ambientes fonológicos, que estão fora do escopo desta Tese.

Traços formais: o complementizador *que* atua como um elemento de ligação sentencial, cuja oração 'ligada' (a dita encaixada) tem importância para a oração principal. O complementizador *que* é selecionado por certos tipos verbais que podem selecionar um complemento frasal, tais como dizer, falar, pensar, sentir, responder, ter, temer, duvidar, esperar.

Traços semânticos: o complementizador *que* não possui traço semântico.

Como se pode observar acima, os únicos traços partilhados entre o *que* relativizador e o *que* complementizador são os traços fonológicos.

Retomando ainda a natureza do relativizador que, alguém poderia argumentar que pelo fato da preposição *de* ter sido apagada e não aparecer na interface fonológica como se vê em (93), seja evidência de que não houve movimento-Wh desse relativizador, da posição relativizada na oração encaixada para a periferia da REL. Porém, chama-se a atenção de que não é o PP o constituinte que desencadeia o movimento-Wh nem tão pouco o NP [menina], mas, por seu turno, um elemento com o traço-Wh. O único candidato com esse traço na REL é o constituinte *que*. Há um dado em que se atesta a preposição, como se vê na versão fornecida pelo auxiliar linguístico SPS:

(81) Eu viajei juntamente com [$_{DP}$ aquela [$_{CP}$ <u>moça</u> ***de que*** *gostas*]]

Em (81) a preposição *de* na posição à periferia da REL não é apagada na interface fonológica. Nesse caso não há dúvida de que o PP [de que moça] como um todo tenha originado com argumento interno do verbo *gostar*, e isso se dá na fase do v*. Por meio de movimento-Wh, o PP [de que moça] chega ao Spec CP. Depois disso, o NP [moça] sofre movimento para Spec PP. Por essa razão não se pode dizer que o relativizador *que* esteja inserido no núcleo do CP, pois isso seria assumir que ele só se entra na derivação na segunda fase (fase do CP), o que não é o caso, pois como já mencionado ele é selecionado como DP na posição interna oblíqua do verbo *gostar*.

Outro fato que corrobora o movimento (cópia) do constituinte *que* juntamente com os demais constituintes do PP [de que menina] é o que acontece na periferia da oração encaixada. Como se pode observar, como já mencionado, na representação em (80.b), assume-se que o DP, nesse caso *a*, tem escopo tanto sobre o antecedente nominal da REL, o NP [menina], quanto sobre toda a REL [de que tu não gostas]. A prova de que o DP [a] não é gerado na posição relativizada é o fato de que este não se une à preposição *de* para formar *da*. Esse fato corrobora a proposta de Kayne (1994: 89), já

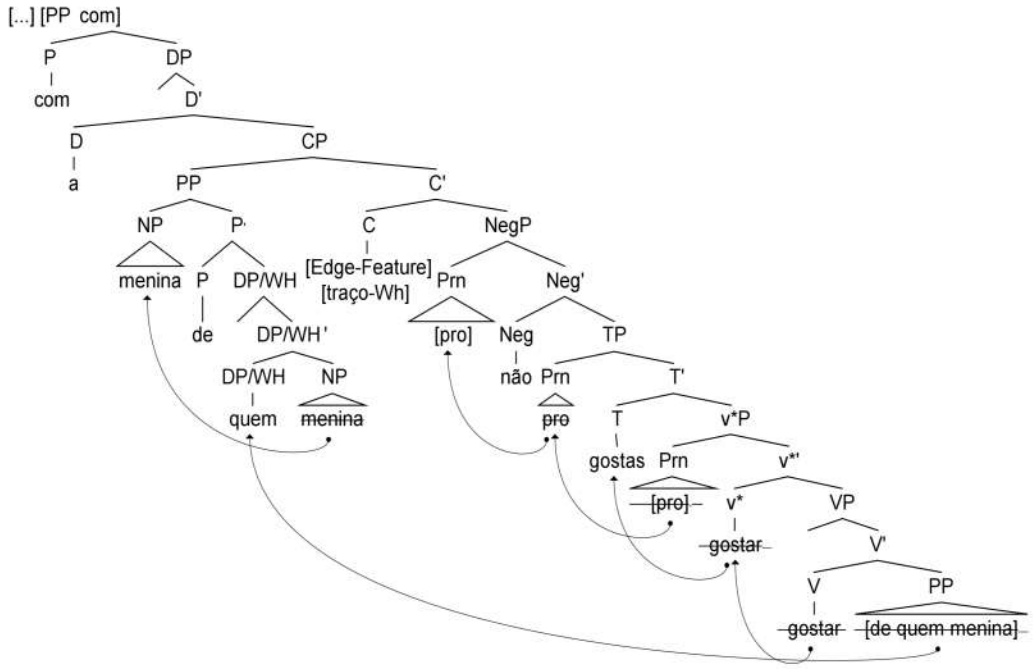
mencionada, de que os pronomes relativos se originam como DPs na posição de base. Sendo assim no PP [de que menina], o pronome relativo *que* ocupa a posição de determinante, pelo que não há espaço para ocorrência de outro DP, neste caso o DP [a]. Uma construção como a seguir é agramatical:

(82) *PP [da (de + *a) que menina]

No PCV, e na língua portuguesa em geral, ao invés do relativizador *que*, pode aparecer outro relativizador nessa mesma posição, como se vê na versão fornecida pelo auxiliar linguístico CMC:

(83) a) Viajei juntamente com [$_{DP}$ aquela [$_{CP}$ menina ***de quem*** *não gostas*]

b) [$_{CP}$ menina ***de quem*** *não gostas*]



O DP/WH [quem] partilha o traço [+ humano] com o NP [menina]. Porém, já foi mencionado que o DP/WH [que] não possui nenhum traço semântico inerente, mas tem que selecionar obrigatoriamente um elemento nominal com qualquer traço semântico. Porém, tirando o caso de traço semântico inerente (para *quem*), os relativizadores *quem* e *que* partilham o traço de categoria-Wh, pelo que recebem análise derivacional idêntica nas representações.

O que se vem observando até aqui é que os falantes do *corpus* de 'Fala Espontânea' têm uma predileção para o uso de *que* como o relativizador *default*. Isso

remete a outras questões, tais como a relativização de sintagmas preposicionados, como já introduzido acima e é retomado na próxima subseção.

4.2.4. O Caso das Relativas Canônicas de Alternância Dativa (Relativas CAD) no PCV

Como se viu por meio dos dados tanto de 'Fala Espontânea' quanto dos dados de 'Elicitação Formal' (exemplificados na Tabela (15)), há uma tendência dos falantes pelo apagamento da preposição, a estratégia *P-chopping* de relativização. Esse fato aponta para uma característica Wh do PCV, em conjunto com o pronome *default que*. Casos com os que se observam pelos dados da Tabela (15) podem ser considerados casos de apagamento de preposição, já que o verbo *gostar* seleciona obrigatoriamente um PP como seu complemento oblíquo. Como se vê na Tabela (4), todos os casos em que a posição relativizada com o pronome *que* é uma posição preposicionada, é atestada, nos dados de 'Fala Espontânea', a estratégia *P-chopping*. Esse fato foi corroborado pelos dados de 'Elicitação Formal', como se vê na Tabela (15).

Há um grupo de dados em que se dá, aparentemente, o apagamento da preposição e que merece uma atenção especial – ver dado (98). Tais casos são tratados na literatura como evidência de que o relativo *que,* em tais contextos sintáticos, seja um complementizador relativo e não um pronome relativo, pois advoga-se que não há movimento-Wh em tais contextos – ver (TARALLO, 1985; FARIA & DUARTE, 1989; DUARTE, 1996; BRITO, 1995; ALEXANDRE, 2000; entre outros). Atente para as palavras de Alexandre (2000: 57) sobre o assunto em causa:

> A seleção do complementador que é, então, uma forma de simplificar o processo de relativização, nomeadamente evitando o pied piping de elementos sintacticamente mais pesados – PPs – (cf. Duarte, 1996) – e apagando na componente fonológica, o constituinte relativizado que se encontra na posição de origem.

Porém, quando dados do tipo são analisados à luz da gramática do PCV, estes suscitam uma série de questões, como se apresenta a seguir.

Atente agora para o conjunto de dados obtidos por meio da sentença relativa número (5) do *Questionário de Elicitação Formal*. Aqui, retomam-se apenas uma amostra dos dados; os dados podem ser vistos na íntegra no Apêndice (5).

Para a elicitação foi dada a seguinte sentença em CCV, solicitando-se aos auxiliares linguísticos que apresentassem a versão correspondente em PCV:

(84) **N odja kel prufesor ki nha mai un bes daba un galinha**

N	**odja**	**kel**	**prufisor**	**ki**	**nha**	**mai**
1.S-Nom	ver-PFT	DET	professor	REL.PRO	1.S-Poss	mãe
unbes	**daba**	**um**	**galinha**			
certa vez	dar-IPFT	DET	galinha			

Eu vi hoje o professor que minha mãe certa vez deu uma galinha

Para a análise empreendida, são retomadas as duas versões fornecidas pelo auxiliar linguístico CMC para o dado elicitado:

(85) a. Eu vi [$_{DP}$ aquele [$_{CP}$ professor ***que*** *a minha mãe deu uma galinha*]]

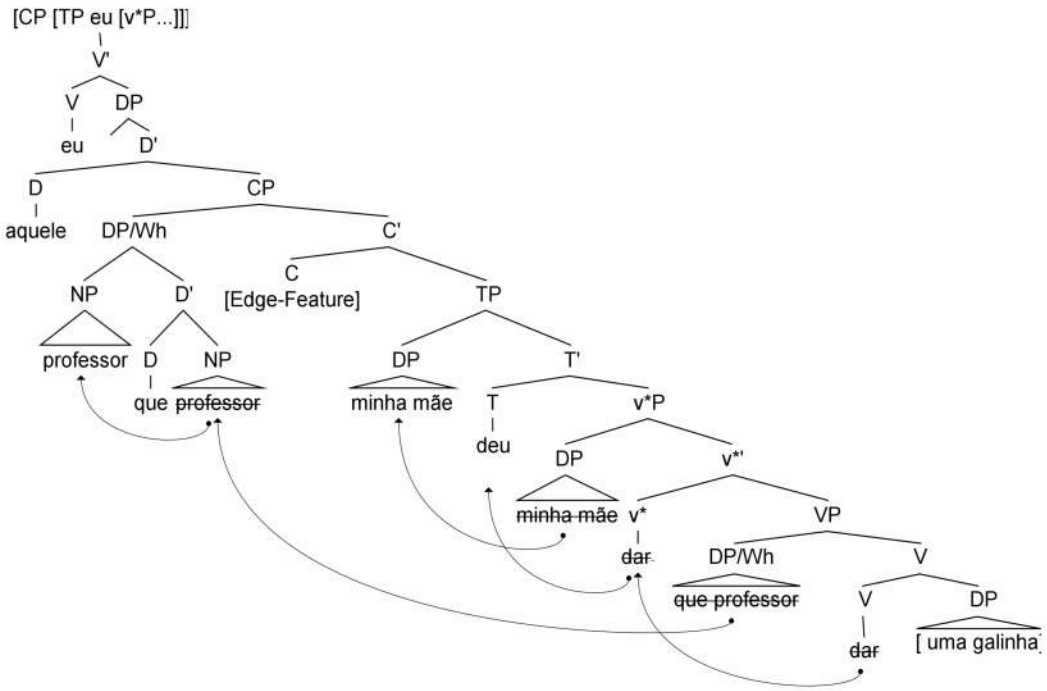
b. Eu vi [$_{CP}$ aquele [$_{CP}$ professor ***a quem*** *uma vez a minha deu uma galinha*]]

A maioria dos inquiridos (doze de dezesseis, correspondente a 75%) forneceu versões semelhantes à primeira versão fornecida por CMC em (85a).

Veja agora o dado (85a) (renumerado) e a proposta derivacional assumida para tais tipos de construções relativas em PCV, como se vê em:

(86) a) Eu vi [$_{DP}$ aquele [$_{CP}$ professor ***que*** *a minha mãe deu uma galinha*]]

b) [$_{CP}$ professor ***que*** *a minha mãe deu uma galinha*]



Para a análise que se vê em (86), assume-se que, o seguinte Arranjo Lexical para a REL (apresenta-se aqui apenas a análise do CP relativo, pela análise assumida, entende-se que o especificador (DP) *aquele* esteja fora do CP relativo, tendo domínio sobre este):

(87) AL = {SAL_2 = {C_1, T_1 }, SAL_1 = {v^*_1, $minha_1$, $mãe_1$, deu_1, que_2, $professor_2$, uma_1, $galina_1$}}

Como se pode observar pelo AL (87), a análise assumida é de que não há nenhuma preposição selecionada nem mesmo no Subarranjo Lexical da fase do v*, diferentemente do que foi apresentado com o dado contendo o verbo *gostar* em (81). Tal proposta pode suscitar uma série de objeções, pois o verbo *dar* é conhecido como um canônico bitransitivo na língua portuguesa. Como foi demonstrado na subseção (4.1.1), verbos do tipo requerem um argumento interno preposicionado, através do qual verificam o seu traço não interpretável de caso dativo por meio da preposição *a* – ver Duarte (2003: 289).

Na gramática do CCV, verbos considerados bitransitivos canônicos têm a seguinte ordem[74]:

(88) **Agente – VP – Alvo/Fonte/Beneficiário – Tema**

Para ilustrar isso, retoma-se parte da sentença (84) (usada para elicitação dos dados contendo as relativas sob análise) e reformulada em:

(89) **Nha mai unbês daba kel prufesor un galinha**

Nha	**mai**	**unbes**	**daba**	**Kel**	**profesor**	**um**	**galinha**
1.S-Poss	mãe	certa vez	dar-Pret	DET	professor	DET	galinha

Minha mãe certa vez deu aquele professor uma galinha

Como se observa em (89), o DP/NP [kel professor] é o beneficiário e é o constituinte que fica obrigatoriamente mais próximo de V. A ordem "Agente – VP – Alvo/Fonte/Beneficiário – Tema" é a única disponível para o CCV em tais contextos discursivos.

Fenômeno idêntico foi atestado por Lucchesi & Mello (2009: 427) no português afro-brasileiro de comunidades rurais da Bahia. Atente para o dado de Lucchesi & Mello (2009: 427):

[74] Com exceção dos locativos.

(90) Dei os meninos o remédio

O fenômeno acima é descrito pelos autores (op. cit.) como uma estrutura dativa em que há uma construção de objeto duplo (COD). Lucchesi & Mello (2009: 427-434) demonstram que esse é um fenômeno observado nas línguas crioulas de uma forma geral, em algumas línguas africanas, mas agramatical nas línguas românicas. Logo, os autores (op. cit.) atribuem a causa de tal fenômeno observado nessas variedades do português vernacular brasileiro ao contato entre a língua portuguesa e línguas africanas no território brasileiro – ver ainda, Baxter (2014), entre outros.

Cabe, porém, realçar que Alexandre, Gonçalves & Hagemeijer (2011: 20) não atestaram casos de construções com objeto duplo no *corpus* do PCV utilizado no seu trabalho diferentemente do que atestaram com o corpus do português falado em São Tomé. Atente para os dados apresentados por Alexandre, Gonçalves & Hagemeijer (2011: 20) para POST[75]:

(91) Criou Ø criança tanto problema. (POST)

(92) Entrega Ø senhor uma cerveja. (POST)

Dados como (91) e (92) não foram atestados no *corpus* do PCV usado por Alexandre, Gonçalves & Hagemeijer (2011), mas não quer dizer que não podem ocorrer no PCV. Primeiramente, o *corpus* do PCV utilizado pelos autores (op. cit.) consiste de 50.000 palavras, ou seja, menos de 50% do tamanho do *corpus* dos dados do POST, estimado em 120.000 palavras – cf. Alexandre, Gonçalves & Hagemeijer (2011: 21). Dados como (91) e (92) não causariam estranheza a um falante do PCV, e dependendo do local e contexto em que forem coletados os dados, pode-se atestar construções semelhantes.

Pela análise dos dados atestados nos *corpora* desta Tese, parece que perante as opções paramétricas disponíveis, os falantes do PCV optam, preferencialmente, pela ordem sintática [Agente – VP – Alvo/Fonte/Beneficiário – Tema] sem o uso de preposição para verbos canonicamente bitransitivos na língua portuguesa. É por essa razão que se assume que em casos como em (86), possivelmente, não se dá a estratégia *P-chopping* (apagamento da preposição) de relativização, porque na realidade não há uma preposição a ser alçada nem a ser apagada na interface fonológica. Este fato pode ainda ser corroborado com o único caso atestado nos dados de 'Fala Espontânea', em

[75] Alexandre, Gonçalves & Hagemeijer (2011: 20), dados (10) e (11), reenumerados.

que a posição relativizada corresponde à posição de objeto indireto envolvendo o relativizador *quem* como se vê no dado (63) renumerado em:

(93) Mas [***quem*** *já falou*], não vou dar novamente a palavra

A análise que se faz do dado (93) á luz da gramática de variedades do português, como o PE, por exemplo, seria o seguinte:

(94) Mas[$_{DP}$ [$_{CP}$ [$_{P}$Ø [$_{DP/WH}$ ***quem*** *já falou*, [$_{CP}$ não vou dar novamente a palavra [~~PP a [DP/WH quem]]]]]]]~~

Pela análise em (94) e de acordo com o que se vê na literatura, entende-se que o verbo *dar* seleciona o [PP a [DP/WH quem]] como seu argumento interno na posição de objeto indireto, e no processo de derivação, ao sofrer o movimento-Wh, a preposição *a* é apagada, atestando assim a estratégia *P-chopping* de relativização.

Porém, à luz da gramática dos dados dos *corpora* desta Tese, como já apresentado acima, assume-se que a análise seja o seguinte:

(95) Mas[$_{DP}$ [$_{CP}$ [$_{DP/WH}$ ***quem*** *já falou*, [$_{CP}$ não vou dar [~~DP/WH quem~~] novamente a palavra]]]]]

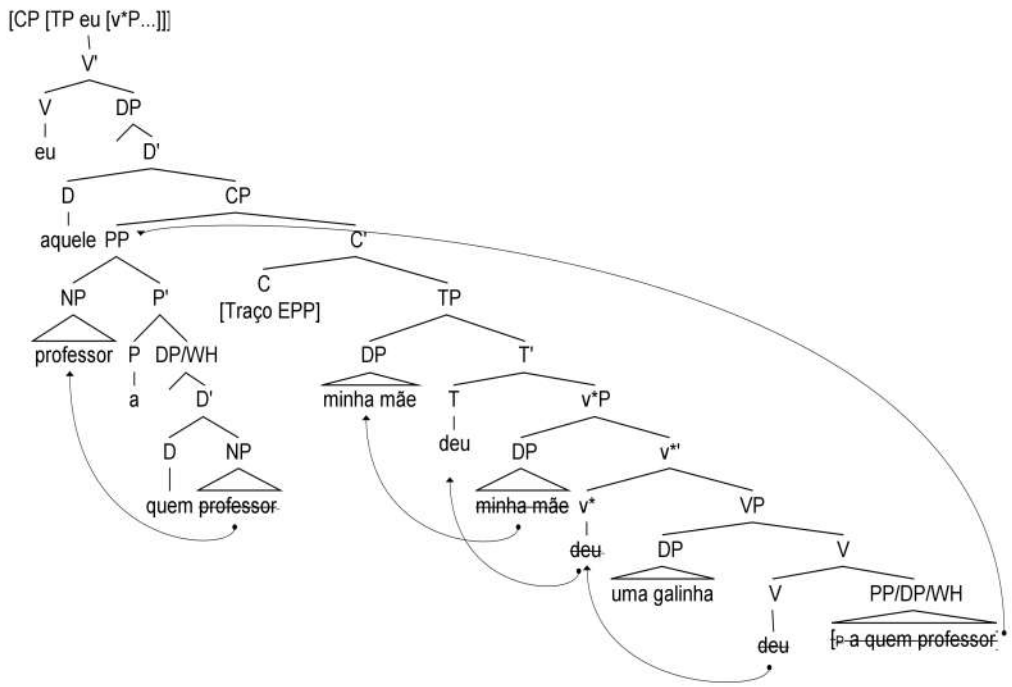
A análise que se faz em (95), é de que não há uma preposição e de que o DP/WH [quem] é gerado na posição imediata ao verbo *dar*, pois no PCV é possível uma sentença como:

(96) Não vou dar o João novamente a palavra

Porém, chama-se a atenção para o fato de que o auxiliar linguístico CMC apresentou duas versões como se viu por meio dos dados da Tabela (15). Até aqui, foi feita apenas a análise do primeiro dado em que se assume de que não houve apagamento da preposição, pois no Arranjo Lexical inicial não foi selecionada uma preposição para a posição de objeto indireto do verbo *dar*.Veja agora a segunda versão apresentada e a proposta derivacional que se assume que ocorre em casos do tipo em PCV:

(97) a) Eu vi aquele professor a quem a minha mãe deu uma galinha

b)



Em (97), a construção sintática é semelhante ao que se verifica na gramática do PE. A posição relativizada é o sintagma PP [P a [quem professor]], selecionado como argumento interno do verbo "dar" na posição de objeto indireto.

Além de ter sido a segunda versão apresentada por um dos 16 inquiridos, cabe ainda realçar que para apenas mais um auxiliar linguístico apresentou versão semelhante; todos os demais apresentaram versões com o pronome relativo *que* e sem preposição. Há uma possível explicação para tal fenômeno: o papel da educação formal no desenvolvimento da competência em PCV. Neste capítulo, introduz-se brevemente o fenômeno atestado, que será retomado no capítulo de conclusões.

Embora o foco desta Tese seja a análise e descrição dos pronomes-Q no PCV, na parte metodológica do Capítulo II, foi demonstrado os procedimentos utilizados para a coleta dos dados. Um dos cuidados que se teve ao coletar os dados foi o de obter os metadados dos auxiliares linguísticos. Assim, é sempre possível verificar os dados sociolinguísticos de qualquer um dos auxiliares linguísticos quando necessário. Por conseguinte, quanto ao auxiliar linguístico CMC, há um fato que ressalta: ele é professor com formação superior e com mais de vinte e cinco anos de experiência em docência tanto na educação fundamental quanto no ensino médio. Por essa razão e outras a serem apresentadas no capítulo de conclusões, entende-se que, possivelmente, a estratégia de relativização *default*, envolvendo verbos bitransitivos, pelo menos nos

dados dos corpora desta Tese, seja a de relativas CAD. Depois com o processo de escolarização é adquirida a estratégia canônica. Um fato que corrobora essa aquisição tardia e via educação formal é o de hipercorreção como se observou num dos dados do auxiliar linguístico SPS (o outro auxiliar linguístico que apresenta a estratégia canônica. Ele é o auxiliar linguístico com maior idade e com mais anos de experiência como professor). Observe o dado em:

(98) Vi o meu antigo professor **a quem** minha a mãe **lhe** tinha dado uma galinha

O dado acima, se trata de um caso de hipercorreção: além de apresentar uma construção relativa canônica em que há a estratégia *Pied-piping*, o falante ainda insere o pronome clítico dativo de terceira pessoa, lhe, na posição proclítica da locução verbal *tinha dado*.

4.2.5. O Caso dos Pronomes Relativos Seguidos do Morfema *Que*

Nos *corpora* foram atestadas poucas ocorrências em que o pronome relativo é seguido pelo morfema *que*. Haja vista esse fenômeno é associado, na literatura (ver Oliveira, Zanoli & Andrade (2016: 406), Chutumiá (2013), Alexandre (2006), Gonçalves (2013)), ao mesmo fenômeno que se verifica por meio da sequência *é que* nas ditas interrogativas-Wh clivadas, os casos de pronome relativo seguido de *que* deveriam ser analisados com esse conjunto de dados no Capítulo 6. Todavia, nesta Tese, faz-se análise diferente, como se apresenta a seguir.

Oliveira, Zanoli & Andrade (2016: 406) atestaram a presença da sequência *é que* em contextos relativos, no português falado no Libolo, como se exemplifica em[76]:

(99) ...vivia ao lado do aeroporto, *onde é que* eu tenho a minha casa, ao lado do aeroporto ...

(100) ... ficô ficô… *onde é que* tô vir que fareceu minha mulhê

Por ter atestada a sequência *é que* em contextos relativos como em (110) e (111), Oliveira, Zanoli & Andrade (2016: 406) entendem que se trata do mesmo fenômeno do 'highlighter'. Os autores (op. cit.) ligam tal fenômeno a sentenças com marcação discursiva, mas sem assumir categoricamente que seja de natureza 'foco'.

Gonçalves (2013) apontou para fenêmeno semelhante nas variedades dialetais do português europeu como se vê em[77]:

---

[76] Oliveira, Zanoli & Andrade (2016: 406), dados (4 a e b) reenumerados.

[77] Gonçalves (2013: 464), dados (28) e (29), reenumerados.

(101) a. Só havia aqui um senhor **que é que** tinha muitas abelhas

b. Isto chamava-se a sega – uma sega – **que era que** cortava a leiva

(102) a. **Quem é que** tinha matado o bicho casava com a filha

b. No mineiro é **onde é que** ela costuma a pôr

Gonçalves (2013: 463) assume a proposta de Cardoso (2007) e Cardoso & Alexandre (2013) de que a estratégia de relativização em construções como (101) e (102) seja designada de *relativas clivadas*. Logo, no entender das autoras (op. cit.), tal fenômeno envolve a clivagem. Alexandre (2006) identificou casos semelhantes no português brasileiro como se vê em[78]:

(103) (...) mas tem muitas pessoas **que é que** vai realmente na escola não prá aprende prá fica falando um do outro (...)

(104) (…) que nem o professor de Direito Civil **que é que** seria a aula mais importante assim que a gente teria (…)

Alexandre (2006: 1008-109) denomina tal fenômeno observado em (103) e (104) de "relativas focalizadas". Dessa forma, a leitura da autora (op. cit.) se assemelha à das autoras acima, haja vista a focalização estar diretamente associada à estratégia de clivagem.

No entanto, no *corpus* desta Tese, não foram atestados dados em que há a sequência *é que* seguindo pronomes relativos. Não obstante, foram atestadas apenas duas ocorrências com o *que*, sem a forma *SER*, seguindo o pronome relativo *onde*, como se vê em:

(105) Se repararmos na ilha de São Vicente que são dois polos, **onde que** há uma grande... há variantes diferentes e a grande discussão qual deles que vai ser oficializado

(106) comunicar com as pessoas de forma aberta e à vontade, **onde que** todos possam compreender eh... a sua mensagem

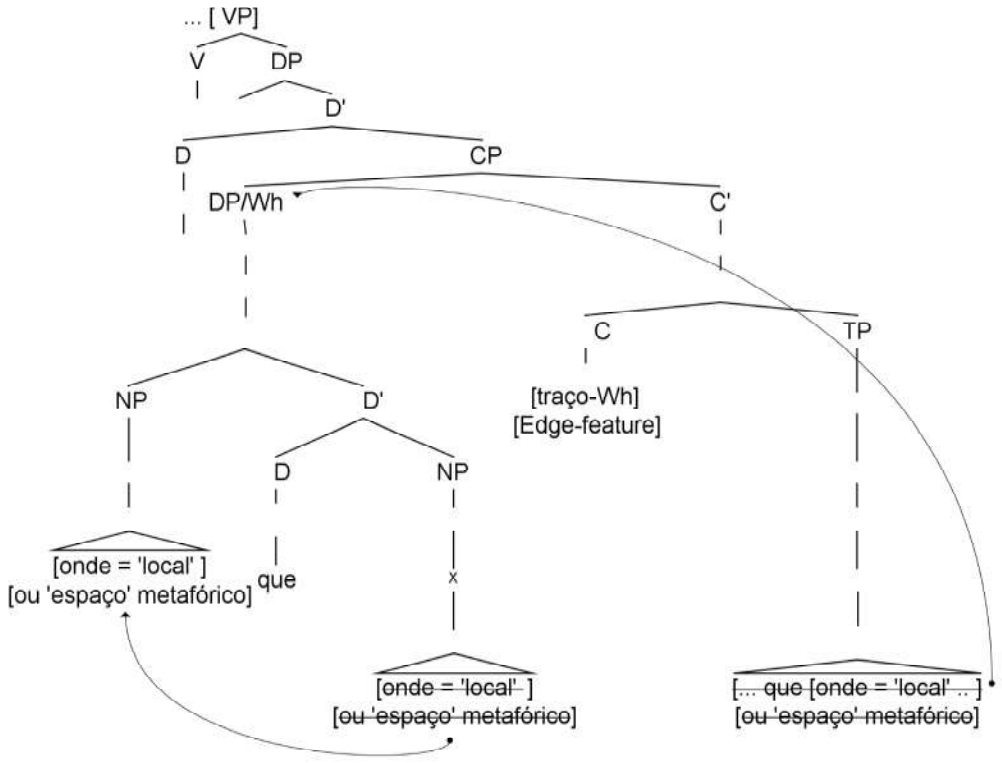
Chama-se a atenção para os seguintes fatos com relação aos dados (105) e (106): (i) não está tão evidente uma construção relativa em tais sentenças; (ii) o morfema *onde* nos contextos em que está inserido, não possui o seu traço semântico *default* [+ lugar físico], mas sim o traço semântico metafórico [– lugar físico] – ver subseção (4.1.2.3) do Capítulo IV; (iv) devido ao traço semântico metafórico [– lugar], a sequência *onde*

[78] Alexandre (2006: 109), dados (34) 3 (35), reenumerados.

que pode ser parafraseada como ‘local ou espaço em que’; (v) caso assumir a existência de relativas em (112) e (113), tais relativas seriam do tipo ‘relativas apositivas’, pois o antecedente em tais casos seria do tipo frasal – ver subseção (4.1.2.3).

Assim, pela nulidade de ocorrências da sequência *é que* e a ocorrência praticamente nula de *que* após pronomes relativos em PCV, assume-se que nessa variedade do português não ocorre o fenômeno ‘highlighter’ em sentenças relativas. Para casos como (105) e (106), assume-se que sejam dados que corroboram ainda mais o morfema *que* como o pronome relativo *default* em PCV – foi proposto acima que a sequência *onde que* pode ser parafraseada como ‘local ou espaço (metafórico) em que’, logo, o morfema *onde* não está sendo interpretado com o seu valor DP/Wh, mas sim como um ‘NP’ com o valor semântico de ‘local ou espaço (metafórico)’. Desta forma, mantém-se a mesma estrutura apresentada para as relativas, como apresentada de forma simplificada em:

(107)



Em (107), assume-se que o pronome relativo é o relativizador *default* em PCV, o pronome relativo *que* e não a forma *onde*. No contexto em (107), em função do seu traço semântico equivalente ao NP [local ou espaço metafórico], *onde* é interpretado

como o NP gerado como argumento interno do DP/Wh *que* em posição argumental do VP da oração realtiva. O sintagma encabeçado pelo DP/Wh *que* é movido (copiado) para a posição de SpecCP. Em SpecCP, o constituinte *onde* é movido (copiado) da posição como argumento interno do DP-Wh para a posição SpecDP-Wh, e nessa posição esse DP-Wh é enviado para as interfaces de *Spell-out*.

4.3. SÍNTESE DO CAPÍTULO

Neste quarto capítulo, iniciou-se o estudo das construções-Wh em PCV com a descrição e análise dos dados contendo construções relativas. Primeiramente, foram apresentadas as considerações gerais sobre os pronomes-Wh. Em seguida, foi apresentada uma construção relativa e os diferentes elementos que a compõem. Valendo-se dos conceitos apresentados, deu-se sequência à descrição dos pronomes-Wh em PCV com base nos dados de 'Fala Espontânea'. A descrição foi feita começando com o pronome relativo com maior número de ocorrências, o pronome relativo *que* (considerado o pronome relativo *default* em PCV), e seguindo a ordem decrescente do número de ocorrências dos demais pronomes relativos atestados em PCV.

A descrição feita, leva em consideração aspectos sintáticos tais como: (i) o tipo de relativa introduzida pelo pronome relativo: restritiva ou apositiva; (ii) a função sintática que o pronome relativo desempenha dentro da oração encaixada relativa; (iii) verificar se com cada pronome se dá estratégia *Pied-piping* ou *P-chopping* quando a posição relativizada corresponde a um PP; (iv) identificar a natureza do constituinte antecedente (implícito ou explícito) da oração relativa para cada pronome descrito. Ao final da descrição é apresentada uma tabela que apresenta um resumo geral da descrição feita dos pronomes relativos.

Na segunda parte do capítulo, apresentou-se a análise derivacional das relativas em PCV. Antes, porém, corroborou-se, por meio dos dados de 'Elicitação Formal', o pronome relativo *que* como o pronome relativo *default* em PCV. Para a derivação das relativas em PCV, adotou-se uma reformulação da proposta de Kayne (1994), em que o CP relativo é selecionado como complemento de um DP que está fora desse CP relativo. Pela análise derivacional, corroborou-se que o relativizador *que* tem a mesma natureza que os demais pronomes relativos na língua, e que todos são copiados da posição relativizada para Spec CP para verificar traços Wh e *Edge Feature*.

No processo derivacional das relativas em PCV, atestou-se o fenômeno da estratégia *P-chopping.* Porém, foram atestados casos que na variedade do português

padrão podem ser considerados relativas cortadoras, mas quando analisados à luz da gramática dos dados dos corpora da Tese, não podem ser consideradas com apagamento de preposição. Assumiu-se que em tais casos, possivelmente, não há uma preposição a ser copiada, logo, ela não é cortada. Assim, foi necessário propor um novo tipo de realtivas: Relativas Canônicas de Alternância Dativa (Relativas CAD).

CAPÍTULO V
PRONOMES INTERROGATIVOS-Q EM PCV

INTRODUÇÃO DO CAPÍTULO

Como mencionado no capítulo IV, os pronomes interrogativos inserem-se no conjunto dos pronomes-Wh. Neste capítulo, em que se centra nos pronomes interrogativos, inicia-se com uma abordagem genérica sobre esse subgrupo de pronomes-Wh.

As sentenças interrogativas podem ser de dois tipos: (i) as chamadas interrogativas sim/não, pois a resposta a esse tipo de perguntas é a confirmação ou negação do fato inquirido – ver (1); (ii) as denominadas interrogativas-Wh, pois a pergunta é feita por meio de um pronome-Wh – ver (2)-(4) – cf. BRAGA, KATO & MIOTO (2009: 264).

(1) ... exatamente no mundo nós temos uma desigualdade! vocês estão a entender essa palavra?

(2) **Quais** são as duas palavras que se repetem no quadro?

(3) ... eu não sei **quem** deu o meu número de telemóvel pra mãe.

(4) ... falta das chuvas, então no mundo acontecem **o que**?

Nesta Tese, são analisadas apenas as interrogativas-Wh, como exemplificado em (2)-(4). Assim, a partir das interrogativas-Wh (2)-(4), apresenta-se, a seguir, as principais propriedades gerais desse grupo de morfemas funcionais:

(i) podem ser do tipo *matrizes* como (2) e (4), em que o pronome-Wh é usado para fazer uma pergunta direta;

(ii) podem ser ainda do tipo *encaixadas* ou *indiretas*, como (3), em que a pergunta é normalmente selecionada como argumento de algum constituinte da oração matriz, normalmente um verbo – em (3) a sentença interrogativa [**quem** deu o meu número de telemóvel pra mãe] é selecionada como argumento interno do verbo *saber* da oração matriz [eu não sei]. O *escopo* da pergunta em (03) se circunscreve apenas à sentença encaixada, pelo que a sentença toda não é uma pergunta. Por essa razão, na escrita, esse tipo de pergunta recebe ponto final e não ponto de interrogação – (BRAGA, KATO & MIOTO, 2009: 265);

(iii) o pronome-Wh que marca a sentença como interrogativa pode aparecer deslocado, ou seja, no início da sentença com em (2) e (3), ou pode permanecer *in situ*, ou seja, na sua posição sintática original na sentença como em (4).

Quanto à natureza, os pronomes-Wh pertencem a certas categorias ontológicas. Logo, a resposta a uma interrogativa-Wh é induzida pela categoria a que se insere o pronome-Wh ou expressão-Wh que a introduz. Segundo Haspelmath (1997), existem um total de 7 categorias ontológicas em que se inserem os pronomes-Wh: (i) Pronome-Wh 'Pessoa' – **quem**; (ii) Pronome-Wh 'Coisa' – **o quê**; (iii) Pronome-Wh 'Propriedade' – **qua**l; (iv) Pronome-Wh 'Lugar' – **onde**; (v) Pronome-Wh 'Tempo' – **quando**; (vi) Pronome-Wh 'Maneira', ou 'Modo" – **como**; (vii) Pronome-Wh 'Quantidade' – **quanto**. Além dessas 7 categorias, ainda é possível formular perguntas-Wh por meio do interrogativo-Wh Dp-Linked *que* + um NP, tais como "que cor", "que exemplo", "que ideia".

Braga, Kato & Mioto (2009: 265) definem um pronome-Wh como um operador que abre uma variável (X) sobre a qual opera. Segundo os autores (op. cit.), os pronomes interrogativos *quem, o quê, onde, como* e *quando* possuem traços semânticos inerentes, enquanto os pronomes interrogativos *qual, quanto* e *que* necessitam de um restritor nominal, pois não trazem embutidos em si o domínio de operação – (BRAGA, KATO & MIOTO, 2009: 266).

Feita a breve introdução geral sobre os pronomes interrogativos-Wh, a seguir, numa primeira parte, é feita a descrição desse grupo categorial em PCV, a partir dos dados do *corpus* de 'Fala Espontânea'. Ao se fazer a descrição dos pronomes interrogativos no PCV, são apresentados outros conceitos gerais relacionados aos pronomes interrogativos: (i) as estratégias interrogativas utilizadas; (ii) movimento-Wh dos constituintes interrogativos; (iii) as posições sintáticas a que incidem as perguntas-Wh, introduzidas pelos pronomes interrogativos; (iv) as estratégias interrogativas envolvendo sintagmas preposicionados.

Na segunda parte do capítulo, faz-se a análise dos pronomes interrogativos na língua, à semelhança do que foi feito com os pronomes relativos no capítulo anterior.

5.1. DESCRIÇÃO DOS PRONOMES INTERROGATIVOS-Wh EM PCV

Nesta primeira parte, à semelhança do Capítulo V, faz-se a descrição dos pronomes interrogativos atestados nos *corpora* desta Tese. Assim, para dar início à

descrição dos pronomes interrogativos no PCV, apresenta-se, na Tabela (1), de forma resumida, das ocorrências desses pronomes no *corpus* de 'Fala Espontânea':

Forma	**Quantidade**	**Porcentagem**
Pronome Interrogativo-Wh		
O quê...?	65	30,80%
Como...?	49	23,22%
Quem...?	24	11,37%
Onde...?	17	8,05%
Porquê...?	12	6,68%
Quando...?	10	4,73%
Interrogativos DP-Linked		
Que +NP...?	19	9,00%
Qual + NP...?	15	7,10%
Quantos + NP...?	01	0,2%
Total	212	100%

Tabela (1): Quantificação das Ocorrências dos Pronomes Interrogativos em PCV

Segundo os dados da Tabela (1), no *corpus* de 'Fala Espontânea', foram atestadas duzentas e doze sentenças contendo pronomes interrogativos. O pronome com maior número de ocorrências é a locução interrogativa *o que*, atestado em 30,80% das ocorrências. Foi atestada apenas uma ocorrência para o pronome "quantos", talvez por falta de ambiente linguístico propício para sua ocorrência. A seguir, faz-se a descrição de cada pronome seguindo a ordem decrescente do número de ocorrências à semelhança do que foi feito no Capítulo IV.

5.1.2. **Locução Interrogativa *o que***

A locução interrogativa-Wh *o que* é a forma interrogativa com maior número de ocorrências atestadas no *corpus* de 'Fala Espontânea', logo, inicia-se a descrição com esse pronome. Foram atestadas diferentes formas, que são assumidas como alomorfes do interrogativo-Wh *o que* como se vê na tabela abaixo:

Forma Interrogativa-Wh	Ocorrências	Porcentagem
O quê	32	58,7%
O quê que	11	20,7%
Quê que	10	15,9%
Quê	3	04,7%
Total	65	100%

Tabela (2) – Quantificação Ocorrências do Pronome Interrogativo *o que* e seus Alomorfes em PCV

De acordo com os dados da Tabela (2), o pronome interrogativo *o que* apresenta o seguinte quadro: (i) em 58,7% das ocorrências, a forma interrogativa atestada é a forma *o que*, designada nesta Tese como a forma padrão – ver exemplo (5). Por forma padrão de um constituinte interrogativo, entende-se a forma interrogativa canônica e sem outros constituintes normalmente atestados em ambientes interrogativos tais como a forma *SER* e o morfema *que*; (ii) em 20,7% das ocorrências, a interrogativa é introduzida pelo sintagma interrogativo *o quê que*: formado pela locução interrogativa *o que* e o morfema *que* – ver exemplo (6); (iii) em 15,9% dos casos, atesta-se um sintagma interrogativo semelhante ao apresentado em (6), mas com a diferença de não apresentar o artigo definido (o), ou seja, a forma *quê que* – ver exemplo (7); (iv) em 4,7% das ocorrências, a forma interrogativa é apenas *quê* – ver exemplo (8).

(5) Paço tem a ver com o nome dum lugar, mais concretamente **o quê** desse lugar?

(6) **O quê que** o texto então está querendo dizer com isso?

(7) **Quê que** vamos fazer, então vamos fazer o quê?

(8) Pois as universidades estão oferecendo esses cursos, esses pacote, **pra quê**?

Todas as formas acima foram computadas, no *corpus* de 'Fala Espontânea', como realização do mesmo morfema interrogativo *o que*. Abaixo é apresentada a tabela em que se quantificam as ocorrências do pronome interrogativo *o que*, quanto ao tipo de interrogativa introduzida:

Ocorrências	Tipo de Interrogativa		
	Matriz	**Encaixada**	**Eco**
Quantidade	60	4	1
Porcentagem	92,1%	6,2%	1,6%
Total	65		

Tabela (3) – Tipos de Interrogativas Introduzidas pelo Pronome-Wh *o que*

Em 92,1% das ocorrências, as interrogativas introduzidas pelo pronome-Wh *o que* são do tipo interrogativas matrizes, como exemplificado em (9); em 6,2% as interrogativas são do tipo encaixado ou indireto, como exemplificado em (10); em 1,6% dos casos a pergunta introduzida pelo pronome-Wh *o que* tem leitura eco, como exemplificado em (11):

(9) **O que** vocês acham que está a contribuir pra que os jovens entrem nesse tipo de ato?

(10) Tem que utilizar retas paralelas e saber **o que** é uma perpendicular

(11) ...observamos retas paralelas... depois agora na hora da avaliação, **o quê**?[79]

Além do tipo de interrogativas, foram computadas também as estratégias utilizadas para formar as interrogativas introduzidas pelo pronome-Wh *o que* em PCV, como demonstrado na tabela a seguir:

Ocorrências	**Estratégia**		
	Padrão	***Highlighter***	
	[O que...?]	***Subset 1*** **[O que + SER + que...?]**	***Subset 2*** **[O que + que...?]**
Quantidade	30	12	23
Porcentagem	48,1%	18,5%	35,4%
Total	**65**		

Tabela (4) – Estratégias Interrogativas com o Pronome-Wh *o que*

De acordo com os dados da Tabela (4), em PCV, foram atestadas três estratégias de formular interrogativas-Wh com o pronome-Wh *o que* e que de uma forma geral são as estratégias interrogativas atestadas com todos os demais pronomes interrogativos na língua. Por essa razão, apresenta-se aqui uma introdução geral sobre as estratégias interrogativas no PCV.

Como se observa na Tabela (4), a estratégia é denominada 'estratégia padrão' em 48,1% das ocorrências. Essa estratégia consiste em usar somente o pronome-Wh *o que* precedido ou não pelo morfema *o*, isto é sem outros elementos como o verbo copular *SER* e o morfema *que* – ver exemplo em (12).

[79] Este é o único caso de interrogativa-Wh eco atestado nos *corpora*. Tais tipos de interrogativas não foram o foco desta Tese, logo, não foram criadas situações propícias para coleta de dados do tipo.

Estratégia Interrogativa Padrão

(12) **O que** vocês pensam disso?

Além da estratégia padrão, atestou-se outra estratégia a que se denomina de 'estratégia interrogativa '*highlighter*' e que apresenta dois *subsets*, sendo o *subset* 1 atestado em 18,5% das ocorrências (ver exemplo (13)) e o *subset* 2 atestado em 35,4% das ocorrências (ver exemplo (14)).

Estratégia Interrogativa Highlighter

Subset 1

(13) ...**o quê é que** isto significa?

Subset 2

(14) ...**quê que** vocês acham?

Na literatura tanto sentenças como (13) quanto sentenças como (14) são tratadas como interrogativas-Wh clivadas: as do tipo como em (13) são tratadas como interrogativas-Wh clivadas com cópula; as do tipo como em (14) são tratadas como interrogativas-Wh clivadas sem cópula – cf. entre outros, Braga, Kato & Mioto (2009: 270). Porém, nesta Tese, não se assume a designação 'interrogativas-Wh clivadas com/sem cópula' para sentenças semelhantes em PCV. Para construções sintagmáticas semelhantes, segue-se a proposta que se vê em Holm & Oliveira (2011: 25), Oliveira (2014: 431) e Jorge & Oliveira (2012: 264); Svartman et al (2015), entre outros. Para os autores (op. cit.), em construções semelhantes, o elemento sintagmático formado por 'é + que' ou apenas o morfema *que* desempenhe a função de um '*highlighter*', atestado nos crioulos do atlântico bem como em variedades reestruturadas do português – cf. Svartman et al (2015), entre outros.

Svartman et al (2015: 286-294) recorrem a testes prosódicos para corroborar a proposta de que em tais contextos a sequência 'é + que' não se trata de uma construção clivada tal como se vê na literatura. Os testes prosódicos de Svartman et al (op. cit.) corroboram uma estrutura monoclausal e não a biclausidade normalmente proposta para construções clivadas. Logo, segundo os autores (op. cit.), o verbo "ser" que aparece em contextos como os designados de '*highlighter subset* 1' (ver dado (13)) não se trata de um verbo copulativo, mas sim de um elemento que forma uma unidade sintagmática com o morfema *que*. Ainda, segundo os autores (op. cit.), nas construções semelhantes aqui designadas de '*highlighter subset 2*' (ver dado (14)), não há apagamento de cópula,

pois o que é chamado de cópula não existe, logo não foi apagado. Por ora, busca-se apenas justificar a opção de terminologia para as estratégias interrogativas atestadas no PCV, pois, no Capítulo VI, esse tema é retomado com mais pormenores.

Feita essa abordagem geral sobre as estratégias interrogativas em PCV, a seguir, dá-se continuidade à descrição do pronome interrogativo *o que*.

Outro aspecto em que o interrogativo-Wh *o que* foi considerado, é o de movimento (cópia em termos minimalista) ou não dos constituintes interrogativos da posição sintática sobre qual incide a pergunta feita para o Spec CP, como se demonstra por meio da tabela a seguir:

Ocorrências	**Movimento-Wh**	
	Sim	Não
Quantidade	51	14
Porcentagem	78,4%	21,6%
Total	65	

Tabela (5) – Movimento-Wh do Pronome-Wh *o que*

Em 78,4% das ocorrências atestadas do pronome-Wh, *o que* aparece na posição inicial da sentença interrogativa, ou seja, sofre movimento-Wh da posição sintática a que se incide a pergunta para a posição de Spec CP – ver exemplos (12)-(14). Em 21,6% das ocorrências, não se dá movimento-Wh do pronome-Wh *o que*, ou seja, ele é realizado *in situ*, na sua posição original dentro da sentença – ver exemplo (15).

(15) ...se há pessoas que passam fome, então existe um dia para falarmos sobre **o quê**?

Na próxima tabela, quantificam-se as ocorrências por posição sintática a que incide a pergunta introduzida pelo interrogativo *o que* dentro da sentença interrogativa atestadas no *corpus* de 'Fala Espontânea'.

Ocorrências	**Posição Sintática a que Incide a Pergunta**					
	Posição Argumental					*Posição Não Argumental*
	Predicado/ Sujeito Pequena Oração	Sujeito	Objeto Direto	Complemento Oblíquo	Complemento Nominal	Adjunto Preposicionado
Quantidade	6	3	49	4	2	1
Porcentagem	9,2%	4,6%	75,3%	6,1%	3%	1,5%
Total	65					

Tabela (6) – Função Sintática do Pronome-Wh *o que* dentro da Interrogativa em PCV

A posição sintática a que incide a pergunta introduzida pelo o pronome-Wh *o que* com mais ocorrências é a de objeto direto, atestada em 75,3% dos casos – ver exemplo em (16).

(16) **quê que** vocês acham?

Em 9,2% dos casos, a posição sintática é a de sujeito ou predicado de uma pequena oração, como exemplifico em (17):

(17) **o que** é refletir?

Em (17), a posição sintática sobre a qual incide a pergunta introduzida pelo pronome-Wh é predicado da pequena oração formada pelo verbo copulativo *é*. Chama-se a atenção para o fato de que tais sentenças interrogativas copulativas como em (17) se diferem das identificadas na literatura como interrogativas clivadas. Atente para o seguinte dado:

(18) Vamos para o quatro. Quatro, **o quê é que** está lá escrito?

Em (18) posição sintática a que incide a pergunta introduzida pelo pronome-Wh *o que* é a de objeto direto da locução verbal *está escrito*, diferentemente do caso em (17) em que o pronome-Wh *o que* desempenha a função de sujeito/predicado da pequena oração VP [refletir é o quê].

Ainda, de acordo com a tabela (5), em 4,6% das ocorrências, a posição sintática a que incide a pergunta introduzida pelo pronome-Wh *o que* é a de sujeito, como exemplificado em:

(19) **O quê que** está escrito ali, Melany?

Em (19) a pergunta incide sobre a posição de sujeito da locução verbal *está escrito*.

Em 6,1% das ocorrências, a posição sintática a que incide a pergunta é a de complemento oblíquo. A seguir são apresentados os quatro casos atestados no corpus de 'Fala Espontânea':

(20) Os termos que são nulos. Então vamos (ININT), aqui fala **do quê**?

(21) ...Tem a ver **com o quê**?

(22) Paço tem a ver com o nome dum lugar, mais concretamente [$_P$ **Ø o quê** desse lugar?

(23) ... se há pessoas que passam fome então existe um dia um dia para falarmos sobre **o quê?**

Chama-se a atenção para o fato de que em (22) há apagamento da preposição *com*.

Em 3% das ocorrências, a posição sintática a que incide a pergunta introduzida por *o que* na sentença interrogativa é a de complemento nominal, como se pode demonstrar por meio dos dois casos atestados:

(24) ...e se já não temos agricultura, agora vamos ter falta **de quê**?

(25) ...aqui em Cabo Verde por exemplo [$_P$ **Ø o quê que** tamos com falta hoje que está com muito calor?

Em (25) atesta-se a falta da preposição *de*.

Além das posições sintáticas mencionadas acima, atestou-se ainda a posição de adjunto adverbial para a pergunta introduzida pelo pronome-Wh *o que*, como exemplificado com o único caso atestado no *corpus* de 'Fala Espontânea':

(26) Pois as universidades estão oferecendo esses cursos, esses pacote, **pra quê**?

Um fato observado com relação às posições sintáticas que correspondem a uma posição preposicionada (complemento oblíquo, adjunto adverbial e complemento nominal) é que em todos os casos, com exceção do dado (25), o pronome *o que* ocorre *in situ*, ou seja, sem movimento-Wh. Não obstante em (25), dá-se o movimento-Wh, mas a preposição *de* é apagada. Pelo observado, constatou-se que quando o constituinte, sobre o qual incide a pergunta, corresponde a uma posição preposicionada, em PCV, a norma parece ser realizar a pergunta com o pronome-Wh *o que in situ* (em seis das sete

ocorrências atestadas), ou apagar a preposição quando há movimento-Wh do pronome-Wh (em uma das sete ocorrências atestadas).

5.1.2. **Pronome Interrogativo *Como***

De acordo com os dados atestados no *corpus* de 'Fala Espontânea', o pronome interrogativo *como* possui as seguintes características: (a) atua como um operador que abre uma variável a ser preenchida, na resposta, por um elemento com o valor semântico [+modo]; (b) a posição em que incide a pergunta introduzida por *como* tem sempre a função de adjunto adverbial. Atente para a tabela a seguir, em que são quantificados os tipos de interrogativa-Wh introduzidos por *como*.

Ocorrências	**Tipo de Interrogativa-Wh**		
	Matriz	*Encaixada*	*Eco*
Quantidade	48	2	0
Porcentagem	95%	5%	0%
Total	**49**		

Tabela (7) – Tipo de interrogativas-Wh Introduzida por *como* em PCV

De acordo com a Tabela (7), foram atestadas 49 ocorrências de interrogativas-Wh introduzidas pelo pronome-Wh *como*, sendo 95% das ocorrências como interrogativas-Wh matrizes – ver exemplo (27) – e 5% como interrogativas-Wh encaixadas – ver exemplo (28):

(27) **Como é que** pode ser a estrutura de ação?

(28) para pensar em **como é que** nós vamos fazer para acabar com fome no mundo

Quando a interrogativa é do tipo encaixada, é possível a ocorrência do pronome-Wh *como* em uma interrogativa-Wh dupla com o pronome-Wh *quem*:

(29) **Quem** mais quer falar **como** foi seu fim de semana?

Em perguntas-Wh duplas como em (29), a resposta dada deve sempre apresentar o valor semântico do primeiro operador – em (29), a resposta só pode ser um elemento [+humano] e não [+modo]. Isso se explica pelo fato de que a interrogativa introduzida pelo pronome interrogativo *quem* é a oração matriz, enquanto que a interrogativa introduzia por *como* é uma oração encaixada do verbo [falar] da oração matriz introduzida por *quem*.

A seguir, apresenta-se a tabela em que se quantificam as estratégias interrogativas do pronome-Wh *como* nas ocorrências atestadas em PCV:

Ocorrências	**Estratégia Interrogativa**		
	Padrão [Como...?]	*Highlighter*	
		Subset 1 [Como + SER + Que...?]	*Subset 2* [Como + Que...?]
Quantidade	6	42	1
Porcentagem	12,2%	85,7%	2,1%
Total	49		

Tabela (8) – Estratégia Interrogativa do Pronome-Wh *como* em PCV

Como se atesta pelos dados da Tabela (8), a estratégia interrogativa '*highlighter,* subset 1' é a mais utilizada – em 85,7% das ocorrências – ver exemplo (30). Em 12,2% das ocorrências é utilizada a estratégia padrão (sintagma interrogativo formado somente pelo pronome *como*) – ver exemplo (31). Em apenas 2,1% é usada a '*highlighter, subset* 2' – ver exemplo (32).

(30) **Como** fazer a divisão inteira do polinômio a pelo polinômio b?

(31) **Como é que** devemos fazer o nosso finalista este ano?

(32) ... qual variante iria ser adotado no ensino? Seria a variante de Sotavento? Seria a variante de Barlavento? O que pensam sobre essa questão? **Como que** seria decidido?

Apresentadas as estratégias interrogativas atestadas no PCV, a seguir, apresenta-se a tabela que quantifica o movimento-Wh e a função sintática do pronome *como* na oração interrogativa.

Ocorrências	**Movimento-Wh**		*Posição Sintática a que Incide a Pergunta*
	Sim	*Não*	*Adjunto Adverbial*
Quantidade	49	0	49
Porcentagem	100%	0%	100%
Total	49		

Tabela (9) –Movimento-Wh e Função Sintática do Pronome-Wh *Como* em PCV

De acordo com os dados da Tabela (9), em todas as perguntas introduzidas pelo interrogativo *como*, há movimento-Wh desse elemento da posição a que incide a pergunta para a posição Spec CP – ver exemplos (30)-(32). Quanto à função sintática, a única atestada é a de adjunto adverbial de modo – ver exemplos (30)-(32).

Quanto às estratégias *Pied-piping* e *P-chopping* não é possível atestar, pois as perguntas introduzidas pelo pronome interrogativo *como,* no *corpus* analisado, não incidem em nenhuma posição preposicionada dentro da sentença interrogativa – a posição está limitada à de adjunto adverbial.

5.1.3. **Pronome Interrogativo *Quem***

Depois do pronome-Wh *como*, o pronome-Wh *quem* é o com mais ocorrências no *corpus*, razão pela qual é descrito nesta terceira subseção. O pronome-Wh *quem* é um operador interrogativo que abre uma variável [+humano], logo sua resposta deve ser sempre uma elemento [+humano] (BRAGA, KATO & MIOTO, 209: 264-265). Devido a essa característica, a função sintática da posição em que incide a pergunta introduzida por esse pronome-Wh será uma posição argumental ou de complemento nominal dentro da sentença interrogativa-Wh, mas nunca a de um adjunto adverbial.

Para iniciar a descrição do pronome-Wh *quem* em PCV, são quantificados, primeiramente, os tipos de interrogativas-Wh introduzidos por esse pronome-Wh, atestados no *corpus*:

Ocorrências	**Tipo de Interrogativa-Wh**		
	Matriz	*Encaixada*	*Eco*
Quantidade	20	4	0
Porcentagem	83,3%	16,7%	0%
Total	24		

Tabela (10) – Tipos de interrogativas-Wh Introduzidas pelo Pronome-Wh *quem* em PCV

Segundo os dados da Tabela (10), em 83,3% das ocorrências, as interrogativas introduzidas pelo pronome-Wh *quem*, são interrogativas-Wh matrizes – ver exemplo (33) – e em 16,7% das ocorrências, são interrogativas-Wh encaixadas – ver exemplo (34). Não foram atestadas perguntas do tipo eco com *quem*.

(33) **Quem é que** se oferece para explicar a diferença existente entre essas duas palavras?

(34) ... eu não sei **de quem** foi a ideia

Quando a interrogativa é do tipo matriz, foram atestadas duas ocorrências de interrogativas duplas em que o pronome-Wh *quem* atua como o operador interrogativo da oração matriz, logo definindo o valor semântico [+humano] da variável esperada como resposta: uma dessas ocorrências é o dado (29), renumerado em (35), seguido da outra ocorrência com o pronome interrogativo *quando*.

(35) **Quem** mais quer falar **como foi** seu fim de semana?

(36) **Quem** se lembra **quando** foi que pela primeira vez a língua se expandiu?

Tal como explicado na subseção (5.1.2), o pronome interrogativo que introduz a oração matriz numa interrogativa dupla é que determina o valor semântico do elemento selecionado como resposta à pergunta. Tanto em (35) quanto em (36), *quem* é o pronome interrogativo da oração matriz, logo a resposta só pode ser um elemento [+humano].

Na tabela, a seguir, são apresentadas as estratégias interrogativas atestadas com o pronome interrogativo *quem* no PCV.

Ocorrências	**Estratégia Interrogativa**		
	Padrão [Quem...?]	*Highlighter*	
		Subset 1 [Quem + SER + Que...?]	*Subset 2* [Quem + Que...?]
Quantidade	14	9	1
Porcentagem	58,3%	37,5%	4,2%
Total	24		

Tabela (11) – Estratégias Interrogativas com o Pronome-Wh *quem* em PCV

No que diz respeito às estratégias interrogativas com o interrogativo-Wh *quem*, em 58,3% das ocorrências, atesta-se a forma padrão, ou seja, a interrogativa é introduzida usando somente o pronome-Wh *quem*, como exemplificado em (37). Em 37,5% das ocorrências ocorre a estratégia '*highlighter* subset 1' [Quem + SER + Que...?], exemplificado em (38). Há apenas uma ocorrência (4,2% das ocorrências) com a estratégia '*highlighter* subset 2' [Quem + Que...?] – ver dado (39).

(37) **Quem** quer dar mais uma opinião?

(38) **Quem é** essa pessoa **que** estava a cantar?

(39) **Quem que** eu fui procurar?

Como se pode atestar pelos dados da Tabela (10), a estratégia mais recorrente com o pronome-Wh *quem* é a estratégia padrão. Não obstante, atesta-se também uma considerável percentagem do uso da estratégia '*highlighter*'.

Quanto ao movimento-Wh com o pronome-Wh *quem*, na tabela seguinte vê-se a tendência atestada.

Ocorrências	**Movimento-Wh**	
	Sim	*Não*
Quantidade	24	0
Porcentagem	100%	0%
Total	24	

Tabela (12) – Movimento-Wh Pronome-Wh Quem em PCV

Como se pode ver pelos dados da Tabela (12), em todas as ocorrências atestadas com *quem*, o sintagma interrogativo é movido (copiado) de sua posição base para a periferia esquerda da sentença interrogativa – ver exemplo (40).

(40) **Quem é** a mãe da língua inglesa?

Na próxima tabela, quantificam-se as ocorrências do interrogativo *quem* quanto à posição sintática a que incide a pergunta introduzida por esse pronome.

Ocorrências	**Posição Sintática a que Incide a Pergunta**			
	Posição Argumental			*Posição Não Argumental*
	Predicado/ Sujeito Pequena Oração	Sujeito	Objeto Direto	Complemento Nominal
Quantidade	3	18	2	1
Porcentagem	12,5%	75%	8,3%	4,2%
Total	24			

Tabela (13) – Função Sintática do Pronome-Wh *quem* dentro da Interrogativa em PCV

Quanto à posição sintática a que incide a pergunta introduzida por *quem*, atestou-se o seguinte: em 12,5% das ocorrências, a posição é a de predicado/sujeito de uma pequena

oração – ver exemplo (41); em 75% (maioria) das ocorrências, a posição é a de sujeito – ver exemplo (42); em 8,3% das ocorrências, a posição é a de objeto direto – ver exemplo (43); há uma ocorrência correspondente a 4,2% das ocorrências em que a posição é a de complemento nominal – ver exemplo (44).

(41) **Quem** é responsável pela delinquência juvenil?

(42) **Quem** me dá uma informação?

(43) **Quem que** eu fui procurar?

(44) Eu não sei **de quem** foi a ideia.

Chama-se a atenção para o fato de não ter sido atestada nenhuma ocorrência em que a posição a que incide a pergunta introduzida por *quem* fosse a de complemento indireto nos dados de 'Fala Espontânea'.

Quanto às estratégias *Pied-piping* e *P-Chopping* com o pronome *quem*, primeiramente, pelos dados da Tabela (11), vê-se que em todas as ocorrências dá-se movimento-Wh. Porém, há somente uma ocorrência do pronome quem envolvendo uma posição preposicionada – o dado (44). Nesse caso dá-se a estratégia *Pied-piping*, ou seja, a preposição é arrastada com o pronome interrogativo.

5.1.4. Interrogativo D-Linked *Que +NP*

A forma interrogativa em quarta posição em termos de número de ocorrências é o sintagma-Wh *que* + *NP*, pelo que é descrito nesta quarta subseção. Ao introduzir este capítulo, foi mencionado de que o morfema *que* está entre aqueles que necessitam de um restritor nominal, pois não trazem embutidos em si o domínio de operação.

No *corpus* de 'Fala Espontânea', atestou-se um tipo de interrogativa que não se figura nem como uma pergunta-Wh nem como uma pergunta sim/não: trata-se de perguntas introduzidas pelo sintagma interrogativo *será que*, atestadas em 5 das 17 (29,4%) ocorrências com o interrogativo que – ver exemplo (45) – esse questão é tomada com mais detalhes ao final do Capítulo VI.

(45) **Será que** vocês conseguem entender *o que* isso quer dizer?

Em (45) há um interrogativa dupla, pois a sentença é formada por duas orações interrogativas em uma relação de subordinação: a oração principal [**será que** vocês conseguem entender] e a oração encaixada, neste caso uma interrogativa indireta, [**o que**

isso quer dizer]. Como já mencionado, em perguntas duplas é a oração principal que determina a resposta dada.

O sintagma interrogativo *será que* que introduz as interrogativas, como em (45), apresentam as seguintes características: (i) têm escopo sobre toda a sentença que introduzem; (ii) os elementos que compõem este sintagma são invariáveis, pois em todos casos mantém-se o verbo copulativo *SER* na terceira pessoa do singular, futuro do indicativo mais o constituinte invariável *que*; caso seja omitido o sintagma 'será que', o resultado continua sendo uma sentença gramatical, mas do tipo pergunta sim/não, como se demonstra em:

(46) Vocês conseguem entender **o que** isso quer dizer?

Em (46), o comentário/resposta à pergunta deve ser em forma de palavras que expressam afirmação ou negação, o que não é necessariamente o caso da pergunta em (45): quando se usa *será que*, um comentário/resposta que apenas afirma ou nega não satisfaz plenamente a informação requerida.

Na pergunta (46), há uma interrogativa dupla em que o pronome interrogativo *o que* introduz a oração encaixada, e por essa razão não é esse pronome o que determina o tipo de pergunta. Logo, a pergunta em (46) é do tipo sim/não, pois na oração matriz não há um pronome-Wh.

Outra observação que se fez é de que o sintagma *será que* pode ser inserido imediatamente após o sujeito da oração a que incide a pergunta, como se vê em:

(47) todo mundo **será que** está alimentado bem?

Em (47), o sintagma interrogativo *será que* é introduzido logo após o grupo nominal a que incide a pergunta. Isso parece estar ligado à estratégia discursiva, e será retomado no Capítulo VI.

Na tabela a seguir, apresenta-se a quantificação dos tipos de relativas atestadas em PCV com o sintagma interrogativo *que + NP*.

Ocorrências	**Tipo de interrogativa-Wh com Que +NP**		
	Matriz	*Encaixada*	*Eco*
Quantidade	14	03	0
Porcentagem	82,3%	17,7%	0%
Total	17		

Tabela (14) – Tipos de interrogativas-Wh Introduzidas pelo Sintagma-Wh *que + NP* em PCV

À semelhança de todos os interrogativos-Wh até aqui descritos, nas interrogativas introduzidas pelo sintagma-Q *que + NP,* o maior número de ocorrências dá-se por meio do tipo de interrogativas matrizes – ver exemplo em (48). Em 17,7% das ocorrências, atestam-se interrogativas indiretas – ver exemplo (49).

(48) **Que** verbo você acha que se encaixa aí?

(49) Nós vamos escrever primeiro pra ver **que** nome estamos a substituir

Ocorrências	*Estratégia Interrogativa*		
	Padrão [Que +NP...?]	*Highlighter*	
		Subset 1 [Que +NP + SER + Que...?]	*Subset 2* [Que +NP + Que...?]
Quantidade	10	07	0
Porcentagem	58,8%	41,2%	0%
Total	17		

Tabela (15) – Estratégia Interrogativa com o Pronome-Wh *que + NP* em PCV

A estratégia interrogativa padrão, ou seja, *que +NP* é ligeiramente mais usada que a 'hilighther' [Que +NP + *SER* + Que...?]: atestam-se 58,8% das ocorrências pela estratégia interrogativa padrão – ver exemplo (50) e 41,2% pela estratégia interrogativa '*highlighter* subset 1' – ver exemplo (51). Não foi atestada nenhuma ocorrência com a estratégia '*highlighter* subset 2' nos dados de 'Fala Espontânea'.

(50) **Que** exemplo vocês podem dar, por exemplo?

(51) **Que verbo é que** se encaixaria na primeira?

No *corpus* de 'Fala Espontânea', atestou-se um dado interessante: duas relativas coordenadas inseridas dentro de uma pergunta, como se vê em:

(52) Vocês tem exemplo concreto [$_{PP/DP}$ d'alguma [$_{CP\text{-}REL}$ língua no mundo **que** vocês conhecem] e [$_{CP\text{-}REL}$ **que** se expandiu]?

Aparentemente, a pergunta (52) seria uma pergunta do tipo sim/não, pois a pergunta não é introduzida por nenhum pronome interrogativo. O morfema *que* que ocorre duas vezes na sentença tem a função de um pronome relativo (ver subseção (4.1.1) do capítulo anterior) e não a de um pronome interrogativo. Pela presença de duas relativas restritivas, entende-se que uma resposta *sim/não* não satisfaria a intenção do locutor em (52).

Na próxima tabela, são quantificadas as ocorrências de movimento-Wh como o sintagma interrogativo *que* + *NP*.

Ocorrências	**Movimento-Wh**	
	Sim	*Não*
Quantidade	13	04
Porcentagem	76,4%	23,6%
Total	17	

Tabela (16) – Movimento-Wh do Sintagma Interrogativo *que* + *NP*

Em 76,4% das ocorrências com o interrogativo *que* + *NP,* dá-se o movimento-Wh da posição de base para a periferia da sentença interrogativa – ver exemplo (53). Em 23,6% das ocorrências, o sintagma interrogativo ocorre *in situ*, ou seja, não há movimento-Wh – ver exemplo (54).

(53) **Que verbo é que** se encaixaria na primeira?

(54) E a sugestão do texto que vemos logo a seguir, leva-nos **para que pessoa** do verbo?

Como se pode observar, em (54), não há movimento-Wh e a posição a que incide a pergunta é uma posição preposicionada. Essa relação entre não movimento-Wh e posições preposicionadas é retomada após a apresentação dos dados da tabela seguinte.

Ocorrências	**Posição Sintática a que Incide a Pergunta**				
	Posição Argumental				*Posição Não Argumental*
	Predicado/ Sujeito Pequena Oração	Sujeito	Objeto Direto	Complemento oblíquo	Adjunto Preposicionado
Quantidade	1	4	3	1	3
Porcentagem	8,3%	33,3%	25%	8,3%	25%
Total	12				

Tabela (17) – Função Sintática do Pronome-Wh *que* + *NP* dentro da Interrogativa em PCV

Quanto à posição sintática a que incide a pergunta introduzida pelo sintagma-Q *que* + *NP*, atestou-se o seguinte: (i) para posições argumentais, em 8,3% das ocorrências, a posição é de predicado/sujeito de uma pequena oração – ver exemplo (55); em 33,3% das ocorrências, a posição de sujeito – ver exemplo (56); em 25% das ocorrências, a posição é a de objeto direto – ver exemplo (57); e em 8,3% das ocorrências, a posição de complemento oblíquo – ver exemplo (58); (ii) para posições não argumentais, em 25% das ocorrências, a posição é a de adjunto preposicionado – ver exemplo (60).

(55) Alguém se lembra **que** lição é?

(56) **Que** verbo você acha que se encaixa aí?

(57) Nós vamos escrever primeiro pra ver **que** nome estamos a substituir.

(58) Ganharam **em que** sentido?

(59) **Que verbo é que** se encaixaria na primeira?

(60) Aqui, aquilo que a Jenifer acabou de ler, está **em que** pessoa?

Quanto às estratégias *Pied-piping* e *P-Chopping* com o sintagma interrogativo *que* + *NP*, observou-se um fato interessante: pela Tabela (15), vê-se que, em treze das ocorrências, dá-se movimento-Wh, e em quatro das ocorrências, o pronome interrogativo mantém-se *in situ*. As quatro ocorrências em que o pronome permanece *in situ* correspondem aos quatro casos em que a posição a que incide a pergunta é uma posição preposicionada como se vê na Tabela (16). Esse fato corrobora a tendência dos falantes do PCV, já observada com o interrogativo *o que*, em manter *in situ* os constituintes interrogativos quando a posição a que incide a pergunta é uma posição preposicionada.

5.1.5. **Pronome Interrogativo Onde**

O pronome interrogativo *onde* é o próximo na lista decrescente pelo número das ocorrências no *corpus* específico desta Tese, pelo que é descrito nesta subseção.

Ocorrências	Tipo de Interrogativa		
	Matriz	*Encaixada*	*Eco*
Quantidade	17	0	0
Porcentagem	100%	0%	0%
Total	17		

Tabela (18) – Tipos de Interrogativas Introduzidas pelo Pronome-Wh *Onde*

Como se atesta por meio da Tabela (18), 100% das ocorrências com o pronome interrogativo *onde* se dá em interrogativas matrizes, como exemplificado em (61).

(61) **Onde** está Paula Cristina?

Na tabela seguinte, apresentam-se as estratégias interrogativas atestadas com o interrogativo *onde*.

Ocorrências	**Estratégia Interrogativa**		
	Padrão [Onde...?]	*Highlighter*	
		Subset 1 [Onde + SER + Que...?]	*Subset 2* [Onde + Que...?]
Quantidade	5	10	2
Porcentagem	29,4%	58,8%	11,8%
Total	17		

Tabela (19) – Estratégia Interrogativa com o Pronome-Wh *Onde* em PCV

De acordo com os dados da Tabela (19), a estratégia interrogativa mais recorrente no *corpus* de 'Fala Espontânea' é a '*highlighter* subset 1', atestada em 58,8% do total das ocorrências – ver exemplo (62). A segunda estratégia mais usada é a padrão, atestada em 29,4% das ocorrências – ver exemplo (63). A estratégia '*highlighter* subset 2' ocorre em 11,8% dos dados – ver exemplo (64).

(62) Vamos então pedir que a Érica, **onde** está a Érica?

(63) **Onde é que** nascia pela primeira vez a língua?

(64) Ivandra, **onde que** está a Ivandra?

Em seguida, por meio da Tabela (20), quantificam-se as ocorrências do movimento-Wh envolvendo o interrogativo *onde*.

Ocorrências	**Movimento-Wh**	
	Sim	*Não*
Quantidade	16	01
Porcentagem	94,1%	5,9%
Total	17	

Tabela (20) – Movimento-Wh do Pronome-Wh *Onde*

Em termos de movimento-Wh, quando o elemento interrogativo é *onde*, atestou-se o deslocamento desse elemento da sua posição de base para Spec CP da sentença em 94,1% das ocorrências (ver exemplo (65)) e em apenas uma ocorrência, ou seja, em 5,9% não se dá o movimento-Wh (ver exemplo (66)).

(65) A**onde é que** eles vão buscar trabalho?

(66) INF 01: **existe um dia para falarmos sobre** o quê? Sobre?
INF 02: Alimentação
INF 01: sobre alimentação **onde**?
INF 02: No mundo

Em (66) foi reproduzido o contexto imediato do dado contendo o interrogativo *onde*. Esse dado se trata de um diálogo entre o professor e alunos em uma sala de aula do 5º Ano do ensino primário. Pelo contexto, a pergunta inteira pode ser reformulada como se vê em:

(67) Existe um dia para falarmos sobre alimentação **onde**?

Em (67), a interrogativa introduzida por *onde* incide sobre a posição sintática de complemento/adjunto adverbial do DP [alimentação] e não do verbo *falar*. Pela resposta dada pelos alunos, 'no mundo', é possível formular a resposta completa da pergunta em (67), como se vê em:

(68) Existe um dia para falarmos sobre alimentação no mundo

Como se vê pela resposta completa em (68) à pergunta em (67), o PP [no mundo] é adjunto do DP [alimentação] e não do verbo *falar*. Logo, em (67) não é licenciada a extração do constituinte interrogativo *onde* da sua posição de base para Spec CP.

Na tabela seguinte, apresenta-se a posição sintática a que incide as perguntas introduzidas por *onde*.

Ocorrências	**Posição Sintática a que Incide a Pergunta**
	Adjunto Adverbial
Quantidade	17
Porcentagem	100%
Total	17

Tabela (21) – Função Sintática do Pronome-Wh *onde* dentro da Interrogativa em PCV

Como se vê pelos dados da Tabela (21), a única função correspondente à posição sintática a que incide uma pergunta introduzida por *onde* é a de adjunto adverbial – ver exemplo em:

(69) **Onde é que** o homem sentiu pela primeira vez a necessidade de falar?

Não foi atestada nenhuma ocorrência da incidência do interrogativo *onde* em uma posição preposicionada dentro da interrogativa. Assim, também não foi possível verificar as estratégias *Pied-piging* e *P-chopping* com esse interrogativo.

5.1.6. **Pronome Interrogativo *Qual* + *NP***

O sintagma interrogativo *qual* + *NP* foi atestado em 17 ocorrências do *corpus* de 'Fala Espontânea', como se vê na tabela seguinte:

Ocorrências	**Tipo de Interrogativa**		
	Matriz	*Encaixada*	*Eco*
Quantidade	14	03	0
Porcentagem	82,3%	17,7%	0%
Total	17		

Tabela (22) – Tipos de Interrogativas Introduzidas pelo sintagma-Wh *Qual* + *NP*

82,3% das ocorrências com o interrogativo *qual* + *NP* se dão em interrogativas do tipo matriz – ver exemplo (70). Nos 17,7% restantes de ocorrências, as interrogativas são encaixadas – ver exemplo (71).

(70) Mas, **quais eram** mesmo as formas desse pronome?

(71) Não sei **qual é** o prazo pra apresentação do plano anual.

Na próxima tabela registra-se a quantidade de ocorrências das estratégias interrogativas atestadas com *qual* + *NP*.

Ocorrências	*Estratégia Interrogativa*		
	Padrão [Qual +NP...?]	*Highlighter*	
		Subset 1 [Qual +NP + SER + Que...?]	*Subset 2* [Qual +NP + Que...?]
Quantidade	3	14	0
Porcentagem	17,6%	82,4%	0%
Total	17		

Tabela (23) – Estratégia Interrogativa com o Pronome-Wh *Qual* + *NP* em PCV

Pelos dados da Tabela (23), atesta-se a predominância (82,4% das ocorrências) da estratégia interrogativa '*highlighter subset* 1' quando o constituinte interrogativo é *qual* + *NP* – ver exemplo (72). Em apenas 17,6% das ocorrências, a interrogativa realiza-se por meio da estratégia padrão – ver exemplo (73).

(72) **Quais são** as duas palavras **que** se repetem no quadro?

(73) Eu acho que quando vamos pensar **em qual** variante oficializar

Na tabela seguinte, quantifica-se o movimento-Wh atestado com o interrogativo *qual* + *NP*.

Ocorrências	**Movimento-Wh**	
	Sim	*Não*
Quantidade	17	0
Porcentagem	100%	0%
Total	17	

Tabela (24) – Movimento-Wh do Pronome-Wh Qual + NP

Em todas as 17 ocorrências atestadas, o sintagma interrogativo *qual* + *NP* é movido de sua posição de base para a periferia esquerda da sentença interrogativa – ver exemplo (74).

(74) **Quais são** as ideias **que** os pais tem?

Na próxima tabela, quantificam-se as ocorrências por posição sintática a que incide a pergunta introduzida por "qual".

Ocorrências	*Posição Sintática a que Incide a Pergunta*		
	Predicado/ Sujeito Pequena Oração	Sujeito	Objeto Direto
Quantidade	6	6	5
Porcentagem	35,3%	35,3%	29,4%
Total	17		

Tabela (25) – Função Sintática do Pronome-Wh *Qual* + *NP* dentro da Interrogativa em PCV

De acordo com os dados da Tabela (25), há uma distribuição equilibrada quanto às três posições sintáticas a que incide a pergunta, atestadas para o constituinte interrogativo *qual* + *NP* nos dados atestados no *corpus* de 'Fala Espontânea': em 35,3% das ocorrências, a posição sintática é a de predicado/sujeito de uma pequena oração – ver exemplo (75). Em igual porcentagem (35,3%) a posição é a de sujeito – ver exemplo (76). Em porcentagem próxima das duas anteriores (29,4%), a posição sintática é a de objeto direto – ver exemplo (77).

(75) **Qual foi** então a palavra substituída?

(76) **Qual** é a palavra **que** está a repetir aqui?

(77) **Quais são** as ideias **que** os pais tem?

Um fato observado é que todas as posições sintáticas a que incidem as perguntas introduzidas por *qual* + *NP* correspondem a posições argumentais. Não foi atestada nenhuma ocorrência em que a posição a que incide a pergunta fosse uma posição preposicionada. Logo, não foi possível verificar as estratégias *Pied-piping* e *P-chopping* com esse interrogativo na língua.

5.1.7. **Pronome Interrogativo *Por que***

O pronome interrogativo *por que* foi atestado em 12 ocorrências no *corpus* de 'Fala Espontânea", posicionando-se nesta sétima subseção descritiva.

À semelhança dos demais pronomes já descritos, começa-se por quantificar os tipos de interrogativas atestadas com *Por quê?*

Ocorrências	**Tipo de Interrogativa**		
	Matriz	*Encaixada*	*Eco*
Quantidade	10	02	0
Porcentagem	83,3%	16,7%	0%
Total	12		

Tabela (26) – Tipos de Interrogativas Introduzidas pelo pronome interrogativo *Por quê?*

Em 83,3% das ocorrências, as interrogativas introduzidas por *Por quê?* são do tipo matrizes – ver exemplo (78). Em apenas 16,7% das ocorrências, as interrogativas são do tipo pergunta indireta – ver exemplo (79).

(78) **Por que** os homens não colaboram?

(79) Vocês sabem **por que é que** surgiu esse dia, será que surgiu só pra gente comer?

Em seguida são quantificadas as estratégias interrogativas atestadas com o pronome interrogativo *Por quê?*

Ocorrências	**Estratégia Interrogativa**		
	Padrão [Por Quê..?]	*Highlighter*	
		Subset 1 [Por que + SER + Que...?]	*Subset 2* [Por que + Que...?]
Quantidade	06	02	04
Porcentagem	50%	16,7%	33,3%
Total	12		

Tabela (27) – Estratégia Interrogativa com o Pronome-Wh *Por quê?* em PCV

Quanto à estratégia interrogativa envolvendo o pronome interrogativo-Wh *Por quê?*, 50% das ocorrências é do tipo padrão – ver exemplo (80). Em 16,7% das ocorrências, a estratégia é '*highlighter subset* 1' – ver exemplo (81). Em 33,3% das ocorrências, a estratégia é a do tipo '*highlighter subset* 2'– ver exemplo (82).

(80) Todos estes fatores influenciam muito **porquê**?

(81) Vocês sabem **por que é que** surgiu esse dia?

(82) **Por quê que** diz que já não se passa mais?

Na tabela seguinte, quantificam-se as ocorrências do movimento-Wh envolvendo o interrogativo *por que*.

Ocorrências	**Movimento-Wh**	
	Sim	*Não*
Quantidade	7	5
Porcentagem	58,3%	41,7%
Total	12	

Tabela (28) – Movimento-Wh do Pronome-Wh *Por quê?*

Quanto ao movimento-wh do constituinte interrogativo, em 58,3% das ocorrências com o pronome *Por quê?* atesta-se movimento – ver exemplo (80). Em 41,7% das ocorrências, a realização dá-se *in situ*, ou seja, sem movimento-wh – ver exemplo (81).

(83) **Por que que** você pode estruturar?

(84) Eles não estão a encontrar trabalho **por quê**?

Na próxima tabela, quantifica-se a única posição sintática atestada a que incide a pergunta introduzida por *Por quê?*

Ocorrências	**Posição Sintática a que Incide a Pergunta**
	Adjunto Adverbial
Quantidade	12
Porcentagem	100%
Total	12

Tabela (29) – Função Sintática do Pronome-Wh *Por quê?*dentro da Interrogativa em PCV

A única posição sintática a que incide uma pergunta introduzida pelo pronome-Wh *Por quê?* dentro da sentença interrogativa é a de adjunto adverbial.

(85) E não há alunos **porquê**?

Por não haver nenhum dado em que a posição sintática a que incide a pergunta introduzida por *Por quê?* que seja preposicionada, não é possível verificar as estratégias *Pied-piping* e *P-chopping* com esse pronome interrogativo.

5.1.8. **Pronome Interrogativo *Quando***

O pronome interrogativo *quando* foi atestado em apenas 10 ocorrências no *corpus* de 'Fala Espontânea', razão pela qual é o penúltimo pronome-Wh descrito, seguindo a ordem decrescente do número de ocorrências.

Ocorrências	**Tipo de Interrogativa**		
	Matriz	*Encaixada*	*Eco*
Quantidade	09	01	0
Porcentagem	90%	10%	0%
Total	10		

Tabela (30) – Tipos de Interrogativas Introduzidas pelo pronome interrogativo *Quando*

90% das ocorrências com o pronome interrogativo *quando* se dá em sentenças matrizes – ver exemplo (83). Em uma ocorrência (correspondente a 10%), a realização dá-se em uma sentença encaixada – ver exemplo (84).

(86) **Quando é que** podemos dizer que a língua nasce?

(87) Quem se lembra **quando foi que** pela primeira vez a língua se expandiu?

Na próxima tabela, registra as ocorrências das estratégias interrogativas com *quando* atestadas no *corpus* de 'Fala Espontânea'.

Ocorrências	**Estratégia Interrogativa**		
	Padrão	*Highlighter*	
	[Quando...?]	*Subset 1* [Quando + *SER* + Que...?]	*Subset 2* [Quando + Que...?]
Quantidade	1	09	0
Porcentagem	10%	90%	0%
Total	10		

Tabela (31) – Estratégia Interrogativa com o Pronome-Wh *Quando* em PCV

A maioria das interrogativas (90%) introduzidas pelo pronome interrogativo *quando* se dá por meio da estratégia '*highlighter subset* 1' – ver exemplo (88). Há, porém, uma ocorrência que se assume ser a estratégia padrão, como exemplificado em (89).

(88) **Quando é que** os homens começaram a comunicar-se?

(89) Haham, isto é **pra quando**?

Em (89), considera-se que a estratégia é a padrão, pois, nesse caso, atesta-se uma construção copulativa. O verbo copulativo *SER* em (89) não é o mesmo que se atesta em construções clivadas como em (88). Essa questão é analisada com mais pormenores no próximo capítulo.

Na próxima tabela, quantificam-se as ocorrências de movimento-Wh envolvendo o interrogativo *quando* no *corpus* de 'Fala Espontânea'.

Ocorrências	**Movimento-Wh**	
	Sim	Não
Quantidade	09	01?
Porcentagem	90%	10%?
Total	**10**	

Tabela (32) – Movimento-Wh do Pronome-Wh Quando

Comparando os dados das Tabelas (31) e (32), pode-se observar que há uma correspondência entre a estratégia clivada e o movimento-Wh: um fato observado com todos os pronomes descritos até então é o de que, quando a estratégia interrogativa é *highlighter*, deve ocorrer movimento-Wh obrigatório dos constituintes para Spec CP da sentença interrogativa. Ver exemplo de dado com movimento-Wh envolvendo *quando* em:

(90) **Quando é que** estamos em presença do nascimento de uma língua?

Quanto ao único caso em que supostamente não houve movimento-Wh, trata-se, do caso identificado como estratégia padrão por meio de uma construção copulativa, como se vê no dado (89) renumerado em:

(91) Haham, isto é **pra quando**?

No dado (91), apresentam-se algumas peculiaridades que corroboram fatos já apontados ao longo da descrição acima dos demais pronomes interrogativos. Para evidenciar mais essas peculiaridades, apresenta-se, a seguir a, tabela em que se quantificam as ocorrências por posição sintática a que incide as perguntas introduzidas por *quando*.

Ocorrências	**Posição Sintática a que Incide a Pergunta**	
	Complemento Oblíquo	*Adjunto Adverbial*
Quantidade	01	09
Porcentagem	10%	90%
Total	10	

Tabela (33) – Função Sintática do Pronome-Wh *Quando* dentro da Interrogativa em PCV

Como se pode observar pelos dados da Tabela (29), mantém-se a relação entre as duas posições sintáticas atestadas e os dados das Tabelas (28) e (29). Em 90% das ocorrências, a posição sintática a que incide a pergunta introduzida pelo pronome interrogativo *quando* dentro das interrogativas é a de adjunto adverbial – ver exemplo (92). Em 10% das ocorrências, a função é a de complemento oblíquo, como se vê no exemplo (93).

(92) **Quando é que** isso começou mesmo?

(93) Isto é **pra quando**?

A leitura inferida é de que quando a estratégia interrogativa é a *highlighter*, a única função sintática possível do pronome interrogativo *quando* dentro da interrogativa é a de adjunto adverbial. O único caso de complemento oblíquo atestado é o mesmo que vem sendo apresentado ao longo da descrição do interrogativo *quando*.

Como já foi mencionado acima, assume-se que, em (93), não há movimento-Wh, e isso pode ser corroborado de duas maneiras: (i) primeiramente, esse dado segue a tendência observada ao longo da descrição dos outros pronomes já descritos: quando a posição é preposicionada, a tendência é deixar os constituintes interrogativos *in situ* se a preposição deve ser mantida; (ii) em segunda instância, pode-se argumentar que o PP [pra quando] pode ser tanto o argumento interno quanto o argumento externo da pequena oração ligada pela cópula *é*. Caso seja interpretado como argumento interno, o que parece a leitura mais provável pela presença da preposição, então não houve movimento-Wh, pois entende-se que os constituintes interrogativos foram mantidos *in situ*.

5.1.9. Pronome Interrogativo *Quanto* + *NP*

O pronome interrogativo *quanto* necessita de um restritor nominal, pois não traz embutido em si o domínio de operação. Esse pronome varia quanto a gênero e número;

sua variação quanto ao número depende de elementos contáveis ou não contáveis, selecionados como seu restritor nominal: para elementos não contáveis, *quanto* não varia em número, somente em gênero, já para elementos contáveis, varia tanta em gênero quanto em números.

No *corpus* de 'Fala Espontânea', foi atestada apenas uma ocorrência com o pronome interrogativo *quanto*:

(94) **Quantos** testes fazer?

O NP [testes] é um elemento contável, logo, o pronome interrogativo *quantos* apresenta concordância tanto em gênero quanto em número com o NP selecionado como seu restritor nominal. Essa relação de concordância entre o pronome interrogativo e seu restritor nominal serve para corroborar a análise que se assume nesta Tese de que os pronomes-Wh são DPs, e como tais, são parte de um conjunto da categoria funcional DP, pelo que pronomes-Wh precisam sempre selecionar uma categoria lexical NP como complemento (ainda que com conteúdo fonológico nulo como se apresenta na seção de análise deste capítulo) – este aspecto é fundamental para a derivação tanto das sentenças interrogativas quanto das sentenças relativas.

Quanto ao movimento-Wh, na pergunta em (94), segue-se a mesma preferência observada até agora: a de alçamento dos constituintes interrogativos de sua posição sintática dentro da sentença para a posição Spec CP da sentença interrogativa. Pela quantidade quase nula de ocorrências do pronome interrogativo *quanto + NP,* não foi possível verificar os demais aspectos verificados em outros pronomes interrogativos: tipos de interrogativas (encaixadas ou matrizes) as estratégias interrogativas (padrão ou '*highlighter*'), as posições sintáticas a que incidem as perguntas dentro do CP interrogativo, as estratégias *Pied-piging* ou *P-chopping* envolvendo sintagmas preposicionados.

Para concluir a descrição dos pronomes interrogativos em PCV, apresenta-se, na próxima página, uma tabela resumo de toda a descrição apresentada nesta primeira parte.

Pronome Interrogativo	Tipo de Interrogativa			Estratégia Interrogativa			Movimento-Wh		Posição Sintática a que Incide a Pergunta							Estratégia com Preposição				Total
									Posição Argumental					Posição Não Argumental						
					'Highlighter'											Movimento		Apagamento		
	Matriz	Indireta	Eco	Padrão	*Subset 1*	*Subset 2*	Sim	Não	Predicado ou Sujeito SC	Sujeito	Objeto Direto	Objeto Indireto	Complemento Oblíquo	Complemento nominal	Adjunto Adverbial	Sim	Não	Sim	Não	
O quê?	60	4	1	30	12	23	51	14	6	3	49	-	4	2	1	1	6	1	6	65
Como?	48	1	0	6	42	1	49	0	-	-	-	-	-	-	49	-	-	-	-	49
Quem?	20	4	0	14	9	1	24	0	3	18	2	0	0	1	0	1	0	0	1	24
Que + NP?	14	3	0	10	7	0	13	4	6	4	3	0	1	0	3	0	4	0	4	19
Onde?	17	0	0	5	10	2	16	1	-	-	-	-	-	-	17	0	0	0	0	17
Qual + NP?	14	3	0	3	14	0	17	0	6	6	5	-	-	-	-	0	0	0	0	15
Por quê?	10	2	0	6	2	4	7	5	-	-	-	-	-	-	12	-	-	-	-	12
Quando ?	09	1	0	1	9	0	9	1	-	-	-	-	1	-	9	-	1	-	1	10
Quanto + NP?	01	0	0	1	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	-	-	-	-	01
Total	193	18	1	76	105	31	187	25	21	31	60	0	6	3	91	2	11	1	12	212
%	91,%	8,4%	0,5%	35,5%	49,5%	14,6%	88,2%	11,7%	9,9%	14%	28%	0%	3%	1,4%	439%	15%	85%	7%	93%	100%

Tabela (34) – Resumo da Descrição dos Pronomes Interrogativos em PCV

5.2. ANÁLISE DERIVACIONAL DOS PRONOMES INTERROGATIVOS-Q EM PCV

Nesta segunda parte do capítulo sobre os pronomes interrogativos em PCV, apresenta-se a análise sintática desse grupo de pronomes-Wh à semelhança do que foi feito com os pronomes relativos no capítulo anterior. Inicia-se com a análise do subgrupo das interrogativas encaixadas (indiretas) por motivos explicados a seguir.

5.2.1. **Semelhanças Estruturais/Sintáticas entre Interrogativas Indiretas e Relativas Livres**

Para dar início à análise das sentenças interrogativas-Wh no PCV, opta-se por começar com a análise das interrogativas indiretas. Esta opção toma como base o fato das interrogativas indiretas apresentarem semelhanças estruturais com um grupo de sentenças já descritas e analisadas no capítulo anterior, as relativas, mais precisamente as sem antecedente nominal explicito. Segundo Móia (1992: 36), existe um grupo de sentenças que apresentam leituras ambíguas, "*em que uma dada sequência pode ser interpretada como relativa sem antecedente expresso ou, alternativamente, como interrogativa indireta*". Essa ambiguidade apontada por Móia (op.cit.) pode ser vista em:

(95) Não sei **quem** faz o programa de ensino

Logo, fica-se em dúvida se o dado (95) é uma construção relativa sem antecedente nominal ou uma interrogativa-Wh indireta. Essa dúvida advém do fato de que o morfema *quem* que introduz a oração encaixada [quem faz o programa de ensino] apresenta a mesma forma tanto para introduzir relativas sem antecedente nominal quanto para introduzir interrogativas-Wh indiretas, e, sem precisar de um restritor nominal. Móia (1992: 24-30) apresenta testes sintáticos para verificar se uma sentença como (95) é uma construção relativa sem antecedente nominal ou uma interrogativa indireta.

Um dos testes sintáticos apontado por Móia (op. cit.) consiste em verificar se o predicador verbal que seleciona a oração encaixada pode selecionar interrogativas indiretas. Assim, para demonstrar o teste, substitui-se o predicador verbal, em (95), por

outro predicador verbal que normalmente não seleciona uma interrogativa-Wh indireta como seu argumento[80]:

(96) Não elogiei **quem** faz o programa de ensino

Segundo Móia (op. cit.), para averiguar se o predicado verbal seleciona estruturas oracionais interrogativas, o constituinte deve ser substituído por estruturas inequivocamente interrogativas:

(97) a) Não sei **se o MEC** faz o programa de ensino
a') *Não elogiei **se o MEC** faz o programa de ensino

b) Não sei **quais as pessoas que** fazem o programa de ensino
b') *Não elogiei **quais as pessoas que** fazem o programa de ensino

c) Não sei **que pessoa** faz o programa de ensino
c') *Não elogiei **que pessoa** faz o programa de ensino

d) Não sei **quem é que** faz o programa de ensino
d') *Não elogiei **quem é que** faz o programa de ensino

Como se pode observar no grupo de dados em (97), com o predicador verbal [sei], a substituição do constituinte interrogativo por estruturas inequivocamente interrogativas dá origem a estruturas gramaticais, diferentemente de quando se usa o predicador verbal [elogiei]. Logo, seguindo os testes de Móia (1992), pode-se concluir que o predicador verbal [sei] pode selecionar uma interrogativa como seu argumento interno (diferentemente do predicador verbal [elogiei]). Sendo assim, a oração encaixada em (95) é uma interrogativa-Wh indireta.

Para evidenciar as diferenças estruturais entre uma oração encaixada relativa e oração encaixada interrogativa-Wh como se vê nos dados (95) e (96), opta-se por iniciar com um conjunto de dados em que todos os constituintes no CP da oração encaixada sejam elementos explícitos, ou seja, apresentam conteúdo fonológico na Interface Fonológica. Para tal, recorre-se à análise de dois dados com conteúdo lexical semelhante, apresentando diferença em apenas um item lexical:

(98) Você viu **o menino que** trouxe o livro?
(99) Você viu **que menino** trouxe o livro?

---

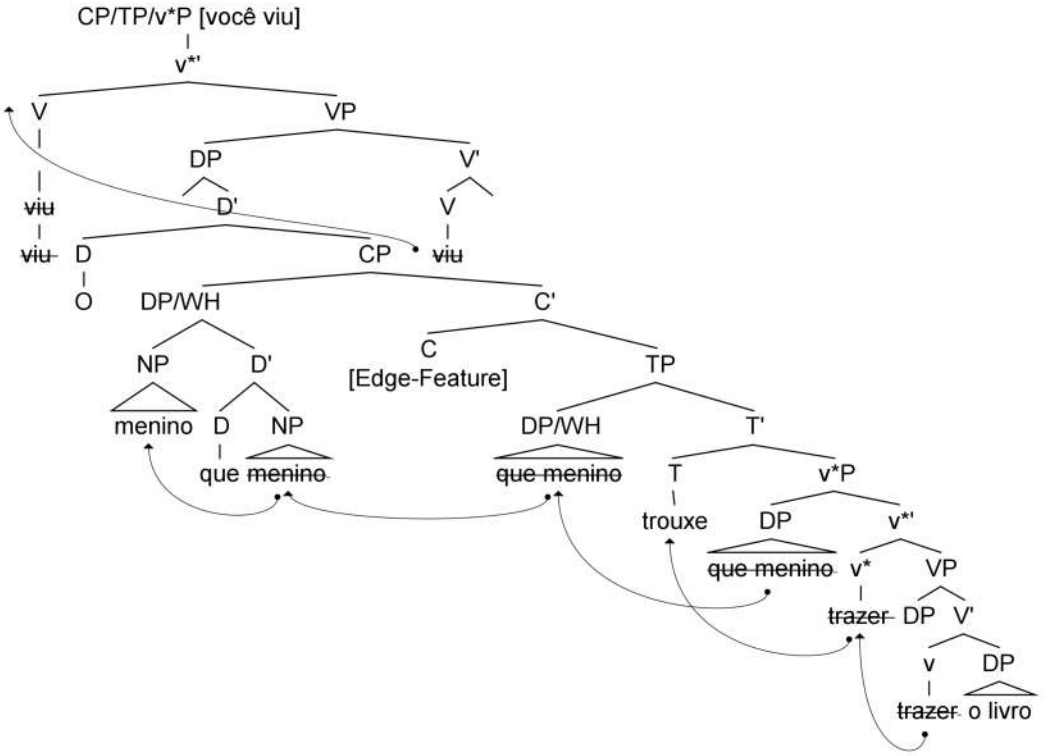
[80] Optou-se por usar o verbo *elogiar*, o mesmo utilizado por Móia (1992) em seus testes.

Tanto a sentença (98) quanto a (99) são sentenças interrogativas, porém as duas contêm orações encaixadas com estruturas sintáticas diferentes: a (98) contém uma oração encaixada relativa e a (99) contém uma interrogativa indireta. Por conseguinte a pergunta em (98) se configura com uma pergunta do tipo sim/não (não há um pronome interrogativo em toda a sentença); já em (99), há uma interrogativa dupla, sendo a pergunta matriz [você viu] uma pergunta sim/não e a pergunta encaixada uma pergunta-Wh. Para proceder à análise das duas sentenças com construções subordinadas, retomam-se as duas sentenças seguidas de seus respectivos Arranjos Lexicais e diagramação arbórea[81].

(100) a) Você viu **o menino que** trouxe o livro?

b) AL = {SAL_2 = {C_1, T_1}, SAL_1 = {v^*_1, o_1, $menino_2$, que_2, $trouxe_1$, o_1, $livro_1$}}

c)

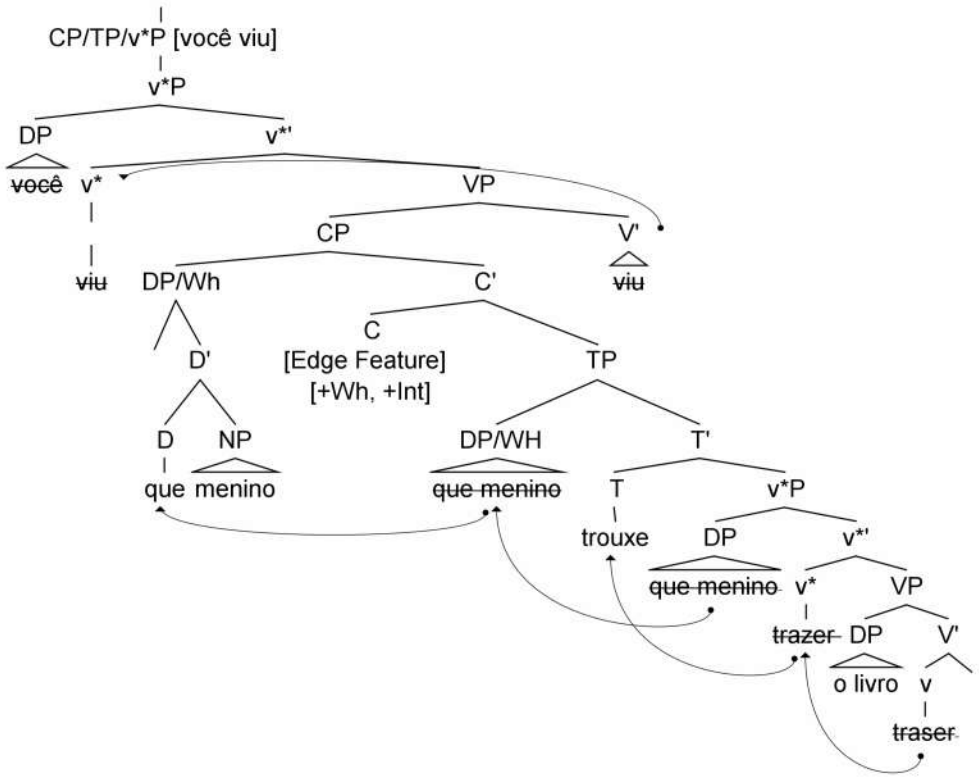


(101) a) Você viu **que menino** trouxe o livro?

b) AL = {SAL_2 = {C_1, T_1}, SAL_1 = {v^*_1, que_2, $menino_2$, $trouxe_1$, o_1, $livro_1$}}

[81] Por questões de economia, apresenta-se apenas a derivação das orações encaixadas.

c)



Pela análise em (100), assume-se que, por se tratar uma oração relativa, o verbo *ver* seleciona um DP (segundo a proposta de Kayne (1992: 87)) como seu argumento interno, neste caso o artigo definido *o*, e é este DP que seleciona o CP REL [menino que trouxe o livro] como seu complemento. Na posição relativizada, nesse caso a posição de argumento externo do verbo *trazer*, o constituinte relativizado se origina como o DP [que menino], em que o pronome relativo *que* desempenha a função de determinante desse grupo nominal. Após o movimento-Wh para Spec CP relativo, o NP [menino] é alçado para posição de Spec DP-WH, e nessa posição linear é enviada à interface fonológica na altura da operação *Spell-out* da fase do CP da oração encaixada.

Já para a análise em (101), assume-se que, por se tratar de uma oração interrogativa-Wh encaixada, o verbo *ver* seleciona o CP [que menino trouxe o livro] diretamente como seu complemento, isto é sem a intermediação de um DP como acontece em (100).

Como se pode observar pelas análises, tanto na oração encaixada relativa (100.c) quanto na oração encaixada interrogativa (101.c), o DP argumento externo do verbo *trazer*, do CP encaixado, apresenta a mesma forma DP [que menino]. Tal análise

corrobora a proposta de Kayne (1992: 89), já mencionada, de que os pronomes relativos originam como DPs que posteriormente se desassociam dos respectivos NPs pelo movimento que se dá no Spec do CP relativo. Baseando-se nesta análise de Kayne (1994) para as relativas, assume-se que, em (101), o pronome interrogativo *que* se origina como o DP do sintagma a que se incide a pergunta (nesse caso [$_{DP}$ que menino]), e depois é movido para Spec do CP encaixado sem se desassociar, posteriormente, do seu respectivo NP complemento *menino* como acontece no caso do *que* relativo.

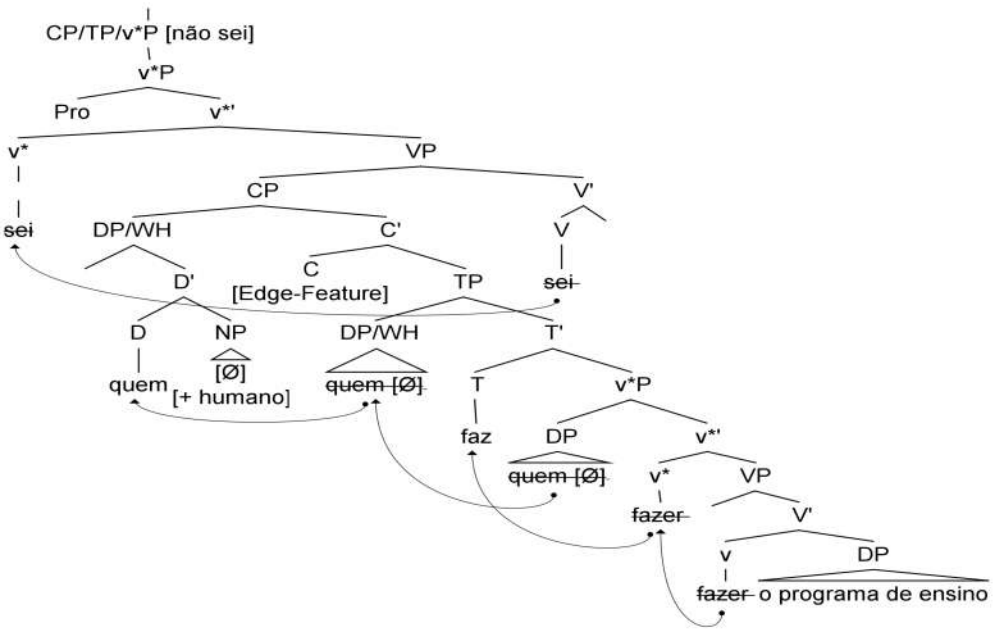
Optou-se por iniciar a derivação das interrogativas, tomando como base a diferenciação entre relativas livres e interrogativas indiretas por meio dos dados (100) e (101), por estas apresentarem, de forma explícita, todos os constituintes na periferia de suas respectivas orações encaixadas: há um restritor nominal *menino* no caso da interrogativa, e um DP explícito *o,* no caso da relativa, e, no caso da interrogativa o morfema *que* é o próprio DP.

Agora, são retomados, para análise, os dados (95) e (96) com que se iniciou esta análise, pois esses não apresentam nem um DP explícito (no caso da relativa) nem um restritor nominal (no caso da interrogativa) como se vê na renumeração desses dados em (102) e (103) seguidos de respectivos Arranjos Lexicais e diagramação arbórea:

(102) a) Não sei **quem** faz o programa de ensino

b) AL = {SAL_2 = {C_1, T_1 }, SAL_1 = {v^*_1, $quem_2$, NP $[Ø]_2$, faz_1, o_1, $programa_1$, de_1, $ensino_1$}}

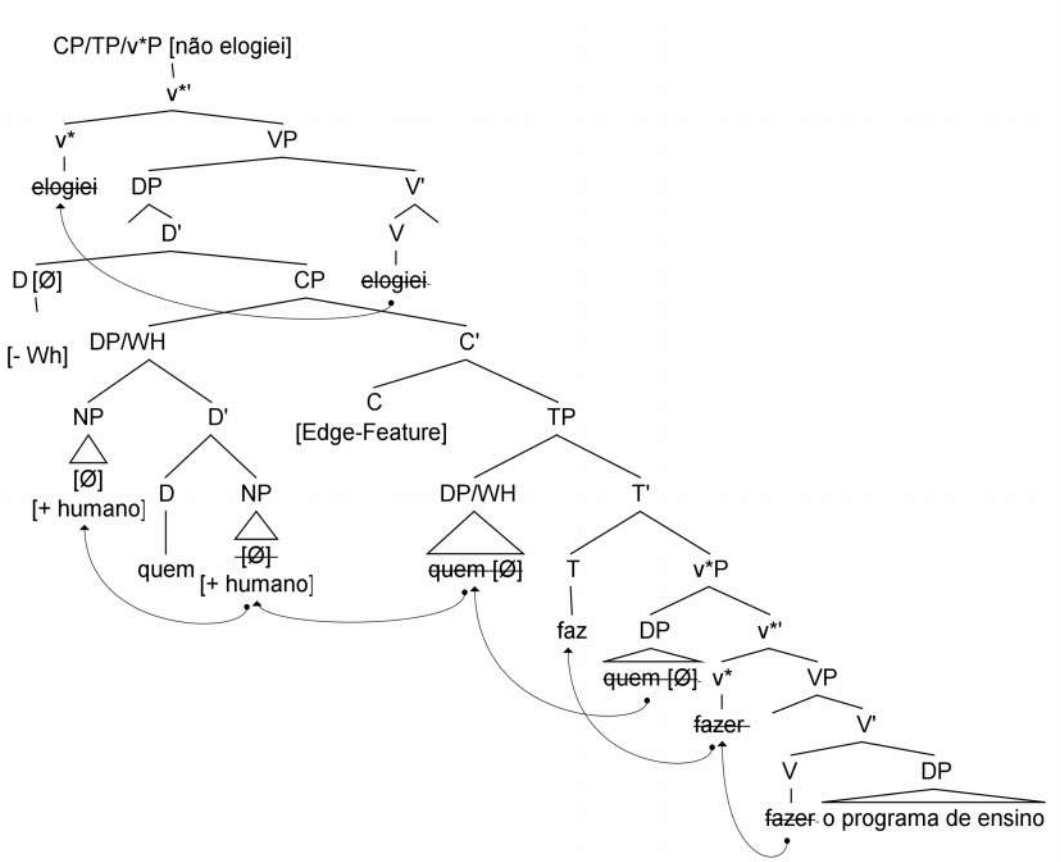
c)



(103) a) Não elogiei **quem** faz o programa de ensino

b) AL = {SAL_2 = {C_1, T_1 }, SAL_1 = {v^*_1, $quem_2$, faz_1, NP $[Ø]_2$, o_1, $programa_1$, de_1, $ensino_1$}}

c)



Em termos de subarranjo lexical, na fase de v*P, as duas orações encaixadas apresentam os mesmos itens lexicais e com o mesmo índice [AL_1 = v^*_1, $quem_2$, NP $[Ø]_2$, faz_1, o_1, $programa_1$, de_1, $ensino_1$] – ver (102.b) e (103.b)). Como se pode observar, assume-se a presença de um elemento nominal (NP [Ø]) com conteúdo fonológico nulo, mas que não seja desprovido de valor semântico. Para tal análise, baseia-se no fato de que, como já apresentado, assume-se os pronomes-Wh como DPs. Por serem DPs, os pronomes-Wh pertencem a uma categoria funcional que requer uma categoria lexical como seu complemento, como se vê em Mioto, Silva & Lopes (2007: 60):

> O DP domina o NP atuando sobre ele de modo paralelo ao que faz o TP com o VP: o D constrói a referencialidade de NP, conferindo-lhe estatuto de argumento. Esta é a razão pela qual chamamos os argumentos de DP em vez de NP. A categoria lexical NP é dominada por uma categoria funcional DP de modo paralelo à categoria VP, que é dominada por TP.

No caso dos dados em análise, assume-se o pronome-Wh *quem* como um DP cujo complemento nominal é um NP com traço fonológico nulo, mas com traço semântico [+ humano]. Tal como foi apresentado, ao introduzir este capítulo, o pronome-Wh *quem* é considerado como um dos pronomes-Wh que traz traço semântico inerente. Porém, o traço semântico [+ humano] não é um traço característico de constituintes funcionais como um DP, mas sim de constituintes lexicais como NP. Logo, a proposta é de que o pronome-Wh *quem*, enquanto DP, necessita de um NP complemento para carregar esse traço semântico [+ humano].

Pela análise acima, segue-se um dos princípios do programa minimalista, que é o de economia, pois assume-se uma estrutura geral para todos os pronomes interrogativos:

(i) os ditos *possuírem traço semântico inerente* são tratados como DPs que selecionam NPs complementos nulos em termos fonológicos, mas com valor semântico específico para cada pronome:

Onde = [$_{DP}$ [$_{D^o}$ onde [$_{NP}$ Ø do qual se abre uma variável com valor semântico [+ lugar]]];

Quem = [$_{DP}$ [$_{D^o}$ quem [$_{NP}$ Ø do qual se abre uma variável com valor semântico [+ humano]]];

Quando = [$_{DP}$ [$_{D^o}$ quando [$_{NP}$ Ø do qual se abre uma variável com valor semântico [+ tempo]]];

O quê = [$_{DP}$ [$_{D^o}$ o quê [$_{NP}$ Ø do qual se abre uma variável com valor semântico [+ coisa]]];

Como = [$_{DP}$ [$_{D^o}$ como [$_{NP}$ Ø do qual se abre uma variável com valor semântico [+ modo]]];

Por que = [$_{DP}$ [$_{D^o}$ por que [$_{NP}$ Ø do qual se abre uma variável com valor semântico [+ causa]]];

(ii) os ditos *não possuírem traço semântico inerente* são inequivocamente DPs, pois requerem obrigatoriamente um restritor nominal como complemento:

Qual = [$_{DP}$ [$_{D^o}$ qual [$_{NP}$ explícito do qual se abre uma variável com valor semântico [+ propriedade]]];

Quantos = [$_{DP}$ [$_{D^o}$ quantos [$_{NP}$ explícito do qual se abre uma variável com o traço [± contável]]];

Que = [$_{DP}$ [$_{D^o}$ que [$_{NP}$ explícito do qual se abre uma variável com qualquer valor semântico]]];

Ainda, seguindo o princípio de economia, propõe-se uma estrutura geral para os pronomes interrogativos. Como se pode ver pela análise (103.c), mesmo quando o antecedente nominal é implícito, assume-se a presença de um DP nulo, mas com um traço categorial [- Wh]. Pela mesma análise, assume-se que esse DP possui os mesmos traços funcionais que DPs explícitos. Assim, entende-se também que no caso de relativas sem antecedente nominal explicito, o NP com conteúdo fonológico nulo selecionado pelo DP/WH relativo (pronome relativo) é também alçado para a posição de Spec DP-WH (pronome relativo). Para tal análise, toma-se como base o fato de que dois DPs não podem ocorrer em sequência linear, mesmo que apresentam traços primitivos diferentes como no caso dos DPs canônicos e DPs-WH (pronomes relativos), como se vê nos dados (98) e (99) reenumerados em:

(104) Você viu **o menino que** trouxe o livro?
(105) Você viu **que menino** trouxe o livro?

Como se observa nos dados (104) e (105), o DP "o" e o DP/Wh *que* estão em distribuição complementar, ou seja, só pode um ou o outro por vez, mas não os dois em sequência linear numa mesma sentença:

(106) *Você viu **o que menino** trouxe o livro?

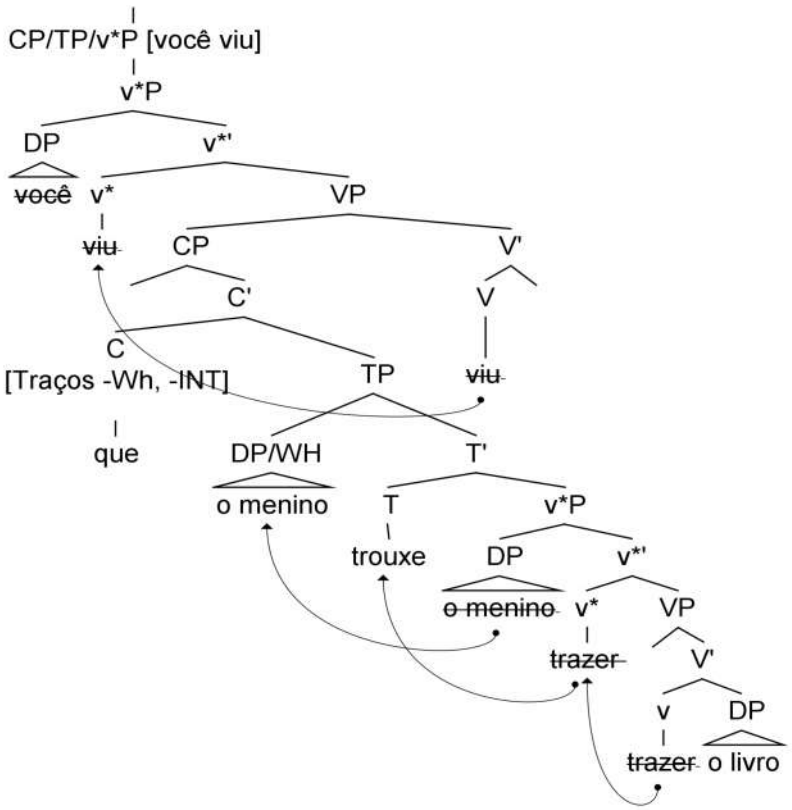
A agramaticalidade em (106) se deve ao fato de que o DP *o* e o DP/Wh *que*, enquanto DPs (ainda com traços primitivos diferentes, [- Wh] e [+ Wh] respectivamente) não podem ocorrer nem em sequência linear nem estrutural. Valendo-se deste ensejo, aproveita-se ainda para corroborar a diferença, já apontada, entre o *que* DP-Wh e o *que* complementizador/conectivo. Para tal, retoma-se o dado (106) alterando a ordem dos morfemas *o* e *que*, como se vê em:

(107) Você viu **que o menino** trouxe o livro?

A sentença em (107) continua sendo uma interrogativa (do tipo sim/não) com uma oração encaixada, mas desta feita não mais nem relativa nem interrogativa indireta, mas sim uma completiva, como demonstrado pela análise que segue:

(108) a) Você viu **que o menino** trouxe o livro?

b)



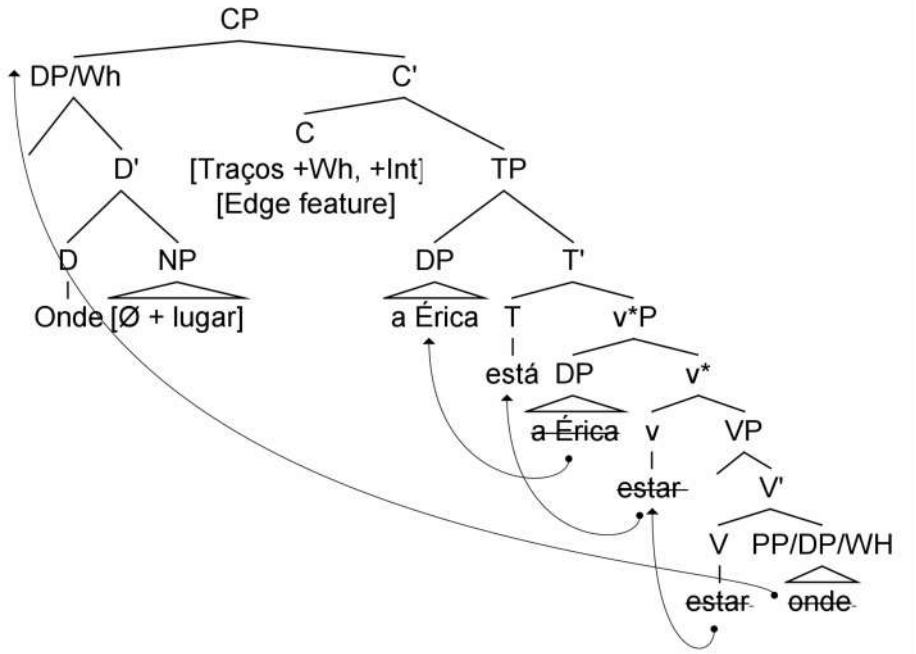
Pela análise (108.b) vê-se que o morfema *que* em tal contexto não é mais um DP-Wh, mas um complementizador/conectivo. Como se pode ver o núcleo do CP, em que é inserido o morfema *que* possui traços funcionais [-Wh, -Interrogativo]. Por essa razão o DP [o menino] não sofre movimento-Wh para Spec CP. Logo, não há a ocorrência de dois DPs em sequência linear nem estrutural, sendo assim o dado (108) uma sentença gramatical, mas com outra leitura semântica e estrutura sintática diferente das já apresentadas.

5.2.2. **Derivação das Interrogativas Matrizes**

Como já foi mencionado, seguindo o princípio de economia, tal como proposto no programa minimalista, assume-se uma estrutura geral para as interrogativas. Iniciou-se a análise das interrogativas com o subgrupo das interrogativas indiretas. Agora, busca-se corroborar a mesma estrutura para as interrogativas matrizes. Seguindo as análises já apresentadas, retomam-se a seguir duas sentenças contendo interrogativas matrizes introduzidas por um pronome-Wh com traço semântico inerente e ou outro por um pronome-Wh que requer um restritor nominal respectivamente:

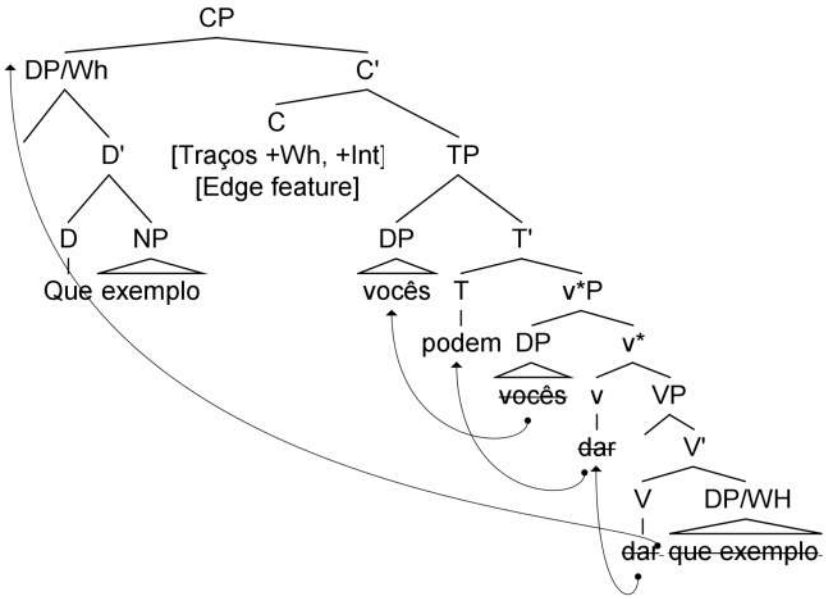
(109) a) **Onde** a Érica está?

b)



(110) a) **Que exemplo** vocês podem dar

b)



Pelas análises em (110) e (111), vê-se a mesma estrutura já apresentada para os CPs interrogativos-Wh encaixados. O núcleo do CP contém traços [+ Wh, + Interrogativo] e ainda um '*edge feature*'. Esse '*edge feature*' é o responsável para o movimento dos

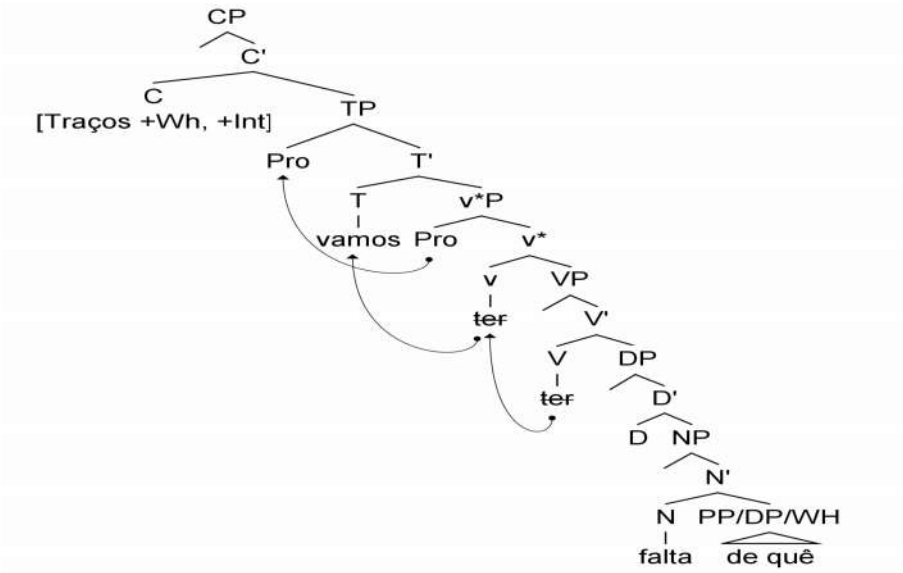
constituintes interrogativos de sua posição original como argumento do verbo (*estar* em (109) e *poder dar* em (110)) para Spec CP.

Em (109), seguindo a proposta já apresentada, o pronome-Wh *onde* é analisado como um morfema funcional, um DP-Wh, que seleciona um núcleo lexical, um NP nulo. É esse NP sem conteúdo fonológico, enquanto categoria lexical, que carrega o traço semântico [+ lugar] dito ser um traço inerente do pronome-Wh *onde*. Tal análise mantém-se em conformidade com a análise em (110), em que o pronome-Wh *que* seleciona um NP explícito, nesse caso o NP [exemplo], dito ser o seu restritor nominal. Seguindo tal raciocínio, entende-se que a diferença entre pronomes-Wh do tipo *onde* (com traço semântico inerente) e pronomes-Wh do tipo *que* (sem traço semântico inerente) não é em termos estruturais, mas sim em termos de propriedades c-selecionais.

5.2.3. **Derivação de Interrogativas *in situ* ou com *P-chopping***

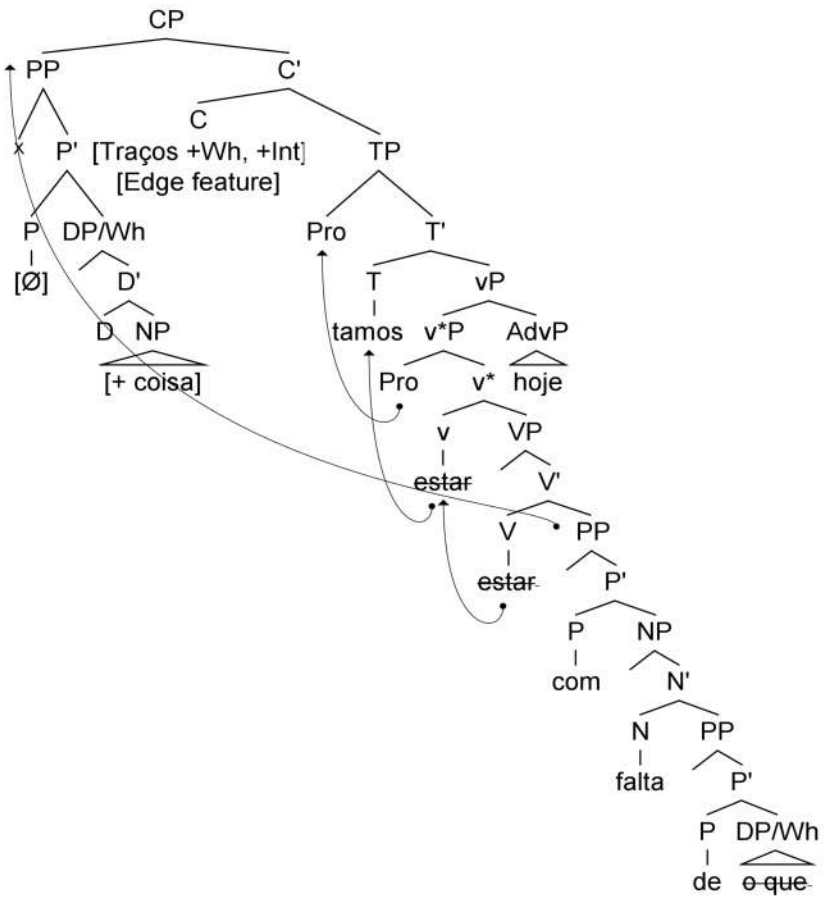
Até aqui, foram apresentadas apenas interrogativas com movimento-Wh em PCV. Como demonstrado na seção de descrição, PCV se caracteriza como uma língua preferencialmente de movimento-Wh. Porém, observou-se a ocorrência de interrogativas *in situ* em casos bem específicos: a tendência observada é a de que quando a posição a que incide a pergunta é um constituinte preposicionado, ele não é movido, ou se é movido, dá-se, preferencialmente, o apagamento da preposição. Assim, para a análise derivacional, são retomadas, a seguir, duas sentenças: um sem movimento-Wh (111) e outra com a estratégia *P-chopping* (112):

(111) a) vamos ter falta **de quê**?



(112) a) ...aqui em Cabo Verde por exemplo [$_P$ **Ø o que que** tamos com falta hoje que está com muito calor?

b) **o que** tamos com falta hoje[82]



A principal diferença estrutural entre a derivação em (111) e a em (112) consiste no traço formal '*edge feature*' contido ou não no núcleo do CP: (i) pela análise dos dados do tipo em (111), ou seja, quando a posição a que incide a pergunta é um sintagma PP, entende-se que o núcleo de tais CPs não contêm o traço '*edge feature*', razão pela qual o PP é enviado para a interface fonológica *in situ*, a quando da operação *Spell-out* da fase do CP; (ii) pela análise em (112), entende-se que, quando a posição a que incide a pergunta é um sintagma PP e o núcleo do CP conter um traço '*edge feature*', dá-se a estratégia *P-chopping*, pois os constituintes interrogativos são movidos para posição Spec do CP e a preposição é apagada.

[82] Neste dado, omitiu-se, propositadamente, o segundo morfema *que*. Nesse caso se trata de uma interrogativa-Wh do tipo *highlither Subset* 2. A derivação desse tipo de dado é apresentada no próximo capítulo.

Tanto no dado (111) quanto no dado (112), a posição a que incide a pergunta é a de complemento nominal preposicionado do NP [falta], um NP requer como seu complemento a preposição *de*, que por vez pode selecionar tanto um NP quanto um CP complemento. Em (111) a realização fonológica dessa preposição parece ser a razão pela qual os constituintes interrogativos não sofrem movimento-Wh, são mantidos *in situ*. Em (112) o movimento-Wh dos constituintes interrogativos causa o apagamento da preposição.

Ainda a respeito de interrogativas que incidem sobre posições preposicionadas, chama-se para análise os dados coletados através do Questionário de Elicitação Formal. Para elicitar perguntas-Wh em PCV, recorreu-se a dados em CCV de Alexandre (2009). Utilizou-se um total de 16 sentenças interrogativas, como se vê na parte 2 do Apêndice (5). Em praticamente todas as sentenças escolhidas para elaborar o questionário, a pergunta incide sobre uma posição preposicionada dentro do CP interrogativo. Pela análise dos dados obtidos, foram constatados fenômenos que corroboram e esclarecem fatos já apontados pela análise dos dados de 'Fala Espontânea', como se apresenta a seguir.

Quando a posição sintática a que incide a pergunta for a de um complemento oblíquo observou-se o seguinte:

(i) quando o pronome-Wh usado é *quem* e a posição a que incide a pergunta for um complemento oblíquo, a preposição é sempre realizada – ver os dados do apêndice (5) para a sentença para elicitação de interrogativa (4). A sentença em CCV usada para elicitação desse grupo é de Alexandre (2009: 98):

(113) Bu ka sabe **[**$_{PP/OBLNucl}$ **ku kenha]** ki bu sa ta
2SG NEG know(IPFV) with who that 2SG PROGR
papia **[~~ku kenha~~]?**
talk
'Don't you know with whom are you talking?'

Todos auxiliares linguísticos (ALing) forneceram versões em PCV com realização fonológica da preposição, pois o apagamento da preposição em tal contexto geraria uma sentença agramatical; o verbo [falas] ou [estás a falar] apresenta concordância com um PRO da segunda pessoa do singular e *quem* normalmente possui marcas morfológicas de terceira pessoa.

Observou-se fenômeno semelhante nas versões fornecidas pelos ALings para a sentença de elicitação de interrogativas (5), de Alexandre (2009: 99):

(114) **[**$_{PP/OBLNucl}$ **Di kenha]** ki bu ka kre pa nu
of who that 2SG NEG want(IPFV) for 1PL
gosta **[~~di kenha~~]?**
like
Lit.: 'Of whom you don't want us to like?'
'Who don't you want us to like?'

Esse fato corrobora a observação feita através do único dado do *corpus* de 'Fala Espontânea' em que a posição a que incide a pergunta é preposicionada, dá-se movimento-Wh e a preposição não é apagada (Conferir dados da Tabela (34)). Esse dado corresponde exatamente a uma pergunta introduzida pelo pronome-Wh *quem* e incide sobre a posição de complemento oblíquo, como se vê no dado (34) renumerado em:

(115) ... eu não sei **de quem** foi a ideia

Nos dados de 'Fala Espontânea' foi atestada apenas esse dado do tipo. Porém, os dados de 'Elicitação Formal' (um total de 32) corroboram a estratégia *Pied-piping* quando a pergunta introduzida pelo pronome-Wh *quem* incide sobre a posição de complemento oblíquo;

(ii) quando a pergunta incide sobre a posição de complemento oblíquo e no dado fornecido em CCV conter uma preposição explícita, praticamente todos ALings apresentaram a estratégia *Pied-piping* – ver as sentenças para elicitação de interrogativas (6) e (7) do Questionário de Elicitação Formal no Apêndice (5)[83].

(116) **[**$_{PP/OBLNucl}$ **Di kusé]** ki bu ka gosta **[~~di kusé~~]?**
of what that 2SG NEG like(IPFV)
Lit.: 'Of what don't you like?'
'What don't you like?'

(117)**[**$_{PP/OBLNucl}$ **Ku ki mininas]** ki bu papia **[~~ku ki mininas~~]** na festa**?**
with which girls that 2SG talk(PFV) in party
'With which girls did you talk at the party?'

(iii) quando a pergunta incide sobre a posição de complemento oblíquo e no dado em CCV conter um pronome resumptivo (pronome lembrete), observou-se

[83] As sentenças utilizadas são de Alexandre (2009: 99).

fenômeno diferente – ver dados elicitados a partir da sentença (11) para elicitação de interrogativas (Apêndice (...)[84]).

(118) **[**$_{DP}$ **Ki subrinhus]i ki bu gosta [**$_{PP/OBLNucl}$ d-[**el**]i] más txeu?
which nephews that 2SG like(IPFV) of-3SG more very
Lit.: 'Which nephews do you like him more?'
'Which nephews do you like the most?'

Apenas um ALing forneceu versão em PCV com pronome resumptivo – ver exemplo em (119). Quatro ALings realizaram a estratégia *Pied-piping* – ver exemplo em (120). Os restantes 11 realizaram a estratégia *P-chopping* – ver exemplo em (121).

(119) **Quais** os sobrinhos que você gosta mais **deles**?

(120) **De qual** sobrinho gostas mais?

(121) **Que sobrinho** você gosta mais?

Como se pode observar a maioria dos ALings optou pelo movimento-Wh mas com apagamento da preposição quando a estratégia interrogativa envolve uma resumptiva no dado elicitado em CCV.

Por meio dos dados de 'Elicitação Formal' foi possível observar também as estratégias interrogativas envolvendo verbos bitransitivos canônicos.

Quando a posição a que incide a pergunta não for a do argumento interno com papel temático alvo/meta, observou-se o seguinte por meio dos dados elicitados a partir da sentença para elicitação de interrogativas (2) – ver apêndice (5)[85]:

(122) [$_{DP/OBJ2}$ **Kusé/kantu]**i ki Djon da Maria **[~~kusé/kantu~~]**i?
what/how.much that Djon give(PFV) Maria
'How much/What did Djon give Maria?'

No dado em (122), a pergunta incide sobre o argumento interno do verbo *dar* com papel temático tema, o DP_{Int} "kusé" (o quê) e não sobre o argumento interno com papel temático alvo/meta, o DP "Maria" – como já mencionado, em CCV a ordem estrutural de verbos de três lugares é "Sujeito → VP → Alvo/Meta → Tema" – ver subseção (4.2.4) do Capítulo IV. Em todas versões apresentadas pelos ALings, para a elicitação a partir da sentença (122), o verbo [dar] se comporta perfeitamente como um bitransitivo canônico – ver exemplo a seguir:

[84] Dado de Alexandre (2009: 100).
[85] Dado de Alexandre (2009: 97).

(123) **O que** João deu **à** Maria?

Quinze dos dezesseis ALings utilizaram a preposição *à*, apenas um utilizou a preposição *para*. No contexto em (123), o uso da preposição é fundamental para desfazer a ambiguidade, pois se não houver uma preposição antes do DP [Maria], a sentença ficaria assim:

(124) ***O que** João deu Maria?

A sentença em (124) pode evocar leitura ambígua: sem a presença da preposição cria-se um conflito de qual dos DPs recebe o papel temático alvo/meta e tema respectivamente. Sem a preposição, como está em (124), seguindo a possibilidade de interpretar o verbo *dar* como um verbo de 'construção de objeto duplo', como já apresentado para o grupo de relativas, a leitura seria que o DP_{INT} [o quê] é o argumento interno com o papel temático 'alvo/meta' e o DP [Maria] é o argumento interno com papel temático 'tema'. Nesse caso ficaria como se a "Maria" fosse dada para *o que*, mas não é essa a pergunta que se intenciona em tal contexto.

Porém, quando a pergunta incide sobre o argumento interno com o papel temático alvo/meta, observou-se a mesma tendência atestada com as relativas. Isso pode ser visto por meio dos dados eliticados a partir da sentença para elicitação de interrogativas (3) – ver apêndice (5)[86]:

(125) **[**$_{DP/OBJ1}$ **Ki mininus]** ki pursor da **[~~ki mininus~~]** kes libru-li?
which boys that teacher give(PFV) DEM book-PROX
Lit.: 'Which boys did the teacher give these books?'
'Which boys did the teacher give these books to?'

Quatro dos dezesseis auxiliários linguísticos (ALings) realizaram a estratégia *Pied-piping*, sendo três do tipo que se vê em (126) e um do tipo que se vê em (127):

(126) **A que meninos** o professor deu estes livros?
(127) **Quais são os meninos a quem** o professor deu estes livros?

Em (126) e (127) a preposição é realizada na interface fonológica. Logo, entende-se que em tais contextos os ALings derivaram o verbo *dar* como um bitransitivo canônico.

Os demais doze ALings realizaram a estratégia exemplificada em:

(128) **Quem são os meninos que** o professor deu esses livros?

[86] Dado de Alexandre (2009: 97).

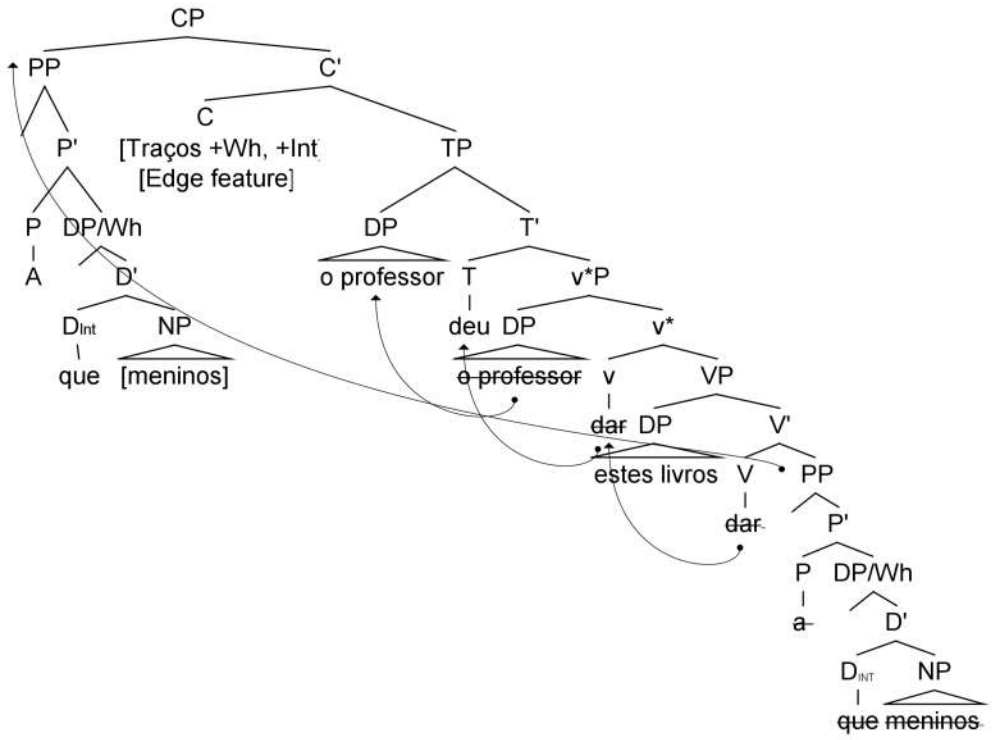
(129) **Que meninos que** o professor deu esses livros aqui?

(130) **Que meninos** o professor deu este livro?

Nos dados (128), (129) e (130), não há a realização da preposição na interface fonológica. Em vista do que foi apresentado na subseção (4.2.4) do Capítulo IV, como relação às 'construções de objeto duplo' – COD, entende-se que em tais contextos como (128), (129) e (130), não dá-se a estratégia *P-chopping*; não há apagamento da preposição, pois, assume-se que em tais casos não há uma preposição mesmo na posição original, como se vê pelo em CCV de Alexandre (2009: 97) utilizado para a elicitação dos dados sob análise. Desta forma, a derivação dos dois grupos de dados apresenta diferença estrutural no que diz respeito ao argumento interno alvo/meta. Para demonstrar essa diferença, é retomado, para análise, um exemplo de cada grupo, como se vê em:

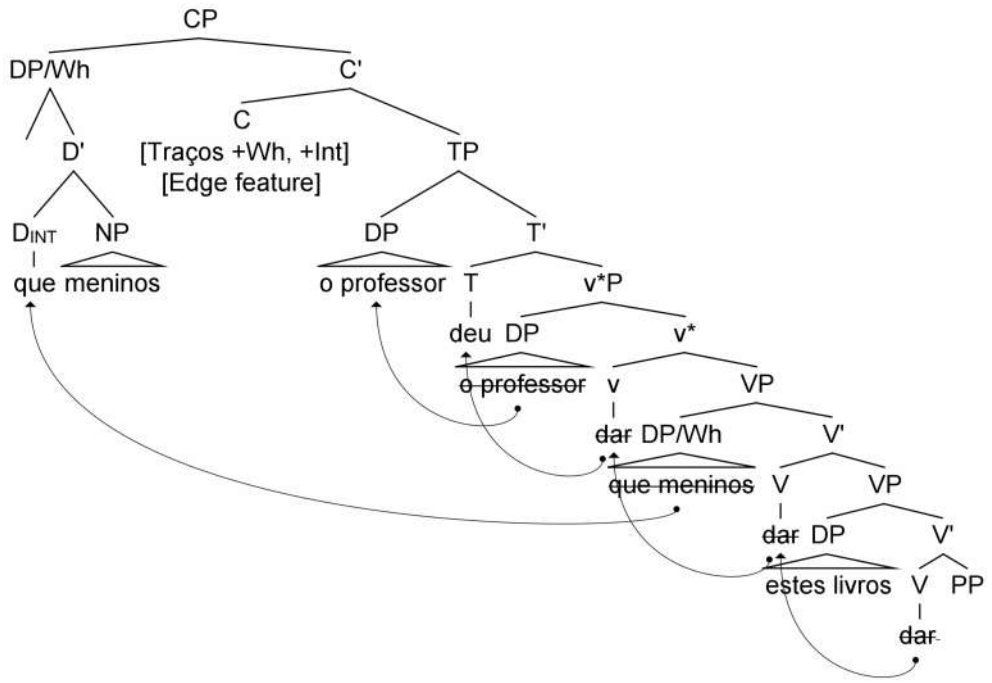
(131) a) **A que meninos** o professor deu estes livros?

b)



(132) a) **Que meninos** o professor deu este livro?

b)



Para a análise em (131), assume-se a estrutura de um verbo bitransitivo canônico em língua portuguesa: o argumento interno com papel temático alvo/meta corresponde a um sintagma preposicionado. Ao incidir a pergunta sobre essa posição, os constituintes interrogativos, incluindo a preposição, são alçados para Spec do CP interrogativo. Já para a análise em (132), assume a estrutura de verbos com 'construção de objeto duplo' – COD, tal como assumido para construções relativas do tipo. Em casos como este, o argumento interno com papel temático alvo/meta não corresponde a um sintagma preposicionado. Logo, ao alçar os constituintes interrogativos para Spec do CP interrogativo, não aparece um preposição porque simplesmente ela não existe. Por conseguinte, não há apagamento de preposição.

Ainda, por meio dos dados do *corpus* de 'Elicitação Formal', foram corroboradas as três estratégias interrogativas atestadas pelos dados de 'Fala Espontânea': a estratégia padrão, e as estratégias '*highlighter*s' (*subset 1* e *subset 2*). Nesta parte dedicada à análise das interrogativas-Wh em PCV, foram tratadas somente as interrogativas em que se dá a estratégia padrão, ou seja, aquela em que o sintagma interrogativo é formado unicamente pelo DP-Wh interrogativo e seu respectivo complemento nominal (implícito ou explícito), isto é, sem outros elementos tais como os '*highlighter*s' *é que* ou *que*. A análise derivacional das interrogativas '*highlighter*s' será apresentada na parte de análise do próximo capítulo, o das construções clivadas,

isto, com base na relação estabelecida na literatura entre esses tipos de interrogativas e as chamadas estruturas clivadas.

SÍNTESE DO CAPÍTULO

Neste segundo capítulo de descrição e análise das construções-Wh em PCV (o quinto desta Tese), apresentou-se o grupo dos pronomes interrogativos. À semelhança do que se fez no capítulo das relativas, primeiramente, foram descritos os pronomes interrogativos por ordem decrescente a partir do pronome com maior número de ocorrências atestado no *corpus* de 'Fala Espontânea'. A descrição feita levou em conta os seguintes critérios: (i) o tipo de interrogativa: matriz, encaixada ou eco; (ii) a estratégia interrogativa: (a) padrão (o sintagma interrogativo consiste apenas do pronome-Wh); (b) *Highlither Subset* 1 (o sintagma interrogativo é formado pelo pronome-Wh e a sequência "é que"); (c) *Highlither Subset* 2 (o sintagma interrogativo é formado pelo pronome-Wh seguido do morfema *que*); (iii) verificar se o pronome-Wh ocorre *in situ* ou se é movido para Spec CP; (v) caso atestado movimento-Wh, verificou-se se ocorre a estratégia *Pied-piping* ou *P-chopping* quando a interrogativa incide sobre uma posição preposicionada; (v) verificar a posição sintática a que incide a pergunta.

Ao final da descrição, apresentou-se uma tabela em que se apresenta um resumo de todos os aspectos descritivos mencionados acima (à semelhança do capítulo anterior).

Na segunda parte do capítulo apresentou-se a proposta de derivação por fases para as sentenças interrogativas-Wh em PCV. Haja vista, o modelo derivacional adotado nesta Tese estar embasado no Programa Minimalista, valeu-se do princípio de economia, tido como um dos recursos otimizados da língua, para propor a estrutura derivacional das interrogativas-Wh em PCV: na literatura da Teoria da Gramática atestam-se semelhanças estruturais entre relativas livres e interrogativas-Wh indiretas. Sendo que as relativas livres já haviam sido derivadas no capítulo anterior, tomou-se a proposta derivacional desse tipo de relativas, e mediante a análise das diferenças estruturais, propôs-se o modelo derivacional adequado para as interrogativas-Wh indiretas em PCV. A partir do modelo derivacional para as interrogativas-Wh indiretas, propôs-se o modelo derivacional para interrogativas, salvaguardando, assim, sempre o princípio de economia, que é a forma como a língua opera segundo o modelo minimalista.

Ao final do capítulo, chamou-se a atenção para o grupo de dados denominado de interrogativas-Wh clivadas na literatura. Esse grupo de dados, embora não tratado como sendo estruturas clivadas, não foi analisado neste capítulo, por considerar que seria analisado, de forma mais adequada, juntamente com o grupo de dados do próximo capítulo, as construções clivadas.

CAPÍTULO VI
CORROBORANDO CONSTRUÇÕES "SER + QUE" COMO ESTRUTURAS MONOCLAUSAIS EM PCV

INTRODUÇÃO DO CAPÍTULO

Neste sexto capítulo, apresenta-se o terceiro grupo de sentenças pertencente às construções-Wh, as denominadas na literatura de construções clivadas. Seguindo a mesma estrutura dos dois capítulos anteriores, este capítulo está dividido em duas partes: (i) numa primeira parte, apresenta-se a descrição do grupo de dados, tradicionalmente designadas de construções clivadas na literatura. Para fazer essa descrição, utiliza-se a nomenclatura, a tipologia e a classificação atestadas na literatura; (ii) numa segunda parte, faz-se a análise sintática do grupo de dados em análise, assumindo uma proposta de análise que vem sendo desenvolvida e que se diferencia da análise tradicional. Pela proposta assumida, busca-se corroborar que o grupo de dados designado por 'construções clivadas' são estruturas monoclausais e não biclausais como tradicionalmente proposto. Assim, antes de iniciar a descrição propriamente dita do grupo de dados de 'construções clivadas', apresenta-se, brevemente, os principais conceitos ligados à temática das 'construções clivadas' na literatura da Teoria da Gramática.

6.1. CONCEITUANDO AS CONSTRUÇÕES CLIVADAS

Segundo Braga, Kato & Mioto (2015: 197), clivagem é uma operação sintática de biclausidade, ou seja, uma operação sintática que consiste em cindir sentenças em duas partes, como se vêm nos exemplos dados pelos autores (op. cit.)[87]:

(01) a) O menino comeu a torta
b) **Foi** [o menino] **que** comeu a torta
c) O menino comeu a torta
d) **Quem** comeu a torta **foi** [o menino]

Pela análise de Braga, Kato & Mioto (2015: 198), a sentença clivada (01.b) origina-se a partir de uma operação sintática que dividiu a sentença (01a) em duas

[87] Dado (20) de Braga, Kato & Mioto (2009: 253), renumerado.

orações; a sentença clivada (01d) origina-se a partir de uma operação sintática que dividiu a sentença (01b) em duas orações. Os autores (op. cit.) propõem uma estrutura biclausal, pois entendem que, na sentença resultante da oração 'cindida' (clivada), há duas orações, sendo uma delas regida por um verbo copulativo e a outra pelo núcleo verbal já existente antes da cisão. Segundo os autores (op. cit.), em (01.b), atesta-se uma clivada canônica, caracterizada pela presença do morfema *que* (classificado pelos autores (op. cit.) como um complementizador) que introduz a oração contendo o núcleo verbal não copulativo, e em (01.d), atesta-se uma pseudoclivada, caracterizada pela presença de um pronome-Wh (nesse caso *quem*) encabeçando a oração contendo o núcleo verbal não copulativo. Logo, a principal diferença entre uma clivada canônica e uma pseudoclivada consiste na presença de um "complementizador" ou um pronome relativo, respectivamente, introduzindo a oração contendo o núcleo verbal não copulativo.

A operação de clivagem está diretamente ligada à marcação de foco: ela é realizada necessariamente para destacar sintaticamente um sintagma com foco; uma construção é considerada clivada só se tiver marcação de foco – ver Braga, Kato & Mioto (2015: 198).

> [...] as sentenças clivadas correspondem a recursos para destacar, na sentença, o foco da pressuposição, seja apenas identificar o *foco informacional* ou para contradizer algo afirmado ou pressuposto, caso do *foco contrastivo* – Braga, Kato & Mioto (2015: 200).

Braga, Kato & Mioto (2015: 198) observam que, em regra, toda sentença veicula foco, sendo possível ter casos em que toda a sentença contenha marcação de foco (foco sentencial), denominado de foco de escopo 'largo', diferentemente de quando apenas um dos constituintes da sentença é focalizado, denominado de foco de escopo 'estreito'. Segundo os autores (op. cit.), uma das estratégias utilizadas para localizar a marcação foco consiste em utilizar um par contendo uma pergunta-Wh e sua respectiva resposta, como se vê no exemplo[88]:

(02) a. Quem comeu a tua torta?
- [O GARfield] comeu a minha torta.

b. O que o Garfield comeu?
- Ele comeu [a minha TORta]

[88] Braga, Kato & Mioto (2015: 199, grifos dos autores), dado 22, reenumerado.

c. O que o Garfield fez?
- Ele [comeu a minha TORta]

Em (02), o constituinte entre colchetes é aquele que atribui valor à variável aberta pelo pronome-Wh – é o constituinte focalizado. O restante da sentença é considerado parte da 'pressuposição', pois já está presente na interrogativa-Wh utilizada para inquirir a resposta. Segundo os autores (op. cit.), o tipo de foco atestado em (02) é denominado de 'foco de informação', pois coincide com a noção discursiva de informação nova – ver Braga, Kato & Mioto (2015: 199). Outro tipo de foco é o 'foco contrastivo', aquele que denega uma afirmação anterior, podendo a sentença com foco ter acréscimo à negação, como se demonstrar a seguir[89]:

(03) a. O Garfield comeu a torta
b. Não, ele comeu [O HAMBURGUER] (não a torta)
c. Não, ele [ESCONDEU] (não comeu) a torta
d. Não, (ele não comeu a torta,) ele [TOMOU O LEITE]

O foco é marcado prosodicamente por um pico acentual. Quando o foco recai sobre o último constituinte da sentença, o acento do foco coincide com o acento nuclear da sentença – indicado com a sílaba tônica da última palavra em maiúsculas – ver exemplos (2 b e c). Quando toda a sentença é foco, o acento nuclear da sentença recai sobre a última palavra, logo, o foco é marcado nessa palavra como se vê em:

(04) - O que houve?
- [O Garfield comeu a minha TORta]

Assim, feita a conceituação dos principais conceitos ligados às 'construções clivadas', a seguir, inicia-se a descrição desse grupo de dados à semelhança do que foi feito nos dois capítulos anteriores. Ao longo da descrição e da análise, serão definidos outros conceitos relacionados às estruturas de clivagem à medida que se mostram necessários para a elucidação dos fatos sendo abordados.

[89] Braga, Kato & Mioto (2015: 199, grifos dos autores), dado 24, reenumerado.

6.2. DESCRIÇÃO DAS CONSTRUÇÕES CLIVADAS EM PCV

Para iniciar a descrição do grupo de dados contendo 'construções clivadas' no *corpus* desta Tese, apresenta-se, à semelhança do que foi feita para os pronomes relativos e interrogativos, a tabela que quantifica a quantidade de ocorrências atestadas no *corpus* de 'Fala Espontânea'.

6.2.1. **Os Dois Principais Tipos de Clivagem**

Em PCV, foram atestados os dois principais grupos de sentenças contendo construções com clivagem: as clivadas e as pseudoclivadas.

Quantidade	**Clivadas**	**Pseudoclivadas**
Ocorrências	64	17
Porcentagem	79%	21%
Total	81	

Tabela (1) – Quantificação das Ocorrências de Clivadas e Pseudoclivadas em PCV

Pelos dados da Tabela (1), observa-se a predileção dos falantes do PCV para as clivadas (atestadas em 79% das ocorrências no *corpus* de 'Fala Espontânea'). Esta predileção foi corroborada pelos dados de 'Elicitação Formal'. Como se pode observar na Parte III do *Questionário de Elicitação Formal* (Apêndice (5)), os Auxiliares Linguísticos (ALings), normalmente apresentaram uma clivada como sua primeira versão, e só depois de serem solicitados outras versões é que forneceram pseudoclivadas. Abaixo, apresenta-se o contexto discursivo (6) da Parte III do *Questionário de Elicitação Formal* (Apêndice (5)) como amostra:

Aos ALings, foi apresentada a sentença-contexto de Zanoli (2014: 89). Essa sentença foi traduzida para PCV como se vê em:

Sentença-Contexto

(05) **Anton na Saninklau ta falód ma jent mdjer ta papia d'más, é dvera?**

Anton	**na**	**Saninklau**	**ta**	**falód**	**ma**	**jent**
então	em	São Nicolau	HABT	falar-PART	COMP	gente
mdjer	**ta**	**papia**	**d'más**	**é**	**dvéra**	
mulher	HABT	falar-PFTV	demais	ser	verdade	

Então, em São Nicolau se diz que as mulheres falam demais, é verdade?

Apresentada a sentença-contexto (05) em PCV, os ALings foram instruídos a contra-afirmarem a informação dada, ou seja, foi-lhes solicitada uma sentença com foco 'contrastivo'. Valendo-se do fato de que é possível fazer acréscimo à negação em uma sentença com foco contrastivo (ver subseção anterior), os ALings foram orientados de que além, de negar a afirmação, deveriam acrescentar a informação de que "*são os homens que falam demais*" (todas essas informações foram apresentadas em CCV, evitando assim, influenciar as versões dos auxiliares linguísticos). Na tabela a seguir, são reproduzidas as versões apresentadas pelos ALings para o contexto de elicitação de clivadas (5).

Auxiliar Linguístico	**Versão(ões) do PCV Fornecida(s) pelos Auxiliares Linguísticos**
AGA	Não, os homens é que falam demais. Prefere o *que* e não acha que *quem* fica bem.
APL	Não, são os homens Não, os homens é que falam demais
AGM	Não, não é verdade quem fala demais são os homens Os homens são quem falam demais Não, hoje em dia quem falam demais são os homens Quem falam hoje em dia são os homens São os homens quem falam demais
AAG	Não, não são as mulheres, mas sim os homens Não, os homens é que falam demais Não, é HOMEM
CGS	Não, é o homem que fala demais Não, são os homens que falam demais
CMC	Não, os homens é que estão a falar demais Não, não, não é verdade, os homens sim, os homens, sim é que falam demais
ECA	Não, não, não, não é verdade, os homens são quem falam muito
EPB	Não, não é verdade, são os homens que falam demais Não é verdade, são os homens que estão a falar demais Quem estão a falar demais são os homens Não é verdade, são os homens quem falam demais

JLT	Não, os homens é que falam demais Não, são os homens A entrevistada evitaria o uso de *quem* que alegou ser muito chato especialmente quando exige concordância de número – segundo JLT ao falar em *quem* pensa-se logo em uma pessoa (no singular). Usando o *quem* com os homens (no plural) estaria correto de acordo com as normas do português, mas para ela soaria um pouco estranho por isso evitaria. JLT deu o seguinte exemplo: Na pergunta: Foste tu quem fez aquele banco? Normalmente a resposta é "fui eu quem fiz", as pessoas evitam o *quem* e dizem: Fui EU que fiz. Segundo JLT, o *quem* soa meio discordante no meio da frase.
JDB	Não, as mulheres não, os homens é que falam demais As mulheres não, os homens é que falam demais
JSL	Não, são os homens que falam demais Não, são os HOMENS Não, quem falam demais são os homens - mas corrige logo para: Não, sãos os homens que falam demais
LGM	Não, os homens é quem falam mais Não, os homens que falam demais
LPV	Não, são os homens é que falam demais São os homens é que falam muito Não, é mentira, são os homens é que falam demais
MST	Não, os homens é que falam demais Não, eu tenho certeza que são os homens Eu não acho, acho que são os homens
REA	Não, são os homens que falam demais Não, são os homens Não, hoje em dia os homens falam demais
SPS	Não, os homens falam brutamente mais que as mulheres

Tabela (2) – Amostra de Clivadas e Pseudoclivadas do *corpus* de "Elicitação Formal" em PCV

Como se pode observar pelos dados da Tabela (2), a maioria dos ALings ofereceu uma sentença clivada como sua versão correspondente. Chama-se atenção para a intuição de ALings JLT. Atente para o exemplo e explanação de JLT: "*Na pergunta: Foste tu quem fez aquele banco? Normalmente a resposta é 'fui eu quem fiz', as pessoas evitam o 'quem' e dizem: Fui EU que fiz*".

A intuição de JLT corrobora e confirma a predileção dos falantes do PCV pelas clivadas em detrimento das pseudoclivadas.

Para dar continuidade à descrição das 'construções com clivagem', apresenta-se a seguir os subtipos de clivadas e pseudoclivadas atestados em PCV. Para fazer a descrição apresentada, são tomadas como base, as definições e

nomenclatura que se vêm em Braga, Kato & Mioto (2015). Inicia-se como o grupo de clivadas e seus subtipos.

6.2.1.1. As Clivadas em PCV

Nesta subseção, apresenta-se os subtipos de clivadas atestados em PCV.

Quantidade	**Clivadas**				
	Canônica		**Invertida**	**Reduzida**	**Apresentativa**
	Pessoal	**Impessoal**			
Ocorrências	8	33	22	1	3
Porcentagem	11,9%	49,2%	32,8%	1,5%	4,4%
Total	**67**				

Tabela (3) – Os Subtipos de Clivadas em PCV

No *corpus* de 'Fala Espontânea' foi atestado um total de 67 sentenças com construções clivadas. Segundo Braga, Kato & Mioto (2015: 200), em uma clivada canônica, o sintagma focalizado vem após o verbo copulativo [ser] e seguido do morfema *que* invariável. O constituinte focalizado pode ser foco informacional ou contrastivo.

Em 11,9%, as clivadas canônicas atestadas são do subtipo 'pessoal', como se vê exemplificado em:

(06) O 'João' o 'Pedro' **são** [as duas palavras] **que** se repetem

Em (06), diz que a clivada é do subtipo 'pessoal' porque o verbo copulativo, nesse caso o verbo *ser*, apresenta concordância em número e pessoa com o sintagma clivado [as duas palavras] e concordância temporal com o verbo da oração subordinada – cf. Braga, Kato & Mioto (2015: 200).

A maioria (49,2%) das clivadas canônicas atestadas é do subtipo 'impessoal', como exemplificado em[90]:

[90] Excepcionalmente, os dados utilizados aqui para exemplificar são do corpus de "Elicitação Formal". Isso se deve ao fato de que a maioria dos dados de "Fala Espontânea" não serve para exemplificar claramente o subtipo de clivada 'impessoal', pelo fato de praticamente os verbos utilizados possuírem número singular e estarem em tempo presente, como se vê no seguinte exemplo:

É por isso **que** o tempo tem um tratamento especial

(07) **É** [os pais] **que** devem corrigir os filhos

(08) **É** [a Maria] **que** levou a mala

As sentenças (07) e (08) são construções clivadas canônicas do subtipo 'impessoal', pois a cópula *é* em (07) não apresenta concordância em número com o sintagma focalizado [os pais], e em (08) a cópula [é] não apresenta concordância temporal com o verbo *levar* da oração correspondente à 'pressuposição'.
Atestou-se também uma quantidade considerável (32,8% das ocorrências) de clivadas canônicas do subtipo 'invertida', como se vê exemplificado em:

(09) porque se não [nós] **é que** ficamos a perder

Clivadas do tipo em (09) são denominadas de clivadas canônicas invertidas, pois, o sintagma focalizado, nesse caso *nós* precede a cópula *é* que vem seguido pelo morfema invariável *que*. Segundo Braga, Kato & Mioto (2015: 200), este tipo de clivadas apresenta sempre uma leitura contrastiva.

De acordo com Brito & Duarte (2003: 691): *"[...] a sequência é que é o resultado de um processo de reanálise, que a reinterpreta como uma forma fixa, que ocupa uma só posição sintática. Assim, é que não admite marcas de tempo nem de concordância."*

Ainda, segundo as autoras (op. cit.), é o mesmo processo de reanálise que deu origem à expressão *é que*, que em português moderno, que vai dar origem também à mesma expressão *é que* em interrogativas-Q diretas, como se vê em[91]:

(10). a. O que é que o corvo fez?

b. A quem é que o corvo deu o queijo?

c. Onde é que o corvo comeu o queijo?

Brito & Duarte (2003: 692) concluem que:

> [...] o português moderno evoluiu no sentido de reanalisar sequências verbo copulativo-complementador como uma única expressão que lexicaliza nós funcionais de natureza oracional: Comp, no caso das interrogativas-Q, Flex, no caso das Pseudo-Clivadas de é que.

Chama-se a atenção para o fato de que na parte 2 deste capítulo, assume-se análise diferente à de Brito & Duarte (2003: 692) para a sequência *é que*.

[91] Brito & Duarte (2003: 292), Dado (25) reenumerados.

Por último, quanto aos subtipos de clivadas, foi atestada apenas uma ocorrência das clivadas canônicas do subtipo denominado, na literatura, de clivada canônica 'sem cópula', ou reduzida, como se exemplifica em:

(11) [por isso] **que** é importante para *otus* países saberem que nós temos uma identidade fixa da nossa língua

Diz-se que as clivadas do tipo em (11) são clivadas canônicas sem cópula, pois entende-se que a cópula que deveria aparecer antes ou depois do sintagma focalizado é apagada na interface fonológica. Segundo Braga, Kato & Mioto (2015: 202) tal subtipo de clivada "*é um tipo inovador no português brasileiro*". Como se pode observar pelos dados do *corpus* de 'Fala Espontânea' desta Tese, foi atestado apenas um dado do tipo, o que poderia, de certa forma, corroborar a afirmação dos autores (op. cit.). Porém, ao considerar os dados de 'Elicitação Formal' desta Tese, atesta-se que não se trata de uma inovação do português brasileiro. Atente para a amostra a seguir:

Dada a sentença contexto em:

(12) **Kin k'torna ben oj?** (FJL)

kin	**k'**	**torna**	**bem**	**ôj**
Quem	Highlighter	tornar	vir-PFTV	hoje

Quem que voltou hoje?

Os Auxiliares Linguísticos foram instruídos a responderem a pergunta, com a seguinte sentença em CCV:

(13) **É uns mnininha k'robó-m goeba**

É	**uns**	**mnininha**	**k'**	**Robó**	**-m**	**Goeba**
COP	DET	meninas	COMP	Roubar	1SG.DAT	Goiaba

Foram as meninas que me roubaram goiaba.

Auxiliar Linguístico	**Versão(ões) do PCV Fornecida(s) pelos Auxiliares Linguísticos**
AGA	Pergunta: Quem voltou hoje? a) Umas meninas que me roubaram as goiabas. b) São umas meninas que me roubaram as goiabas.
APL	Pergunta: Quem é que voltou hoje? a) As meninas que roubaram a minha goiaba

	b) São as meninas que roubaram a minha goiaba c) São aquelas meninas que roubaram a minha goiaba
AGM	Pergunta: Quem veio de novo? Quem voltou a vir hoje? a) Umas meninas que roubaram goiaba b) Foram (ou são) umas menininhas que roubaram goiaba c) São umas menininhas que me roubaram goiaba d) Quem voltou hoje foram umas menininhas que me roubaram goiaba e) Foram umas menininhas que me roubaram goiaba que vieram hoje O Entrevistado prefere o uso de "que" ao invés de "quem"
AAG	Quem vieram outra vez hoje? Quem vieram hoje outra vez? Foram as menininhas que roubaram a goiaba Foram aquelas menininhas que roubaram a goiaba
CGS	Quem tornou a vir hoje? São umas meninas que roubaram-me goiaba São umas meninas que roubaram-me a goiaba
CMC	Quem voltou hoje? Umas meninas que me roubaram goiaba As meninas que me roubaram a goiaba Foram as meninas que me roubaram a goiaba
ECA	Quem voltou hoje? Foi aquelas miúdas que me tinham roubado a goiaba
EPB	Quem tornou vir hoje? Umas raparigas que me roubaram a goiaba Umas menininhas que me tinham roubada a goiaba Foram (ou são) umas menininhas que tinham roubada a goiaba
JLT	Quem voltou hoje? a) São as mesmas meninas que ontem tinham roubado a goiaba b) As mesmas meninas que me roubaram a goiaba c) São as mesmas meninas que me roubaram a goiaba d) Foram as mesmas meninas que me roubaram a goiaba
JDB	Quem tornaste a vir hoje? Umas meninas que me roubaram as goiabas Umas meninas que roubaram-me as goiabas
JSL	Quem é que veio hoje mais uma vez? Quem voltou hoje? São umas menininhas que me roubaram a goiaba Foram umas menininhas que me roubaram a goiaba JSL não aceita os verbos "é" e "foi" por serem em singular o que não tem concordância em número
LGM	Quem é que regressou hoje? Quem é que voltou hoje? É umas menininhas que roubaram-me goiabas
LPV	Quem é que voltou de novo hoje? Sãos as meninas que roubaram a goiaba Foram as meninas que roubaram-me a goiaba
MST	Quem voltou hoje?

	Sãos uns meninos que me roubaram umas goiabas São umas meninas que me roubaram umas goiabas
REA	Quem voltou hoje? Foi a menina que roubou a goiaba As meninas que roubaram a goiaba Foram as meninas que roubaram a goiaba
SPS	Quem chegou a vir hoje novamente? Umas meninas que antes me roubaram goiaba Umas meninas que antes me tinham roubado goiaba

Tabela (4) – Versões para Sentença Contexto (1) para Elicitação de Clivadas – Parte III do Questionário de "Elicitação Formal" em PCV

A primeira observação que se faz acerca do conjunto de dados acima é a de que no dado em CCV (ver dado (13)) é obrigatória a presença do elemento copulativo. Não obstante, nove dos dezesseis ALings (correspondente a 50% do total dos ALings) forneceram versões em que não se atesta a presença da cópula, como se exemplifica como o dado do ALing JDB:

(14) [Ø] umas meninas que roubaram-me as goiabas

Pelos os dados da Tabela (4), e pela amostra em (14), atesta-se que o subtipo denominado de 'clivada canônica sem cópula' não é "*um tipo inovador do português brasileiro*".

Ainda dentro da tipologia de clivadas, normalmente, apresentada na literatura, foram atestadas três ocorrências de clivadas do tipo 'apresentativa', como se exemplifica em:

(15) Agora se repararmos **é que** [a maior parte desta violência acontece na camada juvenil]

Uma clivada apresentativa, como a exemplificada em (15) se caracteriza pela marcação de foco não sobre um constituinte, mas sobre toda uma sentença – cf. Braga, Kato & Mioto (2009: 261). Em (15), toda a sentença [a maior parte desta violência acontece na camada juvenil] é marcada como o elemento foco.

Feita a descrição do grupo das clivadas canônicas, a seguir, dá-se sequência com a descrição do grupo das pseudoclivadas.

6.2.1.2. As Pseudoclivadas em PCV

Outro tipo de clivagem atestado em PCV é o das pseudoclivadas. Segundo Braga, Kato & Mioto (2015: 202), pseudoclivadas são construções sintáticas em que o sujeito é uma oração relativa livre (teoricamente introduzida por qualquer pronome relativo), e o predicado pós-cópula representa o elemento com foco. Ainda segundo os autores (op. cit.), o pronome-Wh da relativa livre em uma pseudoclivada corresponde sempre a uma posição argumental (sujeito ou objeto), enquanto que o elemento focalizado pode ser um constituinte da oração predicado, ou o predicado inteiro.

A seguir, apresenta-se a tabela na qual são quantificados os subtipos de pseudoclivadas atestadas no *corpus* de 'Fala Espontânea' desta Tese.

Pseudoclivadas				
Quantidade	**Canônica**	**Reduzida**	**Invertida**	**Extraposta**
Ocorrências	11	1	1	5
Porcentagem	68,8%	0%	6,6%	31,7%
Total	**17**			

Tabela (5) – Quantificação das Ocorrências dos Subtipos de Pseudoclivadas em PCV

No *corpus* de 'Fala Espontânea', foi atestado um total de 17 pseudoclivadas[92], como se vê na Tabela (5). Em termos proporcionais, 17 corresponde a 21% de um total de 77 construções com clivagens. Essa proporção menor de pseudoclivadas segue o curso da observação de Brito & Duarte (2003: 688) de que, na língua portuguesa, as pseudoclivadas são menos frequentes que as clivadas.

De acordo com os dados da Tabela (5), a maioria (68,8%) das pseudoclivadas atestadas é do subtipo 'pseudoclivada canônica', como exemplificado em:

(16) **o que** [verdadeiramente importa] não **é** a localização temporal

[92] Não obstante, no *corpus* de 'Elicitação Formal', atesta-se considerável número de pseudoclivadas – ver os dados da Parte III do Questionário de Elicitação Formal no Apêndice (5).

A sentença (16) é tida como uma pseudoclivada canônica pelo fato do sintagma focalizado vir após um pronome-Wh, nesse caso, o pronome *o que*, e seguido do verbo *é*, chamado de copulativo.

No *corpus* de 'Fala Espontânea', foi atestada apenas uma ocorrência de pseudoclivada reduzida:

(17) [Ø] [eu não percebo] **é que** a Marise quando era aluna do professor Jorge fazia uma excelente leitura mesmo

Em (17) diz-se tratar-se de uma pseudoclivada reduzida, pois entende-se que, pelo contexto em (17), há apagamento do pronome-Wh *o que* antes do sintagma focalizado [eu não percebo]. Logo, a sentença completa em (17) seria com em:

(18) **O que** [eu não percebo] **é que** a Marise quando era aluna do professor Jorge fazia uma excelente leitura mesmo

Foi atestada também uma ocorrência no corpus de 'Fala Espontânea' do subtipo pseudoclivada invertida:

(19) [eu tive que negociar com a gestora] que **é o que** interessa

Construções do tipo como em (19) são designadas de pseudoclivadas invertidas, pois o sintagma focalizado está em posição preposta ao suposto verbo copulativo que vem seguido da oração introduzida pelo pronome-Wh, nesse caso, pronome *o que*.

Em 31,7% das ocorrências, as pseudoclivadas atestadas são do tipo 'extraposta', como exemplificado em:

(20) **é** [uma tristeza] **quando** a mãe desespera

Em pseudoclivadas extrapostas como em (20), o sintagma focalizado, nesse caso, [uma tristeza], vem após o verbo dito copulativo e precede a oração introduzida pelo pronome-Wh, nesse caso, o pronome *quando*.

Na tabela a seguir quantifica-se o número de ocorrências por pronomes-Wh atestado em construções pseudoclivadas no *corpus* de 'Fala Espontânea':

Quantidade	Pronome-Wh		
	O que	**Quando**	**Quem**
Ocorrências	11	01	05
Porcentagem	64,7%	5,8%	29,5%
Total	**17**		

Tabela (6) – Quantificação das Ocorrências dos Pronomes-Wh Atestados nas Pseudoclivadas em PCV

Como se observa na Tabela (6), a maioria (64,7%) das pseudoclivadas é introduzida pelo pronome-Wh *o que*:

(21) **O que** [vai acontecer] **é** a escrita, a padronização da escrita

Em apenas uma ocorrência, o pronome-Wh que introduz a oração principal da pseudoclivada é o pronome *quando*, como exemplificado com o dado (20), renumerado:

(22) **é [**uma tristeza] **quando** a mãe desespera

Em 29,5% das pseudoclivadas, o pronome-Wh utilizado é o pronome *quem*, como em:

(23) a minha nota **quem** define **sou** eu

Feita a descrição das pseudoclivadas em PCV, a seguir, apresenta-se o estatuto sintático do constituinte focalizado em relação ao núcleo verbal não copulativo.

6.2.2. Estatuto Sintático do Elemento Focalizado

O elemento focalizado, por meio da estratégia de clivagem, pode desempenhar diferentes funções sintáticas na oração predicado, como se vê quantificado na tabela a seguir. A observação que se faz é a de que essa função sintática é sempre com relação ao núcleo verbal não copulativo. Esta observação terá implicações teóricas relacionadas com o que é apresentado na parte II deste capítulo.

Estatuto sintático do elemento focalizado								
Quantidade	**Sujeito**	**Objeto Direto**	**Objeto Indireto**	**Complemento Oblíquo**	**Adjunto de Tempo**	**Adjunto de Lugar**	**Adjunto de Causa**	**Adjunto de Modo**
Ocorrências	25	21	0	2	6	1	14	1
Porcentagem	32,4%	27,3%	0%	2,5%	7,9%	1,3%	18,2%	1,3%
Total	**77**							

Tabela (7) – Estatuto Sintático do Elemento Clivado em PCV

Em 32,4% das construções clivadas atestadas no *corpus* de 'Fala Espontânea', o elemento ensanduichado desempenha a função de sujeito, como se exemplifica em:

(24) [o narrador] **é que** ~~[o narrador]~~ cria as personagens

Em (24) atesta-se uma clivada invertida em que o sintagma focalizado/clivado [o narrador] desempenha a função de sujeito do verbo *criar* da oração predicado.
Em 27,3% das ocorrências, o elemento focalizado desempenha a função de objeto direto, como exemplificado em:

(25) **é** [o que se conta] **que** interessa ~~[o que se conta]~~

Em (25), o elemento focalizado/clivado é o CP [o que se conta], e este desempenha a função de objeto direto do verbo *interessar*.
Em 2,2% das ocorrências, o elemento focalizado/clivado desempenha a função de complemento oblíquo, como exemplificado em:

(26) apenas [no papel] **é que** não está ~~[no papel]~~

Em (26), o sintagma clivado/focalizado desempenha a função de complemento oblíquo do verbo *estar*.

Em 7,9% do total das clivadas, o elemento focalizado desempenha a função de adjunto temporal, como se vê exemplificado em:

(27) **É** [o dia em] **que** nós vamos nos alimentar bem ~~[em o dia]~~

Em (27), o sintagma focalizado/clivado [o dia em] desempenha a função de adjunto de tempo do VP [vamos nos alimentar].
Em 18,2% das ocorrências, o elemento focalizado desempenha a função de adjunto de causa, como exemplificado em:

(28) **É** [por isso] **que** há licenciados que terminam e logo estão a fazer o mestrado de uma vez só ~~[por isso]~~

Todas as ocorrências atestadas (14 no total de acordo com os dados da Tabela (7)) em que o constituinte focalizado desempenha a função de adjunto de causa, como em (28), observou-se que sempre o elemento clivado é a locução [por isso].
Não foi atestada nenhuma ocorrência para as funções de objeto indireto, adjunto de lugar nem adjunto de modo.

Ao definir as construções de clivagens, foi mencionado que tais construções contêm sempre algum tipo de marcação de foco. Assim, na tabela a seguir, quantificam-se a quantidade de ocorrências de tipo de foco por tipo de clivagem.

6.2.3. **Tipo de Foco versus Tipo de Clivagem em PCV**

Tipo de Foco	Clivadas Canônicas				Pseudoclivadas				Apresentativa	Total
	Pessoal	Impessoal	Invertida	Reduzida	Canônica	Reduzida	Invertida	Extraposta		
Contrastivo	6	18	15	5	7	0	2	4	3	60
De Informação	3	12	0	0	2	1	0	0	0	18
% Contrastivo	66,4%	60%	100%	100%	77,7%	0%	100%	100%	100%	77%
% De Informação	33,6%	40%	0%	0%	22,3%	100%	0%	0%	0%	23%

Tabela (8) – Quantificação das Ocorrências de Tipo de Foco versus Tipo de Clivagem em PCV

De acordo com os dados da Tabela (8), em 77% das clivadas atestadas no *corpus* de 'Fala Espontânea', atesta-se o foco contrastivo e em apenas 23% o foco de informação.

Quando a clivada é do tipo canônico pessoal/impessoal, o foco pode ser tanto de informação quanto contrastivo, como em:

Clivada Canônica Pessoal

Foco de Informação

(29) O João e Pedro **são** as duas palavras **que** se repetem

Foco Contrastivo

(30) Aqui o verbo também teve o pretérito imperfeito. E **foi isso que** a Ana fez

Quando a clivada é canônica e invertida, o foco atestado foi somente o contrastivo como se exemplifica em:

Clivada Canônica Invertida

Foco Contrastivo

(31) Só depois da sua oficialização **é que** já vai ser ensinado nas universidades como já uma língua oficial

Quando a clivada é do subtipo 'sem cópula', foram atestadas apenas sentenças com foco contrastivo, como em:

Clivada Canônica Sem Cópula

Foco Contrastivo

(32) sabe nós temos que planificar as aulas e **isso que** tornou tudo mais complicado

Quando se trata de pseudoclivadas canônicas, o foco pode ser tanto contrastivo quanto de informação.

Pseudoclivada Canônica

Foco de Informação

(33) Na aula passada, ficou combinado que **quem** vinha logo pro quadro **era** a Érica

Foco Contrastivo

(34) **O que** interessa **é que** houve um espaço para o desenrolar dos acontecimentos

Foi atestada apenas uma pseudoclivada reduzida e ela contém foco de informação, como se vê em (35):

Clivada Canônica Reduzida

Foco de Informação

(35) eu não percebo **é que** a Marise quando era aluna do professor Jorge, fazia uma excelente leitura mesmo

Quando a pseudoclivada é do subtipo invertida, parece que segue na mesma direção que clivadas canônicas invertidas: as duas ocorrências atestadas contêm foco contrastivo como em (36):

Pseudoclivada Invertida

Foco Contrastivo

(36) Eu não sei de quem foi a ideia. **O que é** certo é que...

Foram atestadas quatro pseudoclivadas extrapostas, e todas apresentam foco contrastivo, como se exemplifica em:

Pseudoclivada Extraposta

Foco Contrastivo

(37) **é** uma tristeza **quando** a mãe desespera mas é triste sim

No corpus de 'Fala Espontânea' foram atestadas também três ocorrências e clivadas apresentativas, e as três ocorrências apresentam foco contrastivo, como se exemplifica em:

Clivada Apresentativa

Foco Contrastivo

(38) Agora se repararmos, **é que** a maior parte desta violência acontece na camada juvenil

Antes de concluir a descrição das construções clivadas em PCV, chama-se a atenção para o grupo de dados, já mencionado no capítulo anterior: o grupo denominado de interrogativas-Wh clivadas na literatura – ver Braga, Kato & Mioto (2009: 270, 2015: 211-212). Para tal, apresenta-se um extrato da Tabela (34) do Capítulo V, como se vê em:

Interrogativas em PCV		
Padrão	**Highligther**	
	Subset 1 **[Pron-Wh + COP + Que...?]**	***Subset 2*** **[Pron-Wh + Que...?]**
76	105	31
35,5**%**	49,5**%**	14,6**%**
35,5%	**136 = 64,5%**	

Tabela (9) – Resumo de Estratégias Interrogativas em PCV

Como se pode observar pela Tabela (9), 64,5% das interrogativas em PCV se dá pela estratégia denominada na literatura como interrogativa clivada, com e sem cópula, como em:

(39) **o quê é que** nós vamos fazer?

(40) **o quê que** tu pensas?

Na literatura, sentenças como (39) são tratadas como interrogativas-Wh clivadas com cópula, pois, entende-se que há uma biclausidade: o pronome-Wh estaria na oração copular, nesse caso [o que], e haveria uma oração predicado complemento, nesse caso o TP [que nós vamos fazer]. De modo igual, entende-se que, em (40), há a mesma construção biclausal em que: o pronome-Wh estaria em uma oração copular em que a cópula teria sido apagado, nesse caso [o que], e haveria a oração predicado complemento [que tu pensas].

Como se pode observar, sentenças como em (39) e (40) totalizaram 136 – número maior que o de todas as clivadas contabilizadas para esta Tese. Logo, fica evidente que essas sentenças não foram analisadas como sendo clivadas. A razão para tal análise é apresentada na próxima parte, a da análise das clivadas em PCV.

A seguir, apresenta-se uma tabela-resumo da descrição das clivadas em PCV, à semelhança dos dois capítulos anteriores.

		Clivadas					Pseudoclivadas							Total
							Subtipo				Pronome-Wh			
		Pessoal	Impessoal	Invertida	Reduzida	Apresentativa	Canônica	Reduzida	Invertida	Extraposta	O que	Quando	Quem	
Tipo de Foco	Contrastivo	6	18	15	5	3	7	0	1	4	10	0	3	59
	de Informação	3	12	0	0	0	2	1	0	0	1	1	2	18
Estatuto Sintático com Relação ao VP do Predicado Complemento	Sujeito	2	6	6	2	Toda a Sentença é Foco	5	-	1	-	1	-	5	20
	Objeto Direto	3	12	2	1		3	-	-	1	5	-	-	22
	Objeto Indireto	-	-	-	-		-	-	-	-	-	-	-	0
	Complemento Oblíquo	-	-	1	-		-	-	-	-	-	-	-	1
	Adjunto de Tempo	1	3	2	-		-	-	-	-	-	1	-	6
	Adjunto de Lugar	-	-	-	-		-	-	-	1	-	-	-	1
	Adjunto de Causa	2	7	3	3		1	1	-	2	3	-	-	19
	Adjunto de Modo	-	-	4	-		1	-	-	-	2	-	-	5
Total		8	33	23	1	3	11	1	1	5	11	1	5	77
Porcentagem		11,9%	49,2%	32,8%	1,5%	4,4%	68,8%	0%	6,6%	31,7%	64,7%	5,8%	29,5%	100%
		100%					100%				100%			

Tabela (10) – Resumo da Descrição das Clivadas em PCV

6.3. ANÁLISE DERIVACIONAL DAS CLIVADAS EM PCV

Nesta segunda parte, apresenta-se a análise derivacional das clivadas em PCV. A análise que aqui se apresenta diverge em alguns aspectos da análise tradicional que se vê na literatura sobre a estrutura sintática das construções clivadas. Assim, antes de proceder com a proposta da análise derivacional das clivadas em PCV, faz-se uma breve apresentação da proposta de análises prévias em que a proposta de derivação que se propõe neste capítulo segue.

6.3.1. **A Proposta de Estrutura Monoclausal para Clivadas**

Nesta Tese, no que concerne, a análise das construções clivadas em PCV, segue-se direcionamento que vem sendo desenvolvido por um grupo de pesquisadores – (Oliveira, 2005, 2006, 2011); Oliveira & Holm (2011); Jorge & Oliveira (2012); Oliveira (2014); Jorge, Santos & Oliveira (2015); Svartman et al (2015); Santos (2015), entre outros.

Na literatura, as construções clivadas são normalmente tratadas como estruturas biclausais.

Atente para a definição de Higgins (1973) para as pseudoclivadas (um dos tipos de clivadas descritos na parte I deste capítulo):

> [...] o termo 'sentença pseudoclivada' deve ser entendido da maneira como é padrão na literatura, como se referindo a uma sentença copular com uma oração relativa livre que tem 'what' como sujeito, que com base em muitas propriedades [...] são peculiares a sentenças especificacionais desta forma em particular – Higgins (1973: 275; texto traduzido).

Como se atesta em Higgins (op. cit.), a análise tradicional e 'padrão' na literatura para as clivadas é a de uma estrutura biclausal. Segundo Santos (2015: 104), essa análise vem sendo seguida ao longo dos anos. O autor (op. cit.) aponta para o fato de que existem duas características estruturais comuns da operação de clivagem apresentadas por autores de períodos e perspectivas teóricas diferentes: (i) a presença de uma cópula; (ii) a presença de um pronome relativo (ou operador). Todavia, segue-se a proposta que se vê em Oliveira (2014), entre outros, de que as construções de clivagens são estruturas monoclausais e não biclausais como amplamente divulgado na literatura. A proposta de clivadas como estruturas

monoclausais, que se segue nesta Tese, parte de estudos comparativos entre variedades linguísticas consideradas reestruturadas (no entender de Holm 2004) – que incluem o Português Vernacular Brasileiro e as línguas crioulas do atlântico (que inclui o crioulo de Cabo Verde) e as línguas do oeste africano.

A observação inicial que orientou o grupo de pesquisadores acima citados parte de Oliveira (2005), que apontou que as estruturas interrogativas-Wh fronteadas na língua ibíbio são sempre seguidas de uma partícula de foco **ké** obrigatória.

Oliveira (2006: 163) observa que o movimento (cópia em termos minimalistas) dos elementos Whs em ibíbio para a periferia da sentença é para checagem do traço foco e não para verificar movimento-Wh (ou seja, não é motivado por um traço Wh e um traço *Edge* na linguagem minimalista). Já nesse trabalho, ainda que descrevendo uma propriedade da língua ibíbio, em nota de rodapé, Oliveira (op. cit.) faz uma ligação desse fenômeno com estruturas análogas no português brasileiro: a tradução literal apresentada por Oliveira (2006: 163) para o exemplo dado em ibíbio é:

(40) **Onde que** sua mãe foi?

Atente para as palavras de Oliveira em nota de rodapé quanto a esse assunto: "*É interessante notar a existência desta partícula também em perguntas WH movidas no português do Brasil (PB) – ver a tradução livre da sentença [...] "onde que ...*" – nota de ropadé de Oliveira (2006:163). Como se pode ver, Oliveira (2006) não interpreta o morfema *que* em (40) como um complementizador, como se vê normalmente na literatura, mas sim como uma partícula de foco.

Partindo da análise de Oliveira (2006), de que o morfema *que* em contextos como em (40) é uma 'partícula de foco', em trabalhos subsequentes, M. Oliveira e ainda outros pesquisadores buscam corroborar estruturas monoclausais nesse tipo de dados. Assim, Oliveira (2011: 15), retomando Oliveira (2008) e Oliveira & Holm (2011), aponta que dados com elementos Wh movidos e seguidos do morfema *que* não são estruturas clivadas, mas sim um tipo de foco, denominado de 'foco de controle gramatical'. Uma observação importante que se vê em Oliveira (2011: 17) é a de que, na língua ibíbio, há uma cópula verbal, mas ela nunca aparece em estruturas interrogativas-Wh fronteadas, como acontece na língua

portuguesa, por exemplo. Porém, o trabalho de Oliveira (2011) vai mais além, demonstrando que as estruturas com interrogativas-Wh fronteadas seguidas por uma 'partícula de foco' são atestadas em várias línguas do oeste africano tais como ioruba, hausa, e em línguas crioulas do Atlântico como o CCV e outras variedades reestruturadas do português falado na África – Oliveira (2011: 15-19). Dos exemplos apresentados por Oliveira (op. cit.), destaca-se o caso da língua hausa como se explica a seguir.

Baseado em Green (2007: 69 e 116), Oliveira (2011: 18) aponta para dois fatos importantes: (i) na língua hausa a cópula é de natureza não verbal, mas mesmo assim o marcador de foco pode tomar a mesma forma que a cópula; (ii) as construções fronteadas com foco em hausa são construções monoclausais, contendo um único elemento verbal e uma cópula não verbal de marcação de foco.

O trabalho de Oliveira (2011: 27) segue além, observando que as estruturas-Wh fronteadas e seguidas por uma 'partícula de foco' são atestadas em outras línguas do mundo que são consideradas línguas não reestruturas como a língua malagaxe, por exemplo. Sendo assim, tal fenômeno não pode ser tomado como "*propriedade de qualquer conjunto particular de línguas no mundo, em especial as línguas africanas*" – Oliveira (2011: 28).

Antes de concluir esta subseção, cabe observar que a proposta monoclausal para construções clivadas não é exclusiva do grupo de estudiosos acima apresentado. Há um outro grupo de estudiosos (ver, entre outros, Brito (1991), Costa & Duarte (2001), Alexandre (2006),), Soares (2006), Lobo (2006), Gonçalves (2013)) que adotam a proposta monoclausal, não para todas as construções clivadas de um modo geral, mas para um grupo especial: as com a sequência *é que*. Gonçalves (2013: 459) inclui as pseudoclivadas invertidas também no grupo das estruturas monoclausais. A análise desse grupo é a de que a sequência *é que* é lexicalizada no Cº - cf. Gonçalves (2013: 458). Nesta Tese, segue-se análise diferente desse segundo grupo quanto à análise da sequência *é que* e as clivadas de um modo geral como se vê nas próximas subseções.

6.3.1.1. Conceituando o Termo 'Highligther'

Como demonstrado na parte I deste capítulo, construções em PCV semelhantes às apontadas por Oliveira (2011) correspondem a 64,5% das

interrogativas-Wh atestadas no *corpus* desta Tese – ver Tabela (9) acima. Também se observou que a quantidade desse tipo de dados é superior aos tratados como clivadas na parte descritiva deste capítulo. No capítulo dos pronomes interrogativos (Capítulo V), a estratégia envolvendo elementos Whs fronteados seguidos do morfema *que* foi designada de estratégia interrogativa 'highlighter'.

A designação 'highlighter' para a estratégia envolvendo elementos Whs fronteados e seguidos do morfema '*que'* originou a partir da busca de uma solução para a proposta apresentada acima de que tais construções não podem ser consideradas estruturas clivadas – cf. Oliveira (2011: 28). O termo 'highlighter' é adaptado de Holm (1980) por Oliveira & Holm (2011: 24) para descrever o fenômeno de Whs fronteados e seguidos do morfema *que*, observado nas línguas reestruturadas e de uma forma geral espalhada nas línguas do mundo.

Assim, para dar procedência à análise das clivadas em PCV, retoma-se as duas características estruturais comuns apresentadas para as construções de clivagens: (i) a presença de uma cópula; (ii) a presença de um pronome relativo (ou operador). Para abordar essas duas características estruturais, torna-se necessário conceituar, em particular, o que se entende por sentenças copulares de uma forma geral na Literatura e em especial em Teoria da Gramática.

6.3.1.2. Sentenças Copulares

Segundo Stassen (1997, *apud* Silbaldo (2011: 53), as cópulas nas línguas do mundo se dividem em três tipos, com base na sua origem histórica: (i) verbais, (ii) pronominais e (iii) cópulas-partículas. Na língua portuguesa, a cópula é do tipo verbal, realizado normalmente através do verbo *ser* e do verbo *estar* – cf. Sibaldo (2011: 53). Hausa é um exemplo de línguas com cópulas-partículas, como apresentado acima. Segundo Gelderen (2011: 128), cópulas do tipo pronominal ocorreram em muitas línguas tipologicamente e geneticamente diferentes: turco, chinês, hebraico, árabe palestino, maltês, e algumas línguas crioulas.

Santos (2015: 105) observa que, na língua portuguesa, as estruturas denominadas de clivadas apresentam-se apenas com o verbo *SER*, assim à semelhança de Santos (op. cit.), o foco deste estudo centra-se no verbo copulativo *SER*.

Segundo Higgins (1973: 244-250), as sentenças copulares verbais podem ser agrupadas em quatro tipos: (i) predicacional; (ii) espeficicacional; (iii) identidade; (iv) identificacional.

Para descrever as sentenças copulares, Higgins (1973: 194) explica que, por questões de simplificação, os termos tradicionais conhecidos são usados, em especial os termos 'sujeito' e 'predicado complemento', em que 'Sujeito' é entendido como o sujeito (realizado) de uma sentença e o 'Predicado' como o restante da sentença (incluindo, obviamente, o verbo).

Segundo Higgins (1973: 224), exemplos paradigmáticos de sentenças copulares 'predicacionais' são aqueles do tipo 'João é alto', em que o 'sujeito' se refere a um objeto bem definido, não abstrato e o 'predicado complemento' é um adjetivo.

Segundo Higgins (1973: 152), em uma 'sentença copular especificacional', o predicado complemento diz acerca do que constitui ou compõe o objeto referido pelo sintagma nominal sujeito. Veja exemplos de Higgins (1973: 152) para sentenças copulares especificacionais em:

(41). a) John´s dream is to better himself

b) My reason is that I haven´t time

c) *John´s inability is to swim

d) *My anger was that Bill had lied

Segundo o autor (op. cit.), os NPs '*dream*' e '*reason*' permitem a interpretação atribuída pelos seus respectivos predicado complemento, logo, as sentenças (41 a e b) são sentenças copulares especificacionais. Diferentemente, os NPs '*inability*' e '*anger*' não permitem a interpretação atribuída pelos seus respectivos predicado complemento, logo, as sentenças (41 c e d) não podem ser sentenças copulares especificacionais. O 'predicado' complemento de uma sentença especificacional pode ser constituído pela cópula e por vários tipos de itens designados de sintagmas especificacionais, tais como sintagmas nominais, sintagmas adjetivos ou sintagmas verbais, ou com uma oração – cf. Higgins (1973: 204).

Higgins (1973: 165) postula uma hipótese de que a referencialidade é resultado da leitura especificacional da cópula. Assim, caso haja uma construção

copular, uma leitura especificacional é permitida. Logo, essa construção deve exibir também referencialidade. Assim, sentenças copulares que não são especificacionais não devem conter referencialidade como se vê em[93]:

(42) a. What John is is proud of himself.

b. #What John is is proud of him.

(43) a. ? What John is is important to himself.

b. #What John is is important to him.

Os exemplos (42a) e (43a) são sentenças copulares especificacionais, e os exemplos (42b) e (43b) são sentenças copulares predicacionais. Quanto ao termo 'referencial', Higgins (1973: 204) explica que os itens que podem ser utilizados referencialmente são sintagmas demonstrativos, pronomes pessoais, nomes próprios e sintagmas nominais definidas. Sintagmas demonstrativos nominais usados referencialmente são chamados de 'Sintagmas Dêiticos (nomes)'.

As sentenças copulares identificacionais, segundo Higgins (1973: 220, 245), são aquelas usadas tipicamente para ensinar os nomes das pessoas ou das coisas como:

(44) That is Joe Smith

No inglês, tais sentenças têm como sujeito o pronome demonstrativo '*that*' e suas variações – cf. Higgins (1973: 245).

Para conceituar uma sentença copular de identidade (equativa), Higgins (1973) adota a definição de Wiggins (1965):

> Para uma sentença expressar uma identidade "é" ou "=" deve ficar entre dois sintagmas nominais, se forem distintas, estão servindo independentemente um do outro para fazer referências genuínas. Por este critério 'A estrela vespertina é a estrela da manhã' e 'Hesperus é Fósforo' expressam identidades genuínas – Wiggins (1965: 42 *apud* Higgins, 1973: 243, traduzido).

Higgins (1973: 245) chama a atenção para o fato de que as sentenças copulares de identidade são próximas às sentenças identificacionais, e caso alguém abstrair as 'condições de uso', os dois tipos podem ser analisados como idênticos.

---

[93] Higgins (1973: 165), dados (64) e (65), reenumerados.

Para desfazer as muitas ambiguidades que podem ser criadas por sentenças copulares, Higgins (1973: 244-247) apresenta uma série de tabelas, das quais apresenta-se a seguinte:

Tipo de Sentença	Sujeito	Predicado
Identificacional	Referencial	Identificacional
Identidade	Referencial	Referencial
Predicacional	Referencial	Predicacional
Especificacional	Superscripcional[94]	Especificacional

Tabela (11) Estrutura do Subjeito-Predicado de Sentenças Copulares
Adaptado de Higgins (1973: 246)

Após apresentar e definir os quatro tipos de sentenças copulares, Higins (1973) foca seu estudo nas sentenças copulares especificacionais devido à sua estreita relação com as pseudoclivadas, o objeto principal de seu estudo. Assim, Higgins (1970) dedica o capítulo 6 de sua tese para elencar as particularidades das 'pseudoclivadas especificacionais'.

Para caracterizar a leitura especificacional das pseudoclivadas, Higgins (1973: 154) retoma as palavras de Akmajian (1970: 19, traduzido):

> [...] a oração inicial de uma pseudoclivada contém o que é essencialmente uma variável semântica, uma 'lacuna' semântica que deve ser preenchida ou especificada pelo item focalizado [...] o item focalizado deve especificar um valor para a variável da oração, e consequentemente o item focalizado deve pertencer à classe semântica apropriada, ou seja, à classe representada pela variável.

Higgins (1973) segue a divisão das sentenças clivadas em duas partes tal como apresentado por Chomsky (1971:70): (i) a parte focalizada que corresponde ao valor atribuído à variável – corresponde à informação nova; (ii) e a parte designada de pressuposição – a informação que já é parte da asserção feita.

A partir dos conceitos apresentados acima sobre sentenças copulares, apresenta-se a seguir, questões ligadas à interpretação semântica do tempo que corroboram que copulares inseridas em construções clivadas estão em estruturas monoclausais.

---

[94] É um dos termos introduzidos por Higgins (1973) para explicar as sentenças especificacionais. Segundo Dikken (2001: 3) esse termo se refere à "definição do núcleo de uma lista". Para mais detalhes ver Dikken (2001: 3-5).

6.3.1.3. Questões Ligadas à Interpretação Semântica do Tempo

Para dar sequência à proposta de grupo de pesquisadores que advogam que as clivadas são estruturas monoclausais, faz-se referência a seguir ao trabalho de Jorge, Oliveira & Santos (2015). Um dos argumentos dos autores (op. cit.) a favor de que estruturas clivadas sejam consideradas monoclausais relaciona-se às propriedades da cópula como apresentado acima. Segundo Jorge, Oliveira & Santos (2015: slide 9), a análise representacional ('cópula' + 'que'), em que se interpreta as estruturas clivadas como biclausais, não capturam as propriedades da cópula (interpretações/'equativa'). Jorge, Oliveira & Santos (2015: Slide 10) assumem, em sua proposta de monoclausalidade de estruturas clivadas a abordagem de Stowell (1996, 2007) sobre aspectos temporais.

A proposta central de Stowell (2007) é a de que muitos aspectos centrais da semântica do tempo são determinados por princípios da teoria sintática, motivados independentemente – cf. Stowell (2007: 437). Assim, Stowell (2007: 438) enumera uma sequência desses princípios da teoria sintática 'motivados independentemente':

(i) *A Teoria de Estrutura Argumental.* Essa teoria oferece um modelo 'estrutural' para a semântica do 'Tempo'. Nesta ótica, os tempos individuais são analisados como predicados temporais de dois argumentos: (a) o 'argumento interno' de um 'Tempo' é a expressão temporal que contém a expressão verbal (VP) – o argumento interno de um Tempo denota o que é chamado tradicionalmente o 'Momento do Evento' (*event time* – ET) do Tempo; (b) o 'argumento externo' do tempo é implícito; denota um tempo que funciona como o 'Tempo de Referência' (*Reference Time* – RT). Se é uma sentença monoclausal simples, geralmente corresponde ao Tempo real de enunciação (*utterance* time – UT). O próprio Tempo impõe uma organização temporal relativa entre RT e ET; Por exemplo, o Tempo passado ordena RT após ET.

(ii) *Teoria da Estrutura Sintagmática*. Essa teoria oferece uma codificação sintática para a estrutura argumental, apontada acima, em termos da estrutura do TP em que: (a) o núcleo do sintagma é (T); (b) o argumento

implícito RT ocupa a posição sintática de especificador (Sujeito) do TP; (c) o argumento ET ocorre sintaticamente como o complemento de T,

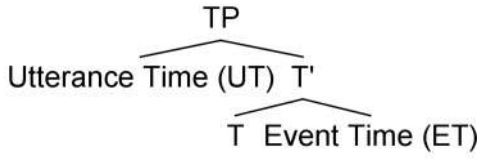
(iii) *Teoria de Controle***.** Essa teoria determina o controlador, ou antecedente, do Tempo de Referência (RT) implícito de T, determinando assim o ponto de referência do predicado de ordenação temporal. Seus principais efeitos são observados em orações subordinadas, em que o argumento ET da oração principal normalmente funciona como o 'Antecedente' do argumento RT implícito do tempo da oração subordinada.

(iv) *Teoria da Polaridade*. Essa teoria consiste em uma versão generalizada da teoria da polaridade negativa, que permite a possibilidade de que certos morfemas temporais aparentes possam ser de fato itens de polaridade temporal com uma relação de alcance especificada para um tempo implícito localizado em outro lugar na estrutura sintática.

(v) *Teorias de Movimento, Escopo e Forma Lógica (LF)*. Essas teorias permitem a possibilidade de certas orações subordinadas poderem sofrer um movimento sintático implícito na derivação de representações da LF, antes da aplicação dos princípios de teoria de controle e de licenciamento dos itens de polaridade.

Stowell (2007: 439) toma como base a representação sintática do Tempo de Zagona (1990) como representação de dois lugares para o Tempo como em:

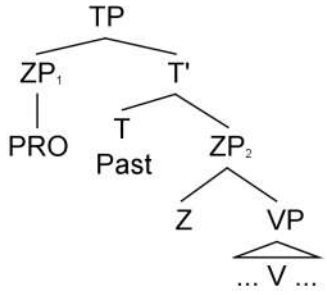
(45)



A partir da apresentação inicial de Zagoma (1990), e implementando certas reformulações, Stowell (2007: 441)[95] chega à proposta da seguinte estrutura sintática para o Tempo em:

(46)

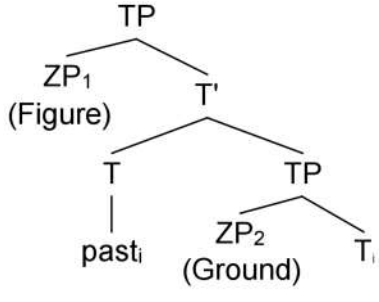
[95] Estrutura reenumerada.



Em (46), o argumento ET implícito de T é ZP2; o argumento implícito de UT (sujeito) de T é um ZP nulo, análogo a pro ou PRO. Quando ao argumento nulo, Stowell (2007: 441) assume que assim como D e/ou DP podem ser foneticamente nulos em certas línguas, assim pode-se esperar que Z e/ou ZP sejam nulos em algumas línguas.

Stowell (2007: 443) recorre ainda à proposta de Larson (1988), de que todos argumentos de um verbo originam na posição Spec de uma projeção VP distinta, para propor um modelo análogo à categoria TP. Assim como um verbo que possui n-argumentos exige n-projeções VP para conter esses argumentos, um TP que possui n-argumentos temporais (como o exemplificado em (46)) precisa de n-projeções TP para albergar seus argumentos. Seguindo essa ótica, Stowell (2007: 442) propõe a árvore sintática representada em (46) é expandida na árvore que se vê em:

(47)



Em (47), os termos *Figure* e *Ground* são adotados pelo autor (op. cit.), a partir de Demirdache & Uribe-Etxebarria (2000), para designar os 'papeis temáticos' que T atribui aos seus argumentos. Segundo o autor (op.cit.), esses termos são normalmente utilizados para se referir aos argumentos de preposições de localização espacial. Por questões de simplicidade, no seu trabalho, Stowell (2007: 443), afirma que usa a projeção como se vê em (46), mas, que o seu fundamento teórico toma como base a proposta assumida em (47). Nesta Tese em corrobora-se a proposta monoclausal das construções clivadas, assume-se a

proposta em (47), como é demonstra mais adiante ao apresentar a proposta derivacional das clivadas.

No trabalho de Stowell (2007: 456), há ainda uma observação que possui ligação direta com os temas abordados nesta Tese. O autor (op. cit.) aponta para a observação de Enç (1987), de que o tempo de uma oração relativa difere do tempo de uma oração completiva, no sentido de que uma oração relativa permite uma interpretação independente e absoluta do tempo, diferentemente de uma completiva que não permite uma interpretação independente. Para explicar esse fenômeno, Stowell (2007: 456) toma a proposta de Ross (1970) de que o argumento RT do tempo é controlado pelo argumento temporal de verbos performativos implícitos, e não pelo argumento temporal do verbo da oração principal. A proposta de Ross (1970) é a de que toda sentença declarativa tem uma oração principal subordinante que contém um predicado discursivo abstrato 'performativo' que atribui o evento de enunciação real, como por exemplo: "Eu digo a você que + [CP declarativo]" – cf. Stowell (2007: 447).

A observação acima é utilizada para corroborar ainda mais a proposta monoclausal das construções clivadas: mas próximas subseções, é demonstrado que a Forma SER nas clivadas não possui uma interpretação independente do tempo do verbo lexical. Logo, ao assumir a estrutura monoclausal para construções clivadas, assume-se de igual modo que tais construções não contêm uma relativa.

6.3.2. **A Derivação das Clivadas em PCV**

Feita a conceituação dos principais aspectos relacionados às construções clivadas, prossegue-se com a análise derivacional dessas construções em PCV. Como já mencionado, tradicionalmente as clivadas e seus subtipos são analisados como estruturas sintáticas contendo uma '*Small Clause*' ('Pequena Oração' em português brasileiro; 'Oração Pequena' em português europeu). Duarte (2003: 688) faz uma proposta de estrutura simplificada para todo o processo dito 'clivagem' com em:

(47) $[_{SFlex}$ ser $[_{OPeq}$ $[_{SComp}$ {[o que]$_i$ / *OP*$_i$ que} o corvo comeu [V]$_i$] $[_{SN}$ o queijo]$_i$]]

Segundo a autora (op. cit.), em todos os tipos de clivagem:

> [...] a categoria vazia presente no constituinte oracional que ocupa a posição de sujeito da oração pequena é ligada por um operador (o pronome relativo ou um operador nulo, em itálico [...]) cujo valor é fixado pelo constituinte clivado – Duarte (2003: 688).

Como já mencionado no início desta segunda parte deste capítulo, não se assume, nesta Tese, uma estrutura biclausal para as clivadas. Assim, a partir das argumentações apresentadas acima, no restante desta segunda parte, busca-se demonstrar porque não se adota a estrutura biclausal para as clivadas em PCV.

6.3.2.1. Corroborando a Estrutura Monoclausal

Primeiramente, busca-se justificar porque as ocorrências do conjunto de dados denominados tradicionalmente na literatura de interrogativas-Wh clivadas (um total de 67% de todas as interrogativas em PCV) não foram contabilizadas nem analisadas no grupo de construções clivadas, apresentado na primeira parte deste capítulo. A primeira resposta a esta possível pergunta é a de que tais sentenças não são analisadas como sendo estruturas biclausais, logo, não são consideradas estruturas clivadas. No entanto, considera-se que existem estruturas interrogativas clivadas em PCV, ou seja, interrogativas contendo uma clivada, como a que se vê em[96]:

(48) Mas **é** [*só o problema económico*] **que** traz a crise?

Para evidenciar que em (48) há uma oração clivada embutida na interrogativa, é reproduzido a seguir esse dado no seu contexto imediato no *corpus*, como se vê em[97]:

> (49) –INF 01: se formos falar de alimentação de uma forma positiva o que queríamos dizer? positivo? algo bom sobre alimentação José?
> –INF 03: ININT
> –INF 01: que nós estamos…todo mundo será que está alimentado bem?
> –INF 02: Não!
> –INF 01: então ai está… está… alguma coisa ai,
> tem POSITIVO e TEM NEGATIVO
> –INF 02: [POSITIVO… E NEGATIVO

---

[96] A partir deste ponto em diante, ao utilizar o termo 'clivada', entende-se como o processo de ensanduichamento de um constituinte sintático entre as formas SER e que, e não como uma estrutura biclausal como, normalmente, se vê na literatura.

[97] O contexto é uma sala de aula do quinto ano. INF01 é o professor, e INF 02 e INF 03 são alunos interagindo com o professor.

–INF 01: positivo é que nós devemos alimentar bem, ou seja ter uma
alimentação agora sim aquela palavra...
–INF 02: EQUILIBRADA
–INF 01: uma alimentação equilibrada
INF 03: comer um pouco de tudo
INF 01: comer um pouco de tudo… mas será que todo mundo consegue comer
um pouco de tudo?
INF 02: NÃO!
INF 01: NÃO! …existem pessoas…
INF 03:[por causa da crise…[por causa da crise
INF 01: por causa da crise, passa fome por causa da crise, o que que quer dizer
com crise?
INF 02: Não tem dinheiro
INF 01: não tem dinheiro falta… situação de vida difícil, falta de trabalho, então
temos problemas economicos, dinheiro não é assim? **mas é só o problema económico que traz a crise**?
INF 02: Não
INF 01:aqui em Cabo Verde por exemplo o que que tamos com falta hoje que
está com muito calor?
INF 02: CHUVA
INF 01 : falta das chuvas, então no mundo acontecem o que?
INF 02 : SECAS

Assim, pelo contexto em (49), é evidenciado de que se atesta uma estrutura clivada embutida na interrogativa em (48): há ensanduichamento do sintagma [só o problema econômico] entre a forma *é* e o morfema *que*.

A primeira observação que se faz é que a pergunta em (48) é uma pergunta do tipo sim/não e não uma interrogativa-Wh – em (48), não há um pronome interrogativo-Wh: (i) a estrutura *é...que* por si só não tem a força de um sintagma-Wh interrogativo; (ii) o morfema *que* nesse contexto não tem a função de um pronome-Wh.

Quanto à tipologia, a sentença copulativa embutida na interrogativa em (48) é do tipo especificacional. Usando a terminologia de Higgins (1970) para as partes de uma sentença copular, nomeadamente, 'sujeito' e 'predicado', pode-se dizer que: o sujeito [só um problema econômico] é o valor da variável atribuído ao predicado especificacional [que traz a crise]. No contexto geral em (49), o locutor faz a asserção com atribuição do valor à variável e solicita ao seu interlocutor para

apenas confirmar ou negar tal asserção; não é solicitado ao interlocutor para atribuir valor algum à variável, ou seja, não é aberta nenhuma variável.

Como se viu no capítulo anterior, é possível ter perguntas com orações encaixadas tanto relativas quanto completivas – ver os dados (104) e (108) do Capítulo V, reenumerados em:

Interrogativa contendo uma oração encaixada relativa

(50) Você viu **o menino que** trouxe o livro?

Interrogativa contendo uma oração encaixada completiva

(51) Você viu **que o menino** trouxe o livro?

Assim, como é possível ter interrogativas com orações encaixadas relativas e completivas, também é possível ter interrogativas com orações clivadas encaixadas. Pode-se observar que as interrogativas contendo orações encaixadas como as em (48), (50) e (51) são interrogativas do tipo sim/não e nunca interrogativas-Wh.

Assim, nesta Tese, são consideradas interrogativas clivadas somente as do tipo que se vê em (48), que por não serem interrogativas-Wh, não foram analisadas no Capítulo V, pois, o estudo empreendido das interrogativas nesta Tese centrou-se nas interrogativas introduzidas por pronomes-Wh e não nas do tipo sim/ como (48). As interrogativas introduzidas por interrogativos D-Linked podem dar a falsa impressão de conter um elemento NP ensanduichado entre o pronome-Wh e a cópula, como se vê no exemplo em:

(52) **Que verbo é que** se encaixaria na primeira?

No capítulo anterior, afirmou-se que os pronomes-Wh atuam como DPs que sempre selecionam um NP, seja ele explícito ou implícito. O interrogativo D-Linked *que* requer um NP explícito, pelo que em (52), o NP [verbo] corresponde ao complemento lexical do constituinte da categoria funcional DP/Wh *que*.

A sentença 'aparentemente' copulativa em (52), diferentemente da apresentada em (48), é do tipo especificacional, pois nela abre-se uma variável que deve ser preenchida unicamente por um constituinte com valor semântico de um verbo. Em (51), também diferentemente de (48), há um interrogativo D-Linked, *que* – é o D-

Linked *que* que abre a variável por meio do seu restritor nominal *verbo*. Então deve ficar evidenciado que em uma pergunta-Wh, o elemento que abre a variável é o interrogativo D-Linked e não a sequência *é que*. Esse fato pode ser corroborado pela reformulação da pergunta (52) sem a sequência *é que* em:

(53) **Que verbo** se encaixaria na primeira?

A sentença em (53) sem a sequência *é que* contínua sendo uma interrogativa-Wh com a mesma leitura especificacional que a em (52).

Como já mencionado, não se assume a monoclausalidade somente nas denominadas interrogativas-Wh clivadas, mas sim nas construções clivadas de uma forma geral, por duas principais razões: (i) por não se ratificar, de acordo com Jorge, Santos & Duarte (2015), que o constituinte *SER* em contextos de clivagem seja verbo copulativo; (ii) por não se assumir que uma clivada contém uma relativa como seu 'predicado complemento'. Nas argumentações a seguir, busca-se corroborar esses dois fatos.

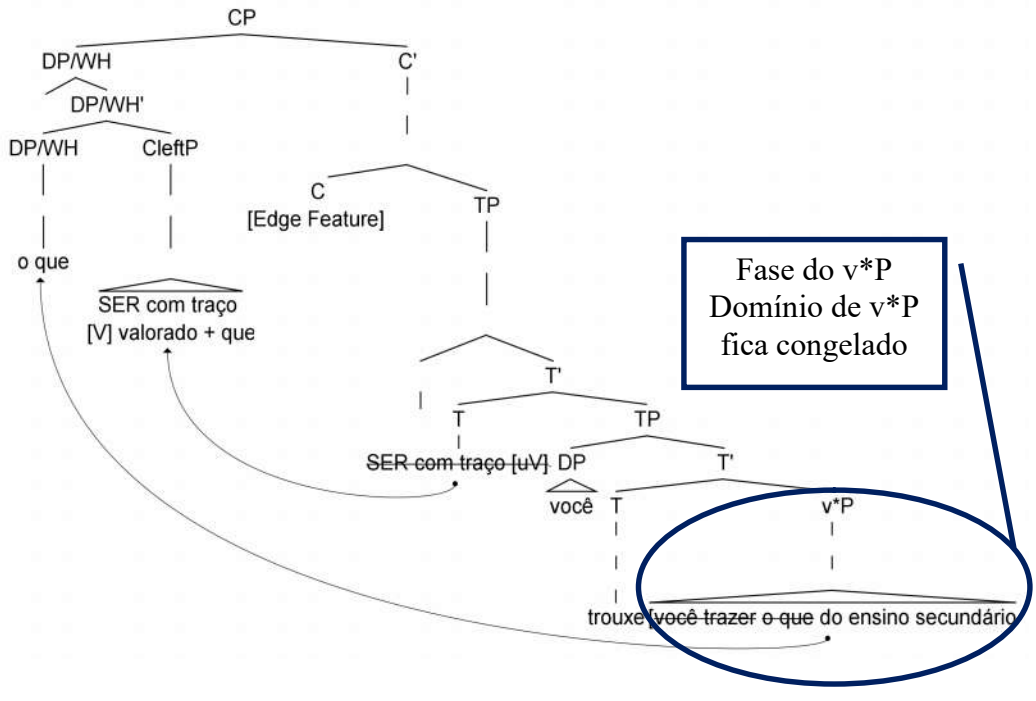
6.3.2.2. Redefinindo a Categoria Tempo da Forma *SER*

Para analisar os aspectos ligados ao tempo da Forma SER nas construções clivadas, retoma-se o que foi assumido na subseção (2.2) do Capítulo II: no Programa Minimalista, os itens lexicais são tidos como conjuntos de traços (formais, semânticos e fonológicos) e a computação sintática é entendida como o produto da interação dos traços formais dos itens lexicais com o Sistema Computacional. Segundo Chomsky (2008: 139), uma das exigências para que um item lexical entre na computação sintática e se concatene com um objeto sintático já presente no processo derivacional é possuir um traço que permita a sua concatenação. A proposta monoclausal para as estruturas clivadas que se apresenta nesta Tese implica assume-se que nas sentenças clivadas, há apenas um núcleo verbal. Isso implica no fato de que o processo derivacional da sentença clivada se dá em apenas duas fases: a do CP e a do v*P. A fase do v*P tem como núcleo o verbo que marca o único evento em uma construção clivada; a Forma SER não marca um evento, mas contribui para a construção de um tempo que não é o tempo do evento, mas sim o tempo da enunciação. Assume-se, portanto, que a Forma SER nas construções de clivagem entra no processo derivacional após a fase do v*P. A esse ponto da derivação, o domínio de v*P já está congelado. Assim, para se

concatenar "com um objeto sintático já presente", neste caso, o VP com conteúdo lexical (aquele que marca o evento) da sentença clivada, a Forma SER possui um traço verbal não valorado [*uV*] que permite a sua concatenação.

Com base na proposta de Stowell (2007: 442) apresentada na subseção (6.3.1.3.) e ainda na proposta de estrutura monoclausal para as clivadas, propõe-se a estrutura derivacional que se vê exemplificada de forma simplificada em:

(54) **O que é que** você **trouxe** do ensino secundário?



Em (54), corrobora-se Stowell (2007: 42), assumindo-se mais de uma projeção TP.

(i) na projeção mais baixa de TP, são verificados as aspectos temporais do verbo lexical *trazer*, o único que marca o evento em (54). Esse TP é responsável para carregar o ET [Tempo do Evento] que no entender de Stowell (2007: 442) "*corresponde ao tempo associado aos aspectos mais altos do verbo auxiliar ou ao verbo principal complemento de T*";

(ii) na projeção TP mais alta são valorados os traços [uV] da Forma SER. Na proposta de Stowell (2007: 439), a projeção TP mais alta tem, no seu Spec, o UT [*Uterance Time* – Tempo de Enunciação]. Como se vê em (54), assume-se que, em uma sentença clivada, essa projeção TP tem como núcleo a Forma SER. Logo, entende-se que SER contribui para localizar o ET em relação ao UT, contribuindo assim para a construção do Tempo de Referência (RT) em sentenças como (54).

Como já mencionado, em (54), há apenas um Evento, e este é marcado pelo verbo de conteúdo lexical *trazer*. Pela proposta derivacional apresentada em (54), assume-se que a Forma SER entre no processo derivacional após o congelamento do domínio de v*P, mas isso, ainda na esfera de TP, ou seja, na periferia (*Edge*) da fase v*P: a Forma SER possui um traço [uV] que precisa ser valorado; essa valoração só pode se dar em TP. Assim, após a valoração do traço verbal, e ainda pelo fato de estar na periferia (posição *Edge*) da fase do v*P, a Forma SER está disponível para a próxima fase derivacional, a do CP. Assim como visto em (54), a Forma SER é copiada para Spec CP, ocupando o núcleo do sintagma *Cleft* (ClefP).

Quanto ao 'tempo' valorado pela Forma SER nas clivadas, entende se tratar de um '*tempo omnitemporal ou gnômico*', como se vê marcado pelo tempo presente no grupo de dados em:

(55) **O que é que** você **traz** do ensino secundário?
(56) **O que é que** você **trouxe** do ensino secundário?
(57) **O que é que** você **trazia** do ensino secundário?
(58) **O que é que** você **trará** do ensino secundário?

O 'tempo' valorado pela Forma SER em (55) a (57) é entendido como tempo 'Presente Omnitemporal ou Gnômico': "*quando o momento de referência é ilimitado ... É o presente usado pela ciência, pela religião, pela sabedoria popular (máximas e provérbios)*" – Fiorin (2003: 169). Interessante notar que, mesmo quando o verbo lexical marca futuro – como (58) –, o SER da clivada corrobora o tempo 'gnômico" (universal), marcado de forma predileta na língua por 'presente'.

Todavia, é possível a valoração de outros tempos pela Forma SER nas clivadas, mas sem, contudo, que haja a perda do traço 'omnitemporal ou gnômico', como se pode ver pelo conjunto de dados em:

(59) **O que foi que** você **trazia** do ensino secundário?
(60) **O que foi que** você **trouxe** do ensino secundário?
(61) **O que era que** você **trazia** do ensino secundário?
(62) **O que era que** você **trouxe** do ensino secundário?
(63) **O que será que** você **traz** do ensino secundário?
(64) **O que será que** você **trouxe** do ensino secundário?
(65) **O que será que** você **trará** do ensino secundário?

Em (59) a (65), mesmo atestando-se as formas com marcação de tempo passado e futuro e aspectos perfectivo e imperfectivo, o tempo dessa forma SER pode ser atestado como "gnômico".

6.3.2.3. Redefinindo a Sequência *É Que*

Pelas razões apresentadas acima é que se assume que a sequência *SER* + *que* não é uma sequência formada por um verbo copulativo + pronome relativo[98]. Pelo contrário, ratifica-se a proposta de Oliveira (2006), ratificada e expandida em (Oliveira, 2011); Oliveira & Holm (2011); Jorge & Oliveira (2012); Oliveira (2014); Jorge, Santos & Oliveira (2015); Svartman et al (2015); Santos (2015); Oliveira, Zanoli & Andrade (2016), entre outros, de que a sequência *SER* + *que*, que aparece após os pronomes-Wh em variedades de português como o PCV, forma um sintagma que:

(i) é formado por uma operação de concatenação entre o elemento *SER* e o morfema *que*;

(ii) está associado a sentenças com uma marcação discursiva. Quanto à natureza dessa marcação discursiva, autores como Oliveira, Zanoli & Andrade .... assumem que esta categoria pode não ser necessariamente 'foco'. – cf. Oliveira, Zanoli & Andrade (2016: 413); (iii) apresenta natureza análoga às partículas de foco atestadas, em especial, em línguas africanas; (iv) em que a Forma *SER* é o elemento imprescindível, ainda que esta possa ter ocorrência com conteúdo fonológico nulo, ao contrário do morfema *que*.

6.3.2.4. Para uma Nova Proposta Derivacional das Clivadas em PCV

Pela análise feita até o momento, buscou-se provar a razão de se assumir que as clivadas não devem ser tratadas como estruturas biclausais. Ao assumir uma estrutura monoclausal para as clivadas, torna-se necessária a reformulação da proposta de estrutura que se vê na literatura, de forma a tentar explicar como são organizados os constituintes numa estrutura sintática com um único domínio oracional. Assim, doravante, os termos 'clivada', 'pseudoclivada' ou '*cleft*' não se referem aos conceitos tradicionais de clivagem. Referem-se, diferentemente, a um conceito de clivagem que é uma monoclausal, pois, não se prevê que o *SER* de tais

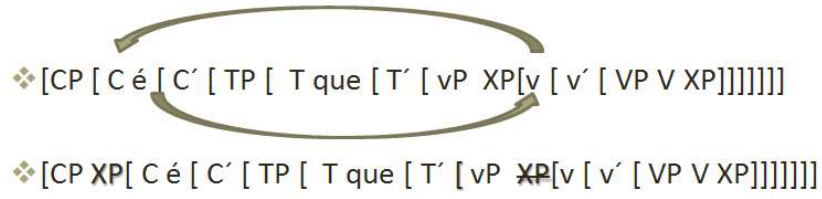
---

[98] Ou como complementizador para os estudiosos que o consideram um complementizador relativo em tais contextos sintáticos.

construções seja cópula nem que o *QUE* seja relativo ou complementizador – ver Jorge, Oliveira & Santos (2015) e Santos (2015), entre outros.

Como já mencionado, a proposta monoclausal para as clivadas que se assume nesta Tese, parte da proposta feita por Jorge, Oliveira & Santos (2015: slide 13), como se vê em:

(66)



Assume-se a proposta monoclausal de Jorge, Oliveira & Santos (2015) para as clivadas, porém, com certa reformulação no que diz respeito à organização dos constituintes da sequência *SER* + *QUE* na periferia da sentença. A reformulação da proposta monoclausal com uma nova reorganização dos constituintes no Spec CP, é feita, especialmente, por se discordar dos autores (op. cit.) de que o morfema *que* esteja inserido em T e de que a forma *SER* seja alçada de um núcleo V.

Logo, o primeiro direcionamento tomado para uma nova proposta derivacional da estrutura de uma sentença com clivagem é o de que há apenas um domínio oracional nas construções ditas clivadas. A hipótese de um domínio oracional único pode ser ainda corroborada pela descrição feita dos dados da Tabela (7) deste capítulo. Nessa descrição, orientada em Braga, Kato & Mioto (2015: 206), vê-se que a oração com marcação de foco (clivada) desempenha sempre uma função sintática ligada ao VP da oração 'Predicado Complemento' e não ao suposto VP copulativo.

A proposta derivacional das clivadas em PCV é feita em duas partes, pois se assume que há diferenças estruturais entre a estratégia 'highlighter' (as denominadas de interrogativas-Wh clivadas na literatura) e a estratégia clivada em si.

6.3.2.4.1. ***Proposta Derivacional da Estratégia Highlighter***

Para propor a estrutura derivacional da estratégia interrogativa '*Highlighter*', retoma-se o dado (99) renumerado em:

(67) **O que foi que** você trouxe do ensino secundário?

Como já mencionado, assume-se que a diferença estrutural entre uma interrogativa-Wh padrão e uma interrogativa-Wh highlighter (ver subseção (5.1.2) do Capítulo V) consiste apenas na organização dos constituintes no Spec CP. Assim para derivar uma interrogativa-Wh highlighter é preciso apenas determinar em que fase derivacional entra a sequência *foi que*. Veja o seguinte teste:

(68)

a) **O que foi que** você trouxe do ensino secundário?

b) Você trouxe **o que** do ensino secundário?

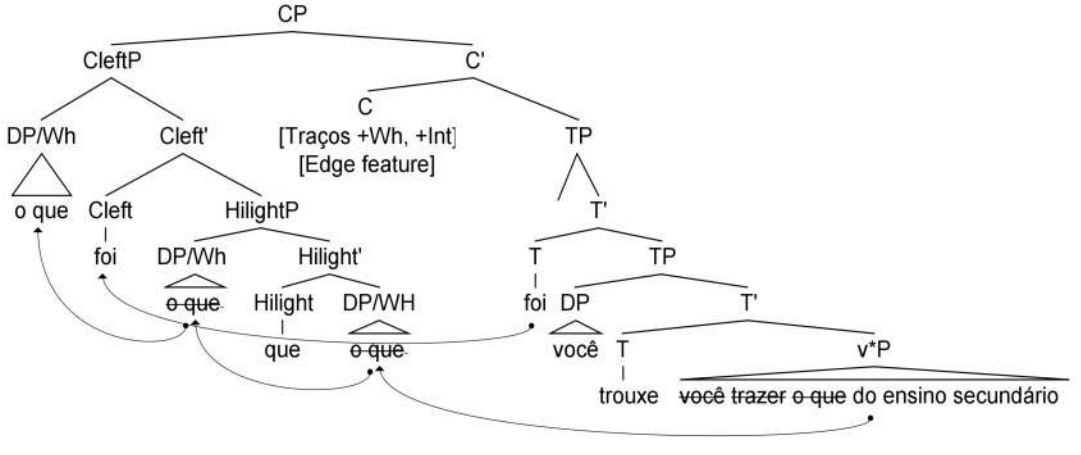
c) *Você trouxe **o que foi que** do ensino secundário?

Pelo conjunto de dados em (68), observa-se que a sequência *foi que* causa a agramaticalidade em (68c), pois não faz parte da estrutura argumental do verbo *trazer* juntamente com o pronome-Wh *o que*. Por essa razão entende-se que se a sequência *foi que* não ocorre na fase do v*P; só pode ocorrer na próxima fase, a do CP. Assim, propõe-se que, logo, o Arranjo lexical de (119) deva ser:

(69) AL = {SAL_2 = {$\mathbf{C_1}$, $\mathbf{T_1}$, $\mathbf{foi_1}$, $\mathbf{que_1}$}, SAL_1 = {$\mathbf{v^*}_1$, $\mathbf{você}_1$, $\mathbf{trouxe}_1$, $\mathbf{o\ que}_2$, $\mathbf{do}_1$, $\mathbf{ensino}_1$, $\mathbf{secundário}_1$}}

Assumindo que a sequência *foi que* entra no processo derivacional somente na fase do CP, então o Arranjo Lexical em (121) apresenta a seguinte derivação:

(70)



A derivação em (70) difere da derivação das interrogativas-Wh padrão (ver subseção (5.2.2) do Capítulo V) apenas em Spec CP, ou seja, na Periferia da fase CP. Assim, as análises seguintes centram-se exclusivamente nos processos derivacionais que ocorrem na Periferia da fase de CP. Cabe aqui relembrar a

proposta de Chomsky (2005: 10) de que a Periferia de CP é análoga à região que Rizzi (1997) chama de 'periferia esquerda', ou seja, a teoria de CP expandido (utilizada para dar conta dos elementos movidos acima de CP o que inclui os constituintes focalizados) – cf. subseção (2.2.1.3) do Capítulo II.

Pelo fato de se assumir que, em (70), não há mais nenhuma fase, além da fase CP, pois há apenas um v* e um C, para que a derivação possa convergir ao final, tudo o que precisa ser verificado deve ocorre à Periferia da fase do CP, ou seja, em Spec CP.

Em (70) apresentou-se a derivação de uma sentença em que na literatura diz conter uma interrogativa-Wh clivada – cf. Braga, Kato & Mioto (2009: 270, 2015: 211-212), entre outros. Nesta Tese, tais interrogativas são designadas de estratégia 'highlighter'. Para evitar a formulação de uma nova nomenclatura, adota-se o termo "*Cleft*" para designar o sintagma formado pela sequência *é que*. O sintagma *Cleft* tem como núcleo o constituinte *SER* e como argumento interno um sintagma 'highlighter' cujo núcleo é o morfema *que*. Na estratégia 'highlighter', assume-se que o pronome-Wh é movido (copiado) para Spec Highlighter e não para a posição de complemento desse sintagma, diferentemente do que acontece com as clivadas (ver derivação das clivadas a seguir). Esta proposta pode ser corroborada com o fato de que, com a estratégia 'highlighter', é possível ter a sequência [É **o que** que], mas não a sequência [É que **o que**]:

(71)

a) [É **o que** que]
[$_{Cleft}$ [$_{Celtf^o}$ É [$_{Hilight}$ **o que** [$_{Hilight^o}$ que...]]]]

b) *[É que **o que**]
*[$_{Cleft}$ [$_{Celtf^o}$ É [$_{Hilight}$ [$_{Hilight^o}$ que **o que**...]]]]

Foi atestado, nesta Tese, um conjunto significante de dados, o grupo designado de estratégia *Highlighter Subset 2*, como exemplificado em:

(72) **O que que** você **traz** do ensino secundário?
(73) **O que que** você **trouxe** do ensino secundário?
(74) **O que que** você **trazia** do ensino secundário?
(75) **O que que** você **trará** do ensino secundário?

Na literatura, dados como em (72) a (75) são considerados sentenças interrogativas clivadas com apagamento de cópula – cf. Braga, Kato & Mioto (2009: 270, 2015: 211-212), entre outros. Jorge & Oliveira (2012), porém, não corroboram a proposta de que em dados análogos às sentenças em (72) a (75) haja o apagamento de cópula. As autoras (op. cit.) propõem que em tais contextos há um fenômeno designado na literatura de '*foco de controle gramatical*': quando a marcação de foco não é direcionada pela intenção do falante, mas, sim, por razões de ordem interna à gramática. Esse fenômeno é largamente atestado nas línguas do oeste africano – cf. Jorge & Oliveira (2012: 257-258).

Porém, pela análise derivacional assumida para as clivadas nesta Tese, SER é tomado como núcleo do sintagma *Cleft*, que tem com argumento interno um morfema-Wh. Na sequência *é que*, viu-se que o morfema *que* pode ocorrer como ou sem o morfema SER, e em função disso, foi atribuída preeminência ao morfema *que*. Tovadia, seguindo a analogia do *CletfP* com DP, *Cleft* é comparado á categoria funcional D e o morfema-Wh à categoria lexical NP. Assim, como em um DP é mais recorrente o apagamento do D, entende-se que é mais recorrente o apagamento de *Cleft* SER. Logo, assume-se a proposta de Braga, Kato & Mioto (2009: 270, 2015: 211-212) de que em tais contextos sintáticos há uma Forma SER com conteúdo fonológico nulo.

6.3.2.4.2. ***Proposta Derivacional das Clivadas e Pseudoclivadas***

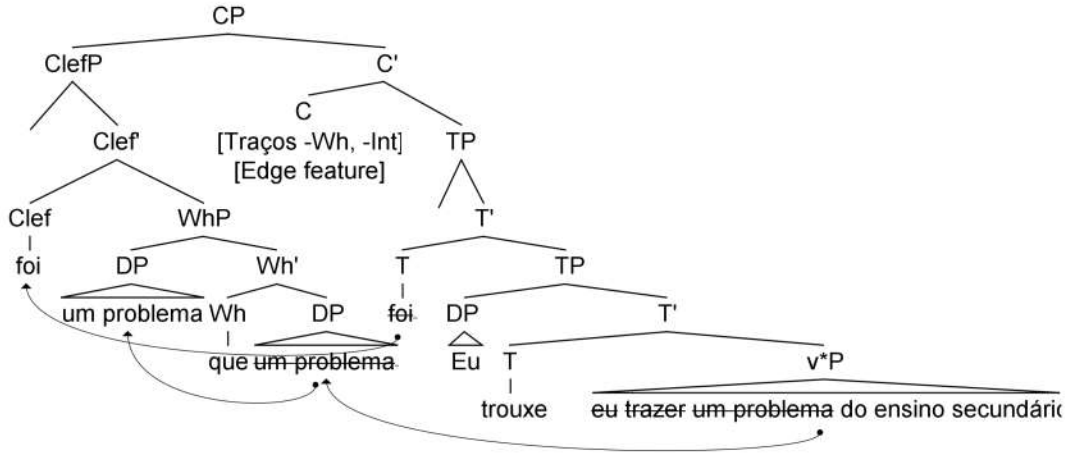
A seguir prossegue-se com a derivação de uma clivada canônica, com o seguinte dado do PCV:

(76)

a) **Foi** um problema **que** eu trouxe do ensino secundário

b) AL = {SAL_2 = {$\mathbf{C_1}$, $\mathbf{T_1}$, $\mathbf{foi_1}$, $\mathbf{que_1}$}, SAL_1 = {$\mathbf{v^*}_1$, $\mathbf{eu}_1$, $\mathbf{trouxe}_1$, **um** $\mathbf{problema}_2$, $\mathbf{do}_1$, $\mathbf{ensino}_1$, $\mathbf{secundário}_1$}}

c)



A proposta derivacional em (76) é baseada, me parte, em Stowell (2007: 441). Essa proposta é, portanto, ligada a uma interpretação semântica do tempo. Stowell (2007: 438) fez uma analogia entre o 'Sintagma Tempo' – TP e o 'Sintagma Determinante' – DP, enfatizando o fato de que D e/ou DP podem ser foneticamente nulos em certas línguas.

A proposta em (76) é de que, na Periferia de CP: (i) há um sintagma *Cleft* que tem como núcleo o constituinte *SER*; (ii) o sintagma *Cleft* seleciona como argumento interno um sintagma Wh; (ii) o sintagma Wh seleciona como argumento interno o constituinte focalizado, nesse caso, movido (copiado) da posição argumental do VP; (iii) o constituinte focalizado é movido para Spec Wh, originando assim a sequência [SER + Constituinte Focalizado + Wh]. Esta sequência é a ordem linear de uma clivada canônica. Os demais subtipos de clivadas variam dependendo se o constituinte focalizado é movido (copiado) para Sepc Wh, para Spec *Cleft* ou deixado *in situ* como argumento interno de Wh, como exemplificado a seguir. Observe abaixo:

(77)

É um problema **que**...

a) Clivada Canônica [**É** um problema **que**]

[$_{Cleft}$ [$_{Cleft^o}$ É [$_{Wh}$ um problema [$_{Wh^o}$ que [$_{DP}$ ~~um problema~~]]]]]

b) Clivada Invertida [Um problema **é que**]

[$_{Cleft}$ um problema [$_{Cleft^o}$ É [$_{Wh}$ ~~um problema~~ [$_{Wh^o}$ que [$_{DP}$ ~~um problema~~]]]]]

c) Clivada Reduzida [**Ø** um problema **que**]

[$_{Cleft}$ [$_{Cleft^o}$ **Ø** [$_{Wh}$ um problema [$_{Wh^o}$ que [$_{DP}$ ~~um problema~~]]]]]

d) Clivada Apresentativa [**É que** um problema]

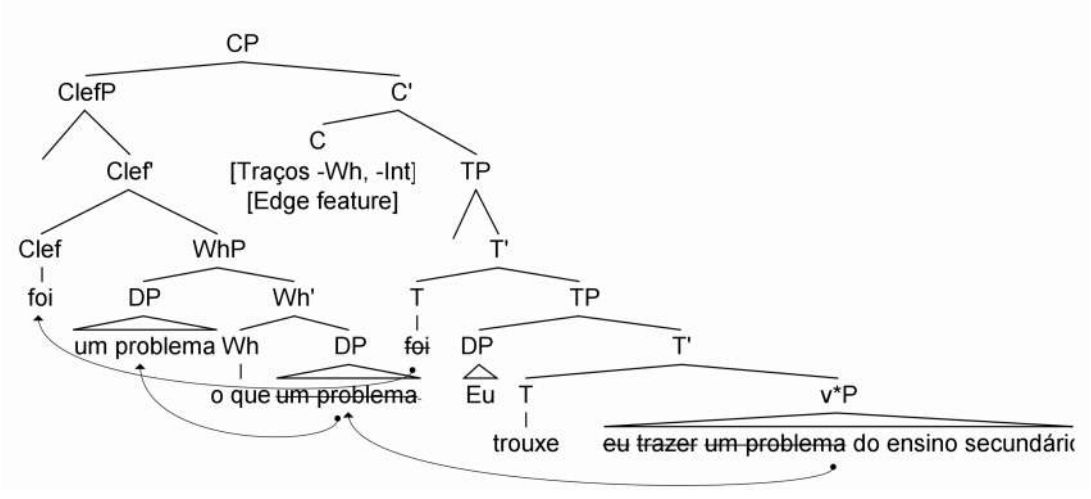
$_{Cleft}$ [$_{Cleft^o}$ É [$_{Wh}$ [$_{Wh^o}$ que [$_{DP}$ um problema]]]]]

Nesta Tese, assume-se que o morfema *que* em contextos tais como exemplificado em (77), não seja um complementizador, mas um morfema Wh, logo, trata-se de um morfema da mesma natureza que os pronomes relativos que introduzem as pseudoclivadas. Sendo assim, as pseudoclivadas apresentam a mesma estrutura derivacional que as clivadas, como se vê em:

(78)

a) **Foi** um problema **o que** eu trouxe do ensino secundário

b)



Os demais subtipos de pseudoclivadas (cf. subseção (6.2.1.2.)) variam dependendo se o constituinte focalizado é movido (copiado) para [Sepc Wh], para [Spec *Cleft*] ou deixado *in situ* como argumento interno de Wh, e se o Wh é movido para [Spec *Cleft*] ou deixado *in situ* como exemplificado a seguir:

(79)

Foi um problema **o que**...

a) Pseudoclivada Canônica [**O que** eu trouxe **foi** um problema]

[$_{Cleft}$ O que eu trouxe [$_{Cleft^o}$ Foi [$_{Wh}$ [$_{Wh^o}$ ~~o que~~ [$_{VP}$ ~~eu trouxe~~ [$_{DP}$ um problema]]]]]

b) Pseudclivada Invertida [Um problema **foi o que**]

[$_{Cleft}$ um problema [$_{Cleft^o}$ Foi [$_{Wh}$ ~~um problema~~ [$_{Wh^o}$ o que [$_{DP}$ ~~um problema~~]]]]]

c) Pseudoclivada Reduzida [**Ø** eu trouxe **foi** um problema]

[$_{Cleft}$ **Ø** eu trouxe [$_{Cleft^o}$ Foi [$_{Wh}$ [$_{Wh^o}$ ~~o que~~ [$_{VP}$ ~~eu trouxe~~ [$_{DP}$ um problema]]]]]

d) Pseudoclivada Extraposta [**Foi** uma problema **o que**]

[$_{Cleft}$ [$_{Cleft^o}$ Foi [$_{Wh}$ um problema [$_{Wh^o}$ o que [$_{DP}$ ~~um problema~~]]]]]

Assim, conclui-se que as clivadas e as pseudoclivadas apresentam a mesma estrutura sintática no que diz respeito às operações derivacionais que ocorrem em Spec CP.

SÍNTESE DO CAPÍTULO

O último capítulo desta Tese foi reservado para a descrição e análise do grupo de dados considerados estruturas de clivagem na literatura. A análise desse grupo de dados foi estrategicamente deixado por último pelo fato de, na literatura, serem atribuídas ligações diretas destes aos dois grupos de construções-Wh já apresentados: tradicionalmente, descreve-se a clivagem como uma estrutura biclausal em que há uma relativa, e entende-se que há interrogativas-Wh clivadas. Assim, seguindo o mesmo esquema dos dois capítulos anteriores, fez-se a descrição das clivadas em PCV numa primeira parte, e numa segunda parte apresentou-se a proposta derivacional para as clivadas em PCV.

A descrição das clivadas em PCV foi feita valendo-se da nomenclatura e tipologia usadas na literatura da Teoria da Gramática para descrever esse tipo de construções-Wh. Para a descrição foram contabilizados somente os dados de 'Fala Espontânea' contendo construções de clivagem; as sentenças consideradas interrogativas-Wh clivadas não foram contabilizadas. A descrição feita contemplou os seguintes aspectos: (i) os dois tipos de clivadas e seus subtipos: (a) clivadas: canônica (pessoal e impessoal), reduzida, invertida, apresentativa; (b) pseudoclivadas: canônica, reduzida, invertida, extraposta; (ii) identificação do pronome-Wh utilizado para introduzir a pseudoclivada; (iii) identificação do estatuto sintático do elemento focalizado com relação ao núcleo verbal não copulativo; (iv) tipo(os) de foco atestado(os) por cada tipo de clivagem.

Ao final da parte descritiva, foi apresentada uma tabela resumo de todos os aspectos acima mencionados, à semelhança do que foi feito para a parte descritiva dois capítulos anteriores.

Para apresentar uma proposta derivacional das clivadas em PCV, primeiramente, foram apresentadas as questões teóricas pelas quais, nesta Tese, não se assume as clivadas como estruturas biclausais. A proposta monoclausal assumida parte-se dos estudos de Oliveira (2005, 2006). Para desconstruir a proposta biclausal e montar a proposta monoclausal foi necessário definir alguns conceitos fundamentais: (i) sentenças copulares tomando como principal referência o trabalho de Higgins (1973) e dando ênfase às sentenças copulares especificacionais por apresentarem relações estreitas com as clivadas; (ii) questões ligadas à interpretação semântica do tempo.

Assim, munido dos conceitos acima enumerados, partiu-se para a proposta derivacional das clivadas em PCV. Para corroborar a proposta de estrutura monoclausal apresentada para as clivadas em PCV foram utilizados os seguintes argumentos: (i) nas construções denominadas de clivagem, há apenas um núcleo verbal, pois o constituinte focalizado (ensanduichado) é sempre um argumento ou adjunto desse núcleo verbal e nunca da Forma SER; (ii) pelas leituras de interpretação semântica do tempo, viu-se que a Forma *SER* nunca marca tempo do evento, mas sim um tempo da enunciação – 'a la' Stowell (2007). Assim o SER, tempo da enunciação, possui um traço verbal [uV] não valorado que é verificado na fase do CP, pois assume-se que ela entra no processo de derivação somente na fase 2, a fase do CP; (iii) não se pode dizer que, numa estrutura de clivagem, haja uma relativa, pois o suposto 'verbo copulativo' não apresenta leituras semânticas de tempo independente do núcleo verbal da dita 'oração relativa' – o estudo de Stowell (2007: 456) demonstra que em uma 'verdadeira' relativa o tempo da oração encaixada é independente e absoluta.

Feitas as reformulações e corroborada a estrutural monoclausal para as clivadas, foi apresentada uma nova proposta derivacional para esse tipo de sentença marcada em PCV, que consiste de duas estruturas básicas: (i) uma para a estratégia 'highlighter': um sintagma Cleft cujo núcleo é sempre a forma *é* invariável (implícita ou explicita) e o complemento é um sintagma Highlighter que tem como núcleo o morfema *que* e em cujo Spec é alojado o pronome-Wh copiado de posição argumental do VP não copulativo da sentença; (ii) outra para a estratégia de clivagem: um sintagma *Cleft* cujo núcleo é uma das formas do morfema *SER* e o complemento é um sintagma Wh que tem como núcleo um dos

pronomes Wh. O sintagma Wh tem como complemento o constituinte focalizado, que é copiado de posição argumental do VP não copulativo da sentença. O tipo de clivada ou pseudoclivada vai depender da posição de 'pouso' final do elemento focalizado: (i) posição interna do sintagma Wh; (ii) Spec do Sintagma Wh; (iii) Spec do Sintagma *Cleft*.

CONCLUSÃO

Nesta Tese, foi apresentado o primeiro estudo das construções-Wh no português falado em Cabo Verde. Para elaboração do estudo apresentado, tomou-se, como orientação metodológica, as técnicas de linguística de *corpus,* e como modelo teórico, a Teoria da Gramática na sua versão minimalista. O objetivo central do estudo foi a análise morfossintática das construções-Wh no PCV. Haja vista, não haver uma descrição prévia dessas construções que servisse de base para a análise pretendida, houve a necessidade de fazer tal descrição. Assim, os capítulos em que são tratados os dados do *corpus* desta Tese foram divididos em duas partes: em uma primeira foi feita a descrição do grupo de dados em análise, e numa segunda foi feita a análise sintática dos dados descritos na primeira parte.

O trabalho ora apresentado foi organizado em cinco capítulos além da introdução geral e este da conclusão.

No Capítulo II, apresentou-se o referencial teórico-metodológico, organizado em duas partes: (i) numa primeira parte, foram apresentadas as técnicas de pesquisa de campo (linguística de *corpus*) utilizadas para selecionar os Auxiliares Linguísticos (ALings), coletar, tratar e transcrever os dados, criar *corpora* gerais e gerar um *corpus* específico com dados das construções-Wh em PCV; (ii) numa segunda parte, foram apresentados os conceitos teóricos fundamentais para a análise sintática dos dados do *corpus* específico dentro do Programa Minimalista da Teoria da Gramática.

Na parte metodológica, foi feita a descrição de um processo de pesquisa desenvolvido em quatro etapas, etapas essas que decorreram ao longo de um período de cerca de quatro anos:

> (i) a primeira fase compreende o período que vai desde a elaboração do projeto de pesquisa (em 2012) até a primeira visita de trabalho de campo (em 2013). Essa foi considerada a fase preparatória, pois foi nela foram definidas as técnicas de coleta e tratamento de dados mais adequados para o contexto sociocomunicativo de Cabo Verde, com especial destaque para a existência de dois códigos linguísticos em situação de estreito contato linguístico acerca de meio milênio. Esta fase preparatória foi também direcionada/modulada pelos conceitos teóricos apresentados na segunda parte, pois o objetivo dos trabalhos de campo não eram apenas coletar dados, mas dados que possibilitassem a descrição e análise das construções-Wh na língua; (ii) uma segunda fase que consiste da primeira coleta de dados em campo direcionada a um grupo de

Auxiliares Linguísticos específico, delimitado durante a fase preparatória e visando contextos de 'Fala Espontânea' dos ALings selecionados: ambiente acadêmico, considerado o *locus* de uso por excelência do PCV em Cabo Verde; (iii) uma terceira fase que ocorreu após o 'Exame de Qualificação' da pesquisas em curso, visando a coleta de dados de 'Elicitação Formal', de preferência, dos ALings da primeira coleta de dados. Por meio de um 'Questionário de Elicitação Formal', buscou-se corroborar ou não hipóteses formuladas pela análise dos dados de "Fala Espontânea"; (iv) uma quarta etapa que corresponde a aproximadamente a um período de um ano em que o pesquisador lecionou disciplinas de linguística, língua portuguesa e língua caboverdiana, em uma universidade pública. Durante esse período, o pesquisador pode coletar dados de 'Fala Espontânea' e 'Elicitação Formal' concomitantemente.

Na parte teórica foram apresentados os principais conceitos dentro da Teoria da Gramática na sua versão Minimalista para empreender a análise sintática das construções-Wh em PCV. Apresentou-se uma proposta de derivação por fases baseada em Chomsky (2005), a partir de um dado com uma construção-Wh, e que serviu de modelo para todas as propostas derivacionais apresentadas ao longo da Tese. A partir desse modelo derivacional, foram apresentadas e definidas as principais partes e operações envolvidas num processo derivacional por fases.

Ao final do capítulo, apresentou-se a justificativa pela qual, nesta Tese, continua-se utilizando diagramas arbóreos com rótulos categoriais tradicionais e a notação de barra para representar estruturas sintáticas, mesmo tendo assumido uma proposta minimalista que advoga uma teoria de estrutura sintática sem rótulo de categoria.

No terceiro capítulo, apresentou-se o contexto sociocomunicativo caboverdiano, normalmente, caracterizado como sendo de diglossia, ou seja, um bilinguismo disfuncional. Demonstrou-se que não há um consenso geral dos estudiosos quanto à real situação sociolinguística em Cabo Verde: (i) há um grupo que defende categoricamente que a situação é de pura *diglossia*; (ii) há um segundo grupo, aqueles que defendem que a situação é de um "bilinguismo hesitante" mesclado com *diglossia*; (iii) há um terceiro grupo emergente sobre estudos do PCV. Até recentemente, os estudos linguísticos do contexto sociocomunicativo caboverdiano privilegiavam os estudos do CCV em detrimento do PCV. O estudo apresentado nesta Tese se insere nesse terceiro grupo.

A tentativa para identificar uma possível data para o surgimento de uma variedade local da língua portuguesa em Cabo Verde não é uma tarefa fácil, haja vista a inexistência de estudos sobre essa variedade linguística até recentemente. Porém, no capítulo, buscou-se por pistas linguísticas e históricas que apontam para uma variedade local do PCV em formação no arquipélago. O material histórico disponível fala sempre do CCV, mas é possível ver vislumbres de um PCV em formação por meio dos desses relatos e estudos que abordam a língua autóctone, o CCV.

Os dois sistemas linguísticos da sociedade caboverdiana vivem em situação de estreito contato linguístico desde o surgimento o CCV. O contato linguístico é normalmente usado para justificar e fundamentar o surgimento do CCV. Porém, haja vista que as línguas não vivem em um vácuo, não é lógico admitir que somente o CCV tenha sofrido os impactos desse longo período de contato; admite-se que a língua portuguesa tenha sofrido impacto desse contato linguístico e de que é possível encontrar pistas históricas e linguísticas que apontam para uma variedade da língua portuguesa em formação em solo caboverdiano.

O PCV, ainda que não a língua primeira dos caboverdianos, desempenha papel importante na vida do falante caboverdiano desde a mais terna idade até a fase adulta. Assim, no terceiro capítulo, foram apresentadas, de forma preliminar, as possíveis fases/etapas do contato e grau de exposição do falante caboverdiano com o/ao PCV. Para isso, foram tomadas, como referência, as fases da educação formal em Cabo Verde, haja vista, o ambiente acadêmico ser o local de uso do PCV por excelência. As fases propostas são: (i) *Fase Pré-escolar/Primeira infância* – mostrou-se que o primeiro contato da criança caboverdiana com o PCV acontece ainda na primeira infância por meio de agentes que são não os pais ou parentes próximos – normalmente, por meio da mídia e materiais audiovisuais; (ii) *Fase do Ensino Básico* – esta é a fase em que a criança caboverdiana tem o primeiro contato formal com o PCV, por volta dos seis anos de vida: por meio do letramento/alfabetização que até recentemente se deu única e exclusivamente em PCV. Atualmente, há projetos pilotos em curso tentando implementar educação bilíngue em CCV e PCV; (iii) *Fase do Ensino Médio* – nesta fase a criança caboverdiana entra para a segunda etapa de educação formal. Nessa fase começa-se a desenvolver a consciência sobre a realidade linguística em Cabo Verde; (iv) *Fase do Ensino Superior* – nesta fase, os que entram para o ensino superior continuam recebendo um grau de exposição maior ao PCV e consolidam sua consciência linguística, normalmente, caracterizada pela atribuição de culpa ao sistema

educativo pela defasagem atestada quanto ao nível de proficiência em PCV; (v) *Fase de continuidade/descontinuidade* – esta fase é demarcada quando o falante caboverdiano sai da educação formal. Caso ocupe funções sociais que requerem o uso constante do PCV, o seu input continua sendo maior. Caso contrário, verifica-se uso reduzido do PCV.

Recentemente, o PCV vem ganhando espaço como objeto de estudos linguísticos, buscando assim contrabalançar a predominância dos estudos do CCV que já contam com cerca de 150 anos. Assim, são apresentadas resenhas dos principais estudos do PCV do conhecimento do pesquisador.

Ao final do capítulo, ratificou-se o PCV como objeto de estudo após ter demonstrado que "a vida em Cabo Verde também decorre em PCV" e de que a língua portuguesa em Cabo Verde não deve ser utilizada somente como um instrumento a favor da educação formal, mas também como objeto de estudo dessa educação formal.

No quarto capítulo, iniciou-se o estudo das construções-Wh em PCV com a descrição e análise dos dados contendo construções relativas. Primeiramente, foram apresentadas as considerações gerais sobre os pronomes-Wh na literatura da Teoria da Gramática, em especial, os conceitos de: (i) oração principal versus oração encaixada; (ii) antecedente implícito ou explícito do CP relativo; (iii) o pronome relativo ou pivô; (iv) relativa apositiva e relativa restritiva; (v) relativas canônicas e as não canônicas (cortadora e resumptiva).

Valendo-se dos conceitos apresentados, deu-se sequência à descrição dos pronomes-Wh em PCV com base nos dados do *corpus* de 'Fala Espontânea'. A descrição foi feita começando pelo pronome relativo com maior número de ocorrências, o pronome relativo "que" (considerado o pronome relativo *default* em PCV), e seguindo a ordem decrescente do número de ocorrências dos demais pronomes relativos atestados em PCV.

A descrição feita de cada pronome relativo leva em consideração aspectos sintáticos tais como: (i) o tipo de relativa introduzida pelo pronome relativo: restritiva ou apositiva; (ii) a função sintática que o pronome relativo desempenha dentro da oração encaixada relativa; (iii) verificar se com cada pronome se dá estratégia *Pied-piping* ou *P-chopping* quando a posição relativizada corresponde a um PP; (iv) identificar a natureza do constituinte antecedente (implícito ou explícito) da oração relativa para cada pronome descrito. Ao final da descrição é apresentada uma tabela que

apresenta um resumo geral da descrição feita dos pronomes relativos, como se vê retomada na próxima página.

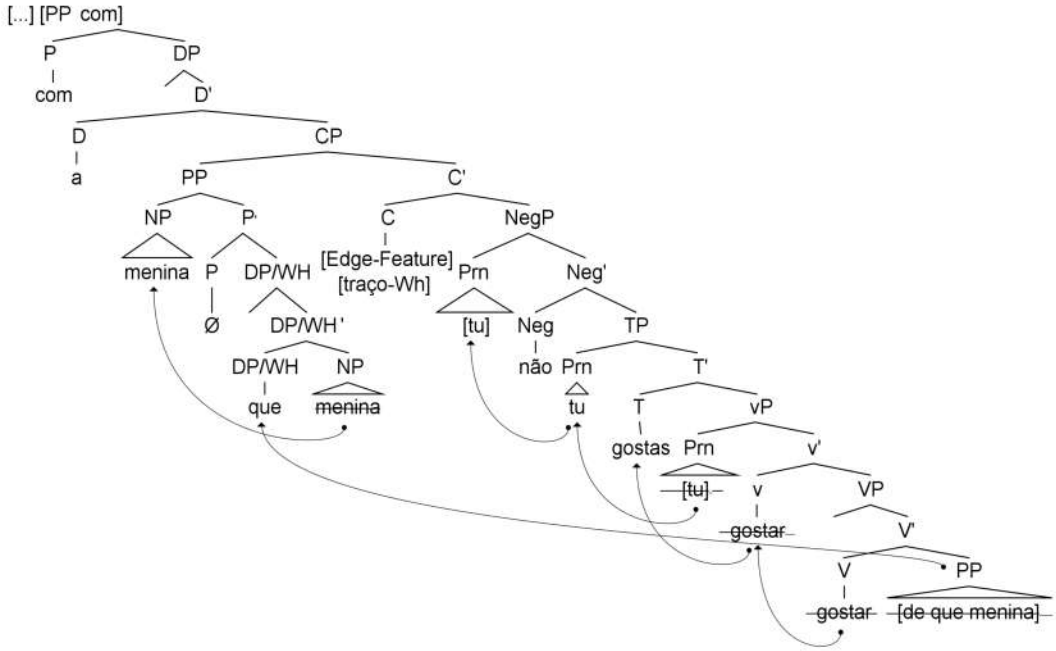
Pronome Relativo	Tipo de Relativa		Natureza do Antecedente		Função Sintática na REL						Estratégia com a Preposição		Total
					Posição Argumental				Posição Não Argumental				
	Restritiva	Apositiva	Explícito	Implícito	Sujeito	Objeto Direto	Objeto Indireto	Complemento Oblíquo	Modificador Nominal Possessivo	Adjunto Adverbial	Estratégia *Pied Piping*	Estratégia *P-Chopping*	
que	156	22	178	-	109	45	0	5	2	17	9	15	178
quando	24	0	1	23	-	-	-	0	-	24	-	-	24
onde	8	13	20	1	-	-	-	-	-	21	-	-	21
o que	9	2	2	9	5	5	-	1	0	-	0	1	11
quem	8	0	0	8	7	0	1	0	0	-	0	1	8
como	4	0	2	2	-	-	-	-	-	4	-	-	4
o qual	1	0	1	0	0	0	0	1	0	-	0	1	1
quanto	0	0	0	0	0	0	-	0	0	-	0	0	0
cujo	0	0	0	0	0	0	0	0	0	-	0	0	0
Total	210	37	204	43	121	50	1	7	2	66	9	18	247
%	86,4%	13,6%	82,5%	17,5%	49,7%	20,2%	0,4%	2,5%	0,7%	26,5%	33,4%	66,6%	100%

Tabela (14) – Resumo da Descrição dos Pronomes Relativos em PCV

Na segunda parte do capítulo IV, foi apresentada a proposta de análise derivacional por fases das relativas em PCV. Antes, porém, da análise corroborou-se, por meio dos dados de 'Elicitação Formal', o pronome relativo *que* como o pronome relativo *default* na língua. Para a derivação das relativas em PCV, adotou-se a proposta de Kayne (1994), em que o CP relativo é selecionado como complemento de um DP que está fora desse CP relativo. Pela análise derivacional por fases corrobora-se que o relativizador *que* tem a mesma natureza que os demais pronomes relativos na língua, e que todos são copiados da posição relativizada para Spec CP para verificar traços Wh e *Edge Feature*. A seguir, exemplifica-se a proposta derivacional das relativas em PCV, por meio do dado (80) da Capítulo IV, reenumerado em:

(01) a) Eu viajei juntamente [$_{PP}$ com [$_{DP}$ a [$_{CP}$ [$_{PP}$ [$_{DP}$ menina [$_{P^o}$Ø [$_{D^o}$ **que** [$_{NP}$ ~~menina~~ tu não gostas]]]]]]]

b)

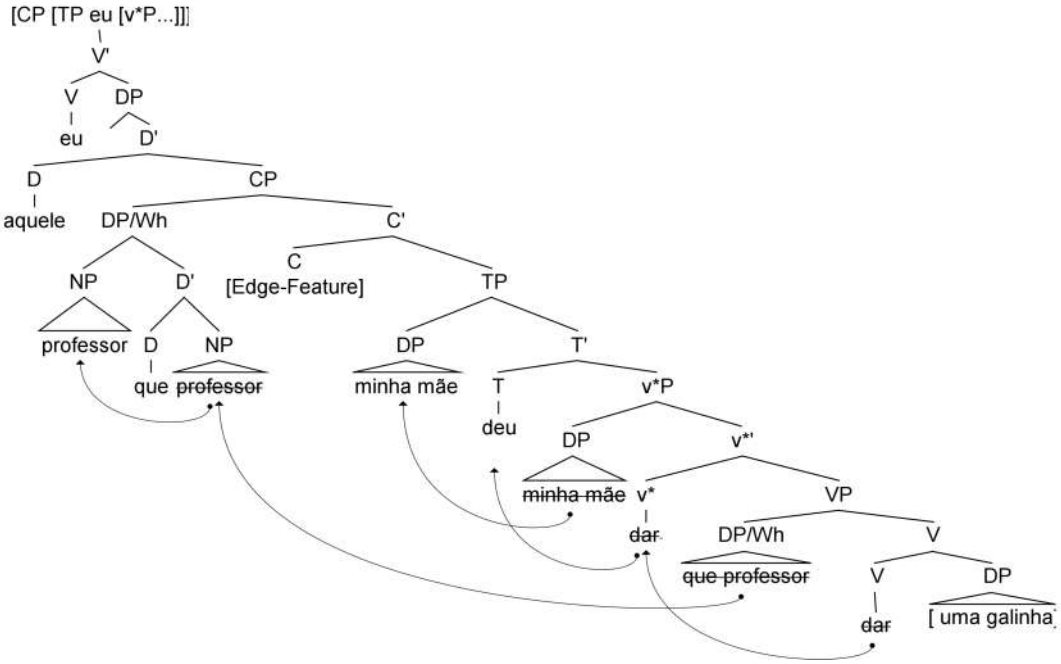


No processo derivacional das relativas em PCV, atestou-se o fenômeno da estratégia *P-chopping.* Porém, foram atestados casos que na variedade do português europeu podem ser considerados relativas cortadoras, mas quando analisados à luz da gramática do PCV, não podem ser consideradas com apagamento de preposição. Assumiu-se que em tais casos não há uma preposição a ser copiada, logo, ela não é

cortada. Assim, foi necessário propor um novo tipo de realtivas: Relativas Canônicas de Alternância Dativa (Relativas CAD). A seguir, está um exemplo da proposta derivacional de Relativas CAD, por meio do dado (99) do Capítulo IV, reenumerado em:

(02) a) Eu vi [$_{DP}$ aquele [$_{CP}$ professor ***que*** *a minha mãe deu uma galinha*]]

b)



Observou-se que a estratégia Relativa CAD não é um fenômeno exclusivo do PCV, pois há outras variedades da língua portuguesa que apresentam a mesma estratégia, tais como variedades do português afro-brasileiro.

No Capítulo V, o segundo de descrição e análise das construções-Wh em PCV, foi apresentado o grupo dos pronomes interrogativos. Foi feita uma breve introdução sobre conceitos gerais das interrogativas-Wh na literatura da Teoria da Gramática. Os restantes conceitos foram definidos ao serem utilizados pela primeira vez na descrição. À semelhança do que se fez no capítulo das relativas, a descrição dos pronomes interrogativos foi feita por ordem decrescente a partir do pronome com maior número de ocorrências atestado no *corpus* de 'Fala Espontânea'. A descrição feita levou em conta os seguintes critérios: (i) o tipo de interrogativa: matriz, encaixada ou eco; (ii) a estratégia interrogativa utilizada: (a) padrão (o sintagma interrogativo consiste apenas do pronome-Wh); (b) *Highlighter Subset* 1 (o sintagma interrogativo é formado pelo pronome-Wh e a sequência "é que"); (c) *Highlighter Subset* 2 (o sintagma interrogativo

é formado pelo pronome-Wh seguido do morfema “que”); (iii) verificar se o pronome-Wh ocorre *in situ* ou se é movido para Spec CP; (v) caso atestado movimento-Wh, verificou-se se ocorre a estratégia *Pied-piping* ou *P-chopping* quando a interrogativa incide sobre uma posição preposicionada; (v) verificar a posição sintática a que incide a pergunta. Ao final da descrição, apresentou-se uma tabela-resumo de todos os aspectos descritivos mencionados acima (à semelhança do capítulo anterior), como se vê na próxima página:

Pronome Interrogativo	Tipo de Interrogativa			Estratégia Interrogativa			Movimento-Wh		Função Sintática no CP Interrogativo							Estratégia com Preposição				Total
					'Highlighter'				Posição Argumental					Posição Não Argumental		Movimento		Apagamento		
	Matriz	Indireta	Eco	Padrão	*Subset* 1	*Subset* 2	Sim	Não	Predicado ou Sujeito SC	Sujeito	Objeto Direto	Objeto Indireto	Complemento Oblíquo	Modificador Nominal Possessivo	Adjunto Adverbial	Sim	Não	Sim	Não	
O quê?	60	4	1	30	12	23	51	14	6	3	49	-	4	2	1	1	6	1	6	65
Como?	48	1	0	6	42	1	49	0	-	-	-	-	-	-	49	-	-	-	-	49
Quem?	20	4	0	14	9	1	24	0	3	18	2	0	0	1	0	1	0	0	1	24
Que + NP?	14	3	0	10	7	0	13	4	6	4	3	0	1	0	3	0	4	0	4	19
Onde?	17	0	0	5	10	2	16	1	-	-	-	-	-	-	17	0	0	0	0	17
Qual + NP?	14	3	0	3	14	0	17	0	6	6	5	-	-	-	-	0	0	0	0	15
Por quê?	10	2	0	6	2	4	7	5	-	-	-	-	-	-	12	-	-	-	-	12
Quando?	09	1	0	1	9	0	9	1	-	-	-	-	1	-	9	-	1	-	1	10
Quanto + NP?	01	0	0	1	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	-	-	-	-	01
Total	**193**	**18**	**1**	76	105	31	187	25	21	31	60	0	6	3	91	2	11	1	12	212
%	**91,%**	**8,4%**	**0,5%**	35,5%	49,5%	14,6%	88,2%	11,7%	9,9%	14%	28%	0%	3%	1,4%	439%	15%	85%	7%	93%	100%

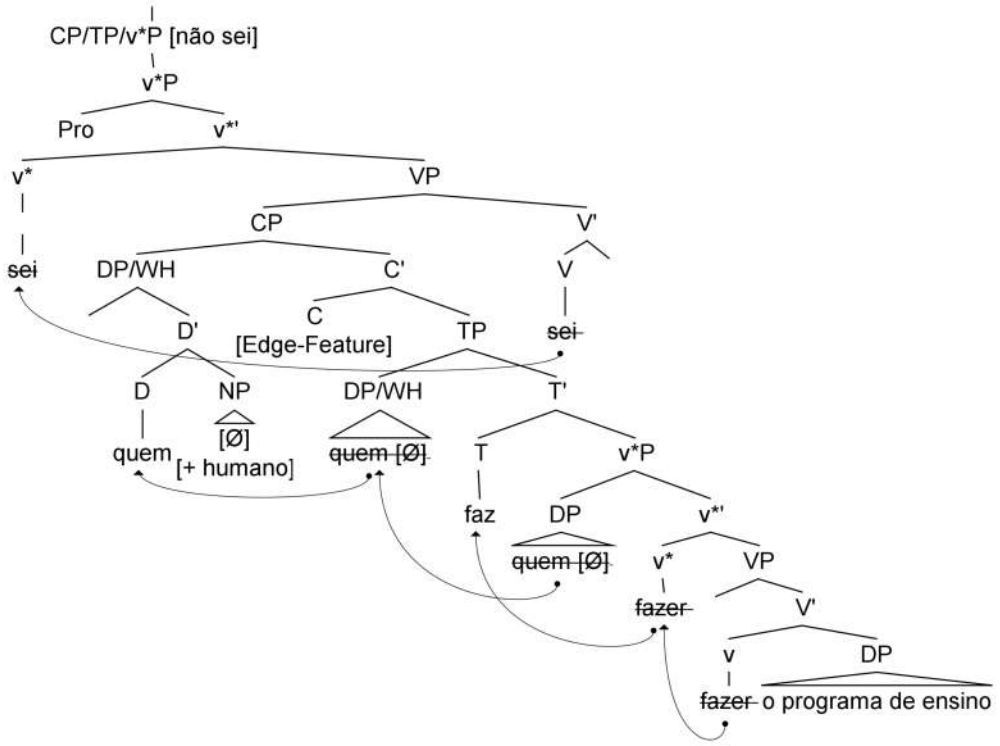
Tabela (34) do Capítulo V – Resumo da Descrição dos Pronomes Interrogativos em PCV

Na segunda parte do capítulo V, foi apresentada a proposta de derivação por fases para as sentenças interrogativas-Wh em PCV. Haja vista o modelo derivacional adotado nesta Tese estar embasado no Programa Minimalista, valeu-se do princípio de economia, tido como um dos recursos otimizados da língua, para propor a estrutura derivacional das interrogativas-Wh em PCV: na literatura da Teoria da Gramática atestam-se semelhanças estruturais entre relativas livres e interrogativas-Wh indiretas. Sendo que as relativas livres já haviam sido derivadas no capítulo anterior, tomou-se a proposta derivacional desse tipo de relativas, e mediante a análise das diferenças estruturais, propôs-se o modelo derivacional adequado para as interrogativas-Wh indiretas em PCV. Veja a proposta derivacional para interrogativas indiretas exemplificado por meio do dado (102) do Capítulo V, reenumerado em:

(03) a) Não sei **quem** faz o programa de ensino

b) AL = {SAL_2 = {C_1, T_1 }, SAL_1 = {v^*_1, $quem_2$, NP $[Ø]_2$, faz_1, o_1, $programa_1$, de_1, $ensino_1$}}

c)

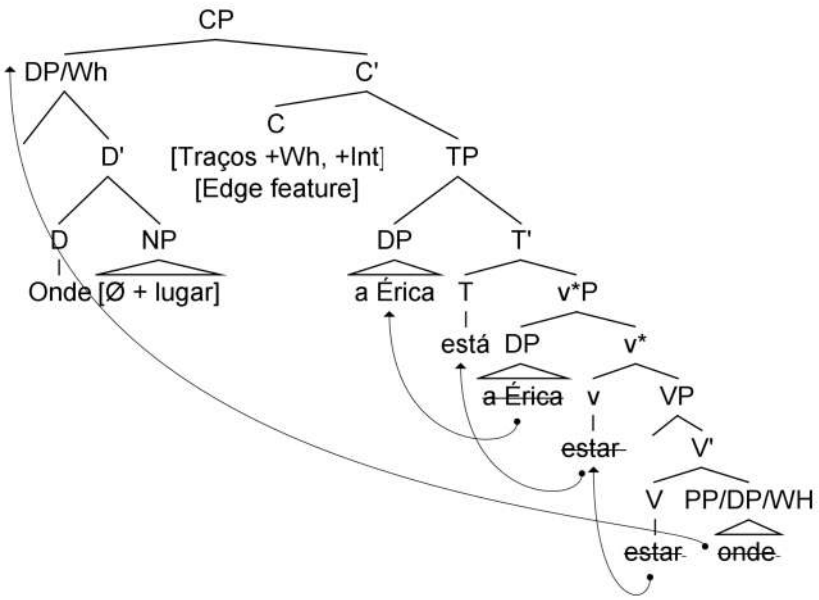


A partir do modelo derivacional para as interrogativas-Wh indiretas, foi proposto o modelo derivacional para interrogativas. Veja a proposta derivacional de uma

interrogativa-Wh matriz, exemplificada por meio do dado (109) do Capítulo V, reenumerado em:

(04) a) **Onde** a Érica está?

b)



Ao final do capítulo, chamou-se a atenção para o grupo de dados denominado de interrogativas-Wh clivadas na literatura. Esse grupo de dados, embora não tratado como estruturas clivadas, não foi analisado nesse capítulo, por considerar que seria analisado, de forma mais adequada, juntamente com o grupo de dados do próximo capítulo, o das construções clivadas.

O último capítulo desta Tese foi reservado para a descrição e análise do grupo de dados considerados estruturas de clivagem na literatura. Esse grupo de dados foi estrategicamente deixado por último pelo fato de, na literatura, serem atribuídas ligações diretas destes aos dois grupos de construções-Wh apresentados anteriormente: tradicionalmente, descreve-se a clivagem como uma estrutura biclausal em que há uma relativa, e entende-se que há interrogativas-Wh clivadas. Assim, seguindo o mesmo esquema dos dois capítulos anteriores, fez-se a descrição das clivadas em PCV em uma primeira parte, e em uma segunda parte, apresentou-se a proposta derivacional para as clivadas em PCV.

A descrição das clivadas em PCV foi feita valendo-se da nomenclatura e tipologia usadas na literatura da Teoria da Gramática para descrever esse tipo de construções-Wh. Para a descrição foram contabilizadas somente as ocorrências dos

dados de ‘Fala Espontânea’ contendo construções de clivagem; as sentenças consideradas interrogativas-Wh clivadas não foram contabilizadas nessa parte descritiva. A descrição feita contemplou os seguintes aspectos: (i) os dois tipos de clivadas e seus subtipos: (a) clivadas: canônica (pessoal e impessoal), reduzida, invertida, apresentativa; (b) pseudoclivadas: canônica, reduzida, invertida, extraposta; (ii) identificação do pronome-Wh utilizado para introduzir a pseudoclivada; (iii) identificação do estatuto sintático do elemento focalizado com relação ao núcleo verbal não copulativo; (iv) tipo(os) de foco atestado(os) por cada tipo de clivagem**.** Ao final da parte descritiva, apresentou-se tabela resumo de todos os aspectos acima mencionados, à semelhança do que foi feito para a parte descritiva dois capítulos anteriores.Veja essa tabela retomada na próxima seguinte:

		Clivadas					Pseudoclivadas							Total
							Subtipo				Pronome-Wh			
		Pessoal	Impessoal	Invertida	Reduzida	Apresentativa	Canônica	Reduzida	Invertida	Extraposta	O que	Quando	Quem	
Tipo de Foco	Contrastivo	6	18	15	5	3	7	0	1	4	10	0	3	59
	de Informação	3	12	0	0	0	2	1	0	0	1	1	2	18
Estatuto Sintático com Relação ao VP do Predicado Complemento	Sujeito	2	6	6	2	Toda a Sentença é Foco	5	-	1	-	1	-	5	20
	Objeto Direto	3	12	2	1		3	-	-	1	5	-	-	22
	Objeto Indireto	-	-	-	-		-	-	-	-	-	-	-	0
	Complemento Oblíquo	-	-	1	-		-	-	-	-	-	-	-	1
	Adjunto de Tempo	1	3	2	-		-	-	-	-	-	1	-	6
	Adjunto de Lugar	-	-	-	-		-	-	-	1	-	-	-	1
	Adjunto de Causa	2	7	3	3		1	1	-	2	3	-	-	19
	Adjunto de Modo	-	-	4	-		1	-	-	-	2	-	-	5
Total		8	33	23	1	3	11	1	1	5	11	1	5	77
Porcentagem		11,9%	49,2%	32,8%	1,5%	4,4%	68,8%	0%	6,6%	31,7%	64,7%	5,8%	29,5%	100%
		100%					100%				100%			

Tabela (10) do Capítulo VI – Resumo da Descrição das Clivadas em PCV

Na segunda parte do capítulo foi apresenta a proposta de derivação das clivadas em PCV, partindo do grupo de dados considerados interrogativas-Wh clivadas, mencionado ao final do Capítulo V e retomados ao final da parte descrita desse sexto capítulo.

Para apresentar uma proposta derivacional das clivadas em PCV, primeiramente, foram apresentadas as questões teóricas pelas quais as clivadas não são assumidas como estruturas biclausais. A proposta monoclausal assumida partiu-se dos estudos de Oliveira (2006). Para desconstruir a proposta biclausal e montar a proposta monoclausal foi necessário definir alguns conceitos fundamentais, nomeadamente: (i) sentenças copulares tomando como principal referência o trabalho de Higgins (1973) e dando ênfase às sentenças copulares especificacionais por apresentarem relações estreitas com as clivadas; (ii) questões ligadas à interpretação semântica do tempo. Assim, munido dos conceitos acima enumerados, deu-se sequência à proposta derivacional das clivadas em PCV.

Para corroborar a proposta de estrutura monoclausal apresentada para as clivadas em PCV foram utilizados os seguintes argumentos: (i) nas construções denominadas de clivagem há apenas um núcleo verbal, pois o constituinte focalizado (ensanduichado) é sempre um argumento ou adjunto desse núcleo verbal e nunca do dito ser verbo copulativo; (ii) pelas leituras de interpretação semântica do tempo, viu-se que a forma *SER* nunca marca um evento, mas possui traço de referencialidade de tempo que é marcado no TP. Assim, a forma *SER* tem um núcleo T, mas não um núcleo V, pois esse constituinte só entra no processo de derivação na fase 2, fase do CP; (iii) não se pode dizer que numa estrutura de clivagem há uma relativa, pois o suposto 'verbo copulativo' não apresenta leituras semânticas de tempo independente do núcleo verbal da dita 'oração relativa' – o estudo de Stowell (2007: 456) demonstra que em uma relativa o tempo da oração encaixada é independente e absoluta.

Quanto aos aspectos temporais de Forma SER, viu-se que esta forma possui um traço [uV] que é valorado na esfera do TP, antes de ser copiado para Spec CP, ocupando o núcleo de um sintagma Cleft. O tempo marcado pela Forma SER é um 'tempo omnitemporal ou gnômico' cuja forma predileta na língua é o presente.

Feitas as reformulações e corroborada a estrutural monoclausal para as clivadas, foi apresentada uma nova proposta derivacional para esse tipo de

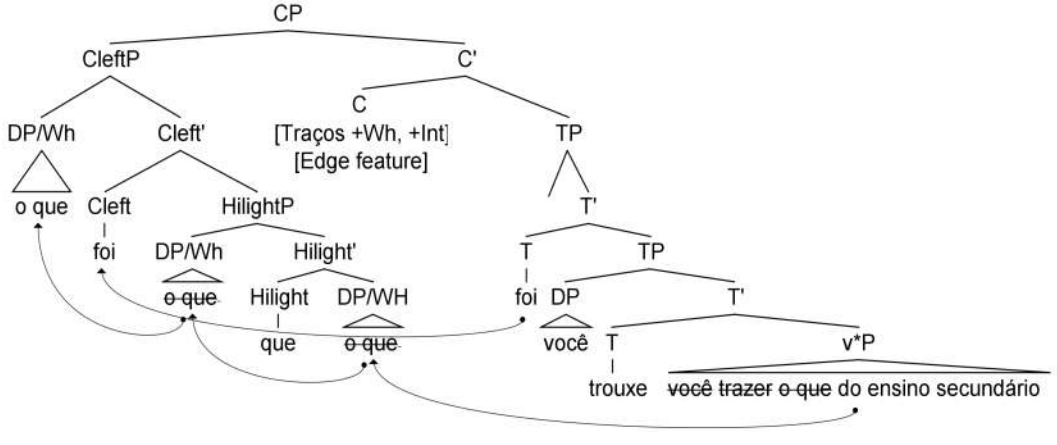
sentença, diferenciando duas estruturas básicas: (i) uma para a estratégia 'highlighter': um sintagma *Cleft* cujo núcleo é sempre a Forma *SER* (implícito ou explicito) e o complemento é um sintagma 'Highlighter' que tem como núcleo o morfema *Que* e em cujo Spec é alojado o pronome-Wh copiado de posição argumental do VP não copulativo da sentença; (ii) outra para a estratégia de clivagem: um sintagma *Cleft* cujo núcleo é uma das formas do morfema *SER* e o complemento é um sintagma Wh que tem como núcleo um dos pronomes Wh. O sintagma Wh tem como complemento o constituinte focalizado, que é copiado de posição argumental do VP não copulativo da sentença. O tipo de clivada ou pseudoclivada vai depender da posição de 'pouso' final do elemento focalizado: (i) posição interna do sintagma Wh; (ii) Spec do Sintagma Wh; (iii) Spec do Sintagma *Cleft*. Veja exemplos da proposta derivacional para as clivadas em PCV, por meio dos dados (94) e (97) do Capítulo VI, reenumerados em:

Derivação da Estratégia Highlighter

(07) a) **O que foi que** você trouxe do ensino secundário?

b) AL = {SAL_2 = {**C_1, T_1, foi$_1$, que$_1$**}, SAL_1 = {**v*$_1$, você$_1$, trouxe$_1$, o que$_2$, do$_1$, ensino$_1$, secundário$_1$**}}

c)

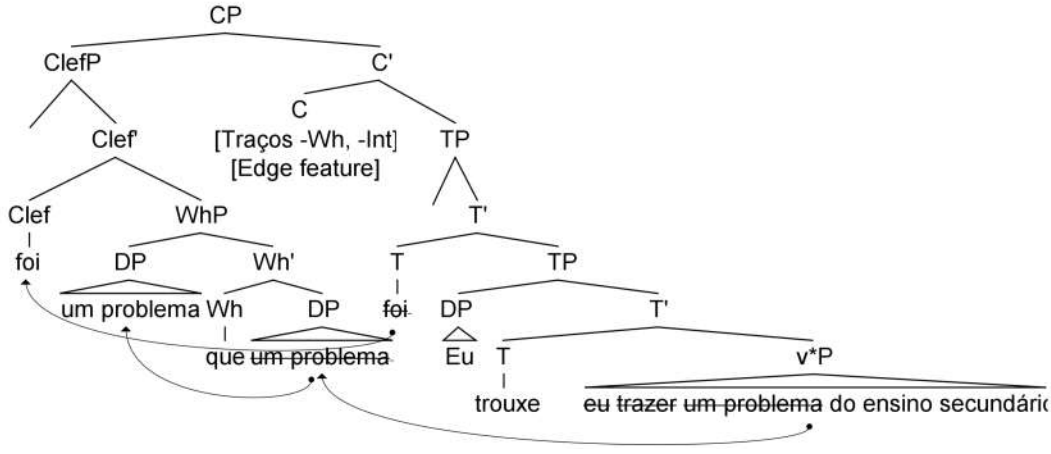


Derivação da Estratégia Clivagem

(08) a) **Foi** um problema **que** eu trouxe do ensino secundário

b) AL = {SAL_2 = {**C_1, T_1, foi$_1$, que$_1$**}, SAL_1 = {**v*$_1$, eu$_1$, trouxe$_1$, um problema$_2$, do$_1$, ensino$_1$, secundário$_1$**}}

c)



Assim, ao final do capítulo, concluiu-se que as clivadas e as pseudoclivadas apresentam a mesma estrutura sintática no que diz respeito às operações derivacionais que ocorrem no Spec CP.

Embora o foco desta Tese tenha sido a análise e descrição dos pronomes-Wh no PCV, na parte metodológica do Capítulo II, foram demonstrados os procedimentos utilizados para a coleta dos dados, dos quais se destaca, o cuidado que se teve ao coletar os dados: obter os metadados dos auxiliares linguísticos. Assim, é sempre possível verificar os dados sociolinguísticos de qualquer um dos auxiliares linguísticos quando necessário. Outro aspecto relevante é o fato de terem sido contabilizados os dados e gerados tabelas estatísticas dos mesmos.

Assim, a quantidade de dados nesta Tese poderia proporcionar uma integração dos estudos da Teoria da Gramática com estudos variacionistas[99]. A partir dos dados apresentados nesta Tese e ainda os disponíveis nos *corpora*, são possíveis estudos futuros visando aspectos variacionistas.

Um dos aspectos que chamou a atenção de pesquisador é o fato de que apesar de ter sido observado que a maioria dos falantes do PCV apresenta estruturas sintáticas que divergem da norma padrão do português (PE), há, mesmo assim um grupo, ainda bem menor, que apresenta estruturas convergentes com a variedade padrão do PE. De forma simplificada, entende-se que esse fenômeno está diretamente relacionado ao grau de formação acadêmica e ao uso 'obrigatório' do PCV por aqueles em certas posições sociais.

Assim, ao término desta Tese conclui-se que o estudo das construções-Wh em PCV corrobora a existência de uma variedade autóctone da língua portuguesa

[99] O pesquisador desta Tese cursou uma disciplina da variação linguística sociolinguística ao nível da pós-graduação, pelo que dispunha conceitos técnicos para tal.

que vem sendo desenvolvida acerca de quinhentos anos ao lado da língua caboverdiana. Pelos fatos apresentados, assume-se que o português em Cabo Verde não existe apenas na sua dimensão objetiva (Língua-E), ou seja, apenas como um código linguístico existente na sociedade caboverdiana, mas, também como a língua em sua dimensão subjetiva cognitiva ou psicológica – interna, individual e intencional – que tem como morada a mente do falante caboverdiano.

Resumidamente,

A VIDA DO CABOVERDIANO DECORRE PRIMORDIALMENTE EM LÍNGUA CABOVERDIANA E EM LÍNGUA PORTUGUESA.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abney, Steven. 1986. *Functional elements and licensing*. Department of Linguistics, University of Michigan [Disponível em: http://www.vinartus.net/spa/86b.pdf Acesso: 19 fev 2011].

_____. 1987. *The English Noun Phrase in its Sentential Aspect*. Tese de Doutorado. Cambridge, MA: MIT.

ACBLPE. 2015. Encontro anual da Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola. Disponível em: http://www.unicv.edu.cv/index.php/pt/acblpe. Acesso em 09/11/2016.

Alexandre, Nélia. 2000. *A Estratégia Resumptiva em Relativas Restritivas do Português Europeu*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras – Universidade de Lisboa.

_____. 2006. "Estruturas em movimento: alguns tópicos sobre construções-Q e de clivagem", in *Letras de Hoje*, Porto Alegre, Mar., 41:1, 99-119.

_____. 2009. *Wh-Constructions in Cape Verdean Creole: Extensions of the Copy Theory of Movement*, Diss. de Doutoramento, Lisboa: Universidade de Lisboa.

Alexandre, Nélia & Cardoso, Adriana. 2009. *Relativas clivadas em variedades não standard do PE*. Lisboa: CLUL/ESELx, CLUL.

Alexandre, Nélia & Oliveira, Márcia Santos Duarte de. (no prelo). Caboverdiano e português: cotejando estruturas focalizadas. In Antunes, Gabriel; Oliveira, Márcia Santos Duarte de & Paulo. Jeferson Araujo (orgs.). *Língua portuguesa Falada na África Atlântica*. São Paulo: Humanitas.

Alexandre, Nélia & Gonçalves, Rita & Hagemeijer, Tjerk. 2011. "A formação de frases relativas em português oral de Cabo Verde e de São Tomé", A. Costa; I. Falé & P. Barbosa (eds.). *Textos Seleccionados do XXVI ENAPL 2010*, Lisboa: APL, 17-34.

Alexandre, Valentim Alexandre. 2004. O império português (1825-1890): ideologia e economia. *Análise Social*, vol. XXXVIII (169), 959-979. Disponível em: http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218650604I3uCQ0xh3Fc45BI0.pdf. Acessado em 11 de fevereiro 2017.

Almeida, Sara. 2015. Língua Cabo-verdiana: Uma Resolução que nada resolve. *Jornal Expresso das Ilhas*, 04 maio 2015. Disponível em: http://www.expressodasilhas.sapo.cv/cultura/item/44537-lingua-cabo-verdiana-uma-resolucao-que-nada-resolve. Acessado em 23 maio de 2017.

Amado, Ariel Ferreira; Lopes, Francisco João. 2014. *O português falado em Cabo Verde*: *Cidade da Praia* – Transcrição de junho de 2014. Manuscrito.

Antunes, Gabriel Araújo & Agostinho, Ana Lívia dos Santos. 2010. Padronização das línguas nacionais de São Tomé e Príncipe. *Língua e Instrumentos Lingüísticos* 26: 49-81.

Araujo, Gabriel Antunes; Agostinho, Ana Livia dos Santos; Menezes, Manuele Bandeiras; Silveira, Alfredo Christofoletti; Freitas, Shirley. 2013. Fa d ambô: língua crioula de base portuguesa de Ano Bom. *Cadernos de Estudos Linguísticos* (UNICAMP), v. 55, p. 25-44.

Araújo, Gabriel Antunes & Oliveira, Márcia Santos Duarte de. 2006. *Estudos Crioulos de Base Portuguesa e Português na África.* Grupo de pesquisa certificado por CNPq. Disponível em: http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1039858866652975. Acesso em 30 de janeiro de 2017.

Augé, Marc. 1994. *Não lugares – introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papirus.

Baleno, Ilídio Cabral. 1991. Povoamento e Formação da Sociedade. In Luís de Albuquerque e Maria Emília Madeira Santos (orgs), *História Geral de Cabo Verde*, Vol. I. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical e Direcção Geral do Património Cultural de Cabo Verde: 125-177.

Bandeira, Manuele; Figueiredo, Carlos Guirmarães; Freitas, Shirley; Lopes, Francisco João; Oliveira, Márcia Santos Duarte; Santos, Eduardo Ferreira. & Silva, Raquel Azevedo. 2014. *"Projeto Libolo" – organização e metodologia para transcrições dos dados.* Manuscrito.

Baxter, Allan Norman. 2014. A construção de objeto duplo e as influências do substrato no português afrobrasileiro (e africano). *PAPIA*, São Paulo, 24(2), p. 283-306, Jul/Dez 2014.

Bechara, Evanildo. 1999. *Moderna Gramática Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional (37ª ed.).

_____. 2009. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna/Nova Fronteira.

Beckman, Mary. & Pierrehumbert, Janet. 1986. Intonational Structure in Japanese and English. *Phonology Yearbook*, n. 3.

B´ejar, Susana. 2004. *Phi Syntax*. Ph.D. thesis, University of Toronto, Toronto.

Bianchi, Valentina. 1997. "The raising analysis of relative clauses: a reply to Borsley (1996)", in *Quaderni del Laboratorio di Linguística*, 11, Pisa: Scuola Normale Superiore, 49-65.

_____. 1999. *Consequences of Antisymmetry: Headed Relatives Clauses*. Berlim, Nova York: Mouton de Gruyter.

_____. 2002a. "Resumptive relatives and LF chains", *in* G. Cinque (ed.), *Functional Structure in DP and IP: the cartography of syntactic structures*, Oxford: Oxford University Press.

_____. 2002b. "Headed relative clauses in generative syntax", in *GLOT International*, 6:8, 1-13.

Bíblia Católica, versão digital. 1992. Disponível em: <http://www.bibliaonline.com.br/>. Acesso em 13 de abril de 2015.

Blanc, Michel H.A.; Hamers, Josiane.F. 1983/2003. *Bilinguality and Bilingualism*. UK: Cambridge University Press.

Bloomfield, Leonard. 1927. Review of J. 0. H. Jespersen, *The philosophy of grammar.*

Journal of English and Germanic Philology 26**,** 244-6.

Bonfim, Eneida do Rêgo Monteiro. 1993. Variação e mudança no português arcaico: o caso de u e de onde. *Palavra*, Rio de Janeiro, n.1, p. 96-119.

Boersma, Paul & Weenink, David. 2013. *Praat: doing phonetics by computer [Computer program]*. Version 5.3.56. Disponível em: <http://www.praat.org/>. Acessado em 07 de janeiro de 2015.

Bowern, C. 2010. Fieldwork in contact situations. In: HICKEY, R. (org.) *The Handbook of Language Contact*. Oxford: Blackwell-Publishing: 340-357.

Braga, Maria Luiza, Mary Azawa Kato & Milton do Nascimento. 2009. As construções-q no português brasileiro falado In Braga, Maria Luiza, Mary Azawa Kato & Milton do Nascimento (orgs.) (2009). *Gramática do português culto falado no Brasil — a construção da sentença*, vol. iii. Campinas: Editora da Unicamp. 237-290.

_____. 2015. As construções-Q no português brasileiro falado: relativas, clivadas e interrogativas. In Kato, Mary Azawa & Nascimento, Milton do (orgs.) *Gramática do português culto falado no Brasil: a construção da sentença*. São Paulo: Editora Contexto. pp. 187-228.

Braga, Rhalf Magalhães. 2007. O espaço geográfico: um esforço de definição. *GEOUSP - Espaço e Tempo*. São Paulo, Nº 22, pp. 65 - 72.

Brasil. 2010. *Inventário Nacional da Diversidade Linguística: Decreto Lei* Nº 7.387, de 9 de dezembro de 2010. Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7387.htm. Acesso 30 de janeiro de 2017.

Brito, Ana Maria. 1988. *A Sintaxe das orações relativas em Português: estrutura, mecanismos interpretativos e condições sobre a distribuição dos morfemas relativos*. Tese de Doutorado, Universidade do Porto.

_____. 1991. *A Sintaxe das Orações Relativas em Português. Estrutura, mecanismos interpretativos e condições sobre a distribuição dos morfemas relativos*. Porto: INIC/CLUP.

Brito, Ana Maria & Duarte, Inês. 2003. Orações relativas e construções aparentadas. *In*: M.H.M Mateus et al (eds), "*Gramática da língua portuguesa*". Capítulo 16. Lisboa: Caminho, 653-694.

Brito, Ana Maria; Duarte, Inês & Matos, Gabriela. 2003. "Estrutura da frase simples e tipos de frase", in Mª. H. MATEUS et al., *Gramática da Língua Portuguesa*, 5ª ed., Lisboa: Caminho, 433506.

Cabo Verde. 2008. DECRETO-LEI nº 67/1998. "Bases do Alfabeto Unificado para a Escrita do Crioulo Cabo-verdiano", *Boletim Oficial – 5º Suplemento*, 48, 31 de Dezembro, 19-23.

_____. 2009. *Boletim Oficial I Série NO 11 «B. O.»* Da República de Cabo Verde.16 de Março de 2009.

_____. 2016. *Página Oficial do Governo de Cabo Verde*. Disponível em: http://www.governo.cv/. Acesso 31 de janeiro de 2017.

Cardoso, Adriana & Alexandre, Nélia. 2013. Relativas clivadas em variedades não standard do PE. In *Textos selecionados do XXVIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*.

Cardoso, Eduardo Augusto. 1989. *O crioulo da Ilha de S. Nicolau de Cabo Verde*. Praia: Instituto Cabo-Verdiano do Livro.

Carreira, António. 1985. *Notícia Corográfica e Chronológica do Bispado de Cabo Verde.* Lisboa: ICL.

Carvalho, Danniel da Silva. 2012. Traços. in Ferrar-Neto, José & Silva, Cláudia Roberta Tavares (Orgs). *Programa Minimalista em foco: princípios e debates*. Curitiba, PR: Editora CRV.

Chomsky, Noam A. 1959. Review of Skinner's Verbal Behavior. *Language*; 35: 26–58.

_____. 1965. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge Mass.: MIT Press.

_____. 1971. Deep structure, surface structure, and semantic interpretation. In *Semantics: An Interdisciplinary Reader in Philosophy, Linguistics, and Psychology*, eds. D. Steinberg and L. Jakobovits, 183-216. Cambridge: Cambridge University Press.

_____. 1981. *Knowledge of Language: Its Nature, Origin and Use*. In Philosophical Transactions of the Royal Society of London. Series B, Biological Sciences, Vol. 295, No. 1077, The Psychological Mechanism of Language. (Oc, 2, 1981). pp. 223-234.

_____. 1986. *Barriers.* Cambridge, Mass.: MIT Press.

_____. 1995. *The Minimalist Program*, MIT Press, Cambridge Mass.

_____. 1998 *Minimalist Inquiries: The Framework*, MIT Occasional Papers in Linguistics, no 15 (also published in R. Martin, D. Michaels and J Uriagereka (eds) *Step by Step: Essays on Minimalism in Honor of Howard Lasnik*, MIT Press, Cambridge Mass., (89-155).

_____. 1999. *Derivation by phase* [MIT Occasional Papers in Linguistics 18]. Cambridge MA: MIT.

_____. 2000. Minimalist inquiries: the framework. In Martin, Roger, David Michaels & Juan Uriagereka (eds.). *Step-by-step: essays in minimalist syntax in honor of Howard Lasnik,* p. 89-155. Cambridge, MA: The MIT Press.

Chomsky, N. 2001. Beyond Explanatory Adequacy, unpublished manuscript, MIT. (A published version appeared in A. Belletti (ed) (2004) *Structures and Beyond: The Cartography of Syntactic Structures*, vol.3, Oxford University Press, pp. 104-131).

_____. 2004. Beyond explanatory adequacy. In Belletti, Adriana. (ed.). *Structures and beyond*: the cartography of syntactic structures, p. 104-131. New York: Oxford University Press, vol. 3.

_____. 2005. *On phases*. Cambridge, MA: The MIT Press. Disponível em: <http://www.fosssil.in/Chomsky_Phases.pdf>. Acesso em: 12 de abril de 2014.

_____. 2006. '*Approaching UG from below*', unpublished paper, MIT.

_____. 2008. On phases. In Freidin, Robert, Carlos Otero & Maria Luiza Zubizarreta. (eds.). *Foundational issues in linguistic theory: essays in honor of Jean-Roger Vergnaud*, p. 133-166. Cambridge, MA: The MIT Press.

Chung, Sandra; Timberlake, Alan. 1985. Tense, aspect and mood. In: SHOPEN, Timothy (Ed.). *Language Typology and Syntactic Description*. Volume III: Grammatical Categories and the Lexicon. Cambridge: Cambridge University Press. p. 202-258

Chutumiá, Danifo. 2013. *As Interrogativas-Q do Português de Moçambique: contribuição para uma análise comparativa com o Português Europeu e o Português Brasileiro*. Diss. Mestrado, Porto: FLUP.

Cipro Neto, Pasquale & Infante, Ulisses. 2003. *Gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Scipione.

Comrie, Bernard. 1976. *Aspect*: *an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. London: Cambridge University Press. 142p.

Costa, João & Duarte, Inês. 2001. Minimizando a estrutura: uma análise unificada das construções de clivagem em português. In *Actas do xvi Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 627-738. Lisboa.

Cowper, Elizabeth. 2003. *Tense, Mood And Aspect: A Feature-Geometric Approach*. Ms. University of Toronto.

Cunha, Celso & Luís Felipe Lindley Cintra. 1984. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.

Curnow, Timothy Jowan. 1999. *Towards a Cross-linguistic Typology of Copula Constructions*. Proceedings of the 1999 Conference of the Australian Linguistic Society.

Demirdache, Hamida & Uribe-Etxebarria, Myriam. 2000. The primitives of temporal relations. In: Martin, R., Michaels, D., Uriagereka, J. (Eds.), *Step by Step: Essays on Minimalist Syntax in Honor of Howard Lasnik*. MIT Press, Cambridge, MA, pp. 157–186.

Dikken, Marcel den. 2001. *Specificational copular sentences and pseudoclefts: A case study*. Disponível em: https://www.gc.cuny.edu/CUNY_GC/media/CUNY-Graduate-Center/PDF/Programs/Linguistics/Dikken/pseudocl-001.pdf. Acesso 31 de janeiro de 2017.

Duarte, Dulce Almada. 2003. *Bilinguismo ou Diglossia? As Relações de Força entre o Crioulo e o Português na Sociedade Cabo-verdiana*. Praia: Spleen Edições.

Duarte, Inês. 2003. Construções de clivagem. In Mira Mateus, Maria Helena, Brito, Ana Maria, Duarte, Inês & Faria, Isabel Hub (orgs). *A gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho. pp. 685-694.

Duarte, Inês & Brito, Ana Maria. 1996 . "Sintaxe", In Faria, Isabel H.; Pedro, Emília R.; Duarte, Inês & Gouveia, Carlos (Orgs.), *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, pp. 247-302, Lisboa: Caminho.

Enç, Mürvet. 1987. Anchoring conditions for tense. *Linguistic Inquiry* 18, 633–657.

Faria, Isabel Helena. & Duarte, Inês. 1989. "O Paradoxo da Variação: Aspectos do Português Europeu", *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, 1, 21-27, Lisboa: Associação das Universidades de Língua Portuguesa.

Fasold, Ralph. 1992. *Sociolinguistics of Language. Vol. II.* Oxford. Blackwell Publishers.

Ferguson, C. A. 1959. Diglossia. *Word* 15, 325-340.

Fernandes-svartman, Flaviane, Márcia S. Duarte de Oliveira & Maria de Lurdes Zanoli. (no prelo). A partícula K' no Cabo-verdiano de São Nicolau – Barlavento – O 'Estado da Arte'. *PAPIA*; 25(2).

Ferrari-Neto, José & Silva, Cláudia Roberta (Orgs). 2012. *Programa minimalista em foco: princípios e debates*. 1ed. Curitiba, PR: Editora CRV.

Ferreira, Manuel. 1973. *A Aventura Crioula*. 2ª ed. Lisboa: Plátano Editora.

Ferreira, Nuno Andrade. 2016. Cabo Verde não pode pôr em causa o português. *Jornal Expresso das Ilhas nº 786 de 21 de Dezembro de 2016. Disponível em:* http://www.expressodasilhas.sapo.cv/sociedade/item/51430-cabo-verde-nao-pode-por-em-causa-o-portugues. Acessado 2 fevereiro 2017.

Figueiredo, Carlos Filipe Guimarães. 2010. *A concordância plural variável no sintagma nominal do português reestruturado da comunidade de Almoxarife, São Tomé: desenvolvimento das regras de concordância variáveis no processo de transmissão-aquisição geracional*, vols. 1 e 2. Tese de doutorado. Macau: Universidade de Macau - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Departamento de Português.

Figueiredo, Carlos F. Guimarães & Eduardo Ferreira dos Santos. 2014. Construções [Foc+Que] no português do Município do Libolo, Angola. *Filologia e Linguística Portuguesa (16)*, 209.

Fiorin, José Luis. 2003. Pragmática. In Firoin, J. L. (org.). *Introdução à Linguística-Princípios de análise*, p. 161-186. São Paulo: Contexto.

Fishmam, Joshua. A. 1995. Bilinguismo social estable y transitorio. *Sociologia del Languaje***.** Madrid. Ediciones Cátedra.

Freire, Maria Goreti Varela. 2007. *O Ensino do Português (L2) a Partir do Caboverdiano (LM).* Dissertação de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Letras – Universidade de Lisboa.

Freitas, Shirley; Menezes, Manuele Bandeiras; Araujo, Gabriel Antunes. 2015. O papiamentu e o kabuverdianu: possíveis aproximações. *Estudos Linguísticos* 44: 267-279.

Furtado, João Paulo Mendes. 2008. *Evolução da Educação em Cabo Verde antes e depois da Independência*. Trabalho Monográfico. Instituto Superior da educação. Disponível em: http://www.portaldoconhecimento.gov.cv/bitstream/10961/2688/1/Mono%20Jo%C3%A3o.pdf. Acessado em 23 janeiro 2017.

Galves, Charlotte Marie Chambelland. 2012. *A língua portuguesa no tempo e no espaço: contato linguístico, gramáticas em competição e mudança paramétrica – Projeto Temático FAPESP 12/06078-9*. Disponível em: http://www.bv.fapesp.br/pt/auxilios/55149/a-lingua-portuguesa-no-tempo-e-no-espaco-contato-linguistico-gramaticas-em-competicao-e-mudanca-pa/. Acesso 30 de janeiro de 2017.

Gelderen, Elly van. 2011. The pronominal Copula Cycle (capítulo 4). In *The Linguistic Cycle: language change and the language faculty*. New York: Oxford University Press. pp. (128-142).

Gigeck, Leonardo de Souza; Amado, Ariel Ferreira & Lopes, Francisco João. 2014. *O português falado em Cabo Verde: Cidade da Praia – Transcrição do lote 0469 0 a 8-24; de 2014*. Manuscrito.

Gonçalves, Perpétua. 2010. *A génese do Português de Moçambique*. Lisboa: INCM.

_____. 1990. *A construção de uma gramática do português em Moçambique: Aspectos da estrutura argumental dos verbos*. Universidade de Lisboa, tese de doutoramento.

Gonçalves, Rita. 2013. Construções-Q e de clivagem no português de São Tomé. *Textos Selecionados do XXVIII ENAPL*.

Gonsalves, Georgette. 1989. Educação bilíngue com imigrantes de Cabo Verde: a experiência de Boston. *Aprender*, 9, pp. 50-51.

Harley, Heidi and Ritter, Elizabeth. 2002. Person and number in pronouns: A feature-geometric analysis. *Language*, 78(3), 482–526.

Higgins, Francis Roger. 1973. *The Pseudo-Cleft Constructions in English*. Tese (Doutorado em Linguística), Massachusetts Institute of Technology.

Holm, John. 1980. The creole 'copula' that highlighted the world. In: Dillard, J. L. (org.). *Perspectives on American English*, p. 367-375. J. L. Dillard (org.). New York: Mouton Publishers.

_____. 2000. *Introduction to Pidgins and Creoles*. Cambridge Textbooks in Linguistics, Cambridge University Press.

_____. 2004. *Languages in Contact – the Partial Restructuring of Vernaculars*. Cambridge: Cambridge University Press.

Hornstein, Norbert. 2001. *Move! A Minimalist Theory of Construal*. Blackwell, Generative Syntax series 5.

Jon-And, Anna. 2011. *Variação, contato e mudança linguística em Moçambique e Cabo Verde: a concordância variável de número em sintagmas nominais do português*. Tese de Doutorado. Stockholm University: Faculty of Humanities, Department of Spanish, Portuguese and Latin American Studies.

Jorge, Lurdes Teresa Lopes, Oliveira, Márcia S. Duarte & Santos, Eduardo Ferreira. 2015. *O 'sujeito' focalizado no português do Libolo e no caboverdiano (Barlavento)*. Trabalho apresentado no Encontro conjunto da Society for Pidgin and Creole Linguistics (SPCL) e a Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola (ACBLPE). Graz, 7-9 de julho de 2015.

Jorge, Lurdes Teresa Lopes, Lopes, Francisco João & Oliveira, Márcia Santos Duarte. (2013). *Estruturas relativas do português em Cabo Verde: revisitando complementizadores e relativos*. Trabalho apresentado no IV Simpósio Mundial de Língua Portuguesa – SIMELP. Simpósio 12 – Variedades de português faladas na África: os substratos línguas 'Níger Congo' e 'Crioulas'.

Jorge, Lurdes Teresa Lopes & Oliveira, Márcia Santos Duarte. 2012. 'Por Que Que é Assim?': considerações sobre fronteamento de QU em Línguas Crioulas do Atlântico e no Português do Brasil. *PAPIA*, vol 22 (2). São Paulo: p. 234-251.

ILTEC, sem data. *Projecto Diversidade Linguística na Escola Portuguesa: O Crioulo de Cabo Verde*. Disponível em: http://www.iltec.pt/divling/_pdfs/linguas_crioulo_cv.pdf. Acessado em 31 de maio de 2017.

Holm, John. 1980. The creole 'copula' that highlighted the world. In Dillard, Joey Lee (ed.) *Perspectives on American English*, 367-75. The Hague:Mouton.

_____. 2004. *Languages in contact – the partial restructuring of vernaculars*. Cambridge: Cambridge University Press.

_____. 2012. Partial restructuring. Dutch on the Cape and Portuguese in Brazil. In: Wouden, Ton van der (Ed.). *Roots of Afrikaans – Selected writings of Hans den Besten*. U.S.A.: John Benjamins Publishing, p. 399-417.

Kato, Mary & Nunes, Jairo. 1998. "*Two Sources for Relative Clause Formation in Brazilian Portuguese*", 8th Colloquium on Generative Grammar, 19-22 Abril, Palmela.

Kayne, Richard S. 1994. *The Antisymmetry of Syntax*, Linguistic Inquiry, Monograph Twenty Five, Mass.: MIT Press.

Kenedy, Eduardo. 2013. *Curso básico de linguística gerativa*. São Paulo: Editora Contexto.

Ladd, D. R. 1996. *Intonational Phonology*. Cambridge: CUP. Press.

_____. 2008. *Intonational Phonology*, 2nd edition. Cambridge: Cambridge University.

Lefebvre, Henri. 1991. *The production of space*. UK/USA: Blackwell.

Lima, Sóstenes Cezar de. 2007. *Impacto do vernáculo brasileiro sobre o uso do onde na escrita monitorada*. Brasília: Universidade de Brasília. Dissertação de mestrado.

Liceras, Juana M. 2010. Second Language Acquisition and Syntactic Theory in the 21st Century. *Annual Review of Applied Linguistics*, 30; pp. 248–269.

Lobo, Maria. 2006. "Assimetrias em construções de clivagem do português: movimento vs. geração na base." In Fátima Oliveira & Joaquim Barbosa (orgs). *XXI Encontro Nacional da APL. Textos Selecionados.* Lisboa: APL/Colibri, pp. 457-473.

Lopes, Amália Vera-Cruz de Melo. 2011. *As línguas de cabo verde: uma radiografia sociolinguística*. Tese de Doutorado. Departamento de Linguística Geral e Românica – Faculdade de Letras – Universidade de Lisboa. Lisboa.

Lopes, Francisco João. 2011. O Bilinguismo e a Problemática da Diglossia no Processo de Letramento: o Caso de Cabo Verde e suas Diásporas. *PAPIA*. Vols. 1, Nº 21. Pag. 123-136.

_____. 2012. *Para uma Análise Sintática das Construções Relativas no Crioulo da Ilha de São Nicolau* – Cabo Verde. Dissertação de Mestrado. DLCV-FFCH, Universidade de São Paulo.

_____. (no prelo). O Português Falado em Cabo Verde: o Estado da Arte. In: Antunes, Gabriel; Oliveira, Márcia S. D de & Paulo. J. Araujo (Orgs.). *Língua portuguesa Falada na África Atlântica*. São Paulo: Humanitas.

Lopes, Francisco João & Campos, Ednalvo Apóstolo. (2015). A expressão pronominal no português brasileiro e no português falado em Cabo Verde – trilhando possíveis (as)simetrias. *PAPIA, São Paulo, 25(2), p. 279-305, Jul/Dez 2015.*

Lopes, Francisco João; Oliveira, Márcia S. Duarte. 2014. *O português falado em Cabo Verde: Cidade da Praia – Transcrição junho de 2014*. Manuscrito.

Lucchesi, Dante. (2002). *Projeto Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia – Chave de Transcrição*. Disponível em:

http://www.vertentes.ufba.br/images/paginas/projeto/chave_de_transcricao.pdf. Acesso em 20 de março 2015.

Lucchesi, Dante & Mello, Camila. 2009. A alternância dativa in Lucchesi, D., Baxter, A. & Ribeiro, I. (orgs.). 2009. *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, pp. 427-453.

Lucchesi, Dante, Baxter, Alan. & Ribeiro, Ilza. (orgs.). 2009. *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA.

Lunguinho, Marcus Vinicius da Silva. 2011. *Verbos Auxiliares e a Sintaxe dos Domínios Não-Finitos*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo.

_____. 2006. Dependências morfossintáticas: a relação verbo auxiliar-forma nominal. *Revista de Estudos da Linguagem* 14 (2): 457-489.

Madeira, João Paulo. 2013. A língua cabo-verdiana como elemento da identidade. *Revista de Letras*, II, n.º 12, 77-85.

Marcuschi, Luiz António. 2004. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez.

Marcuschi, Luiz. 2007. Oralidade e letramento como práticas sociais. In Marcuschi, Luiz Antônio & Dionisio, Angela Paiva (orgs.). *Fala e escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, (31-56).

Matos e Silva, R. V. 1989. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda.

Mendes, Maria Mafalda Sanches de Azevedo. 2005. "Cabo Verde: ir à escola em L2". In: Maria Helena Mira Mateus & Luísa Teotónio Pereira (Orgs.). *O Português em África*. Lisboa: CIDAC: 113-135.

MINEDU-CV (Ministério de Educação de Cabo Verde). 2016. *2º Ateliê de Reflexão sobre Educação Bilíngue em Cabo Verde*. Disponível em: http://www.oceanpress.info/cms/Pt/especial/sociedade/37789-med-realiza-2-atelie-de-reflexao-sobre-educacao-bilingue-em-cabo-verde. Acesso 09/10/2016.

_____. 2015a. *Estrutura e organização do sistema educativo vigente*. Ministério Educação e Desporto: Governo de Cabo Verde. Disponível em: http://www.minedu.gov.cv/index.php/o-sistema-educativo. Acesso 20 de abril de 2015.

_____. 2015b. *Ensino Básico*. Ministério Educação e Desporto: Governo de Cabo Verde. Disponível em: http://www.minedu.gov.cv/index.php/o-sistema-educativo/87-med/o-sistema-educativo/107-ensino-basico. Acesso 20 de abril de 2015.

_____. 2015c. *Ensino Secundário*. Ministério Educação e Desporto: Governo de Cabo Verde. Disponível em: http://www.minedu.gov.cv/index.php/o-sistema-educativo/87-med/o-sistema-educativo/106-ensino-secundario. Acesso 20 de abril de 2015.

_____. 2015d. *Ensino Superior*. Ministério Educação e Desporto: Governo de Cabo Verde. Disponível em: http://www.minedu.gov.cv/index.php/o-sistema-educativo/87-med/o-sistema-educativo/105-ensino-superior. Acesso 20 de abril de 2015.

Mioto, Carlos & Esmeralda Vailatti Negrão. 2007. As sentenças clivadas não contêm uma relativa. In Castilho, Ataliba T. de, Maria Aparecida Torres Morais, et al. (orgs.).*Descrição, história e aquisição do português brasileiro,* 159-184. Campinas, SP: Pontes/ FAPESP.

Mioto, Carlos; Silva, Maria Cristina Figueiredo & Lopes, Ruth Elisabeth Vasconcellos. 2007. *Novo Manual de Sintaxe*. Florianópolis, Santa Catarina, Editora Insular.

Mira Mateus, Maria Helena et alli. 1983. *Gramática da Língua Portuguesa – Elementos para a descrição da estrutura, funcionamento e uso do português atual.* Coimbra: Livraria Almedina.

Miranda, Wânia & Maria de Lurdes Zanoli. 2013. *Estratégias de foco no caboverdiano: uma breve análise sobre as sentenças clivadas reduzidas*. Trabalho apresentado no IV Seminário Internacional do GELIC. São Paulo: USP.

Modesto, Marcelo. 2001. *As construções clivadas no português do Brasil: relações entre interpretação focal, movimento sintático e prosódia*. São Paulo: Humanitas, 2001.

Móia, Telmo. 1992. *A Sintaxe das Orações Relativas sem Antecedente Expresso do Português*, Dissertação de mestrado, Faculdade de Letras - Universidade de Lisboa.

_____. 2001. Aspectos Sintáctico-Semânticos das Orações Relativas com quando e como. In Clara Correia e Anabela Gonçalves (orgs.) *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 349- 361.

Muysken, Pieter. 2010. Scenarios for Language Contact. in Hickey, Raymond (org). *The Handbook of Language Contact*. United Kingdom: Wiley-Blackwell. pp. 261-281.

Nespor, M. & Vogel, I. 1986. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris Publications.

Neves, José Maria. 2011a. *Diskursu di Exselénsia, Sinhor Purmeru Ministru, Dr. José Maria Neves, pa Okazion di 66ª Asenbleia Jeral di Nasons Unidu*. Disponível em: http://www.governo.cv/images/stories/Diskursu_Primeru_Ministro_em_kriolu_na_ONU.pdf. Acesso 09/11/2016.

_____. 2011b. *Discurso do Primeiro-Ministro por Ocasião da 66 Assembleia Geral da ONU*. Disponível em: http://www.governo.cv/images/stories/DISCURSO_DO_PRIMEIRO-MINISTRO_POR_OCASIAO_DA_66_ASSEMBLEIA_GERAL_DA_ONU.pdf. Acesso 09/11/16.

Neves, Maria Helena de Moura. 2000. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP.

ODM. 2015. *RELATÓRIO ODM CABO VERDE 2015* (Dados referentes ao ano de 2014). Praia, 18 de Julho de 2015. Disponível em: https://www.un.cv/files/Relatorio%20ODM%20Julho%202015.pdf. Acessado 12 de janeiro de 2017.

OIE - Ministério da Educação de Portugal. Sem Data. *Breve Evolução Histórica do Sistema Educativo*. Disponível em: www.oei.es/historico/quipu/portugal/historia.pdf. Acessado 21 de maio de 2017.

Oliveira, Márcia Santos Duarte de. 2006. A análise de sintagmas wh em ibibio: evidência para tipos de foco. *Revista Letras*, Curitiba, n. 69, p. 157-172, maio/ago. 2006. Editora UFPR.

Oliveira, Márcia Santos Duarte de. 2014. Dps/Whs followed by highlighter in Atlantic restructured languages: a non cleft construction. *PAPIA*. São Paulo: 24(2), p. 429-449.

_____. 2011. Focus in Brazilian Portuguese. In: Margarida Maria Taddoni Petter; Martine Vanhove. (Org.). *Portugais et langues africaines. Etudes afro-brésieliennes*. Paris: Karthala, v. 1, p. 75-121.

_____. 2009. *Sintaxe do Português*. Rio do Janeiro: Multifoco.

Oliveira, Márcia Santos Duarte de; Campos, Ednalvo Apóstolo; Cecim, Jair Francisco; Lopes, Francisco João; Silva, Raquel Azevedo. 2015. O conceito de Português Afro-Indígena e a comunidade de Jurussaca. In AVELAR, J. & ÁLVAREZ-LÓPEZ, L. *Dinâmicas Afro-Latinas: Língua(s) e História(s)*. Frankfurt am Main: Peter Lang Edition, pp. 149-178.

Oliveira, Márcia Santos Duarte de & Holm, John. 2011. Estrutura-Qu fronteadas e o 'foco gramaticalmente controlado' – a participação das línguas africanas em línguas parcialmente e completamente reestruturadas. *PAPIA* 21: 23-38.

Oliveira, Márcia S. Duarte de Oliveira; Lopes, Lurdes Teresa opes. & Figueiredo, Carlos Guimarães. 2014. *O 'lhe' não argumental em sentenças relativas no português do Libolo (Angola)*. Trabalho apresentado no VIII ABECS. Feira de Santana, Bahia.

Oliveira, Márcia Santos Duarte, Zanoli, Maria de Lurdes & Andrade, Vanderlei Maurer. 2016. "Onde" não interrogativo no português falado no Libolo (Angola) – cotejos com dados do cabo-verdiano de São Nicolau. *Filologia e Linguística Portuguesa*, 18(1), pp. 391-240.

Palmer, Frank. 1986. *Mood and Modality*. Cambridge: Cambridge University Press.

Payne, Thomas E. 1997. *Describying Morphosyntax: a guide for linguists*. Cambridge: Cambridge University Press.

Pesetsky, David & Torrego, Esther. 2006. *Probes, Goals and Syntactic Categories*. Proceedings of 7th Annual Tokyo Conference on Psycholinguistics (2006), Keio University (Yukio Otsu, ed).

Peres, João & Móia, Telmo. 1995. *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho. PESETSKY, David

Perini, Mário A. (2011). *Sofrendo a Gramática: ensaios sobre a linguagem*. 3.ed. São Paulo: Ática.

Petter, Margarida. M. Taddoni; Oliveira, Márcia Santos Duarte de. 2011. *Projeto-Piloto Comunidades Quilombolas IPHAN/USP*. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/indl>. Acesso em 10 de março de 2015.

Pierrehumbert, J. & Beckman, M. 1986. Japanese Tone Structure. Cambridge, Mass.: M. I. T. Press.

Pratas, Fernanda. 2007. *Tense Features and Argument Structure in Capeverdean Predicates*, Dissertação de Doutoramento. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Quint, Nicolas. 2005. Línguas crioulas num contexto de globalização : o caboverdiano : uma língua mundial. *PAPIA*.(15), p. 18-31.

Radford, Andrew. 2006. *Minimalist Syntax Revisited*, http://courses.essex.ac.uk/lg/lg514.

Radford, Andrew, Atkinson M, Britain D, Clahsen H and Spencer A. 1999. *Linguistics: An Introduction*, Cambridge University Press, Cambridge.

Ramos, Ivone Maria. 2008. *A vida em Cabo Verde decorre em Crioulo: Uma pesquisa sobre o crioulo cabo-verdiano e suas funções*. Tese de licenciatura. Departamento de Estudos Portugueses, Universidade de Utreque.

Renalt, Charles Enrique Loiola; Lopes, Francisco João. 2014. *O português falado em Cabo Verde: Cidade da Praia* – Transcrição junho de 2014. Manuscrito.

Ribeiro, Ilza. 2009. As sentenças relativas. *In* Lucchesi, Dante; Baxter, Allan. & Ribeiro, Ilza. (orgs.). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA. 185-208.

_____. 1998. Have/Be raising, move F and Procrastinate. *Linguistic Inquiry* 29 (1): 113-125.

Roberts, Ian; Kato, Mary Aizawa. (Orgs). 1993. *Brasileiro Português: uma viagem diacrônica – homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.

Roeper, Thomas. 2012. Minimalism and bilingualism: How and why bilingualism could benefit children with SLI. *Bilingualism: Language and Cognition*, 15 (1). Cambridge University Press, (88–101).

_____. 1999. Universal Bilingualism. *Language and Cognition, 2 (3),* 169–186.

Rougé, Jean-Louis. 1995. A propósito da formação dos crioulos de Cabo Verde e da Guiné. Soronda: *Revista de Estudos Guineenses*.- Nº 20 (Jul. 1995), p. 81-98 Soronda_n20-net (1). https://kriol.files.wordpress.com/2010/02/soronda_n20-net-1.pdf. Acessado 21 de dezembro de 2016.

_____. 1986. Uma hipótese sobre a formação do crioulo da Guiné Bissau. *Soronda: Revista de Estudos Guineenses*. pp. 28-49. Disponível em: https://kriol.files.wordpress.com/2010/02/soronda_n02-net.pdf. Acessado 22 de dezembro de 2016.

Ross, John Robert. 1967. *Constraints on Variables in Syntax*. Tese de Doutorado, Indiana University Linguistics Club, Indiana: MIT Press.

RTC. 2011. *Jornal da Noite*. Praia: Televisão de Cabo Verde. Disponível em: <http://www.rtc.cv/index.php?id_cod=10457&paginas=13>. Acessado 22 de janeiro de 2014.

_____. 2011b. *Alunos da Uni-Piaget acampam 3 dias em Assomada para estudos*. Disponível em: <http://www.rtc.cv/index.php?data=2011-04-19&id_cod=9757&paginas=45>. Acesso 08 de janeiro de 2017.

_____. 2011c. *Alunos da UNICV falam de suas experiências no Congresso da Iniciação Científica no Brasil*. Disponível em: <http://videos.sapo.pt/QIsUJdLQvSr5Gzfur3MT>. Acesso 08 de janeiro de 2017.

_____. 2012. *Conversa em Dia*. Praia: Televisão de Cabo Verde. Programa do dia 01 de março de 2012. Disponível em: <http://www.rtc.cv/tcv/index.php?paginas=41&id_cod=16285>. Acesso 22 de janeiro de 2014.

_____. 2012b. *Estudantes Uni-CV marcham na capital em protesto contra más condições do ensino superior*. Disponível em: <http://www.rtc.cv/tcv/index.php?paginas=13&id_cod=16535>. Acesso 08 de janeiro de 2017.

Salgado, Ana Cláudia Peters. 2008. *Medidas de bilingualidade: uma proposta*. PUC-Rio, Tese de Doutorado em Letras, Rio de Janeiro.

Samuels, Bridget. 2011. A Minimalist Program for Phonology. *The Oxford Handbook of Linguistic Minimalism*. Oxford: Oxford University Press.

_____. 2011. A minimalist program for phonology. In C. Boeckx (ed.), *The Oxford Handbook of Linguistic Minimalism*, 574-594. Oxford: OUP.

_____. 2010. Phonological Derivation by Phase: Evidence from Basque. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*: Vol. 16: Iss. 1, Article 19. Disponível em: <http://repository.upenn.edu/pwpl/vol16/iss1/19>. Acesso 24 de janeiro de 2015.

Santos, Eduardo Ferreira & Márcia S. D. de Oliveira. 2011. Aspectos da categoria foco no português de Angola. *Filologia e Linguística Portuguesa* 13(2), 269-303. São Paulo: FFLCH.

Santos, Vinícius Gonçalves & Fernandes-Svartman, Flaviane Romani. 2014. O padrão entoacional neutro do português de Guiné-Bissau: uma comparação preliminar com o português brasileiro. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 43, p. 48-63.

Sedrins, Adeilson Pinheiro. 2012. Movimento *in* (Orgs) Ferrar-Neto, José & Silva, Cláudia Roberta Tavares (Orgs). 2012. *Programa Minimalista em foco: princípios e debates*. Curitiba, PR: Editora CRV.

Shopen, Timothy (editor). 1985. *Language typology and syntactic description: Clause structure.* Volume 1. Cambridge, England: Cambridge University Press.

Sibaldo, Marcelo Amorim. 2012. Derivação em Fases *in* (Orgs) Ferrar-Neto, José & Silva, Cláudia Roberta Tavares (Orgs). 2012. *Programa Minimalista em foco: princípios e debates*. Curitiba, PR: Editora CRV.

_____. 2011. Para uma análise diacrônica das sentenças copulares do português. Maceió: *Leitura*, 47, pp. 43-70.

Silva, Baltazar Lopes da. 2008. *Chiquinho: romance*. Lisboa: Livros Cotovia, Lda.

Soares, Carla. 2006. *La syntaxe de la périphérie gauche en portugais européen et son acquisition*. Diss. de Doutoramento. Univ. Paris 8.

Sousa, Sílvio A. Moreira de. 2007. *A Teoria Crioula de Adolfo Coelho segundo a correspondência com Hugo Schuchardt e Leite de Vasconcelos*. Universität Wien [Tese de Mestrado].

Stassen, Leon. 1997. *Intransitive Predication*. Oxford: Clarendon Press

Stowell, Tim. 2007. The syntactic expression of tense. *Lingua*. Volume 117, Issue 2, pp. 437–463.

Svartman, Flaviane Romani Fernandes. 2015. *Estudos da prosódia em português: comparações entre as variedades africanas e brasileiras*. Grupo de pesquisa certificado pelo CAPES. Disponível em: http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1039858866652975. Acesso 30 de janeiro de 2017.

Tarallo, Fernando. 1983. *Relativization stratgies in brazilian portuguese*. University of Pennsylvania. Ph.D. Dissertation.

_____. 1985. "The Filling of the Gap: pro-drop Rules in Brazilian Portuguese", L. King & C. Maley (Eds.), *Selected Papers from the XIIIth Linguistic Symposium on Romance Languages*, 355-375, Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Pub.

_____. 1996. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém d'além mar ao final do século XIX (Fernando Tarallo – 1951-1992). *In*: Roberts, Ian & Kato, Mary A. (Orgs) – 2ed. *Brasileiro Português: uma viagem diacrônica – homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, p. 69-106.

Tavares, Silvino Furtado. 2009. *Impacto das Políticas Públicas de Acção Social Escolar na Trajectória Escolar de Estudantes Provenientes Famílias Pobres: Santa Catarina – Santiago*. Dissertação de Mestrado. Cidade da Praia: Universidade de Cabo Verde. Disponível em: http://www.portaldoconhecimento.gov.cv/bitstream/10961/1679/1/MESTRADO%20EM%20CI%C3%8ANCIAS%20SOCIAIS.pdf. Acessado 13 de janeiro de 2017.

Torquato, Clóris Porto. 2011. As políticas linguísticas oficiais em Cabo Verde pós-Independência: a construção da nação. *Letras*. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Santa Maria, v. 21, n. 42, p. 151-184, jan./jun. 2011. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/letras/article/viewFile/12180/7574. Acessado em 07 de junho de 2017.

Travaglia, Luiz Carlos. 2016. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão.* Uberlândia: EDUFU. 5. ed. 316 p.

Uriagereka, Juan. .1998. *Rhyme and Reason*. Cambridge Mass: MIT Press.

Veiga, Manuel. 2015. Cabo Verde: da Diglossia à Construção do Bilinguismo. *PAPIA*, 25(2), São Paulo, 25(2), p. 177-187, Jul/Dez 2015.

_____. 2013. *Nação Crioula Caldeada num Bilinguismo em Construção*. Lisboa, 21 de Fevereiro de 2013. Disponível em: http://www.acaboverdeana.org/www2/wp-content/uploads/Cabo-Verde-Nac%CC%A7a%CC%83o-Crioula.pdf. Acesso 26 de maio de 2014.

_____. 2009. O crioulo e o Português em Cabo Verde. In *Sibila*: *Poesia e Critica Literária*, 01 de abril de 2009. Disponível em: <http://sibila.com.br/mapa-da-lingua/o-crioulo-e-o-portugues-em-cabo-verde/2753>. Acesso em 26 de maio de 2014.

_____. 2004. *A Construção do bilinguismo*. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.

Veloso, Rita. 2013. Subordinação relativa. *In:* Raposo, Eduardo B. P. et al. (orgs.). *Gramática do Português*. Vol. 2,Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian. p. 2061-2133

Vergara, Sylvia Constant & Vieira, Marcelo Milano Falcão. (2005). Sobre a dimensão tempo-espaço na análise organizacional. *RAC*, v. 9, n. 2, Abr./Jun. 2005: 103-119.

Vries, Mark de. 2002. *The Syntax of Relativization*. LOT Publications: PhD Dissertation, University of Amsterdam.

Webster. 2016. *Bilingual*. (n.d.). Retrieved October 26, 2016, from http://www.merriam-webster.com/dictionary/bilingual.

White, Lydia. 1989. *Universal Grammar and second language acquisition*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins.

Winford, Donald. 2013. On the unity of contact phenomena: the case for imposition. In: Féral, Carole de. *In and out of Africa: Languages in question* – In honor of Robert Nicolaï. Vol. 1 (Language contact and Epistemological Issues). Louvain: Peeters.

Yang, Charles. (2002). *Knowledge and learning in natural language*. New York: Oxford University Press.

Zagona, Karen. 1990. *Times as temporal argument structure*. Manuscript, University of Washington, Seattle.

Zahedi, Keivan. 2007. Grammaticality in the Minimalist Program: A New Horizon towards Minimalist Functionalism. *Human Sciences*: No. 55, Autumn 2007; p.79 – 88.

Zanoli, Maria de Lurdes. 2014. *A checagem de 'foco' da categoria 'sujeito' no cabo-verdiano - variedade de São Nicolau*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo.

APÊNDICE I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), do Projeto de Pesquisa FAPESP Nº 2013/06629-8 sob o título "A*nálise Morfossintática dos Pronomes-Q no Português Falado em Cabo Verde*". O nome do pesquisador responsável pela investigação é Francisco João Lopes, orientado pela Profª Drª Márcia Santos Duarte de Oliveira da Universidade de São Paulo. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que segue em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa, você não será penalizado(a) de forma alguma. Em caso de dúvida **sobre a pesquisa**, você poderá entrar em contato com o(s) pesquisador responsável, Francisco João Lopes, e a orientadora da pesquisa, nos telefones: 005511986921114; 00551130914512 e/ou e-mails: lopes.francisco@usp.br; marcia.oliveira@usp.br. OBS: Ao participar desta pesquisa: (i) você não receberá *pro-labore* haja vista tratar-se de um trabalho sem fins lucrativos; (ii) garantimos que os dados de fala divulgados preservarão as questões relacionadas com aspectos privados da vida dos entrevistados, evitando que terceiros tenham acesso a informações de caráter estritamente pessoal, uma vez que os nomes serão substituídos por um código identitário quando se fizer exposição, em trabalhos científicos; (iii) ser-lhe-á garantido(a) expressa liberdade de recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO DA PESQUISA

Eu, _____, titular do BI n° _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo acima descrito, como sujeito. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo pesquisador Francisco João Lopes sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento de participação na pesquisa a qualquer momento sem qualquer penalidade.

Local e data _____,____ de _____ de 20 __.

_____
Assinatura do pesquisado

Eu, Francisco João Lopes, obtive de forma voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido do sujeito da pesquisa ou representante legal para a participação da pesquisa.

_____
Assinatura do pesquisador responsável

APÊNDICE II

Amostra de Transcrição

LOPES, Francisco João; OLIVEIRA, Márcia S. Duarte. 2014. *O português falado em Cabo Verde: Cidade da Praia* – Transcrição junho de 2014. Manuscrito.

Sigla: FJL-MSDO1

Projeto:

O Português em Situação de Contato na África Atlântica: O Português falado em Cabo Verde (PCV).

A transcrição refere-se à gravação em português recolhida na cidade da Praia, ilha de Santiago, Cabo Verde em setembro de 2013. O material gravado consiste de uma conversa informal entre sete alunos de diversos cursos de graduação e universidades da cidade da Praia, Santiago, Cabo Verde. A qualidade sonora é boa, tendo sido possível transcrever toda a entrevista.

Registro áudio:
00392.MTS, 00393.MTS e 00394.MTS

Data da recolha:
13 de setemenbro de 2013

Local da recolha:
Palmarejo, cidade da Praia, ilha de Santiago, Cabo Verde

Tipo de registro:
Conversa informal

Duração:
120 minutos

Auxiliares Linguísticos:
ALing1 (INF1) – MA – natural da ilha Fogo, residente na Cidade da Praia, Ilha de Santiago. Cursou o 1º do curso de Administração e Contabilidade na Universidade ISCE
ALing2 (INF2) – DFA – natural da ilha Brava – Faz licenciatura em Geografia e Ornamento de Território na Universidade de Cabo Verde.
ALing3 (INF3) – MT – natural da ilha do Fogo, residente na Cidade da Praia, Ilha de Santiago. Cursou Ciências Sociais vertente Ciência Política na Universidade de Cabo Verde.
ALing 4 (INF4) (Moderador (Mod.)) – AM – Natural da ilha do Fogo, residente na Cidade da Praia. Fez licenciatura em Estudos Caboverdianos e Língua Portuguesa na Universidade de Cabo Verde.

ALing5 (INF5) – AMd – natural da ilha do Fogo. Cursa o 3º Ano do curso Comunicação Multimédia na Universidade de Cabo Verde.
ALing6 (INF6) – WG – natural da ilha de Santiago. Curso o 3º ano de Engenharia Civil na Universidade de Cabo Verde.
ALing7 (INF7) – CC – natural da ilha Brava. Licenciada em Língua Literatura e Cultura Francesa, mestranda em Ciências da Linguagem.

Transcrição:
1. Francisco João Lopes, autor do projeto.

Revisão da transcrição:
Márcia Santos Duarte de Oliveira (orientadora do "Projeto")

Data da transcrição:
Junho de 2014

Data da revisão:
Setembro de 2014.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA[100]

Mod. – Muito bem, sabendo que todos nós estamos nesta área de educação, formação ... Cabo Verde de uns 10 anos para trás, tinha um situação em termos de educação superior bastante complexo. Ou seja, todos os alunos que terminavam o seu 12º ano tinham de ir para o estrangeiro para estudar, mas de ano 2000 para cá ... neste momento já temos cerca de nove instituições de ensino superior em Cabo Verde, incluindo uma universidade pública, outras universidades privadas e institutos superior de educação. E hoje todos os alunos que estudam e terminam seu 12º estão logo focados na entrada para o ensino superior. E a questão que se coloca é: com tantos ... com tantas universidades, aqui em Cabo Verde, será que temos qualidade de ensino superior em Cabo Verde? Sabendo que já temos várias instituições de ensino superior. Então agora a questão é: será que temos qualidade no nosso ensino superior aqui em Cabo Verde? O que vocês acham? O que vocês pensam sobre isso? Quem quer começar? Adenilson?

INF5: Bom... as vezes condições não depende de qualidade de professor, tipo de professor que temos hoje em Cabo Verde. Como por exemplo, no meu curso, comunicação e multimédia, eu acho que para ter mais condições, precisamos de materiais. É um curso muito mais prático do que teórico. Cabo Verde deu um avanço, existem professores capacitados, mas o problema é condições. E para se obter equipamentos para que a educação possa estar no caminho superior, ou mesmo no patamar igual a dos países estrangeiros.

INF2: Eu acho que a pergunta melhor seria: Será que temos ensino de ... será que temos ensino de qualidade em Cabo Verde? E não um ensino superior de qualidade. Estamos a falar de um sistema, não estamos só, por exemplo, tenho problemas... eu tenho problema com o português. O problema que eu tenho com o português ou que eu tive durante o curso com o português, foi um problema que eu trouxe (P3 e P5 ajudam dizendo 12º)... eu carreguei do 12º, posso dizer do ensino secundário. Então temos de falar de um ensino já, temos de falar da qualidade já do sistema do ensino em Cabo Verde, e não do ensino superior.

Mod.: É precisamente isso. Então, onde é que podemos ver as falhas no nosso sistema de ensino em Cabo Verde? Quais são essas falhas que nós temos que faz com que essa qualidade não seja assim uma coisa tão óbvia?

[100] Para os propósitos deste documento, foram anexadas apenas 56 linhas da transcrição.

APÊNDICE III

CHAVE DE TRANSCRIÇÃO (PCV)

A chave de transcrição do PCV baseia-se em duas Chaves de Transcrição: (i) Chave de Transcrição do Projeto Vertentes (ver LUCCHESI, 2002); (ii) Manual de Transcrição do Projeto Libolo da qual o pesquisador é coautor (ver BANDEIRA et al, 2014).

Durante o processo de transcrição dos dados do PCV, foram acrescentados para o contexto específico de Cabo Verde, considerando as duas línguas (CCV e PCV) que interagem a todo tempo. Como mencionado no Capítulo II os trechos em CCV não foram ignorados. Foram transcritos e devidamente indicados na transcrição. A seguir são reproduzidos exemplos de alguns casos considerados nas transcrições do PCV:

1. Palavra desconhecida, ouvida nitidamente na transcrição/revisão, também deve ser grafada em itálico.

Ex.: **INF.3:** chegue, entre e sente
INF.2: já estamos *marandando*
INF 1: e Cristilane este ano, não sei nas vossas aulas? mas ela está desleixada

INF2: *Plenga!*

No caso acima, tem uma palavra desconhecida: '*marandando'* e uma palavra em CCV: '*Plenga'*

2. Se o documentador fizer algum comentário durante a fala do informante, sem interromper o seu fluxo sintático-discursivo, deve indicar-se com reticências a continuidade desse fluxo do informante, intercalando a fala do documentador.

INF6: Não vamos propriamente oficializar o crioulo de Santo Antão, São Vicente ou de Praia. Seria um obstáculo para quem ...

INF4/Mod.: Um desprezo também para as outras variantes.

INF6 : Exatamente...

INF6 : Exatamente. Acho que deve haver uma coerência entre os crioulos das várias ilhas... para ser implementado.

3. Nos casos de discurso direto, deve utilizar-se aspas e pontuar-se antes de fechar as aspas.

Ex: INF 1: eu disse: **"**rapaz, desta forma agora estais a complicar a tua situação porque...agora a professora já registrou...quer dizer que isso vai ser do conhecimento do gestor, dos pais.**"**. Agora ele começou a preocupar {RISOS}

4. Recursos não verbais empregados pelo informante devem ser indicados entre chavetas.

Ex.: INF1: Andréia pode [apagar]
{BARULHOS EXTERNOS}
INF1: Agora uma frase diferente. Quer ver?
{BARULHOS EXTERNOS}

Inf.3: sendo como professor de desenho que é {RISOS]

5. Deverão ser registrados, com o máximo de rigor, TODOS os fatos no nível da morfossintaxe, tais como:

a) Concordância nominal variável.

Exs.: INF: Há muitos **outros disciplinas** que estão sendo **ignorados,** por exemplo, temos aquela de filosofia. Temos **outras disciplina** porquê: história, porque não há mercado. Não como há como trabalhar **nesse ramos** mais, não há

b) Concordância verbal variável.

Exs.: Acho que este ano sai, na Universidade de Cabo Verde **saiu** os primeiros alunos formados na comunicação multimédia.

c) Omissão de preposições, artigos, complementizadores, etc.

Ex.: INF: já estive a falar com pessoas, por exemplo, da ilha de Santo Antão que quase nada, não compreendi nada

Veja casos de uso do CCV durante uma entrevistas feita sem PCV:

(1)
INF1: *Ami N krê un Konpal*
INF2: *Mi M krê um sum d'masan verd. Bem k'N ta krê um sorvet ma tma ramed... N tma ramed, N tá xei d'dor*
INF3: *Un kóla*
INF2: *Kóla!? N ka t'otxal*
Garçonete: *Y bosê?*
INF1: *Konpal*
Garçonete: *Kualidad d'konpal*
INF1: *Kualker*
INF2: *Mi N krê un masan verd*
Garçonete: *Y bosê snhor, jornalista!?*

DOC: Eu por enquanto não. Tou aqui gravando
INF1: *Pur iss k'N fala: bo ta para un bokadinh pa no..*
DOC: Mas eu quero aproveitar no máximo. Aquela parte de conversa descontraída é melhor ainda.
INF1: Agora tenho de tomar uma sumo

(2)
INF.2: a Marta deu um grito dentro da sala, eu perguntei : mas quem fez isso? Deu um grito *mnina*!

(3)
INF 3: ó... o Valdir estava a brincar na cadeira (assim demonstrando com gesto)...olha Valdir, vais cair e vais ININT mal. *N fala-l, bo ta kei bo ta ratxa kabesa. Mi s´N kei N ratxa kabesa, nha kabesa é d´meu, El é k ta ratxa. Asi, ta bate kadera* (expressão em crioulo)

APÊNDICE IV

AMOSTRA DO CORPUS ESPECÍFICO

INTERROGATIVAS-WH

INTERROGATIVO-WH "QUEM"

(1) Portanto na frase: "**Quem** me dá uma informação? – (**IMS-AAF: 42)**

(2) **Quem** quer responder? **– (BSP-FJL: 32)**

(3) **quem é que** desenvolve a ação? **– (BSM-FJL: 55)**

(4) **Quem** se lembra quando foi que pela primeira vez a língua se expandiu? **– (ELFS-FJL: 26)**

(5) E **quem é** a mãe da língua inglesa? **– (ELFS-FJL: 49)**

(6) 'eu fui procurar', **quem** que eu fui procurar? é o Pedro **– (ACCF-FJL: 29)**

(7) **Quem é que** se oferece para explicar a diferença existente entre essas duas palavras? **– (MCM-FJL: 81)**

(8) Ok, **quem** tem uma opinião diferente? (ININT), sua opinião é igual a do [Erick]? **– (MCM-FJL: 88)**

(9) (**quem é que** nos vai ajudar com o ININT((risos)) **– (AAF-FJL-1: 49)**

(10) O que vocês acham? O que vocês pensam sobre isso? **Quem** quer começar? **– (FJL-MSDO1: 11)**

(11) (**Quem** é o responsável? **– (FJL-MSDO1: 399)**

(12) Ou **quem** vocês acham que... **que é** responsável pela delinquência juvenil? ? **– (FJL-MSDO1: 399)**

(13) (**Quem** mais quer falar como foi seu fim-de-semana? **– (AAF-FJL-2: 27)**

(14) unhum! dia dezasseis…**quem** disse ? **– (AAF-FJL-2: 48)**

(15) É o dia em que vamos?...**quem** quer ajudar? **– (AAF-FJL-2: 60)**

(16) **Quem é** essa pessoa **que** estava a cantar? **– (CELR-FJL-2: 06)**

(17) comportar é só fazer coisas boas? **quem** quer dar mais uma opinião? comportar, fazer o que? **– (CELR-FJL-2: 66)**

(18) um dia, eu não sei **quem** deu o meu número de telemóvel pra mãe **– (AAF-FJL-1: 222)**

(19) quem quiser usar saia... e **quem** quisesse usar calça e camisa? **– (CELR-FJL-1: 95)**

(20) a Marta deu um grito dentro da sala, eu perguntei: mas **quem** fez isso? **– (CELR-**

FJL-1: 148)

(21) sim, eu não sei **de quem** foi a ideia, estou.../ o que é certo é que... **– (CELR-FJL-1: 286)**

(22) Talvez o erro esteja no programa que o ministério ou ... não sei **quem** faz, ou **quem** dirige o programa de ensino **– (FJL-MSDO1: 36)**

(23) sabem **quem é que** fez essa música? **– (CELR-FJL-2: 16)**

(24) Está aqui, é o complemento direto. Vamos ver então **quem** vai substituir esse nome... – (**IMS-AAF: 63)**

APÊNDICE V

Universidade de São Paulo

Área de Filologia e Língua Portuguesa
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Projeto de Pesquisa FAPESP Nº 2013/06629-8: "A*nálise Morfossintática dos Pronomes-Wh no Português Falado em Cabo Verde*"

Pesquisador: Francisco João Lopes
Orientadora: Profª Drª Márcia Santos Duarte de Oliveira

Questionário de Elicitação Formal

Parte I

Elicitação de Relativas

1) **N viaja djuntu ku kel minina ki bo ka ta gosta**

N	**viaja**	**djuntu**	**ku**	**kel**	**minina**	**ki**
1.Sing.Nom	viajar-PFT	junto	com	DET	menina	Rel.Pron

bo	**ka**	**ta**	**Gosta**
2.Sing.Nom	Neg	TMA	Gostar

Eu viajei junto com aquela menina que tu não gostas

Auxiliar Linguístico	**Versão(ões) do PCV Fornecida(s) pelos Auxiliares Linguísticos**
AGA	Viajei com aquela menina a qual não gostas
APL	Eu viajei junto com aquela menina que você não gosta (mesmo repetindo várias vezes a entrevistada não faz uso do resumptivo "dele"
AGM	Viajei junto com aquela menina de quem não gostas
AAG	Eu viajei junto daquela menina que tu não gostas
CGS	Fiz uma viagem acompanhado da menina que tu não gostas
CMC	Viajei juntamente com aquela menina de quem não gostas
ECA	Viajei juntamente com a miúda que tu não gostas
EPB	Eu viajei juntamente com a menina que tu não gostas
JLT	Eu viajei junto com aquela menina que não gostas
JDB	c) Viajei junto da rapariga que não gostava que viajasse d) Viajei junto com a rapariga que não gostas
JSL	Eu viajei junto com aquela menina que tu não gostas
LGM	c) Eu viajei junto daquela menina que tu não gostas dela d) Eu viajei junto daquela menina que tu não gostas
LPV	d) Eu viajei com uma menina que não gostava dela

	e) Viajei com uma menina que não tinha nenhuma simpatia por ela f) Eu viajei com uma menina que tu não gostavas
MST	Eu viajei junto com a menina da qual você não gostava
REA	f) Eu viajei com aquela menina que eu não gosta dela g) Eu viajei com aquela menina que eu não gosta... que eu não gosta dela h) Eu viajei com aquela menina que tu não gosta... dela, tá bem? i) Eu viajei com aquela menina que tu não gosta dela j) Eu viajei com aquela menina que tu não gostas OBS: no final REA conclui que o "dela" no final não deve constar
SPS	b) Eu viajei juntamente com aquela moça de que gostas

2) Jdon inda ka odja kel pisoa ki el traze-l se fidju di Istadus Unidus

Djon	**inda**	**ka**	**odja**	**kel**	**pisoa**	**ki**	
Djon	ainda	NEG	ver-PFV	DET	pessoa	REL.PRO	
el	**traze**	**-l**	**se**	**fidju**	**di**	**Istadu**	**Unidus**
3.SG.NOM	trazer-PFV	3.SG.DAT	3.SG.POSS	filho	de	Estados	Unidos

O João não viu a pessoa que ele trouxe seu filho dos EUA

Auxiliar Linguístico	Versão(ões) do PCV Fornecida(s) pelos Auxiliares Linguísticos
AGA	a) João ainda não viu (hesitação) a pessoa (pausa) a qual ele trouxe o filho dos Estados unidos b) João ainda não viu (hesitação) a pessoa) ah... que ele trouxe o filhos dos Estados unidos
APL	a) João ainda não viu a pessoa que ele trouxe o filho dele dos Estados Unidos b) João ainda não viu a pessoa que ele trouxe o filho dele dos Estados Unidos
AGM	a) João até ainda não viu a pessoa cujo filho tinha trazido dos Estados Unidos OBS: houve amplo diálogo (em caboverdiano) entre o entrevistado e o entrevistador para entender o contexto, e na hora de proferir a frase, o entrevistado o fez pausadamente, demonstrando elaboração da fala (mas nas três vezes repetiu a mesma frase)
AAG	a) João ainda não viu a pessoa que trouxe o seu filho dos Estados Unidos OBS: houve necessidade de explicar em CCV que é o João quem veio dos EUA e foi ele quem trouxe "o filho" de alguém para essa mesma pessoa. Após as explicaçãoes: b) João ainda não viu a pessoa que ele trouxe o seu filho dos Estados Unidos c) João não viu ainda a pessoa que ele trouxe o seu filho dos Estados Unidos
CGS	a) Djon ainda não viu a pessoa que... que.. solicitou para repetir ele trouxe o seu filho dos Estados Unidos

	OBS: comentários sobre o pronome “el” – o entrevistado alegou não ter entendido logo a primeira a presença desse pronome “El” b) Djon ainda não viu a pessoa no qual trouxe a filha dele c) Djon ainda não viu a pessoa no qual ele trouxe a filha dele
CMC	a) O João não viu ainda a pessoa de quem trouxe a filha... ou para quem trouxe a filha A entrevistada pediu se pudesse mudar a ordem das palavras, falei que ela pudesse e eu viria como ficaria, e resultou no seguinte: b) O João veio dos Estados Unidos, ele trouxe uma menina, mas ainda não viu o pai c) O João não viu ainda a pessoa de quem trouxe o filho dos Estados Unidos
ECA	O João ainda não viu a pessoa que ele trouxe o filho dele dos Estados Unidos
EPB	a) João até ainda não viu aquela pessoa que tu trouxe dos Estados Unidos b) João ainda não viu a pessoa que trouxe a sua filha dos Estados Unidos c) João ainda não viu aquela pessoa que tu trouxe dos Estados Unidos d) João ainda não viu aquela pessoa que ele trouxe o filho dele dos Estados Unidos e) João ainda não viu aquela pessoa que ele trouxe seu filho dos Estados Unidos
JLT	a) João até ainda não viu a pessoa que trouxe seu filho dos Estados Unidos OBS: foi necessário esclarecer (em CCV) que foi o João quem veio dos EUA e trouxe o filho de alguém com ele. Após o esclarecimento b) João até ainda não viu a pessoa cujo filho trouxe dos Estados Unidos
JDB	a) João ainda não viu a pessoa que trouxe a filha dele dos Estados Unidos b) João ainda não viu a pessoa que ele trouxe o filho dele ... a pessoa... o filho dela
JSL	a) João ainda não viu aquela pessoa à qual ele trouxe uma encomenda dos Estados Unidos b) João ainda não viu a pessoa... (uns 10 segundos de pausa)... que ele... (4 segundos de pausa) trouxe-lhe o seu filho c) João ainda não viu a pessoa... (uns 5 segundos de pausa)... que ele lhe trouxe o seu filho dos Estados Unidos
LGM	a) João ainda não viu aquela pessoa que lhe trouxe... b) João ainda não viu aquela pessoa que ele trouxe o filho daquela pessoa ... c) João ainda não viu aquela pessoa que ele... que ele... trouxe o filho... d) João ainda não viu aquela pessoa que... que... ele... que ele... Ave Maria e) João ainda não viu aquela pessoa que ele... que ele trouxe o

	filho... pediu para deixar de lado esta sentença f) João ainda não viu aquela pessoa... aquela pessoa que... aquela pessoa da qual ele trouxe o filho g) João ainda não viu a pessoa da qual ele lhe trouxe o filho dos Estados Unidos h) João ainda não viu a pessoa da qual ele trouxe o filho dos Estados Unidos
LPV	a) O João ainda não viu a pessoa... aquela pessoa que ele trouxe dos Estados Unidos OBS: na dúvida, LPV inquiriu: "Mas quem trouxe o filho?". Explicado o contexto, LPV proferiu a seguinte sentença: b) O João ainda não viu a pessoa que ele trouxe o filho dele... o filho dele... o seu filho dos Estados Unidos OBS: foi esclarecido mais uma vez a LPV que foi o João quem veio dos Estados Unidos e foi ele quem trouxe o filho de alguém: c) O João ainda não viu a pessoa... (pausa) que... ah... (sinais de hesitação) ... ele trouxe (meu Deus) ... O João ainda não viu a pessoa... o filho (meu Deus) dele... O João ainda não viu a pessoa... d) O João ainda não o pai da criança que ele trouxe dos Estados Unidos i) O João até ainda não viu a pessoa que ele lhe trouxe... a pessoa com quem (DIFÍCIL!!!, Fogo!!!) e) O João até ainda não viu a pessoa (meu Deus) que ele trouxe o filho pra ele... que ele trouxe o filho pra ele? Que português? f) O João até ainda não viu a pessoa que ele trouxe o filho dele ... que ele trouxe o filho dos Estados Unidos OBS: ao ser perguntado sobre o "dele" se deve ficar ou não, LPV argumentou que "dele está subentendido" g) O João até ainda não viu a pessoa que ele trouxe o dos Estados Unidos ... exatamente é assim.
MST	a) Djon ainda não viu a pessoa que trouxe a filha dela dos Estados Unidos b) O Djon ainda não viu a pessoa pela qual trouxe a filha dos Estados Unidos c) O Djon ainda não viu a pessoa pela qual ele trouxe uma filha dos Estados Unidos
REA	a) Ainda o João não viu aquela pessoa que trouxe o filho dele b) O João não viu a tal pessoa que trouxe o filho dele dos Estados Unidos
SPS	O senhor João não viu aquele outro senhor que trouxe o filho dele dos Estados Unidos

3) **Fernanda manda buska kel fidja ki el ta manda dinheru tudu mes**

Fernanda	**manda**	**buska**	**kel**	**fidja**	**ki**	**el**
Fernanda	mandar-PFV	buscar-INF	DET	filha	REL.PRO	3.SG.NOM

ta	**manda**	**dinheru**	**tudu**	**mês**
HAB	mandar	dinheiro	todo	mês

A Fernanda mandou buscar a filha que ela mandava dinheiro todo mês

Auxiliar Linguístico	**Versão(ões) do PCV Fornecida(s) pelos Auxiliares Linguísticos**
AGA	a)
APL	c) Fernanda mandou buscar a filha no qual ele enviava dinheiro todos os meses d) Fernanda mandou buscar a filha no qual ele enviava dinheiro todos os meses
AGM	d) Fernanda mandou buscar aquela filha que ela enviava dinheiro todo mês e) Fernanda mandou buscar aquela filha que enviava dinheiro todo mês f) Fernanda mandou buscar aquela filha que enviava dinheiro todo mês
AAG	c) A Fernanda mandou buscar a filha que ela mandava dinheiro todos os meses d) A Fernanda mandou buscar a filha que ela mandava dinheiro todos os meses
CGS	a) A Fernanda mandou buscar a filha que ela mandava dinheiro todos os meses OBS: o entrevistado enfatizou a necessidade de pronunciar claramente o pronome “el" que, segundo o mesmo, faz uma grande diferença no sentido da sentença
CMC	A Fernanda mandou buscar a filha para quem ela enviava dinheiro todos os meses
ECA	d) Fernanda mandou buscar a filha que ela mandava dinheiro todo mês e) Fernanda mandou buscar a filha que mandava dinheiro mensalmente f) Fernanda mandou buscar a filha que mandava dinheiro mensalmente
EPB	c) Fernanda mandou buscar a sua filha que ela mandava dinheiro todos os meses d) Fernanda mandou buscar aquela filha que ela mandava dinheiro todos os meses
JLT	Fernanda mandou buscar a sua filha a quem mandava mensalmente dinheiro
JDB	Fernanda mandou buscar a filha que ela mandava dinheiro todos os meses
JSL	c) Fernanda mandou buscar a filha que ela... lhe mandava dinheiro todo fim de mês

	d) Fernanda mandou buscar a filha que ela... mandava-lhe dinheiro todos os meses
LGM	c) Fernanda mandou buscar aquela filha que costumava mandar dinheiro todo mês d) Fernanda mandou buscar aquela filha que enviava dinheiro todo mês
LPV	e) Fernanda mandou buscar a filha com que ela enviava dinheiro todos os meses f) Fernanda mandou buscar a filha com que... com quem (mentira) g) Fernanda mandou buscar a filha com quem... a filha que ela enviava dinheiro todos os meses h) Fernando mandou buscar a filha que ela enviava dinheiro todos os meses... pra ela (eu preciso dizer "pra ela"? Já está subentendido "enviar dinheiro todos os meses..." não precisa)
MST	c) Fernanda mandou buscar a filha pela qual enviava dinheiro todos os meses OBS: houve uma interrupção na gravação para atender uma chamada telefônica e ao ser inquirida novamente, MST proferiu a mesma sentença como vê em: d) Fernanda mandou buscar a filha pela qual enviava dinheiro todos os meses
REA	c) Fernanda mandou buscar a sua filha que ele enviava dinheiro todos os meses OBS: REA é falante nativo da variante da ilha do Sal que é muito próxima da variante da ilha de São Nicolau. O documentador traduziu as sentenças originalmente preparadas na variedade da ilha de Santiago para a variante de São Nicolau que seria mais compreensível por REA. Nisso, REA comentou com o documentador que o problema não está em entender a variante do CCV usada, mas sim em traduzir para o português. d) Fernanda mandou buscar sua filha que ele enviava dinheiro todos os meses
SPS	A senhor Fernanda mandou procurar aquela filha a quem enviava dinheiro todos os meses

4) Manel sta bai kaza ku kel minina ki senpri el gosta del

Manel	**sta**	**bai**	**kaza**	**ku**	**kel**	
Manel	TMA	ir-FUT	casar-INF	com	DET	
minina	**ki**	**senpri**	**el**	**gosta**	**d**	**el**
menina	REL.PRO	sempre	3.SG.NOM	gostar	de	3.SG.DAT

O Manuel vai casar com a menina que ele sempre gostou dela

Auxiliar Linguístico	Versão(ões) do PCV Fornecida(s) pelos Auxiliares Linguísticos
AGA	a) Manuel vai casar com a menina que sempre gos... a qual sempre gosta

	b) Manuel vai se casar com a menina a qual sempre gostou
APL	a) Manuel vai casar com a menina que sempre gostava
AGM	a) Manuel vai casar com aquela menina da qual sempre gosta b) Manuel vai casar com aquela menina da qual sempre gosta
AAG	a) O Manuel vai casar com a menina que ele sempre gostou b) O Manuel vai casar com aquela menina que ele sempre gostou
CGS	a) Manuel vai se casar com a mulher que ele sempre gostou
CMC	OBS: a entrevista perguntou para confirmar se é a menina que gosta do Manuel ou se é o Manuel quem gosta da menina a) O Manuel vai casar com a menina de quem sempre gostava
ECA	a) O Manuel vai para casa com a miúda que sempre gosta b) O Manuel vai casar com a menina que sempre ele gostava
EPB	Manuel vai casar com aquela menina que ele sempre gostava dela
JLT	O Manuel vai casar com a moça de quem sempre gostou
JDB	Manuel vai casar com a menina que ele sempre gostava
JSL	Manuel vai casar com a menina que ele sempre gostava
LGM	a) Manuel vai casar com aquela menina que sempre ele gostava dela – OBS: na sentença acima, LGM proferiu a sentença como que fazendo uma pergunta, indicando a sua incerteza. b) Manuel vai casar com aquela menina que sempre ele gostava c) Manuel vai casar com aquela menina que sempre ele gostava dela (demonstra dúvida quanto ao uso de "dela") d) Manuel vai casar com aquela menina que sempre ele gostava
LPV	a) O Manuel vai casar com a moça com quem ela... ele sempre gostava b) O Manuel vai casar com a moça que ela... ele sempre gostava
MST	c) O Manuel vai pra casa com a menina que ele sempre gostava d) O Manuel vai se casar com a menina que ele sempre gostou
REA	a) Manuel vai casar com aquela garota que ela gosta... aquela menina que ela gosta b) Manuel vai casar com aquela menina que ele sempre gostava dele... dele... dela
SPS	O Manuel vai se casar com aquela menina de quem sempre gostava

5) N odja kel prufesor ki nha mai un bes daba un galinha

N	**odja**	**kel**	**prufisor**	**ki**	**nha**	**mai**
1.S-Nom	ver-PFT	DET	professor	REL.PRO	1.S-Poss	mãe
unbes	**daba**	**um**	**galinha**			
certa vez	dar-IPFT	DET	galinha			

Eu vi hoje o professor que minha mãe certa vez deu uma galinha

Auxiliar Linguístico	Versão(ões) do PCV Fornecida(s) pelos Auxiliares Linguísticos
AGA	Vi o professor a qual a minha mãe uma vez lhe deu uma galinha
APL	a) Eu vi o professor que a minha mãe tinha dado uma galinha b) Eu vi o professor que a minha mãe tinha oferecido uma galinha OBS: ao preparar para repetir a frase, a entrevistada pediu se poderia mudar, o entrevistador concordou, no entanto, o que mudou foi somente o verbo "oferecido" ao invés de "dado"
AGM	a) Olhei aquele professor ao qual minha mãe tinha dado uma galinha b) Vi aquele professor que a minha mãe tinha dado uma galinha uma vez c) Olhei aquele professor que minha mãe uma vez lhe tinha dado uma galinha
AAG	a) Eu vi hoje o professor que minha mãe certa vez deu uma galinha b) Eu vi hoje o professor que minha mãe certa vez deu uma galinha
CGS	a) Vi aquele professor que a minha mãe lhe ofereceu uma galinha b) Vi aquele professor que a minha mãe um dia ofereceu uma galinha
CMC	Eu vi o professor ah... Eu vi aquele professor que a minha mãe deu (dera) uma galinha Eu vi aquele professor a quem uma vez a minha deu uma galinha
ECA	a) Eu vi o professor que a minha mãe tinha dado um galinha... uma galinha pra ele b) Eu vi o professor que a minha mãe uma vez tinha dado uma galinha pra ele
EPB	a) Eu vi aquele professor que a minha mãe uma vez tinha dado uma galinha b) Eu vi aquele professor que a minha mãe uma vez tinha dado uma galinha
JLT	Eu vi o professor que a minha mãe tinha dado... a quem a minha mãe tinha dado uma galinha
JDB	Vi aquele professor que a minha mãe ofereceu uma galinha
JSL	a) Eu vi o professor que a minha mãe uma vez lhe deu uma galinha b) Eu vi aquele professor que a minha mãe uma vez deu uma galinha
LGM	a) Vi aquele professor que a minha mãe uma vez lhe tinha dado uma galinha b) Eu vi aquele professor que a minha mãe uma vez lhe dava uma galinha... lhe deu uma galinha
LVP	a) Eu vi aquela professora que a minha mãe... eu vi aquela professora que a minha mãe tinha dado uma galinha... tinha dado uma galinha. Espera b) Eu vi aquela professora que a minha mãe... eu vi aquela professora que a minha mãe tinha dado... tinha lhe dado... tinha dado uma galinha... tinha lhe dado uma galinha c) Eu vi aquela professora que a minha mãe tinha lhe dado uma galinha
MST	a) Eu vi o professor pela qual a minha mãe uma vez lhe deu uma

	galinha b) Eu vi o professor que a minha mãe deu uma galinha a ele
REA	a) Eu vi o professor que a minha mãe deu a galinha uma vez
SPS	a) Vi o meu antigo professor a quem minha a mãe lhe tinha dado uma galinha

6) Manha, N sta bai kaza di kel nha amigu ki N prista kadernu

Manha	**N**	**sta**	**bai**	**kaza**	**di**	**kel**
Amanhã	1.SG.NOM	TMA	ir-FUT	casa	de	DET

nha	**amigu**	**ki**	**N**	**pista**	**kadernu**
1.SF.POSS	amigo	REL.PRO	1.SG.NOM	emprestar-PFT	caderno

Amanhã, eu vou na casa do meu colega que emprestei o caderno

Auxiliar Linguístico	**Versão(ões) do PCV Fornecida(s) pelos Auxiliares Linguísticos**
AGA	Amanhã vou na casa daquele amigo a qual emprestei o caderno
APL	a) amanhã vou à casa do meu amigo o qual emprestei o caderno b) amanhã vou à casa do meu amigo no qual emprestei o caderno
AGM	a) amanhã vou à casa daquele amigo ao qual emprestei o caderno b) amanhã vou à casa daquele meu amigo ao qual emprestei meu caderno
AAG	a) vou amanhã à casa do meu amigo que eu emprestei o caderno b) vou amanhã na casa do meu amigo que eu emprestei o caderno
CGS	a) amanhã à casa do meu amigo que tem o meu caderno emprestado OBS: foi solicitado ao entrevistado que tentasse manter verbos equivalentes e a estrutura da sentença e resultou em: b) amanhã à casa daquele amigo que eu emprestei o caderno
CMC	Amanhã vou à casa daquele ... do amigo Amanhã vou para casa do meu amigo, aquele a quem eu tinha emprestado o caderno
ECA	Amanhã vou para casa do amigo, que eu tinha emprestado o caderno
EPB	a) Amanhã eu vou para casa daquele amigo que eu tinha emprestado o meu caderno b) Amanhã eu vou para casa do meu amigo que eu emprestei o meu caderno
JLT	Amanhã eu vou à casa do meu amigo a quem eu emprestei um caderno
JDB	Amanhã vou à casa daquele amigo que emprestei o meu caderno
JSL	Amanhã eu vou à casa do meu amigo ao qual eu emprestei o caderno
LGM	a) Amanhã vou para casa daquele amigo que eu lhe... que eu tinha emprestado o caderno b) Amanhã vou para casa daquele amigo que eu tinha emprestado o caderno
LVP	a) Amanhã eu vou pra casa da... do amigo que eu tinha lhe emprestado o caderno

	b) Amanhã eu vou pra casa daquele amigo que eu tinha emprestado caderno... que eu tinha emprestado caderno
MST	Amanhã vou pra casa do amigo que eu emprestei um caderno
REA	Amanhã vou pra casa do meu amigo que eu emprestei o caderno
SPS	Amanhã vou à casa do meu amigo a quem tinha lhe emprestado um caderno

7) Máriu ti inda ka odja kel rapas ki el traze-l inkomenda di França

Máriu	**ti**	**inda**	**ka**	**odja**	**kel**	**rapás**
Máriu	até	ainda	NEG	ver-PFT	DET	rapaz
ki	**el**	**traze**	**-l**	**inkoménda**	**di**	**França**
REL.PRO	3.SG.NOM	trazer-PFT	3.SG.DAT	encomenda	de	França

O Mário ainda não viu o rapaz que ele trouxe ele encomenda da França

Auxiliar Linguístico	Versão(ões) do PCV Fornecida(s) pelos Auxiliares Linguísticos
AGA	Mário ainda não viu o rapaz a qual ele trouxe encomenda
APL	a) Ainda Mário não viu o rapaz que ele trouxe a encomenda da França b) Mário ainda não viu o rapaz que ele trouxe a encomenda da França OBS: ao solicitar que a entrevistada repita a mesma frase, o entrevistador fez questão de certificar de que a entrevista entendeu que foi o Mário quem veio da França e quem trouxe a encomenda para o "rapaz".
AGM	OBS: Houve diálogo com o entrevistado sobre o pronome "el" que na ótica do entrevistado não deveria estar. Ao retirar o pronome "el" o entrevistado fez a leitura (em caboverdiano) de que foi o rapaz que veio da França e trouxe a encomenda para o Mário. Ao ser explicado que no caso do contexto é o Mário quem veio da França e trouxe a encomenda para o "rapaz", o entrevistado concordou então que o pronome "el" está bem colocado. a) Mário até ainda não viu aquele rapaz a quem trouxe uma encomenda de França
AAG	a) O Mário ainda não viu o rapaz que ele trouxe encomenda de França b) O Mário ainda não viu o rapaz que ele trouxe a encomenda de França
CGS	a) O Mário ainda não viu o rapaz que ele trouxe encomenda de França OBS: houve diálogo para entender quem veio da França: o entrevistado entendeu logo à primeira que foi o Mário quem veio da França e trouxe uma encomenda para um "rapaz" b) Mário ainda não viu o rapaz que ele trouxe encomenda de França c) Mário ainda não viu o rapaz que ele trouxe encomenda de

	França
CMC	Mário ainda não viu o rapaz ... (pausa e hesitação) Mário ainda não viu o rapaz ... de... ah... a quem trouxe encomenda de França Mário ainda não viu o rapaz a quem trouxe encomenda de França
ECA	a) Mário até ainda não viu o rapaz que ele tinha trazido a encomenda da França Fiz questão de certificar com a entrevistada de que ela entendeu que foi o Mário quem veio da França e que trouxe a encomenda para o "rapaz" que ainda ele não viu. b) Mário até ainda não viu o rapaz que trouxe a encomenda da França
EPB	a) Mário ainda não viu aquele rapaz que ele trouxe encomenda de França b) Mário ainda não viu aquele rapaz que ele trouxe encomenda de França
JLT	Mário ainda não viu a pessoa a quem trouxe uma encomenda da França
JDB	a) Mário ainda não viu o rapaz que ele trouxe uma encomenda OBS: JDB, perguntou para confirmar se foi o Mário que trouxe a encomenda a) Mário não viu ainda o rapaz que ele trouxe uma encomenda
JSL	a) Mário ainda não viu o rapaz que ele ... (após hesitação, JSL solicitou que a frase em e CCV fosse repetida) b) Mário ainda não viu o rapaz que ele trouxe-lhe encomenda de França c) Mário ainda não viu o rapaz que ele lhe trouxe encomenda de França
LGM	a) Mário ainda não viu aquele rapaz que lhe trouxe encomenda de França OBS: perguntei a LGM quem trouxe a encomenda da França e ele respondeu: "Kel piso ki Mário sta djobe" (aquela pessoa que o Mário está procurando). Clarifiquei que no contexto desejado é o Mário quem veio da França e trouxe a encomenda para a "pessoa", nisso b) Mário ainda não viu aquele rapaz que ele trouxe uma encomenda de França c) Mário ainda não viu aquele rapaz que ele trouxe... da qual ele trouxe uma encomenda de França OBS: pedi a LGM que decidisse entre usar "que" ou "da qual" e: d) Mário ainda não viu aquele rapaz que ele trouxe uma encomenda de França
LVP	a) O Mário até ainda não viu o rapaz com quem... o Mário até ainda não viu o rapaz ... que ele trouxe encomenda... pra ele... que ele trouxe? ... não tá errado. O Mário até ainda não viu o rapaz... que ele trouxe encomenda... que ele trouxe... aí tou dizer que o rapaz é que trouxe a encomenda, mas é o Mário... com quem... O Mário até ainda não viu o rapaz para receber a prenda? o documentador respondeu que não e: b) O Mário até ainda não viu o rapaz... o rapaz. Francisco!!! Difícil!!! Vamos c) O Mário até ainda não viu o rapaz que ele trouxe encomenda pra

	ele... até ainda não viu o rapaz... o Mário até ainda não viu o rapaz... o rapaz que ele trouxe... que ele... o rapaz que ele trouxe encomenda pra ele? Também não dá. d) O Mário até ainda não viu o rapaz... rapaz **pra quem** ele trouxe encomenda... pra quem ele trouxe encomenda da França LVP, perguntou se não poderia trocar a frase e) O Mário até agora não viu o rapaz para entregar-lhe... f) O Mário até agora não viu o rapaz para entregar a prenda que o Mário trouxe de França. g) Mário até ainda não viu o rapaz que ele trouxe encomenda pra ele h) Mário até ainda não viu o rapaz que ele trouxe encomenda da França... que ele trouxe, mas aqui dizer que ele trouxe a encomenda da França tá a ficar tipo que é o rapaz que trouxe encomenda pro João, mas não é isso. Pra mim, eu dizia assim: O Mário trouxe uma encomenda para (risos... e interrupção) i) O Mário ainda não viu o rapaz que ele trouxe encomenda da França... FRANCISCO, vai ficar assim!!! Não dá mais.
MST	a) O Mário ainda não viu o rapaz que ele trouxe uma encomenda da França b) O Mário ainda não viu o rapaz pelo qual ele trouxe uma encomenda da França
REA	a) Mário ainda não viu aquele rapaz que ele trouxe a encomenda da França b) Mário ainda não viu aquele rapaz que ele trouxe encomenda da França
SPS	Mário até ainda não viu aquele rapaz a quem trouxe uma encomenda de França

8) N sta bai inkontra ku kel pisoa ki nha irmá intrega nas dokumentu pa traze-m

N	**sta**	**bai**	**inkontra**	**ku**	**kel**	**pisoa**	**ki**
1.SG.NOM	TMA	ir-FUT	enonctrar	com	DET	pessoa	REL.PRO

nha	**irmá**	**intrega**	**nhas**	**dokumentu**	**pa**	**traze**	**m**
1.SG.POSS	irmã	entregar-PFT	1.PL.POSS	documento	para	traver-PFT	1.SG.DAT

Vou encontrar com a pessoa que minha irmã entregou meus documentos para trazer-me

Auxiliar Linguístico	**Versão(ões) do PCV Fornecida(s) pelos Auxiliares Linguísticos**
AGA	Vou encontrar-me com a pessoa a qual a minha irmã deu os documentos para trazer
APL	a) Vou ao encontro da pessoa que a minha irmã entregou o documento pra –me dar b) Vou ao encontro da pessoa que... no qual a minha irmã entregou o documento pra me... não, não, não ficou bem c) Vou ao encontro da pessoa em que a minha irmã deu o meu documento pra me entregar

	d) Vou ao encontro da pessoa em que a minha irmã deu o meu documento pra me dar
AGM	a) Vou encontrar com aquela pessoa que a minha irmã entregou... Depois de pensar e refletir b) Vou encontrar com aquela pessoa à qual minha irmã entregou meus documentos para trazer-me
AAG	a) Vou encontrar com a pessoa que a minha irmã entregou meus documentos para trazer-me b) Vou encontrar com a pessoa que minha irmã entregou meus documentos para trazer-me
CGS	c) Estou a ir ao encontro do rapaz que trouxe o documento que a minha irmã lhe deu OBS: foi solicitado ao entrevistado que tentasse manter a ordem da sentença tal qual em CCV a) Vou ao encontra da pessoa que a minha irmã entregou-lhe um documentos para me dar
CMC	a) Vou-me encontrar com aquela pessoa quem minha irmã deu o documento para trazer b) Vou-me encontrar com aquela pessoa quem minha irmã deu o documento para trazer-me
ECA	Vou ao encontro da pessoa que a minha irmã mandou os documentos com ele
EPB	a) Eu vou encontrar com aquele rapaz que a minha irmã deu-lhe encomenda para me trazer b) Eu vou encontrar com a pessoa que a minha irmã deu-lhe documento para me trazer c) Vou encontrar com a pessoa que a minha irmã deu-lhe encomenda para me trazer
JLT	a) Vou-me encontrar com a pessoa que me trouxe os documentos enviados pela minha irmã b) Vou-me encontrar com a pessoa que a minha irmã deu trouxe os documentos para me trazer
JDB	a) Vou encontrar com a pessoa que trouxe os documentos que a minha irmã mandou b) Vou encontrar com a pessoa que a minha irmã entregou os documentos para trazer-me
JSL	a) Vou encontrar com a pessoa que a minha irmã lhe entregou os meus documentos para trazer-me b) Vou encontrar com a pessoa que a minha irmã entregou os meus documentos para trazer-me
LGM	a) Estou indo encontrar com aquela pessoa que a minha irmã deu documentos para me trazer c) Vou encontrar com aquela pessoa que a minha irmã deu os documentos para me entregar.
LVP	Eu vou encontrar com a pessoa que a minha irmã entregou-lhe documento para me trazer.
MST	Vou-me encontrar com a pessoa que a minha irmã a entregou os meus documentos pra me trazer
REA	a) Eu vou encontrar com a pessoa que trouxe o documento que a minha irmã deu

	OBS: REA demonstrou grande dificuldade para processar a frase em português, demorando mais de minuto tentando buscar a melhor forma de se expressar. O documentador solicitou que REA explicasse o contexto da sentença em CCV, e isso ela fez sem problema nenhum. b) Vou encontrar com a pessoa que trouxe o documento que a minha irmã deu c) Vou encontrar com aquela pessoa que a minha irmã deu documento para me entregar
SPS	Vou ao encontro daquele senhor que a minha irmã lhe entregou documentos para me trazer

9) Jdon ta mima dimás kel fidju ki el ta konpra-l só ropas di Mérka

Djon	**ta**	**mina**	**dimás**	**kel**	**fidju**	**ki**	
Djon	HBT	mimar	demais	DET	filho	REL.PRO	
el	**ta**	**konpra**	**-l**	**sô**	**ropas**	**di**	**Mérka**
3.SG.NOM	HBT	comprar	3.SG.DAT	somente	roupas	de	América

O João mima demais aquele filho que ele compra só roupas dos EUA

Auxiliar Linguístico	**Versão(ões) do PCV Fornecida(s) pelos Auxiliares Linguísticos**
AGA	a) João dá muito mimo ao filho que ele só compras roupas de Merca b) João dá muitos mimos ao filho ao qual ele compra só roupas de América
APL	a) João mima muito a filha em que compra... OBS: neste caso, a entrevistado ficou na dúvida se o João mina muito o filho a ponto de comprar-lhe somente roupas dos EUA, ou se O João mima muito aquele filho a quem ele compra somente roupas dos EUA. Uma vez esclarecido, a entrevistada proferiu a seguinte frase: b) João mina muito a filha em que ele compra só roupas dos Estados Unidos c) João mina muito a filha em que ele compra só roupas dos Estados Unidos
AGM	a) João demonstra muito carinho à filha..... b) João gosta demais do filho ao qual compra roupas dos Estados Unidos c) João gosta muito do filho ao qual compra apenas roupas dos Estados Unidos
AAG	a) O João mimou demais o filho que ele compra só roupas dos Estados Unidos b) O João mimou demais aquele filho que ele compra só roupas dos Estados Unidos c) O João mimou demais aquele filho que ele compra só roupas dos Estados Unidos
CGS	a) Djon estima demais aquele filho no qual ele compra roupas de Merca

	b) Djon estima por demais aquele filho que ele compra apenas roupas de Merca OBS: comentei com o entrevistado que na primeira vez ele utilizou “no qual” e na segunda vez usou “que”, perguntei qual que ele preferiria que eu mantivesse. Ele foi categórico ao me dizer que pudesse manter as duas expressões.
CMC	a) O João dá tanto tantos mimos à filha que lhe compra somente roupas dos Estados Unidos OBS: a entrevistada não processou o “ki” como um pronome relativo, mas sim como marcador de “finalidade/causa” – existe essa possibilidade de interpretação em CCV, sendo que a mesma leitura foi feita por outros entrevistados. Esclarecido o contexto pretendido, o resultado foi o seguinte: b) O João mima demais a filha que lhe compra somente roupas dos Estados Unidos
ECA	a) O João mima muito o filho que até compra roupas da Merca para ele b) O João mima demais aquele filho que compra pra ele somente roupa das Américas
EPB	a) João mima muito o seu filho .... b) João mima muito seu filho e ele sempre compra roupa pra ele da América c) João mima demais o seu filho e compra sempre roupa da América pra ele d) João mima muito aquele filho e que ele compra sempre roupa da América pra ele OBS: depois de muito diálogo em que a entrevistada demonstrou grande dificuldades em entender o “ki” utilizado na sentença: e) João mima demais aquele filho que ele compra sempre roupas da América OBS: No final a entrevistada conclui que a dificuldade em colocar o “que” estava associado ao não uso do pronome demonstrativo “aquele” antes do filho e admite que não estava percebendo o pronome “kel” na sentença em CCV.
JLT	João mima bastante o filho a quem compra muitas roupas dos Estados Unidos
JDB	a) João mima muito aquele filho que ele compra sempre roupas sempre dos Estados Unidos b) João mima muito aquele filho que ele sempre compra-lhe roupas sempre dos Estados Unidos
JSL	a) João dá mimos demais ao seu filho e lhe compra apenas roupas da América b) João dá mimos demais ao seu filho e lhe compra só roupas da América c) João dá mimos demais ao filho comprando só roup... d) João mima demais aquele filho ele só compra roupas de América pra ele e) João mima demais aquele filho ele só compra roupas de América pra ele OBS: para chegar a essa última frase foi necessário amplo diálogo de

	esclarecimento com JSL
LGM	a) João dá mimos àquela filho que ele costuma comprar roupas de América
LVP	a) O João dá muito mimo ao filho ele até... que ele até compra (oh meu Deus) muitas roupas de... b) O João dá muito mimo ao... àquele filho que ele compra roupas dos Estados Unidos c) Eu também poderia dizer: O João dá muito mimo ao filho que recebe muita roupa dos Estados Unidos d) O João dá muito mimo ao filho que ele compra... ao filho que compra muita roupa de Estados Unidos e) O João dá muito mimo ao filho que compra muita roupa de Estados Unidos – Francisco é até assim, não dá mais do que isso
MST	a) O Djon dá muito mimo à menina pela qual... ná, na, não... b) Djon mima demais a menina que... não, não entendi a frase c) O Djon mima demais a menina que ele compra somente roupas americanas d) O Djon mima demais... é o filho ou a filha? e) O Djon mima demais o filho que ele compra somente roupas americanas
REA	a) João mima demais seu filho que ele sempre compra roupa de Estados Unidos... só roupas de Estados Unidos OBS: ao ser interpelada sobre o uso de “pa el" no final da sentença, REA comentou: “Para ele? não, neste caso estou repetindo o que já foi dito” b) João mima demais aquele filho que ele só compra roupas de Estados Unidos
SPS	a) O João dá muito mimo àquele filho a quem oferece sempre roupas de América b) O João mimo muito aquele filho a quem oferece sempre roupas de América

10) Kel kamiza di Barcelona nunka txiga na nha fidju ki N manda logu ki N txiga na Spánha

Kel	**kamiza**	**di**	**Barcelona**	**nunka**	**txiga**
DET	camisa	di	Barcelona	nunca	chegar-PFT
na	**nha**	**fidju**	**ki**	**N**	**manda**
em	1.SG.POSS	filho	REL.PRO	1.SG.NOM	mandar-PFT
logu	**ki**	**N**	**txiga**	**na**	**Spánha**
logo	COMP	1.SG.NOM	chegar-PFT	em	Espanha

A camisa do Barcelona nunca chegou no meu filho que mandei assim que cheguei na Espanha

Auxiliar Linguístico	Versão(ões) do PCV Fornecida(s) pelos Auxiliares Linguísticos
AGA	a) A camisa que eu mandei logo quando cheguei à Espanha não

	chegou ao meu filho b) A camisa de Barcelona que eu mandei logo quando cheguei à Espanha não chegou ao meu filho
APL	a) Logo que cheguei à Espanha mandei uma camisa de Barcelona, mas nunca chegou... nunca ele recebeu OBS: a entrevistada solicitou se ela poderia mudar a ordem da sentença, o que lhe foi permitido e resultou na sentença em (a) b) A camisa de Barcelona nunca chegou ao meua filho que mandei logo que chegou à Espanha
AGM	a) Aquela camisa que tinha enviado ao meu filho... houve hesitação e solicitou que fosse repetida a sentença em CCV b) Aquela camisa de Barcelona que eu tinha enviado assim que cheguei à Espanha nunca chegou ao meu filho. c) Aquela camisa de Barcelona que eu enviei **ao meu filho** assim que cheguei à Espanha nunca chegou **ao meu filho**.
AAG	a) A camisa Barcelona nunca chegou no meu filho que mandei assim que cheguei na Espanha O entrevistado comentou sobre a ordem das palavras de negação: segundo ele a expressão "nunka ka txiga" (nunca chegou) seria da variante do crioulo de Santiago, mas na variante da ilha do Fogo seria "ka txiga nunka" – o advérbio "nunka" tem de ficar obrigatoriamente na posição final da locução de negação.
CGS	Aquele camisa Barcelona que eu mandei de Espanha nunca chegou para o meu filho
CMC	a) Aquela camisa de Barcelona nunca chegou no meu filho, aquele que enviei logo que cheguei à Espanha
ECA	a) Aquela camisa de Barcelona nunca chegou no filho, nunca chegou... Houve hesitação e depois reformulou a sentença do seguinte jeito: b) A camisa de Barcelona para o meu filho, que eu tinha mandado logo que chegar à Espanha, nunca chegou no meu filho c) Aquela camisa de Barcelona que mandei para o meu filho, logo que cheguei à Espanha nunca chegou nele
EPB	a) Aquela camisa de Barcelona nunca chegou na minha filha, que eu mandei logo que eu cheguei à Espanha b) Aquela camisa de Barcelona nunca chegou na minha filha, que eu mandei logo quando cheguei à Espanha
JLT	A camisa do Barcelona que eu enviei ao meu filho nunca chegou
JDB	a) Aquela camisa nunca chegou ao meu filho... c) Aquela camisola de Barcelona que enviei a meu filho logo que cheguei em Barcelona , ele nunca o recebeu
JSL	a) Aquela camisa de Barcelona que eu mandei quando eu cheguei na Espanha nunca chegou... ao meu filho b) Aquela camisa de Barcelona que eu mandei logo cheguei à Espanha nunca chegou ao meu filho
LGM	A camisa de Barcelona que enviei para o meu filho na Espanha nunca chegou nele
LVP	Aquela camisa que eu enviei á Espanha logo que cheguei ... Aquela camisa que eu enviei á Espanha nunca chegou ao meu filho Aquela camisa de Barcelona que eu enviei logo que cheguei à Espanha

	nunca chegou ao meu filho
MST	a) A camisa que eu tinha enviado logo que cheguei na Espanha nunca chegou ao meu filho b) A camisa de Barcelona que eu tinha enviado pro meu filho logo que cheguei na Espanha nunca chegou nele
REA	c) Aquele camisa de Barcelona que eu enviei para o meu filho nunca chegou ao meu filho a) Aquele camisa de Barcelona que enviei logo que cheguei em Espanha nunca foi entregue ao meu filho b) Aquele camisa de Barcelona que enviei logo que cheguei em Espanha nunca foi entregue ao meu filho c) Aquele camisa de Barcelona que enviei logo que cheguei em Espanha nunca chegou ao meu filho
SPS	a) Aquele camisola de Barcelona que enviei a meu filho logo que cheguei à Espanha ainda não recebeu b) Aquele camisola de Barcelona que enviei a meu filho assim que cheguei à Espanha ainda ele não recebeu

Parte II
Elicitação de Interrogativas-Wh

Alexandre (2009: 97)
(1) **[$_{DP/OBJ1}$ Ken/kenha]**$_i$ ki Djon da **[~~ken/kenha~~]**$_i$ si kasa?
who that Djon give(PFV) POSS.3SG house
Lit.: 'Who did Djon give his house?'
'Who did Djon give his house to?'

Auxiliar Linguístico	Versão(ões) do PCV Fornecida(s) pelos Auxiliares Linguísticos
AGA	A quem João deu sua casa?
APL	Quem João deu sua casa?
AGM	A quem João deu a sua casa?
AAG	Quem é que o João deu a sua casa?
CGS	Djon ofereceu a casa a quem?
CMC	A quem o João deu a sua casa? A quem o João deu a sua casa? João deu a sua casa a quem?
ECA	Quem o João entregou sua casa? A quem o João entregou a sua casa?
EPB	Que pessoa o João deu a sua casa?
JLT	A quem deu o João a sua casa?
JDB	Quem o João deu a sua casa?
JSL	A quem é que o João deu a sua casa?
LGM	Quem é que João deu a sua casa?
LVP	Quem é que o João deu a sua casa?

MST	A quem o Djon deu a casa?
REA	Quem o João deu a sua casa?
SPS	A quem o João ofereceu a sua casa?

Alexandre (2009: 97)
(2) **[**$_{DP/OBJ2}$ **Kusé/kantu]**$_i$ ki Djon da Maria **[~~kusé/kantu~~]**$_i$**?**
what/how.much that Djon give(PFV) Maria
'How much/What did Djon give Maria?'

Auxiliar Linguístico	**Versão(ões) do PCV Fornecida(s) pelos Auxiliares Linguísticos**
AGA	O que João deu à Maria? Quanto João deu à Maria?
APL	O quê João deu à Maria? Quanto o João deu à Maria?
AGM	O que é que o João deu à Maria? Quanto João deu à Maria?
AAG	O quê é que o João deu à Maria? Quanto é que o João deu à Maria?
CGS	O quê é que o João deu à Maria? Quanto deu o João à Maria?
CMC	O quê que o João deu à Maria? Que foi que o João deu à Maria?
ECA	O quê que o João deu para a Maria? Quanto que o João deu para a Maria?
EPB	O quê que o João deu à Maria? Quanto é que o João deu à Maria?
JLT	O quê que o João deu à Maria? Quê que o João deu à Maria? Quanto é que o João deu à Maria?
JDB	O quê é que o João deu à Maria? Quanto o João deu à Maria?
JSL	O quê é que o João deu à Maria? Quanto é que o João deu à Maria?
LGM	O quê é que João deu à Maria? Quanto é que João deu à Maria?
LVP	O quê é que o João deu à Maria? Quanto é que o João deu à Maria?
MST	Quê que o Djon deu à Maria? Quanto o Djon deu à Maria?
REA	O quê é que o João deu à Maria? Quanto que o João deu à Maria?
SPS	O quê é afinal o João deu à Maria? O quê que o João deu à Maria? Quanto o João deu à Maria?

Alexandre (2009: 97)
(3) **[**$_{DP/OBJ1}$ **Ki mininus]** ki pursor da **[~~ki mininus~~]** kes libru-li?
which boys that teacher give(PFV) DEM book-PROX
Lit.: 'Which boys did the teacher give these books?'
'Which boys did the teacher give these books to?'

Auxiliar Linguístico	Versão(ões) do PCV Fornecida(s) pelos Auxiliares Linguísticos
AGA	Quais meninos o professor deu esses livros?
APL	Quem são os meninos que o professor deu esses livros?
AGM	A que meninos o professor deu estes livros?
AAG	Que meninos que o professor deu aqueles livros? Que meninos que o professor deu esses livros aqui?
CGS	Quais são os meninos que o professor deu o livro?
CMC	Quais são os meninos que o professor deu esses livros? Ou Quem são os meninos em que o professor deu esses livros? Quem são os meninos em qu... que o professor deu esses livros? Quem são os meninos em que o professor deu esses livros?
ECA	Que meninos que o professor deu esses livros?
EPB	Quais foram as crianças que o professor.... Quem foram as crianças que o professor deu esses livros?
JLT	A que meninos deu o professor o livro?
JDB	Que alunos que o professor deu aqueles livros?
JSL	Quais são os meninos a quem o professor deu os livros? Quais são os meninos a quem o professor deu estes livros?
LGM	Que meninos o professor deu este livro? Quais meninos o professor deu estes livros? Que meninos que o professor deu esses livros? – OBS: LGM fez uma pergunta retórica que a expressão "que meninos" seria português
LVP	Que meninos é que o professor deu esses livros?
MST	A que meninos o professor deu os livros?
REA	Que alunos que o professor deu esses livros?
SPS	A que meninos o professor deu aqueles livros?

Alexandre (2009: 98)
(4) Bu ka sabe **[**$_{PP/OBLNucl}$ **ku kenha]** ki bu sa ta
2SG NEG know(IPFV) with who that 2SG PROGR
papia **[~~ku kenha~~]?**
talk
'Don't you know with whom are you talking?'

Auxiliar Linguístico	Versão(ões) do PCV Fornecida(s) pelos Auxiliares Linguísticos
AGA	Não sabes com quem estás a falar?
APL	Não sabes com quem falas?
AGM	Não sabes com quem estás a falar?
AAG	Tu não sabes com quem falas?

	Tu não sabes com quem estás a falar?
CGS	Não sabes com quem estás a conversar?
CMC	Não sabes com quem tás a falar? Não sabes com quem estás a falar?
ECA	Tu não sabes com quem tás a falar?
EPB	Não sabes com quem estás a falar?
JLT	Não sabes com quem estás a falar?
JDB	Não sabes com quem estás a falar?
JSL	Tu não sabes com quem é que estás a falar?
LGM	Não sabes com quem estás a falar?
LVP	Não sabes com quem estás a falar?
MST	Não sabes com quem estás a falar?
REA	Você não sabe com quem você está a falar?
SPS	Não sabes com quem estás a falar?

Alexandre (2009: 99)
(5) **[**$_{PP/OBLNucl}$ **Di kenha]** ki bu ka kre pa nu
of who that 2SG NEG want(IPFV) for 1PL
gosta **[~~di kenha~~]?**
like
Lit.: 'Of whom you don't want us to like?'
'Who don't you want us to like?'

Auxiliar Linguístico	**Versão(ões) do PCV Fornecida(s) pelos Auxiliares Linguísticos**
AGA	De quem não queres que nós gostemos?
APL	De quem que você não quer que gostamos?
AGM	De quem não queres que nós gostemos?
AAG	De quem tu não queres que nós gostamos?
CGS	De quem você não quer que nós gostemos?
CMC	De quem que não quer que gostemos? Não quer que gostemos de quem?
ECA	De quem que tu não queres que nós gostamos?
EPB	De quem não queres para... De quem não queres que nós gostamos?
JLT	De quem você não quer que a gente goste?
JDB	De quem não quer que nós gostamos? De quem é que não quer que nós gostamos?
JSL	De quem é que não quer que a gente goste?
LGM	De quem é que você não quer que nós gostamos? De quem que você não quer que nós gostamos?
LVP	De quem é que tu não queres que nós gostamos?
MST	De quem é que não queres que eu goste? De quem que não queres que nós gostamos?
REA	De quem é que você não quer que eu goste?
SPS	De quem que achas que não devo gostar?

Alexandre (2009: 99)
(6) **[**$_{PP/OBLNucl}$ **Di kusé]** ki bu ka gosta **[~~di kusé~~]?**
of what that 2SG NEG like(IPFV)
Lit.: 'Of what don't you like?'
'What don't you like?'

Auxiliar Linguístico	Versão(ões) do PCV Fornecida(s) pelos Auxiliares Linguísticos
AGA	De o quê que não gostas?
APL	Do quê você não gosta?
AGM	Do quê que não gostas?
AAG	Do quê que tu não gostas?
CGS	Do quê nãogostas?
CMC	Do quê que não gostas? Do que não gostas? Não gostas do quê?
ECA	Do que não gostas?
EPB	Do quê que não gostas?
JLT	Do quê que não gostas?
JDB	Do quê é que não gostas? Do quê que não gostas?
JSL	Do quê é que tu não gostas?
LGM	Do quê é que você não gosta?
LPV	Do quê é que tu não gostas?
MST	Do quê que você não gosta?
REA	Do quê é que você não gosta?
SPS	E quê que tu não gostas?

Alexandre (2009: 99)
(7) **[**$_{PP/OBLNucl}$ **Ku ki mininas]** ki bu papia **[~~ku ki mininas~~]** na festa?
with which girls that 2SG talk(PFV) in party
'With which girls did you talk at the party?'

Auxiliar Linguístico	Versão(ões) do PCV Fornecida(s) pelos Auxiliares Linguísticos
AGA	Com que meninas falaste na festa?
APL	a) Com quem... com qual das meninas você falou na festa? b) Com que meninas que não ficaria bem (comentou a entrevistada tentando encontrar a tradução mais correta) c) Quem são as meninas que você falou na festa?
AGM	Com que meninas falaste nas festas?
AAG	Com que meninas você falou na festa?
CGS	Com que moça conversaste na festa?
CMC	Com quais meninas falaste na festa? Com que meninas falaste na festa?

ECA	Com que meninas tu falaste na festa?
EPB	Qual dessas meninas falaste na festa? Com quem delas falaste na festa? Com quem dessas meninas falaste na festa? Com quem dessas meninas tu falaste na festa? A entrevistada teve problemas em processar a expressão “ku ki”
JLT	Com que meninas falou durante a festa?
JDB	Com que meninas falaste na festa?
JSL	a) Com quais meninas é que tu falaste na festa? OBS: JSL perguntou se ele pudesse mudar a ordem das palavras da forma que lhe ficasse mais conveniente. b) Quem são as meninas com quem falaste na festa? c) Quem são as meninas com as quais falaste na festa?
LGM	Com que meninas você falou na festa?
LPV	Com que meninas é que falas na festa? Com que menina é que tu falaste na festa?
MST	Com que meninas você falou na festa?
REA	Com que menina você falou na festa?
SPS	Afinal, com que meninas falaste durante a festa?

Alexandre (2009: 99)

(8) **[**$_{PP/OBLLoc}$ **Na ki merkadu]** ki Maria bai **[~~na ki merkadu~~]**?

in which market that Maria go(PFV)

‘In which market did Maria go?’

Auxiliar Linguístico	Versão(ões) do PCV Fornecida(s) pelos Auxiliares Linguísticos
AGA	Em qual mercado foi a Maria?
APL	Qual é o mercado que a Maria foi?
AGM	A qual mercado a Maria foi?
AAG	Em que mercado a Maria foi?
CGS	Em que mercado foi a Maria?
CMC	Em qual mercado foi a Maria?
ECA	Em que mercado foi a Maria?
EPG	Em que mercado foi a Maria?
JLT	Para qual mercado foi a Maria?
JDB	Qual é o mercado que a Maria foi?
JSL	Em qual mercado é que a Maria foi?
LGM	Em qual mercado a Maria foi?
LPV	Em que mercado em que a Maria foi?
MST	Em que mercado a Maria foi?
REA	Em que mercado que a Maria foi?
SPS	Para que mercado a Maria se dirigiu?

Alexandre (2009: 100)

(9) **[**$_{DP}$ **Ken/kenha]**$_i$ ki bu sa ta papia **[**$_{PP/OBLNucl}$ **ku-[el]**$_i$**]?**

who that 2SG PROGR talk with-3SG

Lit.: ‘Who are you talking with him?’
‘Who are you talking with?’

Auxiliar Linguístico	Versão(ões) do PCV Fornecida(s) pelos Auxiliares Linguísticos
AGA	Com quem estás a falar?
APL	Com quem você fala?
AGM	Com quem estás a falar?
AAG	Com quem tu estás a falar?
CGS	Com quem estás a conversar?
CMC	Com quem estás a falar? Estás a falar com quem?
ECA	Quem... tu estás a falar com quem? Tu estás a falar com quem?
EPB	Com quem estás a falar?
JLT	Com quem que estás a falar?
JDB	Com quem que estás a falar?
JSL	Com quem é que tu estás a falar?
LGM	Com quem você está a falar?
LPV	Com quem é que estás a falar?
MST	Com quem estás a falar?
REA	Com quem você está a falar?
SPS	Com quem estou a falar?

Alexandre (2009: 100)
(10) $[_{DP}$ **Kusé**$]_i$ ki bu kebra karu $[_{PP/OBLAcess}$ **ku-[el]**$_i]$?
what that 2SG break(PFV) car with-3SG
Lit.: ‘What did you break the car with it?’
‘What did you break the car with?’

Auxiliar Linguístico	Versão(ões) do PCV Fornecida(s) pelos Auxiliares Linguísticos
AGA	Com o quê que quebraste o carro?
APL	Com o quê você partiu o carro?
AGM	Com quê quebraste o carro?
AAG	Com o quê que tu quebraste o carro?
CGS	Quebrou o carro com quê?
CMC	Quebraste o carro com quê?
ECA	O que usaste para quebrar o carro?
EPB	Com que objeto quebraste o carro? A entrevistada demonstrou não estar confortável com o uso de “ku-el” no final da pergunta Quebraste o carro com quê?
JLT	Com o quê quebraste o carro?
JDB	Com o quê é que quebraste o carro? Quebraste o carro com quê?
JSL	Com o quê é que tu quebraste o carro?
LGM	Com quê você quebrou o carro?

LPV	Com quê que tu partiste o carro?
MST	Com o quê você quebrou o carro?
REA	Com quê você quebrou o carro?
SPS	Com quê chegas a machucar o carro?

Alexandre (2009: 100)

(11) **[**$_{DP}$ **Ki subrinhus]**$_i$ ki bu gosta **[**$_{PP/OBLNucl}$ **d-[el]**$_i$**]** más txeu?

which nephews that 2SG like(IPFV) of-3SG more very

Lit.: 'Which nephews do you like him more?'

'Which nephews do you like the most?'

Auxiliar Linguístico	Versão(ões) do PCV Fornecida(s) pelos Auxiliares Linguísticos
AGA	Quais os sobrinhos que gostas mais?
APL	Quais os sobrinhos que você gosta mais deles?
AGM	De qual sobrinho gostas mais?
AAG	Quem é o sobrinho que tu mais gostas? Quais os sobrinhos que você mais gosta? Quais os sobrinhos que **<u>você</u>** mais **<u>gostas</u>**?
CGS	Qual é o sobrinho que mais gostas? Qual é o sobrinho que mais tu gostas?
CMC	De que sobrinho gostas mais? Quais os sobrinhos de que mais gosta?
ECA	Qual dos sobrinhos que tu gostas mais?
EPB	De qual de seus sobrinhos tu gostas mais?
JLT	Quais dos sobrinhos gostas mais?
JDB	De qual sobrinhos mais gostais?
JSL	Quem são os sobrinhos que tu gostas mais?
LGM	Qual é o sobrinho que você mais gosta?
LPV	Qual é o sobrinho que tu mais gostas? Que sobrinhos é que tu mais gostas?
MST	Quais sobrinhos você gosta mais?
REA	Que sobrinho você gosta mais?
SPS	Quais dos sobrinhos mais gostas?

Alexandre (2009: 100)

(12) **[**$_{DP}$ **Ki skolas]**$_i$ ki Maria ta trabadja **[**$_{PP/OBLLoc}$ **na-[el]**$_i$**]**?

which schools that Maria IPFV work in-3SG

Lit.: 'Which schools does Maria work in it?'

'Which schools does Maria work in?'

Auxiliar Linguístico	Versão(ões) do PCV Fornecida(s) pelos Auxiliares Linguísticos
AGA	Quais as escolas que a Maria trabalha?
APL	a) Em qual escola a Maria trabalha? Depois corrigiu para: b) Na qual escola a Maria trabalha? OBS: a entrevistada não se sentiu muito confortável com a ordem desta

	frase e solicitou se poderia mudar, o entrevistador informou de que a preferência seria manter a ordem proposta.
AGM	Em qual escola a Maria trabalha?
AAG	Em que escola a Maria trabalha?
CGS	Maria trabalha em que escola?
CMC	Em qual escola a Maria trabalha? Em qual escola trabalha a Maria trabalha?
ECA	Em que escola a Maria trabalha?
EPB	Em que escola a Maria trabalha?
JLT	Em que escolas a Maria trabalha?
JDB	Em qual escola é que a Maria trabalha?
JSL	Em que escola é que a Maria trabalha?
LGM	Em que escola a Maria trabalha?
LPV	Em que escola é que a Maria trabalha?
MST	Em que escola a Maria trabalha?
REA	Que escola que a Maria trabalha?
SPS	Em que escolas a Maria trabalha?

Alexandre (2009: 109)
(13) $[_{CP}$ $[_{DP}$ **Ki librus**$]_i$ ki papia $[_{PP}$ **d-[es]**$_i]$ e difisi?
which books that talk of-3PL be difficult
Lit.: 'Which books is that to talk about them is difficult?'

Auxiliar Linguístico	**Versão(ões) do PCV Fornecida(s) pelos Auxiliares Linguísticos**
AGA	Quais os livros que falar sobre eles é difícil?
APL	Quais são os livros que falar deles é difícil?
AGM	**De** quais livros que falar **deles** é difícil?
AAG	Qual é o livro que falar do mesmo é difícil? Qual é o livro que falar dos mesmos (deles) é difícil?
CGS	Quais são os livros que conversar dele é difícil? OBS: Houve hesitação do entrevistado em processar a sentença Quais dos livros conversar é mais difícil? Que livro conversar dele é difícil?
CMC	De quais livros é difícil falar?
ECA	Quais são os livros que falar deles é difícil?
EPB	Qual dos livros é difícil falar? Quais dos livros é difícil de falar?
JLT	Quais são os livros ... (hesitação) De que livros fica difícil falar?
JDB	Quais os livros que falando deles é difícil? Que livros que falar deles é difícil?
JSL	Quais são os livros que é difícil falar deles?
LGM	Que livros... quais os livros que falar deles são difíceis?
LPV	Que livros que falar dele é difícil?
MST	Quais livros que falar deles são... (é) difícil?
REA	Que livro falar deles é difícil?
SPS	Quais dos livros que falar deles é complicado?

Alexandre (2009: 109)
(14) [$_{DP}$ **Ki mudjeris**]$_i$ ki dja bu atxa [$_{DP}$ un omi
which women that already 2SG find a man
[$_{CP}$ ki papia [$_{PP}$ **ku-[es]**$_i$]]?
that talk(PFV) with-3PL
Lit.: 'Which women did you find a man that talked with them?'

Auxiliar Linguístico	Versão(ões) do PCV Fornecida(s) pelos Auxiliares Linguísticos
AGA	Quais as mulheres que encontraste o homem que falou com elas?
APL	a) Quais são as mulheres que você encontra um homem que falou delas? b) Quais são as mulheres você já encontra um homem que já falou delas?
AGM	a) Que mulheres já encontraste um homem a falar com elas b) Que mulheres já encontraste um homem que já falou com elas?
AAG	Quais as mulheres que encontra... Que mulheres que tu achas um homem a falar com elas OBS: O entrevistado teve dificuldades em entender esta sentença – houve bastante diálogo para esclarecer o contexto Que mulheres que encontraste um homem que falou com elas? Que mulheres encontraste um homem que falou com elas?
CGS	OBS: O entrevistado alegou que a formulação da frase em CCV não está bem – depois de diálogo e explicar o contexto ao entrevistado – alegou que a variante do crioulo não é da cidade da Praia – por fim o entrevistado entendeu que as mulheres na pergunta são do tipo "mudjeres rabeladas" (mulheres rebeldes com as quais é difícil um homem conversar) a) Que mulher que já encontrou um homem que já conversou com ela b) Que mulheres já encontrou um homem que já conversou com ela O entrevistado demonstrou dificuldade em entender a expressão "ku-es" (com eles) no final da frase e até alegou que isso não se trata de um crioulo bem formulado.
CMC	a) De qual dessas mulheres encontraste um homem ... b) Com quais mulheres viste um homem a falar c) Com que mulheres encontraste um homem.. d) Que mulheres que encontraste um homem a lhes falar e) Que mulheres que tu encontraste um homem a falar com elas f) Que mulheres que tu encontraste um homem que falou com elas Essa última frase só foi possível depois de repetir várias vezes a sentença em partes para que a entrevistada entendesse perfeitamente o contexto. No final, a entrevistada comentou da sua fala: "**Ki português fedi**" (Que português ruim)
ECA	Que mulheres que tu... (ave Maria, kel li é difisil) Quais as mulheres que já encontraste um homem que já tinha falado com elas?
EPB	a) Qual das mulheres já encontrar um homem que falaram com

	elas? A entrevistada questionou se esta frase está bem estruturada em crioulo b) Qual daquelas mulheres que encontrou um senhor que falou com elas?
JLT	Quais são as mulheres... (hesitação, sorriu ... "Kel li é más difisil") Quais são as mulheres que encontraste um homem que já falou com elas
JDB	Que mulheres achaste que homens já falaram com elas?
JSL	Quem são as mulheres que já encontraste um homem que falou com elas?
LGM	Que tipo de mulheres... achas Que tipo de mulheres ... Que mulheres que já achaste um homem que tem falado com elas? Que mulheres que encontraste que um homem falou com elas?
LPV	Que mulheres é que já encontraste um homem que falou com elas?
MST	a) Que mulheres que você achou um homem a falar com elas? b) Que mulheres que você achou um homem a falar... já tinha falado com elas?
REA	a) Que mulher que você achou que o homem falou com eles... com elas? b) Que mulher que você achou algum homem que falou com elas? c) Que mulher que você achou um homem que falou com elas?
SPS	a) Que mulheres tu tens encontrado, mas outros tem já falado? d) Quais as mulheres de quem já encontraste outros homens a falar com elas?

Alexandre (2009: 110)

(15) **[**$_{DP}$ **Ki amigus]**$_i$ ki bu bai Fransa ku Maria

which friends that 2SG go(PFV) France with Maria

[$_{CP}$ sen papia **[**$_{PP}$ **ku-[es]**$_i$]]?

without talk with-3PL

Lit.: 'Which friends did you went to France with Maria without talking with them?'

Auxiliar Linguístico	Versão(ões) do PCV Fornecida(s) pelos Auxiliares Linguísticos
AGA	Quais os amigos que foste à França com a Maria sem falar com eles?
APL	Quais são os amigos que você foi à França com a Maria sem falar com eles?
AGM	Que amigos foste à França com a Maria sem falar com eles?
AAG	Que amigos que você foi à França junto da Maria e não falou com eles? Que amigos que você foi à França junto com a Maria sem falar com eles?
CGS	Quais são os amigos que fui para a França com a Maria sem conversar com eles? Quais são os amigos que foste à França com a Maria sem conversar com eles?
CMC	Que amigo que tu foste à França com a Maria e não Falaste com ele?
ECA	a) Quais são os amigos que foste para a França, tu e a Maria e não conseguiu falar com ele?

	b) Quais são os amigos que tu foste para a França com a Maria e não conseguiu falar com eles?
EPB	A entrevistada teve problemas em processar e perguntou se a frase está bem estruturada a) Será que fui à França com a Maria sem falar com os meus amigos? b) Qual dos amigos que eu não tive a oportunidade de falar antes de eu ir à França com a Maria? A entrevistada afirmou que há a necessidade de mudar a ordem das palavras para facilitar a formulação da frase. Alega que a estrutura da frase pode até estar bem em CCV, mas no português terá a necessidade de alterar automaticamente. c) Qual dos meus amigos que eu não tive a oportunidade de falar antes de eu ir à França com a Maria?
JLT	Quais são os amigos que foste à França com a Maria sem falar com eles
JDB	Que amigos foste à França junto da Maria e não falaste com eles? Que amigos não falaste com eles quando foste à França com a Maria?
JSL	Quem são os amigos que tu foste à França com a Maria sem falar com estes?
LGM	Que amigos foste para a França com a Maria sem falar com eles?
LPV	Que amigos é que foste para a França sem falar com eles? Que amigos é que foste para a França com a Maria e que não falaste com eles? Que amigos é que foste para a França com a Maria que não falaste com eles?
MST	Que amigos você foi para a França com a Maria sem falar com eles?
REA	a) Que amigo que foi para a França com a Maria sem falou com ele... com eles b) Que amigo que eu fui à França sem falou com elas c) Que amigo que você foi para a França com a Maria sem falou com eles
SPS	Quais dos amigos foram para a França com a Maria sem falares com eles?

Alexandre (2009: 129)

(16) **Q: Bu ta bai kasa ku KENHA?**

2SG IPFV go marry with who

Lit.: 'You are going to marry with who?'

'Who are you going to marry?'

Auxiliar Linguístico	**Versão(ões) do PCV Fornecida(s) pelos Auxiliares Linguísticos**
AGA	Vais casar-se com quem?
APL	Você vai casar com quem?
AGM	Vais à casa com quem?
AAG	Você vai à casa com quem? Com quem você vai á casa? Junto com quem vais à casa?
CGS	Vais casar com quem?

CMC	Vais casar com quem?
ECA	Tu vais para casa com quem?
EPB	Tu vais para casa com quem?
JLT	Vais casar com quem?
JDB	Com quem vais a casa? Vais casar com quem? Vai a casa com quem?
JSL	Tu vais casar com quem?
LGM	Vais casar com quem?
LPV	Vais casar com quem?
MST	Vais casar com quem?
REA	Você vai casar com quem? Você vai a casa com quem?
SPS	Vais à casa com quem?

Parte III
Elicitação de Clivadas e Pseudoclivadas

Contexto Discursivo (1) – Zanoli (2014: 78)

Sentença Contexto

(a) **Kin k'torna ben oj?** (FJL)

Quem que voltou hoje?

(b) **É uns mnininha k'robó-m goeba** (CA 1.N.1)

É	**uns**	**mnininha**	**k'**	**Robó**	**-m**	**goeba**
COP	DET	meninas	COMP	Roubar	1SG.DAT	goiaba

Foram as meninas que me roubaram goiaba.

Auxiliar Linguístico	**Versão(ões) do PCV Fornecida(s) pelos Auxiliares Linguísticos**
AGA	Pergunta: Quem voltou hoje? c) Umas meninas que me roubaram as goiabas. d) São umas meninas que me roubaram as goiabas.
APL	Pergunta: Quem é que voltou hoje? d) As meninas que roubaram a minha goiaba e) São as meninas que roubaram a minha goiaba f) São aquelas meninas que roubaram a minha goiaba
AGM	Pergunta: Quem veio de novo? Quem voltou a vir hoje? f) Umas meninas que roubaram goiaba g) Foram (ou são) umas menininhas que roubaram goiaba h) São umas menininhas que me roubaram goiaba i) Quem voltou hoje foram umas menininhas que me roubaram goiaba

	j) Foram umas menininhas que me roubaram goiaba que vieram hoje O Entrevistado prefere o uso de “que” ao invés de “quem”
AAG	Quem vieram outra vez hoje? Quem vieram hoje outra vez? Foram as menininhas que roubaram a goiaba Foram aquelas menininhas que roubaram a goiaba
CGS	Quem tornou a vir hoje? São umas meninas que roubaram-me goiaba São umas meninas que roubaram-me a goiaba
CMC	Quem voltou hoje? Umas meninas que me roubaram goiaba As meninas que me roubaram a goiaba Foram as meninas que me roubaram a goiaba
ECA	Quem voltou hoje? Foi aquelas miúdas que me tinham roubado a goiaba
EPB	Quem tornou vir hoje? Umas raparigas que me roubaram a goiaba Umas menininhas que me tinham roubada a goiaba Foram (ou são) umas menininhas que tinham roubada a goiaba
JLT	Quem voltou hoje? e) São as mesmas meninas que ontem tinham roubado a goiaba f) As mesmas meninas que me roubaram a goiaba g) São as mesmas meninas que me roubaram a goiaba h) Foram as mesmas meninas que me roubaram a goiaba
JDB	Quem tornaste a vir hoje? Umas meninas que me roubaram as goiabas Umas meninas que roubaram-me as goiabas
JSL	Quem é que veio hoje mais uma vez? Quem voltou hoje? São umas menininhas que me roubaram a goiaba Foram umas menininhas que me roubaram a goiaba JSL não aceita os verbos “é” e “foi” por serem em singular o que não tem concordância em número
LGM	Quem é que regressou hoje? Quem é que voltou hoje? É umas menininhas que roubaram-me goiabas
LPV	Quem é que voltou de novo hoje? Sãos as meninas que roubaram a goiaba Foram as meninas que roubaram-me a goiaba
MST	Quem voltou hoje? Sãos uns meninos que me roubaram umas goiabas São umas meninas que me roubaram umas goiabas
REA	Quem voltou hoje? Foi a menina que roubou a goiaba As meninas que roubaram a goiaba Foram as meninas que roubaram a goiaba
SPS	Quem chegou a vir hoje novamente? Umas meninas que antes me roubaram goiaba Umas meninas que antes me tinham roubado goiaba

Contexto Discursivo (2) – Zanoli (2014: 84)
(a) **Kin k' leba mala**? "Quem levou a mala?"
(b) Resposta: Maria

Auxiliar Linguístico	Versão(ões) do PCV Fornecida(s) pelos Auxiliares Linguísticos
AGA	Pergunta: Quem levou a mala? a) Foi a Maria b) A Maria é que levou a mala c) Foi a Maria que levou a mala Depois de ser perguntada se poderia ter resposta com "quem", a entrevistada respondeu: Foi a Maria quem levou a mala Quem levou a mala foi a Maria
APL	Quem levou a mala? É a Maria Ou Foi a Maria Foi a Maria quem levou a mala É a Maria quem levou a mala
AGM	Quem levou a mala? Foi a Maria que levou a mala A Maria A Maria foi quem levou a mala (opta por "quem" e não aceita muito bem "que" Quem levou a mala foi a Maria
AAG	Quem é que levou a mala? Maria levou a mala A Maria levou a mala Foi a Maria Foi a Maria que levou a mala
CGS	Quem levou a mala? Foi a Maria Foi a Maria que levou a mala A Maria OBS: o entrevistado só fez de "quem" quando foi-lhe perguntado se poderia fazer uso de "quem" nas opções de resposta. Quem levou a mala foi a Maria Alegou que com "quem" não cai muito bem Prefere colocar "que" ao invés de "quem", pois no seu julgamento foi somente a Maria, caso fosse mais de uma pessoa poderia usar "quem"
CMC	Quem é que levou a mala? Quem levou a mala? Foi a MARIA A Maria levou a mala Foi a Maria quem levou a mala A Maria foi quem levou a mala

	É a Maria quem levou a mala A mala foi levada pela Maria
ECA	Quem levou a mala? Foi a Maria A Maria A Maria é que levou a mala O entrevistado só usou “quem” quando lhe perguntei se poderia usar “quem” e em que contexto: Quem levou a mala foi a Maria Foi a Maria que levou a mala
EPB	Quem levou a mala? Foi a Maria que levou a mala Foi a Maria quem levou a mala
JLT	Quem levou a mala? Foi levado pela Maria Foi a MARIA A MARIA levou
JDB	Quem levou a mala? A Maria que levou A Maria é que levou a mala A mala foi levada pela Maria
JSL	Quem levou a mala? Foi a MARIA que levou a mala Foi a MARIA que **levou-a** A MARIA Foi a MARIA Quem levou a mala foi a Maria Foi a Maria quem levou a mala JSL prefere “Foi a MARIA que levou a mala”, pois para ele “quem” é mais usado para fazer a pergunta e não para responder.
LGM	Quem é que levou a mala? É a MARIA A MARIA MARIA É a MARIA que levou a mala
LPV	Quem que levou a mala? Foi a Maria que levou a mala Foi a Maria quem levou a mala Foi a Maria Quem levou a mala foi a Maria
MST	Quem levou a mala? Foi a Maria... que levou a mala A MARIA OBS: a MST só respondeu com “quem” depois do documentador perguntar se poderia responder usando “quem” também: Foi a Maria quem levou a mala Quem levou a mala foi a Maria MST disse que prefere a forma: Foi a Maria que levou a mala
REA	Quem levaram a mala? A MARIA

	Foi a MARIA Foi a MARIA que levou a mala
SPS	Quem levou a mala? Foi a Maria quem levou A Maria é que levou a mala A mala foi levada pela Maria

Contexto Discursivo (3) – Zanoli (2014: 85)

(a) **Kin k' jga ont?** "Quem chegou ontem?"

(b) **Resposta:** João

Auxiliar Linguístico	Versão(ões) do PCV Fornecida(s) pelos Auxiliares Linguísticos
AGA	Pergunta: Quem chegou ontem? a) Foi o João b) Foi o João que chegou ontem c) Foi o João quem chegou ontem d) Quem chegou ontem foi o João e) o João
APL	Quem chegou ontem? ou Quem tem chegado ontem? O João O João foi quem chegou
AGM	Quem chegou ontem? Foi o João Foi o João quem chegou ontem Foi o João que chegou ontem O JOÃO
AAG	Quem chegou ontem? Foi o JOÃO Foi o JOÃO que chegou ontem
CGS	Quem chegou ontem? Foi o JOÃO Quem chegou ontem foi o João O JOÃO Foi o João que chegou ontem
CMC	Quem chegou ontem Foi o JOÃO O JOÃO O JOÃO chegou ontem Foi o JOÃO quem chegou ontem
ECA	Quem chegou ontem? Foi o João Quem chegou ontem foi o João O João chegou ontem Foi o João quem chegou ontem
EPB	Quem chegou hoje? Foi o João que hoje

	Foi o João quem chegou Foi o JOÃO O JOÃO
JLT	Quem chegou ontem? Foi o João
JDB	Quem chegou ontem? Ontem chegou o João Foi o João que chegou ontem O João é que chegou ontem
JSL	Quem chegou ontem? Foi o João quem chegou ontem e JSL corrige logo para: Foi o João que chegou ontem Foi o João Quem chegou ontem foi o JOÃO
LGM	Quem é que regressou ontem? JOÂO É o João Foi o João
LPV	Quem chegou ontem? Foi o João O João é que chegou O João
MST	Quem chegou ontem? Ao ser feita a pergunta em CCV (Kenha ki txiga onti?), MST respondeu espontaneamente: Quem chegou ontem foi o Paulo Quem chegou ontem foi o João Foi o João que chegou ontem
REA	Quem chegou ontem? Foi o João João chegou ontem João é que chegou ontem
SPS	Quem chegou ontem? Foi o João O João chegou ontem O João é que chegou ontem

Contexto Discursivo (4) – Zanoli (2014: 86)

<u>Sentença-Contexto</u>

(a) **Ont bo faló- m ma uns munsinh robó- b goeba, é dvera, ka é?** (FJL)

Ontem	2sg	falar	1sg.OBJ	TAM	DET	meninos	roubar	2sg.OBJ	goiaba	COP	verdade	NEG	COP

"*Ontem você me falou que uns meninos te roubaram goiaba, é verdade, não é?*"

Foco Contrastivo

(b) **(Naun) É uns mnininha k'robó-m goeba** (CA-1-C-1)
(Naun) É uns mnininha k' robô- m goeba
(Naun) COP DET meninas FOC roubar 1.sg.OBJ goiaba
(Não) Foram umas meninas que me roubaram goiaba

Auxiliar Linguístico	Versão(ões) do PCV Fornecida(s) pelos Auxiliares Linguísticos
AGA	Não foram rapazes, foram umas meninas Não, foram umas meninas Não, foram umas meninas que me roubaram goiaba
APL	Não, foi umas menininhas quem lhe roubaram a goiaba
AGM	Não, não é verdade, foram umas menininhas Não, não é verdade, foram umas menininhas que me roubaram a goiaba Quem me roubaram as goiabas na verdade foram umas menininhas Foram umas menininhas que me roubaram a goiaba
AAG	Não, não forma meninos, mas sim foram meninas que roubaram a goiaba Não, foram as meninas que roubaram a goiaba
CGS	Não, foram umas menininhas que me roubaram a goiaba
CMC	Não, não foram uns rapazes, foram umas meninas Não, foram as meninas quem roubaram as goiabas Não, foram MENINAS
ECA	Ná, na, não, foi umas miúdas que me tinha roubado a goiaba
EPB	Não, foram umas meninas que roubaram as goiabas Não, eu disse que foram umas meninas Não é, foram umas meninas que roubaram a goiaba
JLT	Na verdade, não foram os rapazes, foram as meninas Na verdade, foram as meninas Não, foram umas meninas
JDB	Não são os rapazinhos, são as menininhas Não foi uns rapazinhos, foi umas menininhas que roubaram goiaba
JSL	Não, formas umas meninas que me roubaram a goiaba
LGM	Não, foram umas meninas que roubaram-me as goiabas Não, foram umas meninas que me roubaram as goiabas
LPV	É umas menininhas quem roubaram a goiaba Não foram umas meninas que roubaram a goiaba Não, foram umas meninas quem roubaram a goiaba
MST	Não, foi umas meninas que roubaram a goiaba Não, quem roubaram as goiabas foram umas meninas
REA	Não, foi as meninas que roubaram a goiaba
SPS	Não, não uns rapazitos, mas sim umas meninas Na verdade foram umas meninas

Contexto Discursivo (5) – Zanoli (2014: 87)

Sentença-Contexto

(a) **Es faló-m ma na Saninklau oj in dia fidj é k'ta korriji pai, é devera?** (FJL)
"Me falaram que em São Nicolau hoje em dia os filhos é que corrigem os pais, é verdade?"

Foco Contrastivo

(b) **Pai é k'ta korriji fidj** (CA- 6.C.2)

Pai	**É**	**k'**	**Ta**	**Korriji**	**Fidj**
Pai	COP	FOC	HAB	Corrigir	filho

O pai é que corrige o filho

Auxiliar Linguístico	**Versão(ões) do PCV Fornecida(s) pelos Auxiliares Linguísticos**
AGA	Não, o pai é quem corrige os filhos Não, o pai que corrige o filho Ficou na dúvida entre "quem" e "que"
APL	Não, os pais é quem corrigem os filhos Não, é os pais
AGM	Não, não é verdade é pai é quem corrige os filhos Na verdade quem corrige os filhos é o pai Os pais são quem corrigem os filhos São os pais quem corrigem os filhos
AAG	Não é verdade, quem como milho é o burro
CGS	Não, é o pai que corrige o filho É o pai quem corrige o filho Quem corrige é o pai
CMC	Não, os pais é que corrigem os filhos
ECA	Ná, Não, são os pais que corrigem os filhos Os pais são quem corrige os filhos Não, são os pais quem corrigem os filhos
EPB	Não é, quem corrige os filhos são os pais Não é, os pais que devem corrigir os filhos
JLT	Não, os pais continuam a corrigir os filhos Não, os pais é que corrigem os filhos
JDB	Não , quem corrige... os pais é que corrigem os filhos Não, na, não os pais é que corrigem os filhos
JSL	Não, sãos os pais que corrigem os filhos
LGM	Não, o pai é quem corrige os filhos
LPV	Não, são os pais é que corrigem os filhos Não, não é verdade, são os pais é que corrigem os filhos
MST	Não, não, não, quem... quem os filhos são os pais Não, os pais é que corrigem os filhos
REA	Não, é o pai que corrigem os filhos Não, são os pais... é os pais... são os pais que corrigem os filhos

	Não, são os pais... não pais... não, pais é que corrigem os filhos hoje
SPS	

Contexto Discursivo (6) – Zanoli (2014: 89)

Sentença-Contexto

(a) **Anton na Saninklau ta falód ma jent mdjer ta papia d'más, é dvera?** (FJL)

"Então, em São Nicolau se diz que as mulheres falam demais, é verdade?"

(b) **Contrafirmação**: Homem é que fala demais

Auxiliar Linguístico	Versão(ões) do PCV Fornecida(s) pelos Auxiliares Linguísticos
AGA	Nãos, os homens é que falam demais. Prefere o "que" e não acha que "quem" fica bem.
APL	Não, são os homens Não, os homens é que falam demais
AGM	Não, não é verdade quem fala demais são os homens Os homens são quem falam demais Não, hoje em dia quem falam demais são os homens Quem falam hoje em dia são os homens São os homens quem falam demais
AAG	Não, não são as mulheres, mas sim os homens Não, os homens é que falam demais Não, é HOMEM
CGS	Não, é o homem que fala demais Não, são os homens que falam demais
CMC	Não, os homens é que estão a falar demais Não, não, não é verdade, os homens sim, os homens, sim é que falam demais
ECA	Não, não, não, não é verdade, os homens são quem falam muito
EPB	Não, não é verdade, são os homens que falam demais Não é verdade, são os homens que estão a falar demais Quem estão a falar demais são os homens Não é verdade, são os homens quem falam demais
JLT	Não, os homens é que falam demais Não, são os homens A entrevistada evitaria o uso de "quem" que alegou ser muito chato especialmente quando exige concordância de número – segundo JLT ao falar em "quem" pensa-se logo em uma pessoa (no singular). Usando o "quem" com os homens (no plural) estaria correto de acordo com as normas do português, mas para ela soaria um pouco estranho por isso evitaria. JLT deu o seguinte exemplo: Na pergunta: Foste tu quem fez aquele banco? Normalmente a resposta é "fui eu quem fiz", as pessoas evitam o "quem" e dizem: Fui EU que fiz. O quem soa meu discordante no meio da frase.
JDB	Não, as mulheres não, os homens é que falam demais

	As mulheres não, os homens é que falam demais
JSL	Não, são os homens que falam demais Não, são os HOMENS Não, quem falam demais são os homens - mas corrige logo para: Não, sãos os homens que falam demais
LGM	Não, os homens é quem falam mais Não, os homens que falam demais
LPV	Não, são os homens é que falam demais São os homens é que falam muito Não, é mentira, são os homens é que falam demais
MST	Não, os homens é que falam demais Não, eu tenho certeza que são os homens Eu não acho, acho que são os homens
REA	Não, são os homens que falam demais Não, são os homens Não, hoje em dia os homens falam demais
SPS	Não, os homens falam brutamente mais que as mulheres

APÊNDICE VI

Metadados dos Auxiliares Linguísticos

Os Metadados dos Auxiliares Linguísticos estão guardados nos espólios desta Tese, juntamente com os termos de consentimento, e por questões éticas não são aqui reproduzidos.

APÊNDICE VII

BANCO DE DADOS

Os dados coletados e usados nesta Tese estão disponibilizados no banco de dados do Projeto Libolo, na aba do Grupo de Estudos de Línguas em Contato – GELIC. Consulte o site do Projeto Libolo para ter acesso aos dados em:

http://stage2.projetolibolo.com/